13

VOLUME 20.° N.os 1 a 4 1917

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filologicos e etnologicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnologico Português

SUMARIO

Artigos desenvolvidos:

Miscelanea:

Bibliografia:

Necrologia:

Cronica:

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1917

REVISTA LUSITANA

TIPOGRAFIA SEQUEIRA
114, Rua José Falcão, 122 — Porto

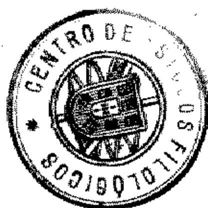
REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filologicos e etnologicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS
Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnologico Português



VOL. XX

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1917

REVISTA LUSITANA

VOL. XX 1917 N.os 1-2

TRADIÇÕES POPULARES DE SANTO TIRSO

(2.ª série)

(Continuação do vol. XIX da *Rev. Lusit*, pág. 233-257)

IV

Bruxas, feitiçaria e Mouras encantadas

1. — O pai da tia Ana era muito *afouto* (corajoso) e andava aos carretos. Quando via as bruxas vestidas de branco, deitava a fralda de fora, e as bruxas não desapunham o carro, nem lhe faziam mal (S. Martinho de Bougado).

2 — Para que as bruxas não venham a nossa casa devemos dizer as seguintes palavras:

Nesta casa, *contista*,
S. João *Avangelista*,
E entre Nosso Senhor *Jasu*-Cristo,
Assista, assista.

(Areias)

3 — Uma mulher deu um bôlo ao conversado a fim de o prender. O rapaz, adivinhando o perigo, passou o presente a um burro, que, dai por deante, não largou mais a porta da espertalhona.

A tentativa deu origem a esta cantiga:

Tu chamaste-me tolinho,
Eu joguei pelo seguro;
Não quero que tu me faças
O que *fizestes ó* burro ... [1]

(Areias)

4 — Algumas mulheres, em vez da tradicional beberagem, seguem outro sistema: Cortam com uma tesoura a camisa dos homens que desejam seduzir. Se alguêm vestir a camisa, depois de cosido o golpe, nunca mais poderá abandonar a autora do feitiço a não ser que descosa a costura (Santo Tirso) [2].

---

[1] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 45, n.º 11.

[2] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 30, n.º 4, e 44, n.º 45.

5 — As crianças por baptizar são moiras [1] e conhecidas pelos nomes de Custódio ou Custódia [2]. Aquelas que nascem mortas enterram-se por baixo da porta do forno, para receberem a luz quando há cozedura, pois, como não foram baptizadas, vivem na escuridão (S. Martinho de Bougado).

6 — São interessantes as lendas que correm em volta da *Tôrre Alta* (Areias) [3].

Na mina que liga o rio Ave com as ruinas do antigo castro, entrou um dia o tio-avô do informador, e voltou de lá gelado pelo frio e pelo terror, porque a ventania era medonha.

Uma moira muito linda aparecia sôbre um penedo a fiar, e cantava que era uma maravilha! Todos tinham mêdo de se aproximar.

Uma ocasião, um rapaz pôs-se a cantar ao desafio com a moira, a qual lhe disse ficar desencantada se êle fôsse animoso: Ela havia de transformar-se numa serpente, subir por êle acima, dar-lhe um beijo na cara e abraçá-lo.

À hora marcada, apareceu a serpente com rugidos medonhos, e o rapaz deixou-se abraçar e beijar. A serpente ficou logo numa mulher linda que o mandou buscar ferramenta, e êle foi. Voltando, começou a cavar, e levantou uma pedra, vendo no chão muitas meadas de oiro e peças de diferentes qualidades, estando a guardar a toca dois leões, cada um com a sua espada.

O rapaz e a moira ficaram muito ricos e *arreceberam-se*.

Na Tôrre Alta encontram-se à superfície da terra restos de cerâmica, e de lá saiu um fragmento de lucerna que o ilustre arqueólogo de Santo Tirso, P.e Joaquim da Fonseca Pedrosa, conserva no museu organizado nos claustros do mosteiro.

7 — No *Jornal de Santo Thyrso*, de 15 de Março de 1888, encontrei desenvolvida em folhetins uma lenda parecida, cuja acção é posta no Penedo da Moira, em Portos, freguesia da Lama.

O penedo assentava sôbre dois calhaus, formando uma espécie de gruta por onde os moiros traziam os cavalos a beber ao rio Ave. No alto do penedo via-se tôdas as noites uma formosíssima moira, que foi requestada por um morgado de Riba d'Ave, desaparecendo ambos.

O snr. Alberto Pimentel registou na sua obra — *Santo Thyr-*

[1] Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 35, e *Trad. Pop. de Port.*, pág. 202 e 210.

[2] Informação de meu amigo, Dr. Dias de Sá, do Landim (Famalicão).

[3] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 47, n.º 18.

so de Riba d'Ave, pág. 311 — uma tradição relativa a Alvarelhos, segundo a qual os mouros trariam os cavalos a beber por uma passagem subterrânea entre o monte de S. Marçal e o rio Ave.

V

Várias superstições

1 — Não se deve ir à horta colher couves no domingo de Ramos, senão elas ganham piolho. Nesse dia é costume fazer-se ao jantar caldo de castanhas (Areias).

2 — Em certos dias não se pode lavrar. No dia de Santo António lavrou o caseiro de Carapeços (Areias), mas uma junta levantou-se e os bois estragaram-se, tendo de ser vendidos por metade do custo. Não se pode lavrar também no dia de S. Pedro de Rates (S. Simão de Novaes).

3 — O centeio não pode cortar-se no mesmo dia em que calharem os Santos Inocentes: Se os Santos Inocentes cairem à segunda-feira, não pode ser a segada à segunda, se cairem à têrça, não pode fazer-se à têrça, etc. (Areias).

4 — Cozendo-se o pão na sexta-feira santa, aparece com raios de sangue (Areias) [1]

5 — Sôbre a superstição registada na *Rev. Lusit.*, v. XVII, pág. 50, n.º 21, li em *Filinto Elysio* uma nota curiosa: «*Dizem as nossas vélhas que o vinho entornado, é agouro de festa, e de alegria; como o é de pêrda e de disgraça o derramado sal na mesa. Estas boas superstições lhes vem de Mouros e Judeos, com muitas que fora longo referir, e mais longo ainda de arrancar*» [2].

6 — As melancias não crescem se alguêm apontar para elas (Areias).

7 — Quando se *deita* [3] uma galinha, é costume pronunciar as palavras:

Em louvor de S. Salvador,
Que nasçam todos pitas
E um só galador.

ou

Em louvor de Santa Rita,
Que nasçam tudo pitos
E uma só pita [4].

(Areias)

---

[1] V. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 39, n.º 14.
[2] *Obras*, Lisboa, 1836.
[3] *Deitar uma galinha* é pô-la a chocar ovos.
[4] Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 290, e *Trad. Pop. de Port.*, pág. 154.

8 — Não se devem matar as andorinhas e as boieirinhas, porque levam água para lavar os pés ao Senhor (Areias) [1].

9 — Os sardões são amigos dos homens e inimigos das mulheres, como se pode ver dos seguintes exemplos:

— Uma cobra ia a entrar pela bôca dum homem; o sardão presenciou o perigo e salvou o dorminhoco, batendo-lhe com o rabo na cara para o acordar.

— Uma mulher ia de cêsto à cabeça com o jantar para o homem; um sardão perseguiu-a de tal modo que ela teve de gritar por socôrro (Areias) [2].

10 — Teem virtude, servindo para defumadoiros as ervas (cidreira, salva, etc.) colhidas na manhã de S. João.

11 — Para se descobrir a qualidade da pessoa com quem se há-de casar, põe-se ao sol no S. João, um pouco antes da meia noite, um copo com água.

Quebra-se um ôvo e deita-se a clara dentro do copo ao mesmo tempo que se diz:

S. João, de Deus amado,
S. João, de Deus querido,
Deparai-me a minha sorte
Neste copinho de vidro.

Pela manhã, antes do nascer do sol, vai examinar-se a figura formada pela clara: Se o futuro marido tiver de ser brasileiro, ver-se há um navio com todos os seus *trabalhos;* se pedreiro, um martelo; se alfaiate, uma agulha a coser; se lavrador, uma vara. O tear representará uma tecedeira, a foucinha uma lavradeira, etc.

A informadora botou a sorte e saiu-lhe um martelo, vindo realmente a casar com um pedreiro [3].

---

[1] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 40, n.º 24.

[2] Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Port.*, pág. 144; e *Rev. Lusit.* vol. XVII, pág. 31, n.º 16, e 55 n.ºs 54 e 55.

[3] Ao colher a tradição referida, lembrei-me dum passo das *Decadas* de João de Barros, quando os mouros de Calecut se consultam sôbre a ida de Vasco da Gama: «...*hum delles, dizendo, que o anno passado sobre duas náos de Méca que tardavam, em que lhe vinha fazenda, fizera pergunta a algumas pessoas, que usam do officio de Astrologia, e d'outras artes, que daqui dependem, huma das quaes pessoas, que elle daria por testemunha, como autor da obra, em hum vaso d'agua lhe mostrára as náos perdidas, e mais outras á véla, que dizia partirem de mui longe pera vir á India, que a gente dellas seria total destruição dos Mouros daquellas partes.*» *Asia, Dec.* I, Liv. IV, Cap. IX, pág. 341 (ed. de 1778). Cfr. *Lusiadas*, c. VIII, e. 45.

— No comentário da tragédia pastoral de d'Annunzio — *La fille de Jorio* (Tradução de Georges Hèreille, Paris, Calmann-Lévy, pág. 167) — encontrei outro exemplo de visão: «*La Plaia est une petite montagne à l'est de l'Introdacqua. Les habitants du pays ont coutume d'y monter pour la Saint-Jean; les caravanes se mettent en marche vers minuit, et, lorsque le soleil se lève, les plus favorisés voient apparaître à l'intérieur du disque le clef du Baptiste, tout ruisselant de sang.*»

— Para um rapaz saber a rapariga com quem há-de casar, aproveita a meia noite de S. João para deitar num copo de água vários bilhetinhos com os nomes das conversadas, e expõe o copo ao rol da noite.

Pela manhã, antes do nascer do sol, vai ver o copo, e encontra aberto o escrito com o nome daquela que lhe há-de caber em sorte, permanecendo todos por abrir, se o rapaz não tiver de casar com nenhuma (Areias).

12 — Depois do dia de S. Bartolomeu não se podem comer amoras; o diabo urina nelas (Areias).

13 — No dia 28 de Outubro (dia de S. Simão) há sempre muito temporal: é S. Simão a varejar os castanheiros. Cfr. o ditado: Fugi, marinheiros, não vos tome S. Simão no mar (S. Simão de Novais) [1].

14 — A cabeceira da cama não deve pôr-se para o lado do mar (Areias) [2].

15 — Em pequeninas (antes de terem um mês) as crianças riem para os anjinhos (Areias).

16 — Tenho ouvido narrar histórias de cartas caídas do céu (Areias) [3].

17 — Nenhuma mulher pode entrar virgem no céu; se lá chega nesse estado, é desflorada por Santo Hilário (Santo Tirso).

18 — A gente morre à mesma hora que nasce (Santo Tirso).

19 — Não é bom ter as crianças a dormir, quando vai a passar um entêrro (Areias) [4].

20 — Na passagem dum cadáver, não devemos pôr-nos do lado da sombra (Areias) [5].

21 — Sonhar com porcaria é sinal de dinheiro (Santo Tirso).

22 — Os pingos de leite que espirram do peito da mulher produzem sardas desde que caiam na cara (Santo Tirso).

23 — Matar sardoniscas faz chover (Rebordões) [6].

---

[1] Freguêsia próxima de Santo Tirso, mas pertencente ao concelho de Famalicão,

[2] Em Vila Rial disseram-me não ser bom estar a cama de modo que os pés fiquem voltados para a porta da rua, por ser essa a posição dos defuntos.

[3] Entre vários agouros lê-se na *Célia* de Sá de Miranda: «... *er caio | Del cielo un breve que no hai quien lo lea (Poesias*, ed. de D. Car. Mich. de Vasc., Halle, 1885. pág. 296).

[4] Não devemos conservar-nos deitados quando passa um cadáver na rua (Vila Rial). Cfr. *Rev. Lus.*, vol. XVII, pág. 48, n.º 3.

[5] Cfr. *Rev. Lus.*, vol. XVII, pág. 49, n.º 5.

[6] Informação de meu amigo, snr. Júlio Padrão, professor oficial de Rebordões. O termo «sardonisca», com o sentido de largatixa, registado no *Novo Dicionário* como *t. de Penafiel*, é usado geralmente no Minho.

24 — Matando-se uma saramela à sexta-feira, tira-se uma alma do purgatório. (S. Tiago de Bougado) [1].

VI

Provérbios e ditos populares

1 — Primeiro, a bôca to dirá;
Segundo, guardarás;
Terceiro, irás a S. Brás [2].

2 — Se queres ser bom alheiro, *pranta* alhos em Janeiro [3].

3 — Do cerejo ao castanho
Bem me eu amanho;
Do castanho ao cerejo
É que me eu vejo... [4].

4 — A 20 de Janeiro sobe ao *iteiro;* se vires verdegar, põe-te a chorar, se vires terrear, põe-te a cantar [5].

5 — Se a Senhora das Candeias estiver a rir, está o inverno para vir; se estiver a chorar, está o inverno a acabar [6].

6 — Em Fevereiro põe a mãe ao *sòlheiro*, e vem-lhe um corisqueiro [7].

7 — Vinho, que nasce em Março, vai no regaço [8].

8 — Entre Março e Abril, se o cuco não vier, está *a* [9] fim do mundo p'ra vir.

9 — Em Abril queima a velha o carro e o carril, e uma camba que lhe ficou ainda em Maio a queimou, e deixou ficar o melhor tição para o mês de S. João [10].

10 — O chasco deve dar carne para a Páscoa (S. Simão de Novais) [11].

---

[1] Informação de meu amigo, snr. Júlio Padrão.

[2] Explicação: 1.º — Jejum na véspera da Senhora das Candeias: 2.º — dia santo de guarda na Senhora das Candeias, que tem romaria em Landim, concelho de Famalicão; 3.º — romaria de S. Brás na mesma freguesia, no dia seguinte à Senhora das Candeias. Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 268.

[3] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 6.

[4] Outros dizem: Do cerejo ao castanho bem vai...; o pior é do castanho ao cerèjo! O ditado aplica-se tanto aos lavradores como às aves que lutam com falta de recursos no inverno.

[5] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 17. 20 de Janeiro é o dia de S. Sebastião.

[6] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 73, e IV, pág. 15.

[7] Saraiveiro. Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 6, e *Rev. Lus.*, vol. XVII, pág. 292, n.º 129.

[8] V. *Rev. Lus.*, vol. XVII, pág. 283, n.º 11, e *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 8.

[9] Nas palavras *fim do mundo*, *fim* emprega-se geralmente como do género feminino.

[10] Cfr. *Rev. Lus.*, vol. XVII, pág. 284, n.º 13; e *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 74, e IV, pág. 629.

[11] Para que o tempo corra propício aos lavradores, é preciso que haja ninhos com passarinhos pela Páscoa.

11 — Maio, maiola,
O mês que te rebola;
Junho, Junheta,
O mês que te remeta.

12 — Em Maio come o gaio a cereja ao borralho [1].

13 — Maio pardo... Não há Maio sem trovões, nem homem sem... [2].

14 — Chuva de S. João quita vinho e não dá pão [3].

15 — É melhor que chova sete Maios que um Junho [4].

16 — Queres ver o teu homem morto? — Dá-lhe couves em Agôsto [5].

17 — Em Agôsto a poupa preleva a perdiz no gôsto.

18 — Em dia de S. Lourenço [6], nem nascido, nem no lenço [7].

— Em dia de S. Lourenço, vai à vinha e enche o lenço [8].

19 — Em Setembro levanta-se o mar debaixo da pá do remo (Castelo de Neiva) [9]. Em Santo Tirso dizem: Fugi, marinheiros, que não vos cace S. Simão no mar [10]. Talvez a êsse ditado se ligue outro muito conhecido: Por S. Simão e S. Judas colhidas são as uvas [11].

20 — Logo que se passe S. Martinho, cada dia um carrinho [12].

21 — Pelo S. Martinho barra o teu vinho, e mata o teu porquinho [13].

22 — Dos Santos ao Natal, ou bem chover, ou bem nevar.

— Dos Santos ao Natal, inverno natural [14].

23 — Pelo Natal, sacha o faval.

24 — Ano de neve, paga o que deve (Vila Rial) [15].

25 — Lua nova e lua cheia, preia-mar às duas e meia (Viana do Castelo) [16].

---

[1] Cfr. *Rev. Lus.*, vol. XVII, pág. 284, n.º 14; e *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 16, e 18 n.º 136.

[2] Termina o ditado por uma palavra obscena, que substitui o termo *calções* dos *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 17.

[3] Cfr. *Philosophia pop. em prov.*, 2.º ano, 6.ª série, pág. 6, e *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 19.

[4] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 30.

[5] Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 61, e *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 15.

[6] O S. Lourenço cai a 10 de Agôsto.

[7] Ensina o ditado que deve semear-se o nabal nesse dia.

[8] Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 6.

[9] Informação de meu amigo, E. Machado Cruz, professor do Liceu de Braga.

[10] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 287.

[11] V. *Philosophia pop.*, pág. 62.

[12] O ditado refere-se ao centeio: Se bem compreendi, a sementeira deve fazer se até S. Martinho, havendo, no caso de demora, prejuízo de um carro por dia.

[13] Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 62, e *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 284, n.º 21.

[14] Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 62.

[15] Informação de meu amigo, Dr. Aguiar, médico da armada. Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 72.

[16] Informação de meu pai, Fernando Pires de Lima.

26 — Vento suão, chuva na mão [1].

27 — Vermelho ao mar, pega nos bois e vai lavrar.

— Vermelho ao nascente, chuva de repente.

— Vermelho ao nascente, chuva no poente.

— Vermelho ao nascente, pega nos bois e foge sempre [2].

28 — Quando aparecem os peneireiros, é costume dizer-se: temos chuva! (Areias)

— Ouvi a mesma frase ao passar um amolador, tocando na sua gaita (S. Martinho de Bougado) [3].

29 — Ano de bogalhos, ano de trabalhos [4].

30 — Galinha pedrês, não a comas, nem a dês [5].

31 — Criados e bois, um ano até dois.

32 — A tranca... atranca [6].

33 — Não sirvas a quem serviu, nem peças a quem pediu [7].

34 — Não batas no cão, que não sabes se ainda virás a ser como êle [8].

35 — Sete abogões matam um homem e oito um *bègueiro* [9].

36 — Aos seis assenta e aos sete *indenta* [10].

37 — Três de cada vez, sete cada dia e uma cada mês [11].

38 — Casa Maria com Pedro... é um casamento negro [12].

39 — Quem se não farta de comer, também se não farta de lamber [13].

40 — A ladrão de casa, nada se lhe fecha [14].

41 — O que não mata, engorda [15].

42 — Os homens não se medem aos palmos [16].

43 — Mãe diligente, filha preguiceira.

---

[1] Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop.*, pág. 48, e *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 288.

[2] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 12, e *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 168 e 288.

[3] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 12.

[4] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 288.

[5] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 7.

[6] Os lavradores, em geral, podam as vides das uveiras, ano sim e ano não, e querem dizer com o ditado que a produção do vinho é maior quando as vides não são podadas.

[7] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 274.

[8] Ouve-se êste dito, que existe em forma de provérbio. V. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 71.

[9] O povo acredita que os abogões podem matar realmente um homem e até um burro.

[10] Aplica-se às crianças de seis e sete mesês.

[11] Devemos beber três copos de vinho ao jantar: um no princípio, o segundo no meio e o outro no fim; dormir sete horas, e confessar-nos todos os meses.

[12] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 19.

[13] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 20.

[14] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 20.

[15] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 20.

[16] «Les ome aro, bregand, por sentre | S'à la cano o au pan se dévon mesura! *Mirèio*, c. V.

44 — Quem faz a vontade ao sono,
Tôda a vez que êle quer vir,
Nunca pode ter na cama
Bôs lençois para dormir.

45 — À direita de Deus Padre, à esquerda do alfaiate, e do sapateiro de nenhuma parte [1].

46 — Os sapateiros *fede* em vivos [2].

47 — Quem mina, fica minado [3].

48 — Quem canta antes de almoçar, ou é tolo, ou quer casar.

— Quem canta antes do almôço, chorará antes do sol pôsto.

49 — De-vagar se vai ao longe ... bem tolo é quem se mata.

50 — Tanta vez vai o cântaro à fonte, que de alguma vez lá fica [4].

51 — O que pelo diabo vem, pelo diabo vai [5].

52 — No tempo de figos, não há amigos [6].

53 — Honra, sem proveito, faz mal ao peito.

— Honra e proveito não cabem num saco [7].

54 — Quem todo o seu guarda, todo o alheio perde [8].

55 — Quem foi ao ar, perdeu o lugar.

— Quem foi ao vento, perdeu o assento [9].

56 — Mandamentos do demandista: Bôca calada, burra aberta, e burra selada (Amarante) [10].

57 — Quem compra sem poder, vende sem querer (Pôrto).

— Quem adeante não olha, atrás torna [11].

58 — Quem gasta tudo o que tem, é ladrão [12].

59 — Ninguêm é cheio senão do que tem em casa.

60 — O de baixo é meu e o de cima é dum judeu [13].

---

[1] O alfaiate trabalha com a mão direita, o sapateiro com ambas as mãos.

[2] Chamam-se sapateiros aos carrapatos do mato, os quais teem um cheiro désagradável.

[3] Apontam-se algumas casas arruinadas pelo facto de os proprietários terem mandado fazer várias minas. Cfr. Rev. *Lusit.*, vol. XVIII, pág. 189, n.º 12.

[4] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 291, n.º 110; *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 10, e *Philosophia pop.*, pág. 57.

[5] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 10.

[6] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 13.

[7] Idêntico na *Philosophia pop.*, pág. 41. Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 13.

[8] Isto é, ninguêm lhe dá nada.

[9] Idêntico nas *Trad. Pop. de Port.*, pág. 48.

[10] Informação de meu amigo, snr. Belarmino de Vasconcelos, professor do Liceu de Alexandre Herculano.

[11] Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 42.

[12] Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 37.

[13] Diz-se quando se é pisado por alguêm.

61 — Ainda há-de comer muita rasa de sal [1]!

62 — Pesa-te pelo que fica?! [2]

63 — Já mijou ossos.... [3] Já mijou no mar [4]... Mijar fora do têsto [5].

64 — Fica a perca pelo proveito...

65 — São voltas que dá o mundo: Uns p'ra cima, outros p'r'ó fundo.

66 — Abaixo da cama se quebram as pernas [6].

67 — Agora, assobia-lhe às botas... [7].

68 — Não é caso de morte de homem, nem de casa queimada [8].

69 — Frases que exprimem uma ironia ou dúvida:

D'ouro do rabo do touro...
De prata, do rabo da gata...

70 — Doutor da mula ruça, tira o chapéu e põe a carapuça.

71 — Gaba-te, cesta, que para o ano vais à vindima [9].

72 — Tomar os cãezinhos [10].

73 — É como a Maria Chiça: quanto vê, quanto cubiça!

74 — Que é dela (*ca* dela)? — Anda *ós* cães.

75 — O demónio é tendeiro, fêz a tenda sem dinheiro [11].

76 — Fazer secar uma figueira em pé [12].

77 — Que fazes, que não danças [13]?...

78 — Ai, pipo, pipo, que nem as borras te *fico!* dizia um homenzinho, bebendo mesmo pela vasilha.

79 — Nem bonita que espante, nem feia que meta mêdo...

80 — Quem não vai em novo, de velho não escapa [14].

---

1 Lança-se êsse dito a pessoas novas e inexperientes.

2 Queres comer tudo?!

3 Já mijou ossos uma mulher que teve filhos.

4 Já foi ao Brasil.

5 Desmandar-se em comportamento.

6 Cfr. *Philosophia pop.*, pág. 56.

7 V. Camilio, *Corja*, pág. 23 (edição de 1903).

8 «*Sempre me vens com huns casos de morte de homens*. Ant. Ferr. *Cioso*, pág. 103 (*Poemas Lusitanos*, ed. de 1771).

9 Aplica-se a quem se está a gabar.

10 Zangar-se, cortar as relações, virar a cara.

11 V. T. Pires, *Cantos*, t. I, pág. 143. O *Novo Dicion.* regista o têrmo como popular, com o sentido de *diabo*. Ora tendeiro aqui e noutras frases significa enredador, astucioso.

12 Diz-se duma pessoa muito maçadora.

13 É a resposta que se dá a quem pede um serviço, que podia realizar sem auxílio.

14 Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. I, pág. 482.

81 — Quem quiser roubar, vá para a Serra da Curbiã [1].

82 — «Maia é terra de muita abelha; se o mel fôsse bom não faltaria quem o lambesse...» — dizia um rapaz da Maia a um apaixonado de fora que lhe pedia informações sôbre uma rapariga.

83 — Quem lá vai, lá vai... [2]

84 — Bem jejua, quem mal come...

VII

Romanceiro e anfiguris

I. D. Martinho [3]

Mal hajas tu, rainha,
Mal haja a tua geração!
De sete filhas que temos,
Nenhuma saiu varão.

A filha mais nova diz: — Sou varão,
Dê-me espada e cavalo,
Que eu sirvo de capitão.
— Tendes o pé pequeninho...
Por isso vos conhecerão.
— *Veste-se* sapatos de homem
Que êles grandes se farão.
— Tendes os peitinhos grandes...
Por isso vos conhecerão.
— Ó meu pai, dê-me umas ligas,
Que eu meto-os no coração.
— Tendes os olhos pisqueiros...
Por isso vos conhecerão.
— Quando passar por os homens,
Deito os olhos ao chão.
— Tendes os cabelos grandes...
Por isso vos conhecerão.
— Meu pai, dê-me umas tesouras,
Que êles vão já ao chão [4].

. . . .
— Ó meu pai, ó meu paizinho,
Eu morro do coração;
Os olhos de D. Martinho
São os que me acabarão;
O corpo de homem é,
Os olhos de mulher são.
— Roga-a tu, ó meu filho,
P'ra contigo ir feirar;
Pois ela, se mulher fôr,
Ao ouro há-de atentar:
— Ó que ricas prendas de oiro,
Para meninas gostar!
— Ó que rica espora de prata,
Para um homem montar!
— Ó meu pai, ó meu paizinho,
Eu morro do coração;
Os olhos de D. Martinho,
São os que me acabarão;
O corpo de homem é,
Os olhos de mulher são.
— Roga-a tu, ó meu filho,
P'ra contigo ir jardinar;
Pois se ela mulher fôr,
Às flores há-de atentar:

---

[1] Serra no extremo do concelho de Famalicão, afamada pelos assaltos que nela davam antigamente os ladrões.

[2] O pior é dos que morrem; quem fica esquece depressa...

[3] Êste romance apresenta algumas variantes daquele que publiquei na *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 296. Cfr. a mesma *Revista* e vol., pág. 57.

A acção passou-se, segundo a informadora, no tempo em que todos tinham de dar um filho para a guerra.

[4] D. Martinho andou na guerra sete anos e um verão até que por ela se apaixonou o capitão.

—Ó que ricas limas doces
Para as meninas gostar!
—Ó que rico limão verde
P'ra um homem atirar!
—Ó meu pai, ó meu paizinho,
Eu morro do coração;
Os olhos de D. Martinho
São os que me acabarão;
O corpo de homem é,
Os olhos de mulher são.
—Roga-a tu, ó meu filho,
P'ra contigo ir nadar;
Pois ela, se mulher fôr,
De ti se há-de acautelar [1].

—Ó que ao meu coração chega
Uma carta tam sentida;
Que o meu pai que é morto,
Minha mãe já não é viva!
De seis irmãs que lá tenho,
Aqui as ouço chorar;
Os sinos da freguesia,
Aqui os ouço tocar;
Avança, meu cavalo, avança,
Que ainda hoje lá vais dar.
Os sinos da freguesia
Aqui os ouço tinir;
Avança, meu cavalo, avança,
Que ainda hoje lá hás-de ir.

Aqui tem, ó meu paizinho,
Pôs a sua filha varão,
O tempo que andou na guerra —
Sete anos e um verão —
Ninguêm me lá conheceu
Senão o senhor capitão [2].

2. O Conde d'Alemanha [3]

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
—Eu te amaldiçoo, filha,
E o leite que mamaste:
Um conde tam bonito,
A morte que lhe causaste!
—*'scuita, 'scuita*, minha mãe,
Enquanto que me eu calei;
A morte que o conde leva,
Não a leveis vós também...

3. O cego [4]

—Abre-me essa porta,
Abre-me o postigo;
Dá-me um lenço, Ana,
Que eu venho ferido.
—Se você vem ferido,
Vá-se daí embora;
A minha portinha
Não se abre agora.
—Se ela não se abre,
Ela se há-de abrir;
Contigo, menina,
Quero ir dormir.

—Acorde, minha mãe,
Do doce dormir;
Venha ouvir o cego
Cantar e pedir.
—Se êle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho,
Para o triste cego
Seguir seu caminho.
—Não quero o seu pão,
Nem quero o seu vinho;
Quero que a menina
Me ensine o caminho.

---

[1] Deixou-o meter na água e disse o que se segue.

[2] Havia outro episódio em que o pai aconselhava o filho a ir dormir com D. Martinho, mas êste mete a espada entre ambos.

Seria talvez uma reminescência do punhal de Reginaldo ou Gerinaldo.

[3] Ouvi mais alguns versos para acrescentar aos publicados na *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 297.

[4] Cfr.: a versão que publiquei na *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 300; Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.* pág. 31; e Pedro Fernandes Tomás, *Velhas Canções e Rom. Pop.*, pág. 47 (Coimbra, 1913).

7. Agostinha

— Agostinha, Agostinha,
Que fazes a esta hora?
Ou o teu pai te bateu,
Ou te êle mandou embora...
— Eu já estava dormindo,
Ascordei estremunhada;
Ouvi minha mãe gritar,
O meu pai a dar pancada;
Vesti-me, vim p'r'à rua
P'ra me livrar da rascada.
. . . .
— Se ouviste, Augustinha,
Vou-me deixar aqui 'star,
Aqui a tornar-te o mêdo;
Vou-te levar a teu pai
Pela manhã muito cedo;
Eu te faço um protesto
De te não pôr mão nem dêdo.

8. Emília [1]

. . . .
Levanta-te, ó desgraçada,
E faz a tua confissão *gèral;*
'stá ali o teu filho à porta
C'uma faca p'ra te matar.
. . . .
Emília, negra Emília,
Negra vida te hei-de dar,
Por me dares um punhal
Para a minha mãe matar:
Hei-de ir para a África,
E tu has-de-me acompanhar!

9. Beatriz [2]

Beatriz era filha dum conde,
Sua mãe era D. Maria;
Quando sua filha se deu à *disgrácia*,
Que paixão sua mãe não teria!
— Beatriz, onde vai a esta hora?
Meia noite no meu coração.
— De Coimbra *vê-los* doutores
Se inda *sabe* tocar violão.
. . . .[3].

10. O canário [4]

Certo dia fui à caça,
Lindo canário agarrei;
Fui levá-lo de presente
À filha do nosso rei;
A filha do nosso rei,
A princesa brasileira,
Mandou fazer a gaiola
Da mais fina madeira;
A gaiola 'stava pronta,
O canário foi p'ra dentro;
Quer de noite, quer de dia,
Tinha o seu divertimento;
O canário adoeceu,
Foi duma constipação;
A filha do nosso rei
Encheu-se de raiva e paixão;
Mandou chamar uma junta
De trinta um *çurgião:*
À primeira lancetada,
O canário 'stremeceu;
À segunda lancetada,
Deu às asas e morreu.

---

[1] É um fragmento de romance, cujo tema é bastante conhecido: Uma mulher aconselha o marido a matar a mãe.

[2] Fragmento de romance?

[3] Colhi mais algumas palavras desordenadas. A informadora disse-me que os versos eram para cantar, dançando.

[4] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 119, e XVIII, pág. 281.

II. **Entre canas e caninhas...** [1]

—*Antre* canas e caninhas
Auga debe de nascer;
Menina, que *'stá* na fonte,
Benha-me dar de *bober*.
—Eu a *auga num la* nego,
Pucarinho *num le* dou;
Num quero que o senhor se gabe
Do que ninguêm se gabou.
O pucarinho é de *bidro*,
Tocadinho do amor,
Por ditosa me daria
Dar *auga* a tal senhor.
Dar *auga* a tal senhor
E à Senhora da Guia;
Diga lá, seu manatinha [2],
Se *bem* cá por minha *bia* [3].
—Por sua *bia num benho*
P'ra *le* falar a *berdade*;
Benho por passar o tempo
Na forma da mocidade.
—Na forma da mocidade...
Eu só queria saber:
Nem todos os letrados
Se *tornam im* saber ler [4].
—Eu sei ler e sei *'screber*,
Tamêm sei tocar *biola*;
Inda 'spero de aprender,
Menina, na tua *'scola*.
—Na *'scola* de Cupido [5]
P'ra te amar, aprendi;
Cum penas de te *num ber*
Uma carta te *'screbi*.
—A carta que me *'screbestes*,
Inda cá me *num* chegou;
Se me queres *algũa* cousa,
Fala-me que eu aqui *'stou*.
—Eu te *beijo* aí *'star*,
Bonitinha e *profeita*;
Só *desejaba* saber
Se serás a minha *sujeita*.
—A tua *sujeita num* sou,
Que o meu pai *num* é contente [6];
Pode-me deixar no mundo
Uma fama para sempre.
—Quanto respeito à fama,
Agora te *bou* falar;
Se eu cá chegar a *bir*,
Meu sogro *l'*hei-de chamar [7].
—Como *l'*hás-de chamar sogro
Se são falas escusadas?
Que eu sou rapariga *noba*,
Eu *num* posso *remir casa* [8].
—*Oitras más nobas qu'a ti*
Reme casa e *tem* marido;
Fôra-lo mesmo, menina,
Se tu casasses comigo [9].
—Já *oubi* tua *palabra*,
Repara o que *dissestes*;
Se *num sabe-lo* caminho,
Torna por onde *biestes*.

---

[1] Cfr. Dr. Leite de Vasconcellos, *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 377.

[2] Emprega-se *manato* no sentido de conversado. O *Novo Dicion.* regista *manata*.

[3] *Por minha via*, por minha causa.

[4] Variante:

se é manato ou 'scribão
*s'*ençarra *im saber ler*.

[5] Sôbre Cupido na poesia popular, V. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 134.

[6] *Ser contente*, concordar, consentir. É dizer clássico: V. Mello, *Epanaphoras*, pág. 95 (ed. de 1660), e Ant. Ferreira, *Bristo*, pág. 44 (ed. cit.).

[7] Variante:

Menina, *num arreceie*,
Nem *tenha* que *arreciar*;
Se eu a meter em fama,
Eu dela a hei-de *librar*.
Má fama *num* na tenho,
Mas ela me pode *bir*;
Fale baixo, num *ascorde*
Meu pai, que *'stá* a dormir.

[8] *Remir casa*, governar casa. É costume dizer-se: «*Num se rime co que ganha!*»

[9] Variante:

. . . .
Assim te há-de acontecer, menina,
Sim que tu casares comigo.

—Pega daí em 'stôpa,
Pega daí em linho;
E ao triste cego
Ensina o caminho.

—Acabou-se-me o linho,
Acabou-se-me a 'stôpa;
Siga o triste cego
Por essa *caldrosta* [1].
—Acabou-se-me a 'stôpa,
Acabou-se-me o linho;
Siga o triste cego
Por êsse caminho.
—Sou curto da vista,
Já não vejo bem;
Quero que a menina
Venha mais alêm.
—De condes e duques
Eu fui perseguida;
Agora dum cego,
Me vejo vencida!

Adeus, minha mãe,
Adeus, minha tia;
Adeus, minha mãe,
Que bem no sabia.
Adeus, minha mãe,
Adeus, minha terra;
Adeus, minha mãe,
Que tam falsa me era.

4. Santa Iria [2]

—Estando eu a coser
Na minha almofada,
Minha agulha d'ouro,
Meu dedal de prata,
Veio um cavaleiro,
Pediu-me pousada.
Se meu pai lha desse,
Muito lhe pesava;
Meu pai não lha deu,
Não lhe pesou nada.
Deu-lha minha mãe
Por ser confiada;
Entrou para dentro,
Pousou sua espada.

De três que nós éramos
Só a mim levou;
Por essa terra larga
Êle me preguntou
Como me chamava.
Eu lhe respondi
Que na minha terra:
Iria, fidalga,
E na terra alheia:
Triste, malfadada.
—Pelas falas que tu dás
Deves de ser degolada.
Pegou num cutelo
E ali me matou;
Coberta de ramos,
Ali me deixou;
Dali a sete anos
Por ali passou:
—Pastorinhos novos,
Que olhais o gado,
Que ermida é aquela,
Que está naquele adro?
—É Santa Iria,
Que o traidor matou.
—Ó Santa Iria,
Meu amor primeiro;
Perdoai-me a morte,
Sou vosso romeiro.
—Como te hei-de perdoar,
Ladrão carniceiro,
Que da minha garganta,
Fizeste carneiro,
E do meu cabelo
Fizeste dinheiro?!...
Veste-te de azul,
Que é da côr do céu;
Farás penitência,
Irás para o céu.

[1] Como a palavra *congosta* ou *cangosta* não é empregada pelo povo, foi fàcilmente corrompida em *caldrosta*.

[2] Fica completa com algumas variantes curiosas a versão publicada na *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 301.

Cfr. Leite de Vasc. *Romanceiro Port.*, pág. 50, e *Rev. Lusit.*, vol. XVIII, pág. 281.

5. Rosa [1]

—Deus te salve, Rosa,
Claro serafim;
Linda pastorinha,
Que fazeis aqui?
—Eu guardo o meu gado,
Que aqui [illegible]
—Se aqui o *perdestes*,
Aqui o *ha-des* achar;
Linda pastorinha,
Vamo-lo *prècurar;*
Tam gentil senhora,
A guardar seu gado!...
—Eu nasci, senhor,
Para êste fado;
Olhe como vem grave
De meia de sêda;
Olhe que a não rompa
Por essa resteva.
—Sapatos e meias
Tudo romperei,
Só p'ra lhe dar gôsto,
Meu pai, minha mãe (?).
—Vá-se daí embora,
Não me dê mais pêna;
Aí veem meus amos
Trazer-me a merenda.
—Se aí veem seus amos
Trazer a merenda;
Êles não são lobos,
Que *coma* a gente.
—Vá-se daí embora,
Não me dê tormento;
Já o não posso ver
Nem por pensamento.
—Ó bela Rosinha,
Ó bem agastada;
Falavas comigo,
Já me não dizes nada...
—Se sou agastada,
Faço muito bem;
Quero ser ingrata,
Que assim me convêm.
—Se queres ser ingrata,
Sejas bem, embora;
Vou tocar teu gado
Pela serra fora.
—Torna ali, amor,
Torna ali, correndo;
Que o amor é firme,
Já se está rendendo;
Quando diz que não quer
É que está querendo;
Vamos para a sombra,
Que o mundo está ardendo.
—Se eu fôr para a sombra,
Não vou na má tenção;
Juro-te, menina,
Que sou teu irmão.
—Se és meu irmão,
Mil perdões te peço
Que não contes nada
Do nosso processo.

Tam grande calor
Por êste deserto!
Ó gente da aldeia,
Acudi ao gado,
Que foge a pastora
Com seu *pastorado.*

6. A filha do Rei de Espanha [2]

. . . .

Sou filha do rei de Espanha,
Da rainha Constantina;
Meu pai tem *jinelas* de oiro,
Vidraças de prata fina.

. . . .

---

[1] Cfr. a *Pastorinha* na *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 303, e Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.*, pág. 41.

[2] Encontrei entre as canções colhidas os versos seguintes, que evidentemente pertencem a um romance já diluído.

Devem ser da *Enfeitiçada* do *Romanceiro* de Garrett. V. T. Braga, *Romanceiro Geral* (Romances da *Infanta de França*), e *A filha do Rei de Hespanha* na *Rev. Lusit.*, vol. IX, pág. 285.

Onde [1] teve a maldição
Que nenhuma pariria.
Aí chegaram pastores,
Com seu festejo e canto,
Festejar a Deus Menino
Naquele lugar tam santo.
Aí chegaram os anjos,
Todos cheios de alegria;
Visitaram a Jesus,
S. José e mais Maria.

(Areias)

b) Lá na noite de Natal,
Noite de tanta alegria,
Caminharam para Belêm
S. José e mais Maria.
Quando a Belêm chegaram,
Já tôda a gente dormia;
S. José foi buscar lume
Para alumiar a Maria.
Quando S. José chegou,
Já a Virgem parido tinha;
Pariu num pobre deserto,
Nem um só paninho havia.
Desceu um anjo do céu,
Paninhos de ouro trazia;
Tornou a subir ao céu,
Cantando: Avé, Maria.
Lá no céu lhe preguntaram
Como ficou a Maria.
—A Maria ficou boa,
Numa sala recolhida.
Mandou fazer três conventos,
Todos de pedra *ladrilha*:
O primeiro é o inferno
P'r'onde vão os condenados;
O segundo é *pergatório*
Onde se *pena* os pecados;
O terceiro é o céu
Para os bem-aventurados [2].

(Areias)

2. Reis

a) Reis Grandes ou Reis Velhos

Ó da casa nobre gente,
Escutai e ouvir-nos heis;
Vimos dar as boas festas
Na vinda dos Santos Reis:

Depois das culpas de Adão,
Rezavam as profecias
Que havia de vir ao mundo
O verdadeiro Messias.
Chegando àquele tempo,
Que estava determinado,
Nasceu a mais linda flor
Naquele jardim sagrado.
Naquela noite ditosa,
Que ao mundo deu alegria,
Nasceu o Verbo divino
Das entranhas de Maria.
Mandou o Padre Eterno,
Com poder *onipotente*,
Que *ispirasse* [3] os corações
Dos três Reis do Oriente;
Êles, que já esperavam
Por êsse grande Amor,
Em ver que era nascido
Seu eterno Criador,
Encheram-se de alegria
E, cheios de amor divino,
Com seus humildes vassalos,
Se puseram ao caminho [4].
Chegaram à côrte de Herodes,
Com grande poder de gente;
Preguntaram onde era
Nascido o *onipotente*.
Herodes, que já estava
Com soberba e rigor,
Em ver que era nascido
O monarca superior;
Herodes, como malvado,

[1] *Onde*, pelo que. É vulgar o emprêgo dessa palavra com tal sentido, e significando também—nessa ocasião...: «*Estávamos nós à porta, onde chegou ali uma mulher...*»
[2] Cfr. Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.*, pág. 36, e P. F. Tomás, *Velhas Canções e Rom.*, pág. 61.
[3] Inspirasse.
[4] Variante: Se expuseram ao caminho.

Com seu intento *malino*,
Às avessas ensinou
Aos Santos Reis o caminho [1].
Mas o alto Deus pod'roso
Le dava luz e sciência,
Para atinar com a estrada
Da verdade *onipotência.*
Guiados por uma estrêla,
Lá foram ter a Belêm,
Onde estava o Deus Menino,
Que é todo o nosso bem.
Ficaram admirados
Em ver tamanha pobreza,
Sendo êle o Rei dos reis,
Senhor de tam grande alteza.
Vinde, grandes e pequenos,
Trazei todos na memória:
Nũas palhinhas deitado
Um sob'rano Rei da Glória!
Vinde, grandes e pequenos,
Vinde, soberbos do mundo,
Nũas palhinhas deitado
Um sob'rano Deus profundo [2]!
Fizeram-*le* seus presentes,
Tiveram grande alegria;
S. José é que aceitava,
E a Senhora *aguardecia.*
Estas *dábitas* [3] e presentes,
Vós, Senhor, tudo nos destes,
Em desconto de nossas culpas,
Quanto faço que nos preste.
Duas cousas vos pedimos
Humildes do coração [4];
O perdão das nossas culpas [5]
E por fim a salvação.
Glória seja a de Deus Padre,
E a de Deus Filho tambêm;
Glória seja o Espírito Santo
Para todo o sempre. Amêm.

b) Deus vos dê festas felizes,
Estimados moradores;
A *bençāo* de Deus vos cubra
De virtudes e favores.
Deixai as vossas moradas
E marchai alegremente;
Ide buscar a Jesus,
Como os Reis do Oriente,
Que os seus tronos deixaram
Sem nisso sentir pesar,
Pela grande fé que tinham
De *Jasus* ir adorar.

Os três Reis do Oriente
Já foram para Belêm
Adorar a Deus Menino
E à Virgem mãe tambêm;
Ficaram *ademirados*
Daquele infante divino,
Coberto com pobres panos,
Figurando de *pelingrino.*
Sendo do céu a beleza
Mais do que os querubins,
Merecendo ter panos de oiro
E o leito de marfim.
Ajoelharam em terra
Suáveis hinos cantaram;
Suas vozes maravilhosas
Até aos céus agradaram.
Aceitai, disseram êles,
Os três Reis do Oriente,
Oiro, incenso e mirra,
Que vos damos de presente;
Oiro, incenso e mirra,
Mirra e oiro e incenso;
Não lhe ofereceram mais nada
Porque êle era um Deus imenso:
—Dai-nos, meu Deus Menino,
Dai-nos do céu a palma,

---

[1] Numa versão que colhi seguem os versos:

Herodes, tendo consigo
Os sentidos bem dif'rentes,
Desembainha o seu cutelo
No sangue dos inocentes.
Cometeu mil desatinos,
Matou cinco mil meninos,
Só para haver *falte* luz (falta de...)
E para morrer Jesus.

[2] No *Jornal de Santo Thyrso*, n.º 296, de 1888, vem uma versão da Ilha de S. Jorge bastante diferente.

[3] Dádivas.

[4] Variante: Com humilde coração.

[5] Variante: Que nos deis a vossa graça.

—Eu de *donde 'stou* bem *beijo*
Caminhos por donde eu *bim*;
Inda *'spero* de *lobar*
Esta rosa para mim.
—Esta rosa para ti,
Ou a *lobarás*, ou não;
Eu *num* quero nem por *q'anto*,
Que tu me *ponha-la* mão.
—Pois eu a mão *num* ta ponho,
Nem sequer bolir *combosco*;
Só *im 'star* na *bossa ausença* [1],
Nisso faço muito gôsto.
—Se tu fazes muito gôsto,
Eu *ó* pai o *bou dezer*,
Que *bá* chamar o padre-cura
Que nos *benha arreceber*.
. . . .
Padre-cura, *benha* cá,
E *benha* já, sem demora;
Benha arreceber os *noibos*
Já nesta *própia* hora [2].

12

A vinte e um de Fevereiro,
Dia de entrudo chamado,
Dia tam infeliz,
P'ra mim tam desgraçado!
Eu fui ter uma desordem
Com um (bem quieto que 'stava!);
Por minha triste sorte,
Por minhas mãos me matava:
Veio-me um tiro de canhão
Disparado à minha sorte;
Por muitos poucos *Pilatos*,
Terrível a minha morte!
Assim me fui arrastando,
Trepolando [3] pelo caminho,
Pedindo socôrro por 'smola
À porta de um vizinho;
E êle, como benfeitor,
Da cama se levantou,
Da casa dêle saíu,
P'r'à minha me acompanhou.
Quando eu cheguei a casa,
Que a mulher me pressentiu,
Depressa, bem contente,
Logo a porta me abriu;
Mas quando ela viu
No 'stado em que eu 'stava,
Dava ais de quando em quando,
Desgraçada se chamava:
—Triste sorte foi a minha,
Quem me dera em S. Mamede [4]
Ainda hoje solteirinha!

Ó pais, que tendes os filhos,
Educai-os capazmente
Na salvação do Senhor,
P'ra que êles não padeçam
Uma tam cruel dor [5].

---

[1] Por comodidade do verso naturalmente, substituiu-se a palavra *presença* por *ausência*, não sendo de admirar que o povo empregue êste último termo imprópriamente, porque é de uso pouco comum.

[2] Conservei tôdas as particularidades da linguagem da terra: *Entre canas* . . . dá-nos conta das principais, de uso mais geral.

[3] *Trepolar*, tropeçar. Derivará de *trépo?*

[4] *S. Mamede de Coronado*, freguesia do concelho de Santo Tirso.

[5] O caso foi êste: Um homem de S. Tiago de Bougado embriagou-se, e meteu-se com outro que o espancou. Um historiador anónimo contou o caso nuns *pasquins*, que se ouvem já com várias formas. As minhas informadoras, crianças de 11 e 12 anos, disseram-me que o herói tinha morrido afogado no rio Ave há anos.

A moralidade foi já acrescentada aos *pasquins* pelos narradores. Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. IX, pág. 252.

Há-de o facto esquecer e os *pasquins* viverão muito tempo ainda modificados e acrescentados. Assim deviam ter-se formado muitos romances.

13. Senhora Aninhas [1]

Fui a casa da senhora Aninhas
Com tenções de lá entrar;
Saiu-me o senhor *Zèzinho*:
—Você, que vem cá buscar?
—Trago fitas *ingalesas*,
Se a senhora quiser comprar;
Tambêm trago o meu pintinho,
Para com ela gastar.

Vi as gatas pelo ar,
Botei-me duma *jinela* abaixo,
'scorreguei, caí no chão;
Logo meu coração disse:
'stá prêso, seu maganão!
Eu meti a mão ao bôlso,
Peguei em meio tostão;
Dei trinta réis ao barqueiro,
Quinze réis ao 'scrivão;
Fiquei cá com cinco réis,
Foi a minha perdição.

14 [2]

Quando em Belêm se formou
Palácio de grande altura,
Muita gente lá passou,
Outra foi p'r'à sepultura;
Casa rica tem fartura,
E quem doba tem seu sarilho;
As galinhas vão ao milho,
Enche o papo como os mais;
Tôda-las aves *come* e *bebe*,
Quem paga são os pardais;
O pente é para a cabeça,
Menina, não endoudeça,
Pode-se dar por feliz,
Que tem tamanho nariz,
Nariz de palmo e meio;
Tôda a gente passa e diz:
Ó que homem tam feio!
Tem calcanhar de trombeta
E nariz de murrão.
Diz o povo: Santo nome de *Jasus*,
Ó que grande figurão!

VIII

Janeiras e Reis

1. Janeiras

a) Lá na noute de Natal [3],
Noute de tanta alegria,
Caminhavam para Belêm
S. José e mais Maria.
Quando a Belêm chegaram
Já tôda a gente dormia [4]:
—Porteiro, abri a porta,
Porteiro da portaria!
Êle preguntou quem eram:
—É S. José e mais Maria.
Lá pediram agasalho
Na cidade de Belêm;
Não lhe deram agasalho,
Inda foram mais alêm.
Foram ter a um curral,
Que de longe já se via,
Onde estava o boi e mula
Que nesse lugar *jazia*.
A horas de meia noute
Nasceu aquele menino:
S. José e mais Maria,
Dando graças ao divino;
O boi bento *bafijava*
E a mula remoía,

[1] Cfr. Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.*, pág. 32.
[2] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVIII, pág. 282, e A. Gomes Pereira, *Ling. Pop. de V. Real*, pág. 93.
[3] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 249.
[4] Variante: Nem meia noute seria.

Despedidas:

Vou botar as *espedidas*
Por cima da carvalheira;
Deixei o gato ao lume
E o caldo na borralheira.

Vou botar as *espedidas*
Vou botá-las a Belêm;
Adeus, meus senhores todos
Até *ó* ano que vem.

IX

Orações e Romances [1] religiosos

I Orações para o deitar

a) A Deus Padre me encomendo
E o 'Sprito Santo me dê luz;
Encomendo a minha alma
Ao Santo Nome de *Jasus.*
Anjo da minha guarda,
Semelhança do Senhor,
Que do céu fostes mandado
P'ra nosso amparo e guardador;
Peço-vos, anjo bendito,
Pelo vosso santo poder,
Que das obras do maldito
Me ajudeis a defender.
Encomendo-me a Deus Padre,
E ao filho que me *garde,*
À *Virge,* Nossa Senhora,
E à Santíssima Trindade,
E à *arbe* da *Bela* Cruz,
Que é bandeira de *Jasus,*
Onde foi crucificado,
P'ra me livrar do diabo.
Inda os mortos por morrer,
E nada poderá ser,
Baptizado, por baptizar,
Do mais pequeno *inté mínual* [2].
Em louvor de Nossa S.ª do Carmo,
Que me livre das penas do Inferno,
E más tentações do diabo.

b) Com Jesus me deito,
Com Jesus *cruçuficado,*
Que se deite no meu peito,
Que me meta no seu lado,
Que me livre a minha alma,
Que não morra em pecado.

c) Meu Senhor crucificado,
Êle se deite a meu lado,
E me tire a minha alma de penas
E o corpo do pecado.

d) Meu Senhor crucificado,
Filho da Virgem Maria,
Me guarde esta noite,
E amanhã por todo o dia,
P'ra que o meu corpo não seja prêso,
Nem minha alma perdida.

e) Com Deus me deito,
Com Deus me levanto,
Com a graça de Deus
E do Espírito Santo:
A Virgem Nossa Senhora
Que me cubra com seu manto;
Se eu com êle coberto fôr,
Não terei mêdo, nem pavor,
Nem coisa que má fôr;
Senhor, deitar-me quero,
Minha alma vos entrego;
Se eu dormir, *ascordai-me,*
Se eu morrer, alumiai-me
Com as três tochas da S.ª Trindade.
Três vezes me deitar,
E três vezes me alevantar,
E, se a morte por mim chamar,

---

[1] Incluímos neste capítulo vários romances recitados como orações.
[2] Maioral.

E eu não puder falar,
Diga o meu coração três vezes:
Jasus, Maria José,
Lá no dia da *má* (?) companhia,
Um Padre-Nosso e uma Avé-Maria [1].

f) Anjinho da minha guarda,
Semelhança do Senhor,
Que do céu *fostes* mandado,
Meu amparo e guardador;
Guardai-me, ó Anjo bendito,
Por o vosso santo poder;
Daquele laço maldito, [2]
Ajudai-me a defender.
Deus comigo e eu com êle,
Deus adeante e eu atrás dêle.

g) Santo anjo do Senhor,
Meu zeloso guardador,
Se em ti me confiou
A piedade divina,
Sempre me rege, guarda e ilumina.

h) Persigno-me com três cravos,
Abraço-me numa cruz;
Venha uma cruz do céu,
Lance-se em cima de mim
Para que o Anjo Custódio
Fale e responda por mim [3].

i) Amorosissimo *Jasus*,
Amor do meu coração,
Perdoai-me os meus pecados,
Vós sabeis quais êles são;
Dai-me nesta vida paz
E na outra a salvação;
Botai-nos a vossa *benção*,
Dai-me a vossa *aussolvição*;
Pelas vossas cinco chagas,
Pela vossa sagrada morte e paixão [4].

j) Senhor meu *Jasu*-Cristo, livrai-nos de todos os demónios, mortos, vivos, grandes e pequenos e do *mòral* [5] do inferno, por vossa infinita misericórdia [6].

2. Oração para o levantar

Bendita seja a luz do dia,
Bendito seja quem na cria,
Bendito seja o Santo ou Santa dêste dia.
Padre-Nosso, Avé-Maria [7].

---

[1] Esta oração deu origem a uma anedota muito generalizada: «Foi o homem confessar-se e disse ao confessor:

—Eu sou Deus! —Porquê? preguntou o confessor—Pois a mulher tôdas as noites diz: Com Deus me deito... e ela deita-se comigo; é porque eu sou Deus. Outros dizem: «Com as cinco tochas de Nosso Senhor Jesus-Cristo!

Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. IX, pág. 233, e XVIII, pág. 186.

[2] Variante: Que do *delace* do demónio. Cfr. Cardoso Martha e Augusto Pinto. *Folclóre da Fig. da Foz*, t. I, pág. 23 (Espozende, 1913).

[3] Reza-se ao mesmo tempo que se faz o sinal da cruz.

[4] Esta oração tem um grande valor, como se conclui do seguinte caso: «Estava uma pessoa a confessar-se e acusava-se de não se ter confessado há muito tempo, Nessa ocasião ouviu uma voz do lado:—Ainda hoje! Ainda hoje! É que a confessada costumava dizer todos os dias aquela oração.»

[5] Maioral.

[6] A grande quantidade de orações para o *deitar* indica-nos o terror que se apodera de muita gente ao aproximar-se a noite.

[7] Êste hino à luz era invariávelmente rezado por meu avô, homem do povo, e arquivo das mais belas tradições, que o ensinou a todos os filhos. Representa bem a alegria dos homens ao romper do dia, que afasta para longe as trevas cheias de mistério e de terror.

Levai-nos ao celeste império
Nosso coração e alma;
Botai-nos a vossa *bença*,
Virgem, mãe dos pecadores;
Brilhe no céu com os anjos,
Na terra com as flores.

Levantai-vos, pombas brancas,
Dêsse leito em que estais;
Vinde-nos dar os Reis,
Indas que não nos conheçais;
Qué-los deis, *qué-los* não deis,
Sempre com alma ficais.
Glória seja...

c) Deus vos dê festas felizes,
Estimados moradores;
A *benção* de Deus vos cubra
De virtudes e favores;
Deixai as vossas moradas
E marchai alegremente,
Vamos visitar *Jasus*.

Os três Reis do Oriente
Já chegaram a Belêm;
Já adoraram Deus Menino
E à Virgem Mãe também;
Admirados de verdade,
Daquele ente divino,
Coberto com pobres panos,
Figurando de peregrino;
Sendo dos céus a beleza,
Mais belo que querubim,
Deviam ser panos de oiro
E o leito de marfim;
Entenderam os três Reis,
Que eram senhores de grandeza,
Mostrou naquele mistério
Que não amava riqueza;
Fizeram suas ofertas
Naquela gruta feliz,
Ouro, incenso e mirra,
Produção do seu país;
Aceitai, disseram êles,
Os três Reis do Oriente,
Ouro, incenso e mirra,
Que vos damos de presente;
Aceitai, meu Deus Menino,
E dai-nos do céu a palma;
Levai ao celeste império
Nosso coração e alma;
Assim como vós nos destes
Uma *'stréla* para guia,
Dai-nos eterno descanso
E a vossa companhia.
Glória seja...

d) **Reis galegos** [1]

No portal de Belêm,
Cidade de Galileia,
Como 'stais, *virgen* parida?
Como 'stais, *virgen doncella?*
Como 'stais, *virgen* parida?
Pedenixe a S. Gonçalo,
Não deve de *tenguir* pena,
Por *vê-lo* filho de *Dios*
Nado em tanta miséria.
Não tem nada em que o envolva,
Senão uma pouca *d'elva* [2].
A mula *mochila* come,
E o boi *mochila l'erga* [3].
Ah, *mi* amigo, ah, *mi* amado,
Pois a morte assim se ordena,
Se *fores ó* monte Calvário,
Lá vereis 'star *ũa 'scalera*,
O *crucero* é o *letrero*,
Que dirá de tal *manera:*
Aqui morreu *Jasu*-Cristo,
Rei do céu e rei *di* a terra;
Morreu pelos pecadores,

[1] A mulher que me cantou estes Reis é de Areias e disse-me que a versão era muito antiga. A *cantadeira* pronunciava: *Virxem*, *Xudas*, *micéria*, *quicera*, etc. Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. II, pág. 233.

[2] Corrução de *herba* ou *erba* (ant.). Hoje *yerba*. *Diccion. Español Port.* de Mascarenhas Valdez, Lisboa, 1864.

[3] *Mochila*, saco de pano ou de couro *Hacer mochila*, fazer alforge, provisão. V. *Dicion.* cit. onde se regista também o termo *erger*, levantar, usado só na Galiza. Será —*erga*— corrução de *llega*, chega?

A minha informadora explicou: A mula comia a erva e o boi chegava-a para a beira do menino.

A todos *le* deu remédio;
Pilatos *le* teve a culpa,
Pilatos culpa tivera;
Judas foi que o vendeu
Por trinta dinheiros de prata,
Porque êle mais não quisera;

Hoje é dia de *los* Reis,
É princípio de bom *ajo*
Onde donas e *doncellas*
D'El-rei pediu Aguinaldo,
Que nos dê indulgência,
Aquelas qne *Dios* nos dava.

Noutro estilo:

Perdixi, Senhor,
Pelos bem cantados,
Pelos mal cantados;
'stava noite escura,
'stava encatarrado.

Bem cantados, mal cantados,
Bem haja quem os cantou;
Eu 'stava muito rouquinho,
Bem haja quem me ajudou.

Alêm das cantigas publicadas nesta *Revista* (vol. XVIII, pág. 199) ouvem-se muitas mais. Nos Reis do ano corrente cantaram-se à porta de meus pais as seguintes:

Viva lá o senhor F...,
Alfinete de oiro ao peito;
Quando passa pelas môças
Empisca-*lhe* o olho direito.

Viva lá o senhor F...,
Raminho da oliveira;
Eu espero que inda case
*Co'*a princesa primeira.

Viva lá o senhor F...,
Garrafinha de licor;
Venho-lhe fazer a festa,
Em nome do seu amor.

Viva lá o senhor F...,
A flor da peonia;
Foi o mais *profeito* cravo,
Que nasceu na freguesia.

Viva lá o senhor F...,
Onde põe as suas botas?
No meio da sua sala,
Parecem duas canhotas.

Viva lá o senhor F...,
Correntes de oiro ao peito;
Quando vai p'ra qualquer parte,
Todos lhe *gardo* respeito.

Viva lá a senhora D. F...,
Raminho de peonia;
É bonita como o sol,
E clara como o dia.

Viva lá o senhor F...,
Raminho de bem querer;
Quando se põe à janela,
As pedrinhas faz tremer.

Viva lá a senhora D. F...,
É *profeitinha* em tudo;
A boquinha redondinha,
Os beicinhos de veludo.

Viva lá o senhor F...,
Alfinete de oiro ao peito;
É o *home* da nossa terra,
Que eu entendo de mais respeito.

Viva lá o senhor F...,
Raminho de salsa branca;
O seu corpo é de neve,
E a sua alma 'stá santa.

Viva lá o senhor F...,
Vou-lhe pedir um favor:
Que trate a sua senhora
Com carinho e amor.

Viva lá o senhor Fernando,
Os anos que Deus *quijer,*
E a senhora D. Clementina
Que Deus lhe deu por mulher.

— As cinco são as cinco chagas de Nosso Senhor *Jasu*-Cristo, as quatro são *as* quatro Patriarcas, etc., etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as seis.

— As seis são os seis cirios de Bento que *nascera* no monte *Sinal* [1] p'ra alumiar a Nossa Senhora, as cinco são as cinco chagas, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as sete.

— As sete são as sete dores de Nossa Senhora, as seis são os seis cirios, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as oito.

— As oito são as oito do Corpo Santo, as sete são as sete dores, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as nove.

— As nove são as nove horas dos anjos, as oito são as oito do Corpo Santo, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as dez.

— As dez são os dez mandamentos, as nove, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as onze.

— As onze são as onze mil *Virges*, etc. etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as doze.

— As doze são os doze apóstolos, etc.

— Anjo Custódio, quereis ser santo?

— Sim, Senhor, quero.

— Dizei-me as treze.

---

[1] Sinai.

— As treze são os treze raios de sol, que arrebenta o diabo mais pequeno até ao maior, as doze... [1].

8. Oração para a coisa ruim

Nossa Senhora me assista,
Nosso Senhor me dê luz,
Valha-me o Padre Eterno
E o Santíssimo Nome de Jesus [2].

9. Orações e romances de Nossa Senhora

a) Valha-me a Virgem Maria,
Valha-me a Virgem Sagrada,
Valha-me a cruz do Senhor,
Valha-me o Anjo da Guarda.
— Para que nasceste, filho?
Para ser crucificado;
Quando vieste ao mundo,
Tudo foi alumiado;
A *lũa* co'as estrêlas,
Tudo foi *remanguado* [3]:
Os panos que te envolviam
Ero de fina *holanda* [4];
Os peitos que leite *davo*
Ero da *Virge* sagrada,
Que desceu do céu à terra
No dia da Ascenção,
Para ver os Santos Padres
C'o divino *sâingue* bom;
Dente [5] daquele *pundão* [6]
Vai um cruzeiro armado;
A virtude que êle leva
É *Jasus* crucificado,
C'o seu *sâingue* derramado,
Seu coração *'strepassado.*
Quem esta oração disser,
Um ano continuado,
Neste mundo será rei,
E no *oitro* rei c'roado;
Três dias antes que morra
*L'*aparecerá Nossa Senhora,
Dizendo-lhe: Filho, ou filha,
Confessa os teus pecados,
Que eu sou a *Virge* Maria
Que vos venho alembrar;
Vou pedir a *Jasu*-Cristo
Que vos queira perdoar;
Tua alma será salva
E posta em bom lugar.

b) Estando a Senhora naquele *iteiro* [7]
Fazendo oração,
Chegou *Madanela* e mais S. João.
— Senhora, que fazeis aí?
Vosso filho vai ali.
— A Senhora *assubiu* àquele *iteiro*
E já o *num* viu;
Botou de porta em porta,
De rua em rua
Inté à rua da Amargura.
— Ó cabeça sagrada, coroada de espinhos,
Atravessada com juncos marinhos;

---

[1] Esta oração deve dizer-se quando a gente sai de casa.

[2] À velhinha que me ensinou a oração sucedeu o seguinte: «Uma noite ia por um caminho fora e viu uma luz a *meter-se* a ela. Disse as palavras e a coisa deu um estoiro e desapareceu».

A informadora, já paralítica, dizia-me isso com uma convicção profunda, acrescentando que a avó dela assegurava poder-se ir a tôda a parte, sem mêdo, dizendo-se a oração.

[3] Aterrado, assombrado? — A minha informadora explicava: Tudo foi iluminado com os raios. Talvez seja esta a interpretação mais exacta — ofuscado até perder os sentidos —, pois quando alguêm cai sem sentidos, o que é vulgar nas igrejas, diz-se: *remangou para o lado.*

[4] Nunca ouvi empregar êste têrmo ao povo — o que me leva a supor: Ou a oração é muito antiga, ou tem origem literária.

[5] Deante.

[6] Pendão.

[7] Outeiro. Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 280.

3. Oração de S. Gregório

Padre nosso, S. Gregório,
Assubiu ó pregatório...
Ũa era Santa Ana,
Outra era Santa Catarina;
Usavo de penitência,
Vestidinhas de burel,
P'ra alcançar as cinco chagas,
Do divino Manuel;
Manuel 'stá no céu,
Embanando o S. José,
Os anjinhos 'stão cantando:
Patre nostre dominé.

4. Oração para quando se está a morrer

Santo Inácio de *Lió* [1],
A *fromatura* de *Jasus*...
Valha-me a luz da luz,
Valha-me o Santo Nome de *Jasus*,
Valha-me a *Virge* e a Virgindade,
Valha-me a Santíssima Trindade,
Vão os demónios todos p'r'ó inferno
E mais o *mòral.*

5. Oração para a trovoada

Santos Deus,
Santos *Fortes*,
Santos Imortais,
Miserere nobis;
Corações feridos,
Sangue derramado,
Nosso Senhor *Jasu*-Cristo
Se meta entre nós e o p'rigo [2].

6. Oração do Santíssimo Sacramento [3]

Por aquela noite escura,
Morreu uma criatura
Sem *arreceber* o Sacramento,
Mas com grande arrependimento;
Com culpas e pecados,
Foi dar à face de Cristo.

Diz a alma:

— Ó Senhor meu *Jasu*-Cristo,
Eu visitar-vos venho;
Sou a ovelha mais perdida,
Que do vosso rebanho venho.

Diz *Jasu*-Cristo:

— *Escuita-me*, ó alma *dezelosa*,
Que eu primeiro te *escuitei*;
Trouxe-te na outra vida,
Não me foste de proveito;
Ensinei-te a benzer,
Não quiseste aprender;
Ensinei-te a rezar,
Não me quiseste honrar;
Lá te deixei os meus calvários,
E sempre te vi correndo;
Lá te deixei os meus jejuns,
E sempre te vi comendo;
Vai-te, alma condenada!
Foi-se a alminha muito triste:

— S. Miguel, vinde abaixo,
Botai pesos à balança;
Os pecados eram tantos,
A balança ia ao chão!

---

[1] Loiola.

[2] Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 184. A oração diz-se quando o trovão estala e após o grito—S. Jerónimo, Santa *Bárbora Virge!*
Chagas abertas.

[3] Cfr. Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Port.*, pág. 30 e 36.

Vem a Senhora e diz:

— Ó meu filho bem amado,
Ó meu filho bem criado,
Pelo leite que mamastes,
Pelo sangue que derramastes,
Salvai-me essa alminha,
Que já se me vai perdendo.
— Minha mãe me manda
Que passe o ano correndo.
A Senhora tirou a sua touquinha,
Ficou o pêso *incelente*;
Por milagre da Senhora,
Ficou a alma contente.

Quem esta oração disser [1]
Doze anos continuamente,
Será tam certo salvar-se...
E irá para o céu eternamente.
Quem a sabe e não a diz,
Quem a ouve e não a aprende,
Lá no dia do juizo
Verá como se arrepende!

7. Oração do Anjo Custódio [2]

— Anjo Custódio, querereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me a uma.
— É a hora em que Deus nasceu sem nunca ter fim. Amêm, *Jasus*.
— Anjo Custódio, querereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me as duas.
— As duas são as duas tabuinhas de Moisés, a uma é a hora em que Deus nasceu sem nunca ter fim. Amêm, *Jasus*.
— Anjo Custódio, querereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me as três.
— As três são as três *Avangelistas*, as duas são as duas tabuinhas..., a uma...
— Anjo Custódio, querereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me as quatro.
— As quatro são *as* quatro Patriarcas, as três as três *Avangelistas*, etc., etc.
— Anjo Custódio, querereis ser santo?
— Sim, Senhor, quero.
— Dizei-me as cinco.

[1] Variante do fim:

Devotos, rezai o *rosairo*,
Não o *tragueis* pelo chão,
Que a *Virge* é *piedosa*,
De nós tem compaixão.
Quem esta oração disser
Sexta-feira da paixão,
Indo na procissão,
Tirará quatro almas do fogo do purgatório.

[2] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 209, *Rev. Lusit.*, vol. XVI, pág. 282, e XVII, pág. 287.

Se *num* quereis crer,
Assubide àquele *iteiro*,
Vereis a rua regada
C'o *sáingue* verdadeiro;
Mais *adente* vai o cordeiro,
Amarrado à *queluna*;
—Ajuda-me aqui, Simão.
—Sim, Senhor, ajudarei.
Quinta-feira de endoenças,
Co'a Santa Divindade
Correrei tôda a cidade.
C'o tamanho pêso da cruz,
Inté os caminhos *davo* luz,
E as pedras *atromentavam*;
E *Jasus* ia entrando
Pelas portas de *Jèrusalêm*;
Para todo o sempre. Amêm.

c) Indo indo a Senhora
Pela rua da Amargura,
Pela rua de Tristura,
*In*controu filhas de fiéis,
Môças de *Jèrusalêm*;
Senhora *le prèguntou*:
—Vistes por aqui meu filho?
—Vosso filho não conhecemos,
Mas dai-nos sinais certos,
Resposta vos tornaremos.
A senhora foi andando,
Encontrou uma mulher
(*Pilatrona* [1] se chamava)
E *le prèguntou*:
—Vistes por aí meu filho?
—Vosso filho aí vai,
Cercadinho de inimigos,
E *le* vão chamando:
Gali*léu*, Gali*léu*,
Sapateado malvado!
E eu a êle me cheguei
C'o esta toalha o alimpei [2].
—Bendita sejais, mulher,
Que três nobrezas tendes,
Bendita sejais, mulher,
Que tam amora*ble* és!
A Senhora foi andando
Até *ó* Monte Calvário;
Quando lá chegou,
Já viu o Senhor crucificado:
—Ó meu filho tam amado,
Ó meu filho tam querido,
Pelo leite que mamastes,
E o *sáingue* que derramastes...
—Não importa, minha mãe,
Tudo tinha de passar,
A *pequeninhos* e grandes,

[1] Deve estar por *pelitrona*, rôta, mal arranjada.
[2] «Era a *Madanela* que falava e estendia a toalha à Senhora».

A todos hei-de salvar;
Venha cá, minha mãe,
Que quero fazer testamento
Dos meus *alqueridos* [1] bens:
A S. Miguel o Anjo deixo as balanças
P'ra pesar as almas p'r'à bem-aventurança;
A S. Pedro deixo as chaves
P'ra abrir as portas do céu a quem o merecer;
E a vós, Minha Mãe Santíssima,
Deixo-vos essa santa oração;
Quem se *quijer* aproveitar dela
Tirará quatro *aurmas* do fogo purgatório:
A primeira será a sua,
A segunda de seu pai,
A terceira de sua mãe,
A quarta por quem mais bem *quijer*
Ou no coração trouxer.
Quem esta oração disser
Um ano continuamente,
É tam certo salvar-se
E ir p'r'ó céu *in*ternamente [2];
Quem *na* sabe, não *na* diz [3],
Quem *na* ouve, não *na* aprende,
Lá no dia do Juizo verá como se arrepende.

d) Pus-me a pé de madrugada [4],
Fui varrer a Conceição;
Encontrei Nossa Senhora
Com um ramo de oiro na mão;
Eu pedi-*le* um bocadinho,
Ela me disse que não;
Eu tornei-*lo* a pedir,
Ela deu-me seu cordão,
Que me dava nove [5] voltas
Derredor do coração,
Que me dava outras nove
Da cabeça até ao chão.
Ó meu padre S. Francisco [6],
Ó meu padre S. João,
Aceitai-me êste cordão,
Que me deu Nossa Senhora
Sexta-feira da paixão,
Sábado da Aleluia,
Domingo da *'Surreição*,
Que me deu o seu lencinho,
Bordado por sua mão;
Numa ponta tem Sant'Ana [7],
Noutra tem S. João;
No meio tem o retrato
Da Virgem da Conceição.
Amêm. *Kirie leison!*

e) **Confissão da Senhora**

A *Virge* se confessou
Numa *minhão* ao domingo;
Não era por ter pecados,
Nem *pe-los* ter cometido,
Nem era por dar honras
Ao seu *ingénito* filho;
O padre se assentou

[1] Adquiridos.
[2] Eternamente. Cfr. *incelente* por excelente. V. *Ens. Ethnogr.*, t. III, pág. 208.
[3] O sentido é: Quem a sabe e não a diz...
[4] Cfr. *Folclóre da Figueira da Foz*, t. I, pág. 209.
[5] Variante: *Sete* voltas...
[6] Variante: Ó meu padre S. Dinis!
[7] Variante: Duma banda tem S. Bento. As bandas pertencem ao cordão.

E a *Virge* se ajoelhou;
O que a *Virge* trazia no seu ventre
Tôda a terra alumiou,
E o padre seu sentido duvidou.
— Não vos admireis, padre,
Que nós *semos* todos do mistério
Da Santíssima Trindade;
O primeiro que eu amei
Foi a Deus, Nosso Senhor;
Aqui o trago em meu ventre
Criado a meu favor;
O segundo que eu roguei
Foi a vossos pais mais que a vós;
Eu não sei se pecaria
Em rogar a Deus por vós;
O terceiro que eu matei
Foi um *adragão* infernal,
P'ra conseguir o meu menino
Sem pecado original.
— *Alevanta-te*, pomba branca,
Olhos do Cristianismo,
Espôsa do Espírito Santo,
E mãe do Verbo divino.
— Fica-te daí, padre,
Que eu vou p'ra Belêm,
Que é nascido o meu menino,
P'ra *im*paro de todo o bem.

f) — Mulher cheia *de prisada* [1],
Mulher cheia de *tristura*,
Que vos cai, *pela vintura;*
É um *home* que vi *lovar*
Pela rua da amargura;
Êsse *home* era *Jasus*,
E *Jasus lovava* a cruz;
A cruz era tam pesada,
Que nem sete a *lovavo*;
E cada passada que dava
Ajoelhava ao chão, dizendo:
— *Ássim, àssim*,
Senhor meu, e Senhor *mim*,
Senhor, lembrai-vos de mim;
Sou aquela *Madanela*
Que sempre vos ofendi;
No alto cruelmente,
Nũa cruz tam diligente;
Se me chegará a paixão,
Meus cabelos tirarão
Por *donde* me arrastarão,
Por caminhos e por aldeias;
De *scandeloso* e candeias
E companhia
Enquanto não vem o dia.

(Areias)

g) Avé, Maria, de grande valor,
Rainha dos Anjos,
Do céu *resplandor*;
Muitas maravilhas
Àquele Senhor;
Orações divinas
À Virgem Maria;
A Virgem Maria,
Deus a escolheu;
P'ra ser mãe sua,
Pois ela nasceu;
Dela nasceu
O nosso bom *Jasus*,
Salvador do mundo,
Espelho de luz;
Espelho de luz,
Já nos Deus salvou;
E nós tam ingratos,
Sempre a pecar...
Que contas havemos de dar
Àquele divino Senhor,
Que nos há-de julgar,
Nos julgará bem?
Pedimos a Deus pelo reino do céu
P'ra sempre. Amém.

(Areias)

h) **Doze excelências que deu o Senhor à Senhora da Graça** [2]

Ũa Avé-Maria,
Cheia de graça;
Cheia de graça,
Ó de graça cheia!
Quando o mar abranda,
O sol *alumeia*;

[1] Desprezada?
[2] Cantam-na as romeiras, primeiro uma vez; a seguir começam: *Duas excelências*, etc. e cantam-na duas vezes; depois: *Três excelências*, etc., três vêzes, e assim por deante até doze. É pecado começar a oração, não acabando.

Se êle *alumeia*,
Deixá-lo alumiar;
Nasce na serra
Põe-se no mar;
Se êle se põe,
Deixá-lo lá pôr;
São as cinco chagas
De Nosso Senhor.

Doze excelências da Senhora do Rosário

Ũa excelência, que deu a Senhora,
À Virgem do *Rosairo;*
Filho do vosso ventre,
Se fez um *saclairo;*
Saclairo aberto,
Vai o Senhor fora;
Visitar *ũa* alma
Que vai para a glória,
P'r'ó céu, triunfar,
Dar as boas contas
Do bem e do mal.

(Areias)

10. Romance de Santa Catarina de Siene [1]

Santa Catarina do *Sena*
Era filha dum rei moiro;
Ela matou a seu pai,
Ela com uma 'spada de oiro;
Seu pai era um turco,
Sua mãe arrenegada;
A tôdas as horas do dia,
Muito castigo *le* dava,
Com *ũas* cordas grossas
E outras mais delgadas,
A ver se Catarina *'scramentava;*
Catarina o que dizia:
—Com *Jasus* era casada.
—Anda cá, ó Catarina,
Anda, *Jasus* que te chama;
Anda contar teus contos
Da tua vida passada;
— Os meus contos são bem poucos,
A minha vida é bem larga;
Desceu um anjo à terra,
S. Gabriel se chamava.
Ó que bodas *hão* no céu,
Ó que bodas haveria!
Que se vai *arreceber*
A ditosa Catarina.
O Senhor por espôso,
A Senhora por madrinha.

(Areias)

11. Oração de S. Francisco

Meu terceiro S. Francisco,
Confessor foste de Cristo,
Pelo livrinho que abristes,
Pelo cordão que cingistes...
Que linda Senhora vós vistes!
Seu amado lhe preguntou
Se por aquela rua passou,
Cheio de *bagadas*,
E feridas no seu coração.

Quem esta oração disser
Sete anos continuados,
Sexta-feira da paixão,
Terá cem mil anos de perdão
Para a sua salvação.

---

[1] De Siene naturalmente. Pelo contexto da oração parece tratar-se de Santa Catarina de Alexandria e não da mística religiosa italiana. V. *Les Nouvelles Fleurs des Vies des Saints* par un Solitaire, Lyon, MDCCLX. Tome Second, pág. 391.

—O *Responso de Santa Helena*, publicado a pág. 208 dos *Ens. Ethnogr.*, começa:

Santa Helena
Rainha de Sena,
Moira fostes,
. . . .

V. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 290 e seg.—*Santa Catarina* e Leite de Vasconcelos, *Romanceiro Port.*, pág. 48.

X

Orações irónicas

I

Os Sacramentos

a) O primeiro é baptismo,
Onde foste baptizado?
Que saiste tam perfeito
Dessa água sagrada.

O segundo é confirmação,
Olha o que vais confirmar!
Dos pés do confessor
Ao inferno vais parar.

O terceiro é comunhão,
Olha o que vais comungar!
Uma hóstia consagrada,
Um corpo particular.

O quarto é penitência,
Que penitência tens feito?
Ainda não fiz só uma
Que a Deus guardasse respeito.

O quinto é *'stremunção*,
'stremece o sangue nas veias;
'stremece a alma no corpo,
Se Deus a falseia.

O sexto é *orde*,
Sacerdote à bela palma;
Arranjais por vossa mão
Perdição da vossa alma.

O sétimo é matrimónio,
Matrimónio da memória;
Fazei-nos filhos de Deus
E herdeiros da glória [1].

b) O primeiro é baptismo,
Creio que és baptizada;
Se assim fôr, quero que sejas
Para sempre minha amada.

O segundo é confirmação,
Confirma, amor, a verdade;
Também quero que me digas
Se me tu tens amizade.

O terceiro é comungar
Pela Páscoa da *'Surreição;*
Também quero que me digas
Se me tu queres bem *ó* não.

O quarto é penitência,
Eu *algũa* tenho feito;
Tenho cometido mil faltas
Só para te andar *ó* geito.

O quinto é *'stremunção*,
É um sacramento forte,
Que se dá *ó penetente*
Na hora da sua morte.

O sexto são *ordes*,
Que tu tens p'ra me prender;
Na cadeia dos teus braços
Não se me dá de morrer...

O sétimo é matrimónio
. . . .

---

[1] Nestes sacramentos observa-se uma certa compostura, não cabendo, portanto, sob o título — *Orações irónicas* — mas coloco-os aqui para serem confrontados com os seguintes.

Por aquilo que vai lêr-se concluir-se há o seguinte: Algumas orações eram próprias para rezas; a essas opôs o povo canções burlescas; e finalmente misturam-se por vêzes as orações com as paródias, sendo já difícil separá-las.

Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVIII, pág. 282.

2

Os Mandamentos da Santa Madre Igreja

O primeiro é ouvir missa,
Eu nunca fiquei sem ela;
Só daquela vez, menina,
Que eu 'stive à tua janela.

O segundo é confessar,
Eu sempre me confessei;
Só não disse ao confessor
O que contigo passei.

O terceiro é comungar
Pela Páscoa da '*Surreição* ...
Menina, busca a Igreja,
Se não corres '*scomunhão*.

O quarto é *jejũar*,
Bem *jejũa* quem mal come ...
Os beijos *dũa* menina
São *nos* sustentos dum *home*.

O quinto é pagar dízimos,
Eu nunca os fiquei devendo;
Só o ano que acabou
E êste que vai correndo.

3

Mandamentos do Padre

Primeiro, amar a Deus por dinheiro;
Segundo, enganar todo o mundo;
Terceiro, comer boa vaca e *bô* carneiro;
Quarto, *jejũar* depois de farto;
Quinto *bober* vinho branco e que não *le faurte co tinto* [1];
Sexto, que, se assim fôr, tudo *le* corre *d'reito;*
Sétimo, nunca *l'*aconteça comer nabos sem cabeça [2];
Oitavo, comer bacalhau sem 'spinha nem rabo [3];
Nono, dormir quando tem sono;
Décimo . . . .

Êstes dez mandamentos se encerram em nós:
Tudo p'ra mim e nada p'ra vós [4].

4

Os cinco sentidos

a) Amar e saber amar,
Amar e saber a quem;
Eu amo ao meu amor,
Não amo a mais ninguêm.

Amar e saber amar
São pontinhos delicados;
Estes meus cinco sentidos
Em ti andam empregados.

---

[1] *Não faltar com cousa nenhuma a alguêm* é dar-lhe tudo quanto precisa.
[2] *Nabos sem cabeça* são as nabiças.
[3] *Bacalhau sem espinha nem rabo*, isto é, do melhor.
[4] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, t. IV, pág. 182, e *Rev. Lusit.*, vol. XVIII, pág. 284.

O primeiro diz que é ver
As culpas que cometemos;
Confessá-las e dizê-las
Ao confessor que escolhemos.

O segundo é ouvir,
E eu que gosto de *'scuitar*
Tua conversa, menina,
Que é capaz de me encantar [1].

O terceiro é cheirar
Falsos gostos desta vida;
Cega e eterna glória
Já ta Deus tem prometida [2].

O quarto é gostar
Do Divino Sacramento;
Recebê-lo em graça
Dá paz e acatamento.

O quinto é *apalpar*
O corpo à abstinência;
Abrangê-lo com cilicios
E sofrê-los com *pacência* [3].

b) O primeiro diz que é ver,
Só em te ver me alegro;
São os cinco sentidos
Que eu na menina emprego.

O segundo é ouvir missa,
Pois eu nunca fiquei sem ela;
Sòmentes aquela vez
Que eu 'stive à tua *jinela*.

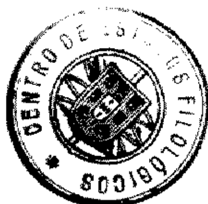
O terceiro é cheirar
O raminho de alecrim;
As falas que dás a outro
São facadas para mim.

O quarto é gostar,
Bem desgostoso fico;
Desculpe-me, menina,
De quanto *le* tenho dito.

O quinto é apalpar,
Não apalpo, mas passeio;
Diga-me, menina,
Se vive com *arreceio*.

(Continua)

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.



[1] Variante:

. . . .
A missa com atenção . . .
Estar atento a ela
Fugir à murmuração.

[2] Variante:

Consid'rar na eterna glória
Que p'r'ós bons 'stá prometida.

[3] Variante:

O quinto é apalpar
O corpo com *penetência*,
Cheio de cilicios,
E sofrer com paciência.

DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DE NEGAPATÃO

O Sr. Dr. Hugo Schuchardt, fundado em princípios étnicos, divide o ásio-português, ou os dialectos portugueses da Ásia, em quatro grupos: gauro-português, drávido-português, malaio-português e chino-português [1]. Os dois primeiros grupos são mais conhecidos sob a denominação geral de «indo-português».

A contraposição dos termos «gaura» (própriamente *gauda)* e «drávida» *(dravida)* é antiqùíssima na Índia com relação a classes dos brâmanes, que se distinguem em *pancha-gauda* e *pancha-dravida*, ou cinco ramos setentrionais e cinco ramos meridionais. A base da distinção é inteiramente geográfica; é por isso que o grupo meridional abrange duas regiões áricas — Maharaxtra e Gurjara ou Guzarate, e três turânicas — Telinga, Drávida (país tamúlico) e Karnataka ou Canará.

Os termos «gáurios» e «dravídicos» são modernamente empregados pelos europeus, assim para designar a diferença de raças, como para marcar a classificação lingùística. As línguas gáurias ou neo-áricas são flexivas e pertencem à família indo-europeia; as dravídicas, pelo contrário, são aglutinativas e fazem parte da família turânica. Foi o professor Hoernle o primeiro que empregou a palavra «gaurian» para denotar o conjunto dos idiomas áricos actualmente falados na Índia.

Com respeito aos dialectos portugueses da Índia, a sua distinção em gáurios e dravídicos teria muito cabimento se, alêm da notável influência lexical e até gramatical do idioma indígena a que cada qual se sobrepõe, houvesse traços específicos de cada grupo, proveniente da respectiva família lingùística. Mas a míngua de textos numerosos e variados de diversos crioulos, especialmente da zona dravídica, não permite enunciar juízo seguro.

A julgar, porêm, pelos espécimes até hoje publicados, parece que a feição característica consiste principalmente em os crioulos gáurios, tais como os de Mangalor, Goa, Bombaim (com Taná, Baçaim, etc.), Damão e Dio, eliminarem, em grande escala e por influência das respectivas línguas vernáculas, vogais e até sílabas finais de vocábulos portugueses: o que se não dá, na mesma proporção, com os dravídicos, como os de Cochim e

---

[1] *Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch*, V.

de Mahé. O crioulo de Ceilão tem de entrar neste último agrupamento, pôsto que agora seja geralmente aceita a opinião de que o singalês, idioma indígena da ilha, procede do tronco árico.

Cumpre também ter em conta que, assim como os portugueses tinham no Oriente considerável vocabulário comum de palavras peregrinas, que levavam consigo para onde quer que fôssem, do mesmo modo os dialectos que êles ocasionaram, se bem que geogràficamente muito afastados, nos apresentam numerosas analogias, quer lexicológicas, quer gramaticais. Tais similaridades não se podem justificar, na sua totalidade, pela identidade de processos evolutivos, determinados pelas mesmas leis psicológicas e fisiológicas, nem pela afinidade das línguas do solo onde germinaram. É necessário, além disso, admitir freqùente contacto dum com outros e recíproca transfusão parcial, proveniente da constante migração da grande parte dos indivíduos que os falavam.

Com o conhecimento que eu tinha adquirido do crioulo de Ceilão, em que, além de conversar, prègava e confessava, quando lá estive na qualidade de superior da missão, podia comunicar-me sem nenhuma dificuldade em Calcutá com as poucas pessoas, de ordinário mulheres velhas, que ainda preferiam praticar no dialecto português local. Tinha sómente de evitar dições singalesas e dravídicas, não generalizadas [1].

*

* *

O referido dialectologista, que já publicou trabalhos acêrca dos crioulos de Dio, Mangalor, Cochim e Mahé, observa que lhe não foi possível alcançar nenhumas amostras dos crioulos da costa de Choramândel [2]. O motivo é que êsses crioulos, que outrora eram em avultado número, falados em Meliapor, Madrasta, Cudalor, Pondicheri, Carical, Tranquebar, Negapatão, estão agora muito reduzidos por diversas causas, e quási a ponto de

[1] Seria sem dúvida de grande valor dialectológico o estudo comparado do vocabulário e da gramática, se não de todos os nossos crioulos, pelo menos dos ásio-portugueses, para o qual há já bastantes elementos. As referências ocasionais, feitas em trabalhos singulares, não são suficientes.

[2] Os nossos indianistas dos séculos XVI e XVII ortografaram *Choromandal*, *Choramandel*, *Charamandel*, em harmonia com o tamul *Choramándala*, «país dos Choras», título dos antigos reis de Tanjor, na mesma costa. Os estrangeiros (holandeses e ingleses) corromperam o nome em *Coromandel*, por entenderem mal o valor fonético do nosso *Cho* palatal. Vid. Yule & Burnell, *Hobson-Jobson*.

desaparecer. Cumpre, portanto, salvar já o que se pode, antes da sua completa extinção. Fora do domínio português, sómente os dialectos *norteiro* [1] e ceilonense possuem poderosos elementos de vitalidade e de duração.

Também eu, depois de muitas diligências, só pude alcançar, por favor dum amigo [2], duas poesias para canto, que lhe recitou um cristão da missão portuguesa de Negapatão, situada na referida costa ao sul de Madrasta e pertencente à área lingüística do tamul. Os textos, alêm de serem muito limitados, não tem grande valor para o estudo do genuíno crioulo actual, se é que na realidade existe; porque as cantigas são migratórias, tem formas em parte cristalizadas e representam a linguagem esmerada. Demais, o canto demanda vogais de encôsto e ocasiona o deslocamento do acento tónico [3].

*

* *

Em 1883 escreveu um missionário estrangeiro ao Sr. Schuchardt que havia em Negapatão umas vinte famílias que falavam indo-português, mas não lhe enviou nenhuma amostra dessa fala. Os indivíduos que praticam em crioulo tem a consciência de que a sua língua está corrupta, e não a querem expor ao ludíbrio dos estranhos. Donde provêm a dificuldade de colhêr espécimes dos crioulos exclusivamente coloquiais.

Se a informação foi exacta, deve-se concluir que o número das famílias está ao presente muito reduzido, e estas são bastante esquivas, visto que o meu solícito correspondente, que esteve algum tempo como missionário na localidade, não pôde coligir mais textos [4].

---

[1] Na Índia Portuguesa por *Norte* se entende a região que fica ao norte de Goa, e por *norteiro*, o habitante cristão das Praças do Norte e o seu crioulo português, Vid. *Dialecto Indo-português do Norte*, publicado por mim na *Revista Lusitana*, vol. IX. fasc. 1 e 2.

[2] Padre Ludovico da Caridade Ferrão, a quem consigno aqui o meu entranhado reconhecimento.

[3] É costume, muito generalizado, na Índia cantar poesias dêste género, às vezes estropeadas com o andar do tempo, em ocasiões festivas nas famílias que se gloriam de descender de portugueses. Mas tais famílias nem sempre falam português em casa, por o terem substituido pela língua vernácula ou pela inglesa.

[4] Eis a lista que se me enviou dos cristãos (da missão portuguesa e da estrangeira, que lhe foi agregada pela última concordata) que sabem o indo-português: Mrs. C. Ferreira, Mrs. J. Ferdinand, Mrs. Bronkhurst, Mrs. & Mr. Rosário, Mrs. & Mr. Narcis, Mrs. Cooper, Mrs. & Mr. Vandersveen, Mr. S. Johnson. Vê-se daqui que os descendentes de holandeses e ingleses também falam, como em Ceilão e outras partes, o crioulo português.

Foi em 1905 que recebi estas poesias, mas não tratei de as dar logo à estampa, pois quis ver se conseguia mais materiais da mesma procedência. E de facto, por diligência do referido amigo, chegou-me em 1907 um pequeno espécime em prosa, em que se tenta, com pouco êxito, retratar a linguagem coloquial; e dois anos depois fui favorecido com certos esclarecimentos, que se me afiguravam indispensáveis para se formar um conceito mais preciso do dialecto.

Não nutrindo agora esperanças de obter outros textos, julgo que não devo retardar mais a publicação dos que possuo, para que se não percam. Não posso, por êste motivo, dar ao presente trabalho o mesmo desenvolvimento dialeclológico que dei aos outros concernentes aos dialectos de Ceilão, Goa, Damão e Bombaim.

Negapatão — *Naga-ppattanam* em tamul, provávelmente *Nígama Metrópolis* de Ptolomeu — é um pôrto de mar, situado no distrito de Tanjor, cuja população orça por 60:000, sendo 5:000 católicos. Nos séculos XVI e XVII era um grande empório de comércio e núcleo de intensa actividade de evangelização. Foi um dos nossos mais antigos estabelecimentos na costa oriental, onde residia uma numerosa e florescente colónia portuguesa, que por vezes defrontava com as arremetidas dos maometanos, com as invasões dos *naiques* ou régulos vizinhos, e com as incursões dos ferozes *badagas* de Telinga. Foi ocupada em 1660 pelos holandeses, que ali estabeleceram a sua principal feitoria do comércio dessa região da peninsula [1].

Mas agora tem bastante decaído da sua antiga importância, como tem acontecido a tantos outros portos e cidades da Índia.

Era, por tanto, natural que os descendentes de portugueses por via de mulheres da localidade, e até muitos indígenas por necessidade de convívio, falassem, à semelhança doutros centros populosos, um português corruto e simplificado ou crioulizado, que, por evolução espontânea e por influência do meio e dos crioulos congéneres, se iria distanciando da lingua-mãe. [2]

---

[1] «Do Jafanapatam escreveo [em 1619] aos Eleytos de Negapatão (assim se governava então aquele povo Portuguez, que depois veyo a ter o titulo de Cidade, e governo posto por El Rey)». Padre Fernão de Queiroz (1687), *Conquista de Ceylão*, p. 512.

[2] Observei em Calcutá, quando era vigário geral da missão portuguesa de Bengala, que os dois ou três portuguêses europeus, ali estabelecidos e casados com mestiças, estavam quási esquecidos da sua lingua e falavam em família o crioulo local. Tenho pena de não ter colhido apontamentos dêsse dialecto; mas não dava então muito valor a semelhantes assuntos, pôsto que me servisse dêle (e do de Ceilão) em conversa com as poucas pessoas que o falavam. Agora, porêm, o seu número deve estar muito reduzido.

Os descendentes de portugueses (e posteriormente de outros europeus), verdadeiros ou supostos, que trajavam à europeia, praticavam em ásio-português, professavam a religião católica e se empregavam como intérpretes e soldados, eram geralmente conhecidos na zona dravídica pelo nome de *topazes*, tamul *tuppási*, do sânscrito *dvibhâxya*, «aquele que fala duas línguas», isto é, no caso presente, portuguesa e vernácula.

É óbvio, por conseguinte, que as ocupações predilectas de tal gente lhe não permitiriam fixar-se para sempre no solo do seu berço e manter a sua tal ou qual independência étnica, mas os vaivêns da fortuna de cidades e reinos a traria dispersa e migratória. Acresce que a classe ilustrada ou um grupo módico e isolado substitui, como língua de casa, a portuguesa pela inglesa, à vista das vantagens que daí lhe resultam, e no decurso do tempo não se recorda ou não quere recordar-se da sua origem portuguesa, e passa por *eurasian* ou eurasiático.

Ficam assim expendidas as razões por que o ásio-português, fora dos domínios actuais de Portugal, está extinto ou a extinguir-se em várias partes, onde era antes tão florescente, e a crivar-se de palavras inglesas.

Efeitos de vicissitudes políticas! Outrora o português era a língua franca do Oriente, particularmente da Índia, onde os europeus de nacionalidades diferentes — missionários, comerciantes e viajantes — o tinham de aprender e de se servir dêle a fim de se comunicarem entre si e com os naturais. Agora, os que o falavam como língua materna procuram olvidá-lo, e pretendem encobrir a sua procedência estropeando os seus apelidos, sendo *Correia Curry, Couto Cout* (pron. *Caut), Gomes Gomesse*, *Soares Swaries*, *Pires Pieris.*

Cantigas

I

Crioulo	Português
Sinhorá Saôdi!	Senhora de Saúde
Né áltu cheralá,	(Que estais) na alta charola,
Avarí d'ós braçu;	Abri o braço de vós;
Par mi dá ung esmolá.	Dai-me uma esmola.
Sinhorá Saôdi!	Senhora de Saúde!
Sinhorá Vellengani! [1]	Senhora de Valangani!
Sinhorá Saôdi!	Senhora de Saúde!
Mostrá bós milágri.	Mostrai vosso milagre.

[1] Em Velangani — missão pertencente ao bispado de S. Tomé de Meliapor — há um santuário de muita devoção e popularidade, dedicado a Nossa Senhora de Saúde, a quem se atribuem freqüentes milagres e se fazem numerosos votos, como a Nossa

Sinhor de Restádu!
Né áltu palácia;
Cantigas ló cantá eu
Ne você's presência

Senhor Ressuscitado
(Que estais) no alto palácio;
Eu cantarei cantigas
Na presência de você (vossa).

II

Adivaita [1] *ôgu,*
Metádi metádi;
Gralhá cându té bòcá [2],
Ló contá verdádi.

Dividi o ôvo
Em metades;
A gralha, quando abrir a bôca,
Contará a verdade.

Alá té vi barcú,
Alançá balançá; [3]
Dentrú aquíli barcú
Té minha princesa.

Lá vem um barco,
A balouçar e balançar;
Dentro daquele barco
Está a minha princesa.

Anela de ourú
Núcu cavá [4] *dedú;*
Ló mandá um anela eu
De minha cavelhú.

O anel de ouro
Nunca acaba o dedo;
Eu hei de mandar um anel
Do meu cabelo.

Casa sobredádi,
Janelá de vidrú;
Minha pomba branca
Já perdê maridú [5].

Casa sobradada
(Com) janelas de vidro;
A minha pomba branca
Perdeu o marido.

Senhora de Lourders. Duante a novena e a festa, especialmente, concorrem milhares de fieis de diversas regiões e fazem grandes oblatas, que montam a alguns cotnos.

[1] Do tamul *arigirathu*, «cortar, amputar; partir, dividir».

[2] Conjectura-se, naturalmente, que o sentido do verbo *bocá* é «abrir a bôca para falar, falar»; mas não é fácil saber donde provêm a palavra. Se do «bôca», seria um derivado singular. Nos dialectos do Damão e de Dio *bolhó* quere dizer «beijo». O Dr. Schuchardt dá também *boccó* com o mesmo significado.

[3] *Alançá* é o mesmo que *balançá*, com a supressão da consoante inicial, à imitação dos idiomas indianos; e ambas as formas representam os dois movimentos laterais do barco.

[4] «Come, corrói». Não parece ser o verbo *cavar*, cujo sentido é expresso do dialecto de Ceilão por *gavertá*, no de Macau por *gavartá*, no malaio por *gaburtá* e no norteiro por *garvtiá* = esgravatar. *Cabá* = acabar é geral.

[5] Variante do dialecto de Mangalor:

Ai casa sobirana, Margarita,
Janela de vidro;
Ai minho pombo branco, Margarita,
Já nu tem marido.

Variante do dialecto norteiro:

Casa sobreda, Raminho,
Janela de vidro, Raminho;
Minha pominha branca, Raminho,
Já perdeu amigo, Raminho.

Variante do dialecto de Damão:

Caz sobradad,
Janel de vidr;
Minh pomb branc, Surumbá,
Ficou sem marid.

Já sai lumarú	Já saíu (apareceu) a lua
Frónti de meu rostú;	Defronte do meu rosto;
Isti bós amôrú	Êsse vosso amor
Já dá um desgôstú.	Já deu um desgôsto.
Ondêas de mar,	Ondas de mar,
Ondêas areadú;	Ondas areadas (espraiadas?);
Levá minha irmã	Levai minha irmã
Com grândi cuidadú.	Com grande cuidado.
Unanga, dossú, tressú,	Um, dois, três,
Catrú, cincú, sessú;	Quatro, cinco, seis;
Ninas de Pucheri,	Meninas de Pondicheri,
Bisti cê vata [1] *messu.*	Vesti (calçai) as vossas meias de algodão (?).

Prosa

Qui lei [2] *tem saude?* — De que laia (como) é a saúde?

Minha nómi tem Narcis. — O meu nome é Narciso.

Ê devi nascê [3] *esta terra.* — Eu devia de nascer (nasci) nesta terra.

Minha pai e mãe morreu. — Meu pai e minha mãe morreram.

Eu tenho muito coitado. — Eu sou muito pobre.

Para mim mais ninguêm nu tem que suster (?). — Eu não tenho mais ninguêm que me sustenha.

Senhor mast [4] *prendê esta pobre* [5] *carta, and* [6] *Senhor mast fazer qui-ser* [7] *por mim.* — O Senhor deve aprender (ler com atenção) esta pobre carta, e o Senhor deve fazer o que fôr (*quidquid sit*) por mim.

Para mim tem muier com 3 crivanças. — Eu tenho mulher com (e) três crianças.

Senhor mast oiar Deus rost [8] *and mast fazer qui-ser por mim.* — O Senhor deve olhar para o rosto de Deus, e deve fazer ò que fôr por mim.

---

[1] Presumo que é o mesmo que o tamul *vattam*, que quere dizer «pano, tecido». Parece que se alude à ôca ostentação das raparigas da colónia francesa.

[2] Esta frase, mais ou menos modificada fonéticamente, voga em toda a área do ásio-português no sentido de «como». *Laia-laia* ou *lai-lai* quere dizer «vário, diverso», ou «assim e assim, sofrìvelmente».

[3] Parece ter ressaibos da frase inglesa — *I should have born.*

[4] Ingles *must*, «deve»; pron. *mast.*

[5] Esta carta dum pobre.

[6] Inglês *and*, «e».

[7] É possível que represente a locução inglêsa — *whatever be.*

[8] É reflexo do idiotismo indígena. *Olhar para a face de Deus* é «ter a Deus em vista».

Eu tem serviço sem tem. — Eu estou sem ter serviço (sem emprêgo).

Para mim ninguêm nu tem um bocá arroz pô dar. — Eu não tenho ninguêm para me dar (que me dê) um bocado de arroz.

*

* *

Observações gramaticais

Dos espécimes acima reproduzidos se vê que o crioulo da costa de Choramândel não difere notávelmente dos outros ramos do indo-português. Apresenta, porêm, mais pontos de contacto com o crioulo de Ceilão, seu vizinho.

I. — Quanto à fonologia, cumpre notar em particular o seguinte:

Atenuação de *a* átono em *e*: *cherala* = charola; *sobredádi* = sobradado. Dial. ceil. *sobredade*, *soberdade*. Talvez por influência da preposição *sôbre*. Tambêm *né* = na, *lei* = laia. — De *a* em *u*: *núcu* = nunca. — De *e* tónico em *i*: *isti* = êste, *aquili* = aquele; de *e* átono: *bisti* = vestir; *sinhor*, *sinhora* = senhor, senhora. *I* por *e* final surdo é comum a todos os crioulos que o não eliminam: *frónti*, *grándi*, *verdádi*. O mesmo se deve entender do *o* final: *bárcu*, *dêntru*, *vidru*, *marídu*.

Mudança de *o* tónico em *a*: *cherala* = charola, por influência das liquidas; de *o* final, provávelmente por causa da rima: *palácia* = palácio. — De *u* tónico em *o*: *saôdi* = saúde. Dial. ceil. *saôde*; *savôdi*, forma moderna.

Simplificação dos ditongos — tendência comum: *sêssu* = seis, *mêssu* = meias; *dôssu* = dous, dois; *cátru*, *cându*. *Dós*: dial. ceil. e nort. *Catro*, *cando* são populares no continente.

Desnasalização: *té* = tem, *núcu* = nunca, Dial. ceil. e coch. *nuca*; dial dam. e nort. *nuc*. *Nu* = não.

Nasalização medial: *lumáru* = luar, significando tambêm «lua». Dial. ceil. *lumar*, *lumara*; tambêm *luma*. Port. arcaico *lũa*, do lat. *luna*; assim como o lat. *una* deu *ũa* (ou *hũa*) e depois «uma».

Guturalização de nasal pura, como no dial. macaista: *ung* = um, *unanga*, por *unga*.

Palatização de *l* postónico: *cavêlhu* = cabelo. Dial. ceil. *cabelho*, *cavelho*; dial. nort. *cavelho*.

Despalatização: *oiar* = olhar, *muier* = mulher. *Lh* é o fonema da mais difícil prolação nos crioulos.

Troca de consoantes. De *b* e *v* é comum nos crioulos, como no norte de Portugal: *bós* = vós, *bistí* = vesti; *avarí* = abri, *cavêlhu* = cabelo. *G* por *v* medial: *ôgu* = ôvo. Dial. ceil. *ogo; nogo* = novo [1].

Supressão de fonemas:

Aférese: *prendê* = aprender, *cavá* = acabar (comuns); *ós* = vós (por assimilação) [2]; *ninas* = meninas; *cê* = você, como no dial. norteiro.

Síncope: *restádu* = ressuscitado, *Pucherí* = Pondicheri.

Apócope: de *r* final nos verbos — fenómeno comum: *mandá* = mandar, *perdê* = perder, *nascê* = nascer (mas *dar*, *fazer)*, *vi* = vir; *pô* = por; *par* = para (comum); *rost* = rosto; *Narcis* = Narciso; *d'ós* = de vós, como nos dial. nort. e dam. Em *ló* = logo, partícula do futuro em muitos crioulos, em *bocá* = bocado e em *devi* = devia, cai a sílaba inteira.

Acrescentamento de fonemas:

Prótese: *ala* = lá. Dial. ceil., nort. e caboverd. — Port. arcaico.

Epêntese: *ondéas* = ondas, *avarí* = abri, *unanga*, por *unga* = uma; *presência* = presença, como em Ceilão; *crivanças (= criwanças)* = crianças, para se desfazer o hiato, que as línguas vernáculas não toleram.

Paragoge: *anela* = anel — fenómeno geral. *Lumáru* = luar; *amôru* amor, por ênfase na rima. *Dôssu, trêssu, sêssu* = dous, três, seis.

Deslocação de acento tónico: para a última sílaba, talvez sòmente no canto: *sinhorá, cheralá, vidrú, dedú*. Parece que o que se nota no original como acento é antes o alongamento do fonema final. *Sinhorá* há também no dial. dam. Em *ondéas* desloca-se o acento, mas com mais uma sílaba.

II. — Quanto à morfologia, dão-se os mesmos fenómenos que notamos nos outros crioulos indianos. Assim, o tempo presente do indicativo forma-se perifrásticamente com *té*: *té vi* = vem; o pretérito perfeito, com *já*: *já dá* = *deu*, *já perdê* = perdeu, *já sai* = saíu; o futuro, com *ló*: *ló cantá* = cantarei, *ló contá* = contará. O verbo *ter* emprega-se no infinito na sua forma do presente, *tem*. *Minha* por «meu»: *minha pai* = meu pai, *minha nómi* = meu nome, *minha cavêlhu* = meu cabelo. Não ocorre o artigo

[1] «Em *lougor* de S. Gonçalo. Em *lougor* de S. Salvador». J. Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, pág. 154.

[2] Dial. nort., dam., dio. *V* equivale a *w* em todos os crioulos indianos.

definido, pouquíssimo usado nos outros crioulos: *nicu cavá dêdu* = não corrói o dedo; *gralhá cându té bocá* = quando a gralha falar; *minha nómi* = o meu nome.

O plural forma-se normalmente: *cantigas, ninas, ondéas*. Mas, *metádi metádi* = metades. Talvez caso excepcional de plural por reduplicação: fenómeno vulgar nos dial. norteiro e malaios.

III.—Com respeito à sintaxe, há pouco que notar:

Ocorre na poesia a colocação do pronome sujeito no fim da preposição: *cantigas ló cantá eu; ló mandá um anela eu*.

Tambêm se antepõe ao verbo o regime directo: *cantigas ló cantá* = cantarei cantigas; *serviço sem tem* = sem ter serviço; *um bocá arroz pô dar* = para dar um bocado de arroz. Igualmente, o regime indirecto pronominal, com preposição: *par mi dá* = dai-me.

Dá-se tambêm transposição do complemento possessivo: *Deus' rosto* = rosto de Deus; *d'ós bráçu* = braço de vós, vosso braço; *né você's presência* = na presença de você. O *s* neste exemplo é desinência do genetivo formal, facto que se dá em outros crioulos, especialmente no de Mangalor. «Você» é *pronomen reverentiae* em todos os ramos do indo-português.

Eliminação de preposição: *nascê esta terra* = nascer nesta terra; *um bocá arroz* = um bocado de arroz; *Sinhora Velangani* = Senhora de Velangani; *metádi metádi* = em metades ou em metade e metade.

Redundância de preposição: *Sinhor de Restádu* = Senhor Ressuscitado. Tambêm em Goa se diz: *Senhora de Sant'Ana*.

Há orações elípticas: *Sinhora Saôdi* (que estais) *né áltu cherala; Sinhor de Restádu* (que estais) *né áltu palácia*.

IV.—Com relação à sematologia: emprega-se o verbo *ter* por «ser» ou «estar», como nos outros ramos do indo-português: *Minha nome tem Narcis* = o meu nome é Narciso. *Qui lei tem saúde?* = como é ou está a saúde? *Dêntru aquíli bárcu té minha princesa* = naquele barco está a minha princesa. *Eu tem serviço sem tem* = estou sem ter serviço.

O sentido próprio de *ter (= habere)* expressa-se antepondo o sujeito em regime indirecto (dativo), à maneira dos idiomas vernáculos e do latim com *esse: Para mim tem muier* = há mulher para mim *(est mihi mulier)*: tenho mulher. *Para mim ninguêm nu tem* = não tenho ninguêm. Idêntica construção voga em sânscrito, mas com genetivo.

Coitado quere dizer «pobre ou mendigo» em quási todos os crioulos.

Não se podem abranger o «pai e a mãe» sob a designação de *pais*, por o não permitirem os idiomas indigenas.

Figuram duas negativas numa mesma oração antepostas ao verbo: *Para mim ninguêm nu tem* = eu não tenho ninguêm.

V. — Pelo que toca à lexicologia, é muito natural que se tenham infiltrado e se infiltrem, em maior ou menor escala, nos crioulos vocábulos provenientes da língua vernácula, em que estão enxertados, e da inglesa onde essa seja a oficial. É porêm notável que figure na amostra o inglês *and* pela conjunção «e» e *must* pelo verbo «deve».

*

* *

O genetivo formal ou orgânico (-'*s*), que figura em alguns crioulos portugueses da Ásia, é um fenómeno de importância capital na nossa dialectologia colonial. Convêm por isso averiguar se proveio da evolução própria, se da influência das línguas indígenas ou do reflexo da inglesa.

O Sr. Schuchardt ventilou a questão com referência ao crioulo de Mangalor, propendendo pela intrusão do genetivo inglês. Versei-a eu sucintamente com relação ao dialecto de Ceilão, inclinando-me pela intervenção vernácula. Vou tentar agora esclarecer um pouco mais o assunto, tendo em vista o conjunto dos ramos de ásio-português.

Dialecto de Ceilão: *Eu* **sua** *vida* = a vida de mim (= a minha —); *vossotros* **sua** *gloriação* = a jactância de vós (= a vossa —); *êle* **sua** *falsa esperança* = a falsa esperança dêle (= a sua—). *Peter* **sua** *filho* = o filho de Pedro. *Per sua tanta* **sua** *casa* = para a casa de sua tia.— Formas modernas na poesia: **Espírito's** *Santo dom* = dom do Espirito Santo. *Com* **Jesu's** *grand dors* = com grandes dores de Jesu.

Dialecto de Singapura: *Eu* **sua** *corpo tem sujo* = o meu corpo está sujo. *Já matá eu* **sua** *cavalo* = mataram o meu cavalo.

Dialecto de Batávia e Túgu: *Nossóter* (nós outros) *nempódi sabê nós* **sua** *bida qui sê* = nós não podemos saber o que será a nossa vida. *Ilóter* (êle outro) **sua** *cabeça* = a cabeça dêle. *Sua muler* **sua** *pai* = o pai de sua mulher. *Dios* **sua** *poder* = o poder de Deus.

Dialecto do Norte: *Fula* **su** *cheio* = o cheiro da flor. *Mim pai-tiu* **su** *filh* = o filho de meu tio paterno. *Outro tod* **você's** *casa* = todos os outros da casa de você (= vossa). *Mais noss caz* **sus** *pai* = mas o pai de nossa casa (família).

Dialecto de Cochim: *Por conta de manchu* **su** *luguer* = por conta do aluguer da manchua (barco).

Dialecto de Macau: *Maria são eu* **sa** *mãe* = Maria é mãe de mim (= minha —) *Cô êl* **sa** *têrço no braço* = com o têrço (contas) dêle (= seu) no braço.

Dialecto de Negapatão: *Né* **você's** *presência* = na presença de você. *Deus rost* (provávelmente por *Deus's rost*) = o rosto de Deus.

Dialecto de Mangalor: **Riu's** *banco* = o banco (margem) do rio. **Hombre's olho's** *casco* = o casco do ôlho do homem. **Riu's** *dentro* = dentro do rio. *Com minha* **amigo's** *junt* = junto com os meus amigos. **Su's** *paixões* = as suas paixões. **Su's** *lisa superficie* = a sua superficie lisa. *Et passim* [1].

Vê-se das amostras transcritas: *a)* que o genetivo anteposto era acompanhado de *sua*, que desempenhava o papel de caso, sendo depois reduzido a *su* ou *sa*; *b)* que se empregava de preferência com *você*, que então equivalia a *vosso*, e com os pronomes de qualquer pessoa, naturalmente por terem formas diferentes para os sujeitos e para os regimes; *c)* que figura em crioulos que excluem a hipótese de influência inglesa e indígena, como o macaista e o malaio; *d)* que -*'s* aparece, alêm do crioulo de Mangalor, no de Ceilão e da cidade de Bombaim, mas só modernamente; *e)* que se usa com diversas palavras em que a gramática inglesa o não toleraria, como são os pronomes, os possessivos e as preposições; *f)* que ocorre mais freqüentemente com os vocábulos que terminam em vogal, formando sílaba admissível no português normal: *Jesu's, Espírito's, amigo's, riu's.*

Cumpre tambêm observar: *a)* que as línguas gáurias não tem própriamente genetivo desinencial, mas o pronome possessivo e o adjectivo derivado do respectivo nome, e declináveis em concordância do género, fazem as suas vezes, como em concani: *tátsó pút* (masc.) = seu filho (*ejus filius*), *tíchí dhúv* (fem.) = sua filha, *táchêm tsákar* (neut.) = a sua criada; *b)* que o tal genetivo antecede invariávelmente o nome determinado: *Rámátsó bháv* (*Rameus frater*, equivalente a *Ramae frater*) = irmão de Rama; *namhíchí tad* = margem do rio; *c)* que nas línguas dra-

[1] Nos crioulos de Damão e Dio, sujeitos à constante influência de português, não se encontram casos análogos.

vídicas sempre e nas gáurias muitas vezes o genetivo é representado pelo primeiro elemento do composto, como em tamul: *cherippu* = sapato; *cherippúsi* (*úsi* = agulha) = agulha de sapato, sovela; — em neo-árico: *ráj-pút* = filho de rei, príncipe; *d*) que em várias línguas gáurias as preposições regem a forma temática do adjectivo possessivo (ou genetivo do pronome), como em concani: *majê lágím* = perto de mim; *tujê kuxím* = ao lado de ti; *tichê kadé* = com ela; *e*) que a sintaxe dos dialectos mais crioulizados denuncia acentuada influência da sintaxe vernácula, como no de Mangalor: *Bossa perto* (= *tum'chê lágím*): perto de vós; *minha junto* (= *majê kadé*): comigo [1]; *minha trás* (= *majê páthí*): atrás de mim; *su diante* (= *táchyá mukhár*): diante dêle; *filha's perto* (= *dhuvê kadé*): com a filha; *f*) que, quanto aos crioulos de Mangalor e do Norte, o concani e o marata, línguas indígenas, respectivamente, não pronunciam a vogal final (e muitas vezes a medial) átona, do que ministram provas a cada passo os referidos dialectos.

Julgo, portanto, que se pode inferir do que fica exposto que a tendência geral do ásio-português é antepor em certos casos o complemento possessivo ou determinativo, e que ela provêm na Índia da índole dos idiomas vernáculos. Creio também que se demonstra históricamente que *-'s* é contracção de *su* ou *sa* = sua. É possível que na difusão houvesse alguma influência do inglês, devida aos indivíduos que o praticavam ou o traduziam. Não se pode, porêm, asseverar que o genetivo dessa língua é o seu protótipo.

Fenómenos análogos também ocorrem em outros crioulos remotos, como no da ilha de Santiago: *Paulo si* (por *sê*) *bida é dentro cartore* = a vida de Paulo é no cartório; e no caboverdiano em geral: *di-meu* = meu, *di-seu* = seu, *di-nós* = nosso, *di-sês* = seu, dêles; *gramática di nós língua*.

As frases *eu sa* = meu, *êl sa* = dêle ou seu, que figuram no macaísta, tem a sua correspondência em chinês, que não conhece *possessivos* formais ou derivados: *vó* = eu, *vó ti* = de eu: meu; *tá* = êle, *tá ti* = dêle: seu.

Idênticamente, com relação aos crioulos malaios: *sahya* = eu, *sahya punya* = *de eu*: meu; *dia* = êle, *dia punya* = dêle: seu. Em outra situação, o complemento restritivo segue o nome sem nenhuma partícula: *chara China* = modo ou moda da China, empregado por Fernão Mendes Pinto (*charachina*); *orang*

---

[1] Dial. de Damão: *minh junt*.

hútan = homem das selvas: *orango-tango*. E no seu crioulo: *tabaco buceta* = boceta de tabaco.

Uma vez justificada a anteposição do complemento determinativo (em obediência à sintaxe vernácula), acompanhado da partícula caracterizante *sua*, *su*, *sa* ou *'s*, e reconhecida a sua conveniência, não admira que se tenha aplicado a regra a todos os casos em que na língua-mãe se usa *de* (*de êle* = sua), ou se usaria, se não houvesse pronomes possessivos (*de nós* = nosso), ou pronomes regimes (*de eu* = de mim = meu).

Assim se explicam locuções como estas: *boz's* = *vós-su*: de vós, vosso; *êle sua* = dêle; *eu sa* = meu; *su's superfície* = a superfície sua dêle, para intensificar o sentido ou para evitar a ambigùidade, como se diria em português: «sua superfície dela».

Cumpre tambêm atender a que os crioulos, alêm da sua feição individual, originada em grande parte da língua indígena, tinham, como fica dito, alguns factores da gramática comuns, em resultado da mútua comunicação. O da Malásia, por exemplo, exerceu grande influência no de Macau, e o de Ceilão no de Malaca.

Mas qual seria a razão de se preferir *sua* para denotar o genetivo? Não saberei apontá-la com segurança; posso, porêm, aventar algumas conjecturas: a sua freqùente ocorrência no falar português; a sua peculiaridade de se poder referir a uma ou muitas pessoas ou cousas de ambos os géneros (*sua* = dêle, dela, dêles, delas), e à pessoa ou pessoas com quem se fala (2.ª pessoa: *sua* = do senhor, dos senhores; de você, de vocês); a afinidade fonética com a última sílaba de alguns pronomes: *vossa*, *você*, *vós*; e com a desinência do genetivo de algumas línguas indígenas: *zó* ou *zá*, *jó* ou *já*, *tsó* ou *chó*.

Quanto à preferência da forma feminina, *sua*, é facto bem conhecido que o ásio-português emprega a forma feminina dos adjectivos possessivos indiferentemente para ambos os géneros: *minha* = minha, meu; *sua* = sua, seu; *vossa* = vossa, vosso. O Dr. Schuchardt aponta por motivo da preferência o serem as formas femininas mais extensas e sonoras. E pode-se acrescentar que muitos dos nomes, que em várias línguas indígenas se empregam por preposições (*perto*, *junto*, *com*), são do género feminino, e requerem que os pronomes possessivos que os antecedem tambêm o sejam, como mostram os exemplos acima aduzidos.

Sebastião Rodolfo Dalgado

Turquel folklórico [1]

SUPERSTIÇÕES

PARTE I

Entidades estranhas

I — Bruxas e feiticeiras

(Aos meus conterraneos)

¿Quem, passando habitualmente, a horas mortas, junto de rio ou pego situado em valle soturno e insulado, não ouviu ahi alguma vez um ruido de palmadas, acompanhado de gargalhadas estrepitosas, como de diabretes que andassem revoluteando sôbre as águas em desenvolta sarabanda? ¿Quem, vivendo em casal solitário onde haja crianças por baptizar, não sentiu ahi nunca, nessas noites em que tudo jaz sob o pêso de trevas caliginosas e a tempestade sacode doidamente as árvores da floresta, um diabólico alarido sôbre os telhados? ¿A quem não pungiu o insistente chôro d'essas crianças? ¿Em conjuncturas taes, quem é que não foi tomado de estranhas somnolências?

¿A que afoito noctívago não succedeu já perder de todo a tramontana? andar, andar, e achar-se sempre no mesmo sítio? ter de empregar um enorme esfôrço para mover as pernas, teimosamente emperradas?

¿E a que attribuir, verosímilmente, tão surprehendentes e extraordinários effeitos? Ao bruxedo; vós o sabeis. O bruxedo constituirá, pois, o assumpto d'este artigo, no qual eu vou expôr, em resumo, as noticias que por aqui me hão subministrado algumas pessoas discretas, e de grande sabença em pontos de demonologia.

Ha bruxas que o são em virtude d'uma lei do fado; assim, a mais nova de sete irmãs é necessáriamente bruxa, salvo se lhe deram por madrinha a irmã mais velha; a maior parte d'ellas,

---

[1] [A maior parte dos factos mencionados neste artigo são já conhecidos, pois constam de trabalhos de outros investigadores. Como porém me falta tempo para os anotar, destrinçando o que é inedito do que o não é, e como alguns d'eles constituirão variantes, não hesitei em os publicar, tanto mais que se referem a uma unica localidade ou região, e estão expostos com método e elegancia.—J. L. de V.].

porêm, de seu mótu-próprio se fizeram iniciar nos mystérios da bruxaria.

Toda a bruxa possue uns novellos de que não posso precisar particularidades; sei apenas, por vagas informações, que são, para ellas, um indispensável adminículo, e que nenhuma póde morrer sem ter a quem os deixar. A êste propósito conta-se que estando certa bruza nos mais angustiosos paroxysmos, não podia findar, ainda assim, por nenhuma das pessoas presentes se resolver a aceitar-lhe as diabólicas insígnias. — «Quem herda?!... quem herda?!...» — repetia ella precipitadamente, com a afflicção do estertor. Alguêm então suggeriu: — «Herde-os aquelle pote!» Êste deu immediatamente um grande estoiro, despedaçando-se, e a bruxa pôde emfim acabar. Os novellos fazem parte indivisa da herança, segundo a opinião de pessoas bem informadas, que dizem, a modo de provérbio: — «Quem lhes herda os bens, herda-lhes os novellos».

O principal malefício praticado pelas bruxas é chupar, de noite, o sangue de crianças de tenra idade, as quaes se vão finando, até que morrem de inanição. Acommettem, de preferência, as que estão por baptizar, quando nos respectivos aposentos não haja luz. Como as aves nocturnas e agoireiras, as bruxas só agem desempeçadamente no meio das trevas.

Ao emprehenderem alguma das suas nocturnas digressões, as bruxas desembaraçam-se do vestuário, e ungindo o corpo com certo óleo contido num púcaro ordináriamente occulto numa cavidade praticada na lareira e coberta com um tijolo, proferem a fórmula: — «Voa, voa, por cima de toda a fôlha», e ahi vão ellas chaminé acima, já invisíveis, já metamophorseadas em morcegos. Dirigem-se seguidamente a uma encruzilhada [1], ou a algum desamparado pardieiro, onde, á meia-noite, apparece o diabo, que se assenta numa trempe collocada ao meio do recinto, indo logo todas dar-lhe um beijo... no orifício de trás. É d'ahi que ellas, após desenfreada folia, se espalham para vários pontos, auctorizadas a fazer das suas até ao cantar do gallo, isto é, até ás duas horas, próximamente. Entre as bruxas corre o prolóquio: — *Gallo branco? não me espanto; gallo loiro é agoiro; gallo preto? não me metto!*

---

[1] A usança que chegou até nós, de exigir cruzes nos pontos aonde convergem três ou quatro caminhos, vem da idade média, e tinha por fim afugentar as bruxas, visto ser ahi que elas evocam o mafarrico para o commettimento de malefícios vários. [Para a idade média veio já da antiguidade o costume: *Religiões da Lusitania*, III, 595. — J. L. de V.].

Se alguêm, brandindo pau ou análogo instrumento com a mão canhota, ferir uma bruxa e lhe fizer sangue, quebrar-lhe-á o fado. Essa bruxa, retomando a sua natural figura, cairá nua e já então para sempre livre do fado aos pés do que a feriu, o qual terá de a acompanhar a casa, sob pena de cair no desagrado, muito para recear, de suas companheiras.

Existem, felizmente, vários amuletos contra as bruxas; os mais usados são a figa, a noz de três esquinas, uma cabeça de alhos, o corninho esquerdo d'uma carocha e o chifre esquerdo d'um carneiro branco.

*

As bruxas, como muitas das superstições do nosso povo, têm sua origem em velhas crenças pagans.

Em tempos de lamentavel obscurantismo foram suppliciadas muitas d'essas infelizes alcunhadas bruxas, para as quaes se consignavam nos códigos de todas as nações da Europa cruéis punições. Em Portugal datam do princípio do século XV as primeiras leis contra o bruxedo. Este, comtudo, tomou notável incremento nos séculos XVI e XVII. No século XVIII começou a declinar; e hoje apenas pelos recôncavos sombrios de antigos e cerrados bosques, ou em algum valle medonho e solitário, se deixa ainda ás vezes entrever ao nosso povo aldeão, em noites tenebrosas, a sombra deminuída, quasi aniqùilada, da velha bruxa.

Ampliando o artigo precedente, publicado no *Almanach de Lembranças* de 1888 e ao qual fiz agora algumas correcções, vou expor o que desde então, sôbre o assumpto, me hão noticiado.

Em regra, as bruxas possuem faculdades divinatórias.

O alho, como dito ficou, é um preservativo de seus malefícios; e até confere, aos que o utilizam como alimento ou conducto, um certo ascendente. *Quem come alhos com casca* || *dá pancada que lasca*,—é um dictado lá d'ellas.

Quem avista, ao longe, uma bruxa, e deseja evitá-la, faz-lhe, com a mão esquerda, uma figa, e diz três vezes:

Tôsca e môsca saramantôsca;
Saramago, mostarda e alho.

A bruxa muda logo de direcção.

Ha outras formulas, como:—*Tôsca marrôsca!*—*Tôsca marrosca para fóra do concelho!*—*Vá para as areias gordas!*—Etc.

Quem tem alguma criança por baptizar e receia que as bruxas lh'a molestem, espalha no telhado, ou sôbre o fôrro da casa, mostarda em grão. Emquanto se entretêm a apanha-la, não se importam da criança.

Se uma bruxa entrar numa casa, não poderá d'ella sair se puserem uma trempe ou uma tripeça de pernas para o ar, ou um sapato com a sola para cima. (Parece que o mesmo resultado se obtem lubrificando os lemes das portas com toicinho velho)—Também não sairá d'uma igreja se na pia da água benta, e entre as elevações da Hóstia e do Cálix, alguem deitar uma antiga moeda de prata do valor de seis vintêns, ou um objecto qualquer (ramo, flor, etc.) apprehendido ao tempo em que no céu se haja visto correr uma estrella [1].

O definhamento d'uma criança attribue-se, por vezes, a bruxedo, o que se averigúa immergindo as roupas d'essa criança numa panella com ágoa, que se faz ferver, e picando-as depois repetidas vezes com um objecto ponteagudo.—Caso houvesse malefício, a sua auctora—bruxa ou feiticeira—recebe no corpo tantas pontoadas quantas se dão naquellas roupas, o que a levará a apresentar-se e pedir misericórdia; ás vezes, comtudo, não apparece, ouvindo-se entretanto no telhado certa ringida.

Um caminheiro que de noite se transviara, viu na sua frente um grande cannavial, que se afastava ao passo que elle se ia aproximando. Andou, andou, e o cannavial diante d'elle, sempre diante d'elle, até que por fim, sem saber como, se achou ao pé de sua casa!

A partida, é bem de ver, foi logo attribuída a alguma bruxa travessa e jovial.

*

Certa bruxa matava as rezes d'um lavrador com quem tinha embirração. Suspeitou elle da manobra; e, ao esfolarem a última que succumbira, mandou que com fôrça lhe vergastassem a pelle. Assim se fez; e logo ali apareceu, a pedir perdão, a bruxa que praticava aquelles malefícios, e que, pelos geitos, recebia aquellas vergastadas no próprio corpo.

*

Notou um sapateiro que sua mulher, ás sextas-feiras, só

[1] Allude-se ás estrellas cadentes ou aerólithos.

muito tarde recolhia á cama; pelo que, uma noite, tratou de a espiar. E viu tudo. A mulher foi á cozinha, untou o corpo com um óleo negro contido num púcaro escondido debaixo d'um tijolo, proferiu, depois, a fórmula—*voa, voa, por cima de toda a fôlha*, e enfiou pela chaminé acima.

Então o homem, sem perder um momento, unta-se com o mesmo óleo e diz: *Voa, voa, por baixo de toda a fôlha.* E ahi vae elle tambem, chaminé em fóra. Mas, porque errara a fórmula, teve de romper, á fôrça, por entre brenhas e silvados, chegando soffrivelmente arranhado ao termo do percurso, que era um casinéu, onde muitas bruxas estavam já reùnidas.

Á meia-noite chegou ahi o diabo, para presidir á assembleia, e logo todas lhe foram beijar o traseiro. O sapateiro tambêm foi, porque a isso o compelliram; e como levava a sua sovela, espetou-l'ha no rabo.

—Irra!—gritou o diabo, dando um grande pinote—êsse sujeito sempre tem as barbas bem ásperas!

—Credo! Santo nome de Jesus!—brada então o sapateiro, amedrontado.

E logo toda aquella súcia desappareceu, ficando elle sòzinho no meio do casinéu.

*

Um moço aldeão que, fóra de horas, houve de atravessar uma funda e medonha ribeira, ouviu ahi muitas gargalhadas, e ao mesmo tempo um barulho como de pessoas que andassem chapinhando e dando palmadas umas nas outras. Surpreso e um tanto assustado, trepou lesto a um salgueiro que ahi havia, e escondeu-se na ramagem.

Momentos passados bispou elle um magote de bruxas que andavam retoiçando, e ás quaes uma retardatária veio ali ajuntar-se.

—Porque vieste tu hoje tão tarde?—inquiriram as primeiras.

—Estive a enfeitiçar a mais rica e invejada moça do vizinho casal. (E nomeou-a).

—Pelo systema dos alfinetes?

—Sim, senhoras. Peguei num sapo, perfurei-lhe a cabeça e o peito e, para maior segurança, fui-lh'o metter dentro da cabeceira. Assim, os padecimentos do animalejo bem depressa ella os sentirá.

Estavam nisto, quando, ao longe, se ouviu cantar um gallo. A caterva, portanto, debandou; e o aldeão, descendo do salgueiro, foi logo avisar os paes da indigitada moça. Revistaram-

lhe a cabeceira; e com effeito lá estava o sapo, traspassado de alfinetes. E como quem os tirasse soffreria os effeitos do malefício, segundo as leis da feitiçaria, fizeram vir ali a bruxa, que o aldeão reconhecera, e obrigaram-na a arrancar êsses alfinetes. Ella assim o fez (porque não pudera escapar-se); e dando seguidamente um grande berro, rebentou.

*

Jornadeavam dois almocreves com as suas bêstas carregadas. E iam caturrando acêrca d'aquelle velho ditado: *Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga.*

Dizia um d'elles: *Mais vale quem Deus ajuda;* teimava o outro: *Vale mais quem muito madruga.*

Nenhum transigia.

E então apostaram mulas e cargas, devendo a questão ser decidida pelos três indivíduos que primeira encontrassem.

Deparou-se-lhes logo um (era o diabo em figura humana). E elles perguntaram-lhe:

—Qual vale mais? quem Deus ajuda, ou quem muito madruga?

—Quem muito madruga,—respondeu o diabo; e, transpondo invisívelmente o espaço, foi-se postar lá adiante

Chegam ahi os almocreves; e cuidando ver outro homem e não o mesmo diabo, pois êste mudara de apparência, repetiram a pergunta.

—Quem muito madruga,—foi a resposta do diabo, galgando outra vez lá para a frente.

Ao passarem novamente por elle, os almocreves, que nunca o reconheciam por elle tomar sempre differente aspecto, repetiram a pergunta, recebendo, já se sabe, a mesma resposta.

Teve pois um dos almocreves de entregar ao companheiro a mula com a sua carga, indo depois, muito triste, pernoitar na toca d'uma penha que havia perto, ao pé d'um rio. E d'ahi pôde elle ver, alta noite, uma caterva de bruxas que, cabriolando na ágoa, como é seu costume, falaram da filha do rei, que estava muito doente, por ter—disseram ellas—uma cobra na barriga e um sapo debaixo da cabeceira. Que a cobra saíria se chegassem um pouco de leite á bocca da princesa; e que esta rocobraria de todo a saúde se, levando o sapo para o jardim, ahi o deixassem ganhar fôrças.

Mal rompeu a manhã, foi o almocreve a palácio e contou isto ao rei, que, reconhecido, lhe apresentou um monte de oiro

e o auctorizou a levar o que quisesse; o almocreve, porêm, não quis senão o bastante para se indemnizar do prejuízo que soffrera.

Na categoria das bruxas inclue o povo, á falta de particular designação, as mulheres de maus olhos. Estas mulheres, involuntáriamente, e, ás vezes, a seu pesar, exercem damnoso influxo em tudo aquillo em que pousam demoradamente a vista. O definhamento d'uma criança, o aggravamento d'uma nascida, o sustar da fermentação, o emperramento d'um vehículo, etc., attribuem-se, por vezes, a mau olhado.

Terminarei com duas palavras sôbre as feiticeiras.

Têm ellas o seu tanto de bruxas, pois adivinham; mas são, sobretudo, curandeiras, associando, em regra, aos medicamentos communs actos de devoçãe e práticas supersticiosas.

A sua clientela compõe-se de indivíduos affectados por doenças attribuídas a sortilégios, ou lesados por furtos cujos auctores desejam conhecer. Neste último caso, as suas respostas são sempre ambíguas, prestando-se a várias interpretações.

Não ha aqui feiticeiras, nunca as houve; algumas pessoas d'estes sítios vão, ainda assim, a Leiria ou á Nazareth, como em tempo iam á Marinha Grande, consultar as que, nessas localidades, exercem o mesmo modo de vida.

II — Lobishomens

São entes passivos que uma fôrça estranha arrasta, e nunca agentes de malefícios. Entre elles e as bruxas ha, comtudo, certa affinidade.

Quando uma mulher tem sete filhos, o mais novo é fatalmente lobishomem, a não ser que lhe hajam dado por padrinho de baptismo o irmão mais velho.

Um lobishomem denuncia-se ordináriamente pela excessiva pallidez do rosto.

Ás sextas-feiras, que são as dias do fadário, e lá a certa hora da noite, o lobishomem deixa tudo, e ei-lo ahi vae numa correria doida, pois tem de percorrer sete freguesias antes do romper de alva.

Nessas occasiões toma elle a figura de algum animal em cujo espojeiro se deitasse; quasi sempre a d'um burro. Ás vezes,

porêm, semelha uma roda de carro a girar, ou apparenta uma fórma indefinida que se escoa ao longo dos caminhosou através dos campos.

Se, durante alguma das suas correrias nocturnas, alguem, ferindo-o, lhe fizer sangue, no mesmo momento elle retomará a figura humana e ficará, para sempre livre do fado.

III — Moiras encantadas

D'entre os várias lendas e tradições populares, — algumas tão curiosas, já consideradas em si mesmas, já em relação ás sciências históricas e ethnográphicas, a que prestam, não raro, subsídios importantes — sobrelevam, por sua feição deliciosamente poética, as que dizem respeito ás gentis filhas da imaginação popular conhecidas pela denominação genérica de *moiras encantadas*.

D'esse florilégio de ficções graciosas apontarei aqui algumas das que correm nesta localidade e convizinhas.

A duas pastoras que iam amiude com os seus rebanhos para as immediações do Cabeço de Turquel apparecia ás vezes a moira que ali habitava, e a cujos pedidos ellas acquiesciam subministrando-lhe bolos sem sal (pão ázymo, bilhas de leite — dizem algumas variantes). Agradecida por taes provas de bemquerença deu a moira um dia a cada uma d'ellas um vaso de barro, cuidadosamente tapado, recommendando-lhes não examinassem o seu conteúdo senão depois de haverem decorrido três luas. — Não pôde uma das raparigas conter-se, e momentos depois destapava o seu vaso, que — ao menos assim se lhe afigurou — continha terra (segundo outra versão continha carvões). A outra conseguiu dominar a natural curiosidade; e ao abrir opportunamente o vaso que lhe coubera, achou-o atestado de reluzentes peças de oiro.

*

— Ao colhêr água numa fonte na alvorada do dia de S. João vieram á bilha de certa moça alguns caracoezinhos, de que ella tratou logo de se descartar. Escapou-lhe um, ainda assim, que depois se lhe deparou, transmutado então jã num brilhante aderêço de oiro.

*

— Foi proposto a uma jóven camponesa desencantar certa moira metamorphoseada em cobra. Appareceria esta numa fonte;

e depois de dar três giros na água endereçar-se-ia á camponesa, que lhe quebraria o encanto e a restituiria á fórma humana se nessa occasião lhe desse um beijo sem manifestar medo nem repugnância. — A moça accedeu; quando, porêm, a cobra lhe trepava ao collo, tomou-se d'um grande susto e caiu desmaiada. «*Ai, que me dobraste o meu encanto!*» — ciciou a moira tristemente, acolhendo-se de novo á mãe-d'água.

*

— A uma alta e anfractuosa penha chegou na noite de S. João um cavalleiro que ia ali encantar uma grácil princesa moira que comsigo trouxera, e a cujo casamento se queria obstar. Introduzindo, pois, a desditosa num recôncavo da penedia — «*Aqui estás e d'aqui não sairás,* — brádou — *salvo se alguem aqui vier borrifar esta penha três vezes com três púcaros de ágoa, em três noites de S. João*». Deu fé de tudo isto um pastôr que ali re occultava, e que teve a boa fortuna de desencantar a moira. Esta voltou ao seu país e galardoou generosamente o seu libertador, chegando a mandar-lhe navios carregados de presentes.

Ao que precede, e foi publicado por mim nas *Memórias de Turquel*, vou aqui ajuntar novos respigos.

Nas immediações da Casa da Moira, situada no alludido Cabeço de Turquel, via-se ás vezes, cá ao longe, um estendal de roupa alvíssima; chegando-se lá, porêm, tudo desapparecia. Ainda assim, a moira que habitava aquella gruta, várias vezes foi surprehendida pelos pastores, ora assoalhando os seus thesoiros, ora fazendo a sua costura, para o quê se servia d'umas tesoiras muito delicadas.

*

Tambêm o Lombo Ferreiro, segundo a lenda, foi occupado por moiros, que possuíam ahi um grande thesoiro. E tamanho elle era que, receosos, ao que parece, de algum assalto, andaram com sete mulas durante sete luas a transportá-lo d'um cabeço para outro cabeço.

«*Lombo Ferreiro! Lombo Ferreiro!*
Lá me fica o meu dinheiro . . .»

exclamavam elles, quando, por fim, se viram obrigados a deixar definitivamente estes sítios.

*

Próximo do Poço das Vinhas, não longe da apontado Lombo Ferreiro, ha um oiteirinho que aloja em si — diz a lenda — uma talha com oiro e outra com peste. Receosos d'esta, os fariscadores de thesoiros moiricos teem-se abstido, até hoje, de averiguar o caso.

*

Uma parteira de Évora (Alcobaça) foi uma noite chamada ás Boisias, onde a introduziram numa cavidade cuja entrada era uma pequena e despercebida abertura.

Fez a parteira a sua obrigação; e em paga deram-lhe um fragmento de tijolo, que ella aproveitou para uma consciencia [1], pois era tambem tecedeira.

Um dia chega-lhe á porta um mendigo a pedir esmola.

— Deus o favoreça, irmãozinho. Muito estimaria eu ter que lhe dar; mas tambêm sou pobre.

— Tambem é pobre?! Pois não o parece.

E descobriu-lhe então, o mendigo, que aquella consciencia era um pedaço de oiro em barra.

*

A pouco mais de cem metros ao sul da fonte da Granja nasce numa cavidade ou pequena gruta, hoje quasi atulhada, a fonte da Moira.

Nessa gruta habitou outr'ora uma moira encantada, — diz a tradição popular. Por manhãs de S. Joãô foi ali algumas vezes surprehendida, penteando as suas longas e sedosas madeixas côr de oiro.

*

Num algar, hoje quasi obstruido, que se abre ao sul da fonte da Moira e que com esta — dizem — tem communicação subterrânea, vivia, noutro tempo, uma moira encantada.

Um dia appareceu ella a uma mocinha que por ali andava guardando o seu rebanho e pediu-lhe que, a trôco d'um lindo presente, lhe obtivesse de sua mãe um bolo sem sal cozido num forno novo, e que houvesse sido amassado num alguidar tambem novo com ágoa da fonte nova.

A rogos da filha, a mulher, sim, fez o bolo, mas sem attender a nenhuma das condições requeridas; e assim, quando a pastorita o apresentou á moira, esta, tomada d'uma súbita tris-

[1] Pedra suspensa por um cordel, nos teares manuaes, para retêsar a teia.

teza, exclamou: «*Ai que me dobraste o meu encanto!*» E deu-lhe então um cordão de oiro, com a expressa recomendação de o passar immediatamente ás mãos de sua mãe. Mas a pequena descuidou-se; e pendurando-o ali no galho d'um sobreiro, êste, d'ahi a algum tempo, deu um estoiro e ficou logo estilhaçado. O cordão, nunca ninguem mais o viu.

Outra menina, que á sobredita moira prestara alguns bons offícios, foi brindada com um cabazinho de carvões, os quaes quando a menina chegou a sua casa brilhavam como pedras preciosas. E em pedras preciosas, com effeito, elles se haviam transmutado [1].

*

Achando-se um homem do vizinho lugar de Santa Catheririna num país distante, pessoa desconhecida entregou-lhe ahi três bolos e pediu-lhe os trouxesse ao *Cabeço do Castil*, devendo collocá-los sobre o Penedo Amarello e dar seguidamente três voltas á roda do mesmo penedo. Apparecer-lhe-ia então uma princesa moira, que elle, por essa fórma, desencantaria, cumprindo-lhe conduzi-la immediatamente ao seu país. A esse fim, daquelles três bolos surgiriam três cavallos, — um para elle, outro para a princesa e o terceiro para transportar o seu thesoiro.

Prometteu o homem desempenhar-se da ponderosa incumbência, e regressou logo á terra; chegando, porêm, a sua casa, a mulher revistou-lhe o alforge, e encontrando os bolos, não pôde resistir: — um foi logo encetado.

Quando isto soube, teve o homem grande desprazer, e previu logo algum insucesso. Com effeito, no dia seguinie, ao poisar os bollos no Penedo Amarello, ouviu uma voz, que magoadamente lhe bradou: — «*Vae-te d'aqui, que me dobraste o meu encanto!*» [2]

Desencantada a moira, iria ella unir-se ao eleito do seu coração, — união essa a que os seus tenazmente se oppunham. Por isso a haviam encantado no Penedo Amarello.

*

Alêm d'este penedo ha no Cabeço do Castello, sôbre o valle

---

[1] Vasos cheios de oiro sob a apparência de terra ou de carvão, davam-nos ás vezes as moiras como brinde. Tambem se têm deparado a alguns camponêses, que ordinàriamente os desprezam. Se, tempo depois, vão por elles, nada já encontram. — Seriam acaso urnas cinerárias antigas esses vasos da lenda?

[2] Quando a uma d'essas moiras se dobrava o encanto, os seus thesoiros convertiam-se em carvão.

do Sórtão, o *Penedo da Cabelluda*, que encerra tambêm uma moira encantada, e juntamente um sino de oiro e uma talha com peste. Por temor d'esta, nunca ninguêm o explorou.

Segundo a mesma lenda, os pastores, em tempo, atiravam por ali ao gado com pedaços de oiro, que lhe pareciam pedras.

IV — **Almas errantes, espíritos, visões**

Occupar-me-ei primeiramente das *almas errantes*, que, em certos casos, vagueiam nos arredores das moradias em que habitavam quando unidas aos respectivos corpos.

Manifestam-se quasi sempre a deshoras, já despedindo ternos lamentos, já soltando gritos raivosos e uivos dilacerantes. Estas últimas são almas de réprobos que não encontram descanso em parte alguma; as primeiras, essas esperam ainda ingressar na bem-aventurança, para o quê imploram de seus parentes alguma restituição, ou o cumprimento de promessas de que não puderam desempenhar-se.

As almas precitas tomam ás vezes, de noite, a apparência d'um cão preto, d'um gato da mesma côr, d'um porco. etc. (figuras essas que se desvanecem quando alguêm procura attingi-las), denunciando-se tambem pelo escarcalhar de muros á sua passagem, e por certos estrondos que se ouvem fóra de horas nos aposentos em que morreram pessoas mal reputadas [1].

E' nas trovisqueiras que as almas errantes preferentemente se abrigam; pelo quê algumas pessoas fogem de as cortar, como outras evitam colhêr as migalhas da mesa, de que essas almas, dizem, se aproveitam.

Iam uma noite, de jornada, alguns rapazes d'estes sítios, quando a um d'elles se lhe entorpeceram as pernas, tendo, por isso, de ficar um pouco atrás. Appareceu-lhe então ahi seu pae, havia pouco fallecido, que acalmando com palavras serenas o sobresalto que ao rapaz causara a sua apparição, lhe rogou pedisse á mãe que fôsse á Nazareth pagar uma promessa que em sua vida anterior elle fizera e não cumprira, — aliás por ali teria de errar perpétuamente.

A outro indivíduo d'aqui appareceu-lhe uma vez, de noite, uma galga preta, á qual, porque se lhe não tirava da frente, elle mandou uma paulada, desfazendo-se ella então, no ar, assim a modo de remoínho.

[1] Entre estas salientam-se as que, mediante um escrito rubricado com o próprio sangue, entregaram a alma ao diabo em troco da felicidade terrena.

As almas errantes introduzem-se ás vezes no corpo de certas mulheres, que lhes servem de *médiuns*, e então dizem-se *espiritos*, ou mais commumente, *spritos*.

Á approximação d'um *sprito*, essas mulheres, ordináriamente novas, caem num estado comatoso, interrompido, a espaços, por fortes convulsões, e emittem opportunamente, ou quando interrogadas, uns sons estranhos e mal articulados, de cujo sentido alguem ahi vae dando conta á assembleia, quasi sempre numerosa.

Ha *spritos* bons e *spritos* maus ou diabólicos. Estes esbravejam, dão urros, presagiam catástrophes; aquell'outros pedem tão sómente a satisfação de compromissos.

Podem incluir-se na classe dos maus *spritos* os fantasmas [1] ou avejões, a que o povo dá a designação genérica de *coisas ruins*, e que tomam, na maioria dos casos, figuras humanas de proporções gigantescas e côr sombria,—por vezes alvacenta. Apparecem ordináriamente em sítios insulados e lá pela noite velha, movendo-se quasi sempre a uma certa altura do solo. As suas formas um pouco indefinidas, e que se esvaem a pouco e pouco, dissipam-se inteiramente com os primeiros clarões da alvorada.

Vindo de Alcobaça e passando, alta noite, junto a uma ribanceira, viu ahi certo homem um avejão [2].

—Quem está ahi?—bradou elle. Quem é, fale! Ah, não responde? Pois lá vou eu.

E foi; mas propondo-se dar uma cacetada, e levantando, para isso, o pau de que ia munido, uma fôrça estranha lh'o deteve [3], caíndo então o avejão sôbre o atrevido, e estrafegando-o.

O pobre homem, moído como sal, ainda conseguiu arrastar-se até sua casa, mas saiu de lá pouco depois,—para o cemitério.

De outras visualidades,—luzes estranhas, sombras que perpassam, vultos indistinctos, etc,—deixo agora de falar, por brevidade.

---

[1] O povo, aqui, diz *pantasma*, f., por *fantasma*, m.
[2] Ha quem aponte o sitio e nomeie o individuo com quem o caso se deu.
[3] Ha casos em que o pau se esgueira da mão de quem o volteia.



PARTE II

Prejuízos vários

I—Agoiros e maus influxos; dias aziagos

São agoiros [1]: os pios e lamentos do mocho, da coruja e do noitibó (*pardal da morte*), os uivos do cão, o canto nocturno do gallo antes da meia-noite e o da gallinha qne arremeda o do gallo.

Os corvos são tambem agoirentos, e bem assim os besoiros pretos e as borboletas negras de grande corpulência.

Entre as árvores, o cypreste tem algo de sinistro, attribuindo-se-lhe certa influência mórbida. Nas casas de habitação, a sua madeira gera doenças.

Não é bom augúrio sonhor com ovos. E menos o é sonhar com peixe fresco, indicio de morte.

O cheiro da cera, espalhando-se muito pronunciado por toda a igreja, e o encontro inesperado do toque das Ave-Marias com o bater das horas, são tambem annúncios de morte.

Quem, no propósito de matar um sapo, o espancar, deixando-o, porêm, ainda com vida, penará em quanto o sapo penar e morrerá quando elle morrer.—Bruxas e feiticeiras servem-se freqüentemente d'esse animal para os seus maleficios.

As cobras, ás vezes, mammam nas vaccas, as quaes, lá a certa hora e em virtude d'uma mysteriosa attracção, correm pressurosas ao sítio onde aquellas lhes costumam apparecer.

Com o mesmo fim procuram tambem as mulheres que aleitam crianças. Quando a cobra se chega a uma d'estas, adormenta-a, e sem ser presentida, trepa-lhe ao collo e mamma com muita suavidade, mettendo no entanto a extremidade da cauda na bocca da criança, para a entreter.

Depois de mammar, a cobra toma a si a peçonha, que antes d'isso vasara na depressão d'uma rocha. Se, porêm, a não encontra, por lh'a haverem subtrahido, despedaça-se, raivosa, vergastando a pedra com o próprio corpo.

As cobras, com a idade, tornam-se muito corpulentas, criam asas e desertam para ignotas regiões. A sombra que pro-

[1] *Agoiros*, na linguagem popular, são prenúncios de successos mais ou mênos desagradáveis, ás vezes funestos.

jectam quando voam é letal, tanto para os animaes como para as plantas.

Quando se atira a uma cobra, erra-se quasi sempre o alvo.

A víbora tem necessidade de morder diáriamente; o primeiro animal em que ella morde, morre; a primeira planta, sécca.—«Não se poderia viver no mundo se o licanço [1] visse e a víbora ouvisse»,—costuma o povo dizer.

Contrahir matrimónio á terça-feira, ninguêm aqui ousa fazê-lo, por ser dia aziago. Importa, tambem, não começar viagem nesse dia, apontando-se ainda outros actos que é prudente evitar. *Á terça-feira não cases filha nem urdas teia*,—diz um adágio.

É tambem aziago o dia de S. Bartholomeu (a 24 de agosto), no qual anda o diabo sôlto duas horas.

Cortar as unhas ou fazer a barba á sexta-feira, só os judeus o fazem.

Quando se mata porco ou se faz a salga na segunda-feira do *entreluo* [2], a carne estraga-se.—¿Que segunda-feira é essa? Ignora-se; sabe-se apenas que no anno ha só uma e vem logo depois de lua-nova. Na incerteza, ña primeira segunda-feira depois de novilúnio ninguem por aqui mata porco.

II.—**Malefícios**

Se ao varrer a casa, alguem passar a vassoira sôbre os pés de pessoa solteira, difficultar-lhe-á o casamento.

Se, quando um ausente nos estiver depreciando, puxarmos do lenço e lhe dermos um nó com a mão esquerda, mordendo seguidamente esse nó, o mal-dizente trincará ao mesmo tempo a língua [3].

Cobrir-se-ão de bubões as nádegas da pessoa sôbre cujos dejectos alguêm haja lançado um têlho de brasas.

Uma recusa de perdão dificultará, a seu tempo, a morte natural do offensor, que lhe custará muito acabar sem se reconciliar pessoalmente com o offendido.

Se tivermos uma verruga e a golpearmos de modo que verta sangue, faremos nascer tantas verrugas no corpo de al-

---

[1] O mesmo que *liceranço*.
[2] Significa *interlúnio*.
[3] Por um grande calor que ás vezes sentimos nas orelhas sabemos que falam de nós. (Veja *Revelações, preságios*).

guem, quantos forem os pontos em que com esse sangue o tocarmos. — Alguns deitam o sangue num lenço, que deixam ficar em qualquer lugar público; quem levar o lenço ficará com as verrugas.

Caem certeiras as pragas rogadas contra alguem entre a elevação da Hóstia e o Cálix (quer dizer, entre a elevação da Hóstia e a do Cálix, durante a missa).

Se intencionalmente fizermos córte ou rasgão no fato de alguma pessoa e ella o coser, ir-se-á definhando, — salvo se pegar na agulha com a mão esquerda. — Ha quem empregue esse ardil para suscitar amores; alguns, a este fim, preparam beberagens e confeições que, se não despertam o amor, ao menos estragam muito satisfactóriamente a saúde de quem as ingere.

III — Revelações; presságios

Se, pondo em alguem o pensamento, deitarmos no brasido alguma d'aquellas fôlhas de oliveira a que chamam *sortes* [1] e ella estalar, essa pessoa não nos estima. — Dois émulos utilizam também ás vezes a *sorte*, por esta fórma: cada um pega numa ponta, ambos puxam, e a folha rasga-se. O que ficar com a parte ligada ao peciolo terá a preferência.

Com o mesmo fim de saberem se determinada pessoa lhes quer bem, tomam algumas uma flor de margaça e vão-lhe despegando as pétalas uma por uma, dizendo successivamente: «*Bem me quer; mal me quer; bem me quer; mal me quer;...*» As palavras que á última pétala correspondam, esclarecem o caso.

Tem as orelhas quentes a pessoa de quem, na ausência, se está falando. Se se diz bem, aquece a orelha direita; se mal, a esquerda.

Estão dizendo mal de nós se, quando estamos á lareira, a chamma produz, por momentos, um som mais forte, como de torrente ou ventania. — Segundo outros, isso corresponde a uma deprecação das almas do purgatório, que soffrem, na conjunctura, fogo mais ardente.

Caem da mão as coisas dadas de má vontade.

As pintas brancas das unhas são indícios de outras tantas mentiras pregadas.

Quando alguem sonha três vezes com um thesoiro, elle existe realmente. A revelação é feita simultâneamente a sete

[1] Fôlhas duplas com um só peciolo.

pessoas, podendo qualquer d'ellas descobrir um thesoiro, se do respectivo sonho a ninguem houver falado.

Quem sonha com uvas pretas está para receber uma carta.

Está para receber um presente aquelle que veste do avesso, inadvertidamente, qualquer peça do vestuário.

Receberá uma boa nova a pessoa a quem apparecer uma borboletinha branca.

Ninhos de andorinha no beiral de uma casa, são bom presságio.

A configuração tomada por um ovo que se vasasse num copo e se deixasse ao sereno na noite de S. João, revela ás jovens namoradas a profissão de seus futuros consortes.

É bom augúrio para uns noivos *chover-lhes na boda* (quer dizer, — consorciarem-se em dia de chuva).

Bens de padres não chegam a terceiro passuidor (por heranças successivas).

O rumo a que um gato leva a mão quando lava a cabeça, indica a parte d'onde soprará o vento no dia seguinte.

O soão persiste durante uma temporada cujo número de dias é, em regra, ímpar.

O vento que soprar do Natal ao Anno-Bom predominará no anno seguinte.

O carácter dos meses do anno, por sua ordem, é respectivamente *arremedado* pelos 12 dias que precedem o Natal do anno antecedente, e *desarremedado* pelos 12 dias seguintes. Assim, os dias 13, 14, 15,... de dezembro *arremedam* janeiro, fevereiro, março,...; e os dias 26, 27, 28,..., até dia de Reis, *desarremedam* dezembro, novembro, outubro,...

O que se faz no dia de Anno-Bom repete-se todo o anno.

IV — Conseqûências estranhas; factos surprehendentes

O primeiro leite sugado por um recemnascido influe no seu natural, que terá analogia com o da mulher que, na alludida circunrtância, lhe deu o peito.

Porque Adão foi feito de barro, todo o homem turva a ágoa em que se lava.

Leveda em pouco tempo a amassadura feita por pessoa de de mau génio, ou coberta com alguma peça de fato de homem iroso.

Depois de enfornado, o pão crescerá, se deitarmos uma mancheia de sal no brasido e voltarmos costas.

Ás vezes, as qualidades que caracterizam os habitantes de certas povoações provêm das águas que bebem.

A quem mata um gato passará trabalhos. — O gato tem sete fôlegos.

O sangue de quem padeceu morte violenta, por muito tempo se conserva liqùido e vivamente còrado, recrudescendo estes accidentes quando o assassino é levado ao pé do cadáver.

A quem conta estrellas nascerão verrugas; tantas, quantas as estrellas que contou.

As pessoas que comem focinheira (tromba de porco) quebram muita loiça.

Lançar ás chamas o negalho de cabello que saísse com o pente; cuspir no lume («o fogo é sagrado; saiu da bocca d'um anjo»); deitar-se numa cama, ficando com os pés para o lado da porta [1]: são actos de que resulta sempre algum dissabor.

A surdez, total ou parcial, provém da morte ou doença do bicho do ouvido.

Deitar para a rua o lixo, quando, á noite, se varre a casa, é enxotar a fortuna.

Se dermos o seu próprio nome aos ovos depostos no ninho de alguma ave não doméstica, irá lá a cobra comê-los (o que não succederá se lhes chamarmos *seixos*).

Havendo questões sôbre posse de fontes ou nascentes, quási sempre a água ahi escasseia, ou desapparece. «A água não se quer ralhada», — costumam dizer.

Quando se adquire um cão e se receia que elle volte para casa do dono, untam-se-lhe os pés com azeite.

Cabellos providos do bolbo ou raiz, postos em água, convertem-se em cobras [2].

A dòninha, que, pelo visto, não é insensível á lisonja, pára quanda lhe chamam *bonita*.

O alecrim floresce todos os sábbados.

As avezinhas suspendem a construcção de seus ninhos no dia da Ascensão.

V — Usos recomendáveis; práticas devotas

Pôsto que facultativa, é de bom aviso a observância dos actos que vou apontar:

---

[1] A propósito, lembra-me este adágio: — *Quem se deita com a cabeça para o norte, deita-se fraco e levanta-se forte.*

[2] Ha uma espécie de filária que apparenta um cabello animado e muito comprido. D'ahi podia provir a crendice.

Proporcionar a uma mulher grávida quaesquer gulodices que lhe appeteçam.

Ministrar a uma criança recemnascida uma gota da ágoa em que foi lavada. «*Agoinha do c... não faz mal nenhum*», dizem as parteiras.

Empregar a fórmula impetratória: *Benza-te Deus; bons olhos te vejam*» («*e os maus quebrados sejam,*» — accrescentam alguns), quando se vê pela primeira vez uma criança de tenra edade.

Dizer a quem espirra, se for criança: — «*Para bem cresça!*» e, se for adulto: «*Dómis teco*» (*Dominus tecum*), ou «*Viva!*», ou *Deus o ajude!*» [1].

Fazer uma cruz sôbre o amassilho, premendo-o, para isso com a mão direita posta de cutello, e dizer:

San-Mamede te levede,
San-Vicente te accrescente,
San-João te faça bom pão.

Outra fórmula:

San-Bento e San-Vicente te accrescente,
Para sustento d'esta gente.

Fazer cruzes com o pollegar deante da bocca, quando se boceja.

Benzer-se com o primeiro dinheiro recebido em cada dia.

Estando-se deitado, soerguer-se quando na rua passa algum entêrro.

Deitar uma mancheia de terra na sepultura aberta a que baixasse um cadáver.

Colhêr um raminho de alecrim quando esta planta se nos depara. Diz um rifão:

Quem pelo alecrim passou
E um tranquinho não apanhou,
De Nossa Senhora se não lembrou.

Na dia de N. S. das Candeias (a 2 de fevereiro), a fim de que as oliveircs *encandeiem* ou floresçam bem nesse anno, frigir em azeite qualquer coisa, sejam embora umas folhinhas de oliveira (a praxe é fazer *filhoses* [2]).

Plantar os alhos num sábbado, sachá-los três vezes (não em maio) e recolhê-los, para não engelharem, antes do S. João.

---

[1] Na escola primária que frequentei, quando o mestre espirrava, faziam os discípulos uma inclinação de cabeça.

[2] *Filhós* (sing.) e *filhoses* (pl.) são fórmas populares de *filhó* e *filhós*.

Semear as abóboras na primeira sexta-feira de março (semeadas por um velhaco, medram muito,—dizem alguns, por facécia) e os mangericos em dia de S. José (a 19 de março).

Rezar ao SS. Sacramento quando nasce o sol [1].

Rezar a Santa Apolónia quando se vê a lua-nova pela primeira vez em cada lunação.

Rezar pelas almas quando, á noite, se accende a candeia.

Rezar pelas almas errantes quando se encontra uma trovisqueira.

VI—Medicina e prophyláctica

Accidentes; *mau successo*.—Beber água quando se tem uma luz na mão é beber o próprio juízo; segundo outros, predispõe para accidentes [2].—Se uma mulher grávida o fizer, será mal succedida, como tambem o poderá ser se montar jumenta prenhe, pois neste caso terá mau successo ella ou a jumenta.

Asthma.—Comer um gato preto. É remédio geralmente aconselhado. Os curandeiros de profissão — cirurgiões, lhes chamam por aqui—recommendam-no com toda a segurança.

Banhos.—Um número par de banhos é desvantajoso, devendo preferir-se sempre um número impar.[3]

Braveza de crianças.—Tornam-se pacíficas e sossegadas as crianças bravias, logo que durmam um somno em cima do altar de Nossa Senhora.—Meios preventivos: não lhes baloiçar o berço vazio; não lhes mostrar a lua; ao lavar-lhes as fraldas, não as bater na pedra do lavadoiro.

Cabello.—O cabello crescerá vigoroso e abundante a toda a moça que, penteando-se na noite de S. João, enleie no ôlho terminal d'uma canna em crescimento o negalho que o pente tirasse.

Chagas.—Melhoram sensivelmente quando lambidas por um cão.—Os cães têm a língua benta desde o tempo em que alguns d'esses animais dulcificaram, lambendo-as, as úlceras de S. Lázaro [4].

Cobrêlo [5].—Curam-no, borrifando-o com água pura por

---

[1] *«Por aquella luz divina que nos alumeia»* (o sol) é uma fórmula que o vulgo emprega frequentemente nas suas juras.

[2] *Accidente*, na linguagem popular, equivale a syncope ou deliquio.

[3] Nas fórmulas e práticas folklóricas, o emprêgo de números pares é muito restricto; os impares 3, 9, 7 e 5 são ahi os preferentes.

[4] Trata-se do pobre Lázaro da parábola evangélica (*Luc.*, XVI).

[5] *Zona*, segundo a terminologia médica.

meio d'um pequeno aspersório de fios de esparto. Entretanto vão dizendo:

Eu te curo, bicho,
Com San-Pedro e Christo,
Com ágoa da fonte
E asparto do monte.

Tambem o atalham, escrevendo sôbre elle algumas palavras ás avessas, ou *cortando-o* com as costas d'uma faca. Neste caso, a fórmula é a seguinte:

Quando San-Romão era estudante,
Todos os bichos andavam para trás, nenhum para deante.
Aqui te corto, aqui te ralo,
Corpo, cabeça e rabo.

Para o evitar, passar com ferro quente ou defumar com alecrim a roupa branca, sôbre a qual bem podia haver passado, no estendal, algum bicho peçonhento. Nossa Senhora, segundo o povo, perfumava tambem com essa planta as faixas do Menino Jesus.

Crianças desmedradas.—Evite-se passar ou saltar por cima d'uma criança, porque com isso tolhe-se-lhe o crescimento.

Dentes botos.—Para que os alimentos ácidos não embotem os dentes é bom ferrá-los num marmello pendente da árvore na alvorada do dia de S. João.

Dentes que caem.—Quando a alguma criança cae algum dos dentes do leite, e para que outro o venha prestes substituir, costuma ella dizer:

Moirão, moirão:
Toma lá este dente podre e dá-me cá um são.

E tambem:

Dente fóra,
Outro na cova.

Seguidamente atira-o para trás das costas, ou para o telhado.

Descòramento do rosto.—Quem o quiser evitar, no primeiro dia de maio levante-se antes de nascer o sol. Não o fazendo, entrar-lhe-á o maio no corpo, e por conseqüência andará todo o anno descòrado.

Desmancho.—De uma queda ou trambolhão resultam ás vezes *desmanchos*, que podem ser do *bucho* ou da *espinhela* [1].

---

[1] *Espinhela*, termo popular, é a extremidade inferior e cartilaginea do esterno, ou osso do peito.

Para o averiguar, manda o curandeiro que o paciente se deite no chão, de costas, levando-lhe elle então os braços ao alto e repuxaudo-lhe as pernas. ¿Nota-se qualquer differença no comprimento dos membros pares? É porque ha desmancho: da espinhela, se essa differença é nos membros superiores; do bucho, se é nos inferiores.

Para concertar a espinhela, o curandeiro fricciona com a mão os antebraços do doente, começando nos sangradoiros, e untando-a para isso com azeite no qual se frigissem certas ervas medicinaes (losna, alfavaca de cobra, etc.).

Tratando-se do bucho, as fricções fazem-se no ventre, de cima para baixo.

Depois o concertador pendura o doente nos próprios ombros, anda cam elle, assim, d'um lado para o outro, dá-lhe umas sacudidelas, põe-lhe depois emplastros de pez loiro na bocca do estômago [1] e sôbre os rins, e recommenda-lhe, a final, que, durante nove dias, coma bem, evite todo e qualquer trabalho, não faça grandes movimentos ambulatórios e se conserve de cama, pelo menos, nos três primeiros dias.

Estes processos admittem algumas variantes.

Dores.—Fricções com um preparado de bòdanha, devendo excluir-se a que trepasse a alguma figueira.

Dores de dentes.—Quando se vê a lua-nova pela primeira vez em cada lunação, ajoelhar perante ella e dizer:

Deus te guie, lua-nova,
Em todos os teus crescentes;
Em louvor de Santa Apolónia,
Que me livre da dor de dentes.

Padre noso... Ave-Maria...

Diz-se três vezes.

Empigens.—De manhã, estando-se ainda em jejum, humedece-se a empigem com saliva, dizendo:

Tanto medres tu aqui,
Como eu já hoje comi.
Boas noites!

Repete-se isto á noite; mas então, em lugar de *Boas noites*! diz-se: *Bons dias*!

E assim se continua por algum tempo, até a empingem desaparecer.

[1] Este emplastro faz-se ás vezes com as plantas a que me referi.

Enguiço.—Para preservar do enguiço, ou quebranto, as crianças de peito, aproveita collocá-las ás avessas, quando mammam. (Veja também *Amuletos*).

Entorse.—A um leve desarranjo das articulações entre a mão e o antebraço ou entre a perna e o pé, chamam *ar* [1]. «*Metteu-se-me aqui um ar nesta perna, neste pulso*»,—costumam dizer. E é assim que *tiram o ar:*—Tomam uma púcara cheia de ágoa a ferver, emborcam-na dentro d'um alguidar, collocam uma tesoira em cruz sôbre o fundo da púcara e põem, depois, o pé ou a mão em cima da tesoira. Se a ágoa se for recolhendo á púcara,—o que, de ordinário, acontece, em virtude de o ar estar ahi rarefeito pelo calor—o incommodo dissipar-se-á.

Erysipela.—Com uma penna de gallinha preta embebida em azeite [2] besunta-se a parte lesada, dizendo:

—Pedro Paulo, foste a Roma;
Que viste lá?
—Muita gente com erysipela e bôlha má.
—Pedro Paulo, torna lá,
E unta com óleo de oliveira e penna de gallinha preta.

Esipla [3] (enxaqueca).—Pedir a um mendigo, *pelo amor de Deus*, uma moeda de cinco réis, furá-la e pendurá-la ao pescoço.

Espigas das unhas.—Não cortar estas á sexta-feira.

Falar tardio.—Ás crianças que tardam em falar,—resultado, ás vezes, de se verem ao espêlho—dá-se-lhes água da amassadeira.—Usa-se tambem o seguinte ensalmo:

O senhor San-Luis
Dê fala a esta criança,
Que não sabe o que diz.

Farpão.—Passar pelo ôlho doente um objecto de oiro.

Hérnia ou *quebradura.*—A cura das crianças rendidas obtem-se por esta fòrma, na madrugada de S. João.—Reúnem-se três Marias, um João e um Manuel ao pé d'um carvalhinho ou d'um vimeiro, ao qual o Manuel fende longitudinalmente a haste.

[1] Distinguem, aqui, entre *ar* e *ramo de ar*. Esta última expressão designa um ataque de paralysia.

[2] É particularmente recommendável o azeite da lâmpada, o qual entra na constituição de vários remédios populares, bem como a *cera bella*, amarella, não curtida; a cera do *gallo* ou *vela María*, isto é, a que, na Semana Santa, occupa o ápice do candieiro triangular; a ágoa benta, sendo preferivel a que se tira da pia entre a elevação da hóstia e do cálix; etc.—Alguns curandeiros usam nas suas mixtelas urina, excremento de rato, pós de sardão tisnado, etc., etc.

[3] Não confundir com *erysípela* ou *erysipéla*.

O João e uma das Marias passam então alternativamente a criança um ao outro pela abertura do vime, cujas metades o Manuel mantem afastadas, e dizem: — «*Dá cá, Maria!*» — «*Toma lá, João; ahi tens êsse menino doente, dá-m'o cá são*». Repetem isto três vezes.

Entretanto, uma das outras Marias fia uma estriga, para o que se provê de roca e fuso; a outra rasga em tiras a camisa da criança: e todos, com o auxílio d'essas ligaduras, unem de novo as duas partes da vergôntea. Se estas, com o tempo, forem soldando, a deformidade da criança ir-se-á ao mesmo passo resolvendo, até desapparecer.

Ictericia.—Urinar nove dias a fio sôbre um tufo de marroiros.

Incontinência de urinas.— As crianças que passam o serão á lareira, não brinquem com o lume; aliás, nessa noite urinarão na cama.

Incubação. — Para que a incubação dos ovos d'uma gallinha decorra sem incidente, e os pintos não morram na casca por occasião de alguma trovoada, collocam-se dois ferros em cruz por baixo do ninheiro.

Influências maléficas. —Provem de origens várias: — bruxedo, feitiçaria, mau olhado, mal de inveja, etc. Como podem evitar-se, veja em *Amuletos.*

Influência da lua.—A lua exerce tambem uma influência maléfica sôbre as criancinhas cujas faixas e cueiros ficassem ao relento em noite de luar, e ainda sôbre aquellas que attentam nesse astro.

Uma criança *apanhada da lua* anda triste e mofininha, não tem síria, não tem vigor, ri-se quando dorme, os seus excrementos tem côr esverdinhada, etc.

É simples o remédio que póde oppor-se a tanta lástima: — cifra-se em pendurar ao pescoço da criança uma meia-lua de pau de aroeira, feita pelo padrinho.

Com a erva-da-lua tambêm se prepara um remédio contra esse incómmodo das crianças, para o qual, aliás, se conhece um preservativo, que é dar-lhes a lua por madrinha.

O folklore infantil consignou este último facto. Dirigindo-se á lua, costumam as crianças dizer:

Ó minha madrinha:
Dê-me pão com sardinha.

Inguas. — Quem tem uma íngua, assenta um dos pés, descalço, numa pouca de cinza, e retirando, depois, o pé risca uma cruz sôbre a pègada.

Outros, traçando uma cruz sôbre a íngua com um dente de alho, dizem:

Íngua corto,
Íngua talho;
Em louvor de San Bento
E de San-Bernardo.

Padre nosso..., Ave Maria...

Insolação. — O curativo faz-se num quarto escuro, mas no qual, por uma pequena abertura, entre uma réstea de sol. Ahi, põem sôbre a cabeça do doente uma toalha dobrada, e em cima da toalha, invertido, um copo com água, collocando o paciente por fórma que a réstea incida nessa ágoa, e a aqueça. Ora como o calor, assim, persiste no interior do copo, e a evaporação — causa de resfriamento — é ahi muito restricta, a ágoa bem depressa entra em effervescência, e ao mesmo tempo o incómmodo — dizem — vae-se a pouco e pouco dissipando.

Ha quem prefira, para *tirar o sol*, o processo que expus para a cura da entorse; mas, emborcada a púcara (a tesoira é dispensável), terminam a operação pondo o alguidar sôbre a cabeça do doente. O sol, então, vae-se escapulindo á medida por que a ágoa vae entrando na púcara.

Leite que falta ou que escasseia; seios doentes. — Mulher com criança de peito não se debruce na cama d'uma parturiente, porque, fazendo-o, a esta seccar-se-lhe-á o leite.

Quando uma gata, uma cadella, ou outro animal que ande amamentando seus filhos, ingere, por qualquer fórma, leite de alguma mulher (o que ás vezes acontece quando as crianças o bolsam), a essa mulher escassear-lhe-á bem depressa o leite, e o do alludido animal augmentará.

Esta inversão poderá a mulher desfazê-la dando ao animal, numa tigela, algum do seu próprio leite, e bebendo ella, depois, o que elle deixar.

Algumas mulheres que soffrem dos peitos, ou não têm leite sufficiente para criar seus filhos, pegam-se com S. Romão, que se venera na Lameira (Aljubarrota), a quem ellas brindam com garrafas de leite, vasando-o numa pia ahi destinada a essas offerendas.

Para propiciar S. Romão ha este este ensalmo:

San-Romão, San-Romão coroado,
Em Belêm foi nascido, em Belêm foi criado,
Que nos livre de serpentes e sezões quartãs,
Inimigos baptizados e por baptizar:
E sempre a San-Romão me hei-de encommendar.

Mordedura de cão.—Applicar á ferida um emplastro em que entrem alguns pêlos do mesmo cão.

Nascidas.—Havendo de apontar-se, no próprio corpo, o local em que alguêm tenha um abscesso, diz-se: *Aqui salvo seja*; ou então: *Sôbre tal lugar.* A omissão de alguma d'estas fórmulas pode fazer que no local apontado appareça um abscesso igual àquelle a que se fizesse referência. As nascidas aggravam-se, vendo-as ao espêlho.

Olhos inflammados.—Lavá-los com a ágoa em que um boi, bebendo, deixasse alguma espuma.

Parto difficil.—Promovem o bom successo algumas badaladas dadas num sino da paróchia pelo marido da parturiente. Enfiar na cabeça d'esta um barrete do pae do nascituro, dá tambêm bom resultado.

Pé dormente.—Fazer sôbre o peito do pé uma cruz com saliva. As crianças dizem:

Desadormenta-te pé,
Que lá vem o lobo Mé
Por a vinha do Thomé,
Que te ha-de querer comer
E não has-de poder correr.

Raiva.—Evite-se que os cães lambam sangue humano, para se não damnarem.—Suspeitando-se que elles, ou outros animaes, fossem mordidos por cão hydrôphobo, mandam-se benzer.

Rebanhos.—Avigora-se-lhes a saúde, defumand-os junto ás fogueiras de S. João.

Sapinhos.—Contra os *sapinhos* ou aphtas das crianças, metter-lhes na bocca a chave do sacrário.

Sarampo.—Envolver a criança num estofo de côr vermelha,—prática esta modernamente rehabilitada pela chromotherapia.

Sezões.—D'ellas se livram alguns, comendo qualque coisa que muito lhes appeteça. Diz-se: *As sezões vão-se com desejos.* Ha quem tome uma aranha víva e a encerre num canudo, pondo este, depois, ao pescoço. A aranha vae-se mirrando e as sezões vão decrescendo, até que findam. Tambem aproveita comer pão de milho novo, cozido num forno novo.

Sombra de figueira.—É nociva. Para que o não seja, quem se acolhe a essa árvore despega-lhe préviamente três fôlhas.

Tympanite.—Tratando-se de animaes, fustiga-se-lhes a barriga com uma palma benta, ou, na sua falta, com um ramo de figueira baforeira (figueira brava).

Usagre. — Sobrevêm ás crianças ainda não baptizadas, quando se lhes passa uma luz por cima da cabeça.

Verrugas. — Esfrega-se cada verruga com sua pedra de sal, que depois se deita no lume, e foge-se rápidamente, para não ouvir a crepitação. Tempos depois, as verrugas desapparecem.

VII — **Amuletos**

Contra as bruxas, nozes de três esquinas e cabeças de alho são amuletos de apregoado valor. Figas, cruzes, chifres de carneiro e corninhos de carocha tambem o são; mas estes preservam cumulativamente da feitiçaria, do enguiço ou quebranto (mau olhado), etc.

Também a arruda tem virtude contra o enguiço e outros maus influxos. Quando ella em nosso caminho se nos depara, é de bom aviso não passar adeante sem a cheirar. Diz um adágio:

Quem por um pé de arruda passou
E a não cheirou,
Se pouca saúde tinha, com menos ficou.

Mencionarei ainda o aipo («*onde está o aipo branco não põe o Diabo quebranto*»), palbas-alhas, o fumo das mesmas, o da arruda e o de lascas de corno, etc.

Contra os encantamentos é bom o sino-sàmão.

Uma meia-lua feita de pau de aroeira preserva da influência da lua as crianças de tenra edade.

Nunca as descargas eléctricas attingem o local em que se guarda uma pedra de raio [1], nem aquelle onde vegetam rosas de Santa Bárbara.

Uma cabeça de víbora apprehendida na primeira sexta-feira de março confere immunidade contra sortilégios, e proporciona certas vantagens aos jogadores, e a todos que se dão ao exercício das malas-artes.

Turquel (Alcobaça), 26-12-916.

JOSÉ DIOGO RIBEIRO.

---

[1] As chamadas *pedras de raio* são authênticos machados neolíthicos. Por ocasião de trovoada e segundo a crendice do vulgo, aquellas pedras, a que chamam *coriscos* quando pequenas e provêm dos *astros* (por *astros* entende o vulgo as altas regiões atmosphéricas), introduzem-se sete braças pela barra dentro, adquirindo depois um movimento ascensional em virtude do qual, ao fim de sete annos, chegam de novo á superficie do solo.

ESTUDOS CAMONIANOS

(Vid. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 227-232)

II

«É mortificante o trabalho de imprimir com perfeição livros latinos, e ainda mais o de imprimir livros gregos, mas superior a tudo está o desgosto de ver tão mal empregada tanta solicitude, neste tempo em que mais se cuida das *armas*, do que se presta atenção ás *letras*».

No «Prólogo» de Aldo Manucio ao **Thesaurus Cornucopiae** — *1497*.

As Duas Portadas dos Lusíadas de 1572

Dando a público, em 1880, a sua excelente monografia — **A Primeira Edição dos Lusíadas** — escrevia Tito de Noronha a pág. 23:

«Seja como fôr, do que não pode restar duvida, é que a edição dos *Lusiadas*, authentica, impressa em 1572, por Antonio Gonçalves, é a que tem na portada do rosto o pelicano com o colo voltado *á esquerda* do leitor.»

Nove anos depois, imprime Francisco Gomes de Amorim, nosso sempre lembrado amigo, a sua «edição crítica» — **Os Lusíadas de Luís de Camões** —, e no tomo I, cap. XXVI, pág. 125 da «Introducção», desenganadamente declara:

«... de nenhum dos auctores que tenho lido, até hoje, côlho prova alguma que contrarie a minha convicção inabalavel: a edição considerada *segunda* por todos os criticos (excepto pelo sr. Tito de Noronha) é a que foi primeiro impressa.»

Por último, outro nosso muito prezado amigo, sr. Dr. Xavier da Cunha, dá a lume, em 1893, a tão estimada poliglota — **Pretidão de Amor** — *Endechas de Camões a Barbara escrava* —, e em Nota 1, de pág. 100, adverte:

«(Chamo edição *princeps* á que em Lisboa sahiu, estampada na officina de Antonio Gonçalves em 1572, com o bico do pelicano que figura no entablamento da portada frontispicial voltado para *a esquerda* do leitor).»

Nestas três transcrições, pois, está patente o testemunho de que já desde 1880 vinha públicamente *afirmado*, ainda que não perentoriamente *provado*, ser a verdadeira edição *princeps* dos **Lusíadas** a que apresenta na gravura frontispicial o Pelicano, que aí se vê, em lugar de honra, com o colo voltado para a *esquerda* do leitor.

Decorrendo, porêm, o ano transcurso, fica, emfim, o facto indubitávelmente *provado* pela inclusão no *Catálogo N.º 8* da Livraria alfarrabista do sr. Manuel dos Santos, estabelecido no Largo do Calhariz, desta capital, da «reprodução zincográfica da *Regra e Statutos da Ordem de Santiago*, das três que Germão Galharde imprimiu, a ultima, a de 1548.» [1] Esta portada foi a que o impressor António Gonçalves empregou (já mutilada e desfigurada, quási, no tempo do seu primeiro possuidor) vinte e quatro anos depois, na 1.ª ed. do célebre Poema. Innocêncio, que descreveu a 1.ª das preditas três impressões da *Regra*, a de 1540, limitou-se a apontar as datas das duas seguintes, sem mais esclarecimentos de nenhuma espécie. No artigo a que em Nota *infra* nos referimos demos de tudo sumária conta, e segundo no-lo permitia a índole de uma folha diária, que não admite longas explanações erúditas, narramos as peripécias que matizaram êste interessante assunto da bibliografia portuguesa.

O que resta, pois, agora, é contar os antecedentes históricos e literários do assunto, explicando o porque foi que nem Tito de Noronha, nem Gomes de Amorim, nem quantos antes dêstes dois autorisados criticos versaram o assunto, puderam explicar a dualidade frontispicial da 1.ª ed. do Poema, e por conseguinte o porquê; nem um, nem outro dos nomeados puderam *provar* a prioridade do frontispicio: — Pelicano com o colo voltado para a *esquerda* do leitor.

É o que passamos a fazer, adicionando à nossa narrativa a interpretação *simbólica* da célebre portada; o que não será, assim o cremos, menos estimado pelos estudiosos. Ela contribuirá igualmente para corroborar o que em nosso já lembrado artigo do jornal *O Dia* deixámos afirmado: — «A gravura frontispicial aplicada á portada da *Regra e Statutos da Ordem de Santiago*, de 1548, é a que serviu, mutilada, à 1.ª ed. dos **Lusíadas de** 1572; é a que apresenta o colo do Pelicano voltado para a *esquerda* do leitor».

[1] Expressões do comêço do nosso artigo no jornal *O Dia*, de 10 de Junho de 1916. Cumpre explicar que há uma *Regra* desta Ordem, impressa em Setúbal em 1509, pelo alemão «Hermann de Kempis», de que nós fizémos «Armão de Campos».

Proximo ao último quartel do século XVI saiu à luz, nesta «mui nobre, leal cidade de Lisboa», um livro que tinha por título e mais dizeres:

Na parte superior do frontispicio:

OS / LVSIADAS / DE LUIS DE CA / MÕES

Ao centro:

Com privilegio / real

Na parte inferior;

Impressos em Lisboa, com licença da / Santa Inquisição, & do Ordina / rio: em casa de Antonio / Gõçalves Impressor.

1572

Enquadra este titulo uma gravura em madeira, executada em quatro peças soltas, representando uma portada, composta de envasamento, duas colunas e frontão, no meio do qual figura um *Pelicano*, que alimenta os filhos segundo a crença do tempo, isto é, recurvando o bico sobre o peito, e rasgando-o, para aquele fim.

Saiu êste livro «*in* 4.°, contendo 186 folhas numeradas pela frente, alêm das duas primeiras inumeradas, que conteem o frontispício, privilégio, e informação do qualificador» [1].

Pormenor que adiante se vai ver quanto se torna necessário ter em vista:—o alvará que concede a licença e privilégio ao autor para poder imprimir o Poema, e gozar os direitos da edição por dez anos, está assim composto:

«Em Lisboa a xxiiij de Setembro de MDLXXI».

O Livro é o que sabemos. *Dez* cantos de um Poema em que o Divino Camões,—no que muito pese à crítica assombradiça de um José Agostinho—exaltou:

«.... o peito illustre lusitano
«A quem Neptuno e Marte obedeceram.»

---

[1] *Dicion. Bibl.* Tom. v, art. «*Luiz de Camões*», pag. 239 e segg. Não entramos no ajuizar do como deva classificar-se o formato do livro: se em 4.°, se em 8.° Limitamo-nos apênas a transcrever a informação do douto Innocêncio.

Mil cento e duas estâncias, em que o Poeta deixou para todo sempre celebrizada a nação que alcançou a suprema ventura de o ter por compatriota; *oito mil oito centos e dezasseis* versos feitos para honrar o nome português, imortalizando o «genio sumo» que os entreteceu com a história do seu país: *cincoenta e cinco mil seis centos trinta e um* vocábulos inspirados pelo mais nobre de todos os sentimentos; — o do amor pátrio, e destinados a serem vertidos em *doze* línguas vivas, desde Castela até à Rùssia, de Veneza a Cracóvia, de Londres a Copenhague. Quere dizer: — um total de *oitenta e três* traduções a ajuntar às *cem* edições nacionais que os **Lusíadas** teem tido no espaço de *quatro* séculos [1], não contando as diversas edições das *Obras*, as *sete* versões latinas, a grega, de Verdier, que se perdeu, e a hebraica, de Lusetto, que Mickle e Delstrich citaram; — muito mais de *doze milhões* de palavras, só pelo que toca ao Poema em si mesmo.

Considere-se ainda o número infinito de comentários e de estudos biográficos e criticos, tanto nacionais como estrangeiros, os excertos e inúmeras citações a que a obra monumental do Poeta de há séculos tem dado matéria, assim como as referências às suas outras obras; considere-se, emfim, a extensão bibliográfica, necessária ao perfeito recenseamento de toda esta operosa e vastíssima aplicação literária, por um só mas potentíssimo engenho suscitada, e não será demais que se computem em *vinte milhões* de termos os que formam a «bibliografia Camoniana»; tudo quanto, emfim, se tem trabalhado para fundir com a luz do Sol a glória do Imortal Poeta, e com ela a glória de Portugal! [2]

Quanto à gravura frontispicial que serviu para ornamentar a *primeira edição* do Poema, célebre ficou ela tambem, não tanto por ter sido empregada no Livro, como pela fôrça das circunstâncias que a acompanharam no glorioso emprêgo.

Como execução artistica, pertence esta gravura, na verdade, ao número das que o douto Ribeiro dos Santos achava «mostrarem bem a falta de desenho que então havia, e quanto era vacilante e mui pouco déstra e assentada a mão de seus artífi-

---

[1] Tanto o número das traduções como o das edições nacionais se acham de presente mais aumentadas.

[2] A economia estatística dos **Lusíadas** foi por nós dada a lume em **Nota 1**, do **1 artigo** dêstes **Estudos Camonianos**, no ***Boletim da Sociedade de Bibliophilos «Barbosa Machado»***. Anno III, N.º 3—Lisboa, 1916.

ces». Nem por isso deixaria, contudo, de possuir títulos que a viessem a recomendar ao estudioso, ao bibliógrafo e ao biblió-filo, ainda que a êstes títulos se estivesse, em 1572, muito longe de supor especie alguma de importância, e que tal gravura não tivesse sido ocasionalmente empregada pelo impressor para frontispicio dos **Lvsiadas**.

Porque o facto é que, não só semelhante frontispicio não foi executado *de propósito* para esta obra, mas nem sequer tinha já, no ano em que a ela foi aplicado, novidade alguma. Bem pelo contrário: — havia vinte e cinco anos que vira a luz da publicidade, empregado em certo livro, para o qual longe de lhe suceder como a respeito dos **Lvsiadas**, fôra propositada e mui expressamente desenhado e aberto.

Não contando, porêm, a obra em que originàriamente figurou, havemos de ver que, ao menos de conhecimento já averiguado, foi o frontispicio de que se trata utilizado em mais *cinco*, impressas na oficina onde nascera, e que uma vez entrando na posse do impressor António Gonçalves, ainda, que se saiba, êle o empregou noutro livro, dois anos antes de o fazer servir à edição *princeps* dos **Lvsiadas**.

Supondo que de todas as *oito* obras, pois, a que, de sciência certa, este frontispicio até então servira se hajam tirado, uns por outros, 300 exemplares [1], reproduziu-se êle em 2:400 tiragens, o que vale como atribuir-lhe outros tantos esmagamentos num grosseiro prelo do XVI século.

Devia, portanto, estar bem estafada e gasta semelhante gravura, e razão não deixava de ter, neste particular, Antonio da Silva Tullio, para alegar em favor de seus engenhosos raciocinios a fácil deterioração do artístico artefacto [2].

E com efeito, como êle ficára, depois de tirada a célebre primeira edição do Poema Camoniano, se pode ver na sua reaparição aplicada à raríssima obra intitulada *Regra do Glorioso Patriarcha S. Bento*, que António Ribeiro, provável sucessor de António Gonçalves, e proprietário do material que a êste perten-

---

[1] Não formamos, na verdade, precisa ideia do número de exemplares que, por êstes tempos, comportaria qualquer edição normal.

Reportámo-nos à natureza das matérias, e ao volume das obras e sua importância relativa, considerada sob o tríplice aspecto de *devoção*, de *curiosidade* e de *interesse geral* (como era, por exemplo, o *Reportório dos Tempos*), em que êste célebre frontispicio conhecidamente figurou. A consideração de que o número de exemplares devia de aumentar, ém proporção com o dispendio da obra, para valer a pena imprimi-la, sem risco de prejuizo, pesou tambem no cômputo suposto.

[2] Nos artigos do *Archivo Pittoresco*, a que adiante nos referiremos.

cera, imprimiu em Lisboa, em 1596. Facilita este exame a reprodução zincográfica do rosto da aludida *Regra*, publicado, com as mais gravuras que acompanham a obra, incluindo o famoso frontispício que nos ocupa, entre a pág. 590 e 591 do *Catálogo* N.º 7 da Livraria do mesmo inteligente alfarrabista, sr. Manuel dos Santos, a quem já nos referimos, o qual dispunha então de um exemplar, mencionado sob o n.º 4718.

Em pleno século XVII, porêm, descobriu-se que andavam no público *duas impressões* ou *edições*, dizia-se, tão semelhantes e iguaes, que apenas por certas diferenças materiais e graficas se discriminavam.

Dera pela duplicação o comentador Manuel de Faria y Sousa, o qual na «*Vida del Poeta*» (2.ª), inserta no tomo I da sua edição das *Rimas Varias*, se exprime nos seguintes termos:

> «27 ... El gasto desta impression fué de manera, que el mismo año se hizo otra. Cosa que aconteció rara vez en el Mundo; y en Portugal ninguna más de esta. Y porque esto ha de parecer nuevo, y no facil de creer, yo asseguro que lo he examinado bien en las mismas dos ediciones que yo tengo: por differencias de caracteres; de ortografia; de erratas qué ay en la primera, y se ven emẽdadas en la segunda; y de algunas palabras con que mejorò lo dicho.»

Manuel de Faria e Sousa publicára em 1639 uma edição comentada dos **Lvsiadas**, e falecera dez anos depois, vindo o 1.º tomo da edição das *Rimas*, por êle comentada, a saír póstumo em 1685. Do passo transcrito se vê que o acérrimo comentador do Poeta, uma vez entrando no conhecimento da revelada duplicação, e acusando as diferenças «de carácteres» e de ortografia, e assim mesmo as *erratas* que observara entre os dois diversos exemplares, de que veio a declarar-se possuìdor, um dos quais demonstrou não conhecer ainda em 1639, nem por sombras desconfiou da genuinidade de uma de tais duas edições;—a que era do seu uso. Bem pelo contrário; vinte e cinco anos de trabalho sôbre um exemplar da edição que, de 1880 em diante, se indicou ser a *segunda* das duas datadas de 1572, acostumaram de tal modo o indefesso comentador a te-la por *única* daquele ano, que, em presença da que de novo conhecia, acha-

va ser ela «*segunda*» aperfeiçoada pelo Poeta, por emendas e «algunas palabras con que mejoró lo dicho»!

Ora do mesmo modo que as diferenças gràficas, e outras, das duas edições, nenhum abalo produziram neste entusiastico admirador do grande Poeta, e nenhum reparo lhe mereceram, para as estudar e comparar, existindo, aliás, em uma delas, como êle notára, sem lhe entrever o alcance, a prova incontestável do propósito feito e assente de se substituir em todo o Poema um sistema ortográfico por outro—«por diferencias de... ortografia», escrevera,—ficando desta sorte para todo sempre inconfundíveis as duas tiragens, tambêm lhe não atraiu a inadvertida atenção a circunstância, pelo menos extraordinária, de se ter ao mesmo passo procurado, sem a menor sombra de dúvida, confundir uma com outra a gravura frontispicial do livro, adotando-se o expedito processo de copiar por transparência, e o mais exactamente que se soube, a que devera ter sido a *primeira* desenhada e gravada.

A isto, porêm, se reduzira a caracteristica principal desta subrepticia imitação, por isso que, alêm das diferenças entre um e outro dos dois exemplares, a que Faria e Sousa aludiu em termos gerais, referindo-se ao Poema, logo no texto do Privilégio e no da censura de Fr. Bartolomeu Ferreira se encontram as diferenças ortográficas e de partição que o Visconde de Juromenha notou em sua edição, vol. VI, pag. 480 e segg., e que mal se compreendem como fruto de uma imitação persistente. A disposição da data do Alvará de privilégio é tópico de primeira ordem, para ajuizar do inegável valor das dissimilhanças apontadas.

Assim, ao passo que na *primeira* edição verdadeira, a do Pelicano, colo para a *esquerda* do leitor, se imprimiu:

«Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a xxiiij: de Setembro de MDLXXI»;

Na *segunda* verdadeira compôs-se o texto pela seguinte forma:

«Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa a vinte & quatro dias do mes de Setembro, de MDLXXI».

Seguem-se depois, no Poema, as diversificações graficas, a que decerto se referia Faria e Sousa, e as alterações de texto e de grafia, a que dão começo os já tão comentados versos:

«*E* entre gente remota edificar*aõ*
«Nouo Reino, que tanto sublimar*aõ*.»

substituidos por:

«Entre gente remota edeficar*am*
«Nouo Reino, que tanto sublimar*am*.» [1]

Pelo que toca, porêm, à imitação do frontispicio, saiu esta, ao primeiro aspecto, tão semelhante ao original, que a não se dar a circunstância de estar em uma representado o Pelicano, a que nos referimos, com o colo voltado para a *esquerda do leitor*, e em outra, o mesmo palmipede, com o colo voltado para a *direita*, nem pelo próprio frontispício seriam imediatamente destrinçados os dois diversos exemplares, apesar de, alêm daquela, outras mais divergências de desenho se revelarem a um exame atento.

É, portanto, da singular contradição existente neste facto:— que, emquanto se procurava confundir num só os dois frontispícios, se operavam, de propósito feito, e subordinadas a um outro sistema gráfico, profundas alterações na redação e na ortográfia de um dos textos, e até se diversificava a composição tipografica de muitos vocábulos,—que veio a nascer o infortúnio dêste assunto interessantíssimo da literatura pátria, protraindo-se assim até nossos dias a resolução de um dos mais notáveis problemas da bibliografia nacional.

Manuel de Faria e Sousa, porêm, nada disto viu, nem previu. Entusiasmado com o Poema que tantos cuidados e canceiras, por tão largo espaço de anos, lhe havia custado, não teve olhos para alcançar mais do que a glória—desculpável cegueira, por tão generoso motivo!—do seu Poeta querido, sintetizada na, por êle suposta, necessidade de levar-se, no mesmo ano, a efeito a nova edição, para satisfazer à procura extraordinária que atribuiu ao livro. Daqui procedeu que, não o deixando a agradável impressão que do facto recebia em nada mais pensar, nem reflectir, pela mesma ordem porque lhe viera o conhecimento das duas edições, na aparência irmãs, o transmitiu, infelizmente, à posteridade, nem sequer advertindo que sendo *só* para se realizar segunda impressão *melhorada*, no mesmo ano, não era absolu-

---

[1] Note-se que nosso sempre lembrado amigo Francisco Gomes de Amorim, comentando esta 1.ª estância em sua «edição crítica e anotada» *Os Lusíadas de Luís de Camões*—Lisboa, 1889, estabelece que a conjunção *E*, posta na *primeira* edição verdadeira, no comêço do v. 7, está fora do seu lugar, colocando-a o competente comentador, por isso que poeta e sabedor, portanto, das regras métricas, na restituição que empreendeu, no v. 5, como Visconde de Juromenha opinou também.

Inteiramente alheio às exigências da metrificação, entendemos, que, a não resolverem elas, difícil ha-de ser, perante a ordem do pensamento, decidir em qual dos dois versos, na verdade, o Poeta colocaria tal conjunção, se é facto, como Gomes de Amorim pretende, que Luís de Camões não reviu as provas da sua obra.

tamente necessário que para ela se imitasse o frontispício da que êle tinha por original.

É óbvio, pois, que se Faria e Sousa, todo enlevado na que tomou por tão extraordinária excepção, que julgava dever empenhar o seu testemunho de escritor e homem público, para ser acreditado, nenhuma atenção prestou a qualquer dos dois frontispícios, não deixaria igualmente, se lhe tivera ocorrido confrontá-los, de tomar a imitação pelo original, tão persuadido estava, sem mais reflectir, que à prioridade das duas edições correspondia, sem discrepância, a ordem cronológica porque êle sucessivamente as fôra adquirindo.

Ora, aos que depois dêle vieram, sem darem, a seu turno, pelo equívoco em que Faria e Sousa laborava, outro tanto sucedeu, e eis como se engendrou êste *qui-pro-quo* literário que só ao cabo de séculos devia ser desfeito.

Foi depois do aparecimento, em 1685, da edição das *Rimas*, comentadas por Manuel de Faria e Sousa, isto é, trinta e sete anos após a sua morte, e sabe Deus quantos depois que êle dera pela duplicação cujo conhecimento deixou inédito, que se entrou na posse do facto pela maneira, infelizmente viciada, que deixamos exposta, e que tanto havia de influir no juizo de pósteros escritores, no tocante à procedência e crédito literário das duas famosas edições.

Que, pelo que toca à intenção que terá presidido ao empreendimento da, já agora, declarada *segunda* edição, o sincero entusiasmo de Faria e Sousa esteve bem longe de ser seguido pelos que depois dêle versaram o assunto. Bem ao inverso, com efeito, de terem a duplicação por decisória prova da pretendida popularidade do Poema, os críticos que sucederam ao entusiasmado comentador, vendo nela intenções de manifesta fraudulência, mais ou menos extensa e grave nas conseqüências, mais ou menos atentatória do Direito, segundo a procedência que lhe era assinalada, ou chegaram a supôr o próprio Poeta conivente na *fraude*, por motivos que em certo modo o absolveriam dela, ou o fizeram a êle, ou a sua veneranda mãe, vitimas de especuladores derrancados, explorando cinicamente a miséria do Poeta, e a completa ignorância de Ana de Sá em assuntos em que interessava o seu direito [1].

[1] Gomes de Amorim, entre outros, em sua «edição critica», já citada, escreveu, com efeito, na *Introdução* do 1 vol., a pág. 114:

«A segunda edição do poema, não é, pois, senão uma contrafeição da primeira.

Entretanto, em 1861, António da Silva Tullio, versando por sua vez o assunto, dera uma nova face à questão.

Para êle, se havia dois frontispícios, não havia *duas* edições: Discorria Tullio que:

«As alterações e emendas que se notam nos exemplares que existem, não provam diversidade de edições, não só porque muitos erros da primeira se repetem na que se julga ser *segunda*, mas porque esta traz erros que não vem n'aquella outra. — Isto prova, accrescentava, que houve mais de uma tiragem, que as emendas se fizeram na fôrma, e que algumas folhas saíram mais correctas que outras, aproveitando porém o editor todas quantas se imprimiram, de que resulta não sabermos qual seja o exemplar mais conforme ao original, ou antes, á copia que serviu para esta primeira edição.» [1]

Procederiam estas razões, ainda que mais hipotéticas do que provadas, mais engenhosas do que verosímeis, se, como objectou outro não menos competente crítico e analista, se não demonstrasse, pelas diferenças ortográficas de *todas as folhas*, haver evidente e manifestamente mais de uma edição [2].

Mas, se não tinha havido, como Tullio pretendeu, *duas* edições, perfeitamente caracterizadas, ou melhor, *duas* series de exemplares da mesma obra, acobertadas sob *dois* frontispícios, tão iguais que só uma diferença de desenho mais em evidência em um dos atributos dêles denunciou a dualidade, para que serviria o emprêgo de um segundo frontispício?

Tullio, que assim como todos os mais escritores que o antecederam, e alguns dos que depois dêle vieram, entrou no êrro de julgar a questão dando mais atenção à obra, tal como tipográficamente se apresenta, do que aos *frontispícios* que acompanharam as duas edições, como que responde a esta pregunta, explicando a existência de uma das duas gravuras do seguinte modo:

«O argumento da gravura, que serve de tarja ao rosto dos exemplares de 1572, estar ás avessas em muitos deles, tambem não prova que houvesse duas edições, porque as

---

Saiu tanto mais incorrecta, quanto maior foi a ignorancia dos que a tentaram subrepticiamente, com a intenção criminosa de roubar a mãe do poeta, provavelmente no mesmo anno de 1580, em que falleceu seu filho; ou ainda no de 1579, adquirida a certeza prévia de que elle se não levantaria mais do seu leito de tormentos».

[1] *Archivo Pittoresco*, 1861. A pag. 173 começam os artigos deste escritor.

[2] Gomes de Amorim, *in* «edição critica», cit.—«*Introducção*».—Em diversos passos dela, e nomeadamente a pag. 125, onde, resumindo, escreveu: «... porque se prova, segundo já fartamente demonstrei, que em *todas* as folhas de ambas se acham mudanças, desde o principio até ao fim ...»

gravuras de madeira mettidas no prelo deterioram-se facilmente, e por isso, inutilisando-se a que servira para a primeira tiragem, fez-se outra desenhada por um dos rostos impressos (do que resultou ficar ás avessas) para se continuar a impressão».

Ora, nada se oporia, com efeito, a que uma gravura que, segundo já deixamos notado, presumívelmente se prestara no largo espaço de vinte e quatro anos a mais de 2:000 tiragens, estivesse realmente gasta e incapaz de aguentar toda ou parte da tiragem do Poema, qualquer que houvesse sido o número de exemplares a que, segundo a suposição de Tullio, ela pudesse ainda ter aproveitado.

Sem nos termos por obrigado a aceitar, pois, a hipótese engenhada pelo distinto crítico, e não tendo, sequer, a certeza de que todas as obras que tem aparecido com o célebre frontispício original sejam as *únicas* em que êle foi empregado, devendo, pelo contrário, esperar-se que averiguações mais persistentes, dentro e fóra do país, aumentem a lista dos *oito* exemplares já conhecidos, impressos até 1572, não nos repugnaria crer que por efeito do só trabalho conhecido, à gravura de que se trata, de todo incapaz de continuar a servir, se dessem por terminados os seus dias, ao terminarem também os trabalhos tipograficos da *primeira* edição dos **Lvsiadas** [1].

Mas o que Tullio não advertiu, e lhe dá em terra com a afirmativa, que não provou, de se ter feito nova gravura, para acabar a tiragem da edição que afirmou ser *única*, é que é justamente em *todos* os exemplares que vieram a lume a coberto do referido frontispício, repetido, «por se ter inutilisado — como êle, arquitectou — o que servira à primeira tiragem», que se observa a persistência sistemática da mudança em *am* do ditongo *ão*, tanto nos simples substantivos e advérbios, como em todos os tempos da infinidade de verbos que o Poema comporta, onde tal mudança pode caber, contra o canon ortogràfico de Duarte Nunes do Lião, vulgarizado desde 1573 [2]; é que é nestes

[1] Já vimos què decorridos 14 anos (1586) ainda ela apareceu na rarissima *Regra de S. Bento*.

[2] Quere dizer: se a verdadeira *segunda* edição dos *Lvsiadas* de 1572 é obra, como Tito de Noronha se persuadiu, de André Lobato, e foi levada a efeito, como êle crê, entre os anos de 1584 e 1586, teve o zeloso refundidor da ortografia camoniana, o igualitário seguidor do «*am*», farto ensejo de ver que o ditongo «*ão*» expresso por *am*, o declarou Duarte Nunes «erro manifesto».

«Finalmente, diz ainda o celebre gramatico, com o dito ditongo se hão de screver, na final terminação, to-

exemplares da que, por mofina, correu por serem os da verdadeira *primeira* edição, que se observa a tendência para prestar ao *y* as honras de membro do alfabeto português, nas emergencias preconizadas por Pero de Magalhães de Gandavo [1]; é que é nestes exemplares que as vogais coroadas de *til* figuram como sílabas perfeitas — ã por *an*, ẽ por *en*, ũ por *um*, etc., em obséquio á abstrusa doutrina do velho grámatico Fernão de Oliveira, e seus amoucos. O que Tullio não advertiu, tambem, é que é nestes exemplares que se atribui a Luís de Camões linguagem de preto, quando se refere aos *inglescs* [2], é que é nestes exempla-

---

> delos nomes, que vulgarmente se screvem por *am*, dizendo capitão, alemão, galeão, tabaleão, se queremos screver como pronunciamos.»

E ainda adiante:

> «. . . que nenhum nome nem verbo se screva no fim per *am*, que he pronunciação alhea da que nós damos aos dictos vocabulos.»
>
> *Orthografia*, per João de Barreira, MDLXXVI.

[1] A famosa trilogia do I, «jota, comprido, y, grego, e i, pequeno» está consagrada pelo autor citado no texto, em suas *Regras que ensinam a maneira de escrever a ortographia da lingoa portuguesa*» dadas a lume em 1.ª ed. por António Gonçalves, Lisboa, 1574.

Pelo que respeita ao y, diz-nos o autor:

> «Este y, grego, se seguirá sempre em meyo de diçam, quando acontecer entre duas vogaes, & nunqua terá pronunciação de consoante, assi como joya, mayor, moyos, etc.»

Em obediencia a este belo canon ortografico, ainda ha bem poucos anos certos letreiros das vias públicas de Lisboa ostentavam o indispensavel Y nos vocabulos *Arroyos*, *Atalaya*, *Atayde*, *Poyaes*. Ortografia igual, e que ainda não teve emenda, nas taboletas dos «*Alfayates*».

> «E noutra nenhuma parte se deve vsar, nem será sofriuel, saluo se for em cabo de diçam diante vogal, assi como, Rey, darey, foy, muy, etc., que parece bem em semelhantes lugares & não offende a pronunciação da lingoagem.»

Innocencio, que introduzira êste autor entre o numero dos que, por nome proprio, se chamam *Pedro*, sem remeter os leitores, na abreviatura *Pero*, para o lugar que lhe assinou na letra inicial, declara não ter logrado ver nenhum exemplar, das três edições que cita, das «*Regras que ensinam*, etc.

Por nossa parte, afirmamos que tomámos os nossos apontamentos do exemplar da ed. de 1590, existente na Sala dos *Reservados* da Biblioteca Nacional, sob o n.º A-428.

[2] Conquanto na 1.ª ed. verdadeira do Poema esteja estampado «*Inglesa*» e «*ingleses*», reconhecemos que bem poderia o Poeta escrever tais vocábulos tal qual a primitiva forma:—preferência do *r* ao *l*—pois que, seguindo esta, ainda no século XVII.º tal vernáculo prosador, qual foi D. Francisco Manuel de Melo, a usou em uma de suas *Epanaforas*, e apesar de escrever «*Inglaterra*», escreveu «*ingrezes*».

Êste exemplo, porêm, excelentemente prova que ao promotor da edição contrafeita minguava o especial critério linguistico de que tantas provas o Divino Poeta nos deixou em sua Obra. Ela não é só, com efeito, um inspirado hino apoteótico à Pátria, que tanto amou, mas um verdadeiro repositório, também, de castiça, polida e aprimorada linguagem.

res, emfim, que se notam as emendas mais crueis e os lapsos de revisão mais censuráveis que podiam ter escandalizado o zêlo do Poeta pela possível integridade do seu pensamento, se êle tivera passado pelo desgôsto de ver o seu bom senso, as suas letras e o seu saber tão atrozmente comprometidos.

Por conseguinte, quer pelo motivo engenhado por António da Silva Tullio, quer pelos que Tito de Noronha [1] e Gomes de Amorim [2] aduziram, para afirmar que a que tem sido considerada *primeira* edição é que é realmente a *segunda*, e que esta não passa de ser condenável contrafeição daquela, sempre é certo que, de quantas folhas tem o Poema, *duas* edições se fizeram, perfeitamente distinguíveis uma da outra por diferenças que não só se não concebem em nenhuma imitação, destinada a fazer-se passar fraudulentamente pela verdadeira, mas, por isso mesmo, se não prestariam a considerar tal, quer uma, quer outra, quando se não soubesse, como hoje de certeza o sabemos, que a edição imitada da *princeps* é a que tem no frontispício o Pelicano, com o colo para a *direita* do leitor.

Somos chegados ao memorável ano de 1880, e sai a lume, escrita por Tito de Noronha, a Memória — *A Primeira Edição dos Lusiadas*.

Nesta excelente monografia opina finalmente o conspicuíssimo escritor que o verdadeiro frontispício da edição *princeps* dos **Lvsiadas** não podia ser, em suma, senão o que apresenta o colo do Pelicano voltado para a *esquerda* do leitor.

Tito de Noronha conta, com efeito, ainda que um tanto menos bem disposta a sua narrativa, que em 1554 dera a lume o impressor Germão Galharde, de nação francês, uma obra em que aparece a gravura frontispicial que serviu à estampagem da edição verdadeira dos **Lvsiadas**, tal qual a gravura era, antes de sofrer a mutilação por que passou em fins dêsse mesmo ano de 1554 [3].

---

[1] *A primeira Edição dos Lusiadas*—Porto e Braga, 1880.

[2] Na obra sup. cit.—«*Introdução*».

[3] Eis o principal do titulo da aludida obra:

«*Tratado de la/vida loores y excelencias del glorioso a/postol . . . san/Iuan . . . . . /:cõpuesto/por el P. F. Diogo de Estella . . .* /».

Tem no fim a seguinte subscripção:

«*A Loor y Gloria de/Dios, acabose el tratado de la vida e excelẽcias del glo/rioso euangelista sant Iuan, en la muy noble e siempre/ leal ciudade de Lisbona, en la imprẽta de German / gallarde imprimidor del rey nuestro senor. / Acabose a nueve del mes de*

Mas esta gravura, dir-se-há também agora, assim como fôra propositadamente desenhada para a obra onde em 1548 veio pela primeira vez a lume, ao passo que demandava certa larguéza de margens, ocupava bastante campo no espelho, ou espaço destinado ao título das obras em que fosse aproveitada.

Tal inconveniente, junto ao mais elevado custo de papel que se prestasse a maior formato, seriam origem de transtornos técnicos e económicos. Quer por tal motivo, pois, quer pelo não menos plausível, explicado por Tito de Noronha [1], ou por ambos os motivos juntos, certo é que se resolveu, como fica dito, operar na gravura de que se trata considerável mutilação, não parecendo que, depois de 9 de agosto de 1554 até 13 de novembro do mesmo ano, em que se sabe ter saido a lume o famoso frontispício, em seu novo e já agora definitivo aspecto [1], nenhuma outra obra produzisse Germão Galharde, em que tal portada, figurasse, modificada ou não pela mutilação sofrida.

Depois desta obra, mais *duas* se publicaram executadas pelo mesmo impressor, tendo por frontispício a gravura mutilada de 1548. Nem uma, nem outra, porêm, declaram, como aliás se vê em tantas do século, a data em que foram acabadas, sendo licito

---

Augusto, Ano de mil qui nientos y cinquen ta y quatro».—Biblioteca Nacional. *Reservados* A-246.

Padre João Bautista de Castro, tratando dos «Escritores Portugueses» em seu *Mapa de Portugal*, tom. II, P. 4.ª, enumera entre os expositores da Sagrada Escritura a Fr. Diogo de Estela, do qual diz, apoiado em Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*:

> «Fr. Diogo de Estella, religioso franciscano da provincia de Santiago, a quem muitos querem fazer natural do reino de Navarra, *sendo verdadeiramente portugues.*»

Lá terão sabido o porquê . . .

[1] «A gravura, com o trabalho da impressão, sofreu alguma cousa, principalmente as partes destacadas do cheio da peça, onde a compressão era mais violenta . . .»

Certos atributos «foram mais ou menos esmagados . . .».

Mem. cit., pag. 81.

[1] Eis o título da obra em que foi aproveitado:

«*De las Sentencias que hasta nuestros tiempos, para edificacion de buenos costumbres, estan por diversos Autores escristas, &*» — Cit. por Innocencio, que lhe transcreveu igualmente a subscrição final, onde consta a data que se lê no texto. Vid. *Dicion. Bibl.* tom. VII, pág. 254.

Uma das duas razões por que Innocencio incluio esta obra em seu Dicionário, sendo escrita em castelhano, e por autor anónimo, foi, como êle o declarou, «a singularidade com que nos rostos d'ela se apresenta a mesma tarja que dezoito anos mais tarde, isto é, em 1572, aparece tambem nas primeiras edições dos Lusiadas, feitas na oficina de Antonio Gonçalves.»

Vamos ver adiante que êste impressor já dois anos antes fizera servir a uma outra obra a mais que discutida tarja.

supor por vários indícios, que ambas pertençam ao ano de 1555 [1].

O aspecto do frontispício de que se trata ficou tal, com a mutilação sofrida, que, a não serem certos atributos de maior evidência, quási poderia passar por ter sido outra a chapa que o produziu [2]. Não foi tal mutilação, porêm, tão dextramente praticada, que não deixasse nas peças que a sofreram vestígios evidentes. Por isso, e porque os atributos restantes são e estão de todo o ponto conformes com o primitivo desenho e sua disposição, há a mais absoluta certeza de que a chapa frontispicial das obras apontadas em Nota é a mesma a que Tito de Noronha se refere.

Faleceu Germão Galharde em 1560, deixando viúva e um filho de menor idade, que não parece, se continuou a existir, ter praticado a arte de seu pai. Manteve-se a viúva à testa da casa, acabando a impressão do *Repertorio dos tempos em linguajem portugues*, que seu marido começára, e que já em sua oficina fôra tambem reimpresso em 1557 [3].

Como não vimos exemplar algum destas duas edições, não podemos saber se na portada de uma ou de outra, ou de ambas, terá figurado a tão discutida gravura. Tito de Noronha, em nota (68) de pág. 80 da sua Memória, tambem se refere à edição que a viúva Galharde terminou, sem dizer, contudo, cousa alguma acêrca do rosto dela.

Mas em 1563 voltou a viúva do activo impressor a fazer nova edição do mesmo *Repertório*, que segundo se vê, era reim-

---

[1] As obras a que nos referimos no texto são, pela ordem que lhes presumimos, as seguintes:

1.ª «*Principios e fundamentos da christandade, ou dialogo com um breve summario de lembranças do que cada um deve guardar no estado da vida que tomou*».

Este é o titulo transcrito por Innocencio, diferindo bastante do que se lê em Tito de Noronha, *Memoria* cit., não duvidando nós que de qualquer das maneiras se intitulasse a obra, que o douto bibliografo classificou «opusculo».

2.ª *Summario ẽ/ que brevemente se/ contem algũas/ cousas (assi ecclesiasticas/ como secu/lares) que/ ha na cidade de Lisboa./*

Declara-se autor desta obra, no verso da página frontispicial, o Guarda-roupa do Arcebispo de Lisboa, «Cristouão Rodriguez dolliueira».

Quer seja esta, quer a inversa, a ordem da publicação destas duas obras, cousa é de pouco momento. O que, em todo o caso, crêmos, é que o *Summario* não saiu a lume, senão em principios de 1555; pelo menos, no fim do ano anterior.

[2] Adiante daremos a justificação desta afirmativa, transcrevendo certo passo da *Bibliotheca Historica Portugueza*, de Jorge Cesar de Figaniere, que tem ligação intima com este assunto.

[3] De que Innocencio dá noticia em seu *Dicion. Bibl.*, não no lugar proprio, mas tratando de Valentim Fernandes, tom. VIII, pág. 397.

presso trienalmente. Aí foi, de certeza, empregado o célebre frontispício, pois que, apesar de Inocencio não mencionar esta edição, vimos na Sala dos *Reservados* da Biblioteca Nacional o exemplar B-10, achando-se exarado na parte inferior da famosa gravura o ano referido, e no fecho do livro a subscrição:

«em casa da viuua molher q̃ foy de Germão Galhardo.» (*sic*)

Aqui estão, portanto, os *seis* exemplares de obras saídas da oficina de Galharde, e de sua viúva, em que figura o frontispício: — Pelicano, colo à *esquerda* do leitor.

Trespassou, porêm, Ana Picaia, a viúva de Germão Galharde, a sua oficina — e dizemos «trespassou», se é que não falecera, — porque presumimos ter sido para ela que Marcos Borges mudou a que, em suas obras, dizia ter «atraz de Nossa Senhora da Palma». Ou porque a nossa presunção se não verifique, ou porque a Marcos Borges, tendo material próprio, só lhe conviesse a casa, certo é que o que pertencia à viúva Galharde passou ao poder de António Gonçalves, acaso «obreyro de emprimidor» do velho tipógrafo francês, e que, em contrário do que diz Tito de Noronha, já a meiados de 1566 se achava estabelecido, como em outro nosso escrito o deixamos patente [1].

Cinco anos depois (1570), reedita êste impressor o imprescindível *Reportório*, não se achando tambêm esta reimpressão compreendida no *Dicion. Bibliogr.* entre o número das mencionadas no tom. VII, pág. 77, mas existindo um exemplar, o n.º B-11, na Sala dos *Reservados* da Biblioteca Nacional. Ora, o frontispício adotado por António Gonçalves para êste livro é ainda a famosa gravura de que nos temos ocupado.

Finalmente, dois anos depois, utiliza-a de novo êste impressor na *primeira* edição dos **Lvsiadas**, verificando-se ultimamente que em 1586 ainda ela esteve no caso de figurar, posto que um tanto fora de propósito, na *Regra de S. Bento*, como anteriormente notamos.

Eis como êste misterioso frontispício, desenhado e aberto em 1548, deitou até êste último ano, tendo sucessivamente servido, que se saiba, a *nove* obras diversas, das quais *duas* o reproduziram tal qual primitivamente fôra desenhado, e *sete* o

---

[1] Acêrca de Germão Galharde e sua viúva, bem como a respeito de Marcos Borges, António Gonçalves e outros impressores do século, veja-se a nossa *Notícia de Livreiros e Impressores em Lisboa, na 2.ª metade do Seculo XVI*, 1911 — Imprensa Libanio da Silva, Travessa do Fala-Só, 24 — Lisboa.

repetiram tal qual, depois da mutilação sofrida, ficou para sempre estampado no Immortal Poema.

Mas, — e redobra aqui o infortúnio que tem malsinado êste assunto — aproximando-se a época da celebração do Tricentenário Camoniano, ocorrera muito naturalmente, — e excelente fôra a inspiração, se mais cedo se manifestára, — a Tito de Noronha, dar forma literária a apontamentos desde anos laboriosamente coleccionados, para pôr em público a sua notável Memória — *A Primeira Edição dos Lusíadas:* — ; notável, com efeito, apesar de alguns senões, tanto mais para lastimar, quanto é sobejamente sabido como houvera sido fácil ao autor evitá-los, se não foram precipitações de ocasião.

Tarde levada a efeito a resolução, faltou já ao autor o tempo necessário para subordinar os seus numerosos apontamentos, os seus especiais estudos criticos, os seus largos conhecimentos das espécies que mais de perto se relacionavam com o tentador assunto principal, a um quadro bem delineado, e ao sossêgo necessário para o aperfeiçoar e bem ligar.

Sucedeu, pois, o que era natural: — saíu a obra acentuadamente mal digerida no plano, e a parte informativa, tão copiosa e interessante, senhora, como podia ter ficado, do grande êxito da Memória, para o assegurar ao autor, que tanto o merecia, incompleta, contraditória e confusa em sua redacção. A própria revisão técnica, em suma, foi de tal modo descurada, que gera pena o pensar-se que ha de haver quem, não tendo conhecido, nem a pessoa, nem a competência e letras do autor, lhe ajuize da gramática pelas repetidas provas de precipitação de que o revisor dá testemunho, deixando passar, sem a corrigir, a gramática dos tipógrafos.

Declara Tito de Noronha, no final da nota (68), da pág. 80, que do impressor Germão Galharde conhecia — e concebe-se bem que conhecesse — «mais de *setenta* edições». Só o catálogo das composições portuguesas e traduções para o idioma pátrio, de nós conhecidas e notadas, comporta 86 números, entre obras de tomo e simples folhetos. Ora, entre aquelas figuram *três* edições da obra onde, e em uma das quais, a terceira, apareceu o célebre frontispício, objecto dêstes estudos. Sairam dos prelos de Galharde em 1540, 1542 e 1548. A obra é a *Regra de Santiago*. A ela nos referimos em nosso citado artigo do jornal *O*

Día, de 10 de junho de 1916, ao qual aludimos no comêço dêste II Capitulo de nossos *Estudos*.

—¿É possível, preguntamos agora; é possível admitir a presunção, sequer, de que Tito de Noronha não incluisse o conhecimento de tal obra entre o número de «mais de setenta edições» que se gabava de ter visto, saídas dos prelos de Germão Galharde? É realmente possível que Tito de Noronha não conhecesse esta *Regra* e esta edição dela, principalmente, familiar como se mostra com todas as produções dos séculos da infância da «arte impressória»? É possível conceber ainda, que Tito de Noronha—que desde longe se andava preparando para lançar no mundo dos estudiosos, e dos interessados nos assuntos da bibliografia portuguesa dos seculos XV e XVI, e principalmente no circulo dos Amadores Camonianos, esta grande, esta decisória verdade:—«a edição verdadeira *princeps* dos **Lusíadas** é a que tem na portada o pelicano, com o colo voltado para a *esquerda* do leitor!»;—é possível, repetimos, conceber que Tito de Noronha, encetando a parte *informativa* da sua tão útil Memória, salte por cima da *prova provada* da sua asserção, deixando-a em inexplicável olvido, para preferir referir-se ao primeiro dos livros conhecidos, que, depois da obra a que lhe conviria ir direito, apareceu, ostentando a célebre portada, mas já incapaz, ela própria de apresentar ao leitor o testemunho irrecusável da sua verdadeira origem?

Pois foi o que aconteceu!—Mas como?—Outro inexplicável caso!

> «Examinando os productos da imprensa portugueza durante o seculo XVI—escreve—pode-se tambem determinar qual seja a 1.ª edição. (dos **Lvsiadas**, bem entendido)
>
> «Em 1551 sahiu das oficinas de Galharde o *Summario de Lisboa*. O rosto é mettido em uma portada de madeira, que se tornou celebre. Compõe-se a portada de um plintho com seus adornos; de duas columnas, com caneluras na metade inferior, cahindo da esquerda para a direita do leitor, e a meio d'ellas dois capacetes sobrepujados com uns festões que não chegam a pousar na gola dos capiteis; ***pela parte de trás dos capacetes, em guisa de tropheus, umas alabardas cruzadas;*** no entablamento vê-se um pelicano, com o collo voltado á esquerda do leitor, entre dois golpinhos ***de phantasia.***»

Pedimos ao leitor benigno se sirva tomar nota de que tudo que nesta descrição transcrevemos em itálico, é por nós sublinhado. Já vamos ver o que é que, na realidade, está por detrás des-

tes capacetes, e lá mais para diante mostraremos que a «*phantasia*» dos golfinhos foi fantasia do autor.

Continua, porêm, logo Tito de Noronha, escrevendo:

> «Em 1554 o mesmo impressor imprimiu o *Tratado de la vida loores y excelencias del glorioso apostol . . . San Ioan*, de Diogo d'Estella; serve a enquadrar o rosto *a mesma portada.*» (!)

Passa depois a explicar como, e por que se resolveu mutilá-la, e acrescenta:

> «Foi assim que a portada tornou a servir, em 1554, no livro impresso tambem por Germão Galharde *Primera parte de las Sentencias que . . . estan por diuersos Autores escritas.*
>
> «A mesma portada, *já sem as lanças*, serviu ainda na edição da *Doctrina d'principios e fundamentos d'christãdade*, do bispo do Algarve D. João de Mello.»

Sublinhamos «já sem as lanças», porque alêm de intempestiva, neste lugar, semelhante advertência, na descrição da portada referira-se Tito de Noronha, como acabamos de ver, a «umas alabardas cruzadas». Da própria fotogravura da mesma portada, uma das quatro que acompanharam a Memória, se vê que não há nela lanças nenhumas, e alabardas, há *uma só*. Tudo o mais que forma o resto dos trofeus está longe de se parecer com alabardas e com lanças.

Seguem-se as referências ao falecimento de Germão Galharde, e á actividade industrial da sua viúva, limitada pelo autor ao ano de 1563 [1].

E logo, concluindo a sua explicação de como a gravura do *Summario* e do livro de Diogo de Estela veio a ornar a edição verdadeira *princeps* dos **Lvsiadas**, escreve, por fim Tito de Noronha:

> «Antonio Gonçalves estabeleceu prelos em Lisboa em 1568, tendo adquirido typos e utensilios que anteriormente haviam sido de Galharde, e imprimiu em 1572 a primeira edição dos *Lusiadas*, servindo-se no rosto do livro da mesma

[1] Outra distracção de Tito de Noronha:

Ana Picaia, viuva de Germão Galharde, só depois de 21 de março de 1564 desfez a oficina, ou faleceu, acaso. O *Exemplo para bien vivir*, de Fernão Peres de Gusmão, a 4.ª das obras que se sabe terem sido por ela impressas, traz, com efeito, no fecho aquela data como a do acabamento da obra. (Cf. o n.º A-443, dos *Reservados* da Biblioteca Nacional.)

> portada que servira ao *Summario*, á *Vida de S. Juan*, e *depois de aparada* (é nosso o italico) ás *Sentencias* e á *Doctrina de principios*.» [1].

Agora, o verdadeiramente extraordinário da parte de um bibliógrafo bem farto de saber, decerto, que o que estava deixando imprimir não passava de um infeliz agregado de inexactidões, e de inexplicáveis confusões:

> «Alem desta portada, tambem ainda Gonçalves *possuia outra*, que anteriormente fôra de Galharde: é a que aquelle empregou na edição do *Reportorio dos tempos* de 1570, e servira noutra edição anterior do mesmo *Reportorio*, impressa em casa da viuva Galharde em 1563.»

Não há pontos de admiração bastantes para comentar semelhante infortúnio informativo!

Em primeiro lugar, não foi em 1551 que o *Summario*, dito de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, «saiu das oficinas de Germão Galharde». No próprio livro está a prova de que no ano seguinte ainda se não achava a imprimir. No verso da pag. *C* (as páginas dêste livro não são numeradas) [2], referindo-se aos muito mil cruzados que a Misericórdia recebia de esmolas, cada ano, escreve quem quer que foi, Cristovão ou outra pessoa:

> «E o ano de quinhentos E cincoenta e dous recebeo mais de sesenta mil cruzados:»

A nosso humilde ver, o *Sumario*, poderá como já dissemos, — e sempre que a ocasião o tem permitido o temos afirmado — ter vindo a lume em fins de 1554, e em todo o caso, *depois* do *Tratado* de Fr. Diogo de Estela, por isso que êste livro é, que se saiba, o que após a *Regra de Santiago* de 1548, em que a célebre portada primeiro apareceu, a repetiu *inteira*, eliminada já, todavia, nela a lâmina de dois gumes cravada no punho e

---

[1] Tito, assinando o ano de 1563 ao têrmo da actividade impressoria da viuva, e o de 1568 ao estabelecimento de Antonio Gonçalves, abrio uma margem de 5 anos ao destino que teriam «os prelos, os tipos, as vinhetas», que «passaram naturalmente a outros possuidores».

Em nosso sentir — e assim o exprimimos em nossa alegada *Noticia* — não ha nada disto. A viuva, ou morreu ou trespassou a casa, depois de 21 de março de 1564, a Marcos Borges, se são certas as suspeitas quê, a respeito deste, já fizemos entrevêr, e o material não havia de ter muito têmpo para andar perigrinando, antes de ir parar ao poder de Antonio Gonçalves, pois que em 17 de setembro de 1566 já nós o encontramos estabelecido, como declaramos supra.

[2] Aos menos versados no assunto cumpre explicar que ha uma 2.ª edição dêste livro, datada de 1755, tão rara, porêm, como a primeira.

guardas em forma crucifera, que é o distintivo da Ordem, e campeava no espelho do envasamento, a que a corôa de louros serve de moldura.

Por conseguinte, tendo sido o *Tratado de la vida loores y excelencias del... apostol San Iuan* o *unico* em que se amostrou intacta, depois da sua primeira aparição, a portada de que se trata, salvante a pequena eliminação a que nos referimos, a descrição que Tito de Noronha dela faz, aplicando-a à do *Summario,* que toda a gente pode ver que não tem alabardas nem lanças, que não tem troféus, que não tem nada «pela parte detraz dos capacetes»; que não é, em suma, senão o *terceiro,* ou, pelo menos, o *segundo* [1] dos exemplares, conhecidos, que sairam a lume depois da mutilação operada, é, não só descabida, mas causadora de confusões, dificeis de desfazer perante os menos versados na matéria.

Ora, estas confusões aumentam-se, dizendo Tito que em 1554 saíra o *Tratado,* servindo a enquadrar o rosto «a mesma portada».— A mesma, decerto, mas, apenas com a ablação do emblema da Ordem, *completa* em tudo mais; *completa,* como poucos a hão-de conhecer, porque o que raros sabem, ou saberiam antes de Tito de Noronha o contar, mal contado, como vemos, é que desde 9 de agôsto, pelo menos, de 1554, tal portada não ficou sendo senão um reflexo do que fôra em 1548. Com a mutilação que sofreu nas armas, nos «troféos», que Noronha atribuiu ao *Summario,* em vez de os descrever aplicados ao *Tratado* do frade navarrino, êste frontispicio ficou sendo uma espécie de Abelardo, das artes de impressão portuguesas do seculo XVI.

Manifesto se torna daqui, que o que Tito diz acêrca da *Doctrina de principios* é puro pleonasmo, no tocante à ausência das «*lanças*». Êste livro está no caso do *Summario, mutatis-mutandis,* no que respeita às datas de aparição, circumstância que nenhuma importância tem para o caso. Apareceram ambos sem troféus [2].

---

[1] Conforme se quizer estabelecer a precedencia entre este livro e a *Doctrina de principios,* visto que nem um nem outro têem data, como ficou dito.

[2] Fixemos em breve *Quadro* as datas de aparição de todas as obras mencionadas:

Regra de Santiago—3.ª ed. de Galharde—15 de Junho de 1548—Frontispicio *ad hoc.*

Tratado de Fr. Diogo de Estella—9 de agosto de 1554—Frontispicio tal qual, menos o distintivo da Ordem.

Sentenças—13 de novembro de 1554—Frontispicio mutilado.

Principios de christandade—Fins de 1554, ou principios de 1555.

Agora, pelo que toca a António Gonçalves, o que Tito escreveu é que tem importância suma; não pela dos acertos, em que não abunda, mas pela das gravíssimas inexactidões, de que está cheia, comprometedoras, até, dêsse mesmo incompleto êxito a que ficou limitada a sua, aliás, tão oportuna monografia.

Tito de Noronha fixa o estabelecimento de António Gonçalves em 1568, por ser dêste ano que viu datados os primeiros testemunhos da actividade independente deste impressor. Abstraindo da questão de saber-se se não haverá algum trabalho de António Gonçalves, produzido antes daquele ano, devendo-se atender a que a cautela nos manda pôr de sobre-aviso a êste respeito, uma vez que é fácil de provar, até pelos próprios frontispícios, conhecidos, do século XVI, que obras houve de tal século que não chegaram até nós, [1] de certo, temos o que já dissemos: — que em data de 17 de setembro de 1566 já António Gonçalves estava estabelecido. E acrescentaremos agora: — na Costa do Castelo, «na rua que vai do Postigo de Santo André ao Baluarte de Sam Lourenço», no bairro conhecido pela designação (antes, do que denominação) de «rua das casas de Manoel Afonso», antigo assento da chamada Vila Quente; tudo tal qual consta da nossa já alegada *Notícia*.

Não sendo natural que entre tal data e o ano de 1568 António Gonçalves permanecesse inactivo, aí está já margem larga para se reconstituir a bibliografia industrial do impressor dos **Lusiadas**, se tal cometimento fôr possível.

Bem sabemos que não podia Tito, com respeito ao tão falado impressor, ter outra noticia, que não fosse a indirecta, resul-

Summario de Rodrigues de Oliveira—Idem, idem.
Reportorio dos tempos—1563.
Dito—1570.
Lvsiadas—1572.

[1] O do n.º A-149, da Sala dos *Reservados* da Biblioteca Nacional, por exemplo, què, assim como o de que estamos tratando, foi expressamente feito para uma outra obra, diferente desta em que foi aplicado, mas que se não conhece.

¿Entanto, quem nos dirá quo sumisso levou a 1.ª ed. da *Aulegrafia*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, que em 1561 teve nova edição, e que feições, teve a 1.ª ed. da *Comedia Ulyssipo*, do mesmo autor? ¿Quem nos dirá se realmente existiram os *Triumphos de Sagramor*, e se as conjecturas de Innocencio, acêrca da existencia desta obra prevalecem ou não? ¿Quem nos resolverá o problema das edições portuguesas do *Palmeirim de Inglaterra*, de que se diz ter havido uma edição em 1564, a qual seria já *terceira*, a respeito de duas outras anteriores, que totalmente se não conhecem? Quem nos resolverá tantas e tantas dúvidas desta materia e valor, que estão esperando, e continuarão, provavelmente, por largo espaço a esperar solução satisfatoria; — noticias de vista pelos reconditos de tantas bibliotecas de amadores, ciosos de seus recatados tesouros?! — Veja-se, a respeito do *Palmeirim*, o que diz Manuel Odorico Mendes, em seu *Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra*, — Lisboa, Tip. do *Panorama*, 1860. 8.º grande, 79 pag.

tante da primeira data, conhecida, de uma impressão da sua oficina, as *Poesias* de Cadaval Gravio. Circumstâncias excepcionais nos permitiram dar os pormenores que aqui se têem lido, acêrca dêste impressor, e da viúva Galharde, respigados em a *Notícia* que em 1911 publicamos, e a que já aludimos. Não é, pois, o atribuir Tito de Noronha ao ano de 1568 o estabelecimento de António Gonçalves que nos admira. O que nos causa sincera pena, é ver o ilustre bio-bibliógrafo, como que trabalhando contra o principal empenho da sua muito bem vinda monografia, afirmar que António Gonçalves, alêm da portada que servira ao *Summario*, à *Vida de San Juan*, e depois de aparada, às *Sentencias* e à *Doctrina de principios*, ainda possuia *outra*, que tambem pertencera a Germão Galharde, e êle, António Gonçalves, aproveitou, em 1570, para a reimpressão do *Reportorio dos tempos*, dêsse ano! Isto é que nós achamos estupendo, numa obra que se aplica a mostrar, embora mal, que o frontispício verdadeiro dos **Lusiadas** de 1572 é o mesmo que serviu ao *Tratado* de Fr. Diogo de Estela; o mesmo que «depois de aparado», para usar o vocábulo empregado por Tito, serviu, às *Sentencias* e restantes obras citadas!

—¿Pois então a gravura do *Reportorio dos tempos*, de 1570 não é a mesma gravura dos **Lusiadas,** de 1572?!

¿E a gravura dos **Lusiadas** de 1572 não é a mesmíssima gravura do *Reportorio* de 1563, do *Summario* e da *Doctrina,* do provável ano de 1554; a mesmíssima das *Sentencias,* de certeza publicadas em novembro dêsse ano?—¿E todas estas estampagens não se apresentam no estado em que ficou a chapa, em resultado da mutilação nela realizada, quando, tendo sido empregada no *Tratado* de Diogo de Estela, após a sua primeira e original aplicação ao livro para o qual fôra desenhada e aberta, a *Regra de Santiago* de 1554, se resolveu reduzi-la ao aspecto em que veio a tornar-se para todo o sempre célebre?!

¿A que vem, portanto, o estabelecimento, mais do que intempestivo, inexacto, de uma *dualidade* que o próprio autor não reconheceria, se tivera tido tempo para pensar o seu escrito, e lhe não pode senão prejudicar o judicioso empenho?

Fiquemos, pois, nisto, que é preito à Verdade, e concedamos que tambem o proprio Homero dormita às vezes.

Apesar destes senões, e de um que outro mais, por aqui, por ali espalhados, a Memória de Tito de Noronha—*A primeira*

Edição dos Lusíadas—teve um grande mérito, que a precipitação com que foi ordenada e impressa obstou a que se elevasse às merecidas culminâncias do grandíssimo triunfo que devia recompensar o seu autor conspícuo, por tanto, e tão apropositado trabalho [1].

A Memória de Tito de Noronha teve o grande mérito de deixar demonstrada a inutilidade,—mais do que a inutilidade—a esterilidade de todas as discussões, acêrca da prioridade tipográfica, méritos e deméritos gráficos das duas célebres edições, intuitos inocentes ou culposos da que ficou patente ser *segunda*, a do Pelicano com o colo para a *direita* do leitor.

Êste só serviço a redime, em nosso sentir humilde, de todos os apontados senões com que a precipitação no pensá-la, e a urgência no imprimi-la, a tornaram menos perfeita, do que, em verdade, se podia e devia esperar de seu autor.

Com efeito, desde que nesta Memória se revelou a existência anterior à publicação dos **Lvsiadas** por António Gonçalves, de umas poucas de obras, em que figura o frontispício: Pelicano com o colo voltado para a *esquerda* do leitor; desde que neste escrito se contou a variedade de peripécias porque passara esta famosa gravura de feições duplas, e se mostrou à evidência que a sua homonima não podia de modo algum continuar a disputar preferências de *original:* toda a questão de verdadeira, suposta ou positivamente afirmada, contrafeição fraudulenta e criminosa do Poema morreu. Morreu, como lhe teria acontecido no dia em que um de tantos críticos que, depois de 1850, versaram a matéria, se tivesse lembrado de averiguar o que, porventura, quereria dizer certa observação ao frontispício da *Regra de Santiago* de 1548, feita por Jorge César de Figaniere, em sua *Bibliografia Histórica Portuguesa*, naquele ano publicada [2]; *Regra* da qual declarou possuir um exemplar.

---

[1] Esta Memória—escrevemos para aqueles de nossos benignos leitores que, porventura, a não conheçam—não se limita só à parte noticiosa que temos examinado, e que é, afinal, a menos extensa, e sob o ponto de vista literario, a menos copiosa de elucidações A parte historica e critica da excelente monografia tem verdadeiro valor, e patenteia de modo muito completo a grande extensão dos conhecimentos poligraficos de seu respeitavel autor, e a subida competência que lhe assistia para tratar o assunto.

[2] Entre os criticos anteriores ao ano de 1850 avulta o Morgado de Mateus, que assentou em que a 2.ª ed. deverá ter sido a *primeira*:

1.º porque aquela tinha *menos erros* do que a outra;

A isto respondeu Tullio que «a chamada *segunda*» (isto é a *princeps)* tem 133, e a reputada *primeira* 160.»

2.º porque a portada da que reputou 2.ª ed. «*está gravada ás avessas*».

Por nossa parte, perguntamos só:—¿Onde foi o Morgado de Mateus adquirir se-

Todos êsses conflitos «*de Deo trino et uno*», em que diversos Arnobios se empenharam pela genuinidade de uma das duas famosas edições, existiram pela mesma razão que eternizaria hoje em nossos tribunais uma questão de «propriedade industrial», em que o autor, ao revés de se limitar a provar a contrafeição feita à sua *Marca de fábrica*, se empenhasse, mal aconselhado, em pretender demonstrar a falsificação do produto exibido no mercado pelo seu desleal concorrente. Se os críticos que ventilaram o assunto, em vez de consumirem o tempo a enclavinhar os seus argumentos,—pró e contra,—sôbre as estâncias do Poema, a ver qual as arrancaria do tribunal da severa crítica lídimas de culposa fraudulência, se tivessem voltado para o que cumpria;—tratar de indagar de *vita et moribus* daqueles dois, por igual, suspeitos frontispícios; de onde vinham, por onde tinham andado, a quem haviam servido, antes de 1572, já tudo estava desde muito resolvido [1]. Um dêles teria saído triunfante do inquérito.

Veio, porêm, em 1880, Tito de Noronha, e se, por grande infortúnio seu, não pulverisou tudo isso, como podia com um título e uma data apenas, trouxe ao menos à questão eficazes revelações, ainda que menos bem apresentadas, nos domínios da execução artística frontispicial do Poema. De tal iniciativa ninguem lhe poderá negar o mérito. Mostrou a Verdade, ainda que a não soube *demonstrar*.

Seguiu-se-lhe, em 1889, Gomes de Amorim, a quem tambêm escapou o ensejo de resolver definitivamente o assunto, e apesar

---

melhante certeza, não tendo jámais conhecido a gravura executada em 1548, nem, por conseguinte, sabido que ela fôra reduzida, em 1554, ao estado em que a mostrava o verdadeiro exemplar primeiro dos **Lvsiadas** de 1572?

A observação de Figaniere é esta:

«Esta edição traz no frontispicio uma portada de gravura em madeira, *mui semelhante á que vimos em uma das edições dos Lusiadas de 1572*».

—O' Verdade! Quão longe, e quão perto!

[1] Nosso sempre lembrado amigo Gomes de Amorim, que chegou a tocar na porta, por onde poderia ter entrado com melhor exito, no muito bem entendido empenho de afirmar a prioridade da edição geralmente reputada por *segunda*, quando se lembrou, «*Introd.*» cit., pag. 109, do «direito de propriedade literaria, que naquele tempo êra garantido pelo privilegio real», demonstrava, a pag. 74, final da nota 1, de pag. 71, que desconhecia por completo este meio, graças ao qual na actualidade, um reivindicador da genuina edição poderia provar a contrafeição do frontispicio dela, e por tal prova, a da propria edição, afirmando ficar demonstrado que «*só* pelo exame comparativo dos caracteres tipograficos do rosto, pelos do privilegio e das licenças, e pelas diferenças ortograficas é que as edições do ano de 1572 se podem distinguir entre si». —Todo o nosso grande sentimento, é que a Morte nos não permitisse levar à esclarecida consideração de nosso tão distinto quanto afectuoso amigo a prova de que era, pelo contrário, no exame analítico da gravura que principalmente se deveria ter insistido, para se chegar à verdade.

da muito positiva afirmação de nosso prezado amigo sr. Dr. Xavier da Cunha, incidentemente feita em 1893, certo é que êste assunto ficára para resolver de modo indubitável e terminante, até à aparição da estampa zincográfica que motivou o nosso artigo do jornal *O Dia*, confirmatório dêste facto: — «A gravura frontispicial da *Regra de Santiago* é que é, modificada pelas mutilações de que foi objecto, a gravura frontispicial dos **Lusiadas** de 1572. Esta gravura é a que mostra o colo do Pelicano voltado para a *esquerda* do leitor».

Passaremos agora ao exame pormenorizado da predita gravura, sob o ponto de vista da sua execução artística, tal qual ela se mostra no 4.° gótico da *Regra de Santiago* e no *Tratado* de Fr. Diogo de Estela.

Este detido exame se rematará pela comparação dos dois frontispícios do Poema, referida à execução, por cópia transparente, do falso frontispício, tendo por fim corroborar e deixar bem explícita e indubitávelmente *provada* a genuinidade e prioridade do desenho onde o colo do Pelicano se amostra voltado para a *esquerda* do leitor.

Explicaremos, por ultimo o *simbolismo* dêste desenho, e mostraremos que as portadas das mais obras em que êle se apresenta, incluindo a dos **Lvsiadas** de 1572, já mutiladas, são quanto resta das quatro peças que compunham a primitiva gravura original, na *Regra* sobredita.

Lisboa, Janeiro, 1917.

GOMES DE BRITO.

Contos populares de Évora

Vid. REVISTA LUSITANA, XIX, 27-35

XX — A Flor da Rosa

Era uma estalajadeira e tinha uma filha. A mãe chamava-se Rosa e a filha a Flor da Rosa. E a mãe era muito vaidosa e preguntava a toda a gente:

—¿Qual é mais bonita, é a Rosa ou a Flor da Rosa?

E entraram-lhe a dizer que era a Flor da rosa. E ela com enveja escondia a filha e por fim mandou-a matar.

E mandou-a por uns homens que a levassem para o mato e que a matassem e lhe trouxessem a língua dela. E a menina tinha uma cadelinha e a cadelinha foi atrás da dona. E os homens levaram a menina e com dó dela não a mataram e ataram-na a uma árvore e cortaram a língua á cadela e trouxeram-na á mãe.

E a mãe ficou muito contente e preguntava a todos que iam á estalajem se já tinham visto cara mais bonita que a dela e todos lhe diziam que não.

E a menina lá ficou. E passou uma quadrilha de ladrões e viram a menina presa à árvore e soltaram a menina e ela contou tudo aos ladrões e porque é que a mãe a tinha mandado matar. E os ladrões gostaram muito da menina e levaram-na para casa deles.

E ela ficou com os ladrões e tratava da casa e fazia o comer para quando os ladrões vinham à noite.

E ia a estalajadeira preguntava a toda a gente:

—¿Já viram uma cara mais bonita que a minha?

E entraram a dizer à estalajadeira que havia uma cara mais bonita do que a dela.

E ela tinha uma pobre a quem dava esmola. E disse à pobre que visse ela se sabia quem era uma menina assim e assim como os sinais que lhe davam.

E a pobre tanto procurou que foi bater à da menina; e apareceu-lhe a menina e deu esmola à pobrezinha. E a pobre veio logo dizer à estalajadeira.

E estalajadeira mandou fazer uns sapatos envenenados que quem os calçava parecia morto.

E a velha levou os sapatos à menina a ver se ela os queria comprar. E a menina não queria os sapatos; e a velha começou

a ateimar e a dizer que os experimentasse que lhe haviam de ficar muito bem. E a menina foi a calçar os sapatos e ficou como morta.

E à noite vieram os ladrões e viram tudo às escuras. E entraram e deram com a menina no chão. E tiveram muita pena da menina e mandaram fazer um caixão muito rico e vestiram a menina muito bem e encheram-na de flores e fecharam o caixão e deitaram-no ao mar.

E o caixão andava a boiar e o principe daquela terra estava à janela e viu aquilo a luzir e mandou apanhar o quer que era.

Trouxeram-lhe o caixão; e abriram o caixão e deram com aquela menina morta. E o principe tinha mãe que era a rainha e a rainha gostou muito dos sapatinhos que a menina trazia nos pés. E mandou-lhe tirar um para ver melhor e quando lhe tiravam o sapato e a meniua começou a mexer e a abrir os olhos e depois descalçaram-lhe o outro sapatinho e a menina ficou boa. E a menina contou então tudo ao principe e o principe disse logo à mãe que queria casar com a menina e casaram e lá ficaram muito bem, e bendito e louvado está o conto acabado.

XXI—**Empada matou Feliz**

Era um rei que tinha uma filha muito sábia que explicava tudo quanto havia. E o rei deitou um pregão que se houvesse alguém que fôsse capaz de dizer uma cousa que a princesa não explicasse, se fôsse homem casava com ela e se fôsse mulher dava-lhe uma grande soma de dinheiro. Isto soou-se pelo reino todo. E havia um rapaz, muito abrutado, lá do campo, e disse à mãe que queria ir à presença da senhora princesa. E a mãe entrou-lhe a dizer que não fôsse e êle tanto teimou que abalou. E a mãe com mêdo que lá o matassem e o fizessem penar meteu-lhe no alforje uma empada envenenada para êle morrer no caminho.

E êle levou a burra e a burra chamava-se Feliz. E êle lá no meio do caminho sentiu vontade de comer e puxou da empada para comer e teve dó da burra e deu um bocado da empada à burra e a burra entrou a estrebuchar e morreu. E êle foi andando e pôs-se a pensar:

—Ora já tenho uma adivinha para a senhora princesa: empada matou Feliz; vamos a ver se ela é capaz de explicar o que isto quere dizer!

E armou-se uma grande trovoada e começou a chover mui-

to e veio a cheia. E êle foi ver a cheia para cima dum penedo. E a burra vinha na cheia com cinco corvos em cima a comerem nela.

E diz êle:

—Já tenho outra adivinha: estando eu nem no ar nem no chão vi passar um morto andando com cinco vivos às costas.

E chegou a palácio e bateu à porta e foi levado à presença da princesa.

E todos se riram dele. E a princesa preguntou-lhe o que é que êle queria que lhe explicasse.

—Empada matou Feliz estando eu nem no ar nem no chão vi passar um morto andando com cinco vivos às costas.

E a princesa pôs-se a pensar e não podia atinar com o que aquilo fôsse e disse-lhe que fôsse êle lá no outro dia que logo lhe dava a resposta.

E a princesa vestiu-se de homem e foi à estalajem onde estava o rapaz e puseram-se a cear. E por fim continuaram a dormir no mesmo quarto. E ela preguntou-lhe o que é que êle fazia naquela terra, e tanto, que êle contou-lhe tudo e explicou-lhe a adivinhação.

E deixaram-se dormir. E pela manhãzinha ela acorda e viu claro e vestiu-se a correr e com a pressa e vestiu a camisa dele e abalou.

E êle acorda e o companheiro já lá não estava; e vai a vestir-se e quando êle vê uma camisa de mulher toda bordada. E logo percebeu que tinha sido a princesa que o tinha enganado e vestiu-se e enrolou a camisa e meteu-a debaixo do braço e pegou nos seus alforjes e foi a palácio.

E mandaram-no entrar e já estava a princesa e o rei e a côrte toda. E a princesa pediu-lhe para êle repetir. E êle tornou a dizer:

—Empada matou Feliz...

E ela disse-lhe logo:

Isso é muito simples: empada matou Feliz: foi uma empada que trazias e deste-a à burra que se chamava Feliz; estando nem no ar nem no chão: estavas com certeza em cima dalguma pedra; viste passar um morto com cinco vivos às costas: era a burra que vinha na cheia de ontem à tarde e os cinco vivos deviam ser cinco corvos.

E êle esteve a ouvir, esteve, esteve e quando ela se calou e diz-lhe assim:

—Ora se você não fôsse dormir no meu quarto já você não era tão esperta.

E pregoù-lhe com a camisa na cara e abalou a fugir e ninguem mais o viu e todos da côrte conheceram a camisa e a princesa ficou muito envergonhada e nunca mais quis ser sábia e bendito louvado está o meu conto acabado.

XXII — **Os quatro vinténs**

Era de uma vez um compadre pobre e um compadre rico. E o compadre pobre era sapateiro e era muito pobrezinho e vivia com muita precisão. E o compadre rico tambem era sapateiro e era muito fona e não era capaz de dar nada a ninguem. E uma vez o compadre pobre com muita necessidade e pediu quatro vintens emprestados ao compadre rico. E o eompadre rico emprestou-lhe os quatro vinténs. E passaram-se tempos e o compadre pobre já tinha muita vergonha de dever aquele dinheiro e não o podia pagar. E um dia disse à mulher:

— ¡Ora mulher, já tenho tanta vergonha de devermos aquele dinheiro ao nosso compadre!

E diz-lhe a mulher:

— Ôlha, tu fazes-te doente e eu vou-lhe pedir para nos perdoar a dívida e êle com certeza que perdoa.

Assim foi. O marido meteu-se na cama e a mulher foi a casa do compadre rico:

— Ai, meu compadre, o meu marido está muito mal e sabe Deus quando melhor, se o meu compadre, ao menos nos perdoasse aquela dívida!

— Ora comadre, deixe lá a dívida, não lhe dê fezes, o seu marido em se pondo bom logo paga.

E não quis perdoar a divida. E a mulher veio para casa e contou tudo ao marido. E puseram-se a pensar e diz a mulher:

— Ôlha, eu vou dizer ao nosso compadre que tu morreste e êle, com certeza, perdoa os quatro vinténs e ao depois diz-se que foi uma cousa que te deu e pronto e ficamos livres da dívida.

E assim foi. E a mulher foi a chorar:

— Ai, meu compadre, que o meu marido morreu, se o meu compadre nos perdoasse aquela divida!

E diz o compadre:

— Bem, então visto isso, quando êle se enterrar eu perdoo a dívida.

E a mulher veio para casa e contou tudo ao marido. E puseram-se a pensar e diz a mulher:

— Ôlha, eu vou a casa do nosso compadre sacristão e combina-se o entêrro para as ave-marias e êle diz que já é tarde para se enterrar o defunto e que de madrugada se enterra e o nosso compadre perdoa os quatro vinténs e depois diz-se que tu voltaste a ti e pronto e ficamos livres da dívida.

E assim foi. A mulher foi á do sacristão e contou-lhe tudo e lá combinaram como tudo havia de ser.

E cá o compadre rico e vestiu o fato preto e foi ao entêrro. E chegaram à igreja e o sacristão disse logo:

— Bem, isto já é tarde e eu amanhã de manhãzinha cá enterro o defunto.

Diz logo o compadre rico:

— Pois eu fico a acompanhar o meu compadre e aproveito e vou buscar o serão.

E foi a casa buscar o serão e veio para a igreja.

E o compadre pobre estava no esquife, no meio da igreja a fazer de morto.

E o compadre rico pôs-se a ver adonde havia de ficar melhor para ver a fazer o serão e lembrou-se e levou a trepeça para cima do púlpito e pôs-se a amanhar uma obra.

E lá ficaram.

E uma quadrilha de ladrões e traziam uma manta cheia de dinheiro que tinham roubado naquele dia e tinham de fazer as partilhas. E chegaram ao adro da igreja e viram luz e foram espreitar e viram um morto.

E entraram e estenderam a manta no chão e puseram-se a contar o dinheiro. E o compadre rico ouvia aquilo e morto de curiosidade e começou a debruçar-se do púlpito para ver o que era e tanto se debruçou, tanto, tanto que pregou com a alcofa da ferramenta do púlpito abaixo. E as ferramentas bateram no taboado e fizeram um grande barulho.

E os ladrões e ouviram aquele grande estrondo e puseram-a olhar e o compadre pobre do que é que êle se havia de lembrar: assenta-se no esquife e grita:

Acudam-me os meus irmãos defuntos
Se não forem poucos, muitos.

Ora os ladrões assim que ouviram aquilo, ó pés para que te quero, abalaram a fugir.

O compadre pobre não quis ver mais nada: salta do esquife, vai à porta da igreja, dá volta à chave e pronto e lá ficaram os dois vá de repartir o dinheiro.

Cá os ladrões, passado um bocado foram outra vez à igreja ver o que seria aquilo. E viram a porta da igreja fechada e puseram-se à escuta e quando êles ouvem lá dentro uma voz:

—Ó compadre, os meus quatro vinténs que não esqueçam.

E diz um dos ladrões:

—¡Ôlha quantos êles são, que de tanto dinheiro só calha quatro vinténs a cada um!

E foram-se embora e os compadres lá ficaram e bendito louvado, conto acabado.

XXIII—**A mão do almofariz**

Era um velho e tinha uma filha que era pastora e o velho um dia encontrou uma mão de almofariz de ouro. E veio para casa muito contente e amostrou à filha aquela prenda tam rica e a filha disse-lhe assim:

—Ôlhe pai, ninguém mais pode dar aprêço a esta prenda senão o rei e o melhor é vocemecê ir a palácio porque só o rei pode ter um almofariz para essa mão e se não o tiver só êle é que o pode mandar fazer e mais ninguém.

E o velho foi e lá conseguiu entrar em palácio. E o rei preguntou ao velho quem lhe tinha dito para lá ir e o velho disse-lhe que tinha sido a filha dele e o rei diz-lhe:

—A tua filha é muito esperta, pois has-de-lhe dizer que quero que ela cá venha para eu a conhecer mas ôlha que ela ha-de cá vir nem de noite nem de dia, nem vestida nem despida, nem calçada nem descalça, nem a pé nem a cavalo, senão tu vais a morrer.

E o velho veio para casa muito triste e contou à filha o que o rei lhe tinha dito. E ela disse-lhe logo:

—Não lhe dê fezes.

E arranjou uns alforjes e encheu-os com terra e pôs os alforjes em cima da burra. E calçou um sapato e deixou só ficar a camisa no corpo e escarranchou-se na burra e lá foi a caminho do palácio e chegou à noitinha. E ia nem de noite nem de dia, e ia nem vestida nem despida porque levava a camisa, e ia nem calçada nem descalça porque levava um pé calçado e o outro não, e ia nem a pé nem a cavalo porque ia na burra mas levava os pés na terra.

E o rei assim que viu aquilo e achou-lhe muita graça e gostou muito dela e casou com ela.

E ela ficou sendo a rainha. E era muito esperta e resolvia

tudo e fazia justiça a todos. E todo o povo gostava muito dela e ela entremetia-se em todos os negócios do rei e resolvia tudo melhor que o rei. E quem queria um conselho ia ter com a rainha. E o rei entrou a não gostar daquilo, porque ela sabia mais do que êle.

E um dia e um homem tinha uma égua e a égua tinha um potro. E ia por uma estrada adeante e o potro ia a brincar atrás da égua. E passou um homem a cavalo num cavalo e o potro na brincadeira e começou a ir atrás do cavalo e deixou a mãe. E o homem da égua e começou a gritar ao outro para lhe enxotar o potro e diz-lhe o outro:

— O potro é meu.

E começaram numa grande questão porque ambos queriam o potro.

E vieram ao rei. E o rei ouviu-os e disse assim:

— ¿Para que lado é que o potro ia?

E êles disseram-lhe que ia atrás do cavalo.

— Pois se êle ia atrás do cavalo é porque é do dono do cavalo.

E o homem da égua e foi para casa muito desconsolado porque o rei não lhe tinha feito justiça; e aconselharam-no a que fosse ter com a rainha. E o homem foi e contou tudo à rainha e a rainha riu-se muito e disse-lhe assim:

— Ôlha, amanhã, o rei há-de passar a tal sítio assim e assim; e tu põe-te a cavar no meio da estrada e o rei ha-de-te preguntar o que andas tu a fazer e tu respondes-lhe que andas a ver se apanhas umas sardinhas e êle ha-de-se admirar e tu responde-lhe que um cavalo ter potros ainda é mais para admirar.

E assim foi.

E o homem e pôs-se a cavar no meio da estrada e vem o rei e viu o homem a cavar e perguntou-lhe:

— ¿O que andas tu a fazer homemzinho?

— Ó meu senhor eu ando a ver se apanho aqui umas sardinhas.

Diz o rei:

— ¡Sardinhas em estrada, foi cousa que nunca vi!

— Pois cavalos terem potros foi cousa que também nunca ninguém viu.

E o rei lembrou-se logo da questão da véspera e disse:

— Bem, vai buscar o potro que o potro é teu, mas isso ai andou a rainha.

E foi muito zangado para palácio e disse à rainha que se fosse embora porque êle não a queria mais ver; mas que em paga do bem que ela o tinha tratado que podia levar de palácio a prenda que ela mais gostasse.

E ela calou-se e preparou a sua roupa. E às escondidas e mandou comprar dormideiras e deitou-as no chá que o rei havia de beber.

E o rei bebeu o chá e deixou-se dormir que nem uma pedra. E ela meteu-se numa seje e levou o rei para casa do pai dela. E deitou-o na cama dela que ela tinha quando era solteira.

E de madrugada e o rei acordou e olhou para o teto e víu a claridade a entrar pelo telhado porque o telhado era de telhavã; e percebeu que estava deitado na palha e quando êle começou a ouvir os borregos:

— Mé, mé.

E diz:

— ¿Mas onde estou eu?

E diz-lhe ela logo:

— Ora essa, está em casa de meu pai. Vossa Alteza disse-me que trouxesse a prenda que eu mais gostasse; e que melhor podia eu escolher?

E o rei achou-lhe muita graça e levou-a outra vez para palácio e nunca mais se zangou dela se meter nos negócios dele e pelo contrário queria-a ouvir sempre em tudo e lá estão muito felizes e nuca mais houve um rei que melhor governasse que o rei daquele reino e bendito louvado está o meu conto acabado.

XXIV — **Terroxoxô**

Era uma mulher casada e dizia a toda a gente que o marido gostava muito dela e que se ela morresse o marido não casava com outra. E uma vezinha dizia-lhe que não, e tanto, tanto que a vezinha uma vez disse-lhe:

— Ôlhe, vossemecê finja-se morta e depois ha-de ver.

E assim foi. O marido veio para casa e encontrou a mulher morta.

E a vezinha veio logo a correr e disse ao homem que não lhe desse fezes que ela arranjava tudo. E puseram a mulher no meio da casa e a vezinha disse-lhe assim:

— Ôlhe vezinho, eu não posso cá passar a noite mas mando para cá a minha filha para lhe fazer companhia para o vezinho não ficar só.

E fez uma cama para a filha ao pé da cama dele. E o homem foi-se deitar primeiro e a vezinha mandou a molher dele deitar-se para lá e o homem julgava que era a filha da vezinha.

E ela pela noite adeante e deu-lhe vontade e pôs-se a urinar e êle então dizia-lhe assim:

Ai minha alma, meu serafim
Que até no mijar fazes terlintintim
Que a outra que o diabo levou (pronunc. *levô*)
Quando mijava fazia terroxoxô.

E a mulher acendeu a luz e deu-se a conhecer e só assim é que ela ficou sabendo o que os homens são e bendito louvado conto acabado.

XXV—Enl-rei passaro verde

Era duma vez um homem e tinha uma filha; e casou com uma mulher que tinha também uma filha. E a madrasta tratava a enteada muito mal. E a filha disse ao pai que já não podia sofrer a madrasta e o pai pôs-lhe casa à parte.

E um dia a menina viu vir um passarinho muito bonito e o passarinho entrou a falar e disse-lhe:

—Arranja-me uma bacia de água, outra de leite e um laço de pita.

E abalou a fugir.

E ela assim fez e o passarinho veio e caiu no laço, e banhou-se na bacia de água e depois banhou-se na bacia de leite e saiu um principe.

E o príncipe disse-lhe que era êl-rei pássaro verde e que ela é que lhe tinha quebrado o seu encanto. E que nunca lhe fizesse nenhuma falsidade porque se lhe fosse falsa só o tornaria a encontrar depois de ter estragado três pares de sapatos de ferro.

E entrou a ir lá todas as noites; e ia, caía no laço, banhava-se na bacia de água, depois banhava-se na bacia de leite e saía um príncipe.

E a menina andava muito satisfeita. E a madrasta entrou a desconfiar. E disse-lhe que a irmã havia de lá ir passar uma noite com ela e ela mandou comprar dormideiras e deu-as à irmã na água e ela deixou-se dormir e não viu nada. E quando veio para casa e disse à mãe que não tinha visto nada e a mãe preguntou-lhe se ela tinha bebido água. E ela disse que sim e a mãe ensinou-lhe que para a outra vez deitasse a água fora.

E a irmã voltou lá outra vez e pediu água e fingiu que bebia e aventou-a para o lado da parede. E viu tudo e veio contar à mãe que tinha entrado um principe assim e assim.

E a mãe fez um laço de navalhas e pôs o laço na janela.

E no outro dia veio o passarinho e caiu no laço das navalhas e feriu-se todo e abalou a fugir e não tornou a aparecer.

E ela veio à janela e viu tudo cheio de sangue e o laço das navalhas. E logo viu que tinha sido falsidade da madrasta. E mandou fazer três pares de sapatos de ferro e foi correr mundo à busca de êl-rei pássaro verde.

E foi andando, andando e já tinha estragado um par de sapatos de ferro. E viu uma casinha ao lonje e foi lá bater à porta. Apareceu-lhe uma velhinha:

— ¿A senhora sabe-me dizer adonde mora êl-rei pássaro verde?

— Ôlhe, eu cá não sei, mas o meu filho é o sol, êle anda por todo o mundo talvez êle saiba.

E disse-lhe que se metesse atrás da porta.

Á noite veio o sol.

— Mãe, cheira-me aqui a sangue rial.

— Ora, filho, é uma pelingrina que procura êl-rei pássaro verde.

— Enl-rei pássaro verde está em perigo de vida; mora daqui muito longe.

E a velhinha deu-lhe uma nós e disse-lhe que só a partisse quando tivesse muita necessidade e a pelingrina e foi-se embora.

E foi andando, andando e já tinha estragado outro par de sapatos de ferro.

E viu uma casinha ao lonje e foi lá bater à porta. Apareceu-lhe uma velhinha:

— ¿A senhora sabe-me dizer adonde mora êl-rei pássaro verde?

— Ôlhe, eu cá não sei, mas a minha filha é a lua, ela anda por todo o mundo, talvez éla saiba.

E disse-lhe que se metesse atrás da porta.

Pela manhã veio a lua:

— Mãe, cheira-me aqui a sangue rial.

— Ora, filha, é uma pelingrina que procura êl-rei pássaro verde.

— Enl-rei pássaro verde está em perigo de vida; mora daqui muito longe.

E a velhinha deu-lhe uma boleta e disse-lhe que só a par-

tisse quando tivesse muita necessidade e a pelíngrina e foi-se embora.

E foi andando, andando e já tinha estragado o outro par de sapatos de ferro.

E viu uma casinha ao longe e foi lá bater à porta.

Apareceu-lhe uma velhinha:

—A senhora sabe-me dizer adonde mora êl-rei pássaro verde.

—Ôlhe eu cá não sei, mas o meu filho é o vento, êle anda por todo o mundo, talvez êle saiba.

E disse-lhe que se metesse atrás da porta.

Daí a bocado veio vento:

—Mãe, cheira-me aqui a sangue rial.

—Ora, filho, é uma pelingrina que procura el-rei pássaro verde.

—Enl-rei pássaro verde está em perigo de vida; mora daqui muito longe.

E a velhinha deu-lhe uma castanha e disse-lhe que só a partisse quando tivesse muita necessidade, e a pelingrina e foi-se embora.

E fez-se noite e ela meteu-se debaixo de uma árvore. E as rolinhas faziam ninho naquela árvore.

E começaram a recolher-se e entraram a falar umas com as outras.

—¿Então que naticias há de êl-rei pássaro verde?

—Enl-rei pássaro verde está em perigo de vida.

—¿E então já não se poderá pôr bom?

—Pode, pode, mas as paredes tem ouvidos.

—¿Então como?

—Ai se alguém ouvisse! ôlhe, as nossas cabeças cortadas e torradas e feitas em pó e depois polvilhar três vezes o príncipe com êsse pó; põe-se logo bom.

E ela não quis ouvir mais nada. Esperou que as rolinhas sossegassem, sobiu à árvore, foi-se a elas, torceu-lhes s pescoço, cortou as cabeças e pela manhã foi a um monte [1] pedir para lhe torrarem aquelas cabeças e ao depois moeu-as num almofariz e guardou aquele pó.

E foi andando e foi bater à porta do príncipe e pediu pousada. Mandaram-na para a casa das pelingrinas.

E ela partiu a nós; e apareceu-lhe uma dobadoura de ouro,

[1] *Monte* em sentido alemtejano: casa de herdade.

a prenda mais rica que se pode imaginar. E pôs-se a dobar. E as criadas da rainha e viram aquilo e foram contar à rainha e a rainha mandou-a chamar. E gostou muito da dobadoura e disse à pelingrina se lha queria vender. E a pelingrina respondeu:

—Dar sim, vender não, se Vossa Majestade me deixar ficar esta noite no quarto do senhor príncipe.

E a rainha não queria porque o príncipe já estava a acabar, mas as criadas começaram a dizer-lhe que fizesse a vontade à pelingrina porque o príncipe já nem dava por ela e a rainha tanto e tanto e deixou a pelingrina ficar no quarto do príncipe. E ela foi e polvilhou-o todo com o pó.

E de manhã foi para a sua casa e partiu a boleta; e apareceu-lhe uma roca de ouro, uma prenda ainda mais rica do que a outra. E ela pô-se a fiar. E as criadas da rainha viram aquilo e foram contar à rainha e a rainha mandou-a chamar. E gostou muito da roca e disse à pelingrina se lh'a queria vender.

—Dar sim, vender não, se Vossa Majestade me deixar ficar esta noite no quarto do senhor príncipe.

E a rainha não queria mas as criadas começaram a dizer-lhe que fizesse a vontade à pelingrina e a rainha tanto e tanto, lá a deixou ficar no quarto do príncipe.

E ela e foi e na mesma, tornou-o a polvilhar todo com o pó.

E de manhã foi para a sua casa e partiu a castanha; e apareceu-lhe uma galinha com pintos, tudo de ouro, uma prenda, se as outras eram ricas, esta ainda o era mais. E pôs-se a dar de comer à galinha. E as criadas da rainha viram aquilo e foram contar á rainha e a rainha mandou-a chamar. E gostou muito da galinha e disse à pelingrina se lh'a queria vender:

—Dar sim, vender não, se Vossa Majestade me deixar ficar no quarto do senhor príncipe.

E a rainha não queria mas as criadas começaram a dizer-lhe que fizesse a vontade à pelingrina e a rainha lá a deixou ficar.

E ela foi e tornou a polvilhar o príncipe e assim que acabou de o polvilhar, o príncipe abriu os olhos e conheceu-a.

Ela então contou-lhe tudo, disse-lhe que a falsidade tinha partido da madrasta e ao depois o príncipe contou tudo à mãe e quem era aquela pelingrina e casou com a menina e ainda lá estão hoje e bendito louvado está o meu conto acabado.

BERNARDINO BARBOSA.

NOMES DE VENTOS

III

O sr. Dr. Leite de Vasconcelos [1] refere-se a *noruega* como nome de um vento rijo e frio na Beira-Alta. A expressão *vento noruega* é já antiga e indicava provavelmente um vento frio do norte.

Do *Auto de Rodrigo e Mendo*, por Jorge Pinto, cita o Dr. João Ribeiro estes versos:

> «A lua faz mil mudanças
> onde o vento é noruega». [2]

Ainda hoje em Turquel (Alcobaça) chamam *noruega* ao vento frio de entre norte e oeste, acompanhado ás vezes de granizo ou aguaceiros. Na Ilha da Madeira *noruega* é o «tempo tempestuoso» [3].

Na revista brasileira *Sciencias e Letras* [4], o sr. Dr. João Ribeiro, menciona os ventos *alcoucês*, *maestro* ou *maastral*, *libecho* e *vendaval* (*vent d'aval*) «nome específico do vento sul entre os clássicos de quinhentos».

Alcoucês ou *algovês* era o vento do sul, de *alcouço*=sul, o lado do sul [5]. Por *maestro* ou *maastral*, e ainda *maestral*, se designou o *mistral*, vento que no Mediterraneo sopra de entre o poente e o norte. Os marinheiros espanhoes chamam-lhe *mestral*, *mistral*, *minstral*, *maestral*. Em provençal: *maestral*, *magistral*. *Libecho* era o vento do sudoeste; em espanhol *leveche*, *lleveche*.

Vendaval significa hoje, de um modo geral, «vento tempestuoso, temporal». Antigamente, porém, era o nome do vento sul ou sudoeste, a par de *austro* [6]. Em esp. *vendaval*= «viento fuerte, de la banda del Sur, inclinado á poniente» [7]. Estas duas

---

1 *In-Lições de Philologia Portuguesa*. Lisboa, 1911, pág. 431.

2 *Frazes Feitas*, I, pág. 159. (Rio de Janeiro, 1908).

3 V. *Folha de Viana* (de Viana do Castelo), de 9 de Agosto de 1916.

4 Rio de Janeiro. Ano V, pag. 22.

5 V. Viterbo. *Elucidario*, s. voc. ALCOUCE e ALCOUÇO.

6 O Dr. João Ribeiro, no artigo citado, dá varios exemplos clássicos para provar que *vendaval*, ou *austro*, eram designações do vento do sul.

7 Rodriguez—Navas. *Diccionario Completo de la Lengua Española*. Madrid, 1907, s. voc. *Vendaval*.

formas proveem do fr. *vent d'aval* = «nom que l'on donne, sur les côtes de l'Océan, aux vents du large, c'est-à-dire aux vents d'O., et particulièrement à ceux qui s'inclinent vers le S.» [1].

Levante e *poente*, ou *ponente*, eram designações genéricas, respectivamente, dos ventos de leste [2] e de oeste. Os marinheiros portugueses só aplicam hoje estas designações aos ventos que sopram no estreito de Gibraltar. No entanto elas estendem-se ainda algumas vezes às terras interiores e às costas do sul de Portugal: «*Lagos*, 23. Devido ao grande levante que fez ontem arribou aqui uma canôa de nome Violeta, procedente de Vila Rial de Santo Antonio...» [3]. Na Póvoa-de-Varzim chamam *levante-corre-costa* ao vento de leste.

«Entre os quinhentistas, e sobretudo em Gaspar Correia (*Lendas da India*) *viração* é o vento que vem do mar; com ela entram nos portos e rios os navios, e com ela não podem sair. Só quando cessa a *viração* ou sopra o terral é possível a saída dos portos» [4]. Tambem em espanhol *Virazon* é o «viento que suele soplar, de dia, de la parte del mar [com buen tiempo]» [5]. Em galego diz-se *maraxe* [6].

A *monção* dos trópicos, e especialmente do Oceano Índico, é o vento que sopra do mar para a terra, no estio, e inversamente no inverno. «A *monção* era muito conhecida dos antigos navegantes portugueses nos mares orientaes e elles a subdividiam em *grande* e *pequena, monção do cêdo e m. do tarde,* conforme os meses do anno, e o que lhes espantava era que, ao contrario da Europa, o peior tempo e tormentoso jazia entre Maio e Agosto, por isso chamavam ás épocas de monção: *tempos bonanças*» [7].

A antiga designação de *vento xarôco* = «vento terral», como define Morais [8], ou = «vento quente de sueste, sobre o Mediterraneo», como diz o *Novo Dicionario*, provém do it. *Sirocco* = vento quente e sêco que sopra do Sará sobre o Mediterraneo. É ainda conhecida em Torres Vedras [9]; e no Alentejo, como

---

[1] *Nouveau Larousse Illustré*, s. voc. *aval*. Oposto a este vento ha o *vent d'amont* —«Nom donné, sur les côtes et les rivières, au vent opposé à celui de l'aval, et vennant de l'E, ou de l'intérieur des terres.»—*Ibidem*, s. voc. *amont*.

[2] «...porque vindo com tempo claro e bom vento Levante correndo a terra para o Cabo da Boa Esperança...»—*Historia Tragico-Maritima*, x, 63.

[3] *Diario de Noticias*, de 20 de Fevereiro de 1916.

[4] Nota obsequiosa do Dr. João Ribeiro.

[5] Rod.—Navas. *Dic.*, citado, s. voc. **Virazon.**

[6] Informação de D. Avelino Rodriguez Elias, jornalista, de Vigo.

[7] Anotações à *Geographia* de P. Maria de Lacerda, pelo Dr. João Ribeiro, na edição Garnier, Rio de Janeiro.

[8] *Diccionario da Lingua Portuguesa.* Lisboa, 1813, s. voc. **Xarouco.**

[9] L. de Vasc. *Lições*, pág. 427.

«vento frio que no inverno sopra do Levante e a que tambem chamam *espanhol*» [1]. Na Trofa chamam *samôco* ao vento de entre leste e sueste. Evidentemente este *samôco* é outra deturpação do vocábulo italiano, talvez por influencia do nome toponimico *Samouco*. Dizem ali, a respeito deste vento:

«*Vento samôco*
venta muito e chove pouco» [2].

A este vento chamam tambem, na Trofa, *soão*, ou *vento da Castanheira*, porque sopra dos lados da povoação daquele nome.

Ainda a respeito da nomenclatura dos ventos tirada dos nomes das regiões ou lugares donde eles sopram, acrescentarei o seguinte:

A maior parte das vezes um vento recebe em uma povoação o nome de outra que lhe está próxima, pelo simples motivo de soprar dos lados dessa povoação. Outras vezes porém essas designações teem caracter de apodos, quando aplicadas a ventos violentos ou malsãos. «Em todos os ditados que se referem a ventos é regra constante que cada povo tenha má disposição contra o que está do lado do vento que mais nocivo lhe possa vir para a saude pública e para a agricultura» [3].

O ditado:

«De Espanha,
nem bom vento,
nem bom casamento».

representa um exemplo de velha animadversão, que estabeleceu uma fórmula largamente utilizada em Portugal nos apodos entre povoações próximas [4].

---

[1] Candido de Figueiredo. *Novo Diccionário da Lingua Portuguesa*. Lisboa, 1913. s. voc. **Xarôco**.

[2] Cp. *vento do Sâmouco*=vento do nordeste, no Vale-do-Côina. Sâmouco é povoação do conc. de Alcochete. Relativamente às povoações de Palhais, Santo António, etc. (Vale-do-Côina), Sâmouco fica no rumo daquele vento. V. *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 199.

[3] *El Folk Lore Betico-Estremeño*, pág. 114, por citação de T. Braga *in*—*O Povo Portuguez*, I, pág. 94.

[4] Teófilo Braga cita como forma originária o ditado tópico espanhol:

«De Jerez
ni buen viento,
ni buen casamiento
ni mujer que tenga assiento»

(*O Povo Port.*, I, 94)

Nos *Ensaios Ethnographicos*, IV, 36, apresenta o Dr. Leite de Vasc. esta forma francesa, como o éco de uma tradição espalhada: «De l'Auvergne ne vient ni bon vin, ni bon vent, ni bon argent, ni bonnes gens».

Em Turquel (Alcobaça) chamam *vento de Teira* ao vento do sueste, para onde fica situada a povoação deste nome [1]. Como este vento é percursor de chuvas abundantes dizem:

> «*Vento de Teira*
> ceiva os bois e larga a geira».

ou então:

> «*Vento de Teira*
> toma os bois, derrega a geira» [2].

Vento de Santa-Catrina, ou *catrineiro*, é ali o vento do sudoeste, porque a povoação de Santa-Catarina fica, relativamente a Turquel, naquele rumo. Ao vento do noroeste chamam *vento da Nazaré*, ou *atravessado*.

Em Cucujães (Oliveira-de-Azemeis) *vento de San-Marcos* é o vento do nordeste. O do norte é *vento do Marão*.

Lá para o Rabal (Bragança) dão o nome de *vento de Montouto* ao vento do noroeste. Como é vento impetuoso que derruba as árvores e produz estragos nas culturas, dizem:

> «*Vento de Montouto*
> não chega o pão de um ano ao outro».

Tambem lhe chamam *vento galego* [3], ou *furacão*.

No Alentejo *vento espanhol* é o vento de leste (=soão) [4], como na Guarda [5].

Ao vento do nordeste, que sopra dos lados de Burgos (Espanha), dão em Rabal o nome de *vento burgonês*, ou *cieiro* [6]. Este vento causa ás vezes prejuizos consideráveis nas vinhas,

---

Além dos exemplos portugueses que já registei nos dois artigos anteriores, e dos que insiro neste, cf. mais:

> «Da Arruda
> nem mulher,
> nem mula,
> nem vento,
> nem casamento.»

(T. Braga. *O Povo Port.*, II, 353)

[1] Lugarejo a sueste de Turquel, na freg. das Alcobertas.

[2] V. José Diogo Ribeiro. *Memorias de Turquel*, Porto, 1908, pág. 72.

[3] «Ha um vento particular chamado *vento gallego*, quando elle sopra diz-se que foi algum galego que morreu arrebentado. (Torre-de-Dona-Chama)».—Leite de Vasconcelos. *Tradições Populares de Portugal*. Porto, 1882, pág. 47.

Em Hespanha chamam *viento gallego* «al viento cauro ó noroeste, porque viene de la parte de Gallicia.»—*Ency. Ségui*, s. voc. **Gallego**.

[4] V. Soeiro de Brito. *Astronomia, Metereologia e Chronologia Populares*. Esposende, 1890, pág. 23. (in-*Collecção Silva Vieira*, I).

[5] V. Gomes Pereira. *Tradições Populares, Vocabulario e Toponymia da Guarda*. Esposende, 1912, pág. 48.

[6] Cf. L. de Vasc. *Lições*, 428.

nas cearas e nas árvores de fruto, aí pelos mêses de Abril e Maio. Dizem por lá que o que muito lhe modera a fúria destruidora é o facto de «passar por uma serra de alecrim». Mas em todo caso:

«*Vento burgonês*
é o que seringa o português».

De inverno este vento é frigidíssimo, por isso lhe chamam *barbeiro de navalha muito áspera*. Como ele vem da banda da povoação de Aveleda, dizem os de Rabal:

«De Aveleda
nem bom vento,
nem bom casamento».

Em Elvas diz-se que o vento que sopra do sudoeste é *tramoceiro* (=*estramoceiro*), por vir das bandas de Estramores (Estremoz). É mau vento, porque traz sempre chuva. No Vimieiro, quando sopra este vento diz-se que vem *das adegas de Évora* [1].

Ao sul da Ilha de San-Miguel chamam *formigueiro* ao vento do sueste, porque vem dos lados dos ilhéus das Formigas.

Vento da Covilhã é o vento do sul, na Guarda, Em Melgaço chamam *vento da Grova* ao vento do nordeste [2].

Em Macieira-de-Alcoba dão o nome de *vento do Caramulo* ao vento do sul. A este vento, ou ao do sudoeste, que precedem ou acompanham chuvas abundantes, chamam no concelho de Ponte-da-Barca *vento braguês*. E dizem:

«*Vento braguês*
chuva um mês».

Diz-se que o vento norte afasta as chuvas, ou «varre as nuvens e trovoadas». Em França chamam-lhe *balai du ciel*. «*Il balaie les nuages*» [3]. Ao vento do noroeste, ou *galego*, chamam os espanhoes *la escoba del cielo*:

«El viento gallego
es la escoba del cielo» [4].

Nos concelhos de Espòsende e Póvoa-de-Varzim chamam tambem *escova* ao vento norte [5].

---

[1] V. Soeiro de Brito. *Astronomia*, etc. pág. 32. Cf. L. de Vasc. *Lições*, pág. 429.
[2] V. *Jornal de Melgaço* (Melgaço), de 23 de Fevereiro de 1909.
[3] V. P. Boissière. *Dictionnaire Analogique*. Paris, s/d. s. voc. vent.
[4] T. Braga. *O Povo Portuguez*, I, 95.
[5] V. Candido Landolt. *Folk-Lore Varzino*. Povoa-de-Varzim, 1915, pag. 162.

Em Turquel chamam ao vento norte *rei-dos-ventos*, por ser vento seguro, portador de bom tempo. Ainda assim dizem tambem por lá:

«Q'ando Deus q'ria
do norte chovia».

Quando este vento sopra com violencia, é bom desconfiar dele, porque indica mudança de tempo:

Norte brabo
chuba no cabo».
(conc. dos Arcos-de-Vale-de-Vez).

«Norte bravo
ou soão, ou orvalho» [1].
(Turquel).

Norte-alto, em Turquel, é o vento do nordeste. No Alentejo dão este nome, e tambem o de *serrenho, sarrenho, serrano* (por vir do lado das serras), ao vento do norte [2]. *Vento da montanha*, ou *da penha*, é o vento de leste (Guimarães) [3]. Ao vento do nordeste dão pitorescamente, na Póvoa-de-Varzim, o nome de *prega-calotes*. [4].

A antiga designação de *vento de baixo*, aplicada ao vento do sul, usa-se tambem em Turquel [5]. Na Póvoa-de-Varzim chamam a este vento *rasteiro-neblinoso* [4]. No Alentejo, ao vento do sul, ou do sudoeste, dão o nome de *vento do pégo*, «que é o vento da chuva ou da inverna» [6].

Do vento do sueste dizem no Tejo que «é a mãe da auga». Aos ventos do sueste e do sudoeste chamam, respectivamente, na Pòvoa: *morno*, e *alimpa-gata* [4].

Vento do mar, ou *mareiro*, em Turquel, é o vento de oeste. A este vento chamam na Póvoa *gaivoteiro* [4]. No Tejo denominam tambem *vento de fora* o *vento do mar* = vento de oeste [7].

---

[1] Ao vento norte, frio e de intensidade violenta, que produz ás vezes consideráveis prejuizos, chamam em Espanha *cierzo* (lat. circius), ou *transmontaño*. Nos litorais da Istria e da Dalmácia sopra um vento violentíssimo do nordeste, a que chamam *bora*.

[2] V. S. de Brito. *Astronomía*, etc. pág. 22.

[3] V. Leite de Castro. *Folk-Lore Vimaranense*. Esposende, 1908, pág. 24.

[4] Landolt. *Folk-Lore*, pág. 162.

[5] «En la parte S. O. de Galicia soelo decirse que cuando sopla el *viento de Portugal* [=vento do sul], viene mal tiempo. Aunque á veces según el dicho popular gallego:

«Cando Dios queria
tamen do norte chovia»

(Inf. de D. A. Rodrigues Elias)

[6] Brito. *Astronomia*, pág. 162.

[7] Em fr. *vent de mer*, ou *vent d'aval* (=vento de oeste), em oposição a *vent de terre*, ou *vent d'amont* (=vento de leste).

Por oposição a *vento mareiro* = vento que sopra do mar, dizem em Esposende *vento campeiro* = vento de leste, que sopra do lado dos campos.

Vento terrenho era o mesmo que *vento da terra*, ou *terral*: «...fomos velejando ao largo da costa com ventos terrenhos...» [1].

Ao vento que acompanha o curso do sol ([ventus] solanus) chamam tambem tambem *soão* em Rabal (Bragança), em Turquel, e em geral por todo o Alentejo. Naquela povoação transmontana atribúem a este vento a criação dos bichos nas cerejas. Como ele queima as cearas e obriga por isso os proprietarios a aumentarem os salários aos cegadores, costumam estes dizer:

«Aperta soão
que as geiras elas darão.»

«Aperta soão
que a mim me chamarão».

Em Turquel teem este vento como doentio, por causa das mudanças bruscas de temperatura que ele provoca. Dizem que este vento «matou o pai com calor na ceifa, e a mãe com frio no apanho da azeitona». Refere-se-lhe o seguinte ditado:

«Ano soão
Ano de pão,
—chovendo,
se não, não» [2].

No Alentejo diz-se que o *soão* «é o vento mais frio *d'enverno* e mais quente de *v'rão* [3]. No Vale-do-Cóina crê-se que o *soão*, como o vento norte, ou nordeste, de verão, faz danar os cães. «São ventos sequeiros que queimam os pastos e fazem secar a *auga*» [4].

Como o *soão*, em Turquel, vem do lado da serra dos Candeeiros, ou de Albardos, chamam-lhe tambem *vento da serra*, — e *calceteiro da serra*, porque faz secar as lamas dos caminhos, endurecendo o solo [5].

A *rafada*, que em linguagem marítima significa «violência súbita mas passageira de um vento» [6], equivale *refrega-de-vento*, ou simplesmente *refrega*: «...o impeto de vento tão incompor-

---

[1] F. Mendez Pinto. *Peregrinaçam*, cap. 23.

[2] Diogo Ribeiro. *Memorias de Turquel*, 72.

[3] Brito. *Astronomia*, pág. 23.

[4] É o *solano*, ou *viento solano*, da Espanha (ventus solanus), galego *soan*. (Algunos [en Galicia] dicen *soao*.»—Inf. de Rod. Elias).

[5] Ribeiro. *Mem. Turquel*, pág. 72.

[6] V. O. de Pratt. *Nomes de Ventos*, II. (Separata da *Rev. Lusit.*, vol. XVIII).

tavel e de refregas tão furiosas que não havia homem que as podesse esperar com o rosto direito» [1]. «...que uma refrega de vento lhe levara tres homens ao mar, e os lançara tão longe como quási um tiro de pedra...» [2].

A par de *rafada* ha *rafa* no mesmo sentido. «[A polaca] era embarcação vulgar no Mediterraneo e própria para amainar com facilidade a qualquer rafa violenta e imprevista» [3].

Vulgarmente, a uma súbita violencia de vento, com pouca duração, dá-se o nome de *pé-de-vento* (fr. *pied de vent*), ou *rabanada-de-vento*. Antigamente dizia-se *pègão-de-vento*: «...sendo já passadas as duas horas depois da meia noite, nos deu um pegão de vento tão rijo, que todas as quatro embarcações, assim como estavam, vieram á costa e se fizeram em pedaços» [4].

Em linguagem náutica *vento largo* è o vento que a embarcação recebe pelo través da pôpa: «O navio que navegar com vento largo deve deixar livre o caminho do que navegar á bolina» [5]. Em fr. *vent largue*; em ingl. *Free* ou *Leading wind* [6].

Os torvelinhos, que resultam do embate de duas correntes opostas de vento, chamam-se popularmente *remoinhos*, *ramoínhos*, *remoínhos-de-vento*, *redemoinhos*, *balborinhos* (Briteiros), *barborinhos* (Guimarães), *puginhos* (Alentejo). O povo atribue-lhes influencia maléfica, e foge deles, esconjurando-os [7].

Quando o vento sopra do nordeste, no inverno, e caem alguns aguaceiros, diz-se que está *nordeste mijão*; no Tejo [8]. *Mijão* «diz-se [em Setubal] do vento noroeste, porque traz aguaceiros» [9]. Se o céu se apresenta toldado de *cirrus-cumulus*, quando

---

[1] F. Mendez Pinto. *Peregrinaçam*, cap. 61.

[2] *Ibidem*, cap. 62.

[3] Braz de Oliveira. *Apparelho e Manobra dos Navios*. Lisboa, 1903, pág. 13. Em espanhol ha *ráfaga* e *racha*, com egual sentido.

[4] Mendez Pinto *Peregrinaçam*, cap. 53.

[5] *Regras para evitar os abalroamentos no mar*. (Decreto de 26 de Novembro de 1884.

[6] Couto, no seu *Diccionario da maior parte dos termos homonimos e equivocos da Lingua Portugueza*. Lisboa, 1842. s. voc. Vento, cita os seguintes ventos: «Diz-se em t. de mar. *vento ponteiro*, rijo, tezo; em pôppa, pela pôppa; pela prôa, a huma larga, pelo olho, á trinca, escasso, pé de vento, redemoinho, id. de cima, de baixo, da barra, ..geral, briza .. tufão, pampeiro, vendaval, feito, duravel, favoravel, á feição, contrario ..»

[7] V. L. de Vasconcelos. *Tradições*, 46; S. de Brito. *Astronomia*, 23; Cardoso Marta e A. Pinto. *Folclore da Figueira da Foz*, II, 72; L. de Vasc. *Ensaios*, II, 113; P. Sebillot. *Le Folke-Lore*, 129.

[8] O nordeste e o norte são em geral ventos seguros, mas não é bom fiar. Lá diz o ditado:

«Quando Deus queria
do norte chovia».

De um modo geral diz-se em França: *Il pleut á tous vents.*

[9] *Novo Diccionário*, s. voc. **Mijão**.

sopra o nordeste, classificam este vento de *nordeste encaramujado*; no Tejo.

É crença geral entre os marítimos do Tejo que os ventos começam a soprar, ou aumentam de intensidade (refrescam), quando se lhes assobia. «La croyance commune dans les marines européenes, d'aprés laquelle on vait venir le vent en sifflant, existe en Annam, dans l'interieur de l'Afrique, etc.» [1]. Tambem é costume, no Tejo, invocar os ventos exclamando: *refresca San-Lourenço!*

Os prenúncios de ventos pela observação das núvens são vulgaríssimos. No Tejo chamam *rabo-de-galo* (Vale-do-Cóina), ou *pé-de-craveiro* (Barreiro, Aldegalega) a uma aglomerção de núvens alongadas (*stratus-cirrus*). que irradiam em várias direcções, divergindo de um centro comum. Anunciam ventos fortes e às vezes chuvas.

Tambem é prenúncio seguro de vento uma nuvem pequena, de forma arredondada que, num céu muito limpo, corre velozmente em determinada direcção. O vento virá do lado donde ela vem (Tejo).

Olho-de-boi é uma nuvem avermelhada, no seio de uma massa de nuvens brancas. Quando ela aparece deve esperar-se vento on chuva. «*Oeil de boeuf*, nuage rougeâtre qui annonce du vent» [2].

Vários ditados metereologicos que se referem a ventos:

»Ceu escamento
Ou chuva, ou vento».

(Vale-do-Cóina).

«Ceu pedrento
Ou chuva, ou vento».

(Estremadura, Alentejo).

«Tempo traz tempo,
E chuva traz vento».

«Mudam os sempos,
Mudam os ventos».

Diz-se em Turquel que «o vento não paga a barqueiro», aludíndo-se à presteza com que ele salta de um para outro quadrante.

A inconstancia ou ausencia absoluta dos ventos é por vezes a causa das demoradas viagens dos veleiros. Para significarem a facilidade com que os barcos a vapor navegam com todo o tempo, dizem os marinheiros dos navios de vela que eles «tra-

---

[1] P. Sébillot. *Le Folk-Lore*. Paris, 1913. pág. 129.
[2] P. Boissière. *Dict. Analogique*. s. voc. vent.

zem o vento no porão». Na Galiza «tambien suelen decir algunos marineros veleros, envidiando la suerte de los que navegan en buques de vapor, que estos *levan o vento no ventre*, alusión al vapor de la caldera, que es lo que impulsa la nave» [1].

Ás grandes agitações dos ventos sucedem por vezes largos periodos de calma, no mar. Diz-se *calma*, *calmaria*, *calmeiro*, *calmiço* (esp.: *calma*, *calmaría*, *calmazo*, *calmia*; it.: *calma*, *calmeria*). «Mar *calmão*», dizia-se antigamente. *Calmiço* é a calma poriódica de pouca duração, a certas horas do dia, em determinadas épocas [2].

A calma diz-se *chata*, *branca*, *podre*, *estanhada*, *ralassa* (fr.: *calme plat*; ing.: *dead* ou *flat-calm*; esp.: *calma chicha*). Para se significar que ela é absoluta diz-se que «não ha um bafo de vento». Em fr.: *il ne fait pas une haleine de vent*, ou *une bouffée de vent* [3]. No Minho: *nun bole ũa folheirinha*.

«O ceu annuviado, de côr plúmbea ou cobreada em tempo calmoso, forma o que se chama [tempo] *emechornado*, do hespanhol *bichorno*» [4].

Á aragem branda dá-se o nome de *bafagem*, ou *bafugem*: «...para d'ahi com as primeiras bafugens da monção fazerem sua viagem» [5]. Em galego ha *arela* e *airexa* = cast.: *ventolina* e *brisa*.

Dezembro de 1916.

Azinheira—BARREIRO.

ÓSCAR DE PRATT.

---

[1] Inf. de D. Avelino Rod. Elias.

«Les marins de la Manche racontent qu'un capitaine ayant été chercher les vents dans leur pays pour les mettre à souffler sur l'Océan, les enferma dans des sacs á fond de cale ..»—P. Sébillot. *Le Folk-Lore*, pág. 127.

[2] «Aproveita-se o calmiço da madrugada, ou a agua estar parada, para com maior facilidade fazer este trabalho.»—Braz de Oliveira. *Apparelho e Manobra dos Navios*, pág. 143.

[3] P. Boissiére. *Dict. Anal.* s. voc. vent.

[4] S. de Brito. *Astronomia*, pág. 25. «Este mesmo estado de inverno, acompanhado de vento frio, chama-se *Carameléro* e *Escaneve*.»—*Ibidem*, *idem*.

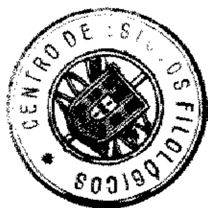
[5] Mendez Pinto. *Peregrinaçam*, cap. 53.

TRADIÇÕES POPULARES

DO

BAIXO ALEMTEJO

(OURIQUE)



I. O conto do pastorinho

Era uma vez um pae que tinha um filho que era pastorinho. E o pae ia todos os domingos de quaresma á missa. O padre prègava uns sermões muito bonitos e lá um certo dia ouviu ele dizer que o sermão do outro domingo havia de ser mais bonito ainda.

Ele veio de lá e disse ô mocinho que havia de ir á missa naquele domingo. E o rapazinho disse-lhe que não sabia aonde era.

— Olha, não tem nada que saber. Vae aqui por este caminho fóra; pr'adonde vires ir muita gente, vai tu tambem; onde pararem, pára tu tambem. E deixa-te estar ali na rua. Quando vires entrar muita gente p'ra uma casa, entra tu tambem, que lá é que é a igreja. E tudo que vires lá fazer, faz tambem.

O pequenito assim fez. Via ajoelhar, ajoelhava; via benzer, benzia-se; via levantar, levantava-se. Depois quando veio lá o tempo, o padre foi prègar o sermão. E prègou que isto estava tudo pior, que estava tudo perdido. Que noutro tempo a estrada do ceu era tão larga, que cabiam dois carros á parelha; e a do inferno que não lhe cabia uma ovelha sem tocar com a lã no mato. E agora era o contrario. Que estava a do inferno tão seguida, que lhe cabiam os dois carros á parelha, e a do ceu tão estreitinha que lhe não cabia uma ovelhinha sem tocar com a lã no mato. E o rapazinho ouviu aquilo e ficou com aquela cousa nos ouvidos.

E veio outra vez p'rô pé do gadinho [1]. Depois, vê ele uma ovelhinha — lá a sua escolhida — vê ele tomar a ovelhinha por uma verêda fora.

—Olha a minha ovelhinha, vae alem por aquela veredinha tão estreitinha... Talvez que aquela seja a estrada do ceu.

E seguiu atrás da ovelha. Foi indo, foi indo, até que chegou lá a um convento. E a ovelha desapareceu.

---

[1] Expressão deminuitiva muito usual dos pastores.

Foi para voltar para trás... «então eu agora não sei o caminho!» E foi á porta do convento perguntar se queriam ali concertar um rapazinho p'ra mandados. E os frades disseram que sim.

— Olha, calha bem, que o moço dos mandados saiu. Ajustamos-te.

Depois, ajustaram o rapazinho. Depois, assim que veio lá a hora do jantar, deram-lhe a sua reçanita [1]. Depois ele começa a andar ali pelo convento, e um dia foi ter lá á capela onde estava o Senhor crucificado. Diz-lhe assim:

— Coitadinho!... que está tão magrinho! Tem aqui este desgraçadinho... — Isto é com fome! Deixe estar que eu hei-de vir todos os dias comer a minha reçanita consigo.

E assim foi: No outro dia, assim que lhe deram a reçanita, foi lá p'rô pé do Senhor comer. E o Senhor fingia que comia. Depois, todos os dias, em lhe dando a reçanita, ia comer com o Senhor. D'aí lá ô fim de uns poucos de dias, começou ele a dizer:

— Coitadinho, já está melhor. Se eu aqui não venho dar, deixavam-no morrer aqui á ne'ssidade.

D'aí os frades deram am notar que ele todos os dias desaparecia com a reçanita e deram em espreita-lo. Um dia ouviram-no estar a falar, e escutaram o que era. Ouviram-no dizer:

— Coma, meu camaradinha, coma. Coitadinho! Já está mais gordinho. Se eu aqui não viesse dar, deixavam-no morrer de fome.

Depois, o frade, veio de lá e disse ôs outros:

— Sabem lá? O que a gente tem no convento, é um santo.

E contou o que tinha ouvido. Depois os frades combinaram de dar um jantar, e disseram ô rapazinho que dissesse ô seu camaradinha se queria vir jantar com eles.

— Quer si senhora (*sic*), quer. Ora ele come o que lh'eu levo, não hade querer cousas tão boas. Quer si senhora (*sic*).

Depois, no outro dia, assim que lhe deram a reçanita, foi, e disse ô Senhor se queria vir jantar com os senhores frades lá no dia que eles destinaram. O Senhor disse que sim. Abanou-lhe a cabeça que sim.

Os frades trataram de arranjar tudo p'rá'quele dia. Mataram capões, piruns ([1]), galinhas, vitelas... Tudo o que era bom. E

[1] O povo diz *reção* em vez de *ração*. Por isso o deminuitivo *reçanita*.

[1] Forma popular de *perus*.

prepararam tudo muito bem composto. Tudo o que havia de grandeza naquele convento: pratas, roupas, tudo. Assim que tiveram tudo prompto, disseram ô rapazinho:

—Bom. Está tudo pronto. Vai dizer ô teu camaradinha que em querendo vir que venha.

E o Senhor disse-lhe:

—Desprega-me lá este braço.

E o pequenito foi e despregou-lhe o braço. Ele jogou-o aqui por cima do hombro do rapazinho. Depois disse-lhe que despregasse o outro. O rapaz despregou. O Senhor jogou-lhe o outro braço por cima. Depois que lhe despregasse os pés. E abraçou-se ô rapazinho, e veio até á casa onde estava a mesa posta.

Os frades estavam todos de pé á roda da mesa, á espera que o Senhor viesse.

Assim que o Senhor apareceu alem, caiu tudo por terra. Menino e tudo. Mas salvaram-se todos. Foram todos directamente para ô ceu.

Aquele convento estava todo em pecado. E o menino estava em graça; é que o salvou.

II. **Romance**

Estando uma bela princesa
No seu jardim assentada,
Deitando os olhos ao mar
Viu vir uma grande armada.
Capitão que nela vinha
Muito bem a governava.

—Diga-me o meu capitão,
Diga-me pela sua alma,
Se lá viu morto na guerra
Uma prenda que eu estimava.
—Diga-me ó minha senhora
Os signaes que ele levava.
—Levava cavalo branco,
Cavalo branco levava;
Levava uma cruz de ouro
Na ponta da lança atada.
—Pelos signaes que vós *dá* (sic)
Lá o vi morto na guerra.
Detràs dum pinheiro os seus
Sepultura lhe fizeram.
—Ai de mim, triste viuva!
Ai de mim triste coitada!
Que morreu o meu marido,
Já no mundo não sou nada.
—Quanto deras (*sic*) vós, senhora,
A quem vos (*sic*) trouvera aqui?...
—Todo o dinheiro que eu tenho
Todo te eu dera a ti.
—Não quero o seu dinheiro
Que me não pertence a mim.
Que darias mais senhora,
A quem vos trouvera aqui?...
—De tres moinhos que eu tenho,
Todos tres os dera a ti.
Um moe cravo, outro canela,
O outro a folha do jasmim.
—Eu não quero os seus moinhos
Que me não pertence a mim.
Que darias mais senhora,
A quem vos trouvera aqui.
—De tres filhas que eu tenho,
Novas, tres, te dou a ti:
Uma p'ra te descalçar,
Outra para te despir,
E a mais bonita que achar

Para convosco dormir.
—Não quero as suas filhas
Que me não pertence a mim.
Que darás mais senhora,
A quem vos trouver aqui:
—Não tenho mais que te dar
Nem vós mais que pedir.
—Eu queria de vós, senhora,
Era o seu corpo gentil.
—O' maroto que tal pede
Que tal se astreve [1] a pedir!
Altos, altos, meus criados,
Venham todos já aqui:
Atem-no ao rabo do meu cavalo,
Corram pelo meu jardim.
—Veja lá minha senhora,
Veja lá se está lembrada,
De um anel d'ouro que eu parti
Numa cadeira assentado.
Mostre-me a sua ametade
Que a minha, vê-la aqui.
—Se vós eras (sic) meu marido,
Para que me tratas (sic) assim!
—Eu estava a ver, ó menina,
O amor que eu tinha em mim.

III. Origem popular do proverbio:

Preso por ter cão || *Preso por não ter cão*

No tempo em que os Hespanhoes governavam cá na nossa terra, era uma grande desgraça. De cada tantos porcos, de cada tantas galinhas, ovelhas, rêses ou chibos que a gente possuia tinha de dar um lance que era de cada quatro um.

—Ninguem ajuntava pé com orelha. Era uma desgraça.

E depois os moleiros eram obrigados a ter um cão, sob pena de ir para a cadeia. Mas um cão que não comesse farinha. E como não havia meio mais seguro de vigiar isso, era obrigação que o animal tivesse o focinho preto.

Uma certa vez, um moleiro que havia nesse tempo, tinha lá um canito que era muito bom, mas por infeliz sorte, tinha o focinho branco. Veio de lá a justiça um dia, e bumba! prendeu-o. O homenzinho tinha muito genio, e vae e mata o cão. Torna a justiça outra vez... O moleiro não tinha cão. E bumba! cadeia outra vez com ele. O homenzinho então costumava dizer:

—Isto é assim: preso por ter cão, preso por não ter cão.

IV. A procissão das almas

Muito espalhada no Baixo-Alemtejo esta crença, não é dificil encontrar pessoas que vissem ou ouvissem contar a outras mais velhas casos como estes sucedidos em Ourique, do desfilar terrificante dos mortos.

Na rua da Umbria vivia em tempo uma mulher muito boa-

[1] Forma muito usual do verbo *atrever*.

zinha, e que não era de mentiras. Um dia levantou-se cedo para ir p'rô pégo, e ô depois, quando ela vê uma procissão. E vai a mulher e mete-se na procissão. E depois deram-lhe uma vela e a mulher aceitou. A mulher sempre metida na procissão deu uma volta á roda da Senhora da Assumpção (capela que serve de matriz em Ourique). E depois desapareceu tudo. E a mulher muito admirada veio p'ra casa. Quando foi olhar a vela, estava uma canela de defunto. Á noite estava ela ô lume: trás, trás (á porta).

—Quem está ahi?

—Faz favor de me dar o que trouxe ontem á noite!

E a mulher meteu a canela pela gateira.

—P'ra outra vez faz favor de se não meter onde não fôr chamada.

*

A senhora Ignacia Joaquina, uma boa mulher já falecida, que exercia o mister de parteira, e cujos braços honestos foram os primeiros que me ampararam quando eu vim ao mundo, tambem viu uma noite a triste procissão das almas. Naquela casa havia um costume, de estar sempre o postigo aberto emquanto a sua gente não entrava toda.

Uma noite ouve ela, parece-me que era uma hora, um hu-ri muito grande.

Vae a mulher, assoma-se ô postigo, vê ela vir uma procissão pela rua de S. Luis (a rua onde a Senhora Ignacia Joaquina morava). Ouve ela umas vozes muito tristes, muito tristes:

—Anda para diante.

—Como hei-de eu andar, se a minha mãe quando eu morri nunca me deu o apertilho com que eu amarrava o meu fatinho [1].

A senhora Ignácia Joaquina jurou para nunca mais assomar-se assim àquelas horas da noite.

V. Abel e Caim

Eram dois irmãos. Um era Abel e o outro Caim. E depois, o Abel era muito bom e o outro um jogador. O Abel estava sempre a dizer:

—Ai, irmão Caim, não faças isso, olha que te perdes.

[1] É costume alentejano (pelo menos nalgumas terras do Baixo Alentejo, não deixar ir para a sepultura uma criancinha sem a cinta que segure os coeiros. A palavra *apertilho* tem aqui uma significação muito lata.

E ele nada de se emendar. Jogava com o Diabo e chegava a ter o chapeu já acagulado de almas ganhas ao Diabo. Mas o Diabo dava-lhe taes voltas, que l'has ganhava todas outra vez.

E o Abel sempre:

—Ai, irmão Caim, que te perdes!

—Ai, irmão Caim que te perdes, arremedava o irmão. E pegou numa caveira de um burro e matou o irmão.

Os anjos vieram buscar Abel e cantavam:

Já Caim matou Abel,
Duma morte inocente,
Já os anjinhos o levam
Para o ceu eternamente.

E o Caim perdeu-se. É um dos grandes Satanazes que ha no Inferno [1].

VI. Oferecimento á Lua

Para ter sempre dinheiro:—De cada vez que a lua é nova e logo que qualquer a lobrigue, não tem mais que mostrarlhe uma moeda enquanto recita:

Deus te salve lua nova!
Lua luar!
Aqui tens o meu dinheiro,
Ajuda-mo a casar.

Repete-se tres vezes e reza-se um Padre Nosso e uma Avè-Maria a Nossa Senhora.

Para passar a dor de dentes:

Deus te salve lua nova!
E lua luzente!
Quem t'a ti fez lua nova,
Que me tire a dor de dentes.

Para as crianças não serem atacadas de lua, para não andarem aluadas:

Deus te salve, lua nova!
Lua luar!
Aqui tens o meu menino,
Ajuda-mo a criar:
Eu por mãe,
E tu por ama.
Cria-o tu.
Que eu lhe darei mama [2].

VII. Pesar a terra

Eficaz para livrar as crianças do maleficio do bruxedo:—Á meia noite leva-se a uma encruzilhada um Manuel e uma Maria, ambos virgens, e a criança embruxada. Esta é posta num prato de uma balança, dentro de uma alcofa.

---

[1] Já depois de ter isto escrito, soube que a narradora contava, não simplesmente uma lenda, mas sim uma lenda revivida num episodio de téatro de *Orra bibas*. Orrabibas é a corrutela da saudação favorita dos *fantoches*.—Ora viva! seria pouco comico.

[2] Acerca d'estes costumes cfr. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, §§ 33-35.

A Maria diz:
— Cava, Manuel.
E ele responde depois de cavar a terra.
— Apanha, Maria.
Os dois ao mesmo tempo:
— Pra que Deus nos livre desta bruxaria.

Repetem isto até ter a terra suficiente na alcofa que serve de contrapeso á criança. O pai, se o tem, é que pega na balança.

Depois quando o peso está certo, isto é, quando a alcofa que contem a terra e a que contem a criança se equilibram, a Maria tira desta a criança que conserva nos braços enquanto o Manuel emborca a outra com a terra, no sitio onde se fez a pesagem. Colocam-se então frente a frente, *aternando* na direcção das quatro estradas e passam assim, dos braços dum para os doutro, a criança embruxada, de forma que se descrevam cinco cruzes. A roupinha que a criança trajar nesse momento fica lá.

VIII. **Virtudes da envide** [1]

Para que as bruxas não tenham entrada com as crianças: — Logo que a criança nasce, volta-se de bruços e com a envide, diz-se-lhe o credo em cruz nas costas.

Tambem se usa esfregar-lhe a cara com a envide para que saia córada e bonita, e as sardas lhe não peguem.

IX. **Para a quebradura** [2]

Agarra-se num lagarto vivo e golpeia-se tanta vez quantas sejam necessarias para que ele deite sangue. Logo que isto suceda, unta-se a quebradura com ele, e deixa-se o largato em liberdade. Conforme este se for curando assim se curará o quebrado [3].

X. **Outra receita**

Eficaz nas criancinhas: — Faz-se uma incisão numa amoreira (e na falta desta, noutra qualquer arvore), ao comprido, e metem-se-lhe uns fios dos cueiros. Reza-se a Nossa Senhora.

---

[1] Ou *vide*—cordão umbilical.
[2] «Hernia».
[3] Esta receita forneci-a eu já ha tempos ao Dr. Claudio Basto para um dos seus estudos sobre medicina popular. Não sei porem se já está publicada.

XI. **Para a diarreia verde**

Quando as crianças têm dejecções verdes, pega-se num cueiro sujo e põe-se em cima do telhado e deixa-se lá para sempre. Reza-se a Nossa Senhora.

XII. **Um esconjuro**

Eu te benzo, eu te esconjuro,
Com a pata do meu burro
E a cebola albarran,
Para que te dê uma terçã,
Que não dures
Té amanhã pela manhã.

Aljustrel, 19-12-916.

Maria da Conceição Portugal Dias.



VOCABULARIO BARROSÃO

A

a. Exemplo do seu emprego como preposição: *passar a* (em tal sitio); *fiador a uma divida; num entrei á igreja*.

abalar, ir-se embora (no sentido de ser para muito longe): «F. abalou para o Brasil».

abaluar, avaliar.

abanado, acabrunhado.

abanar, sacudir, abalar, agitar: «Abanar uma arvore».

abascada, nome insultuoso entre mulheres. Vid. «apaseada».

abecas, aivecas, (Pedrario e Tourem).

abeirado, beiral do telhado.

abelha, homem astuto: «F. é uma abelha!»

abental, peça de vestuario da mulher. Em algumas povoações como Padrôso ê Vilar de Perdizes tem o mesmo nome uma especie de saia que usam os homens sobre os ombros, a qual aperta no pescoço.

abentar, abrir a boca dum animal para se saber a sua idade.

abéspora, vespera.

àbêsse, ás avessas (Fiães do Rio).

abestunto, bruto.

abezar, ter. Aquele sempre abeza uma saia quadradra!

abichar, conseguir alguma coisa.

àbô (int. admirativa e dubitativa), àgora!

abobeda, abobora.

abocanbar, melhorar o tempo (querendo significar uma *aberta* em tempo de chuva: «Parece que vai abocanhar».

aboiada (a vaca), coberta sem eficacia.

abôno, estrume: um carro de abôno. Emprega-se muito.

abotecado, hipotecado.

aboucar, bater, esmoucar, e tambem fazer barulho, falar alto.

abrigado, pouco batido: caminho abrigado da chuva.

abrótega e **abrótiga:** certa planta dos montes. Ás *abrótigas* depois de sêcas, chamam *aguços;* os aguços são usados pelos pobres para iluminação das casas. Vid. Aguço.

acabáramos, acabámos.

acaçar, caçar.

açães, vermes que aparecem na carne e no queijo.

acendalhas, lenha meuda, chamiça.

achabouçado, mal feito: pião achabouçado.

achair, gradar (a terra). (Tourem).

achentar, aquentar. (Fiães do Rio).

achi, aqui. (Fiães do Rio).

acirrar, desafiar.

aclar (o cabêlo), ageitar.

aclimar-se, habituar-se, afazer-se.

açobar e **açogar** (o cão): açular.

acordar, recordar. «Eu até me acordo do Cocles belho (velho) andar a guiar o telhado».

Adelaida, Adelaide.

adelhas, polainas brancas usadas pelas mulheres (Salto).

á dependura (estar), a morrer, na pobreza.

adiente, adiante.

adital, edital.

á divina (estar), sem nada.

adjunto, ajuntamento. «Havia lá um grande adjunto».

adoada (a criança), carinhosa.

adotar, dar dote.

adregar, conseguir: «tanto andou, que adregou o negocio».

adruvio, mentiroso, aldravão.

advertido, pandego, alegre.

àdvertir, advertir. Perguntando na serra do Larouco a um pastor porque é que fumava, respondeu: —

«A gente fuma p'r'ádvertir o genio».

afifar, bater?

afinado, zangado.

afinhado, apoquentado: «afinhado c'os remorsos».

aflege, aflige (flexão verbal)

afumados (chouriços), bons, já curados pelo fumo.

afumar, enegrecer com fumo: «deixaram afumar a casa».

agachar-se, esconder-se, abaixar-se: «está agachado detrás das messes».

aganar, respirar com dificuldade.

agano, certa doença dos bois.

agarimo, afago. «O cão e ó menino || vão p'ra onde lhe fazem o agarimo».

agarradiça (terra), que se agarra ao calçado.

1. **agantahar,** subir ás arvores: «agatatanha como um gato».

2. **agatanhar** e **apresunhar:** agarrar, prender.

ageitar, compôr, concertar. O termo mais usado neste sentido é *guiar*.

agôra, agora.

àgóra (int.), oh! pois é isso?!

àgràdar (o terreno), gradar,

àgráde, grade para gradar o terreno. Compõe-se de *varaes*, *travessas* e *dentes*. (Pedrario). Em Outeiro ouvi chamar respectivamente: *banços*, *outões* e *dentes*.

agrónico, agronomo.

aguço, pauzito de urze sêca que acêso se mete num buraco do fôrno para o iluminar quando se mete ou tira o pão. Vid. *Abrótegas*.

agulha, 1) pedra colocada ao meio do tranqueiro para lhe aliviar o peso; 2) sabor acido do vinho. «Tem uma agulha que se não pode levar».

agulhas, pessoas intriguistas.

Ágústo, Augusto.

ai, ai! — resposta que se dá a algumas perguntas. Então tu já vieste? —Ai, ai!

ajoujado, adoentado.

alagar, cair. «O muro alagou-se».

alambazar, comer muito: alambazou-se na comida.

alanzoar, dizer mentiras.

albardeiro, mentiroso.

albericoque, certo damasco.

albernó, casaco de mulher.

albidar, olvidar.

Alcace e Alcacio: Acacio.

alçafrão, certa herva aromatica.

alcanfora, canfora.

alcanforado, canforado.

alçaprema, pequena pedra ou pedaço de madeira no qual os pedreiros apoiam a alavanca quando querem remover alguma pedra grande.

alcarradas: 1) argolas usadas pelas mulheres nas orelhas (Fiães do Rio); 2) pêlos que crescem nas orelhas dos bezerros; 3) dois apendices carnudos que alguns porcos teem pendentes na mandibula inferior.

áldeagante, vadio, sem morada certa.

aldrabão e **aldrabôna:** que mente muito.

aldrava e **aldrave:** fecho de ferro de uma porta.

aleitar, dar leite. A vaca aleita bem o filho.

alfacia, alface.

algarozes, lajes de granito colocadas de cutelo nos extremos dos telhados de côlmo (Pedrario). Em algumas povoações chamam-lhes *guardas-ventos*.

alha, alho sem dentes.

alheira, enchido feito de couracha, bucho de porco, vitela, galinha, meôlo de trigo, alhos e pimenta.

aliança, anel.

alifante, elefante.

alimal, animal.

alimpar, limpar.

alinheiro, leite novo tirado depois de separada a *cria*. Vaca alinheira.

alivião, alvião.

almalho, -a, bezêrro. É muito empregada.

alma negra, apostrofe insultuosa. Tambem se diz por brincadeira.

almario, armario.
almazem, armazem.
alumiar, nomear.
alonso, que se finge bruto ou parvo. F. faz-se alonso. Não te faças alonso.
alpargatas, alpercatas.
alqueire, raza. Tratando-se de castanhas ou batatas, são precisas duas razas para fazer um alqueire.
alquitete, que se mostra servil.
alustrar, relampejar.
alustro, relampago.
alveira. Vid. *alveiro.*
alveiro (pão), moido na pedra *alveira.* Ha ainda a pedra *centieira.*
Alziria, Alzira.
àmá (int.) exprimindo ralho. Àmá que apanhas!
amadurar, amadurecer (Vilar de Perdizes).
amanhão e **amanhê:** amanhã.
amanhar, fazer qualquer trabalho.
amarelas e **loiras:** libras.
amargôr de bôca, ciumes. Tambem se diz *zêlos.*
amassucar, dar pancadas. Ele amassucou-o.
amatado, escondido no mato.
âmbria, fome. Trago uma àmbria!
amedouchar, fazer *medouchos* ou *medouchas.*
ameixil, nome duma peça do arado (Pedrario).
amerôso, macio, brando. O tempo está ameroso.
amigado, amantizado.
amolar, murmurar, ludibriar alguem. Andas a amolar a navalha nas minhas costas.
amontaria, almotolia.
amora e **mora:** fruto da silva.
ambos e dois, ambos.
amorfanhado, preso. Deitei-lhe as unhas e amorfanhei-o.
amouchar, adoecer. F. amouchou.
anaguas, o mesmo que *inaugas* (Sirvozêlo).
anainho, anão.
andadeira, 1) que anda muito. Pôtra andadeira; 2) pedra superior do moinho.
andar ó fato, diz-se da *rês* (rebanho) que anda guardada isoladamente.
andar á veseira, diz-se da *rês* que anda pastando em rebanhos juntos e guardados à vez pelos donos.
andilhas, cadêiras em que se assentam as mulheres quando vão a cavalo.
aneiras ou **de contra-fôlhas** (terras), que produzem em anos alternados. E costume combinarem-se os lavradores para deixarem os terrenos contiguos de *folha vazia* para ali poder pastar o gado.
anga, asa do balde de *acomodar* os leitões (Vilar de Perdizes).
angorêtas, pipos de forma achatada.
anho, a, cordeiro.
Anibel, Anibal.
antes-trasantonte. Emprega-se esta frase, não sabendo eu porém qual a sua significação exacta.
Antonho, Antonio.
antrada, entrada.
apàjár, acompanhar. F. anda sempre a apàjár as crianças.
apancar (a janela), fecha-la.
apanhar lebres, cair nos caminhos.
aparaltado, bem posto, aperaltado. Em Pitões diz-se *bem postado.*
aparelho e aparelhos: aprestos do cavalo.
apascado, -a, 1) tôlo; 2) nome insultuoso entre mulheres.
apeiria, apeirias, jintura e jinturas: jugo com os seus pertences. Em Sirvozêlo ouvi dizer *juntura.*
apeiro, jugo com os seus pertences (Fiães do Rio).
apelido, nome. Cada monte tem seu apelido.
apertar, economizar. Um homem não deve apertar de mais, nem de menos.
apilarada (obra), bem feita. Emprega-se muito em sentido ironico.
apontar, 1) alinhavar; 2) aguçar. Foi

apontar os picos ó ferreiro; apontar estacas, estadulhos, etc.

aporrinhado, muito oprimido.

aporrinhar e aporrenhar: apoquentar com pedidos, serviço, etc. Aporrinhado c'o trabalho.

apresigo, bocado de carne ou peixe com que se acompanha o pão.

apujar, o ato de as porcas darem leite ás crias.

apuladoiros, cunhas de madeira para ajustarem as treitoiras (Pedrasio).

aquela, 1) odio. Tenho-lhe uma aquela! 2) falta de juizo: «Tem uma aquela!»

á que sim, sim. Expressão afirmativa em contraposição a *á que não*.

arado, compõe-se de rabiça, *tumão* (*turnão* em Frades), àteiró, abecas ou ibecas, meixil (meixêlo em Tourem) e ferro (em Tourem rêlha). Em Tourem ha a palavra *pescunhos* no arado. O ferro compõe-se de orelhas, tubo e ponta.

aranhas, homem fraco, que não presta para nada.

aranhões, patranhas. Quem te meteu aranhões na cabeça?

aranzel, pessoa fraca.

arca, caixa. As caixas grandes em que se recolhe o centeio teem junto ao fundo uma abertura chamada *câna*.

arcadias e arcadas: arrecadas.

arcado, que tem arcos: «fôrno arcado».

arco da velha e arco celestial: arco-iris.

Ardãos, Ardães.

ardiume, ardôr.

«**ardupa** o Borges», arde o fôrno (giria dos pobres do fôrno).

arestas, particulas que se separam do linho no *spadar* ou no *assedar*.

argainho, certa herva.

arganassa, ratazana.

arganel, arame que se coloca no focinho dos porcos para não fossarem.

aricar, (o centeio), tirar-lhe herva por meio do arado.

ariôso, sal (giria dos pobres do fôrno).

armação, conjunto de peças que constituem o teto e o soalho duma casa. O teto compõe-se de tirantes, filête, terceiras, caibros, pião, pontaletes, escora real e soleiras. No soalho ha traves, garrotes e piso ou sôlho.

armar cordas, termo de pescador.

armadilhas, dispositivos para caçar passaros. Ha a enxó, as costelas e as esparelas.

armela, assim chamam em Frades do Rio ao fecho do carro.

arnache, decisão, coragem. Marchou com arnache (Sarraquinhos).

arnaz, 1) genio, qualidades. Ter bom arnaz; 2) zanga forte. Tenho-lhe um arnaz!

arochas, brincadeiras. Em Vilar de Perdizes depois de ter feito algumas perguntas de *folk-lore*, ao despedir-me, disse um dos presenfes: «Nunca me ri tanto como agora com estas arochas»·

aromado, perfumado, com aroma.

apersigar, acompanhar o pão com um bocado de chouriço, carne ou bacalhau.

arrã, rã.

arrabar (o gado), fugir com a môsca.

arrabunhar e arrebunhar: arranhar.

arraiano, raiano.

arralar, tornar *ralo*.

arrascanhar, arranhar.

arrate, arratel.

arrates, arrateis.

arrebitados (sapatos), com a biqueira um pouco levantada.

arreceber, receber.

arrecuar, recuar.

arregalar (os olhos), abri-los muitos.

arreganhar, 1) mostrar. Arreganhou-lhe os dentes; 2) levedar. O pão já está a arreganhar.

arrelicas, reliquias.

arreguiçado, levantado. Cabêlo arreguiçado.

arreguiço, raquitico.
arreigar, arrancar.
arreitado, guarrido, aperaltado.
arremangar, arregaçar. Arremangar as calças.
arrencar, arrancar.
arrendatario, caseiro (Vilar de Perdizes).
arrendo, aluguer de casa, arrendamento. Emprega-se muito.
arrimar, 1) arrumar; 2) arremessar.
arrimar-se, encostar-se. Arrimou-se á parede (Padrôso).
arrizar, melhorar.
arrolar, cantarolar para adormecer uma creança.
arroeinar, chegar a egoa ao cavalo a ver se anda *saida.*
arrudilhar, enrudilhar.
arrumendar, remendar.
artife, pão (giria dos pobres do fôrno).
artificios, artefactos indeterminados. Perguntando em Séla a um lavrador os nomes das diferentes partes do arado, respondeu-me=a gente por aqui usa estes artificios.
artimanha, arte e manha, imposturice: «É preciso ter artimanha ‖ p'ra comer o que o outro ganha».
arujo, argueiro.
asado, arranjado, ageitado. F. ia bem asado. Homem mal asado=defeituoso. «Está muito asado» =a ameaçar mau tempo. As camas aqui (Montalegre) são todos asadinhas=bem feitas.
ascordar, acordar.
ás de copas, assento, anus.
assador, peça de cozinha para assar castanhas. E' semelhante a uma peneira.
assadura, lombo de porco.
assancanhar, querer andar depressa, mas não poder.
asseguir, seguir.
assistencia, 1) acção de assistir a um moribundo; 2) residencia. Dizem que no *Crasto* de Medeiros era a assistencia dos Mouros.
assubir, subir.
assuceder, suceder.
assucre, assucar.
assustentar, sustentar.
atado e atadinho: sem rasgo, sem expediente.
atador, o individuo que ata as messes na ocasião da ceifa.
atafais, peça dos albardões.
atão, então.
atapulhar, tapar com trapo ou tapupulho.
àteiró, travessa que segura o temão á rabiça.
atempar, dar tempo. As batatas ainda não estão atempadas.
atestar, tornar testo, entesor.
atiçar, 1) ativar. Atiça o lume! 2) bater. Atiça-lhe!
atinar, acertar. Atinar c'o caminho.
atirar (a vaca), escornar.
atolambado, tôlo.
atourada (a vaca), que já foi coberta.
atrás, 1) ha pouco tempo. Apareceram muitos javalis numa neve que caiu atrás; 2) a seguir. «Quem coze agora atrás?»
atrevidura, atrevimento.
atufado, zangado.
atuir, atupir.
atupir, tapar com terra ou pedras. O fôgo está atupido.
auga, agua.
auguardente, aguardente.
augas vertentes, encosta. Augas vertentes p'ra cá é portuguès.
auqueduto, aqueduto.
ausservar, observar.
autente, mais crecido, desenvolvido. O rapaz está autente. (Fiães do Rio).
ave, passaro grande.
avergalhado, marôto.
avezeirar (a rez), reuni-la para a vezeira.
aviado, desembaraçado.
aviar-se, andar depressa. Avia-te rapaz!
azeiteira, almotolia.
azeiteiro, 1) que anda pouco limpo; 2) que vive á custa duma mulher.

azête, azeite (Vila da Ponte).
aziume, excesso de fumo na cozinha.
azoutar, açoutar.
azoute, açoute.
azul, que anda com algum vinho.

B

bacatela, bagatela,
bacamarte, mulher mal asada.
bacêlos, bacêlos (Vilar de Perdizes).
bachôco, ravina, buraco fundo.
bacia, vasilha de cobre para conter brasas para aquecimento no inverno. E' o que em algumas partes se chama *braseira*.
bacoia, mulher mandriôna.
bacros, e leitões de veiga: porcos pequenos que acompanham uma porca pelos campos.
badalar, falar muito.
badalhoca, 1) pedacito de excremento e terra pendente das pernas das ovelhas; 2) mulher que traz a saia molhada e suja.
badameco, homem sem força moral ou fisica.
badana, saliencia na parte inferior do pescoço das vacas.
badanas, nome insultuoso.
bafareira, 1) bafo de embriagado; 2) fervura da agua.
bagalhoça, dinheiro, riqueza. «F. *trouve* bagalhoça a *barulho*». Termo chulo.
baganho, a cabeça do linho, na qual está a semente.
bago, dinheiro.
bàgueiro, -a, jumento. E muito empregado.
baixâme, vexame.
bajoujo, ingenuo.
balancé, recreio de rapazes.
balboleta, balboreta o borboreta: borboleta.
baldrulhada, barulho.
balisas, 1) pequenos paus que dividem os lameiros (Vilar de Perdizes); 2) pauzitos espetados no terno para regularem a sementeira, e que limitam as *embelgas*.
bambo, cambado. Homem bambo das pernas.
banaboia, vadio.
banca, mesa.
banços, 1) Vid. *àgràde;* 2) as duas travessas extremas do'scâno (Tourem).
banda, lado. P'rá banda do Rio (povoações que ficam nas margens do Cavado e a jusante de Montalegre).
bandalho, nome insultuoso entre mulheres.
bandijar, acção de dar impulso a uma bandeja de madeira para fazer levantar a massa do pão antes de entrar no fôrno. Pão bandijado.
bandoleiro, mandrião.
bantal e bental: avental.
banzé, desordem, barulho.
baraças, cordões dos coletes das mulheres (Paredes).
barandinha, chapeo da carda dos sapatos. As cardas fundidas quantas saem, quantas ficam c'o a barandinha ó ar.
barbeiro, vento forte.
barbilha e regaço: rasgo cavado em pedra para nele encostar uma porta. Regaço do tranqueiro.
barbucho, cabrito.
barbuchinho, dim. de *barbucho*.
bareiros, duas traves que os serradores dispõem de maneira que sustentem o pau que deve ser serrado.
barela, pau com quê os rapazes impulsionavam as buchas no *stourote*.
barisas, varises.
barja, vagem.
barjôco, terreno fundo, precipicio, barranco.
barra, especie de soalho que num dos lados se apoia numa das paredes dum cobêrto, é no qual se guardam alfaias de lavoura, lenha, etc. Vid. *barrela* ou *póia*.

barraco, a, 1) casa pequena, córte para bois; 2) casita ligeira feita no campo com madeira, terra e côlmo.

barracucho, pequena casa no campo.

barranhão, especie de pote de barro com duas asas e sem pernas em que se deita o *pingo* do porco.

barrela ou **pôia:** soalho a certa altura dum cobêrto para arrumação de alfaias de lavoura (Tourem). Vid. *Barra.*

barrête, carapuça.

barricha, barriga (Donões).

barriga (andar de), prenhe.

barrigada, choque entre piões que giram.

barrosão, de Barroso. Os moradores de Santo André e Vilar de Perdizes não se consideram Barrosões.

barrote, rapariga gorda e baixita.

barruma, verruma.

basculho, 1) vassoura de varrer o forno, as eiras, etc. No forno emprega-se geralmente o *matão*; 2) mulher suja e que não sabe vestir-se; 3) nome insultuoso entre mulheres.

batatas (operações de cultura das): 1.º Deitar o abôno no terra; 2.º Virar a terra com arado ou enxada á ponta d'alma; 3.º sachar; 4.º Deitar as batatas na terra; 5.º lavra-las; 6.º Engrada-las; 7.º Sacha-las; 8.º Amontoar (chegar a terra). Foi o que me disse um lavrador de Frades do Rio.

bater, chegar: «bateu aí o regedor».

batibarba, reprimenda.

batoque, 1) rôlha da borracha ou pipa; 2) rapariga baixinha e gorda.

baucê, você.

bazulaque, homem gordo e baixo.

beata, 1) ponta de cigarro; 2) moeda de cinco reis.

bêbeda, bebedeira.

beche, carne de cabra.

beiras, planos inclinados do telhado: «Telhado de duas *beiras*».

beiril, fiada de pedras salientes numa parede para impedir a entrada da agua num telhado que em plano inferior encosta à mesma parede.

bedrelho, e budrelho: 1) pequenina pedra; 2) jogo infantil com pedrinhas.

belancia, melancia.

belantina, certa planta de vasos.

beleira, que funciona bem. A chabe está bem beleira.

belfo, que não tem ou não ajusta bem os dentes, que pronuncia mal por não ter dentes.

beliscadura, arranhadela.

beliscão, golpe ou incisão com a unha.

belótigas, bolotas.

belouro, bola feita com neve.

bem, muito. Tem aqui bem feno.

bem cá boi, oich, toma, toma—int. de fazer parar os bois.

bençado, avençado.

benção, pronuncia-se com acento tonico na ultima silaba.

bens, propriedades: «F. tem muitos bens».

bêrças, couves cruas ou cozidas.

berdosas, couves (giria).

bêrgas, varas de carvalho proprias para cestos.

bergontea, castanheiro novo.

bergueiro, pau grosso de mão.

berinho, certa variedade de carvalho. Ha ainda o molar ou cerquinho.

berra, certa ave noturna cujo pio faz lembrar o vagido das ovelhas. Em Sarraquinhos disseram-me que se chamava assim no verão, e *narceja* no inverno.

berrar (a criança), gritar, chorar.

berreiro, grande gritaria.

berrelas, rapaz que berra muito.

berrialho, barulho feito pelas vacas qundo no monte alguma está abortada ou fareja animal bravo. Oh! c'os diabos as vacas lá armam um berrialho!

berringalho, homem ordinario.

bertalhas, 1) as escorridas que transbordam de medir líquido; 2) o ex-

cesso de agua que rega um lameiro.

bertôldo, bruto.

berzunda, bebedeira.

bessadeiro, arado de bessar.

bestia, casaco.

bestigo, 1) cobra grande; 2) qualquer animal grande; 3) homem muito alto.

bêta, 1 membrana sub-lingual; 2) lista, malha. Cavalo de estrela e bêta; 3) homem de estrela e bêta e pé calçado = homem de alto lá com ele.

bêu, veio (Fiães do Rio).

bezerra, a camada imediata á codea de baixo, nas brôas de pão quando este sae do forno mal cozido por ser a massa mal levedada ou a farinha ter sido muito remoida no moinho.

bezerreiro, comprador de bezerros.

bezerro de leite, bezerro (Fiães do Rio).

bezínhos, vizinhos na acceção de moradores, habitantes.

bianda, couves, batatas e feijão do caldo. Deita-me muita bianda.

1. **bica,** bôlo espalucado que se coze com a fornada. Ha a bica *assua*, *milha*, *fôfa*, *sobada* (=çobada) e *centeio*, sendo esta feita com os restos que ficam na masseira, e que são muito bem amasssados.

2. **bica** de manteiga, pequena porção de manteiga que se oferece ou vende.

bich, bich, bichinho,—int. de chamar os gatos.

bicha, orgão genital das femeas.

bicheiro, abertura feita numa parede para passagem do gado. O' tal, abre lá o bicheiro. Na Vila da Ponte dizem *biqueiro*.

bichiche, bicharia.

bichocas (batatas), furadas pelo bicho.

bifar, furtar.

bilhestres, dinheiro.

bilhó, castanha assada.

bingala, bengala.

bios, pauzitos com que se fecham os cortiços.

biqueiro, 1) que come mal ou pouco; 2) abertura numa parede fechada por taboas dispostas de cutelo entre duas pedras chamadas *ocheiras*, em cada uma das quaes ha uma fenda para nela entrarem as taboas (Sirvozêlo) Vid. *debiqueiro*.

birra, o defeito dos cavalos roerem a mangedoira.

bisca, pessoa falsa. Ó que bisca me saiu!

biscato, sapateiro remendão.

biscatos, pechinchas, boas mulheres. Na feira de Montalegre andavam bons biscatos.

Bito, Bitro e Bitulo: Victor.

b'landrau, balandrau, habito do juiz de direito.

b!usia, blusa, especie de camisola de riscado que os homens usam entre a camisa e o colete.

1. **bô!,** bom! (int. administrativa).

2. **bô!** bô! bom! bom! Expressão confirmativa que pode traduzir-se por: é isso, não ha duvida.

bõa, boa.

bóca, int. de mandar os cães.

bocanho, bocado de bom tempo.

bochada, miudezas do boi.

boche, bofe. «Ter os boches ao pé da lingua» = ser muito sucetivel.

bôda, casamento na acção da festa de noivado.

bodalhão, bodegão e boldrião: homem sujo e imundo.

boeira, 1) certa ave; 2) mulher que tem grandes as nadegas.

bogalhão, valente, forte. O touro está bogalhão.

bòguinha, dim. de bóga.

boi-tourão, boi inteiro.

bôla, pão espalmado que se coze com a fornada do pão. Por semelhança diz-se = o pão ficou todo numa bôla.

bolacha, bofetada.

bolas, bocados de madeira que se

colocam nos extremos das galhas das vacas.
bolcar, voltar. Bolcou o copo.
bolsa, saquinha de guardar o dinheiro.
bombada, grande prejuizo.
bonda, basta.
bondar, bastar.
boqueiro, passagem para o gado, feita num muro. No boqueiro ha as *hombreiras* (Tourem). Ha ainda *portêlo* e *portal*, porta por onde entram os carros. Vid. *biqueiro*.
borborinho, remoinho.
bordão, pau de trazer na mão.
bôrdo, 1) bordado, bainha; 2) *Arrázou*, mas deixou um bôrdo (no alqueire, falando-se de centeio, milho, etc.).
bordoada, pancada. A vaca atirou-lhe uma bordoado (com um galho).
borges, fôrno (giria dos pobres do fôrno). Adupa o Borges=arde o forno.
bornal, bolso grande no interior da jaqueta.
borne e borno, meio quente, môrno.
borracha e bôlha: empola da pele.
borrajos, terrenos de cultivo destinado ás despesas da junta de paroquia. São trabalhados *á roda*, e o produto é destinado ao vinho distribuido no fim de cada dia de trabalho em comum, concertos de caminhos, colheita do fêno para o boi, etc.
borralheira, 1) grande calor quando o sol está encoberto; 2) rescaldo da lareira ou lar.
borralho e brasas: 1) carvão de lenha meuda; 2) rescaldo do fôrno.
borrão, 1) porco de cobrição; 2) individuo femeeiro.
borrego, a, 1) carneiro pequeno; 2) nome insultuoso entre mulheres.
bossais, cestas que se colocam na bôca das vacas quando se arrinca o centeio.
botar, ir. «Onde bota?»
boteco, ôdre pequeno.
botelha, cabaça seca para vinho.
botelho, 1) botija pequena; 2) nome insultuoso.
boteno, falha nas abas dos pratos, boca dos pucaros, etc. Este pucaro está *esbotenado*.
botije, botija.
bouch, bouch.,—int. de afagar os bois.
bravo, frio. «O nosso Barrôso é mui bravo».
branquejar, diz-se quandu se aponta a alguem um terreno que ao longe parece mais claro que o que lhe fica proximo. É acolá onde está a branquejar.
braseira, panela de barro com buracos onde se queima carvão.
brêspa, vespera. Vid. *abéspora*.
briga, luta.
brigar, ter questões, lutar.
brilheiro, mal castrado.
briol, vinho.
Briza, Brizida.
brôa, pão. Brôa de centeio.
broada, barulho. Quando é de inverno a agua faz ali uma broada!
brocar, voltar um objecto com o fundo para cima. Brocar uma malga. Vid. *bolcar*.
brocha (andar á), estar atrapalhado, em dificuldades.
brôchas, atacas do calçado (Paredes).
broeiro, que come muito pão.
brosque, bosque.
brugêsso, estupido.
brutidade, brutalidade.
buber, beber.
bueiro, anus.
bufarda e cheminé: pequeno orificio no féto de côlmo para sair o fumo (Vilar de Perdizes).
bufarda, pequena janela (Tourem).
bufarinheiro, vendedor ambulante.
bufas, batatas.
bugo, bugo, buguinho,—int. de chamar os porcos (Fiões do Rio).
bulha, luta.
bulôr, bolor.
bumba, bumba: expressão de quem diz que correu alguem á pedra.

burmelho, vermelho.
burra, egoa. É muito empregado.
burra, aparelho de madeira que numa ou noutra cozinha substitue a *gramalheira.*
burrancas, rapaz sem graça.
burreco, a, 1) dim. de burro; 2) rapariga nova e boa.
busarão, lambão.
bustela, obra mal feita.
busteleiro, mau artista.
buziar, ha a frase: Ora vai buziar.
búzio, 1) moribundo. Já está búzio; indivíduo que acaba de chegar duma viagem cheio de frio.

C

cá, expressão de afirmaçã. «Então guardam segredo?—Cá!»
cã: perguntando no Cortiço as operações do fabrico da lã, respondeu-me uma mulher: primeiro obra-se na *cã.* É palavra descouhecida noutras povoações.
cabaça, abobora.
cabaço, pião fraco que se coloca no terreno quando se perde.
cá baixo e cá bot'ábaixo: int. de fazer descer a rês (Sirvozêlo).
cabana, 1) corte no monte para guardar um rebanho ou pequena casa onde ficam os pastores; 2) vaca com os galhos baixos; o oposto é *pinheira.*
cabaneiro, homem pobre que trabalha por conta d'outro.
cabano, 1) bruto; 2) animal que tem os galhos mal dispostos.
cabeça de casal, chefe de familia.
cabeceira, 1) cabide; 2) a camada inferior da mesma na eira; 3) cabeça de casal. Neste ultimo sentido só ouvi empregar a palavra falando-se de enterros. Se o morto é adulto, mas não chegou, a herdar diz-se *meia cabeceira.*
cabirto, cabrito.
cabo, fim extremo. É no cabo do povo.
cabouco, 1) bruto; 2) buraco; 3) buraco onde trabalha o rodizio do moinho.
cabrada, rebanho de cabras.
cabrêsto, 1) cabeçada; 2) corda que prende um animal; 3) membrana sub-lingual.
cabrioleira, rapariga que não tem amor ao trabalho.
cabritinho, dim. de «cabrito». Se passa de tres meses, diz-se *rexêlo.* «Bota-me p'ra cá os cabritinhos».
"cabucho, cábucho, cabuchinho", interjeição de chamar os cabritos.
cabunho, pequena pedra de amolar os instrumentos cortantes.
cacabina, certo cogumelo. Ha ainda o *cogumelo de sapo.*
cacariar (a galinha), cacarejar.
cacedela, sova.
cachaça, aguardente.
cachaço, sôco, tabefe.
cachafurno, 1) o mesmo que fundão; 2) sitio fundo num rio.
cache, caché . . . qui, int. de chamar os porcos pequenos.
cachicha! expressão de nojo.
cachoeira, sitio em que a agua do rio se despenha.
cachola, 1) jogo em que o dinheiro é batido num pau; 2) cabeça. «Cachola do porco».
cachopa, rapariga.
cachôrros, pedras salientes na parede para suportarem a soleira duma varanda. Em Montalegre chamam-se *cachotes.*
cacifo, gigo em que os pescadores recolhem as trutas.
caco, cabeça.
caço, tacho.
caçoila, caçarola.
cadável, cadaver. —
cadeias, travessas que ligam a parte inferior do chedeiro do carro (Fiães do Rio).
cadête, aperaltado.
cadime, pratico. «Está muito cadime».
cadoicho e **cadoucho:** pequeno novelo.

cadouchinho, dim. de cadoucho.
caduco, falto de juizo.
cafeteira, chapeo alto (giria).
cafúlo, casúlo.
caga-lume, pirilampo.
caganêtas, excremento dos carneiros.
caída, queda. «Ia dando uma caída».
caisquer, qualquer.
cajateiro (rapaz), que brinca muito com paus.
cajato, cajado.
cajo, quasi.
calaceiro, preguiçoso.
calão, mandrião.
calça de colete, calça ligada ao colete, e usada pelos rapazes.
calço, pedra de segurar as panelas na lareira.
caldeiro, pôço fundo num rio.
càleiro, cano de conduzir a agua do telhado.
calhamaço, mulher velha ou de maus costumes.
calhandras, mulher com as saias molhadas e sujas.
calhatras, 1) mulher com a saia molhada e suja; 2) nome insultuoso.
càlheiro, cano de madeira pelo qual se deita da cosinha para a pia a lavagem dos porcos.
calhelha, caminho estreito.
calhoar, jogar o calhau.
calido, duro. Couro calido.
Calistro, Calixto.
calma, calor. Está muita calma.
caloio, caloteiro.
caltivar e **coltivar:** cultivar.
cambalhota, volta, colocando a cabeça no chão.
cambas, os semi-circulos das rodas dos carros. Em Pedrario as cambas são de *oculo redondo.*
cambão, 1) pau, corda ou cadeia para camboar; 2) pau de *acamboar* o rebôlo dos ferreiros.
camboar (um carro), reforçar com uma ou mais juntas de vacas.
Camilio, Camilo.
camisa, rabôna, rabôta e **redonda:** que chega até á cinta, e é usada pelas mulheres. São de estôpa. Já vão sendo substituidas pela camisa moderna.
camisa-saia. Na ata de camara de 17 de setembro de 1867 estabelece-se a condição de os paços do concelho serem por cima forrados de *camisa-saia* de madeira de castanho.
camoeca, bebedeira.
câna, arma. «Tenho lá a câna furada!» Vid. *arca.*
canado, vasilha de folha para receber o leite das vacas.
canalha, crianças. «Finta-se em canalha!»
canastro, espigueiro. Se é pequeno e formado por encanastrado de forma aproximadamente circular, chama-se *caniço.* Em Fiães do Rio disse-me um lavrador que se compunha o canastro das seguintes peças: soleiras, pés, têstos, traves, travesseiros, grade, filête, canta-cucos, côlmos, forro e balaustros. Em Pitões noto: tolhão, piso, colunas, grade, canta-cucos, que coberto de pedras e cápias ou capiado, a que tambem se chama *cornije,* quando é feito com moldura.
cancelão, especie de cancelas sem dobradiças: tem num dos extremos uma travessa que gira num orificio feito numa pedra saliente á parede e chamada *folhão* (Vilar de Perdizes).
cancêlo, cancela feita á tôa.
candieiros e **campainhas:** laminas de neve pendentes das arvores ou dos beiraes dos telhados.
candorca, 1) egoa velha; 2) mulher velha a magra.
candiola, candeia velha.
candiote, candieiro pequeno ou ordinario.
càneiro, 1) o buraquinho nos cantaros de medir vinho; 2) dispositivo no rio para apanhar peixe. «Ageitar um caneiro»; 3) angulo formado pelas duas paredes dum *fôjo.*

canelas, massarocas de estôpa, linho ou lã.

caneleiro, instrumento de fazer canelas.

canêlha e **caneilha:** caminho estreito.

canêlo, pernil de porco. Olha que canêlos tem o porco!

canêlos, ferraduras das vacas.

cangaço, 1) ossos que ficam da comida; 2) esqueleto de animal.

cangalhos e **cacarecos:** peças de mobilia, tarecos.

cangos, 1) caibros das casas cobertas de *ripias;* 2) pauzitos sem aparelho que substituem os caibros, e que se apoiam no *cumio.*

cangorça, 1) egoa velha; 2) mulher magra e idosa.

canhões, armas velhas.

canhôto, 1) torgo pequeno da urze; 2) individuo a quem falta algum braço ou que faz uso do esquerdo em vez do direito.

caniço, 1) canastro pequeno; 2) encanastrado para secar as castanhas por cima da lareira.

cantada, canto, cantoria.

cantadeiras e **cantadoiras:** recortes no eixo do carro onde assentam os *enchumaços*, que ficam apertados entre as treitoiras. Em Frades do Rio chamam *conqueiros* ás cantadoiras.

cantadeiro, -a: que aquece o fôrno á segunda-feira e *marca as vezes* para toda a semana. Será por êste motivo que se chama cantadeiro, ou será corrução de *quentadeiro*, (= aquentadeiro: tambem dizem *quecer* por aquecer?)

cantador, galo. É termo bastante empregado.

cantador e **cantadeira:** que canta nas bôdas, ao desafio, etc. Diz-se *de nota* quando tem boa voz e improvisa bem.

cantê!, agrada-me!

canto, quanto. «Canto antes!»

cantro, cantaro.

cão, individuo que apoquenta muito as mulheres. «Não imagina como ele é cão!»

capão, galo capado.

capelicha, capelinha.

capilota, tareia.

capitões, capitães.

capôna, cavalo castrado.

capucha, capa que usam homens e mulheres. Tem de nela se considerar: *dibrão*, *fita*, *ourêlo* e *corucho*, que é a parte superior talhada em triangulo e que assenta na cabeça. No Rio dizem com mais freqüencia *capa*, mas no resto de Barrôso é generico o nome de «capucha». Esta, era primeiro de burel regional, veio depois a saragoça e por ultimo a capa de pano em que ha ainda as fôrras e que é usada pelas pessoas mais abastadas. Os homens, para cumprimentarem, levantam um pouco a capucha, pois que com ela não se usa qualquer outra corbertura. Nos trabalhos de campo e até em viagems fóra da povoação, como por exemplo na ida á feira de Montalegre, não se usa chapeo ou qualquer barrete, ainda que não levem capucha. E em seu lugar usam os homens um lenço que envolve a cabeça á maneira de turbante. Os homens de cada freguesia tem a sua maneira especial de usar o lenço. Nos *coutos* realizados na *casa do povo* homens e mulheres conservam as capuchas na cabeça.

carabana, tralha dos tendeiros ambulantes.

carabeira, artefacto de ferreiro.

carabunha, caroço de cereja, etc.

carabunhar (a gadanha), estender-lhe ou espalmar-lhe o fio.

caracha! caramba!

caracois, bôlhas feitas pelos rapazes com agua e sabão.

carada, tacada. «Foi mesmo na carada».

carambélo, gêlo. O tanque tem muito carambela.

carapelas, crosta duma ferida.

caras, faces. O filete é aparelhado ás tres *caras*.

caravela, presunto, chouriços, etc. que se manda a um estudante.

caravelho, bocado de pau que girando verticalmente serve para segurar as portas. Se gira no sentido horizontal, chama-se *fecho*.

carcassa, mulher velha.

carcela, abotoadura da calça.

cardanho e **cardenho:** casa pequena e ruim.

cardar, passar a lã pela carda ou pente.

cardiela, vento frio, aspero. Está uma cardiela!

cardina, bebedeira.

carga, bebedeira.

carga d'ossos: diz-se de uma pessoa magra.

cargória, carga pequena.

carmiar, esfiar a lã com os dedos para se colocar na roca. Perguntando a um individuo de Vilar de Perdizes quaes as operações do fabrico da lã, respondeu: corta-se, lava-se, carmeia-se (carda-se: no Barrôso), fia-se, doba-se, orde-se, tece-se e leva-se ao pisão.

carneiro meirinho, carneiro com a lã fina.

carnigão, carôço de um tumor.

caroal, fertil.

caroca, cabeça. Disse-me uma mulher de Vilar de Perdizes: «meu avô andou numa guerra de dez nações contra *Napòlião* e chegando aos altos Pirineus de França (sic) numa batalha uma bala levou-lhe a barretina e ia-lhe dando na caroca».

carôço, parte central da espiga do milho.

carola, beato.

carôlo, 1) bocado de pão. Oh que grande corôlo!; 2) pão distribuido á porta da igreja por ocasião dum enterro.

carpauta, bebedeira.

carpino ou **meiotes:** piugas. No Rio dizem *carapins*.

carpinteiro (instrumentos de): garlopa, plaina, enxó, rasgador, guilherme meio fio, badame, formão, garaminho, barrilête, rebaixador, pua, serrote de cota, meia esquadria, corta-mão, juntoira, meio fio de engargalar, compasso, machada, desvão, meia cana de filêtes, meia cana redonda, imprensa, scoupro, trado, macha-femea e banco de carpinteiro.

carraço e **carrapato:** certo bicho que se agarra ao gado.

carrada, transporte das messes em carros. «No tempo das carradas».

carral (porta), por onde entra o carro.

carrancudo, com mau aspecto. O dia está carrancudo.

carranhas, moncos (Sirvozêlo).

carrapito e carrapiço: carvalho pequeno e rachitico. Ha ainda os dimin. carrapitinho e carrapicinho.

carrar, transportar em carro.

carraspana, bebedeira.

carrasquinha, jogo de rapazes.

carrêto, transporte de lenha em carros de bois. É costume juntarem-se os lavradores para fazerem os carrêtos. «F. vae amanhã p'ra um carrêto.»

carriola, grande porção. Carriola de versos. Na estrada vai uma carriola de homens.

carro (termo do). O carro de bois é formado de duas partes: o *chedeiro*, que dizem chadeiro, e o *rodeiro*. O *chedeiro* é o estrado (em Tourem *silhado* ou *lastro*, em Padornélos *pisoal*, em Gralhós *piso*, e *soalho* ou *sobrado*, noutras povoações), que assenta em cima do eixo, e se compõe das peças seguintes: *chêdas*, peças lateraes, que unindo-se formam o *fecho* (*armela* em Frades do Rio), o qual, prolongado é atravessado pela *chavelha* no *pinalho* (Cervos) *pino* (Montalegre) ou *pinho* (Tourem), *travessas* (em Do-

nões *cadeias* ou *grade*), peças que ligam entre si as chêdas pela sua parte inferior; *enchumaços* (em Vilar de Perdizes *coucões*), peças que se pregam na parte inferior das chêdas, os quaes assentam directamente sobre o eixo; *treitoiras* (em Tourem *tréitoiros*), especie de estadulhos curtos que servem para segurar o chedeiro ao eixo; *cunhas* (Montalegre) ou *apuladoiras* (em Tourem apeladoiros), umas cunhas de madeira que apertam mais ou menos as treitoiras contra o eixo; *chavelha* (*cavilha* em Donões), peça de madeira que prende o pinalho ao tumoeiro; *estadulhos* (no Rio *fueiros*) que entram nas *furas*; *ladrais* (no Rio *ladrelhos*), uns resguardos de madeira que circundam o carro, e que se podem tirar ou pôr. O carro pode ter 8 ou 10 estadulhos. Em Tourem são todos de oito estadulhos.

O rodeiro é formado pelo *eixo*, que dizem *eixe*, e *rodas*. O *eixo* é um cilindro de madeira fixado ás rodas que liga entre si e que gira com elas. As rodas são formadas pelas peças seguintes: *mião*, peça central da roda; *cambas*, peças lateraes da roda ligadas ao mião pelas *rêlhas*, que são umas peças de madeira que atravessam interiormente o mião e as cambas. Nas faces das rodas assenta e é pregada a *ferrage*, composta das *cantelas* (em Vilar de Perdizes *cantebras?*), que são as chapas de ferro que revestem o trilho das rodas; *meias-luas* (em Montalegre *meias-rêlhas*, se são direitas), que são as chapas de ferro em forma de semi-circunferencia que prendem as cambas ao mião, e das *abraçadeiras*, que são uma especie de aneis de ferro que abraçam o mião junto ao buraco onde entra o eixo (se não abraçam por completo, chamam-se *gatos*); *margarida do eixe*, a parte compreendida entre a cantadeira e o mião; *bios*, pequenos tornos que atravessam cada extremo do eixo e exteriormente ao mião; *cantadeiras* ou *cantadoiros* (*couqueiros* em Frades do Rio), recortes no eixo do carro onde assentam os *enchumaços*, ficando apertados entre as treitoiras. Chamam-se *malhaes* duas peças de madeira que atravessam o carro, e *sôbreixe* uma peça tambem de madeira sobre a qual assenta alguma trave ou tronco de madeira que se transporte. A parte curva do interior das cambas chama-se *degolas* das cambas, e a parte inferior do estadulho é a *espiga* ou *espigão*. O carro chama-se *segundeiro*, se tem duas pequenas peças de madeira entre o mião e as cambas.

carroucho, caminho de pé posto, carreiro.

cartola, bebedeira.

cartucheira, saca em que os pastores levam a merenda (pão de centeio).

carual, crual.

carujar, chover meudinho.

carujo, chuva meuda.

carumal — «Maio é mais carumal ao trobão» (Pedrario).

carvalhice, sitio onde ha muitos carlhos.

carvalhuda, pouco amoravel: «Mulher carvalhuda».

casaca, tareia.

casaco de ferro, casaco de burel.

cascada, sem casca. «Orzeira cascada».

cascar, bater.

cascalho, dinheiro.

cascão, que dá *casca*.

cascaria, cascos do cavalo.

caseiro, o que cultiva propriedades que não lhe pertencem.

casqueiro, pão (giria).

cassaco, casaco (Friães).

cassôco, caçoulo de barro.

cassafêlhos, as rãs na sua primeira fase. «Estás um cassafêlho!»

cassola, certã, caçarola.

1. **castanhas,** pancadas.

2. **castanhas** e **castanholas:** batatas. Ha quatro variedades: de Peniche, do Porto, brancas, e vermelhas. Para se diferençarem do fruto do castanheiro, chama-se a este *castanhas do ar*, em contraposição ás *castanhas do chão* ou batatas. Em Frades do Rio chamam ás batatas «castanhas da India».

3. **castanhas do ar,** castanhas. Ha as qualidades *rebolão, vilarinha, corticál* e *longal* ou *enxêrta*.

castelo, emprega-se muito esta palavra para designar um sitio fragôso e elevado.

castanheiro e **castinheiro:** castanheiro.

castiça (vaca), que cobre cedo.

castiçar, cobrir o animal.

casufita, casita ligeira e pequena.

casulos, poquenas casas.

cátél, int. de *virar* os cabritos (Sirvozêlo).

catinga, *mastiço* de coelheiro e perdigueiro.

catraia, egua velha e fraca.

catre, cama de madeira. Ha ainda a cama de bancos, que consiste numa especie de tarimba apoiada em quatro pés.

catréfula, grande porção.

catropiar, dobrar.

caturnos, piugas e sapatos (?).

caudel, individuo nomeado pela Camara e encarregado do *fôjo* e montarias aos lobos em cada povoação. A ultima nomeação foi feita em 14 de janeiro de 1815, e hoje já muita gente não sabe o que era um *caudel*.

causo, caso.

cautela, expressão de elogio. F. é boa professora?—Cautela c'o ela?

cavaca, certo doce.

cavaco, acha.

cavada, ter. agricultado num monte.

cavalos, nuvens carregadas. Lá está a cavalaria!

ceba, porco na engorda.

cega, toupeira.

cegonha, nevoeiro.

celouras, ceroulas.

centeio (operações da cultura do), 1.° decruar a terra com a arado; 2.° atravessar os sucos; 3.° engredar; 4.° outra lavoura; 5.° stercar; 6.° espargar o abôno; 7.° lavrar p'ra cobrir; 8.° estender o pão com o arado; 9.° assucar; 10.° aricar.

centieiro, 1) Vid. *alveiro;* 2) cogumelo que nasce na terra do centeio.

centieira ou **aneira** (terra), que dá pão (centeio) em anos alternados.

centrábel, que tem pouco centro. A terra é pouco centrábel, logo abaixo é salão, rejeste pouco á secura (Séla).

cêpas, colunas com que exteriormente se reforçam as paredes da casa do fôrno. (Pedrario).

cerdeira, cerejeira.

cerne, o interior duma arvore. Segue-se o *sâme* e a *casca*.

cernideira, grade em que se fazem mover as peneiras.

cerrar, fechar. Cerrar a porta.

cessão, humidade. A terra inda tem cessão.

cestado, -a, cesto. Cestado de pão, cestada de trutas.

cestas de aricar, o mesmo que *bossais*.

ceva, engorda. Tenho dois pôrcos de ceva.

cevado, porco engordado.

chabouçar, dar a primeira mão. Chabouçar os socos. Pião chabouçado =feito com o podão.

chachinar, matar (falando de animaes).

chaço, pedaço de madeira ou de ferro que serve para, batendo-lhe com um masso, apertar os arcos das vasilhas.

chadeiro, chedeiro.

hafulgo e **chafurgo:** buraco muito fundo no terreno.

chamberleira, o sitio onde se pendura a carne de porco.

chamiças e **chamiços:** acendalhas de lenha meuda.

chamuscada e **chamusco:** bocado de carne assada no espeto.

chanato, sapateiro remendão.

chança, 1) réplica. Não te admito chanças; 2) vaidade. Diz-se aos rapazes nas vesperas de casarem:

> Casado te veja eu,
> Para de ti ter vingança,
> Para te ver atrapalhado,
> Já que tinhas bem chança.
> (Fiães do Rio).

chancos, socos. Ha-os abertos e fechados (Tourem).

chanfalho, navalha grande e velha.

chanfões, 1) paus apertados no terreno para divisão de lameiros; 2) em Covêlo do Gerez tem as seguintes significações: a) patas dos bois; b) rôlhas de madeira para vedação dos poços.

chão, chã. A terra é mui chão.

chapado, completo. É um burro chapado.

chapejar, ação de bater na agua ou humedecer alguma coisa com pano molhado.

chapelatos ou **chapeos das paredes,** certa herva.

chapeo, palavra com que se imita o som que o ferro da espingarda paoduz batendo em falso.

charca, pequena pôça onde se junta a agua para as regas (Fiães do Rio).

charrela, perdiz cinzenta que aparecia no ~~no~~ Alto do Grito e cuja especie parece estar ali extinta.

charuga e **çaruga:** envolucro da espiga do centeio que na parte supesuperior tem a *argâna*.

chasco, 1) certa ave; 2) fraco. É como um chasco.

chavascos, socos.

chavelha, cunha de madeira que liga o jugo ou antes o *tumoeiro* preso ao jugo com o *pinalho* do carro.

chavelhão, a chavelha maior que atravessa o chedeiro.

chê-cá-chei... chi, chi..., int. de guiar o gado lanigero (Padornélos).

chê-cá-chu, int. de fazer parar um porco (Padrôso).

chê-cá-deina, int. de guiar as cabras (Travassos do Rio).

chê-cá-dónê, int. de guiar as cabras. (Morgade).

chei-cá-p'atrás-bicha, int. de fazer parar as cabras.

chefre, chefe.

chegante, proximo, imediato. Este é o chegante ao mais velho.

cheminé, chaminé.

chêto ou **chito:** quieto.

chi-chi-ss..., int. de enxotar as cabras (Vilar de Perdizes).

chiasco, vento frio e cortante. Está um chiasco!

chiba, nome insultuoso entre mulheres.

chiba-chibinha, bicha, int. de chamar as cabras.

1\. **chibo** e **godalho:** bode destinado á cobrição. O nome generico é «godalho».

2\. **chibos**, tendões por onde penduram alguns animaes mortos, como o cabrito, o porco, etc,

chica-chica, int. de *tocar* (tanger) uma jumenta.

chicha, carne (termo infantil).

chicharra, 1) certa ave; 2) bicho do centeio.

chichelas, chinelas.

chico-chico, int. de chamar um burro. Se é pequeno diz-se checo-checo (Ponteira).

chicra, chicara.

chincharrabêlha, certa ave.

chinêlo, chinelo.

chinfre, fasquia de um canastro, tapamento, etc.

chino, negro.

1. **chino-chino**, int. de chamar os porcos (Sarraquinhos).

2. **chino-chino**, reco-reco, int. de chamar os porcos (Cervos).

chiqueiro, 1) loja de gado; 2) sitio lamacento.

chiscar, 1) induzir alguem a não responder. Estiveram a chisca-lo; 2) picar. Chiscaram a burra; 3) Olha que te chiscam, — diz-se a alguem que não nos importuna e se quer retirar; 4) chegar. Chiscou fogo; 5) Chiscar o lume=mexê-lo.

Chisco, Francisco.

chisnar, estorrar, queimar.

chispa, faisca de lume.

chisquices, intrigas, mexericos.

chito, jogo com pedras.

chô-chô, int. de fazer parar os burros.

choca, e tambem *reca* e *porca*: jogo de rapazes. Fazem uma cova a que chamam *nicho* (Montalegre), *celeiro* (em Vilar de Perdizes), *fôjo* (em Cervos), *curral* (em Fiães do Rio), *côxo* (em Tourem e Padrôso), *nicha grande* (em Sarraquinhos), e em volta e a uns dois metros outras mais pequenas chamadas *nichas* (em Montalegre), *neichas* (em Tourem) e *nichas pequenas* (em Sarraquinhos). Começa o jogo por *coquerrarem* (Montalegre), *coquiarem* (Tourem), *coqueliarem* ou *darem coques* (Sarraquinhos), o que consiste em atirarem ao ar a *choca* ou *reca* (bola de madeira) e em a apararem com o pau o maior numero possivel de vezes, indo com ela o que menos vezes a aparar. Logo que o *porqueiro* consegue meter a choca no nicho com o auxilio do seu pau ou atirando-a com a mão, todos os jogadores mudam de nichas, dizendo o que coloca o seu pau na nicha doutro: *sarramuque-muque*, e o que dela sae: *buque-truque* logo que toma a nova nicha, indo com a porca o que não conseguiu *ter nicha*. Emquanto os jogadores *livram*, se o porqueiro consegue ter nicha, o seu dôno pode tomar outra que veja vasia. Sucedendo tomar o porqueiro a nicha ao mesmo tempo que o seu dôno, dizem os jogadores que livram *par a par porqueiro a andar*. Vi algumas vezes o porqueiro andar com a choca e em logar de mete-la no nicho por meio de pau faze-lo com os pés, tendo tambem deste modo de tomar uma nicha de cujo dôno recebe então o pau para livrar, emquanto este vai com a porca. A's pancadas que se recebem nos pés com os paus chama-se *coques*. Se o porqueiro já fatigado ou por outra circunstancia não quer continuar a jogar a choca, os jogadores colocam os seus paus cruzados no nicho, e agarrando-o em charola fazem-lhe dar com o corpo sobre eles, fazem-no ir *ó bata-cu* (na expressão dum rapaz de Sarraquinhos), sendo depois posto fora do jogo. Para continuarem, tornam depois a coquerrear. Em Padrôso, em vez de coquerrearem, vi que atiravam os paus para o nicho á distancia duns quatro metros, indo com a choca o que não conseguisse meter o seu no *côxo*. Em Sarraquinhos, quando o porqueiro mete a porca na *nicha grande*, os jogadores, mudando de *nichas pequenas*, dizem *remeluja—porca suja*. Em Tourem quando são apenas dois os jogadores, um a livrar junto do côxo e o outro a jogar a choca, diz-se: *jogar os santos*.

chôco, adoentado.

chocalhar, 1) andar com contos; 2) abanar (falando duma ferradura, prego, etc.).

chocalheiro, intrigante.

chocalho, campainha quasi cilindrica suspensa do pescoço dos animaes por meio duma correia. Ha tambem campainhas com a forma vulgar.

chumeca, sapateiro.
chuss-chuss, int. de guiar os porcos.
cibinho, poucochinho. Inda foi ha um cibinho.
cibo, bocado pequeno.
cifro, alimentação que os passarinhos levam no bico aos filhos.
cigadonha, cidadonha (Padrôso).
cilindo, cilindro.
cinco chagas, quinas das armas portuguesas.
cinta, facha preta usada pelos homens.
cipó, cacete.
ciranda, certa dança.
cirrar, falar bem. Já cirra,—diz-se por exemplo de quem regressou de Lisboa.
ciscar, dejetar.
cisco, lixo.
ciso, rodela de cortiça no interior da roca.
citote: é assim que nas aldeias chamam a um oficial de diligencias ou qualquer indivíddo com serviço semelhante.
cizainas, ciumes (?). Meter cizainas no corpo a alguem.
classia, classe.
claustro, caustico.
clime, clima.
clipse, eclipse.
cobertas, peles de cão com que se cobrem as molhelhas.
cobêrto, alpendre (Tourem).
cobrar, quebrar.
cobrejão, manta que se coloca debaixo do selim.
cobres, dinheiro.
coca, mau cheiro.
coça, 1) sova, tareia; 2) marcha grande. Foi uma coça boa.
côco, malga de pau de coassia.
cocharra, colher (nunca ouvi este termo, e é talvez por influencia hespanhola).
cochicha, certa doença no pescoço.
cochichar, falar baixinho.
cochinada, porcaria.
cochino, sujo, pôrco.
côca, pancadas.
côdeas, pessoa suja.
codilhar, ganhar ao jogo.
códio, gelo. Os caminhos teem muito codio.
coiceiros, emigrados politicos sob as ordens de Paiva Couceiro.
coidos e **cuidos:** cuidados. Estar em cuidos. Aquele home stá in coidos de te levar (expressão para atemorizar uma criança,—que ouvi em Pedrario).
coima, multa camararia sobre o gado.
coio, calhau que se atira com a mão.
coirato, coiro dos porcos.
coiros, ôdres (Fiães do Rio).
colandrina, mulher de fraca nota.
cóldre, desavergonhada, descarada.
colhedeira, pá de tirar brasas ou cinza.
colheita, logar onde no fundo dos rios se refugia o peixe.
côlma e **colmâça:** telhado de colmo. Tanto monta colma como colmaça (Sirvozêlo).
colmar, cobrir casas com colmo.
colmedeira, pá chata de cortiça ligada a um cabo de madeira, e que serve para colmar.
colmial, sitio onde ha colmeias.
1. **côlmo**, palha que fica das malhadas.
2. **côlmos**, molhos de palha *inteira* para cobrir as casas.
1. **cambarro**, alpendre, cobêrto. É muito empregado.
1. **combarrinho**, dim. de combarro.
comestives, comestiveis.
comnósco, comnôsco.
comparança, comparação.
compósto, compôsto.
comua, latrina.
comunidade, grande porção. Por aqui ha uma comunídade de perdizes.
concelhio (terreno), baldio, que é *de todos*. Ha tambem os terrenos das juntas de paroquia.
conciencia, injustiça. É uma conciencia!
1. **concho**, ufano, contente.
2. **concho!** int. exclamativa.

conduto, comportamento.
confita (*á certa*), finalmente.
cóngara, congrua.
cònhadeira, vassoura de *limpar* (varrer as espigas.
consante, conforme, consoante.
constar-se, constar. Não se consta.
contador de contos, intrujão, intriguista.
contemos, contamos.
contos, intrigas.
contra-cunhado, concunhado.
contra-folha (terreno de), que dá *fruto* em dois anos consecutivos.
contrairo, contrario.
convidar (alguem), oferecer-lhe alguma coisa, dar-lhe *de peita* ou de gratificação.
copeia, copía (verbo).
copernóstigo, repontão.
coquerrar. Vid. *choca*.
coques. Vid. *choca*.
coquiar. Vid. *choca*.
córa, brasido á porta do fôrno durante a cozedura do pão, para não deixar abaixar a temperatura. Em Fiães do Rio dizem *cór*, e em Padornélos *côr*.
córado (pão), que tem a *córa*.
corga, vale apertado; cortada.
coriscada, mudança rapida do tempo.
coria, liquido que se vomita do estomago.
cornada, galhada dada por uma vaca.
cornêlho, canto dum trigo.
cornêlhos e **cornichos**: 1) os dois bicos nos fundos dos sacos; 2) cravagem do centeio.
cornicho, ponta dum chifre em que se mete trapo queimado para servir de isca.
cornipos, chifres pequenos.
córno, côrno.
côrre! córre! (Pedrario).
correal, vadiagem. Andar no correal.
corre-corre e **moinho de vento**: papel que se fixa no extremo duma cana e que os rapazes conduzem correndo a fim de o fazerem girar.
corrupio, criança que não faz senão correr e saltar,—sinal de que ha de ser esperta.
cortada, corresponde ao francês *ravine*.
cortar, 1) fazer estragos. Um lobo ás vezes corta a rez; 2) saír apressadamente, romper. Gira, corta!
córte, açougue.
cortelho, corte pequeno.
cortesões, cortesãos.
cortiço, 1) aparelho de cortiça enrolada para sobre ele bater o linho com a *spadela*. É igual ao *cortiço* das abelhas, mas descoberto por cima; caixote de madeira onde na cosinha se conserva o sal (tambem lhe chamam *teco*).
còrtilho, quartilho.
cortinha, terra lavradia e cercada.
côscos, **limpadeiras** e **rebolheiras**: detritos que ficam da malha do centeio.
coscovilheiro, homem de contos.
cosquinhas, massa que fica agarrada á maceira e com que se fazem as bôlas. Vid. *bica*.
costanha, uma das duas paredes duma casa. Em Pedrário dizem *costãos*. Vid. *outão*.
costela, armadilha de apanhar passaros.
cotio, uso. Roupa de cotio, em oposição a roupa de guarda.
côto, 1) caule com os ramos cortados; 2) dedo cortado.
couceira, comichão. O fêno dá couceira.
couciar (o animal), dar couces.
couracha, pele dos porcos que se tira antes do *subentre*.
couto, 1) terreno em que pela camara ou junta de paroquia é vedado fazer carvão, apacentar gado, etc.; 2) reunião na *casa do povo*, a fim de se tomar alguma deliberação.
covia, pandega. Andar a correr a covia.
covilhete, malga pequena.
côxo, erupção cutanea que se atribue ao rasto de bicho que passaram

sobre a roupa que estava secando ou sobre a pele. Para evitar o *côxo* passa-se sempre a roupa pelo lume.

cozedôr de louça, homem que compõe louça.

craboneto, carboneto.

crastão, chibo. Disseram-me que havia esta palavra, mas nunca a ouvi. O nome geralmente empregado é *godalho*.

Crasto, Castro.

craveirão, utensilio de ferreiro.

çreação, epoca. É da minha creação.

credo! expressão de saudação a alguem que acaba de espirrar.

cria, 1) creação. Leitão de cria; 2) que cria. Egoa criadeira.

criadicho, creado pequeno. É criadidicho cá da casa, mas vale poucas nozes.

criador, abundante. O rio Cavado é muito criador de truitas.

crica, certã. Nunca porém ouvi esta palavra.

crôa, a parte mais elevada. Crôa duma arvore, dum monte, etc. E' muito empregada.

crochudo (pinto), com poupa na cabeça.

cronha, cara. Tem fraca cronha p'ra santo.

crossa, especie de capote de *jungos* usado pelos homens.

crosseira, mulher que faz crossas.

crôsso, crossa pequena com capuz, usada pelas mulheres.

crostes, o primeiro leite qee dá a vaca depois de punida.

crucificio, crucifixo.

crujidade, e **curjidade**: curiosidade. Filho da curjidade ou que nasceu atrás das *gestas* = filho natural falando-se duma criança; se fôr adulto diz-se mais geralmente *sôrro*.

crujidôso, curjidôso e **curijidôso**: 1) amador curioso; 2) cuidadoso.

cruzes, sinais gravados em pedras naturaes ou artificiaes, e tambem feitos no terreno, para delimitação dos *termos* das frèguesias. Ha o costume de *limpar as cruzes*, que consiste em dia previamente marcado em reuniões ou *coutos* irem os povos interessados raspar o musgo que as possa encobrir ou renovar as que teem sido cavadas na terra por no local não haver fragas. As cruzes gravadas nos penedos são pequenas, vão sucedendo o mesmo com as que são cavadas no chão.

cubêlo, covêlo.

cucho-cucho, int. de guiar os porcos (Cabril).

cucho-pé (andar), andar numa perna

cuco, homem cuja mulher lhe é infiel.

cuecas, calças usadas pelas mulheres.

cuja, dita. Na cuja casa.

cum, com.

cumio, trave mestra. Se é *obra fina*, chama-se *fita*.

cumpanhia, companhia.

cunca, malga grande. Nunca porém ouvi empregar esta palavra.

Cundino, Secundino.

cunques, dinheiro.

curral, sitio fechado onde dorme o gado ao ar livre no verão.

curtir (o linho), demolha-lo no rio.

D

dada, doença nos peitos da mulher.

dado, costumado. Não é dado dar tabaco aos cegadores.

daimosa (criança), dadivosa.

danadas (cardinhas), salgadas. Danadas como pilha.

dar fala, pretender namoro ou casamento. F. deu fala a F.

dar ó registo, fazer um registo civil. Vamos dar ó registo.

data, sova.

debaluto, devoluto.

debelidade, fraqueza fisica.

debelitado, fraco.

debiqueiro, que come pouco ou mal. Vid. *biqueiro*.

debotar, perder a côr, desbotar.
decahir ou **cahir** (o fôrno), arrefecer. Deixam decahir o fôrno.
decór, respeito. Não guarda decór a ninguem.
decrua, a primeira mão de enxada ou a primeira lavra.
decruar, fazer a decrua.
definhar-se, emagrecer muito.
defumar, queimar alecrim, alfazêma e cangorça. Defumêmo-lo, a ver se lhe vae o *ar*.
deia, dê.
deixáras-m'as, deixasses-m'as. Deixáras-m'as trazer.
delgado, delegado (do procurador da Republica).
Delovina, Ludovina.
delubar (o linho), pô-lo depois de massado em pequenas porções para o poderem spadar.
demão, ajuda. Deu a a ultima demão. Dar *um* demão.
demolhar, deitar de môlho na agua.
Demoncre, Demonio.
Denões, Donões.
dentes. Vid. *àgrâde*.
dentuça, 1) dentadura; 2) mulher que tem os dentes muito grandes.
depenado, sem vintem.
dependural, cabide.
derramada, estragada. Está a faca derramada!
derramado (cão), danado.
derrangado (animal), com a anca decahida.
derreaço, cansaço.
derrota, pégadas. Derrota do gado.
des, desde.
desabrochar, transpirar. Saltava-se logo a desabrochar.
desarado, vàdio.
desanuviar, diz-se de quem corre muito. Parece que desanuvia.
desarreigar, arrancar.
desarriscar, riscar.
desaforido, pouco sofredôr, desenfreado.
desapacientar, irritar, fazer perder a paciencia.
desapôr, tirar as vacas do carro.
desapundoar (o centeio), limpar a espiga.
desasado, desajeitado.
desaugar, desaguar.
desaustinado e **desalmado**: furiôso ou fora de si.
desbandar, desfazer o bando. Desbandar as perdizes.
descampar, rapar a herva para apodrecer na terra.
descascar, tirar a casca. Descascar batatas.
descolmar, desfazer a côlma.
descomparada, muito batida pelos ventos, desamparada. Veiga descomparada.
descordar, acordar.
descorrimento, juizo, boa ideia.
desembaranhar, desemaranhar.
desencabrestada (rapariga), leviana.
desenguiçar (o cabêlo), desmanchalo com o pente.
desenhadôr, emprehendedor. Isso era um desenhadôr!
desfalecer e **expedir**: estar a perder as forças, falecer.
desgracia, desgraça.
desimbandeirar, tirar as bandeiras.
desinçar, destruir. Agora os lobos estão quasi desinçados.
deslareirar, mexer as brasas no fôrno com um *lareiro*.
desmancho e **abôrto**: a primeira palavra emprega-se, falando de mulher, e a segunda, de femea irracional.
desmasia, demasia.
desnocar, deslocar. Hombro desnocado. Não sei como se não desnocou nenhuma peça do carro.
desobriga, confissão religiosa.
desougar, dar qualquer alimento em pequena porção.
despear, tirar as peias.
despicar, desafrontar.
despiques, satisfações. Tirar despiques.
despôr, plantar. Despôr couves.
desterrar, desaterrar.

desterro, desaterro.
destrocado, trocado. Destrocar dinheiro.
detiorar, deteriorar.
Déus, Deus.
dezedélas, contos, intrigas.
dezer, dizer.
dezêres, nomes de diferentes peças. O tiar tem muitos dezeres.
dezoito, cacête.
diabo-alma, pobre diabo.
diacho, dialho, diamo e **dianho:** diabo. Ora o dialho do home!
dia obito, dia de obito (Fiães do Rio).
dinheiral, dinheirão.
disputa, dialogo.
disputos, questões.
distingir, distinguir.
ditajio e **ditajo:** ditado.
ditâmes, historias. São ditâmes.
divede-se, divide-se (flexão verbal).
dixeram, disseram.
dizende, dizei (flexão verbal).
dobadoira, dobadoura. E' mau dobar linhas aos domingos, porque foi neste dia que os judeus dobaram o linho com que teceram a corda para prender o Senhor.
dondo e **dondinho:** mole, brando. A sola depois de molhada fica donda.
d'orredór, ao redor.
dosa, grande sova.

E

edra, era.
ei-boi-ei, int. de chamar os bois (Vilar de Perdizes).
eich, int. de chamar os bois (Paradela).
eido, 1) quinteiro; 2) logar certo. Eido no scâno.
eilo-eilo-eilo-anhinho, int. de chegar os anhos ás mães quando acabam de nascer (Montalegre).
eira (*fazer*), entreter, demorar o serviço de proposito.
eito, tira de terreno. Cada cegador *leva* o seu eito.
eito (*a*), seguir, a direito.
eixar (o carro), apertar o eixo.
eixe, eixo.
êla, ela.
eletico, electrico.
embanar, embalar.
embaranhar, emaranhar.
embelar, embalar. Eu imbelo.
embeloirar, rolar, volver. Embeloirar uma bola de neve.
embelgas, faixas em que, ao ser semeado, se divide o terreno por meio de *balisas*.
embezerrado, de poucas falas.
embezerrar, teimar, amuar.
embida, envide:
emboiar, quasi a morrer. Esteve a emboiar.
emboladas (vacas), com as pontas dos chifres metidos em *bolas*.
embôxa, empola ou bôlha.
embrear, untar com breu. As vasilhas de barro destinadas a conservar vinho, são *embreadas* para não *ressumarem*.
embuchádo, 1) farto, cheio; 2) individuo que deixou de falar numa conversa.
emmedar, pôr em mêda (falando sobretudo do centeio). Cada mêda pode levar, oito, dez ou mais carros. Vid. *cegar* e *emedouchar*.
emmedouchar e **emmedoucar:** pôr em *medouchos*, *medouchas* ou *merouchas* (o centeio). Cada medoucha ou mêda pequena regula por um carro, e tem de ordinario cincoenta molhos. Diz-se *medoucha* quando os molhos de centeio são dispostos no campo, pois que sendo-o na eira já se emprega a palavra mêda. Vid. *cegar* e *emedar*.
empachado, impedido de dejetar.
empairado, amparado. Tem o dinheiro mal *empairado*.
empenados e **empenadas:** caixilhos das janelas.
empecilho, tropêço. Anda sempre a pôr empecilhos.
empernar, prender a caça (coelhos e lebres) ao cinto.

emperrada, pêrra, difícil de abrir.
empontar, despedir de casa.
emprasto, emplasto.
emprègado, entrevado.
empregado, guarda fiscal.
encadolado e **encandelado:** empenado. Taboa encadolada.
encalacrado, logrado.
encante, encanto. «*Consta-se* que na fonte do Salgueiro ha um encante».
encastelar (a perdiz), subir muito depois de ferida.
encatado, prêso, agatado.
encêrto, o primeiro bocado que se tira dum pão.
enchumaços (do carro), chumaços.
encontremos, encontramos.
encorrilhar, dizer a seguir.
encravelhar (alguem), *armar-lhe laços*, ciladas.
encrispar-se, sahir fora de certos limites.
endes, ovo para atrahir as galinhas áo ninho.
enferrar (as vacas), feri-las com o ferro do arado.
enfurmidade, enfermidade.
enfurniscada, suja. A moeda está *enfurniscada* (Solveira).
engaldrapada, mulher que se sujou.
engaranhado, 1) encolhido com o frio; 2) que trabalha pouco. Sempre estás um engaranhado!
engastalhada (perdiz), pousada num galho de arvore. Tambem se diz *empoleirada.*
engrolado, mal cozido. Batatas engroladas (por não ferverem seguidamente). Couves engroladas (por não ferverem a tempo).
engronhar-se, envergonhar-se. Quem deve está sempre a engronhar-se.
engrudar, iludir.
engrunhar, encolher. Engrunhar as pernas.
enguiçado (cabelo), por pentear.
enjagadas, enfezadas. Crianças *enjagadas.*
enleia, cordel.
enlodar, ganhar lôdo.
enraivar-se, irar-se.
enrodilhadas, intrigas.
enrolar, afagar, ameigar a criança.
enroscado (rabo), um pouco torcido (falando dos porcos). E' sinal de boa qualidade terem-no assim.
enruga, ruga.
ensarilhar, enredar.
entalar (alguem), mete-lo em serias dificuldades. F. entalou-se.
entesoado, têso, duro. «Roupa entesoada com o gelo».
entolhar-se, entusiasmar-se. Entolhou-se por o chapeo e comprou-o.
entremoços, tremoços.
enxadão, instrumento de lavoura que faz lembrar uma picareta.
enxaragão, enxergão.
enxermado (leite), o que é tirado á vaca depois de vendida a cria.
enxinar, ensinar (Fiães do Rio).
enxó, armadilha para caçar passaros.
enxopado, zangado, irado.
enzarel, pessoa palida e fraca, que está a expedir. *Anda por enzarel.*
enzoneira, mulher que mente muito.
éo-éo, int. de guiar os cabritos (Sirvozêlo).
erguer (o fôrno), aquecelo. Em contraposição a *descahir.*
Ermegildo, Hermenegildo.
ervilhôto, fruto de certa planta do monte.
esbandalhar, escangalhar.
esbarrondar, desmoronar, desfazer. Casa esbarrondada.
escabelar (o cavalo), largar o pêlo.
escada (de mão), compõe-se de *varaes* e *travessas* (Tourem).
escafular, esfolhar.
escàleira, escada exterior de pedra para subir a uma casa. Tambem se chama a cada degrau.
escalheiro, pereira brava.
escarabelhó, rapaz traquina. Diz-se tambem do peão quando não *dorme.*
escariote, rapaz inquieto.
escarolado (pão), que tem o meolo separado da codea.

escatiar, chamar por alguem em voz alta, prolongada e seguidas vezes. O' Maria ú...

escorrichar, enxotar. Escorrichar as galinhas.

escouparão, escorpião.

escuchar, cortar. Está a escuchar couves.

escusa-merendas, certa flor.

esfrangalhar-se, rasgar-se.

esgaçar: esgaçava agua com força.

esgalhar (a lingoa), falar de mais.

esgalhar (uma arvore), cortar-lhe as galhas.

esgalhada (vaca bem), que tem os galhos bem dispostos.

esgravatar, rascar na terra.

esgravatar p'ra fora, diz-se duma mulher muito franca e perdularia.

esguedelhado (cabêlo), mal ageitado.

esgueirar-se, fugir, mudar de logar. Esgueire-se d'aí.

esipela e **zipela:** erisipela.

esipelão e **zipelão:** erisipela brava.

esmolêr, esmoler.

esmonegar, esfrangalhar com os dedos. O home podia *emonegar* a ponta do cigarro, que já os empregados não sabiam que era tabaco hespanhol (Solveira).

esmorangar, esfrangalhar.

esmoucado, 1) ferido; 2) destruido. A sepultura aberta na rocha tem em volta um rebaixo já *emoucado.*

espantalho, 1) boneco para afugentar os passaros; 2) mulher alta e mal composta; 3) rapaz estouvado e travêsso.

espant'demos, estouvado, travêsso.

espantar-se e **pôr-se no mundo:** fugir.

espargedeira, pequena forquilha de madeira com tres ramos para esparger o *abôno.*

esparger, espalhar. Esparger o abôno.

esparrinhar (a agua), saltar.

especado, parado, á espera de alguem. O que me faltava era estar lá *especado.*

espelhado, bem trabalhado. Pão *espelhado.*

espera, logar determinado a alguem nas batidas aos lobos, javalís, etc. *Cada casa tem a sua espera.*

espetar—O cavalo espetou-me um couce.

espiar, acabar. A minha roca já está espiada. A candeia espiou.

espicha: da roca. Pode ser de osso ou de madeira.

espiche, pequeno tôrno para tapar um orificio feito numa vasilha de madeira.

espigueiro, o mesmo que canastro.

espoldrinhar-se, diz-se dos cavalos quando se espojam.

espolinhadoiro, logar onde se espolinham os animaes.

espolinhar-se, roçar-se na terra (falando sobretudo das aves).

esposada, casada. Só ouvi empregar esta palavra em referencia ao dia do casamento.

esqueceu-se-me, esqueceu-me.

esquerdino, que faz uso do braço esquerdo.

estaca, vara ou espeque dos feijões.

estadulheira, colecção de oito estadulhos que competem a um carro, podendo tambem ser de dez.

estadulho, pau metido ao lado do carro para segurar a carga. Na região do Rio dizem *fueiro.*

estaindes, estais.

estafêta (antiquado), condutor do correio.

estalar, quebrar. Estalaram-na aí, dizia um lavrador de Vilar de Perdizes referindo-se uma falhazita de louça numa jarra.

estanqueira, mulher que numa povoação vende tabaco.

estar entre as dez e as onze, não saber para onde ir.

estarrecido, -a, sucumbido.

estátula, 1) estatua; 2) mulher alta, magra e feia.

esticar, 1) fazer figura, apresentar-se bem; 2) morrer. Está a esticar.

esticadôr, bonito. Tens um anel esticador. Vinha todo esticador.

estilar, destilar.

est'outro, este-outro. Emprega-se muito.

estrafogueiro, ferro colocado na frente da lareira a fim de nele se apoiar a lenha que está ardendo. E' sustentado por dois suportes ás vezes prolongados superiormente e terminados por descansos circulares para neles se poder colocar uma caneca, malga, etc. Na falta do estrafogueiro usa-se a *pedra do lar.*

estrafolinhar e **estrafogar:** dar cabo de qualquer coisa. Estrafogou tudo.

estrafonar, gastar perdulariamente o que foi herdado.

estrampalhar, escangalhar.

estampidôr, utensilio de ferreiro.

estrangalhar, estragar.

estrela, figura de papel que por meio de uma linha a que está presa, os rapazes levantam no ar, como brinquedo.

estrela da alva ou **do pastor:** planeta Venus.

estremadura e **strêmo:** orla ou limite de povoação.

estròmpado, estropeado.

estropiado, muito fatigado (falando de animais).

estropiar, fazer barulho na rua com os socos.

estudar para galgo, estar muito magro.

étigo, ético.

éu, eu.

exemplo, raridade. Quando casa um rapaz rico com uma rapariga pobre é um *exemplo.*

extraição, extracção.

extrêmazinhas, pequenas pedras cravadas no terreno para demarcarem os sitios em que cada um pode cortar mato, lenha, etc.

(*Continúa*)

FERNANDO BRAGA BARREIROS.



MISCELANEA

Mais vale um gôsto que quatro vintens

(Vid. REV. LUSIT., XVI, 289-299)

Comparavel a *quatro vintens*, quanto ao número, é a expressão francesa *quatre deniers*, que se lê num poema do sec. XII.

Quando Carlos Magno enumera quais são os deveres a que seu filho Luis *le Débonnaire* tem de satisfazer para merecer a coroa real, diz-lhe imperativamente:

Ne veve fame tolir *quatre deniers* [1]

onde *denier* significa uma moeda antiga.

J. L. DE V.

Baçaqueira

Nome de uma quinta em Azeitão, pertencente ao nosso ilustre historiador D^or^. Gama Barros. Lembro-me se este nome será metatese de *cabaceira*. Cfr. no onomastico outros nomes do mesmo radical: *Cabaçal*, *Cabaços*, *Cabaça*, *Cabacinho*. A metatese originar-se-hia em não ser muito usual a palavra *cabaceira*, embora da lingoa comum.

J. L. DE V.

Nomes de ventos

1. *Pégo*.

A's designações de ventos estudadas por mim nas *Lições de Philologia*, pags. 427-432, e depois pelo Sr. O. de Pratt em instrutivos artigos da *Rev. Lusit.*, XVII, 198 ss. XVIII, 219 ss., e XX, 118 ss. junte-se mais esta: *de Pégo*. Ouvi-a em S. Bartolomeu de Castro-Marim em 1896, e tenho-a apontado desde então em uma das minhas carteiras. Refere-se ao vento de Sudoeste. *O tempo está de Pégo* é frase usual. Tambem se diz:

Quando Dês q'ria,
Do Pégo aventava
E do Norte chovia,

ditado que tem paralelos noutras regiões. *Pégo* tem a mesma origem que o substantivo comum *pégo*, de pelagus «mar».

---

[1] *Li coronemens Looïs*, v. 84, ed. de E. Langlois, Paris 1888 (Société des anciens textes).

2. *Xarôco.*

Em 1899 ouvi no Bombarral os seguintes versos:

O vento Xarôco
Promete muito e dá pôco [1];
Mas, se porfia,
É de noite e de dia [2].

Tenho-os na minha carteira n.º LXXI, pag. 74. Cfr. os que o Sr. Pratt inseriu na *Rev. Lusit.*, XVII, 199, que são variantes d'estes.

3. *Ao sopé.*

Vento ao sopé. É o vento Leste, em Baião, na linguagem geral.

4. *Vento Cerzêdo.*

E' o vento de Noroeste. Assim lhe ouvi chamar em Castelo-Branco, por soprar do lado de Çarzedas, antiga vila.

5. *Vento Palmelão.*

Cf. Soropita, *Poes. e pros. ined.*, pp. 6 e 78.

J. L. de V.

Para «encantar» os ratos

Nas *Religiões da Lusitania*, III, 569, n. 1, disse eu que ao passo que E. Rolland citava na *Faune pop.* (Mammif.), pág. 23, uma fórmula contra os ratos, eu em Portugal não conhecia nada semelhante. Em vez de «que não conhecia», devia dizer «que não me lembrava», porquanto já em 1896 (fins de Dezembro) eu havia ouvido no Algarve, a uma pessoa da aldeia de Vaqueiros, concelho de Alcoutim, uma curiosa fórmula mágica, ou ensalmo, que servia «para encantar qualquer animal, *principalmente ratos*». Aqui a transcrevo da minha carteira LXVII, 43 v.—44:

Ha um santo chamado *S. Brezabúm*, que tinha nove filhos. —Péga-se, com a *mão canhota*, em nove pedras, ou nove objectos semelhantes a elas, como caroços, e diz-se, *jogando* («atirando») sucessivamente uma pedra:

Tanto aumentem vòcês aqui,
Como os filhos de Brezabum,
Que de nove não ficou nenhum!
De nove tornam-se em ôito,
De ôito em sete,
De sete em seis,
De seis em cinco,

[1] Isto é, promete muita chuva, e dá pouca.
[2] Entenda-se: a chover.

De cinco em quatro,
De quatro em tres,
De tres em dois,
De dois num,
D'um em ninhum.

(E vai-se rezando um P. N. e A. M. a cada um d'estes nove versos que se recitam).

Tanta parte tenham vôcês nesta carniça [1],
Como a ama [2] do padre tem parte na missa! [3]
Sejam sconjurados e dêtados
P'ra ôtra banda da agoa do mar,
Onde nã oiçam galinhas nem galos cantar,
E nem mãi por filhos bradar!

*

S. Brezabum é evidentemente *Belzebuth*, palavra que tambem deu *barzabú* na lingua popular. O Diabo foi aqui santificado, por ironia, ou por confusão com os santos que figuram nos ensalmos d'esta especie. Os filhos são em número de nove, como noutros ensalmos em número de tres: vid. *Ensaios Ethnographicos*, III, 195; cfr., *tres novelos* a pag. 205. Este ensalmo, onde os numeros vão deminuindo de nove á zero, pertence á classe estudada pelos Srs. Adolfo Coelho e Vasconcellos Abreu na *Renascença*, 47 e 115: á proporção que os números vão deminuindo, a causa do mal vai pouco a pouco desaparecendo. Aplica-se assim o principio da analogia (falsa), que é um dos mais fecundos nas coisas magicas. Começa o ensalmo por uma analogia ou comparação, e logo abaixo, nos vv. 13-14, se torna a estabelecer outra, que é, em verdade, muito satirica! O mago supõe que certos fenomenos se manifestam por imitação, ou lembrança, de outros que para esse efeito ele produz. Cfr. os citados *Ensaios Ethnogr.*, III, 183; aí transcrevi várias comparações, ou exemplos, de magia imitativa. As pedrinhas, que á recitação dos versos se atiram fóra, como se simbolizassem o aniquilamento de cada um dos filhos de Brezabúm, completam o circulo de ideias em que a fórmula se enuncia.

A *mão canhota*, ou esquerda, tem grande significação nos ritos magicos: vid. *Ensaios Ethnogr.*, IV, 357-358, onde, a propo-

[1] Se o bicho (ou o rato) ataca a carne.
[2] Isto é: *comà ama* «como a ama».
[3] Porque não tem nenhuma.

sito de «cruzes, canhoto!», que figura num conto de Trindade Coelho [1], falei já da importancia supersticiosa do lado esquerdo.

A *ôtra banda da agoa do mar* para onde os filhos de Brezabum, isto é, os ratos e quejandos animais causadores do mal, são esconjurados, corresponde a um lugar deserto, longinquo. As coisas más mandam-se para o *mar coalhado* (vid. *Trad. pop. de Portugal*, § 368-d) e desterradas para Côira, que fica em um extremo (*Rev. Lusit.*, XIX, 337-338). As mesmas ideias vigoram noutros paises: vid. *Mélusine*, III, 111 e 112; Tylor, *Civilis. primitive*, III, 165, 167. É em parte por concepções analogas que alguns povos crêem que as almas dos mortos vão para o Ocidente, para alem-mar: L. Marillier, *La survivance de l'âme*, Paris, 1894, pág. 6. Tambem entre nós se espalham as trovoadas,

> ... p'ra a serra do Marão,
> onde não haja palha nem grão,
> Nem meninos a chorar,
> Nem galos a cantar

(*Trad. Pop. de Port.*, pág. 65), fórmula que se assemelha ao final da que estou estudando.

*

Os nossos ensalmos relacionam-se com os exorcismos eclesiasticos, e uns e outros provém da antiguidade: cfr. *Religiões da Lusit.*, I, 174, n. 2. Já Horacio, *Epistulae*, I, 34-35, disse:

> Sunt verba et voces quibus hunc lenire dolorem
> Possis et magnam morbi deponere partem,

onde *verba* significa «ensalmo» ou «fórmula magica», e *voces* designa o tom musical da recitação: vid. as notas de Nauck, 11.ª ed., Leipzig 1882, pág. 177, e as de Schütz, Berlim 1872, pág. 11, autores que citam passos gregos de Homero e Euripides a que os versos horacianos correspondem, e mencionam paralelos em Macrobio e Aulo Gelio. Vid. tambem: *Corpus inscript. Latinar.*, I, 818-820, e III, 961 (e as notas); Marquardt, *Le culte chez les Rom.*, I, 135, n. 4; e principalmente Heim, *Incantamenta magica Graeca Latina*, Leipzig 1902, *passim*.

J. L. de V.

Haver (impessoal) no plural

Dizer *houveram homens* por *houve homens*, como muita

---

[1] Tambem Camilo emprega «cruzes canhoto!», por exemplo, n-*O santo da montanha*, cap. XIX.

gente individualmente diz e escreve, é êrro crasso, pois que *homens* é complemento e não sujeito.

Todavia no Algarve, pelo menos em certas regiões, é corrente dizer-se *hòvérẽ pàdêras*, *háiẽ azinhêras*, segundo ouvi nuns versos que me recitaram em 1896 em S. Bartolomeu de Castro-Marim; e ouvi *háiẽ homẽs* em Tavira. *Háiẽ* é o plural (analogico) de *hai*, fórma impessoal não sómente da lingoa arcaica, mas da lingoa popular de muitos pontos do país, e do proprio Algarve (*Rev. Lusit.*, IV, 330): temos em *háiẽ* o mesmo fenomeno morfologico que em *hádem* e *hándem* da linguagem vulgar de Lisboa. Como a 3.ª pêssoa do plural termina em *-em* no presente indicativo dos verbos da 2.ª conjugação, terminação que como que se junta á 3.ª pessoa do singular (*deve-devem*, *teme-temem*), o povo deu-a tambem a *hái*, d'onde *háiẽ* (a nasal final é *-ẽ*, não *-em*=*-ẽi* ou *-ãi*). É por motivo analogo que várias pessôas cultas dizem *teem*, isto é, *tẽem*, embora o falar castiço exija *tem* no plural, com a mesma fórma do singular: cfr. as minhas *Lições de Philologia*, pag. 96.

Em *háiẽ*, a par do fenomeno morfologico, ha um fenomeno sintatico e um fenomeno sematologico, pois o povo fez concordar o verbo com o complemento, como se este fosse sujeito e aquele significasse «existir».

Claro está que, desde que o povo deu a *haver* a significação de «existir», devia fazê-lo concordar com o sujeito; d'ai a suposta terminação do plural. Praticou um êrro, supondo que corrigia outro. O impulso para se dar a *haver* a significação de «existir» partiu de casos como *ha um*, *havia um*: isto provocou *haviam dois*, e frases congeneres.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

Um capitulo de Semantica, por Americo de Moura, S. Paulo, Brasil, 1916, folheto de 16 paginas.

O folheto do Sr. Americo de Moura em primeiro logar põe em relevo que nem todas as orações tem sujeito, apesar de que «do conceito de proposição com todo o rigor logico se infere a absoluta necessidade de figurar entre os actores da frase um protagonista que a todos os outros domine» [1], e em segundo logar procura averiguar as causas deste facto sintaxico.

Demonstra que «é forçoso admitir, no estádio de formação de lingoagem que a todo o momento se reproduz, a existencia de expressões sinteticas e vagas, equivalentes de juizos e proposições perfeitas, mas destituidas dos elementos logicos que a estas caracterizam» [2]. Dentro da categoria das orações indeterminadas, o autor considera dois tipos: as de sujeito pessoal indefinido, mas analiticamente determinavel, e as desprovidas do proprio conceito de sujeito. Pertencem ao primeiro tipo orações como *aiunt, dizem, on dit*, e ao segundo orações como *mingit, chove, c' piove, it rains.* Todavia em homenagem à logica, alguns gramaticos sustentam que tambem às orações do ultimo tipo se pode dar sujeito. Atribuem aos verbos um sujeito divino—*dominus*... «Pode ser que tais construções tenham derivado de outras outrora dotadas de sujeito. Ideias bem diferentes das que hoje temos podiam elas representar para o homem primitivo, que atribuia a uma divindade cada um dos fenomenos da natureza» [3].

Depois, por abstracção, ter-se-hia passado da categoria pessoal para a impessoal, ao contrario do que provavelmente em tempos primitivos acontecerá às formas vagas, que pouco a pouco se definiram, facto linguistico de que ha um exemplo moderno no infinito português.

O limite do campo definido e do indefinido não é bem claro: «Para exprimir com toda a nitidez os conceitos de determinação e indeterminação, os recursos da linguagem usual são

---

1 Pag. 3.
2 Pag. 13.
3 Pag. 12.

muito insuficientes; evidencia-se a sua pobreza até nos casos em que se poderia esperar bem nitida diferenciação, em virtude de concurso de processos analiticos e de outros determinantes qualitativos e quantitativos» [1]. Tambem não é muito mais nitido o processo por que se chega a um ou outro daqueles conceitos: «Ou a lingoagem teve um estádio original concreto, em que ao surto da abstracção no espirito humano se operou o movimento de impessoalização, a que se foram justapondo os outros, ou, o que parece mais natural, em se tratando de um periodo de inteligencia rudimentar, mais passiva do que activa, ou de todo inconsciente, formas primitivamente vagas, sem um sentido defenido, se foram pouco a pouco definindo» [2].

Inclinado para esta ultima hipotese, a mais verosimil efectivamente, o autor conclúe «que as palavras e os morfemas que designam a pessoa gramatical tinham provavelmente a principio um sentido colectivo ou indefinido, de que se desenvolveu o de pessoa definida e que, constituida logicamente a lingoagem, na evolução dessas formas ha sempre acções e reacções, continuando a pessoa indeterminada, como a determinada, visto que os seus conceitos são tão relativos como os do abstracto e do concreto, a ter o mesmo direito de figurar no sistema de conjugação» [3].

Salienta-se o folheto do Sr. Americo de Moura pela riqueza dos factos que apresenta para comprovação das suas ideias.

João da Silva Correia.

A Superstição e o Crime, pelo Visconde de Carnaxide, 1916, edição da Academia das Sciencias de Lisboa.

O livro — *A Superstição e o Crime*, do Sr. Visconde de Carnaxide tem por objecto demonstrar que o Codigo Penal em vigor na metropole não pode servir para julgar actos criminosos cometidos nas nossas possessões de alem-mar. Fornece pretexto e materia para esta demonstração um acórdão da Relação de Lisboa, sob um caso de assassinio praticado por um indigena da provincia de Moçambique na pessoa de uma mulher que um adivinho local indicou como causadora, mercê de seus feitiços, da doença de uma irmã do réo, indicação esta que, segundo o

[1] Pag. 15.
[2] Pag. 16.
[3] Pag. 16.

uso e costume dos negros da região, determinou a pratica do crime.

O estudo deste assunto dá ensejo ao autor para fazer a historia pormenorizada da feitiçaria em Portugal, e muito especialmente do logar que ela ocupa nas nossas antigas ordenações, e para expor com desenvolvimento as suas ideias sobre qual deve ser, á luz da medicina e da psicologia, a orientação do direito penal de hoje.

O Sr. Visconde de Carnaxide aprecia em primeiro logar o acórdão da Relação de Lisboa que iliba de culpa o adivinho condenado pela Relação de Moçambique como cumplice do assassinio, pois aquela reconhece que o réo não havia aconselhado a morte da feiticeira, mas tinha unicamente denunciado esta, o qual acórdão, todavia, não iliba de culpa o autor do crime, embora à pratica dêle o réo fosse levado por uma superstição local.

Não era possivel, ao que parece, julgar doutro modo dentro das apertadas malhas da nossa legislação penal. Iliba-se de culpa quem é possivel ilibar, e que, todavia, não é menos criminoso que o assassino, visto que os indigenas estão persuadidos de que «revelada a existencia de alguma feiticeira no povoado, pela indicação infalivel do adivinho, o exterminio dela, como encarnação do proprio Satanaz, sendo de uma necessidade inevitavel não só para as pessoas já lesadas por seus maleficios, mas para todas as outras da região, incluindo os mais próximos parentes de tão malefica criatura, faz crer que os autores da sua morte se atribuem, como um acto de justiça indispensavel, uma acção até de benemerencia assinalada» [1].

As superstições dos indigenas são tão opressoras e tenazes, que podem provocar, por medo, a morte fulminante dos que nelas acreditam. O adivinho goza de soberano prestigio. Ninguem ousa desobedecer aos seus esconjuros, nenhum criminoso ha que consiga iludir as suas investigações ou ocultar o seu crime. Quando ele recorre, por exemplo, ao julgamento pelo fogo, que consiste em passar pelas mãos dos presentes, colocados em linha, o ferro em braza de uma enxada, por forma tal «que parecendo tocar com ele em cada um, venha, todavia, a deixar queimado só o culpado e nunca os inocentes» [2], o delinquente absolutamente convencido da eficacia deste processo de investigação

[1] Pag. 9.
[2] Pag. 12.

criminal, porque cegamente crê nos altos poderes e virtudes do adivinho, denuncia-se com a maior facilidade.

Dêste elevado prestigio faz o advinho uso imprudente quando decreta de sciencia certa que tal ou tal pessoa se entrega á feitiçaria, pois isso equivale a formular contra ela uma sentença de morte irrevogavel.

O Sr. Visconde de Carnaxide ocupa-se depois incidentalmente da historia da feitiçaria. Transcreve alguns dos capitulos, aliás bem curiosos, que lhe consagrava a nossa antiga legislação (Posturas Municipaes, Ordenações do Reino, Constituições Diocesanas); compara os nossos textos jnridicos com os estrangeiros; e comenta com grande erudição e espirito critico o que está na legislação e o que dizem os tratadistas e os doutos.

Já no seculo IV os concilios hispanicos se ocupavam da feitiçaria, punida depois até com pena de morte nalgumas Ordenações do Reino. Pelas Ordenações manuelinas os feiticeiros «eram ferrados em ambas as faces com um ferro para isso mandado fazer» [1].

O açoite, a prisão e o degredo eram tambem aplicados como castigo desta especie de crimes, como se vê, por exemplo, nas obras de Gil Vicente. A magia alquimica, que procurava obter o oiro, era tambem proibida na nossa antiga legislação. As disposições sobre crimes de feitiçaria foram-se reproduzindo nos varios textos legislativos, até que totalmente desapareceram em 1852 do Codigo Penal português, passando tais crimes a serem considerados burlas.

Ao fazer a historia da feitiçaria, o Sr. Visconde de Carnaxide é naturalmente levado a enumerar os crimes que a nossa antiga legislação considerava atentatórios da religião do Estado, e dos actos que constituiam heresia aos olhos da Inquisição, no número dos quais passaram a entrar, por bula de Sixto V, as adivinhações, sortilegios e feitiçarias. No Regimento Inquisitorial de 1640, encontra-se esta disposição: «Se alguma pessoa fizer feitiçarias, sortilegios ou advinhações, usando de cousas e superstições hereticais incorrerá na pena de excomunhão, confiscação de bens, e em todas as mais que em direito estão postas no crime de heresia, e contra elas procederão os Inquisidores da mesma forma que procederão contra os herejes da nossa Santa Fé» [2].

Antes de tirar as conclusões da sua obra, e para que elas

---

[1] Pag. 25.
[2] Pag. 57.

redundem mais fortes, o autor aponta varias deficiencias da nossa legislação penal e deixa entrever o que ela deve ser para estar de acordo com os verdadeiros sentimentos humanitarios e com o progresso scientifico. O Sr. Visconde Carnaxide manifesta-se partidario da individualização da pena: «Era preciso um novo grau de individualização a realizar posteriormente à sentença condenatoria e assim depois de exercida a função do poder judicial e no decurso do cumprimento da pena» [1]. É todavia, contrario ao direito de graça dos chefes de Estado, embora nêle haja alguma coisa de bom, porque se exerce geralmente como especulação politica, e tem o inconveniente de readmitir na sociedade delinquentes não regenerados, enquanto outros, que já o estão inteiramente, continuam no carcere, se não ha acontecimento que solenizar. O indulto deve ter uma razão scientifica. A pena só deve ser fixada nos seus traços gerais no Codigo; no pormenor é à administração penal que compete individualizá-la nas casas de educação moral que devem ser as cadeias.

Depois de ter demonstrado que a nossa legislação penal é já atrasada e deficiente para a metrópole, o Sr. Visconde de Carnaxide conclúe que tal legislação, extensiva a colonias diversissimas pelas condições locais, indole e costumes dos seus habitantes, é um absurdo, se, por ventura, não é uma monstruosidade. A legislação metropolitana sobre casamento e duelo que o autor compara às legislações da mesma natureza dos outros paises, é extensiva às nossas colonias, em oposição manifesta com os costumes locais. Para o negro, que tem da honra uma noção, que não é a europeia, o duelo, visto indulgentemente pelas nossas leis, é um crime como outro qualquer; ao contrario, a poligamia e a infidelidade da esposa, condenadas com veemencia na nossa legislação penal, são para êle uma necessidade economica e até um motivo de orgulho. Se sômos indulgentes para com os nossos usos e preconceitos, devemos sê-lo para com os dos negros tambem. Requerem-se codigos penais privativos de cada colonia. Uma legislação unica entibia e desorganiza a vida propria dos povos indigenas, leva a falencia de todas as tentativas de assimilação, com prejuizo do progresso colonial e dos interesses economicos e até politicos da motropole. Apenas se deve tentar uma lenta aproximação de instituições juridicas, à medida que a cultura local fôr aumentando.

Para obstar a crimes de origem supersticiosa importa sobre-

[1] Pag. 93.

tudo instruir, se bem que haja superstições compatíveis com altos graus de cultura, como a do ocultismo. Nas colonias, porém, onde os crimes de feitiçaria são mais frequentes, a instrução precisa ser acompanhada da intimidação para se evitar que imprudentemente alguem seja apontado como feiticeiro.

Crimes de caracter supersticioso entende o Sr. Visconde de Carnaxide que devem ser julgados por um juri: «Se as superstições não podem perante a lei constituir circunstancias extintivas de responsabilidade, perante a consciencia e soberania do juri é que, quando os seus sentimentos de justiça em algum caso lhe ditem a necessidade moral da absolvição, a dificuldade que para o juiz togado seria invencivel, é inteiramente removida pela sua faculdade absoluta de responder que o crime não está provado o que no elogio e não para censura da instituição os ingleses chamam uma pia fraude» [1].

É o Sr. Visconde de Carnaxide partidario entusiastico dos júris esclarecidos, com atribuições amplissimas: «Ha necessidade de subtrair à jurisdição de juizes singulares e mecanicos o julgamento dos delictos mais graves para nesses casos — não podendo por motivos praticos ser tambem em quaisquer outros — se fazer a entrega dos acusados ao unico poder das consciencias. A essa necessidade acresce manifestamente como seu indispensavel complemento, o que até hoje está longe de ser realizado — a organização do júri com as cautelas e em condições de tal confiança que, quanto humananamente seja possivel, garantam o bom uso da omnipotencia, que, sendo da instituição atributo inseparavel, não pode deixar de lhe ser conferida. Restará, porem, ainda completar a entrega ao júri tambem, embora com a presidencia do juiz togado, da decisão sobre a propria pena a aplicar» [2].

E, embora o atraso seja grande nas nossas colonias, e a impossibilidade de ali constituir um júri à maneira da metropole seja evidente, o Sr. Visconde de Carnaxide entende que ele deve contudo organizar-se lá e do modo «como em cada comarca melhor se ofereça, tanto na categoria ou qualidade das pessoas, como na quantidade» [3].

Com a demonstração da sua tése — os codigos metropolitanas não servem para as colonias — o Sr. Visconde de Carnaxide

[1] Pag. 42.
[2] Pag. 123.
[3] Pag. 123.

não honrou apenas a literatura juridica contemporanea, porque enriqueceu tambem a nossa etnografia colonial, e chamou a atenção para varios problemas sociologicos e morais. A *Superstição e o crime* sendo essencialmente um livro de sciencia e de erudição juridica não é menos uma obra de largo alcance para o progresso geral das nossas colonias. Ás vezes os livros valem tanto pelo que dizem, como pelo que sugerem. O do Sr. Visconde de Carnaxide é dos que hão-de fazer surgir problemas novos, e ao mesmo tempo hão-de projectar luz sobre erros velhos. Assim, após a leitura da sua obra, imediatamente nos acodem ao espirito preguntas como esta: Deve a instrução primaria das nossas colonias ser igual em materias à que se ministra na metropole? Ou então são reflexões desta natureza as que nós fazemos:—Se a mesma legislação para a metropole e colonias é um absurdo, a pretensão que de longe vem de converter os negros ao cristianismo, a mais abstracta das religiões, é uma loucura!

João da Silva Correia.

Contribuições para a lexiologia luso-oriental, pelo Dr. Sebastião Rodolfo Dalgado, Lisboa, 1916, edição da Academia das Sciencias.

Este trabalho é, por assim dizer, a reciproca de outro, tambem publicado pela Academia das Sciencias, tres anos antes do que agora veio a lume e que se intitulava—*Influencia do vocabulario português em lingoas asiaticas*. O autor nota no prefacio das *Contribuições para a lexiologia luso-oriental* que «se avultado foi o numero dos termos portugueses que penetraram nos idiomas indigenas», como demonstrou no seu estudo lexicologico de 1913, «tambem não é somenos a quantidade dos vocabulos vernáculos que transitaram para a lingoa portuguesa, passando desta muitos para outras lingoas europeias, e até para a nomenclatura scientifica, especialmente botanica», como demonstra no presente trabalho. O Dr. Sebastião Dalgado lembra como causas da passagem dos vocabulos orientais para a nossa lingoa: «a intensidade e a amplitude da acção civilizadora de Portugal; a sua precedencia no oriente e a sua mentoria, posto que involuntária, ás outras nações da Europa; a sua adaptabilidade á maior parte das lingoas asiaticas, e vice-versa, reconhecida por mais de um sabio estranjeiro; o rápido e perdurável desenvolvimente da raça eurasiatica e os seus consequentes crioulos».

Classifica em várias categorias as palavras que se introduziram em português, das quais — «umas circunscreveram-se á lingoagem asiatica»; «estas acompanhavam os objectos que designavam na sua peregrinação pela Europa e America»; «ainda outras, e estas são poucas, entraram na fala comum com fócos de perfeita naturalização, mas modificaram-se pela maior parte nas suas significações originarias, sujeitando-se a representar na nova patria coisas e conceitos já conhecidos».

As dições de origem asiatica não estão todas registadas nos dicionarios, ou estão-no por vezes com a filiação deturpada, mercê do «desprezo das legitimas fontes de estudo» e da «etimologia empirica» ou «etimologia de palpite», que, estribando-se inteiramente na homofonia, leva a «disparates palmares e desastrados». O processo que ao notavel sãoscritologo se afigura indispensavel no estudo da lexiologia asiatica, e de igual modo no da africana, é o de «percorrer com paciencia as obras de todos os nossos escritores, e as principais dos estranjeiros antigos, que com reconhecida competencia trataram das coisas da Asia meridional, e colher aí os vocabulos exoticos com a sua definição ou descrição e com a sua pátria ou derivação».

Nas *Contribuições para a lexiologia luso-oriental* segue o ilustre orientarista este exaustivo processo, unico que acha «racional e frutifero».

Elas compreendem o estudo historico-etimologico de cerca de duzia e meia de vocabulos, estudo que termina por um modelo da inscripção da palavra asiatica nos dicionarios. Mais honografias deste teor nos promete o sr. Dr. Sebastião Dalgado, antes de dar a lume a obra monumental que tem entre mãos *O glossario luso-asiatico* e que declara já abranger «mais de dois mil vocabulos copiosamente abonados com autoridades nacionais e estranjeiras».

João da Silva Correia.



REVISTA LUSITANA

VOL. XX 1917 N.os 3-4

AS JANEIRAS E OS REIS

(ALGARVE)

Entre as cantigas e usos tradicionaes de Monchique notam-se pela variedade e originalidade das musicas ou *estilos* (como por aqui se diz) as Janeiras e os Reis, que são um mixto de cousas religiosas e pagãs.

De religioso, afinal, só tem alguns versos, pois que, na verdade, as Janeiras e os Reis são simplesmente um pretexto para os janeireiros se divertirem e fazerem colheita de esmolas com que arranjam depois as suas *funcções* (ceias) a que não falta, *pre-môd'o frio*, o vinho carrascão e a bella *dí a madronhêra* ou *lagarta*, nomes que, alem de muitos outros, empregam para designarem a aguardente.

Janeiras são pois os canticos que por aqui se ouvem na noite de S. Silvestre (31 de Dezembro) e *janeireiros* os individuos (homens, mulheres e crianças) que compõem os grupos, sempre numerosos, que cantam as janeiras.

Um ou dois dias antes, os janeireiros tratam da organização dos seus grupos e, na noite indicada, pouco depois do anoitecer, percorrem cantando as casas da villa, indo tambem alguns grupos para o *monte* (para fóra da villa, para o campo), havendo outros que chegam até aos Casaes, que é uma pequena povoação distante de Monchique, uns nove kilometros, e d'onde voltam no outro dia... se podem. Na villa os canticos terminam quasi sempre ahi por volta da meia noite.

Os grupos (*joldas* ou *joldras*) de janeireiros são organizados de diversas maneiras: umas vezes compõem-se sòmente de cantores (só homens, homens & mulheres, só mulheres, *môços*); outras vezes estes mesmos grupos fazem-se acompanhar por uma *harmonica* («accórdéon») ou por uma *gaita* (ou *flaita* — instrumento que no commercio tem o nome de «harmonica» e a que muitos tambem chamam *harmonio de boca*); outros grupos ainda são formados por differentes tocadores de instrumentos de metal

e madeira ou cordas, tendo junto o respectivo grupo de cantores com o *apontador* á frente.

Todos os grupos, com excepção d'estes ultimos, costumam aparecer tapados por uma manta ou cobertor que os resguarda um pouco do frio e sob o qual os janeireiros se encolhem, muito juntos, escondendo cuidadosamente a cara para evitarem quanto possivel o serem reconhecidos.

Os grupos em que ha instrumentos de metal ou de corda não usam a manta, envergando os respectivos janeireiros, varinos, capas alemtejanas ou gabões, e tendo as caras descobertas.

Em todos os grupos indistinctamente ha um janeireiro que desempenha as funcções de tesoureiro e cujo distinctivo é um saco em que guarda as esmolas, e ha tambem um outro que *aponta*, isto é, que canta «a solo» dois versos que o coro repete a seguir.

Em geral, para apontar, é escolhido um janeireiro que saiba os versos e tenha boa voz, sendo muitas vezes este cargo confiado a uma mulher, mas nem por isso deixa de haver cada voz de chibato que é de fugir.

Os grupos compostos só de cantores usam tres ou quatro estilos e, algumas vezes, tambem cantam os estilos usados pelos grupos de musicos, mas estes é que nunca usam os estilos d'aquelles e costumam até arranjar um para cada anno.

Ha portanto duas especies differentes de estilos: os estilos usados pelos cantores, que são evidentemente os mais antigos, escritos quasi sempre em compasso quaternario e executados num andamento muito vagaroso; os estilos usados pelos grupos dos musicos (aquelles em que entram instrumentos musicos), que são mais modernos, escriptos em geral em compasso ternario e cujo andamento é aproximadamente o do chamado = tempo de valsa.

A letra é indiferentemente usada por todos os grupos e, em geral, só cantam duas ou tres quadras por que as casas que costumam receber estes hospedes preparam d'antemão as esmolas (que consistem em *sonhos*, *fritos*, *filhoses*, figos secos, chouriças, murcellas, dinheiro, etc.) e, cantada uma ou duas quadras procuram livrar-se dos janeireiros (que muitas vezes se tornam incommodos), dando-lhes logo a esmola que elles se apressam a meter no saco, cantando uma quadra mais de despedida ou agradecimento e procurando immediatamente outra casa a que vão levar... a boa nova.

Poucas vezes cantam os versos todos, e só faz isso um ou

outro grupo mais teimoso que gosta de levar as cousas com *pásua* e *precêto*, pois a maioria dos grupos gosta mais de receber as esmolas do que estragar as guellas com cantigas, e ha tal que começa pela quinta quadra ou outra parecida, por que dizem elles:

cantigas são pataratas,
pataratas são asneiras,
e... não vae o tempo
p'ra brincadeiras.

Dos versos que damos a seguir ha muitas variantes, conforme o gôsto dos cantores que muitas vezes tambem improvisam as suas quadras. Ora ahi vae uma para amostra:

Senhora dona de casa,
que tem o *pial* até *abáxo*,
Dés le dê *munta* saude,
a si, *máj'ou sé* macho.

Muitas vezes os janeireiros, quando encontram uma casa que dê esmolas de que elles gostem, fazem a partida de ali voltar diversas vezes, mudando de apontador, por prudencia, já se vê.

Eis os versos mais geralmente usados:

Recordae, nobres senhores,
qu' é tempo de recordar:
ouvireis a boa nova
qu'eu trago p'ra vos dar:
nasceu o Rê da Gloria
p'ra nós todos salvar.

Esta noite é de janeiras,
é de grande mer'cimento,
por ser a noite premêra
em que Dés passou tormento.

Tormentos que Dés passou
foi por que os quis passar,
suas carnes cortou,
suas carnes deixou cortar.

O sé sãigue derramou,
sé sãigue dêxou derramar:
essas tres pingas de sãigue
Dés as quêra aprovêtar.

Da premêra se faz o pão,
da outra o vinhõ cristal,
a outra que sobeja
espalhae p'la cristandade.

Ora dae, senhora, dae,
Ora dae, que todos dão,
que de Deus tereis o pago
e da *Virj-'ou galhardão*.

Senhora dona de casa,
raminho de salsa crua,
lá aos pés da sua cama
nasce o sol e põe-se a lua.

Senhora dona de casa,
tem 'ma flor no chapeu:
quando vae p'ra a igreja,
parece um anjo do ceu.

Esta casa está bem feita,
talhadinha a picão:
ôs senhores que nella *morom*
Dés *le* dê a salvação.

Ainda *le* canto mais esta
em louvor de San Alberto:
mande-nos dar a esmola,
qu'o sacco já 'está aberto.

Ainda le canto mais esta
em louvor de San João:
não le canto mais nenhuma,
sem saber o que me dão.

Esta ultima quadra é muito pouco usada, por que, nesta altura, já a esmola está dada, e só é cantada quando a esmolá se demora.

Cantada esta quadra, calam-se e esperam, e, logo que recebem a esmola, cantam para agradecer:

Quem tan boa *'jmola* deu,
dada no seu pratinho,
Dés a livre das más linguas,
ou pé da porta um *má* vezinho.

Ou:

Quem tan boa 'jmola deu,
Oh! que lindo *convindado!*
fique-se com *Dés*, senhora,
Dés le paigue! munto ôbrigado.

Ou ainda est'outra que è mais vulgar:

Fique-se com Dés, senhora,
qu'é com Dés me vou embora:
quêra Dés que nos *vejemos*
lá no *rêno di* a *gueloira*.

Se se dá o caso, muito raro, de ser negada a esmola, os janeireiros, que não gostam nada da graça, castigam com satiras a sovinice (temos de suprimir o mais rude!):

Sete estrello vae em pino
e o cajado vae de volta:
já que não deu a esmola,
aqui . . . .

Ou:

Senhor lavrador honrado,
cara de *palaio* crú,
já que não deu a esmola,
. . . .

Ou ainda:

Senhora dona de casa,
olhos de porca morta,
mande-nos dar a esmola,
senão . . . .

A's vezes tambem dão aos janeireiros, ou por brincadeira ou por pirraça, um bocado de tripa cheio de farellos ou serradura ou um *sedenho* embrulhado num papel, o que facilmente passa por chouriça ou murcella: e os janeireiros, assim enganados, agradecem e vão-se embora com grande gaudio de quem fez a partida; mas os janeireiros, logo que dão pelo logro, e se sabem quem os enganou, devolvem immediatamente a esmola cantando:

Ainda agora aqui estive,
já cá volto outra vez
venho trazer a esmola
á gran *porca* que a fez.

Como se vê, os senhores janeireiros são pessoas muito pre-

videntes e que sabem fazer face a todas as eventualidades. Tem remedio para tudo! E o caso é que se divertem a valer com tudo isto.

Os grupos de musicos cantam quasi sempre muito menos que os grupos de cantores: cantam duas ou tres quadras, esperam um pouco pela esmola, se é preciso, e, recebida ella, tocam para agradecer uma musicazinha qualquer (a maior parte das vezes uma valsa ou mazurka, que não vae alem de duas partes) que não repetem, — e toca a andar, que o tempo está frio e é preciso pensar na *funcção* do dia seguinte!

São muito mais praticos os musicos!

No dia immediato, isto é, no dia de Anno Bom, numerosos grupos de rapazinhos (de ambos os sexos) percorrem as casas da villa e campo, quási todos munidos d'uma alcofinha, *a pedir as janeiras*, o que fazem batendo ás portas e dizendo:

Janeiras, janeiras,
Nosso Senhor dará boas sementeiras!

Quasi toda a gente lhes dá qualquer cousa: fritos, filhós, bolos, figos seccos, 5 reis, etc., mas quando querem *dar perdão* (que é não dar nada) dizem aos rapazes:

—As janeiras, meninos?... já se acabaram.

Ou então em voz mais ou menos aspera:

—*Arrojem* um pau p'las cadeiras.

E, como são crianças, lá se vão embora sem dar o *convite* aos sovinas.

Neste dia tambem, á noite, os janeireiros de cada grupo reunem-se em qualquer parte para, com as esmolas recebidas, fazerem a sua funcção, juntando-lhes pão, vinho, ou qualquer outra cousa que falte. Nestas funcções cada um conta o que lhe sucedeu, na noite anterior, as partidas feitas e recebidas etc. E' claro que sempre ha que contar, por que, demais a mais, S. Martinho não se esquece de acompanhar os janeireiros.

Sucedem, como é natural, partidas mais ou menos engraçadas, e agora me está a lembrar aquelle caso succedido a um flautista—janeireiro que perdeu quási metade do instrumento junto d'uma fonte cujo caminho provavelmente foi ensinar a algum *irmão* que ali teria de ir para *atrasar a pelhéga*, como dizem os profissionaes e entendidos em negocios de pinga.

Ainda me está a lembrar tambem que, pouco tempo depois de um ter começado a reger a banda da «Sociedade Recreativa

Monchiquense», que aqui houve ha já uns annos, fui convidado para assistir a uma d'estas funcções, dos grupos de janeireiros que, como regente da banda eu tinha organizado mas que, conforme o uso, não tinha acompanhado. Contavam historias os meus musicos, riam e estava tudo muito bem disposto, quando, a certa altura, se levanta um janeireiro que, depois de ter pedido silencio com nm gesto solemne e ar impertigado de quem tem graves cousas que dizer, diz, segurando na mão um copo de vinho e dirigindo-se a um *collega*:

Faço esta saude ao Snr. Zé *Florenço*,
que tem cara de *tenso*.

Todos riram do disparate e da ridicula figura do autor do brinde, mas o brindado, levantando-se immediatamente e brandindo no ar um enorme copo d'agua, cheio de vinho, diz, com comica seriedade e gestos muito attenciosos:

Pois eu bebo á saude do Snr. Sabugo,
que tem cara de *jagujo*

Foi o bom e o bonito. O amigo Sabugo, que era muito sensivel, zangou-se, e, no meio de grande hilaridade e coberto de chufas, sahiu todo embezerrado e não tornou a aparecer. Elle que não queria que lhe chamassem Sabugo!

Para os Reis seguem-se em tudo as mesmas praxes e usos das janeiras, divergindo sómente os canticos e os versos, se bem que, muitos empregam tanto para as Janeiras como para os Reis as quadras de pedir, agradecer, etc.

A' vezes os que cantam as janeiras e que são os mesmos que em 5 de janeiro á noite cantam os Reis, reunem numa só funcção, no dia 6 á noite, todas as esmolas recebidas nas duas noites para a funcção ser melhor.

Os rapazinhos que no dia 6 vão *pedi'lo'Rês*, dizem:

Rês, rês,
Nosso Senhor dará sês.

Não diz a historia que seis são estes que Nosso Senhor possa dar aos que *convidam* os que pedem *os Rês* nas ruas de Monchique.

Ahi vão os versos dos Reis:

Aind' ágora aqui che*gui*,
Más dois camaradas meus;

Fallar bem pouco nos custa,
Santas noites *le* dê *Dés*.

Tambem começam por estes:

Dizem que Santa Justa
E' irmã de San Matheus:
Falar bem pouco nos custa
Boas noites lhes dê Deus.

Já lá vae *Zé* mais Maria,
Já lá vão para Belem;
S'elles vão cantal-o *Rês*,
Vamos nós cantar tambem.

San José vae muito triste
Porque vae p'rás montanhas;
A *Virja* vae munt'alegre,
Que leva *Ja*sus em com*panha*.

Quaes são os tres cavalheiros
Que fazem sombra no mar?
São os tres reis do Oriente
Qu'a *Ja*sus *vam ve*sitar.

Não perguntam por poisada,
Nem por quem l'a possa dar,
Perguntam por *Dês* Menino,
Onde o irão achar.

Foram-n'o achar em Roma,
Revestido em *sé* altar:
Missa nova quer dizer,
Missa nova quer cantar.

Sua Mão 'stava a pedir,
Sua Mãe 'stava a rogar:
O' filho, confessa as almas,
Levae-as as bom logar.

Um menino tan pequenino
Todo o mundo quer salvar:
Cem mil *e* almas á roda
Todos mil p'ra commungar.

Chegae, pecadores, chegae,
Se fores bem confessado,
Ajudae-me a comer
D'este pão sacramentado.

Tres palavras disse a *Virja*,
Condo Dês era Menino:
Vindes cá, *mê* bago d'ouro,
Mê sacramento *devino*.

Senhora, que 'stá deitada
Nesse leito d'ouro fino,
Mande-nos dar a esmola
Em louvor de Deus Menino.

Já que Deus me fez tão pobre,
Saio esta noute a pedir:
De casa de gente nobre
Sem esmola nã m'hê-d'ir.

Esta casa cheira a ouro,
E a dona é 'ma princeza:
Abra-se esse tesouro,
Faça-se bem à pobreza.

Esta casa está bem feita,
Talhadinha *ou* comprido:
Por dentro prata lavrada,
Por fora ouro batido.

Esta casa está bem feita,
Tem quatro cantos iguaes:
S'o dono é munt' honrado,
Ind'á dona é munto mais.

Senhora, que está deitada,
Deixe-se estar que está bem:
Mande-nos dar a esmola
Por uma filha (ou criáda) que tem.

Nesta altura esperam pela esmola, se a não tiverem já recebido porque, nesse caso, continúa a cantiga assim:

Quem tan boa 'smola deu,
Dada p'la vossa mão,
Seja a primeira que ache
No *rêno* da salvação.

Ou:

Dês le dê nesta vida fortuna,
Na outra a salvação.

Quem tan boa 'smola deu.
Dés le paigue muito óbrigado;
Dés le dê o ceu por s'mola,
Que não ha melhor morgado.

Outros versos dos Reis:

Senhores, já são chegados
Os tres *Rês* do Oriente:
São os tres que veem ver
Rê devino omnipotente.

Chegando a Jér'zalém,
Onde o *Rê* Herodes 'stá,
Perguntam nos tres *Rês*
Se nascid'èr'*ou* Menino.

Rê'rodes, como malvado,
Como travesso, malino,
Logo ensinou *ou Rês*
A's avessas o caminho.

Os tres *Rês*, com'*erom* santos,
Nunca perd*irom* n'o tino,
Iam chegando a Belem,
Viram 'star o Deus Menino.

Os tres *Rês*, munto contentes
De verem uma prenda tão bella!
Cantam anjos: aleluia,
Alegre-s'o ceu mais a terra!

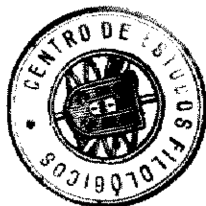
Da Glóira nascé Deus
Tod'ou mundo d'alegria:
Já nasceu o Deus Menino,
Filho da *Virja* Maria.

Mais a soberba d'Herodes
Sua falsa humanidade
Agora o ceu a descobre,
Fugi da sua impiedade.

Apressae-vos com *cu*dado!
Agora os Reis animados
Ditôsos companheiros
Das estrellas *sa*mos guiados

Apartam-s'os tres *Rês magros*
A'parte do O'riente,
Cada qual com *sé* presente
Of'recer*om*-l'ouro fino,

Encenso comum *de*vino,
E a mirra com'ô mortal,
Ninguem se pode salvar
Enconto esta porfia for.



No dia d'hoje
Enfiorecem flores,
Dá-m'alv*iceras*
Os peccadores.

De tan longe encaminhae-os,
Sã *Rês* do Oriente,
Aqui nos viemos achar
Rê devino ònepotente.

Sol, estrellas, luz do ceu
Lá vem *Ja*sus que nasceu!
Já nos deu a sua luz
P'ra sempre Amen Jasus.

Para pedir esmola e agradecer, usam-se as mesmas quadras dos outros Reis ou mesmo das Janeiras.

Os grupos de musicos tem em geral os seguintes instrumentos: — uma flauta, um ou dois clarinetes, um cornetim, duas trompas ou dois trombones, um baritono e um contrabaixo, ou então: uma flauta, dois ou tres bandolins e uma *guiterra*, se a ha, e uma ou duas violas, havendo ainda outras composições diferentes, que não vale a pena mencionar.

Monchique.

JOSÉ ANTONIO GUERREIRO GASCON.

TEXTOS ANTIGOS PORTUGUESES

(Cf. *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 63)

VII

No vol. XI da *Romania* publicou J. Cornu, o apaixonado cultor da nossa lingua, entre outros textos, um referente á *Vida de Maria Egipcia*, o qual extraira do códice alcobacense, n.º 266, existente no Arquivo da Torre do Tombo. Mas, alêm dessa narrativa, no Códice n.º 771, cuja existência ele parece ter desconhecido, outra existe sobre o mesmo assunto que daquela diverge algum tanto, motivo este que me leva a traze-la agora a lume. Uma e outra são tradução, a meu ver, da que em latim se encontra a fls. 41 v. do Códice n.º 283 (ou 453) da Biblioteca Nacional de Lisboa, de idêntica proveniência, sendo contudo esta mais completa do que aquela, da qual em certos passos se pode considerar uma verdadeira paráfrase, como facilmente se reconhece comparando as duas [1].

É realmente de estranhar que, havendo já uma versão da vida da santa, outra se fizesse com pouca distancia de tempo, mas o carácter romanesco da lenda explica perfeitamente a predilecção, que por ela houve na Idade-Média. Com efeito, tendo sido originàriamente escrita em grego, aí pelos seculos quinto ou sexto, segundo parece, foi depois traduzida para a maioria das linguas orientais e no seculo IX para latim por Paulo, diacono da santa igreja de Napoles, a pedido de Carlos, o *Calvo*, falecido em 877, e por outro autor anónimo, sendo depois aquela versão, menos fiel, editada por Surio [2] e melhorada por Roswind, e esta, mais completa, inserta pelos Bolaudistas na sua colecção [3]. Afora estas duas traduções, outra existe, tambem anónima, que não ha muito foi publicada pelos Beneditinos do Monte Cassino, segundo um manuscrito do século XI. Nos séculos XIII e XIV um erudito, talvez eclesiástico, ampliou o texto latino, tomando para base as duas primeiras versões citadas, enquanto outros trata-

[1] Note-se que, enquanto esta está dividida em capitulos com os respectivos titulos, naquela nada disso ha, apresentando-se a narração seguida.

[2] É esta a que figura no Códice n.º 283, segundo informa o *Indice dos Códices de Alcobaça*.

[3] São muito parecidas a versão dada por Roswind na sua *Vitae Patrum* (Antuerpia, 1615, pág. 381 a 392) e a dos Bolandistas (*Acta Sanctorum*, aprilis, 76 a 83), ambas começam por um prologo que falta na de Surio.

ram de o resumir; destes resumos os mais conhecidos são os de Vicente de Beauvais e Jacques de Vitry.

Em harmonia com o costume do tempo, logo após o seu aparecimento, foi a versão latina posta ao alcance do povo por meio de traduções, umas em prosa, outras em verso, na maioria das linguas vulgares da Europa. Em português existem, que eu saiba, afora as duas que se fizeram no mosteiro de Alcobaça no século XIV, uma resumida no *Flos Sanctorum,* traduzido no século XVI da *Historia lombardica* ou *Legenda Aurea,* do ultimo dos dois abreviadores citados, outra mais extensa do que esta, e é a que dou a seguir á alcobacense [1], embora não tão completa como aquelas, que o P.e Diogo do Rosario inseriu no seu *Flos Sanctorum* [2], e duas paráfrases em verso, uma de Sá de Miranda, ha pouco publicada pelo Dr. Teófilo Braga, outra de Leonel da Costa [3].

Quanto á linguagem direi que, sendo o primeiro dos textos a seguir da mesma proveniência e época que os publicados no ultimo volume desta *Revista,* as observações que fiz a estes valem para aquele; quanto ao segundo, embora posterior quási dois séculos, ainda nele ocorrem bastantes resaibos da antiga lingua. Como espécime da grafia dos tempos diversos em que ambos foram escritos, dóu-os tais quais se encontram nos respectivos originais, com excepção apenas das abreviaturas que desfiz ou do til que substitui por *n* ou *m* conforme os casos.

J. J. NUNES.

I. Vyda de Sancta Maria egiciaca e do sancto homem Zozimas

Em os moesteyros da Palestina. foy huum velho nobre per obras e virtudes. custumes e palavras bem dotado. o qual de sua voontade e mocidade foy criado e doctrinado em sciencia spiritual e monastica disciplina. per nome chamado Zozimas. Nom pensse nen huum que este Zozimas ffoy huum outro que ffoy hereje que assy avya nome. por que este foy huum. e o outro hereje foy outro e antre elles foy grande deferença. e este

[1] Sobre a sua linguagem e volume donde é extraida cf. snr. Esteves Pereira, *Vida de S. Paulo de Thebas*, Coimbra, 1904.

[2] Cf. edição de 1767, págs. 693 a 703.

[3] Para mais esclarecimentos veja-se a erudita Introdução do mesmo snr. Esteves Pereira á versão etiopica por ele publicada em 1903.

escolheo vida de monjes em os moesteyros de Palestina. e andou e converssou com os padres do hermo. e ffoy achado antre todos os monjes nobre e avantajado e precipuu in abstinencia e vida monastica. e o outro nom. Este sendo moço e de hydade pequena guardou todas as reglas e custumes dos sanctos monjes. e de sua propria natura emcalçou muytas boas ensignanças com que subjugou a carne ao espirito. Este velho era conhecedor das tenptações e vencedor das batalhas. em tamto que muytos monjes e de longas provyncias viinham a el. pera aver del doctrina e emsignança e modo de viver. Este velho em toda sua obra e fectos temporaes. sempre penssava nas sanctas scripturas e comendo e nom comendo nom cessava obrar de maãos. Este velho de moço pequeno foy dado a servir Deus em aquel moesteyro. e vyveo em el LIII annos fazendo em el vida perfecta de monje. E depoys desto ffoy muyto afficado de penssamentos e cuydações e dizia a ssy meesmo: Tu ja perfecto es em toda vida monastica. tu ja nom as mester doctrina. nen ensignança doutro nen huum. Per ventuyra pode seer achado alguum outro antre os monjes que me possa doctrinar em alguum bem. ou emsignar e dizer algũa cousa que eu non sabha. ou hedifficar em algũa obra monastica que eu nom aja ffecta? Certo nom. Per ventuyra pode seer achado alguum philosopho no hermo que me preceda em sciencia e obra spiritual e monastica? Certo nom. Penssando el consigo estas cousas. pareceo ante el huum sancto padre e disse: Zozima. em a vida monastica e em as obras que a ella perteecem. bem e perfectamente batalhaste. pero sey certo que nen huum homem he perffecto. Por que muytos camynhos e carreyras som de salvaçom. as quaes se tu quiseres saber. parte-te da tua terra e dantre teus parentes. e da casa de teu padre. assy como fez Abraham grande patriarcha. antre os grandes patriarchas. e seguy-me e ven-te a huum moesteyro que esta acerca do ryo de Jurdam. Tanto que Zozimas esto ouvio. sayo-sse daquel moesteyro em que vyvia de sua myni[ni]ce. e foy-sse depos aquel velho que lhe as sobreditas palavras disera. E tanto que chegou ao ryo de Jordam ouvyo hũa voz que o levou ao moesteyro ao qual nosso Senhor mandara viinr. E como chegou ao moesteyro e ferio aa porta del. logo veo huum monje que gardava a porta e disse-o ao abbade. E o abbade veo logo. E veendo ssua converssaçom e ssua reverença recebe-o [1] muyto bem. e deytou-sse em terra. assy como

---

[1] Leia-se *recebé-o*, isto é, *recebeo-o*.

he custume dos monjes e orou. E fecta a oraçom. preguntou o abbade e disse: Hyrmaaõ onde viveste. e por que razom veeste aos pobres? E Zozimas respondeo e disse: Padre nom me parece necessario de te eu dizer onde venho. mays sey certo que eu venho aquy por seer hedificado. por que eu ouvy de ty grandes signaaes e maravilhas e de grande louvor de ty per que as almas podem chegadas seer a Deus. E o abbade respondeo e disse: Deus soo he aquel que sabe curar a ffraqueza humanal. El querra emsignar a ty e a nos. pera comprir a ssua voontade. e obrar todas as cousas que boas som. por que nen huum homem non pode hedificar outro. salvo se cada huum em ssy meesmo trabalhando for honesto e temperado em boos costumes. sempre gardando e ffazendo as obras que boas som. e per ellas seja chegado a Deus. Pero por que a caridade de Jesu Christo te convidou pera veeres a proveza dos nossos velhos. e pera ficares e viveres connosco. sse pera esto veeste pera nos. e a graça de Deus que he boom pastor que a ssua alma deu por nos remiir. e chamou as suas ovelhas per seu nome fica com nosco. Quando esto disse o abbade logo Zozimas enclinou outra vez a sua face em terra. e todos em huum fezerom oraçom ao Senhor e ffecta a oraçom. disserom todos Amem.

Da regla do moesteiro em que viveo Zozimas.

Morando este sancto Zozimas em aquel moesteyro vyo aly os sanctos padres per virtudes e per obras splandecer. continuadamente. servindo ao Senhor. stando per toda a nocte per suas maãos obrando. cantando pssalmos e louvores a Deus de suas bocas. nom saya palavra. nem dizer secular. nem outra cousa e falamento deste mundo. ssoo os seus penssamentos eram. mortifficar a ssy meesmos. pera fugir e escapar aos feitos e negocios do mundo. Os seus mantimento e manjar era falamentos spirituaes. e aos corpos davam soo aquello que era necessario. s. pam e agua. pera darem gloria ao Senhor. e mostrar caridade. amor e boom exemplo huuns aos outros. Quando o sancto homem Zozimas vyo estas sanctas obras. foy muyto hedificado. aprovectando em sanctidade e crecendo em as requezas spirituaaes como via fazer aos outros. Depoys desto per muytos dias acerca do tenpo sancto do jejuum da quaresma. apostou-sse cada huum. e Zozimas. do que lhe mester fazia pera a paxom do nosso senhor e salvador Jesu Christo. E pera os monjes viverem espiritualmente e em mayor folgança das almas. a porta do moes-

teyro sempre era çarrada. e non se abria salvo quando alguum monje por algũa cousa spiritual e necessaria viinha. Este lugar era deserto. em tanto que nom tam solamente os camynhantes nom sabiam del parte. mays aynda os que moravam acerca del. E tal regra foy do começo sempre gardada em aquel moesteyro e porem trouxe Deus Zozimas a el. Em o dito moesteyro era tal custume e regla. s. em no primeiro dominguo da quaresma eram chamados todos os monjes daquel moesteyro e faziam e celebravam o oficio divynal. segundo custume dos cristaãos. E cada huum delles recebia o corpo de Jesu Christo. Depoys desto comyam muy pouco. e junctavam-sse a oraçom e perffecta a oraçom. os geolhos em terra ficados. e abraçados. davam-sse paz huuns aos outros. e ao [a]bbade. e rogavam-lhe que rogasse e fezesse a Deus oraçom por elles que os ajudasse em suas temptações. E depoys desto abriam a porta do moesteyro e sayam-sse todos os monjes cantando e dando graças a Deus e dizendo: *Dominus illuminatio mea et salus mea quem timebo? Dominus protector vite mee a quo trepidabo?* que quer dizer: O Senhor Deus he meu lume e luz. e minha saude de quem averey eu medo? O Senhor he defenssor e garda da minha alma. de quem averey eu temor? certo de nenhuum. E quando sse assy hyam leyxavam no moesteyro huum ou dous monjes por garda. nom por gardarem o que hy ficava. por que nom ficava hy cousa tal que [furtassem][1] ladrões mays por nom ficar o oratorio sem monje que em el fezesse o divynal oficio. E cada huum de aquelles monjes que se assy hyam apartar ao hermo levavam aquello que lhes fazia mester pera sua vyda. huuns levavam pam pouco pera sosteerem a fraqueza do corpo. Outros levavam figos passados. Outros levavam thamaras. Outros levavam legumes molhados. Outros non levavam [nehũa][1] cousa. senom seus corpos e os vestidos e aviam mantimento das hervas que nasciam no hermo. E cada huum delles tomava propria regla em seu vyver a qual nom mudava e nom sabia parte huum do outro como vivya. nen como obrava. e cada huum se apartava a ssua parte per a beyra do rio de Jurdam. e assy vivyam apartadamente. e nunca se ajunctavam em toda a quaresma. E se acontecia que huum delles visse outro longe de ssy. logo leyxava a carreyra e o caminho per que viinha. e hyasse per outro. cantando e dando graças a Deus. E cada huum comya o que lhe fazia mester pera seu mantiimento. E depoys que eram compridos os dias do jajuum da quaresma segundo seu

[1] Cf. a versão do Codice 266.

custume. tornavam-sse ao moesteyro ao domyngo da festa de ramos. E cada huum tragia em sua consciencia fructo de seu trabalho. conhocendo em sy meesmo como obrara [1] em aquel sancto tenpo. e o fructo que ouvera. E nenhuum delles non preguntava a outro como obrara ou que fezera. por que a regra e custume era tal em o moesteyro que o que cada huum obrasse em o hermo soo o mostrasse a Deus e nom a outro. por fugir aa vãagloria e louvor do mundo. e non perder o espiritual e o celistial que he e dura pera sempre. por o louvor do mundo dãpnoso e sem fructo.

Como Zozimas achou sancta Maria egiciaca.

O sancto homem Zozimas em aquel tempo da quaresma fez segundo a regla daquel moesteyro. E passou o rio de Jurdam e levou pam pouco pera sustiimento de seu corpo. e pano de que se vestia. E compria a regla passando e andando por o hermo. e por satisfazer a natura comya as suas horas e pouco. dormya em terra e em qualquer lugar que lhe acontecia a nocte. E dya claro. fazia e seguya seu curssu per o hermo. e com boom desejo sperando de achar alguum padre que o podesse hedificar segundo lhe fora promitido. E depoys que andou per spaço de viinte dias. hora de sexta folgou huum pouco de seu trabalho por que el avia em custume a hora de terça e de sexta. e hora de noa. fazer sua oraçom e rezar. E huum dia a hora de sexta levantou os olhos ao ceeo. e teve mentes contra a deextra parte. vyo em huum lugar. assy como soombra de corpo humanal. e foy muyto spantado e torvado. E cuydou que era fantasma aquello que vya. e fez o sygnal da cruz e orou. E fecta e perfecta a oraçom. vyo huum corpo contra a parte do meo dia andar. todo muy negro e da queentura do sol muyto queymado. Os cabellos da ssua cabeça eram alvos como a llaã alva. pequenos e chegavam ataa o collo. Quando esto vyo Zozimas ouve gram prazer. e começou de correr. com muy grande alegria contra aquella parte onde vira aquel corpo por que avya muytos dias que nom vira semelhança de natura humanal. nem figura de outra animallia. nem de ave. E maravylhou-sse muyto Zozimas que cousa era aquello que assy vira penssando que era algũa nobre e grande pessoa. E quando ella vyo Zozimas de longe e que se viinha chegando a ella. começou muyto a pressa fugir pera dentro do deser-

[1] No texto *obraua*.

to. E Zozimas. nom como velho e fraco e do longo camynho muy canssado. começou muyto a pressa hyr em pos ella. Pero que ella fugia o mays que podia. Zozimas corria mays que ella. e pouco e pouco chegou acerca della. E quando foy acerca della. e per spaço que ja o poderia ouvyr. braadou Zozimas. e disse: Servo de Deus por que fuges de mỹ que som homem velho e peccador? rogo-te quem quer que es que me atendas. e conjuro-te por o nosso senhor Deus em que tu as bõa sperança da vida perduravyl per os teus trabalhos. que falles comygo palavras sanctas e de ediffiçaçom. Rogando esto Zozimas com muytas lagrimas chorando. chegarom anbos a huum regato seco ella passou da outra parte do regato. e pareceo em tal modo que a vyo Zozimas. O sancto homem Zozimas era ja muyto canssado [1]. e nom podia mays correr e steve quedo. E aquella que fugia steve queda e disse: Padre Zozimas. por que me segues e corres em pos mym? Rogo-te por Deus que me perdões. que nom posso tornar contra ty mynha face. por que som mulher e ando nua. mays lança a mym esse teu manto. pera com [2] que possa cobrir a vergonha de meu corpo. e assy hyrey a ty pera receber as tuas orações. Quando o sancto Zozimas esto ouvyo. s. seer chamado per seu nome. ficou spantado e muy torbado. Mays por que el era comprido do spirito e graça divynal. emtendeo que o non poderia chamar per seu nome aquel que o nunca vira nem ouvyra. ssem lhe seendo revellado e demonstrado per a sciencia e ssabedoria de Deus. E el. com a fface atras tornada emviou-lhe huum pano muyto velho que tragia vestido com que cobrisse sua vergonça. Ella tomou-o e cinge-o [3] arredor de ssy e cobrio a parte necessaria de seu corpo. E teve mentes ao sancto homem. e disse-lhe: Padre que fezeste em quereres veer hũa molher pecador? ou por que tomaste tantos trabalhos. pera me aver de conhocer? E o sancto homem ficou os geolhos em terra. rogando-a que o [4] beenzesse. Ella lançou-sse em terra e adorava o sancto homem. E assy stavam ambos em terra lançados adorando huum o outro rogando-sse que sse dessem a beençom e non diziam outra palavra se nom: Padre beenze-me. E estando em esta referta quem beenzeria primeyro o outro. respondeo ella primeiro e disse: Padre Zozimas a ty compre beenzer e orar. por que tu as offi-

---

[1] No texto *canssando*.
[2] Uma destas particulas está a mais.
[3] Leia-se *cingé-o*, isto é, *cingeo-o*.
[4] O copista escreveu por lapso *a*.

cio sancto do sacerdocio e muytos annos ha que serves em no sancto altar. e na tua mente es complido das sanctas orações. Quando esto ouvyo o sancto homem espantou-sse e foy muyto torvado e disse: Certo madre ora vejo eu que tu es complida de toda graça spiritual. por que tu demostraste em mym o officio do sacerdocio. que tu nunca viste. Mays por que a graça spiritual nom he dada ao homem por a dygnydade. nem por o ssacerdocio mays por os boos custumes e obras sse guanha. eu te rogo e per o senhor Deus te conjuro. que eu receba de ti primeyro a beençom. e me des tua oraçom. E ella consintio as palavras do sancto homem e disse: Beento seja o senhor Deus remiidor das nossas almas. el te de goyvos e alegrias pera sempre perduraviis. E o sancto homem respondeo Amen. Entom levantarom-sse ambos da terra. e ella disse ao sancto homem: Rogo-te padre que me digas. por que quiseste viinr a mym pecador. ou que queres de mym que som molher emferma de todo bem. O sancto homem respondeo: Non foy esto soo por a mynha voontade, mais por plazer assy a Deus que nos [fez tam grande] [1] graça que nos vissemos ambos. Ella respondeo e disse: Verdadeyramente assy he como tu dizes. mais rogo-te padre que me digas. como vivem em no mundo os cristaãos e como stam os reys e os pastores da Igreja. E o sancto homem respondeo e disse: Leyxando as muytas palavras. digo-te madre que o nosso senhor Jesu Christo e nosso remiidor deu ao sseu poboo firme paz. mays rogo-te que demandes em tuas orações a Deus por stabilidade e firmeza da sua Igreja. e por meus pecados. Respondeo a sancta molher e disse: Padre Zozimas cousa razoavyl he e necesaria. que tu rogues a' Deus por todos e por mym pecador. por que tu es honrrado do officio do sacerdocio e delle bem merecedor. e pera esto es chamado. Pero por comprir teu mandado. quero obedeecer. e com toda virtude e meu poder. pero som pecador. rogarey a Deus. E levantou os olhos contra o ouriinte. e as maãos ao ceeo. e começou sso ssilencio orar. movendo seus beyços. mays sua voz non era ouvyda. entanto que o sancto Zozimas non pode entender o que ella em sua oraçom dizia. Mays dava el em testemunha nosso Senhor e dizia que emquanto aquella sancta molher fazia sua oraçom que a viia el. estar levantada de terra em no aar acerca de huum covodo. E el veendo tal vysom ouve gram temor. e com espanto cayo em terra e ouve ffortes suores. e nom pode dizer outra cousa senom

[1] Cf. a versão atrás citada.

Kyriel[*eison*]. que quer dizer: Senhor Deus amerçea-te de mym. E em tanto ella assy stava. começou o velho muyto duvydar sse era fantasma. e em esta duvyda. fingeo que orava. e lançou-sse em terra. E a sancta molher chegou-sse a el e levantou-o de terra e disse: Padre por que torvam tanto teus penssamentos. e es e[m] mym scandalizado. cuydando que eu era fantasma e spirito maao. e fingia fazer oraçom? Senhor sey certo. que eu som molher pecador. pero som baptizada do baptismo de nosso senhor Jesu Christo e spirito maao nom som. ssom terra e ciinza e non hey nen hũa obra do spirito maligno. E esto dizendo fez o ssignal da cruz em sua fronte e em seus olhos e em seus pectos e disse: Padre Zozimas. Deus todo poderoso nos livre daquel maao emmiigo antigo contrayro ao linhagem humanal. e nos ajude contra el. por que el nom cessa lidar e batalhar contra nos. Quando esto ouvyo o sancto homem. lançou-sse em terra aos pees da sancta molher e disse com lagrimas: Conjuro-te per Jesu Christo Deus verdadeyro nosso Senhor que naceo da virgem Maria por remiir e salvar os homeens. por o qual tu atormentaste assy as tuas carnes. que nom ascondas nem negues a mym teu servo. quem es e donde es. e como e per que guysa e em que tempo veeste a este hermo e rogo-te que me digas estas cousas todas per o meudo. pera que eu claramente possa conhocer as grandes obras e maravylhas da sabedoria de Deus e thesouro escondido. o qual o mundo nom he digno conhocer. E por que na sciencia emçarrada e thesouro ascondido nom ha provecto. por Deus padre todo poderoso te rogo que me digas todo e nom leyxes [1] cousa por dizer. Esto que digo non o pregunto por vaangloria do mundo. mays soo por aver bõa hedificaçom. E creo em Jesu Christo ao qual tu oferecisti a tua alma. que tu veeste a este hermo pera as obras maravylhosas de Deus seerem demostradas. glorificadas e exalçadas per ty. por que nen huum nom pode escoldrinhar nen saber os avissos dos juyzos de Deus. Se ao nosso senhor Deus nom prouvera de te eu em este hermo conhocer e saber todos trabalhos e afflições que em el ouveste e pasaste. nom te me mostrara. nem leyxara a mym pasar e padecer tantos trabalhos e afflições per este deserto. Quando estas cousas e outras semelhaviis disse o abbade Zozimas. a ssancta molher o levantou da terra e disse: Abbade Zozimas. torpe cousa e muy vergonhosa he a mym dizer esto que preguntas. pero rogo-te que me perdoes. e direy. Tu me viste

[1] No texto *lheixes*.

nua. ora te quero mostrar e dizer mynhas obras. pera que sabhas todas mynhas maldades. e nen hũa dellas te asconderey por que tenho que nom fiz obra em que aja de tomar gloria. em como eu fosse fecta vaso escolheyto do diaboo. Som certa sse começar a contar as mynhas obras fugiras de mym. assy como de serpente. e as tuas orelhas nom poderom ouvyr nẽm receber quantas e quaes obras e maldades fiz e obrey. pero que te direy todo e nem hũa cousa te asconderey. E rogo-te padre. que nom ceses rogar por meus pecados. pera que per tuas orações mereça aver misericordia no dia do juyzo. O velho altas as maãos ao ceeo. de seus olhos lançava muytas lagrimas e a ssancta molher começou contar e dizer suas obras.

Como a sancta disse de que terra era e como e por que leyxara seu padre e madre.

Eu. padre som natural da terra do Egipto. e vivendo aynda meu padre e mynha madre. seendo eu em hydade de XII annos parti-me delles. e leyxey-os e fuy-me a ciidade de Aleyxandria em a qual como e com quanta corrupçom. luxuria e fornicaçom usey e dey meu corpo. eu nom o posso dizer nem contar. pero que brevemente padre te direy a gram maldade da mynha fornicaçom. Dez e sete annos e mays stive no lugar publico usando publicamente de meu corpo. dando-o sem vergonha a quem o queria. sem me dando de meu trabalho nen hũa cousa. nen avendo outro provecto. ssoo provecto grande era a mym luxuriosamente viver. jogos. cantares de caçurrias e de bevedices avya eu por thesouro e requeza. Muytas vezes o dinheiro e outro guaanho que me davam por meu trabalho nom o queria tomar. pera aver mays amygos pera conprir meu maao desejo. Esto nom o fazia eu por requeza que eu ouvesse. mais sso por satisffazer ao maao desejo. O meu grande amor e desejo de dia e de nocte era. usar de pecados e maldades e fazer emjuria aa natura. Estas maldades. pecados e torpidades usey em tenpo da mynha mocidade e mancibia.

Como sse partio sancta Maria egiciaca do Egipto quando veo adorar a vera cruz.

Aconteceo em o tempo do veraão. que vy muyta gente de terra do Egipto e de terra de Lybia viir contra o mar e pregunntey huum homem que acerca de mym stava. pera onde hya

aquella gente assy apressa e que camynho era o sseu. E el respondeu e disse: Estes todos sse vaão aa ciidade de Jerusalem. com desejo pera veer e adorar o lenho da vera cruz em o qual padeceo o nosso Salvador que ham de mostrar depoys de dous dias. Eu dixi aaquel que me esto dizia. O hyrmãao per Deus te conjuro que me digas sse eu quiser hyr com elles. sse me daram lugar e lecença. El respondeo e disse: Se deres dinheiro e teveres despesa. nom te pode nen huum enbargar. E eu lhe respondy e dixe: Por certo hyrmãao te digo que eu nom hey dinheiro. nen despesa. mays eu me esconderey em hũa destas naves. e sey certo que elles me levarom. e darom o que ouver mester. aynda que nom queyram. por que eu lhes darey por frete e despesa meu corpo. Rogo-te padre Zozimas que me perdoes. Eu desejava hyr com elles. soo por comprir meu maao e pessimo desejo da carne. Eu te dixe padre e roguey que me nom preguntasses. nem quisesses saber as mynhas vergonhas e fectos. que nom som de dizer e com gram tremor. temor e spanto os digo. O senhor que vive sabe que nom soo as tuas orelhas sse çujam com as mynhas palavras. mays aynda o aar sse conrrompe. E Zozimas esto ouvyndo com muytas lagrimas disse: O hyrmãa eu te conjuro per Deus que dygas e fales. e nom leyxes a historia começada de nobre hedificaçom. E ella começou de explanar e dizer. Aquel homen que eu preguntey pera hu hya aquella gente. ouvyndo as mynhas palavras viis e torpes. ffoy-sse sorrindo. E eu muyto apressa ffoy e cheguey ao mar. e na praya do mar vy x mancebos fazer jogos e trebelhos vaãos do mundo que aguardavam por seus companheyros pera navygar. e muytos outros eram ja nos navyos. Eu muyto apressa e ssem vergonha me junctey com elles e dixi: Levade-me com vosco ao lugar onde hydes. que provecto averedes de mym. E elles levarom-me comsiguo e entrarom elles e seus companheyros e eu com elles no navyo. E o padrom do navyo mandou levantar as ancoras e alçar a vella. e [o] navyo começou fazer seu curssu e sua viagem. Em toda aquella viagem meu fecto era. jogos. comer. bever. fornygar. adulterio. rysos stranhos. torpes palavras. e outras cousas a estas semelhaviis. que a lingua nom pode dizer. falar nen declarar. nen orelhas podem soffrer ouvyr as palavras e dizeres pessimos. que eu naquel navyo fazia e dizia. Das quaes obras pessimas e maliciosas. o espanto e temor das ondas e tremor do mar. nen as tormentas dos ventos nom me castigavam nem emmendavam das mynhas maldades. E nom

solamente convydava eu per a mynha [mizquindade] [1] os garções e luxuriosos mays aynda os que eram castos e honestos eu tragia aa mynha miseria e çugidade. e era perdiçom das almas delles. Onde me muyto maravylho e me spanto como o mar soffreo tanta mynha maldade. ou como a terra nom sse abrio. e o inferno me nom sorveo [2] vyva. Mays segundo eu vejo. o nosso senhor muy misericodioso Deus quis soffrer. e aguardou e atendeo a mynha penitencia. por que el nom quer a morte do pecador. mais que sse converta e vyva. E em este [3] modo e maneyra chegamos muyto a pressa a Jerusalem. E em todos os dias que stevemos em Jerusalem ante da festa de sancta cruz. nom cessey eu fazer mynhas obras. e peores que ante fazia por perdiçom de muytos. Quando chegou a festa de sancta cruz do Salvador. andando eu pella ciidade assy como avya em custume mirando as gentes pera caçar as almas dos inocentes pera perdiçom. Em aquel dia viinham os homeens todos bem cedo aa igreja. e eu fuy-me com elles e cheguey aas portas da igreja. E quando foy hora de adorar a sancta vera cruz. queria eu entrar na igreja con os outros em tal guysa era embargada e de huuns e doutros empuxada. que nom podia em nen hũa guysa entrar com a campanha na igreja. E queria-me chegar aas portas pera veer a sancta cruz e aadur podia chegar a ellas e esto com choro e grande trabalho. E quando eu mesquinha chegava e poynha os pees no portal das portas pera emtrar. entravam todos lygeyramente. e a virtude de Deus empuxava a mym soo e me non leyxava dentro entrar. E eu provava pera dentro entrar e em nen hũa guysa nom o podia fazer. assy que eu soo fiquey no adro e toda a outra companha emtrou. Eu penssey que esto era por a mynha ffraqueza porque era molher. e trabalhey de entrar com as outras molheres per muytas vezes. mays todo era em vaão. por que tanto que eu poynha o pee em o portal. logo era empuxada e posta fora. assy que o sancto templo recebia os outros todos sem enbargo nen huum mays a mym soo cativa nom queria receber em nen hũa guysa. e assy como aaz de cavaleyros que estevessem e fossem contra mym. e me nom leyxassem entrar. asy me empuxavam cada vez ataa as portas do adro. Depoys que me esto per muytas vezes aconteceo. fiquey muyto fraca e canssada. em guysa que nom podia estar sobre meus

[1] Cf. a versão já citada.
[2] No texto *soffreo*.
[3] Id *esto*.

pees. Entom asseentey-me em huum canto do adro apartada e soo. penssando e cuydando em mym donde me vynha tanto mal. e non poder emtrar no templo. Estando assy penssando. entendi que esto me viinha por a gram çugidade das mynhas maas obras e porem non podia entrar adorar o lenho da sancta vera cruz. Entom comecey eu mesquynha chorar e feryr meus pectos. e dar grandes sospiros de coraçom e sparger muytas lagrimas. E tive mentes do lugar donde estava. e vy hũa ymagem da Virgem Maria que stava figurada adeparte em huum lugar. e torney-me a ella de toda voontade e de todo coraçom e dixe: Oo virgem sancta que geeraste o ffilho de Deus emcarnado. eu sey ben que non som merecedor de olhar a tua grande nobreza. por que som çuja de grandes e muytas çugidades. pecados e mezquindades. som certa que o nosso senhor quis tomar carne e seer homem. por os pecadores chamar e trager a penitencia. porem madre de Deus rogo-te que me ajudes. ca eu ja nom hey esforço nen conforto nen huum. e ffaze-me entrar as portas da sancta igreja. Rogo-te senhora que me ffaças conhocer o honrrado lenho da ssancta vera cruz. em o qual foy posto Deus em carne o qual tu geeraste e eu senhora daqui endeante ja mais nom ençujarey esta carne com maas obras. E senhora tanto que me tu outorgares. que eu adore o lenho da sancta vera cruz. logo eu renunciarey o mundo e todas suas cousas. e me hyrey ao lugar que tu mandares e mostrares o camynho e carreyra da saude. E tanto que eu esto dixe tive firmemente em meu coraçom. que a madre de Deus me guaanharia todas estas cousas que lhe eu demandava. de nosso senhor Jesu Christo. e tirey-me daquel lugar em que orava e junctey-me com os outros que emtravam no tenplo. E como eu quyge emtrar nom fuy lançada nen enpuxada de fora. como ante era. mays assy entrey a pressa com os outros no templo. como se ondas do mar me empuxassem e lançassem dentro. e cheguey-me ao sancto lugar que ante nom podia hyr. Entom pero com grande prazer ouve pavor e gram temor. por que me viia estar em aquelles sanctos lugares. em os quaes ante por as mynhas maldades non podia emtrar. e sem nen huum trabalho adorey o lenho da sancta vera cruz. Emtom sinty huum odor nobre e muy precioso. e de grande dulcidom. e mereci de veer todos os sacramentos de nosso senhor. E say-me do templo e torney-me aaquella que me aly trouvera per ffe. E tanto que cheguey aaquel lugar em que fezera o promitimento aa madre de Deus ffiquey os geolhos em terra e comecey a dizer estas palavras: Tu senhora te amer-

ceaste de mym. e nom engeytaste os meus rogos. e per ty merecy eu de veer a gloria de Deus. que os pecadores nom podem veer. e ora sse achega o tenpo pera eu comprir o que te eu promety. rogo-te que me aderences. assy como a ty plaz e mostrame a carreyra da penitencia e da saude. E tanto que eu esto dixe. ouvy hũa voz. que dizia: Sse passares o rio de Jurdam. aly acharas boa folgança. Quando eu ouvy tal voz. crey que por mym fora dita e levantey a mynha voz com lagrimas e dixe: O madre de Deus. senhora mynha. non me desenpares. e sey ssempre en mynha guarda em o lugar hu me mandares hyr. E depoys que esto dixe say-me do adro do templo. e vio-me huum homem piadoso e deu-me em smolla tres dinheiros. e disse-me: Madre toma estes dinheiros por Deus. E eu tomey-os. e comprey delles tres paães. e trouve-os conmygo no camynho por beençom. E preguntey aaquel homem de que comprey os paães. per que lugar era o camynho pera hyr ao ryo de Jurdam. e el me mostrou a porta da ciidade per que ffosse ao rio de Jurdam. E quando eu adorey o lenho da sancta vera cruz era ora de terça. e comecey andar meu camynho. e ante que ffosse sol posto. cheguey a oragoo de sam Joham Baptista que sta na riba do rio de Jurdam. e em el lavey a fface e os pees. e em aquel oragoo e moesteyro de sam Joham Baptista recebi os sanctos sacramentos. E aly comy a meatade de huum pam e bevy da agua do rio de Jurdam e dormy essa nocte em riba do rio. Em outro dia entrey em hũa barca e passey o rio. rogando muy afficadamente a madre de Deus que me mostrasse a carreyra da saude assy como a ella prouvesse. E vii[m]-me e entrey ao hermo e des aquel tempo ataa ora. me alonguey e apartey morando em os lugares desertos. atendendo e sempre sperança avendo em o nosso senhor Deus que salva todos aquelles que sse a el convertem.

De como sancta Maria egiciaca disse a Zozimas o que passara no deserto e como se tornou Zozimas pera o moosteyro.

Quando estas cousas ouvyo o sancto homem Zozimas disse a ssancta molher: Senhora dyme quantos anos ha que moras em este hermo? Respondeo ella e disse: Eu pensso que som XL annos que eu say da ciidade sancta de Jerusalem. E o sancto homem disse: Em este hermo que achaste pera comer depoys que aquy moraste? E ella respondeo e disse: Eu trouxe dous paães e meyo quando passey o rio de Jurdam. os quaes per

tenpo forom duros como pedra. e per alguuns annos comy delles. E o sancto homem lhe disse: Dy-me se em tantos annos vivyste sem trabalhos. ou por que fuste assy revatada e convertida ouveste graça e viveste ssem elles? Respondeo ella e disse: Padre tu me preguntaste ora cousa em que ha muyto temor. porque se eu quisesse contar os periigos e tenptações e as inssidas. penssamentos e cuydações que padecy. muyto temo que sse me renovem como de primeiro. E o sancto homem lhe disse: Senhora non leyxes nen hũa cousa que me todo non digas e declares. por que eu te roguey que me contasses todo per meudo. E a sancta molher respondeo e disse: Cree-me padre que per XVII annos lydey com as tenptações e penssamentos carnaaes em este deserto que me conqueriam e bravamente combatiam. quando me nembrava da avondança dos manjares que ssoya aver. e desejava as carnes e os pescados que comya no Egito e cobiiçava o bever do vynho muyto quando era no segre e no secular. E outrossy era contenta das dellectações dos maaos cantares. dos demoes que ante aprendera. [1] mais tanto que me vya tentada começava chorar e braadar por aquella que me nembrava que fora mynha guyador. e a que posera mynha ffe. quando emtrey em este hermo. e assy como sse estevesse ante a ymagem da madre de Deos a rogava com muytas lagrymas. que afastasse de mym as maas e muytas e çujas cuydações da mynha mente. E depoys de muytas lagrymas vya a redor de mym lume muyto splandecente e as mynhas lagrymas eram cercadas de lanpadas splandecentes. E depoys desto combatiam-me as cuydações dos fornizios que assy como ffogo guastavam as emtradanhas do meu coraçom. e emduziam-me aos maaos desejos e torpes. Quando taaes lydes. e tenptações como estas continuadamente e muyto a meude me combatiam. acoria-me as armas da oraçom. assy como avya acostumado. e lançava-me em terra com muytas lagrymas. rogando a mynha guyador que me acorresse em tal guisa que eu non falssasse nen trespassasse o que prometera. pera non hyr aas penas perduraviis. E non levantava a mynha face da terra. ataa que passava todo o dia e nocte e ataa que veesse aquel splendor muy doce e glorioso lume que me cercava toda em redor. e lançava e fazia fugir de mym todos emduzementos e penssamentos de muytas fortes e maas tenptações. E per esta guisa fuy eu defesa e conssollada da ssancta fé, e da virgem mynha fiador e guyador e assy tres-

---

[1] *aprenhdera*, tem o texto.

passey XVII annos de muytos perigos scapando. E des aquel tenpo aca sempre acho prestes a virgem Maria mynha fiador e ajudador. que me vigia e guarda de toda parte. E o sancto homem a preguntou e disse: Des aquel tempo ouveste myngua do comer ou do vistir? E a sancta molher respondeo: Verdadeiramente te digo padre que eu per XVII annos comya das hervas que achava no deserto e as vestiduras com que eu passey o rio de Jurdam pera o deserto todas apodrecerom e forom rotas e eu fuy muy tribulada e tormentada das geadas e frios do ynverno e no veraão da queentura do sol. E des aquel tempo ataa agora a misericordia do Senhor livrou o meu corpo e a mynha alma de todos os periigoos. em tal modo e guisa que quando me nembram os grandes periigos e muytos de que scapey pella graça de Deus me crece grande prazer e sperança grande de mynha saude e salvaçom e a palavra de Deus he a mym manjar. bever e vistidura. porque o homem nom vive soo no pam mais em a palavra que saae pella boca de Deus e a scriptura diz que os que non teverem vestidura. que sse vestam de pedra e outrossy os que sse desvestirom das maldades. Quando o sancto homem vyo que ella falava por as sanctas scripturas disse: Senhora rogo-te que me digas sse liias em o hermo ssalmos ou livros das scripturas. E ella disse: Homem de Deus cree-me. que eu non vy outro homem depoys que passey o rio de Jurdam. se nom soo a tua presença. nem vy besta. nem outra anymalia. Eu nunca aprehendy leteras. nem vy nen huum que mhas [1] ensinasse mas a palavra de Deus que sempre vive. enssina ao homem toda sciencia. Hora te contey e dixe declaradamente todas mynhas obras. Ora te rogo padre como te ante roguey. e te conjuro per o verbo de Deus encarnado. que rogues ao nosso Senhor continuadamente por my pecador. Depoys que esto disse a sancta molher e acabou suas palavras. o sancto homem ficou os geolhos em terra e levantou sua voz com lagrimas e disse: Beento es tu senhor Deus e todo poderoso. que a my pecador demonstraste todos os beens que tu deste aos que te temem. e nunca desenparas os que te demandam. E a sancta molher levantou o sancto velho de terra e disse-lhe: Homem de Deus. eu te conjuro per Jesu Christo nosso salvador. que non digas estas cousas que ora ouvyste a mym a nen huum. ataa que nosso senhor me mande hyr deste mundo. Ora te vay em paz. e em este anno que ha de

[1] Entenda-se *mi as*.

viinr me veeras outra vez. e eu veerey a ty com a graça de Deus. E rogo-te que em toda a quareesma deste anno que a de viinr non passes o rio de Jurdam segundo o custume do moesteyro. Quando o sancto homem ouvio que ella lhe falava da regla sollene do moesteyro maravylhou-se e non dizia outra cousa se nom: Gloria a ty Senhor Deus que das grandes e nobres dões aaquelles que te amam. E a sancta molher lhe disse: Tu mora dentro no moesteyro assy como te eu dixe e nom sayas fora assy como a regla manda. e posto que tu queyras sayr non te leyxarom e aa vespera da sancta cea de nosso Senhor toma o corpo sancto e o sangue de Jesu Christo em huum vaso muy linpo e trage-mho e atende-me da parte dalem do rio de Jurdam. e aly hyrey eu e receberey o sancto sacramento do corpo e sangue de Jesu Christo. porque depoys que comunguey em oratorio de sam Joham Baptista ante que passasse o rio de Jurdam. non receby depoys o sancto sacramento e amoesta e dy ao abbade Joham do moesteyro em que moras que sse perceba e vigiee bem sobre seus ffrades por que algũas cousas sse fazem em el que compre e faz mester de seer emmendadas. E depoys que esto disse a sancta molher emadeo e disse: Ora por mym padre. E partio-sse del e ffoy-sse dentro pello deserto.

De como Zozimas trouve o sacramento sancto a sancta Maria egiciaca.

O sancto homem Zozimas ficou os geolhos em terra e beyjou a terra em que a sancta molher posera os pees e ledo e com gram prazer da alma e do spiritu dando muytas graças ao salvador Jesu Christo sse partyo do hermo e em aquel dia que sse partyo chegou ao seu moesteyro em que morava. E per todo aquell anno sse calou e daquello que vyo non disse cousa a nen huum. E acabado o anno quando veerom os dias do jajuum da quaresma. em o primeiro domynguo depoys da sollepnidade. ssayrom-sse os outros frades do moesteyro cantando segundo a regla. mays o sancto padre Zozimas era muy doente e emfermo de febre e non pode sayr do moesteyro. Entom se nembrou da palavra que lhe disse a sancta molher quando stava falando com ella no hermo que posto que quisesse sayr do moesteyro que nom poderya. Mais a cabo de poucos dias ffoy saão da emfermydade e esteve no moesteyro. E quando veo o dia da sancta cea de Jesu Christo. trabalhou-sse de ffazer o que lhe dissera e mandara fazer a sancta molher e levou comsygo em huum caliz pe-

queno o sacramento do corpo e do sangue de Jesu Christo. E tomou huuns poucos de datilles e de figos passados e lentilhas em agua molhadas e aa ora de vespera chegou aa riba do rio de Jurdam e steve atendendo a sancta molher e ella por que tardava e non viinha tam asinha o sancto homem esguardava e parava mentes contra o deserto sperando veer aquella que muyto desejava veer. E antre ssy dizia: Per ventuyra os meus pecados lhe fezerom que non veesse a my ou per ventuyra veo ja primeiro que eu a este lugar e por que me non achou tornou-sse. Esto dizia o velho com grandes lagrimas e grande door de coraçom. E levantou os olhos ao ceeo e fez oraçom e rogou a nosso senhor em estas palavras: Senhor Deus. rey de todas as criaturas. nom me façAs mynguado de veer eu aquella que desejo veer outra vez. nem me prives nem leyxes partir sen veer a ssua presença. E dictas estas palavras. começou cuydar antre ssy e dizendo: Que farey se veer a sancta molher? Aquy non ha navyo em que ella sse veer possa passar este rio de Jurdam. pera viinr a mym pecador. Ay de mym non digno, como som privado de tanto bem e de todo meu desejo. Dizendo o sancto homem antre ssy estas palavras pareçeo a sancta molher que stava ja na riba do rio. E quando a vyo o sancto homem. alegrou-sse muyto e ouve gram prazer dando muytas graças ao nostro senhor. E cuydando el como a sancta molher poderia passar o rio parou mentes e vyo como ella fez o signal da cruz sobre as aguas do rio e começou de andar per cima da agua com seus pees e chegou muyto a pressa ao lugar hu el stava. O velho veendo tantas maravylhas lançou-sse em terra e quisera-a adorar. E ella começou altas vozes braadar e dizer que o nom fezesse por que tu trages comtygo o sancto sacramento e as aynda dynidade de sacerdocio. e disse: Padre beenze-me. E elle tremendo disse: Eu sey que a verdade nunca ffalece. que prometeo e disse que os seus servos fariam milagres e grandes maravylhas como el e mayores. Quanta virtude he de aquelles que fugem ao mundo e con linpo coraçom e boom desejo se cheguam ao senhor Deus. Gloria seja a ty nosso senhor Deus que me non privaste nem fezeste mynguado do desejo do meu coraçom nen tiraste a tua misericordia de mym e me mostraste quanto som alongados de mym os camynhos e carreyras da verdadeyra saude. Depoys que o sancto homem esto disse rogou-lhe a sancta molher que lhe dissesse o ssynbollo da ffe que he o *credo in Deum* e a oraçom do senhor que he o *pater noster*. E acabada a oraçom deu a sancta molher paz ao sancto homem e

assy recebeo a sancta molher o sancto sacramento do corpo e sangue de Jesu Christo. Entom a sancta molher alçou as maãos aos ceeos e disse: Senhor Deus ora leixas tu a tua serva em paz. segundo a tua palavra porque virom os meus olhos a tua saude. E disse ao sancto homem. Rogo-te que em outro anno que compras e façias o meu desejo e venhas em o anno que ha de viinr ao lugar hu primeiro falei contigo. e ora vay-te com paz ao moesteyro e rogo-te por nosso Senhor Deus que toda vya venhas pera me veer assy como prouver a Deus. E o sancto homem disse a ela: Rogo-te que coymas e gostes huum pouco desto que eu trago commygo. E ella entom tomou tres graãos de lentilhas molhadas e deu a Deus graças e disse: A graça do Spirito Sancto nos avonde pera podermos guardar os preceptos e mandamentos de Deus sem pecado. E tu padre ora por mym a nostro Senhor e sey nembrado de mim. E o sancto homem disse: E tu ora e faze oraçom a Deos pella sancta igreja e por a cristindade e por mym pecador. E salvarom-sse e espidio-sse [1] huum do outro. E a sancta molher signou-sse e fez o ssygnal da sancta cruz e passou o rio de Jordam com seus pees como fez da primeira. E o sancto homem ficou e reprehendendo a ssy muyto porque a non preguntara por o sseu nome proprio e ffoy-se pera seu moesteyro.

Como e onde se finou sancta Maria egiciaca.

Em outro anno trabalhou-sse o sancto homem Zozimas pera hyr ao hermo assy como avya em custume e andou tantos dias ataa que chegou ao lugar maravilhoso que lhe a sancta molher disera e aly sperava achar alguuns signaaes do seu desejo. E quando vio que non viinha nen huum começou muyto a chorar e dizer: Senhor Deus mostra-me o teu thesouro. que nom pode seer furtado o qual tu ascondeste em este hermo. amostra-me o teu anjo encorporado do qual este mundo nom he digno. Depois que esto disse. chegou a huum lugar de huum regato hu jazia o corpo da sancta molher finado. suas maãos e seus pees assy postados como convem aos finados e a ssua face tornada contra a parte do ouriinte. Quando a vyo o sancto homem. correo muyto a pressa contra ella. e começou de beyjar os seus sanctos pees e rega-los com muytas lagrimas. e non ousava de tanger nen hũa outra parte do corpo da sancta molher. E começou

[1] *espidediosse* no texto.

dizer e cantar salmos quaes conviinham a tal officio e fazer e dizer outras orações ssollẽpnes. E cuydava antre ssy dizendo: Eu queria soterrar este sancto corpo. mas temo que non praza aa sancta molher. Cuydando el e penssando em esto vyo leteras scriptas em terra aa cabeça della que diziam assy: Zozimas. em este lugar emterra Maria e da o sseu corpo a terra e ora por mym ao nosso Senhor per cujo mandado o segundo dia do mes d'abril leixey este mundo. Quando o sancto homem leeo as leteras ficou muy alegre e ouve gram prazer por que per ellas soube o nome da sancta molher e foy certo que tanto que ella recebeo del o sancto sacramento em no anno trespassado que logo se foy aaquel lugar em o qual acabou sua vida. E aquel camynho que o homem sancto aadur pode andar em viinte dias andou-o a sancta molher em hũa ora e deu a alma ao nosso Senhor Deus. Entom disse o sancto homem antre ssy: Tenpo he que eu compra o mandado e voontade da sancta molher mays que farey eu mezquinho? nom sey como possa cavar a terra. nem tenho com que a cave. E tanto que o sancto homem esto disse vyo huum lenho pequeno e tomou-o e começou a cavar a terra com ell pera a cova fazer pera o sancto corpo e a terra era muy dura e nom sse podia per nen hũa guysa cavar. E o sancto homem como era velho trabalhava muyto e suava em cavar a terra e sospirava muyto de coraçom. E em esto teve mentes e vio huum grande leom estar aos pees da sancta molher beixando as suas peegadas. E quando o sancto homem vyo o leom ouve gram medo e nembrou-sse da palavra que lhe disera a sancta molher que nunca vira besta fera em aquel hermo. E entom fez o sinal da cruz e creeo que lhe nom faria mal aquel leom por a vertude daquel sancto [corpo] E o leom começou a fazer signal ao sancto homem mostrando ssy meesmo a el com humildade. E o sancto homem lhe disse: Esta sancta molher mandou que eu soterrasse seu corpo em este lugar. eu som velho e nom posso cavar a terra. nem tenho ferramenta tal com que a cave. mas tu toma este trabalho e cava a terra pera que possamos enterrar este sancto corpo. Tanto que o sancto homem Zozimas esto disse. logo o leom começou a cavar a terra com as unhas e fez hũa cava qual compria pera o sancto corpo. Entom tomou Zozimas o sancto corpo e o pos em na cova e cobri-o da terra estando com el e ajudando-o o leom. nuu assy como andava fora. tirado que hya cuberto nas partes necessarias com o pano roto que lhe dera o sancto homem quando a primeyramente vyo. Entom partio-sse

daly o sancto homem. e o leom assy como cordeyro mansso (e)[1] ffoy-sse pera o deserto. e o sancto homem tornou-sse dando muytas graças ao Senhor beenzendo. cantando e dizendo hynos e louvores a Deus. E depoys chegou a sseu moesteyro e contou todas estas cousas aos monges e non lhe emcobrio nen hũa cousa de todo o que vyo e ouvyo a sancta molher. E elles quando ouvyrom estas cousas glorificarom e derom muytas graças ao Senhor que tam grandes maravylhas faz e trabalharonsse de fazer festa en cada huun anno em honrra da sancta molher Maria do Egyto em o dia do seu passamento. E o abbade Joham abbade daquel moesteyro. achou que alguuns monjes eram em seu moesteyro de reprehender por as palavars que lhe mandou dizer a sancta molher e castygou-os. E o sancto homem Zozimas morou em aquel moesteyro per spaço de cento annos. fazendo e vyvendo muy sancta vida. glorificando e louvando a Deus dos ceeos. que abre a porta da mysericordia aaqueles que o demandam de todo coraçom e com todo boom desejo, ao qual he honrra e gloria *in secula seculorum Amen. Explicit vita sancte Marie egiciace. Deo gratia.*

Do Codice n.º 771 no Arquivo da Torre do Tombo desde folhas 128 v (numeração antiga CXIX) até 145 (antiga CXXXV) verso.

II. — A vida de sancta Maria egypciaca

Sancta Maria de Egypto que era dita molher muy pecadora viveo em o deserto quorenta e seis ãnos e hum abade que chamavam Zozimas nom podendo passar o rio de Jordam foy-se pera huum grande hermo a ver se por ventura poderia passar por ally: ou se acharia alguum sancto homem: e vio hũa cousa negra e andava espiida e queymada da quentura do sol: e logo Zozimas começou de correr de pos ella muy aa pressa e ella disse. Zozimas porque me persegues: perdoa-me por que eu nom te posso ver sem vergonha porque som molher e estou nuua mas da me ho teu manto com que me cubra porque te possa veer sem vergonha. e elle ouvindo esto ouve medo e deu lhe o manto e lançou se a seus pees della: e rogou lhe que lhe desse a sua bençam e ella disse. padre tu me deves dar a tua por que es sacerdote: e elle veendo que sabia seu nome e seu

[1] Está a mais esta conjunção.

officio maravilhou se muyto: e rogava lhe afincadamente que o benzesse: e ella disse. beento seja deus que remio nossas almas. e ella alçando as mãos ao ceeo e rogando a deus vio a alçar huum covado da terra e o velho duvidou se por ventura era diabo e fazia oraçom e ella disse. perdoe te deus que cuidas que soom diabo e som molher [1]. E entom Zozimas conjurou a por Deus que disesse sua vida: e disse ella. perdoa me, padre que se eu te contar minha fazenda espantar te as de my e fugyras de my como da serpente e as tuas orações [2] se espantariam com as minhas palavras e com minhas çugidades. pero dir tey minha fazenda por que vejas quanto ama deus aos pecadores. primeiramente eu naçi no egypto: e avendo doze ãnos vim me a alexandria. e XVII ãnos andey no mundo como molher publica e nunca foy homem que eu o meu corpo negasse comprindo os deleytos maaos da carne. e eu estando em alexandria vy huuns homens que entravam em hũa nave pera hyr a jherusalem em romaria e roguey lhes muy afficadamente que me deixassem hir la. E pedindo me o marinheiro que lhe desse algũa cousa por que me levasse na nave asi como os outros e eu lhe disse. irmão nom tenho que vos dar se nom este meu corpo: e assi me receberom na nave. ca por o navio ouverom meu corpo. E quando cheguey a jherusalem vym aa porta da ygreja com os outros pera adorar a cruz: e nom veendo quem o fazia empuxava me e nom me deixava entrar dentro: e esto provey tres vezes e nom pude entrar dentro, e os outros todos entravam dentro sem embargo alguum. E eu quando esto vy começey de chorar e ferir meus pectos por que assy me contra estavam meus pecados: e olhey e vy estar fora da ygreja hũa ymagem de sancta maria e comecey a de rogar com muytas lagrimas que me ganhasse perdom de meus pecados e que me deixasse adorar a cruz: e promety lhe de desemparar o mundo e que viviria em castidade. E acabada minha oraçom levantey me: e foy me pera as portas da ygreja e emtrey com os outros dentro e adorey a sancta vera cruz: e deu me huum homem tres dinheiros: e comprey tres pães: e ouvy hũa voz que me disse se passares a jordam seras salva: e logo passey o rio jordam e vym me a este deserto onde morey quorenta e sete ãnos que nunca vy homem do mundo: e aquelles tres pães que trouxe comigo endurecerom

[1] *malher* no texto.

[2] No texto latino *aures tuae a sermonibus meis contaminabuntur et aer a sordibus polluetur*.

assi como pedra: e durarom me dez e sete ãnos comendo delles pouco e pouco. e as minhas vestiduras grande tempo a que som perdidas [1]. e em os XVII ãnos primeiros fuy aqui tentada da carne. mas ja grande tempo ha que o nom som: nem soffro tentaçom nenhũa: ante tomo grande alegria com os anjos: e rogo te que rogues deus por my. E Zozimas quando esto ouviu louvou a deus pollo que ouvira desta sua serva. e disse ella. rogo te que a quinta feyra da çeea que venhas ca: e traze o corpo de deus: e viinrey a ty e o tomarey da tua mão: ca despois que aqui vym nunca comunguei. E Zozimas tornou se a seu moesteiro. e a cabo de huum ãno quando veo a quinta feyra da çeea tomou o corpo de deus e veo aa ribeyra do rio: e vio da outra parte hũa molher fazendo o signal da cruz. E andou a molher sobre as hondas do rio atee que chegou ao velho. E elle quando esto vio maravilhou-se muyto e deitou se na terra e quis lhe beyjar has maãos e os pees com grande humildade: e disse ella. olha nom faças porque teens o corpo de deus contigo e es sacerdote: e rogo te padre que no outro ãno que queyras tornar a visitar me: e ella comungou logo e fez ho signal da cruz e passou o rio como primeiro pera o hermo. E o velho tornou se a seu moesteyro: e veo o outro ãno a aquelle mesmo lugar. e achou a morta e começou de chorar: e nom ousou de ha tocar: e disse antre sy: eu que farey deste corpo. enterraloya e ey medo que lhe pese. e cuydando esto: vio aa sua cabeça letras de ouro escriptas que deziam assi. Zozimas enterra o corpo de maria. e da o poo aa terra: e roga a deus por my que me mandou sahir deste mundo ho segundo dia de abril: emtom conheçeo ho velho que quando tomou ho corpo de deus e se tornou ao deserto que logo se ella sayo deste mundo: e o deserto que andou Zozimas em trinta dias todo o ella andou em huum: e querendo o velho cavar a terra pera fazer a cova nom podia. mas vyo huum lyom que se vinha a elle muy manso: e disse Zozimas ao lyom. mando te da parte de deus que caves a cova pera enterrar esta molher: que eu nom posso cavar que som muy velho e nom tenho com que. E logo o lyom começou a cavar a cova: e quando a acabou foi se seu caminho como cordeiro manso. E o velho louvou o nome de deus e tornou se pera seu moesteiro.

De *Ho Flos Sanctorum em lingoagem portugues*, edição de 1513, a fols. LVI verso.

---

[1] Talvez por *podridas* o lat. diz: *putrefacta sunt*.

MIGALHAS ETNOGRAFICAS

I.—Cancioneiro de Espáriz

As cantigas que se seguem foram colhidas em Espáriz, freguezia do concelho de Taboa, no districto de Coimbra, em periodos sucessivos de ferias:—pelo Natal, nos descantes dos serões em casas palheiras: pela Pascoa, na ocasião do sacho dos milharais e da monda dos trigos; e no verão, nas tardes de vindima e nas noites de escamisada.

Como é de crer estas trovas não constituem senão pequena parte do rico tesouro de moura encantada que é o lirismo local, constantemente renovado pelas modas e cantigas trazidas pelos habitantes da região que para o Brasil, Lisboa e Alentejo emigram em grande numero.

1 Os primeiros amores qu'eu tive,
mandei-os ao rosmaninho:
estes qu'eu agora tenho,
vão pelo mesmo caminho.

2 A ponte da vida chora,
que lhe cortaram a mãe:
tambem os meus olhos choram
saudades por alguem.

3 O anel que tu me deste,
nem o dei, nem o vendi:
deitei-o da ponte abaixo;
o mesmo fazia a ti.

4 Andas morta por saber
de meu peito a verdade:
se tu andas dentro dêle,
quem melhor qu'a ti o sabe?!

5 O tocador da viola
tem precisão de encosto:
um travesseiro de linho,
e uma menina a seu gosto.

6 Assubi-me á oliveira,
p'ra apanhar uma azeitona:
p'ra quem entende bem
duas palavras lhe bonda.

7 Se tu viras o qu'eu vi,
tu te riras com'a mim:
uma cobra a tirar agua,
outra a regar o jardim.

8 O beijo que tu me deste
sem a tua mãe saber;
pega-o lá, já o não quero,
que já lh'o foram dizer.

9 Já lá vae o sol abaixo,
deixá-lo ir que eu não choro:
inda cá fica no mundo
outro sol a quem adoro.

10 Atiraste-me, atirei-te,
ao coração c'uma bala;
desta sorte se castiga
quem ao seu amor não fala.

11 O limão é fruta verde,
que nasce de uma flôr branca:
quem quizer o amor firme
há-de-lhe mostrar carranca.

12 Balas descaminhadas,
matae o capitão-mór:
que pôs o meu amorsinho
na cabeceira do rol.

13 Oh! que lindo luar está,
p'ra apanhar a marcela;
nos olivaes de Coimbra
daquela mais amarela.

14 A silva que me prendeu
sae da bica da fonte;
deixa-me silva magana
amar quem tenho defronte.

15 Uma silva, duas silvas,
É uma brenha fechada:
uma pica, outra arranha,
com silvas não quero nada.

16 Os olhos pretos são falsos,
os castanhos matadores;
os olhos da côr do céo
são esses os meus amores.

17 Uma só palavra tua
decide da minha sorte:
dar-me o sim—é dar-me a vida,
dar-me o não—é dar-me a morte.

18 Eu hei-de ir ao céo em vida,
hei-de ir tocar as trindades;
hei-de chamar por São Pedro,
que me venha dá-las chaves.

19 Rosa que estás na roseira,
deixa-te estar fechadinha:
qu'eu cá vou p'ra minha terra,
quando eu vier serás minha.

20 Fui á fonte das tres bicas,
dei a mão á liberdade:
estava varia dos sentidos,
quando te fi-la vontade.

21 Pus-me a chorar saudades
á sombra da verde cana;
uma flor me respondeu:
muito padece quem ama.

22 Amanhã, se Deus quiser,
fará sol, se não chover;
hei-de ir ver o meu amor,
se a ribeira não encher.

23 Fui á fonte dos alivios,
voltei pela dos cuidados:
enchi a cantara de rosas,
fi-la rodilha de cravos.

24 Só tu, ó meu amor, só tu,
só tu tiveste-la dita;
de entrar neste meu peito,
numa sala tão bonita.

25 Cada vez que vou á missa
no adro faço reparo:
vejo muita cara linda,
só tu és do meu agrado.

26 A' entrada desta terra
me quizeram conhecer:
meti a mão á algibeira,
ou retirar, ou morrer.

27 Venho aqui por te ver,
por te ver eu aqui venho:
venho saber novas tuas,
esse é qu'é o meu empenho.

28 Trago dentro no meu peito
um ramo de violetas:
no dia em que te não vejo
as minhas galas são pretas.

29 Cada vez qu'eu considero,
que de ti me hei-de apartar;
enchem-se-me os olhos d'agua,
não faço senão chorar.

30 A' entrada desta terra...
logo á entrada—não,
está uma perdigotinha...
quem me fôra perdigão!

31 Fui á ponte dos tres bicos
olhei p'ra dentro e vi:
uma cobra a tirar agua,
não sei como não morri.

32 O jasmineiro é verde,
os jasmins que dá são brancos:
não pode ter amor firme
quem se adiverte com tantos.

33 Meu amor em alvas, brancas,
encostado ao jasmim;
meu amor em braços d'outrem,
não sei como não morri.

34 Venho aqui por te ver,
por te ver aqui cheguei:
tantos anjos me acompanhem
como de passadas dei.

35 Mal hajam os teus olhos,
que tão fagueirinhos são:
logo á primeira vista
prenderam o meu coração.

36 Atirastes ao meu peito,
á parte mais delicada:
quem ao meu peito atira,
pouco bem me quer ou nada.

37 Atirei com o verde ao verde,
atirei com o verde ao mar:
atirei com os meus sentidos,
onde não pude chegar.

38 A' entrada desta terra
me quizeram dar pancadas:
não duvido que m'as deem
s'eu tiver as mãos atadas.

39 Eu já fui ao teu jardim,
eu já fui teu jardineiro:
eu já comi da tua fruta,
eu já não fui o primeiro.

40 Cada vez qu'eu vou á missa,
e te não ouço tossir;
não vejo santo nem santa,
nem missa posso ouvir.

41 Os olhos do meu amor
são duas azeitoninhas:
fechados são dois botões,
abertos, duas rosinhas.

42 Atirastes-me ao peito,
á parte mais melindrosa:
Deus permita qu'eu não morra,
que te logre minha rosa.

43 Eu bem sei a quem tu amas,
tu a mim sempre me negas:
lá no adro da igreja
veremos a quem te entregas.

44 Depois que o mundo é mundo,
muita gente tem morrido:
nem no céo tem abaixado,
nem na terra tem crescido.

45 Eu bem sei a quem tu amas,
a quem mostras os cariuhos:
inda m'o has-de dizer,
quando estivermos sósinhos.

46 Rosa, que estás na roseira,
deixa-te estar, que estás bem:
mimosa e regalada,
á sombra da tua mãe.

47 Alegria e tristeza,
tudo por mim tem passado:
se muito me tenho rido,
muito mais tenho chorado.

48 Por um olhar dos teus olhos
dera da vida a metade:
por um riso dera a vida,
por um beijo a eternidade.

49 E' noite, o sol é posto,
e o meu Antonio não vem:
isso são alguns amores
que o meu Antonio lá tem.

50 Se ouvires dizer qu'eu morro,
não tenhas pena, meu bem;
a morte de um desgraçado
não causa pena a ninguem.

51 Rosa, que estás na roseira,
deixa-te estar em botão:
aberta leva-a vento,
fechada sempre tem mão.

52 O' rosa, vem tu comigo,
deixa ficá-la roseira:
que lá baixo vem a chuva,
rosa molhada não cheira.

53 Não ha flor como o suspiro,
na minha opinião:
todas as flores se vendem,
só os suspiros se dão.

54 Os meus olhos mais os vossos,
de longe se estão mirando:
os vossos dizem que sim,
os meus preguntam-lhe quando?

55 Das flores do meu jardim,
a mais estimada é o jacinto:
penas que eu por ti padeço,
Deus as sabe, e eu as sinto.

56 Os campos de mim tem penas,
as aves de mim tem dó;
os campos por ver-me triste,
as aves por ver-me só.

57 A alegria dos meus olhos,
mal haja quem m'a levou:
alegre como eu era,
e agora tão triste sou.

58 Quem fez a casa na praça,
a muito se aventurou:
uns dizem que ela que é baixa
outros que d'alta passou.

59 Assubi ao altar-mor,
a acender velas ao trono:
bem tolo é quem se mata
por amor que já tem dono.

60 Tu prantaste-me em fama,
mas eu hei-de-me tirar dela:
agua clara não turva,
por mais que mexam com ela.

61 O' morte, cruel ingrata,
contra ti tenho mil queixas:
quem has-de levar não levas,
quem has-de deixar não deixas.

62 Alegría e tristeza,
tudo em mim has-de achar:
alegria em te ver,
tristeza em te deixar.

63 Triste seja, triste ande,
quem m'a mim entristeceu:
sempre chore, e nunca ria,
saiba que mal é o meu.

64 O' amor, pregunta agrado,
não preguntes formosura:
que formosura sem agrado,
é pior que a noite escura.

65 Se te eu quisera dar penas,
se t'as eu quisera dar,
fôra te ver ao ribeiro,
onde estavas a lavar.

66 Assubiste-me ao cipreste,
quem m'ha-de agora descer?
tu prantaste-me em fama,
quem m'ha-de agora querer?

67 Eu bem vi andar a morte,
numa vinha a apanhar uvas:
vae-te embora, morte negra,
desamparo das viuvas!

68 Olhos pretos vão á fonte,
que irão eles lá buscar?
ou eles vão buscar agua,
ou penas para me dar.

69 Eu hei-de-me ir, hei-de-me ir,
á porta me hei-de sentar:
onde eu vir que desconfiam,
aí hei-de aporfiar.

70 Hei-de cantar e bailar,
emquanto solteira fôr;
as faladeiras da rua
não tem nada que me pôr.

71 Dá-me uma pinguinha d'agua,
não m'a dês pela panela:
dá-m'a pela tua boca,
qu'eu não tenho nojo dela.

72 Lá vae uma, lá vão duas,
lá vão tres, pela primeira:
lá vae o meu coração,
em cata de quem no queira.

73 Eu hei-de amar o val verde,
emquento tiver verdura:
hei-de amar a quem quiser,
que eu inda não fiz escritura.

74 Visto eu aqui chegar,
haja paz e união;
haja prudencia nos homens,
deitem-se as armas no chão.

75 Daqui onde estou bem vejo,
quem na minha saia corta:
não me cortem eles a carne,
qu'eu da saia não me importa.

76 Minha mãe que me criou
ao peito com tanto mimo:
agora vou para a guerra,
penar como o passarinho.

77 A laranja quando nasce,
logo nasce redondinha:
tambem vós, minha menina,
nascestes para ser minha.

78 Tenho sono, vou dormir,
na cama me vou deitar:
levo-te no pensamento,
contigo hei-de sonhar.

79 Já lá vae pelo mar fóra,
quem cá não há-de tornar:
quem cá fica, fica a rir,
quem lá vae, vae a chorar.

80 Agora, meu pae, agora,
agora é que estou morrendo:
ao pé do poço vi a neve,
toda me estou derretendo.

81 Liberdade, liberdade,
quem na tem, que a possua;
que eu não tenho liberdade,
nem de passear a rua.

82 O' meu amor se tu fores,
ao tribunal das formosas,
agarra-te ás trigueirinhas,
que as brancas são enganosas.

83 Ando rouca e rouquinha,
não é catarro nem tosse:
é o ladrão do amor,
que de mim quer tomar posse.

84 Quem me dera cá o verão,
o tempo das escamisadas;
para dar ao meu amor
quatro castanhas assadas.

85 Rosa branca, toma a côr,
não sejas tão descórada;
que dizem nas outras rosas:
—rosa branca não me é nada.

86 Despedida, despedida,
eu inda me não despeço:
quem se despede, acaba,
e eu inda agora começo.

87 Rua abaixo, rua acima,
sempre de chapeo na mão,
namorando as casadas,
que as solteiras minhas são.

88 Rapariga, a tua vida,
não na contes a ninguem:
uma amiga tem amigos,
outra amiga amigos tem.

89 Se eu a tua casa ia,
bom tempo é que passava:
se comia e bebia,
culpa tinha quem m'o dava!

90 Já lá vae a nau p'rá India
já lá vão os navegantes:
choram os paes pelos filhos,
as damas pelos amantes.

91 De Coimbra me mandaram
cinco peras num raminho:
quem me dera agora a ver,
quem fez o ramalhetinho.

92 Cheguei á cruz de te amar,
calvario dos meus martirios;
queira Deus que os meus afetos
sejam bem correspondidos!

93 Toma lá o que me deste,
tornae-o a arrecadar;
tenho ouvido dizer
que quem aceita qu'ha-de dar.

94 Se eu a tua casa ia,
era por tempo passar:
eu amor nunca t'o tive,
dessa me posso gabar.

95 O meu amor me disse hontem:
adeus ó minha menina;
não dês falinhas a outrem,
que não é vontade minha.

96 Oh! que noite tão escura!
Oh! que céo tão estrelado!
quem nunca tivera amores,
que dormira descansado!

97 Quem quer bem, dorme na rua,
á porta do seu amor:
dos braços faz travesseiro,
das estrelas cobertor.

98 Deita p'ra cá os olhos
amor, de quando em quando;
em modo que não perceba,
a gente que anda no bando.

99 Fostes dizer a meu pae
qu'eu que namorava bem;
tambem meu pae nos seus tempos
namorou a minha mãe.

100 Coração, não andes triste
dois dias qu'has-de viver:
anda alegre como dantes,
inda mais podendo ser.

101 O' minha rosa encarnada,
não te exponhas no chão:
que eu te darei um logar,
dentro do meu coração.

102 O meu amor me disse hontem
que não fosse á brincadeira:
tudo isso lh'eu farei,
não tenho a quem maia queira.

103 Deitae p'ra cá os olhos,
meu amor, deitae, deitae:
que não são perolas d'oiro,
que roubaes a vosso pae.

104 Minha mãe, por m'eu casar,
prometeu-me tres ovelhas:
uma côxa, outra cega,
outra musga, sem orelhas.

105 Por te amar deixei a Deus,
vê amor o qu'eu perdi:
agora vejo-me só,
eu sem Deus, e tu sem mim.

106 O meu amor me pediu:
que não fosse á brincadeira;
isso é que lh'eu não faço,
emquanto estiver solteira.

107 O meu amor foi-se e disse:
que eu por ele não chorasse;
se lhe tinha algum amor,
que o não mortificasse.

108 Esta noite sonhei eu,
a outra sonhado tinha:
qu'estava na tua cama;
acordei, estava na minha.

109 Eu pedi a Deus a morte,
Ele disse, que m'a não dava:
que lhe pedisse eu a vida,
que a morte certa me estava.

110 O meu amor emonou-se,
eu mandei-o ás amoras:
vem tu cá, meu emonado,
qu'isto dura poucas horas.

111 Quero cantar á saloia,
já qu'outra moda não sei:
minha mãe era saloia,
eu com ela me criei.

112 Não vires p'ra cá os olhos,
como virastes agora:
que nesse virar dos olhos,
ás vezes tambem se namora.

113 O amor, emquanto novo,
ama com todo o cuidado:
depois da prenda na mão,
mostra cara de enfadado.

114 Eu pedi a Deus a morte,
agora já estou doente:
já me Deus fê' la vontade,
eu não hei-de viver sempre.

115 Tendes dois olhos na cara,
parecem grãos de pimenta:
pareces-me bonitínha,
algum pecado m'atenta.

116 Deita-me p'ra cá os olhos,
por cima dessa ramada:
antes que eu sou pequenina,
dei a palavra, está dada.

117 Os olhos querem olhos,
os corações, corações;
tambem as boas palavras,
requerem as boas ações.

118 Laranjeira do pé d'oiro,
nem só uma laranja tem:
debaixo ninguem lhe chega,
acima não vae ninguem.

119 Quem me dera agora a ver
o meu adorado bem:
ou alguem, que me dissera,
—lá o vi,—saude tem.

120 Cantigas ao desafio,
comigo ninguem as cante:
qu'eu tenho quem m'as ensine,
—o meu amor é estudante.

121 Já o sol vae arraiando,
por cima das oliveiras:
varejae, varejadores,
apanhae, apanhadeiras.

122 Varejae, varejadores,
apanhae, apanhadeiras:
que isto são pérolas d'oiro,
que caem das oliveiras.

123 Dizeis qu'eu não sei cantar,
eu tambem digo que não:
quem estuda, sabe ler,
eu nunca andei na lição.

124 Chamaste-me farrapeira,
ao portal da minha vinha;
chamaste-me mal asada,
sendo eu tão asadinha.

125 Quem me dera agora a ver,
quem m'inda agora lembrou:
amorzinho da minh'alma,
que tão longe d'ele estou!

126 Vae-te deitar, que são horas,
passaro desaninhado:
— inda não é meia noite,
já os galos tem cantado.

127 Cantigas ao desafio,
p'ra mim são escusadas:
as minhas vão de repente,
as suas são estudadas.

128 Noite escura, noite escura,
eu bem sei quem te arreceia:
quem tem os amores longe,
que toda a noite passeia.

129 Dá-me da pêra madura,
da maçã uma talhada:
se me não deres da pêra,
da maçã não quero nada.

130 Sei um saco de cantigas,
tambem sei uma sacalhada:
se as hoje canto todas,
amanhã não canto nada.

131 Noite escura, noite escura,
p'ra mim nunca amanhece:
nem a agua me mata a sêde,
nem o meu amor me esquece.

132 Dá-me da pêra madura,
da maçã um bocadinho:
da laranja um só gômo,
dessa bôca um beijinho.

133 Quero cantar e não posso,
nem meu coração me ajuda:
morreu-me meu pae ha pouco,
sou filha duma viuva.

134 Quero cantar, ser alegre,
que a tristeza nada tem:
nunca vi que a tristeza
desse de comer a ninguem.

135 Não me namora o teu brio,
nem os brincos das orelhas:
namoram-me esses teus olhos,
debaixo das sobrancelhas.

136 Não me namora o teu oiro,
nem o teu colête aos ramos:
nâmoram-me esses teus olhos,
que t'os hei-de roubar ambos.

137 Fostes muito atrevida,
em me acabar a cantiga:
qu'eu bem na sei acabar,
antes que sou rapariga.

138 Eu queria-me casar,
eu queria dormir só:
eu queria ter meninos,
dà-los a criar a avó.

139 Se és coelho larga a pele,
se és pinto larga a penuge;
se tu aqui estás por fama,
pega nos tamancos e fuge.

140 Setestrêlo, sol e lua,
descobre campos e mar:
até as pedras chorarão,
se o meu amor me deixar!

141 Fostes muito atrevida,
fostes muito confiada,
de me acabar a cantiga,
que eu tinha começada.

142 Toma lá colchetes de oiro,
aperta o teu coletinho:
corpinho que é de nós ambos
deve de andar apertadinho.

143 Não venho aqui por fama,
nem tirá' la a quem na tem;
venho por me adivertir,
assim como você vem.

144 O' minha bela menina,
consigo fica o engano:
sacudo o meu capote,
vae-se o pó e fica o pano.

145 O meu coração é teu,
bem no podes entender:
se o queres amar, ama,
se não deixa-o padecer.

146 Minha terra, minha terra,
minha terra, e eu aqui;
os anjos do céo me levem
à terra aonde eu nasci.

147 Quem me dera agora estar,
aonde está meu pensamento:
destas portas para fóra,
doutras qu'eu sei para dentro.

148 Coração, por coração,
amor não deixes o meu:
olha que o meu coração
sempre foi leal ao teu.

149 Adeus terra de Espàriz,
adonde eu tenho mais ou menos:
adonde eu tenho os meus amores,
e não são dos mais somenos.

150 Adeus terra de Espàriz,
mal de ti nunca o direi:
ou no cimo, ou no fundo,
ou no meio, ficarei.

151 Quem me fôra passarinho,
que avoára a direito:
que fôra fazer o ninho
no adro desse teu peito!

152 O' minha mãe, dê-me as chaves,
qu'eu quero ir ao jardim:
quero ir apanhar rosas,
para dar ao Joaquim.

153 Tendes coração de açucar,
que na agua se derrete:
dae-me uma pedrinha dêle,
p'ra que o meu se não séque.

154 Assubi-me a aquele oiteiro,
só p'ra ver a minha terra:
os doentes sarariam
dos ares que vinham dela.

155 Silva verde, não me prendas,
olha que me não seguras:
olha qu'eu tenho quebrado
outras algemas mais duras.

156 O' meu amor de tão longe,
chega-te cá para o perto:
que me chora o coração
de te ver nesse deserto.

157 Lá no céo vai uma nuvem
todos dizem:—bem na vi:
todos falam e murmuram,
ninguem olha para si.

158 O' mar largo, ó mar largo,
ó mar largo, sem ter fundo:
mais vale andar no mar largo,
qu'andar nas bôcas do mundo!

159 Esta noite choveu oiro,
diamantes orvalhou:
lá vem o sol com seus raios,
enxugar quem se molhou.

160 O mar tambem é casado,
o mar tambem tem mulher:
é casado com a areia,
dá-lhe beijos quando quer.

161 Esta noite, á meia-noite,
ouvi um lindo cantar;
eram os anjos no céo,
ou as sereias no mar.

162 O' meu amor de tão longe,
inda o tornarás a ser;
casarás, viuvarás,
tornarás ao meu poder.

163 O setestrêlo vae alto,
e o cajado revirou:
diga-me, ó minha menina,
a que horas se deitou.

164 Olhos pretos são falsarios,
os azues são lisonjeiros:
os olhos acastanhados
são os leaes verdadeiros.

165 O' castelo não te rendas,
bota bandeira de guerra:
na batalha do amor
quem vence são as donzelas.

166 Agora respondo eu
á flor que ali cantou:
—em que vaso foi nascida,
em que jardim se criou?

167 A roseira, com as rosas,
toda se humilda ao chão:
quanda as rosas se humildam,
que fará o meu coração!

168 Perguntei ao setestrêlo,
que é magano, sabe ler,
em que altura fica a lua
quando quer amanhecer.

169 Tendes dois olhos na cara,
parecem duas flores:
se eu assim tivera os meus,
não estava sem ter amores.

170 Eu venho da ilha dos vidros,
dos cristaes, dos diamantes:
venho por agua perdida,
p'ra ver teus olhos brilhantes.

171 Donde eu estou, bem vejo,
estar uma candeia açêsa:
não me atrevo a apagá-la,
com dois beijos á francesa.

172 O' alta serra da neve,
aonde o penedo caíu:
ninguem diga o que não sabe,
nem afirme o que não viu.

173 Entre o trigo nasce o trevo
atado ás molhadinhas:
oh! nunca t'eu conhecera,
nem te dera falas minhas.

174 O' Coimbra, ó Coimbra,
ó Coimbra roubadora:
se não fôra os estudantes,
mal te vae, peor te fôra!

175 Heide-te amar, se me amares,
querer-te, se me quiseres;
deixar-te se me deixares,
fazer como tu fizeres.

176 Dei um ai entre dois vales
ouviram-me dois penedos:
a culpa tive-a eu
em te contar meus segredos.

177 A capa dos estudantes
é um jardim de flores:
toda cheia de remendos,
cada um de varias côres.

178 O amor dos estudantes
não dura mais que uma hora:
toca a cabra vão p'rá aula,
vem as ferias vão-se embora.

179 Nunca eu fôra a Coimbra,
nem passara por Sansão:
nunca eu vira os teus olhos,
que tanta pena me dão.

180 Estudantes á aula, á aula,
lá cima a Universidade:
quem mais estuda, mais aprende,
quem mais aprende, mais sabe.

181 Canta, canta rapariga,
que eu te ajudarei:
se te vires empenhada,
eu te desempenharei.

182 José amo, José quero,
José trago no sentido;
por via de ti José,
trago o meu sôno perdido.

183 Os estudantes de Coimbra
são pobres, não tem dinheiro:
mandam solar os sapatos
com folhas de castanheiro.

184 A laranja foi á fonte,
o limão foi atrás dela:
a laranja trouxe a agua,
e o limão ficou sem ela.

185 As estrelas do céo correm
todas numa carreirinha:
assim correm os amores
da tua mão para a minha.

186 As telhas do teu telhado,
as pedras do meu balcão;
hão-de jurar a verdade:
—se t'eu quero bem ou não.

187 P'ra ver Coimbra, eu subia
á torre a todas as horas:
p'ra ver se descobria
a casita onde tu moras.

188 José, pega na pena,
escreve que eu vou notando:
escreve—que eu hei-de ser tua,
não sei a hora nem quando.

189 Meu amor por despedida,
nem uma fala me deu:
pregou os olhos no chão,
pôs-se a chorar a mais eu.

190 Eu escrevera-te uma carta
c'o sangue das minhas veias:
mas tornei a consid'rar...
sangue meu por mãos alheias!

191 A pena, p'ra ser pena,
deve ser a do pavão:
a pena, p'ra ser pena,
deve ser do coração.

192 Já lá vae abril e maio,
já me março não engana:
agora vou conhecendo
a arvorinha pela rama.

193 As telhas do teu telhado
o mais delas tem virtude:
passei por elas doente,
logo me deram saude.

194 Eu escrevêra-te uma carta,
se a tu souberas ler:
mas tu dá-la a ler a outrem...
tudo se vem a saber.

195 O gosto que a salsa tem,
tem meus olhns de te ver:
trago-te no centro d'alma,
não me podes esquecer.

196 Com penas escrevo cartãs,
com cartas relato dôres:
com penas hei-de escrever
cartas para os meus amores.

197 Já lá vae abril e maio,
já lá vão esses dois mêses:
já lá vão as palavrinhas
com que t'eu falava ás vezes.

198 Fui ao Douro á vindima,
não achei que vindimar:
vindimaram-me as costelas,
olha o que eu lá fui ganhar!

199 O' meu amor não me deixes,
por ditinhos de ninguem:
que eu a ti nunca te deixo,
nem por quanto o mundo tem.

200 Rapariga do meu tempo,
vejo-te andar a pedir:
não sei se te dê esmola,
se cama para dormir.

201 A cantiga que cantares,
não a cantes duas vezes:
que a semana tem seis dias,
e o ano tem doze meses.

202 Uma vez que eu disse adeus
muita lagrima chorei:
jurei para nunca mais
dizer adeus a ninguem.

203 O balão quando subiu
ás estrêlas foi bater:
p'ra ver os anjos do céo,
mas Deus não lh'os deixou ver.

204 Se vires os meus filhinhos
na estrada a trabalhar:
dá-lhe um bocado de pão,
qu'eu não no posso ganhar.

205 Raparigas do meu tempo!
rapazes da minha idade!
paga tu qu'eu já paguei
o tributo da mocidade.

206 Não canto por bem cantar,
nem por boa fala ter:
canto por cegar os olhos
de quem me não pode ver.

207 Se canto dizem qu'eu canto,
se choro dizem qu'eu choro:
se me veem olhar p'ra ti
dizem que eu que te namoro.

208 Os olhos da minha cara
já os tenho reprendido:
que não chorem por ninguem,
que está o mundo perdido.

209 Antes que errei a cantiga
não deixarei de cantar:
tambem o bom caçador
errou a perdiz no ar.

210 Erga-se, senhora noiva,
da cadeira da rainha:
erga-se, pegue no ramo,
que lhe dá sua madrinha.

211 Se os olhos comessem sopas
mandava-lh'as eu fazer:
mas eles não comem sôpas,
o seu regalo é ver.

212 Os meus olhos são dois pretos,
que me vieram d'Angola:
inda não foram cativos,
cativei-os eu agora.

213 O cantar não é sciencia
p'ra quem tem boa fala:
p'ra mim, que a não tenho,
custa-me os olhos da cara.

214 Eu sei que sou atrevida
em na terra alheia cantar:
agora peço licença,
para quando cá tornar.

215 Hei-de embarcar os meus olhos
para o Rio de Janeiro:
olhos que não tem ventura,
que vão p'ra fóra do reino.

216 Lá venho da charneca,
lá do mato florido;
venho fugindo da calma,
chegando-me ao teu abrigo.

217 Mandaste-me um ramalhete.
d'alecrim, meu cavalheiro;
atadinho c'uma junça,
que o retroz custa dinheiro.

218 Antes qu'eu nasci no mato,
entre o tojo florido:
sei usá' la a cortesia,
com quem na usa comigo.

219 O anel que tu me deste
era-me largo no dedo:
se me tu quiseras bem,
o anel andava quedo.

220 O meu coração é terra,
hei-de mandá-lo cavar:
p'ra semear desejos,
qu'eu tenho de te falar.

221 Adeus minha terra, adeus,
Adeus meu pae, minha mãe:
que eu cá vou p'ra terra alheia,
peça a Deus que me dê bem.

222 Fui ao jardim dos afetos
colher cravos no outono:
menina, não se autorise
do meu amor, — que tem dono.

223 Quem quiser ver olhos tristes
Olhe p'ra os meus desgraçados:
que já são aborrecidos
de quem eram desejados.

224 Quem quiser ver olhos tristes
olhe para estes meus:
que já são aborrecidos
de quem lhe chamava seus.

225 O meu amor não é este,
o meu amor traz chapéo:
o meu amor, ao pé dêste,
é um anjinho do céo.

226 O meu amor engeitou-me,
por isso não ando triste:
depois que êle me deixou
outro melhor me assiste.

227 Tenho corrido mil terras,
mil terras tenho corrido:
muito cão me tem ladrado,
mas nenhum me tem mordido.

228 Tenho corrido mil terras
da maior parte da Beira:
nunca achei melhor amigo
qu'o dinheiro na algibeira.

229 Toma lá esta laranja,
toma lá, que te dou eu:
é a primeira novidade,
que o pomar do meu pae deu.

230 A menina, que é bonita,
nunca havia de nascer:
é como a pera madura;
todos a querem comer.

231 Toma lá esta laranja,
é da China, vem do mar:
que te tire este fastio,
que tu tens, de me falar.

232 E' desgraça, é desgraça,
é desgraça ser mulher:
se é bonita — é perseguida,
se é feia — ninguem na quer.

233 O meu amor não é este,
a mim alguem m'o trocou:
que estas não são as falinhas
com que ele me namorou.

234 O balão da minha ama
é com'á roda de um carro:
quando vae para a cozinha
faz abanar o sobrado.

235 O' meu amor, não inores
este mêu pouco saber:
qu'eu sou rapariga nova,
tenho tempo de aprender.

236 O meu amor engeitou-me,
eu tambem o engeitei:
se m'êle virou as costas,
eu tambem já lh'as virei.

237 Não se me dá que vindimem
vinha qu'eu já vindimei:
não se me dá qu'outro logre
amores qu'eu já logrei.

238 Toma lá esta laranja,
tira-lhe o sumo de dentro:
das cascas faz um barquinho,
embarca o teu pensamento.

239 Atirei c'uma laranja
á janela do morgado:
acertei na morgadinha,
ai de mim, qu'estou culpado!

240 Não ha pão como o pão alvo,
nem carne como o carneiro;
nem peixe como a pescada,
nem amor como o primeiro.

241 Não repares em cantigas,
cantigas leva-as o vento:
quem em cantigas repara
é leve do pensamento.

242 Os olivaes de Coimbra,
semeados, que darão?
—Darão moças bonitas
para a minha perdição.

243 D'aqui para a minha terra
tudo é caminho chão:
tudo são cravos e rosas
dispostas por minha mão.

244 Lá cima naquela serra
está um burro a escrever:
tanto sabes tu cantar
como o burro sabe ler!

245 Hei-de fazer um raminho
de serpão e limonete:
p'ra dar ao meu amor,
p'ra o bolsinho do colete.

246 O' limão, ó verde lima,
fá' la fresca limonada:
a agua p'ra regar a lima
vem do chafariz de Almada.

247 O' minha larica verde
enleada ao centeio:
quem tem nos amores bonitos
ri-se de quem nos tem feios.

247 Sou pintor de loiça fina,
já hoje pintei um prato:
assim que vi os teus olhos,
pintei logo o teu retrato.

249 Primavera não te enojes
do que has-de vir a ser:
o que tu és já eu fui
o que eu sou has-de tu ser.

250 Tudo o que é verde seca
lá pelo pino do verão:
tudo torna a renovar,
só a mocidade não.

251 O meu amor é pedreiro
trabalha de cantaria:
fez-me um coração de pedra
com toda a g'lantaria.

252 O meu amor é pedreiro
trabalha de cantaria;
não me passa do sentido
nêm de noite nem de dia.

253 Já lá vae, já se acabou,
o tempo dos agriões:
tambem a rabaça serve
em certas ocasiões.

254 O meu amor é tão lindo
ninguem me diga mal dêle:
ele é do meu coração
eu sou do coração dêle.

255 O meu amor é pequeno
é pequeno, resoluto;
é como o pão da padeira
que se come sem conduto.

256 O' alto freixo magano,
ó flor de mim tem dó:
p'ra amor foramos ambos,
p'rá desgraça fui eu só.

257 Se passares pelo adro
tira o chapéo á cruz;
que o meu amor é mordomo
da bandeira de Jesus.

258 Adeus, oliveira do adro,
azeitonas do Senhor:
nas pedras da sacristia
ajoelha o meu amor.

259 De vermelho, encarnado,
vae o meu amor á missa:
fica-me á porta travessa,
fica-me ao correr da vista.

260 Eu já tenho casa assente,
em Coja, no Terreiral;
tomei amor nas Esculcas,
fui casar ao Salgueiral.

261 Virgem-Santa de Mont'Alto
lá vae ela ladeira acima,
depenicando num cacho:
traz a gente na vindima.

262 Andas morta por saber
quem é o meu namorado:
é um rapaz de pé cochinho
das costas acorcovado.

263 Meninas, amae o côxo,
que o côxo tambem se ama:
o côxo é rijo da mola,
só de um pulo vae á cama.

264 Adeus, ó vila de Arganil,
não te ponhas de maior;
que a Senhora do Mont'Alto
é tão linda como o sol.

265 Virgem Senhora das Preces,
de lá venho eu agora:
em manguinhas de camisa
tocando numa viola.

266 Virgem Senhora das Preces,
das Preces, ao Colcorinho:
tudo são altos e baixos
cobertos de rosmaninho.

267 Virgem Senhora das Preces,
em que pressas me vi eu:
indo para a vossa casa,
no caminho me choveu.

268 Senhora da Conceição,
côr de cereja madura:
bem podéras, vós, Senhora,
repartir a formosura.

369 Virgem Senhora das Preces,
vinde-me esperar á aldeia:
que eu sou criada de servir
quero ir fazer a ceia.

270 A' carvalha cae-lhe a folha,
ao castanheiro o ouriço:
o homem que não tem barba
pode-se chamar enguiço.

271 O homem que não tem barba
não é homem nem mulher:
é uma sardinha assada
embrulhada num papel.

272 Com a pena do pavão,
o sangue da cotovia,
escrevêra-te eu uma carta,
ó meu amor de algum dia.

273 —O' meu amor de algum dia
queres-me tu inda bem?
—Essa pergunta é boa!
Isso duvida-o alguem?

274 Se eu tivesse meu pae vivo,
como tenho minha mãe;
não andava por aqui
aos pontapés de ninguem.

275 Quem quiser que eu cante bem,
dê-me uma pinga de vinho:
o vinho é coisa santa
fá-lo cantar delgadinho.

276 Adeus ó fonte da Bica
donde matei minha sêde:
já me lá armaram no laço
mas eu não caí na rêde.

277 Quem quiser que eu cante bem
dê-me vinho ou dinheiro:
que esta minha gargantinha
não a fez nenhum ferreiro.

278 Já passei o mar a nado
nas ondas do teu cabelo:
agora posso dizer
que passei o mar sem medo.

279 Nas ondas do teu cabelo
m'hei-de deitar a afogar:
que é para que o mundo saiba,
que ha ondas sem ser no mar.

280 A senhora da Peneda
vae subindo a ladeira;
c'uma cestinha no braço
parece uma lavradeira.

281 O' Senhora da Peneda,
Senhora tão pequenina,
comadre da minha mãe;
—adeus senhora madrinha.

282 Santo Antonio é meu pae,
São Francisco meu irmão;
os anjos são meus parentes...
oh! que linda geração!

283 Minha terra é Poiares
lá toda a ribeira arriba:
ó minha mãe quem me dera
de lá uma rapariga.

284 Aquela menina,
qu'eu d'aqui estou vendo:
ela dá-me d'ôlho,
eu bem na entendo.

285 A Senhora do Pilar
tem no seu pilar de vidro:
que lhe deu um marinheiro
qne se viu no mar perdido.

286 Já não quero mais ameixas
do quintal do tio Lopes:
que êle foi-me lá apanhar,
fez-me jogar os pinotes.

287 O' Coimbra das laranjas,
ó Montemor dos limões:
ó Figueira das cachopas
Buarcos dos corações.

288 O' Algaça, ó Algaça,
terra da maganaria:
tambem eu era magano
quando eu a Algaça ia.

289 Nesta cadeia estou preso
não é prisão, é regalo:
estou ao refresco das flores
ás tuas ordens meu cravo.

290 —O' presos do Limoeiro,
porque não limaes as grades?
—Bem fala quem está de fóra
com todas as liberdades!

291 Toma lá, que te dou eu,
não olhes ao fraco dado:
qu'isto é uma lembrança
do nosso tempo passado.

292 Toma lá, que te dou eu,
do meu coração coisinhas:
já que te não posso dar
de meus olhos as meninas.

293 Depois que o mundo é mundo
muita gente tem morrido:
sem no mundo faltar gente,
nem no céo se ter enchido.

294 Grande peixe é a baleia,
ela no mar se creou:
tres dias choveu areia
quando se Troia arrasou.

295 Pus-me a contar ás avessas
pedras áquela coluna:
nove, oito, sete, s-is,
cinco, quatro, tres, dois, uma.

296 Quatro com cinco são nove,
com mais nove são dezoito:
com mais seis são vinte e quatro,
com mais quatro são vint'oito.

297 Santa Tereza de Jesus,
menina de dôze anos;
do céo lhe veio uma carta,
que o mundo era d'enganos.

298 Passei pela tua porta,
pu' la mão na fechadura:
estavas lá, não me falastes,
coração de pedra dura.

299 Eu fui o pau mais vadio,
que na brenha fui criado:
cheguei-me a certas alturas
sem nunca ser esgalhado.

300 Já estive no Limoeiro,
c'umas grades de papel;
todo o mundo me foi ver,
só tu não, amor cruel!

301 Como chove miudinho,
lá para as bandas do norte!
e o meu amor, coitadinho,
anda por lá sem capote!

302 Salvaterra, Benavente,
Jericó fica no meio:
e as meninas do Samóra
bailam com todo o asseio.

303 O cravo depois de sêco
significa amor perdido:
perde de mim o cuidado,
que eu de ti perco o sentido.

304 O cravo depois de sêco
bota-se por aí alem:
e a rosa quanto mais sêca,
quanto mais prestime tem.

305 —Eu sou cravo, tu és rosa,
qual de nós se estima mais?
—Tu, cravo, pela janela,
tu, rosa, pelos quintaes.

306 Eu hei-de ir espreitar a rôla,
eu bem sei onde ela dorme:
debaixo de um castanheiro,
co'a folhinha se cobre.

307 —Donde são estas meninas,
donde são, donde serão?
—Todas são da minha terra,
cheiram ao manjaricão.

308 —Donde são estas meninas,
que aqui cantaram agora?
—Todas são da minha terra,
sem nenhuma ser de fora.

309 Adeus, terra de Espàriz,
heide-te mandar cercar:
c'um fio de oiro á roda,
de prata pode quebrar.

310 Tendes o cabêlo d'oiro,
ao martelo rebatido:
nesse nó, que vós lhe daes,
anda o meu amor escondido.

311 Esta rua é comprida,
é comprida com'as mais:
no meio tem um castelo,
onde combatem meus ais.

312 Esta rua é comprida,
no meio ajunta a lama:
quem na passeia de noite,
melhor estivera na cama!

313 O meu amor, coitadinho,
de repente adoeceu:
faltavam-lhe os meus carinhos,
não poude viver,—morreu.

314 Aqui neste canto,—canto,
aqui neste recantinho;
aqui bate a pomba as asas,
aqui tem a rola o ninho.

315 Cortei o bico á rola,
as asas ao papagaio:
para livrar as meninas
das orvalhadas de maio.

316 Cortei o bico á rola,
as asas ao gavião:
para livrar as meninas
das orvalhadas de verão.

317 Heide cercar minha terra
com vara e meia de fita:
á porta do meu amor
hei-de pô' la mais bonita.

318 Sou soldado, assentei praça,
no coração de uma pomba:
ao depois da praça assente,
deram-me baixa redonda.

319 Adeus, adeus, qu'eu me vou,
adeus que me quero ir:
dá-me cá esses teus braços,
qu'eu me quero despedir.

320 Já me vou, já me aparto,
já largo velas ao vento:
já não ha quem por mim chore
neste meu apartamento.

321 O meu amor engeitou-me,
eu dou-me por engeitada:
todo a gente me dizia
qu'eu qu'era mal empregada.

322 Hei-de m'ir deitar num poço,
onde estejam cobras vivas:
qu'eu não posso disfarçar
saudades tão activas.

323 O' José, cabelo louro,
penteado no deserto;
sobrancelhas de oiro fino
d'olhinhos por quem m'eu perco.

324 Tendes o cabêlo loiro,
pelas costas ao comprido:
parecem finhos d'oiro
ao martelo rebatido.

325 Dentro d'um copo de vidro,
bebe a cobra, nada o peixe:
ama-me com lealdade,
não te temas que t'eu deixe.

326 Chamaste-me cobra d'agua,
eu sou cobra não o nego;
eu sou cobra ribeirinha,
nado no mais alto pego.

327 Oh! que bela terra esta!
Oh! que lindo arvoredo!
Oh! que lindas moças tem!
Quem no soubera mais cedo!

328 Menina, ate o cabelo,
não no traga desatado:
desengane o seu amor,
não no traga enganado.

329 Menina, ate o cabelo,
não no traga ao desdem:
se os tendeiros não tem fita,
meu coração laços tem.

330 O' pederneira d'amar,
bota cá uma faisca:
os teus olhos me prenderam
logo á primeira vista.

331 Cantigas são pataratas,
que dão volta ao miolo:
quem em cantigas repara
é patetinha de todo.

332 Sendes alta com'a cana,
pela cinta não quebraes:
sendes o brio das moças,
sendes moça com'as mais.

333 O' altas torres de Mafra,
todas cercadas de murta:
muita gente não se casa
pela presunção ser muita.

334 A folha da oliveira,
de comprida é estreita:
o que eu quero é lograr-te,
que o ver-te não me aproveita.

335 Oh que lindo amor qu'eu tenho!
Oh que linda formosura!
Não o logro, não o logro,
tenho bem pouca ventura!

336 Que rua tão comprida,
no meio tão apertada!
Que linda vista d'olhos
se fosse continuada.

337 D'aqui a Braga é longe,
não chegam lá meus suspiros:
e quando êles lá chegassem
iam mais mortos que vivos.

338 Chapeu alto, chapeu alto,
chapeu alto, leva-o vento:
muito enganado anda
quem comigo passa o tempo!

339 Esta rua tem pedrinhas,
hei-de-lh'as mandar tirar;
com biquinhos d'alfinetes
para o amor passear.

340 Tu roubastes-m'o meu amor,
meu beiços de lambareiro:
tanto te logres tu dêle
como a agua na joeira!

341 Já cortei o meu cabêlo,
atirei co'ele ao chão:
as faladeiras da rua
inda se não calarão?

342 Já cortei o meu cabêlo,
já lá vae a minha gala:
a culpa tive-a eu;
não deixar falar quem fala.

343 Já passei o mar a nado
na folhinha da ortiga:
já perdi o norte á terra,
e o amor á rapariga.

344 Ai de mim, que vou p'ras Caldas,
caminhando p'ra o vapor:
já perdi o norte à terra,
e a amizade ao meu amor.

345 A cana verde no mar
é mais alta que o padrão:
encostei-me á tecedeira,
toda me enchi de cotão.

346 Encostei-me á cana verde,
cuidando que não quebrava:
a cana verde era ôca,
eu isso não maginava.

347 Sendes alta, redondinha,
tendes pè de manjarona:
tendes dois olhos na cara,
quem vos caçára, ladrona!

348 Eu gosto de ouvir cantar
no mundo quem canta bem:
não tenho com que lhe pague,
pago-lhe a cantar tambem.

349 Nem tanto estar á janela,
nem tanto cuspir p'ró chão:
nem tanto puxar de lenço,
d'algibeira para a mão.

350 Fui ao Porto, fui ao Minho,
fui a Braga, estou aqui:
quem bem vive, bem acaba,
prantem os olhos em mim.

351 A vinte e quatro d'agosto
é o São Bertolameu:
menina, fuja ao seu pae,
qu'eu tambem fujo ao meu.

352 Pus-me a chorar ao pé d'agua
lagrimas de sentimento:
a agua me respondeu:
nada cura com'ó tempo.

353 Fui-me prantar a chorar
ao canto do meu jardim:
uma flor me respondeu:
tudo, por tempo, tem fim.

354 Quero-te bem, tenho-te odio,
olha, amor, a minha graça:
quero-te bem, porque és minha,
tenho-te odio, porque és falsa.

355 Cala-te lá, boca aberta,
cara de sardinha frita:
os meus olhos nunca viram
uma cara tão maldita.

356 Cala-te lá, boca aberta,
cara de sardinha assada:
os meus olhos nunca viram
cara táo excomungada.

357 O' Entrudo, ó Entrudo,
ó Entrudo vem agora:
eu hei-de ir á minha terra
deitar o Entrudo fóra.

358 O' meu amor, se tu fôres,
escreve-me do caminho:
uma cartinha de amores
nas asas de um passarinho.

359 O' meu amor, se tu fores,
leva-me, podendo ser:
que eu quero ir acabar
onde tu fores morrer.

360 Se eu soubesse, Guiomar,
que tu eras tecedeira:
mandava-te vir do Porto
um tear de laranjeira.

361 Cada vez que eu vejo
gaivotas á prêa-mar:
julgo que é o meu amor
que vem para me levar.

362 A Virgem Santa Tereza
foi ao inferno em vida:
veio de lá admirada
de ver tant'alma perdida.

363 Quando te não conhecia
nada de ti se me dava:
sem pensamentos dormia,
sem cuidados acordava.

364 Se ouvires assobiar
não julgues que é caçador:
anda agora uma moda
de assobiar ao amor.

365 O meu amor me deu um beijo
quando eu estava a dormir:
não sei se é doce se é agro:
—amor, torna a repetir.

366 O' meu amor, se tu fores,
á terra das andorinhas:
escreve de lá uma carta
se quiseres ter novas minhas.

367 Algum dia por te ver
saltava trinta valados:
agora p'ra te não ver
saltarei trinta dobrados.

368 Já te quis, já te não quero;
já te amei, já te não amo:
a minha pouca assistencia
te dará o desengano.

369 Andas sempre—adeus, adeus!
com esse adeus me mataes:
pois receio que me digas
—adeus p'ra nunca mais!

370 Andas sempre—adeus, adeus!
com esse adeus me enfadaes:
pois não chegas a dizer:
adeus para nunca mais!

371 Eu já fui ao teu pomar,
eu já fui teu pomareiro:
eu já comi da tua fruta,
mas não fui eu o primeiro.

372 Já dormi na tua cama,
já tua boca beijei:
já gozei os teus carinhos
e outra coisa qu'eu cá sei.

373 Eu de cá e tu de lá
qual de nós canta melhor:
minha fala cobre a tua
cala-te lá reixinol.

374 De teu corpo fiz igreja,
de teu peito um altar:
de teus braços sepultura
onde m'eu hei-de enterrar.

375 Rapazes quando eu morrer
levem-me de vagarinho:
façam-me uma cova dág'ardente
cubram-me por cima com vinho.

376 A rosa para cheirar
deve ser da Alexandria:
a mulher para ser formosa
deve chamar-se Maria.

377 Espàriz, ó terra amada,
onde tenho minha esposa,
minha mãe e meus filhinhos,
onde meu bom pae repousa.

378 Se tu visses o qu'eu vi
lá no Rio de Janeiro:
uma cobra a bater sola
na testa de um sapateiro.

379 O' coração, coração
c'uma faca t'hei-de abrir
que te deixaste prender
de quem podias fugir.

380 Ai de mim, ai de você,
ai de nós ambos a dois:
ai de mim primeiramente,
ai de você ao despois.

381 Chamastes ao meu pae sogro
á minha irmã cunhada:
nem meu pae ê teu sogro,
nem minha irmã te é nada.

382 O coração mai-los olhos
são dois amantes leaes:
quando o coração tem penas
logo os olhos dão sinaes.

383 O' coração retraido,
ó cara cheia d'enganos:
olha a paga que me deste
de t'eu amar tantos anos!

384 Tanta silva, tanta silva,
tanta silva, tanta amora:
tanta menina bonita
e meu pae sem uma nora.

385 O' meu amor, meu amor,
diz-me que mal é o teu:
amas a quem te não ama...
que culpa te tenho eu?!

386 Eu hei-de ir á tua terra
ouvir a missa do dia:
que tanto me tem gabado
essa tua frèguesia.

387 Adeus, meu amor, adeus,
até quarta ou quinta feira:
não posso estar sem te ver
uma semana inteira.

388 Torradinhas com manteiga
coma a menina se gosta:
foram feitas em Lisboa,
vieram na mala-posta.

389 Fui ao mar por vê-las ondas,
ao jardim por vê-las flôres:
ao céo por vê-las estrelas,
aqui por ver meus amores.

390 Se o mar tivesse varandas
ia-te ver ao Brasil:
mas o mar não tem varandas,
diz-me amor por onde hei-de ir.

391 Torradinhas com manteiga,
por cima café, limão:
p'rás mulheres um cacete
até as deitar ao chão.

392 O' alta serra da neve
donde o penedo caiu:
ninguem diga o que não sabe,
nem afirme o que não viu.

393 Eu hei-de m'ir embora,
segunda-feira ou terça:
as saudades qu'eu levo...
queira Deus não adoeça.

394 Chapeu de meia moeda
lá o leva a moleirinha:
mal empregado chapeu
andar ao pó da farinha.

395 Casadinha de há tres dias
ei-la lá vae a chorar:
coitadinho de quem as cria
para outro castigar.

396 Se me tens de dar a rosa
dá-ma emquanto botão:
ao depois dela defolhada
já não tem aceitação.

397 O' triste segunda-feira
da semana que há-de vir:
quaes serão os tristes olhos
que te hão-de ver partir!

398 No prado colhi flôres,
no mar conchas apanhei:
no céo contei as estrelas
no trabalho a honra achei.

399 Tenho no cós dos calções
piolho tamanho, assim:
quando me virem coçar,
todos tenham dó de mim.

400 Adeus, ó estrada nova,
adonde andam os empregados:
lá ao fim de nove mêses
não faltarão engeitados.

401 Adeus, ó estrada nova,
começada em janeiro:
inda não estás acabada
p'la falta de dinheiro.

402 Torradinhas com manteiga,
por cima café com leite:
namorei uma menina
não tenho aonde a deite.

403 O' quantos andam de noite
podendo de dia andar!
ó quantos alqueivam terra
para outrem semear!

404 Toma lá o que me deste
não é nada de comer:
um lenço de saüdades
que tenho de te não ver.

405 Eu hei-de m'ir, hei-de m'ir,
hei-de m'ir na verdade;
p'ra donde m'eu hei-de ir
Deus do céo é que o sabe.

406 Eu fui o que bati palmas,
palmitas lá no deserto:
eu fui o que tive amores
sete anos encoberto.

407 O amor e o dinheiro
não pode estar encoberto:
o dinheiro é chocalheiro
e o amor desinquieto.

408 Eu fui que acendi lume
numa chaminé doirada:
eu fui a que reparti
d'amores—fiquei sem nada.

409 O encarnado é guerra
vae na prôa do navio:
vae-te embora encarnado
que cá fica o alvadio.

410 Atirei c'uma laranja
de Santa Clara ao Cais,
para ver se me esquecias...
cada vez me lembras mais!

411 Dissestes, meu bem, dissestes
dissestes qu'eu bem no sei:
dissestes que me não querias...
eu nessa parte estimei.

412 O meu amor é da vila,
mora ao pé da cadeia:
mais vale um amor da vila
que vinte e cinco da aldeia.

413 O meu amor não é d'aqui,
eu tambem d'aqui não sou:
o meu amor é de Coimbra,
eu dos arrabaldes sou.

414 Fui a Santarem por terra
por ver o Santo Milagre:
nunca vi terra mais linda
gente de tanta maldade.

415 Aveiro com ser Aveiro,
com ter marinhas de sal:
não ha terra com'a minha
no reino de Portugal.

416 Aveiro com ser Aveiro,
dizem-nos que de lá vem,
que a maior parte das casas
nem alicerces já tem.

417 Já o Porto não é Porto,
nem Aveiro é cidade:
é um inferno em vida,
desterro da mocidade.

418 De noite tudo são sombras
eu nelas te hei-de ir buscar:
já qu'eu de dia não posso
tuas falas alcançar.

419 O' coração de baêta,
d'aquela mais denegrida:
ha dez anos que te amo
inda não estás resolvida.

420 Esta noite sonhei eu,
a outra sonhado tinha,
que estava na tua cama:
acordei; estava na minha!

421 Dei um ai que fez tremer
as paredes da tua sala:
se estás a dormir, acorda;
se estás acordado, fala!

422 Menina que estás na cama
entre dois lençóes de linho:
dê um geitinho ao corpo,
faça-me lá um cabinho.

423 Se eu venho aqui cantar
não é com nenhum empenho:
não é á falta d'amores,
que eu na minha terra os tenho.

424 O cravo depois de sêco,
depois de sêco mirrado;
perde de mim o sentido
que eu de ti perco o cuidado.

425 O cravo depois de sêco
significa amor perdido:
perde de mim o cuidado
que eu de ti perco o sentido.

426 O cravo depois de sêco
significa amor perdido:
antes qu'eu queira não posso
tirar de ti o sentido.

427 O cravo depois de sêco
bota-se por ai alem:
a rosa quanto mais sêca,
quanto mais prestimo tem.

428 Deitei o cravo no tanque
fechado, sem um aberto:
é um regalo na vida
enganar quem é esperto.

429 O meu coração é arvore
onde se enxerta o amor:
quem vem tarde leva a rama,
quem vem cêdo leva a flor.

430 Estando p'ra embarcar,
um pé dentro, outro fóra,
lembraram-me os meus amores...
já não embarco agora!

431 Já me levam p'ra as Indias,
preso que nem um ladrão,
por beijinhos e abraços...
nas Indias tambem se dão!

432 Ai te mando um raminho
com quatro castas de flores:
todas vão senificando
ausencias dos meus amores.

433 Uma rôxa que ele leva
significa sentimento:
oh! quem não ha de sentir
ausencias de ha tanto tempo!

434 Uma verde que ele leva
sinifica uma esperança:
eu de ti tenho esperado,
quem espera sempre alcança.

435 Uma azul que ele leva
sinifica bons costumes;
se tu de mim tens agravos,
eu de ti tenho queixumes.

436 Uma branca que ele leva
sinifica lealdade:
á vista do ramalhete
todo o meu peito se abre.

437 Tambem leva uma silva
que sinifica a prisão:
oh! bem presa que eu estou,
menina, da sua mão!

438 Amanhã me vou embora,
tenho a roupa no barco:
ai Jesus que hoje é o dia,
qu'eu do meu amor m'aparto!

439 A açucena c'o pé na agua,
vae abrindo, vae cheirando:
assim são nos meus amores,
quando por mim vão passando.

440 A açucena c'o pé n'agua
pode estar quarenta dias:
eu sem ti nem uma hora,
que farão noites e dias!

441 O' alecrim, rei das hervas,
ó oiro rei, das nações:
tu de mim tiras inculcas,
eu de ti inquirições.

442 O' madresilva cheirosa,
prima do manjaricão...
quem te disse, madresilva,
que o meu bem qu'era João?

443 Se os meus olhos te agradam,
vai pedi-los a meu pai;
se êle te disser que não,
retira-te, e dá um ai.

444 Os teus olhos são escuros
como a noite cerrada;
apesar dêles serem escuros
sem êles não vejo nada!

445 A azeitona por ser preta
vai-se moer ao lagar:
por eu ser trigueirinha
na terra me hei-de gastar.

446 Anel d'oiro não é prenda
e o de prata tambem não:
o anel de coralina
é prenda do coração.

447 Salgueiro á borda d'agua
deixa passar os peixinhos:
quem namora ás escondidas
quer abraços e beijinhos.

448 O papel com que te escrevo
nasce da palma da mão;
a tinta nasce dos olhos
a pena do coração.

449 Cante lá uma cantiga
daquelas que você sabe:
as minhas estão de gaveta,
já perdi o norte á chave.

450 O meu amor mais o teu
anda naquela ladeira:
o meu apanhando rosas,
o teu a erva cidreira.

451 O meu amorzinho
anda-se gabando
que dormia comigo...
—Diga-me lá, quando?

452 O meu amorzinho
é parvo, é louco;
é com'a galinha
quando está no chôco.

453 A folha da amendoeira
não se quer enxovalhada:
é como a moça solteira
que espera de ser casada.

454 Tudo è amar, amar...
o mar é uma alagôa:
tambem o mar é casado
c'uma sécia em Lisboa.

455 Fui ao mar buscar o lume,
queimei-me numa faisca:
namorei-me dos teus olhos
logo á primeira vista.

456 Pus-me a chorar saudades
ao canto do meu jardim...
uma flor me respondeu:
«tudo por tempo tem fim»!

457 Os meus olhos são dois peixes,
navegam numa alagôa:
choram lagrimas de sangue
cá p'r'uma certa pessoa.

458 Adeus, ó Fonte de Cima,
adonde eu tanta vez entrei:
adeus, meninas bonitas,
adonde eu tanto namorei.

459 Trago dentro do meu peito
duas cadeiras de vidro:
adonde se assenta o amor
quando vem falar comigo.

460 A folha de malva-roxa
chega d'aqui a Vizeu:
no teu peito minha amada,
ninguem entra se não eu.

461 Antoninho, Antoninho,
Antoninho buliçoso,
heide-te mandar prender
na almofada aond'eu côso.

462 Na janela aond'eu côso,
não quero manjaricão:
dá-lhe o sol por entr'as folhas,
vivo numa escuridão.

463 Manjaricão orvalhado,
não n'o leves á cidade:
é um cheiro tão activo
logo colhe amezidade.

464 Debaixo da murtinheira
fica o amor a chorar:
mais vale dizer que não
que prometer e faltar.

465 O' meu amor não vás hoje
amanhã tambem é dia:
deixa ficar os teus olhos
para a minha companhia.

466 Aqui estou á tua porta
como o feixinho da lenha:
estou á espera da resposta
que das tuas mãos me venha.

467 Tendes o carro á porta
é sinal de lavrador:
a sua filha mais nova
ha-de ser o meu amor.

468 Eu já vi Lisboa a arder,
as pedras a estalar:
eu já vi o mar crescer
tornar ao seu natural.

469 O fado é um ladrão,
roubador do meu dinheiro:
hei-de mandá-lo prender
ás grades do Limoeiro.

470 Tenho cinco reis d'amores,
dez reis de saber amar;
quinze reis de prometer,
um vintem de não faltar.

471 O' casas avarandadas
viradinhas para o sol;
nelas mora gente rica,
ou algum capitao-mór.

472 Casas avarandadas
só o meu amor as tem:
hei-de mandar fazer uma
avarandada tambem.

473 E' de noite, faz escuro,
ladram os cães, tenho medo:
ou me leve a minha casa,
ou me mandára mais cedo.

474 Já é noite, o sol é posto,
eu não tenho que cear,
senão peixinhos do rio
que inda andam a nadar.

475 Do meu coração fiz sala
para você passear;
você colheu-se servido
não lhe tornou a lembrar.

476 O meu coração é sala
onde passeia a açucena:
amei-te com tanto gosto,
deixei-te com tanta pena.

477 Hoje chove, chovisqueja,
farta-se hoje de chover:
quem tem dois amores na terra
d'algum s'hade aborrecer.

478 Vejo mar e vejo terra,
vejo espadas a luzir,
vejo o meu amor na guerra,
não lhe posso acudir.

479 Vejo mar e vejo terra,
choro não vejo ninguem;
vejo-me perto da morte,
longe de quem me quer bem.

480 Triste vida, triste vida,
oh quem não ha-de chorar:
quem se vê na terra alheia
fóra do seu natural.

II. **Calendario popular**

No dia treze de junho
Santo Antonio se demove;
São João a vinte e quatro,
São Pedro a vinte e nove;
E São Gonçalo a trinta
Por ser o Santo mais nobre.

III. **Arenga popular**

Quando alguem se queixa de dores de barriga, é costume retrocar-lhe com a lenga-lenga seguinte:

—Coices de égua parida,
sete da mãe, catorze da filha,
nessa maldita barriga.
Em louvor da Senhora da Penha,
se mal estás, pior te venha.
Se com esta receita não abrandar
Deus t'a queira acrescentar.

IV. **Vozes dos sinos**

Na frèguezia de Espàriz havia quatro sinos, cujas vozes o povo costumava traduzir por frases: era o sino da igreja, a sineta da capela do coração da frèguezia, e as campas de duas outras capelas mais excentricas, uma das quais está já destruida hoje.

Explicava o povo que uma das sinetas mais pequenas dizia:

Tem lêndias,
tem lêndias.

E que a outra acrescentava:

Tira-lh'as,
tira-lh'as.

E que a sineta da capela central interrogava:

Com quê?
Com quê?

Ao que finalmente o sino da igreja matriz respondia:

C'um pau!
C'um pau!

V. Vozes de animaes

O povo traduz os ganidos do cão em que se bate por:

Bem hajas,
bem hajas.

VI. Etimologias populares

1. *Elastica* por «ginastica», em virtude de ser coisa de esticar e encolher membros.

2. *Ilústria* por «indústria», sob a influencia de — ilustre. A «industria» é uma contribuição que atinge só os individuos de mais teres, — os lavradores que «dão dias fóra com bois» e os donos de estabelecimentos. D'aqui o identificar o povo a ideia de ilustrismo com a de abastança. É frequente ouvir dizer á gente pobre quando lhe lêem o sobrescrito de uma carta que lhe é endereçada e que abre pelo costumado — ilustrissimo senhor: «quem dera cá pão que sem as ilustrias passo eu bem».

3. *Grães* é o plural de «grão», certamente por influencia da palavra — *pão*, visto que é com o grão que o pão se fabrica.

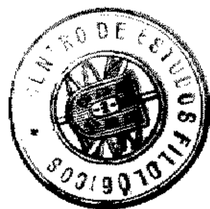
4. *Atolico* por «atonito» em virtude de uma analogia com *catolico* e *apostolico*, palavras de largo emprêgo na igreja.

5. *Mile-um*, por «mildio», por influencia do numero *mil e um*, ao qual está ligada uma curiosa superstição: «todos os dias morrem mil e nascem mil e um» — crê o povo.

6. *Pulgueira* por «purgueira» visto que este adubo é constituido por particulazinhas que lembram pulgas.

VII. Aliterações

1. Pô-la a pão de pedir.
2. É uma mosquinha morta.
3. Foi de foz em fóra.
4. Ha mais marés que marinheiros.
5. Quem o não conhecer que o compre.
6. Corta o coração.
7. Ficar de queixo caído.
8. Pôr-se na pireza.
9. Dar em droga.
10. Fiar mais fino.
11. Á fina força.
12. Entre a cruz e a caldeirinha.
13. Fazer falar.



VIII. Formulas rimadas

1. Até amanhã,
se Deus quiser,
e a morte não vier.

2. Quem me quer bem,
diz-me o que sabe,
e dá-me o que tem.

3. Deus lhe dê o que lhe falta,
que é o fole e a gaita.

4. Munto
é uma cabra velha
dar unto.

5. Ora, pois,
morreram as vacas,
e ficaram os bois.

6. E' banana,
p'r'á mana.

7. Disse coisas
e loisas.

8. Bom proveito,
á barriga,
e mais ao peito.

9. Não diz a letra
com a careta.

10. Valha-te Deus, a dormir,
que acordada podes fugir.

11. Até loguinho
que é mais docinho.

12. Ora Deus queira
que o burrinho vá á feira.

13. É um santinho
de pau de pinho;
se cae do altar abaixo
quebra o focinho.

14. Olé do lirio roxo
quem casa c'um manco
é mulher de um côxo.

15. Olé do lirio branco
quem casa c'um côxo
é mulher de um manco.

16. Senhor arredae os bancos
que lá vem a tropa dos mancos.

17. Quando os mancos querem casar
que fará os que podem andar?

18. Não ha ninguem que não padeça,
uns pelos pés, outros pela cabeça.

19. Arrenego eu o careca,
mais a mulher,
se a tiver.

20. Sim senhor e umas botas,
rotas e por pagar
e o sapateiro á porta a esperar.

21. Nem se senta
nem se tenta.

22. Visto isso e os átos,
quem não tem que comer
escusa pratos.

23. São como os grêlos,
uns a paga-los,
outros a comê-los!

24. Então por onde tem andado
que tão bom cabelo tem criado?

25. Entre vencedor e vencido
fica um nu, outro despido.

26. Quando eu não tinha nada
boa-noite ninguem m'a dava.
Agora que tenho vaca e vitelo,
todos dizem: «boa-noite, tio Pedro».

27. São mais as vozes
que as nozes.

28. Tu morena bem la vês,
quer la comas, quer la dês,
tens palha p'ra um mês.

29. Na casa d'êste home
quem não vem não come.

30. Em louvor de Santa Marta
quem o comer que o parta.

31. É uma desgracia,
morreu o burro á Inacia.

32. É uma pena,
morreu o pai á pequena.

IX. Superstições populares

1. Crê-se nas terreolas do concelho de Taboa que é possivel em domingo de Ramos conhecer as bruxas da frèguesia. Para isso basta untar com um pedaço de toucinho, que ficasse do Entrudo, a porta principal da igreja. A operação deve fazer-se enquanto a procissão está fóra, para que ninguem dê pela untura das coiceiras. Recolhida a procissão e continuada a missa as bruxas começam a revelar-se. Querem sair e não podem, porque não encontram objectos, que afinal têm consigo mesmas. Uma pergunta pelo cordão, outra pelo chaile, outra ainda pelos brincos ou pelo lenço. E assim se denunciam.

A pessoa que me elucidou acerca desta superstição, cria nela tão profundamente, que me apontou nomes de bruxas da sua freguezia natal, evidenciadas numa dessas missas de Ramos.

2. Tambem existe a crença em «bisarmas», isto é, fantasmas de extraordinaria corpulencia que se erguem sobre os vales, com um pé em cada um dos outeiros laterais e que cantam num vozeirão horrendo, toadas monotonas.

3. Crê-se que os lobishomens tem de correr todas as noites sete frèguesias e que tomam a forma do animal, cujo dejecto encontram primeiro, depois de ter soado para os mal-aventurados a hora fatidica. Quebra-se-lhes o «fadario» picando-os com uma aguilhada de bois quando eles vão na sua correria desenfreada por montes e vales.

4. Ainda existe a crença em almas do outro mundo, ás quais se atribuem frases rimadas como as seguintes:

Quando nós eramos vivos
andavamos por aqui aos figos.

Agora que somos mortos
andamos por estes barrocos.

X. **Cruzamentos foneticos**

1. O povo diz «sambichuga» por «sanguesuga» em virtude de se ter cruzado o vocabulo tradicional «bicha» com a palavra literaria, empregue pelos medicos, «sanguesuga».

2. Diz-se «penaroso» em virtude de uma contaminação fonetica exercida pelo adjectivo «penoso» sobre o sinonimo «pesaroso».

XI. **Costumes populares**

1. É costume, hoje em via de fenecer, o «correr a chocalhada aos viuvos». Ajuntam-se varios rapazes, munem-se de latas, chocalhos, campaínhas, e vão durante noites sucessivas «matar o bicho do ouvido» ao viuvo ou viuva que de novo vai casar. Em tempos acompanhavam-nos mesmo á igreja e até se efectuar a celebração do casamento estrondeavam nas latas. Não pronunciavam nunca, porém, uma só palavra injuriosa ou sarcastica. Barulho, — e nada mais. Todavia êste era ás vezes suficiente para fazer perder a cabeça aos mais assomadiços e que com a mostarda no nariz iam logo ás do cabo, despejando armas para o monte. E assim ha no concelho de Taboa ainda a tradição de varias destas brincadeiras que terminaram em sangue.

2. Pelo Carnaval usam ainda os rapazes «deitar caqueiradas», isto é, atirar pela porta de uma casa de que se aproximam cautelosamente, um cantaro velho, cheio de bugalhos, por vezes com materias mal cheirosas á mistura, para assustarem os moradores e os obrigarem ao incomodo de limpar o sobrado.

XII. **Comprimentos populares**

1. Santos dias, nos dê Deus.
2. Nosso Senhor nos dê muitos bons dias.
3. Vá com Deus.
4. Deus o ajude.
5. Deus o acompanhe.
6. Salve-o Deus.
7. Meus senhores, vivam.

XIII. **Frases populares**

1. Pô-lo pela rua da amargura.
2. Ora sêbo de grilo — que é bom p'ra graxa.
3. Quando lhe disser que a burra que é preta, olhe-lhe p'ra o cabêlo.
4. E' boa peça!
5. Ficar sem pinga de sangue.
6. Fiquei com uma nodoa no coração.
7. E' um fraca-tripa.
8. E' de cortar a alma á gente.
9. Ah! pés para que te quero!
10. Anda tem-te não caias.
11. Há-de pagar bom burro ao dizimo.
12. Você sabe muito mas anda a pé.
13. Tem dedo p'ra tudo.
14. Vendeu o burro por dez reis de mel coado.
15. Valha-te um burro aos coices.
16. Anda tudo numa dobadoira
17. O rio ia de lés a lés.
18. Viu-me em entalas.
19. E' papa muito fina.
20. Saiu-lhe a porca mal capada.
21. Pegaram-se por dá cá aquela palha.
22. E' roupa de franceses.
23. Aquilo é o diabo não é homem.
24. Leio-o por dentro e por fora.
25. Ora pelo sim, pelo não...
26. Não dá o braço a torcer.
27. Faz orelhas de mercador.
28. Deixe lá zoar a carvalheira.
29. E' já um homem de barba na cara.

30. Aquilo foi fogo visto linguiça.
31. Isto é fazer, atar e pôr ao fumeiro.
32. E' má rez.
33. Torceu-lhe o nariz.
34. Agora torço a orelha e não deita sangue.
35. Abanou-lhe as orelhas.
36. Vá brincar com a maçã do escaravelho.
37. Caiu-me o coração aos pés.
38. Pos-se na alheta.
39. Foi a toque de caixa.
40. E' uma coisa que se faz num rufo.
41. Anda de trombas comigo.
42. Está prezo pela beiça.
43. Muita festa p'r'á festa...
44. Deitou-lhe os gatazios.
45. E' uma boa fatia!
46. Temos o caldo entornado.
47. Não quer ouriço sem castanha.
48. Não a vi por um rez-vez.
49. Passou rentinho dêle.
50. Olha contra o governo.
51. E' mesmo um pingão.
52. Aquela bebe azeite.
53. Está estrelòcadinha de todo.
54. Caiu-me o coração aos pés.
55. Ele aí vem co'a justiça carvalhal.
56. Eu dava o que bem fosse...
57. Que Deus lh'o deixe lograr bem anos...
58. Vai todo estonado...
59. Vá pela sombra para se não crestar.
60. Foi no tempo das almotolias de barro...
61. Estar por trás da cortina.
62. Aceite que lh'o dou de boa mente...
63. Mais vale sustentar um burro a pão de ló...
64. Isto aqui é co'o garfo de cinco dentes...
65. Come-lhe bocado que rasgue a orelha...
66. Coma-lhe aqui que na taberna é um roubo...
67. Hoje não se fia, que não ha roca...
68. Ai, mal pecado...
69. Está a fazer papel de comedia...
70. Tinha lá parido a galega...
71. Vinha nas horas de estalar...

72. Está a chincar o meio dia.
73. Já pode ir ao correio á meia-noite...
74. Não comeu nem o dizimo...
75. Deu pancada de criar bicho...
76. Caíu de pernas ao ar.
77. Desatou a fugir...
78. Quem te comeu a papa que te reze o pater-nostre...
79. Perdeu a colher...
80. E' milho d'alem da ribeira, quem o comer que o casque...
81. E' preciso botar os olhos á terra e á semente...
82. E' êle que os faz e que os batisa.
83. Esse é pinto de silveira...
84. Mandou-o comer duas pêras.
85. Então falo eu ou chia um carro.
86. Mareia lá a tua vida.
87. Esse é trigo sem joio.
88. Precisa que lhe tirem a cervilheira.
89. Isto o comer é a raiz do corpo...
90. Cavou terra para feijões...

XIV. **Sátira popular**

Quando Deus andava pelo mundo, encontrou um moleiro e chamou-o para o céo.

Mas o moleiro que era muito ambicioso respondeu:

Senhor, não tenho vagar:
trago o sarrão a moer,
quero i-lo maquiar.

XV. **Comparações populares**

1. Direito como um fuso.
2. Torto como um arrocho.
3. Cego como uma toupeira.
4. Feio como um sapo.
5. Bonita como uma doninha.
6. Beber como um ôdre.
7. Comer que nem um barra.
8. Pulava que nem um cabrito.
9. Faz barulho que nem um comboio.
10. Negro como um carvão.

11. Ria que estalava.
12. Dormia como um touco.
13. Fala que nem uma espada desembainhada,
14. Comer que nem um alarve.
15. Sujo como um porco.
16. E' esperto que nem um alho.
17. Canta que nem um rouxinol.
18. E' negro como a ferruge.
19. Está um vento que corta.
20. Azedo como rabo de gato.
21. São como o cão co'o gato.
22. Dão-se como Deus co'os anjos.
23. Dormia como se lhe tivessem dado azougue.
24. Come que nem um ôdre.

XVI. **Fabula popular**

Era uma vez um lobo e uma raposa que queriam comer um queijo. Ora o queijo que êles queriam comer era a lua que se via no fundo de um poço.

— O' comadre, — preguntou o lobo á raposa, que hei-de eu fazer p'ra comer o queijo?

— Olha, bebes a agoa do poço. E a raposa então vai e mete um casulo no rabo do lobo.

O lobo bebeu a agoa toda e o queijo desapareceu.

Metem-se depois a caminho. Passam num sitio em que estavam uns malhadores. Ao cimo da eira a raposa tira o casulo do rabo ao lobo; e o trigo vai todo de enxurrada pela lage abaixo.

Os malhadores, zangados, correm atraz do lobo. A raposa então vai e come-lhes o jantar.

Lá mais adiante a raposa torna-se a encontrar com o lobo. Diz-lhe que vem morta, que lhe deram tanta pancada que até lhe saltaram os miolos.

Ora o que a raposa trazia ainda nas barbas e na cabeça eram restos do jantar dos malhadores.

E vai então e pede ao lobo que a leve ás costas.

Depois escarranchada em cima do lobo a raposa dizia:

> **Raposa matreira,**
> **farta de papas,**
> **e á cavaleira.**

João da Silva Correia.

GLOSSARIO DIALECTOLOGICO

DO

CONCELHO dos ARCOS de VALDEVEZ

(ALTO-MINHO)

(Vid. REVISTA LUSITANA, vol. XIX, pág. 216)

---

cubrada (quebrada)—s. f. Bancada ou porção de saibro ou qualquer outra especie de terra, que se desprende de uma trincheira ou córte de terreno por efeito do seu peso proprio ou da acção das chuvas. *Caiu ali ũa cubrada.*

cucho — Porco; principalmente voz apelativa, bem com *cóche*. E' frequente o diminutivo.

cuco—Homem casado, enganado pela mulher. A razão deste vocabulo creio estar em costumes, que se atribuem ao cuco.

cueira—Fiada ou fila de mólhos de trigo ou centeio, paralelamente uns aos outros, colocada a um lado da eira com as espigas para dentro e sobre a qual se começa a encostar, em sentido contrario, já desatado o trigo ou centeio restante para malhar. (C. B.)

cugordos—Cogumelos. R. em Loureda. (C. B.)

cuidos—*Estar, andar em cuidos;* estar em cuidados, andar com aflições, preocupações.

culitra—O mesmo que *cruita*. (C. B.)

cume—E', nos telhados, o que em Lisboa se chama *pau de fileira.*

cumparante (comparante) — Comparavel. *Gosto cumparante ao do mel.*

cumpodouro *(compodouro)—Estar de cumpodouro;* diz-se da fruta que se guarda para amadurecer; tambem se diz, por analogia, das pessoas convalescentes.

cumposteiro (composteiro)—Homem que compõe ou concerta quaesquer objectos; um faz-tudo.

cumpostelar (comp....)—Concertar, fazer concertos (G. V.).

cunca—Grande recipiente semiesferico, fabricado de um só pedaço de madeira; na cozinha serve de alguidar; no trabalho do forno serve para pàdejar a massa.

«Em Soajo, etc., a cunca é uma pequena escudela de madeira, que serve para nella se comer. A *cunca* da ribeira tem ali o nome de *gamélo*. C. B.».

cunco—Caixão ou balde de madeira para uso da adega. (L. L.)

cunchabar (conchavar) — Conciliar. Usa-se em sentido ironico.

cunchar—O queixume dos cães quando levam pancada. (L. L.)

cundoito—Conducto.

cunfortatible (con...)—Cirurgião de aldeia, curandeiro.

«O proprio emplastro confortativo. M. P.»

cungeminar (con...)—Reflectir, planear, matutar. Diz-se por ironia.

cungeminencia (con...) — Acto de congeminar, locubração, combinação, ocorrencia. Diz-se por ironia.

cunheira—Abertura feita a *pico* nos penedos afim de meter a cunha para os rachar. (C. B.).

cunsiderar-se — Reflectir, reconsiderar.

«Cfr. a cantiga:

O' cidra, cunsidra, ó cidra,
O' cidra, cunsidr'ó bem,
Cidra, depois de perdida,
Cidra, que remedio tem! C. B.»

cuntar (*contar*)—Diz-se da agua corrente, que fica em um certo nivel relativamente a outro; se o atinge e póde estabelecer corrente, diz-se que *conta para lá*.

cuntraliar (contrariar)—Colocar uma coisa contra outra, alternar, trocar. Tem apenas sentido material e não moral, como na linguagem vulgar.

cuntratadeira (con...)—Qualquer mulher vendedora de generos, fructa, etc.

cuntratador (con...) — Negociante de gado. O tipo actal deste homem é o seguinte: Usa varapau e, como anda sempre a cavalo, trá-lo *á cuxareira;* na cabeça põe um chapeu felpudo preto; calça sapatos e não socos e põe esporas de correia; debaixo do selim, uma pellé de ovelha ou cabra; monta uma *fugideira* de nomeada, e não falta a uma feira...

cuntrato (con...) — Negocio, commercio: F. *anda no contracto do gado, do milho*, etc.

curador — Homem que trata do gado cavalar de uma casa de alquilador.

curbaceiras (*Colmacciras?*)—Paus a atravessar sobre os carrêgos nos colmaços. R. em Soajo. (C. B.).

curcôbo — Qualquer curvatura ou parte mais baixa; curva lateral, v. g. lancete de estrada.

curri — E' o imperativo *correi* do verbo *correr;* diz-se aos porcos, chamando-os. O mesmo imperativo, dirigido ás pessoas, é segundo tenho ouvido, *corrende*.

«Preferia chamar-lhe interjeição, imitativa de grunhido dos porcos, quando os chamam. C. B.».

curriola — *Andar numa corrióla;* numa roda viva, num motu-continuo·

çurro — Manchas escuras que a madeira verde produz na ferramenta dos serradores e carpinteiros; o proprio sumo da arvore que causa estas manchas no aço.

curso—*Agua que rega de curso*, que tem corrente continua, abundante sem ser empoçada.

cutelas ou **cutelos** — Brôas de pão mais pequenas, que se metem no forno com as outras maiores. R. em Soajo. (C. B.).

cutrachas — Nodoas de sujidades, imundicias.

D

dada—Màu olhado. *As dadas das feiticeiras*, os máus olhados, as obras das feiticeiras.

«*Dóe-lhe a cabeça? Foi uma dada!* A' pessoa que passar por outra que lhe quer mal e lhe sobrevier uma dôr de testa, diz-se logo: *Foi uma dada!* Cura-se com algumas areias de sal, colocadas na testa, as quaes, se se pegarem a esta, é sinal evidente da *dada* e então diz-se:

Este sal do mar sagrado (será salgado?)
me tire d'aqui esta dada;
se é de vivo ou de morto
ou ar de excomungado,
pela graça de Deus e da Virgem Maria,
Padre nosso e Ave-Maria. (L. L.).

dala — tábua ou taboleiro onde na cozinha se lava a loiça; é termo mais limpo e apurado do que *barreleiro*.

debalante — Periodo que medeia entre a lua cheia e a lua nova. «*Agora é o debalante da lua*». (L. L.)

debamboar-se — pendurar-se, oscilar, estar suspenso.

decaidas — *decaídas da galinha*, os intestinos.

«Diz-se tambem das moças deshonestas. (M. P.)»

dechamborado — pendurado. R. na Gaviera. (C. B.)

decidir — v. n. Morrer.

declareza — Declaração escrita; é t. forense popular.

decruar — Dar o 1.º sacho no milho; tambem chamam *picar* (C. B).

deçumar — Secar, falando das madeiras que acabam de ser cortadas; perder *çumo*. (C. B.)

defegado — Fraco, debilitado pela fome; cansado por um esforço violento, como de falar muito tempo ou muito alto. (C. B.).

degoladouro — Parte da pescada, ou cu outro peixe, por onde se lhe corta a cabeça; quando se vende o *degoladouro*, faz parte da peça a cabeça com uma parte de *posta* e mais a cauda com uma pequena posta.

degraiar — Cair o grão ás espigas.

deladeiro — Inclinado, declivoso: *monte deladeiro*.

deleirar — Dividir a terra em leiras depois de lavrar, gradar e semear. Vid. Inleirar.

delideira — Motu continuo de uma pessoa, muito lida.

delorcado — Abatido, enfraquecido.

delubação — Fomentação.

demenío e **domenío** — Administração, direcção, tutela: *debaixo do demenío do medico*, por ex.

demonstrança — Demonstração.

demontre! — Demonio (C. B.).

dentage — O conjunto dos dentes da serra. (L. L.).

dergadichinho — Adj. Delgadinho (ch explosivo).

derrabar — Diz-se dos bois, quando deslocam a base da cauda em consequencia de queda; conhece-se este defeito quando *fragueiam*, porque não podem erguer a cauda, como sucede normalmente.

derradeiro — *Carro derradeiro* ou *traseiro* é aquelle em que a carga pesa mais para trás do que para deante. *Nunca carro derradeiro leva o boi ao carniceiro:* proloquio popular, talvez porque o gado, não podendo trabalhar assim, não se fatiga ou porque o contrario é que o obriga a fazer esforço e este é que póde tornar-se prejudicial, quando o dono do gado abusa.

derrer — Andar para trás em materia de saude; enfraquecer muito.

derripa — Tósa, coça; em sentido figurado tambem se emprega.

des — Dêsde: *des'intoum*, dêsde então; *des'ónte*, desde ontem; *desque*, dêsde que; *de-lo-maio im diênte*, dêsde maio em diante. A pronuncia não autoriza a escrever *des que*, apezar de ser mudo o *e* da conjunção, mas *desque*, acento na 1.ª silaba por efeito da proclise.

desamanilhar — V. n. Tresmalhar (a rês) ou afastar-se da manada. R. em Soajo (C. B.).

desamestrado — adj. Deslocado, fóra do seu logar e da companhia habitual, extraviado: diz-se v. g. de um objecto, que é encontrado só quando lhe pertence estar com outros. C. B. explica-me, e bem, que o termo é usado por analogia com a vida das abelhas; uma coisa anda ou está *desamestrada*, quando está como a abelha sem a mestra, isto é, só e fóra do seu logar.

desandador — Chave de parafusos.

desapastorado — adj. *Rebanho, gado desapastorado*, sem pastor que o guie. Este termo não é como o *desamestrado*, não se emprega senão para sêres vivos.

desapear — Apear.

desapôr — Tirar o gado do carro.

desaqueloutrado — adj. Doente, adoentado.

desarrasar — Entra na seguinte perlenga que se faz repetir às crianças por exercicio da pronuncia: *Uma rasa bem arrasada; quem na arrasou, a desarrasará.*

desarremeado — adj. Desempregado.

desarrisca — Desobriga quaresmal.

desasnear — Asnear (*Rev. Lusit.*, v. 226).

desaustinado — adj. Pessoa destemperada, indisciplinada.

desbancar — Lançar abaixo ou cor-

tar á enxada, ao alvião, uma bancada ou banco de terra em trincheira.

descaçar-re — Desafazer-se, deshabituar-se.

descarga — Abertura longitudinal sobre a padieira duma porta, a toda a espessura da parede. R. em Mourisca de Portela. (C. B.).

descariar = (t. de pedreiro) Assentar uma pedra na prumada da parede, acertando-a com exactidão.

descedouro — Sitio por onde é costume descer, quem passa.

desgomar — Esladroar a vinha.

desi(n)-eixar—Tirar ou sairem as rodas ou o carro dos eixos. A' grafia deste vocabulo com ĩ nasal corresponde a sua pronuncia; escrever *desineixar* seria fazer uma silaba *nei*, que não se ouve. Diz-se tambem *ĩeixar um carro*, pôr-lhe o eixo.

desimbançar — Tirar ou cairem os banços de uma escada.

desimprazar — Para as dores de cabeça faz-se uma fumaça em que, alem de varios materiaes, entra a *bosta de forno*, tirada em cruz com o ensalmo seguinte: Nossa Senhora pelo Egito passou | manadinhas de alecrim apanhou | e o seu menino defumou. | Assim esta pessoa melhore, | como o Menino Deus melhorou. | Deus te desimpraze | de quem mal te imprazou.—Jesus, Deus, esteja aqui em todo o mundo. | Deus que benzeu a palma, | benzeu a oliva, | benza esta criatura | de baixo arriba. | Pela graça de Deus e da Virgem Maria, um P. N. e A. M. | Em louvor do senhor S. Silvestre, | para que o Senhor seja seu Divino Mestre.

desincarriçar — v. t. Desenriçar, desembaraçar o cabelo; v. i. passar o chôco á galinha, porque as penas deixam de estar eriçadas ou crespas.

desincòlar — Endireitar uma peça de madeira, tirar-lhe os altos e baixos.

desinferrar — Sair ou arrancar o ferrão ou argola, v. g. de um eixo ou veio da roda do moinho; saltarem fora dos aros ou equivalentes de ferro as peças principaes de madeira.

desingalgar — *Desingalgou a fugir*, deitou a fugir como um galgo, a mais não poder. (C. B.).

desingastalhar — Desembarçar, desprender.

desinjorcado — Mal arranjado, mal vestido. Viterbo tem *ajorcado*.

desintestar — Tirar as «fundagens» a uma vasilha para as fazer por ex. de menor diametro.

desespir — Despir. (C. B.).

desleigado — Com a barriga vazia, encolhida pela fome, eslazeirada. Diz-se principalmente do gado vacum ou bovino. (C. B.).

deslorcado — Abatido, acabrunhado pela fraqueza e por doença, desleigado. (C. B.).

desmanchar — *Desmanchar o porco* é esquartejá-lo nas peças do estilo, depois de morto, 24 horas.

desmear — Serrar uma tábua no sentido da espessura para obter duas ou mais de menor espessura.

desparidura — Aborto.

desparir — Ter o aborto, parir fora de tempo.

dessequêm e **dissequêm** — Sensação de sêco produzida na bôca por algum liquido ingerido; o travôr de um vinho muito taninoso dá esta sensação.

destemperar — Diluir uma sensação concentrada; lançar agua fria em quente.

dezedela — Dito ou fraze picante, chalaça, dichote (*dizedela*). (C. B.).

dianteiro — *Carro dianteiro*, que pesa mais á frente. O oposto a isto é carro *traseiro* ou *derradeiro*.

diantre! — Diabo!

doçar (*doçal*) — Uva doçal, especie de uva tinta.

dondo — adj. Mole, flexivel, v. g. cabedal.

Daqui se formou *indondecido*,

duzil — s. Torneira de pau com caravelha; coloca-se no tampo da frente das vasilhas.

E

eibar-se — Ferir-se alguem ou magoar-se por cair ao chão ou por qualquer outro motivo. R. na Gavieira. (C. B.).

eido — Logar povoado em uma freguesia, povoação dentro da mesma freguesia. A mãe que se zanga com o filho, longe da casa, diz-lhe: *Deixa-te vir para o eido, que lá falaremos!* R. na Gavieira. Tem simultaneamente o sentido dos dicionarios. (C. B.).

ei mái! — Frase exclamativa de espanto. Em Lisboa é *Ena pai!* «Parece que se ouve tambem *ein mãe!* C. B.».

eirada — Qualquer coisa espalhada como em uma eira os cereaes. Vid. *Larada*.

eirogues — Planta que me dizem parecida com a das cabaças. R. em Soajo. (C. B.).

eitar — *Esta terra não eitou o milho. Este ano os frutos não eitaram bem*. Criar bom fruto e são, vingá-lo.

«Tambem se aplica às femeas dos animaes. C. B.».

êite-bos! — Exclamação familiar de enfado a pessoas subalternas, quando se tornam impertinentes. Suponho corresponder a *Ide-vos!*

ela por ela — Maneira de enunciar uma troca de objectos ou valores equivalentes: *Fica ella por ella*. E' muito raro *êle por êle;* mesmo com objectos do genero masculino ouve-se a frase no femenino.

emenda da camisa — Fralda da camisa de mulher. (L. L.).

encado—Pronuncia-se *âncado*. Arjão para espècar a vinha. *Vinha de encado*. R. em Senharei, etc. (C. B.).

endêgo — Pronuncia-se *ândêgo*. Ovo que se coloca no ninho para atrair a galinha a ir lá pôr outros: endêz, *ninheiro*, *aninhador*. R. na Gavieira, Soajo, etc. Cfr., *Rev. Lusit.*, IX, 394. (C. B.)

entilheirar — Colocar uma pedra em uma construção sobre duas ou mais, de menores dimensões, para nivelar e endireitar a outra; dispôr objectos ou pedras como as telhas.

enturro — *Calço de enturro*; t. de pedreiro. Calço ou lasca de pedra metida entre duas pedras de uma construção, de modo que as faz sair da prumada.

erva da inbeja — Serve para cortar a inveja ás pessoas invejadas da casa que possue essa erva; emprega-se tambem em emplastos varios de remedios caseiros. Tem raizes fibrosas, caule rasteiro, ás vezes de 2.m pl. min.; dêle saem a espaços outros caules opostos de folhas lanceoladas, opostas, na extremidade dos quaes aparecem flores branco-roxas, inodoras, de 5 petalas. (L. L.).

erba do trebão — Vid. *Trebão*.

èrbanço — Aglomeração, matagal de ervas bravas.

èstrar — Espalhar nos campos inclinados, por entre o milho e antes de lhe dar a primeira rega, hervas arrancadas ou coisa equivalente, para evitar que a agua arraste a terra com a corrente. Vid. *Basculho*.

«Lançar nos curraes palha ou plantas destinadas ao estrume. M. P.».

estro—*Estro do monte;* coração, centro, terra firme do monte ou cabeça. Fundo de algum recipiente, a superficie inferior de algum corpo

ou objecto por oposição á inferior; neste sentido é oposta a *têlo* (tecto). O *estro do monte* é o subsolo firme de um monte, a parte constituida pelo *salão*, granito decomposto e molle, que fica subjacente ao *humus* que é a *gôma* da terra, isto é, a camada aravel. Vid. *astro*.

F

fabécas — Vagens. R. em Soajo.
»Tambem se ouve em Monção. L. L.».

fachicos — Bocadinhos, estilhas. *Pôr tudo em fachicos*. (C. B.).

fagulho — Cisco. (C. B.).

falheirento — Vid. *falhento*. «Falho, a que falta alguma coisa para ter certo tamanho ou comprimento. (C. B.)».

falheiro — adj O mesmo que falheirento e mais usado ainda. (C. B.).

falhento — Que tem uma falha ou dissemetria, incompleto. Tambem de som a quebrado ou rachado. O mesmo que *falheirento*.

falhôco — Floco de neve. Daí *falhocar*.

falhuco — O mesmo que *falhôco*. Daí *falhucar*. (C. B.).

falquejar — Cavacar um pau. Lembra *Falx, falcis*.

fandango—Caruma (em algumas freguezias de Monção e dos Arcos). (C. B. e F. R.).

fandoleiro — adj. Fraco, quebradiço, debil. Vid. *flandeiro*.

fanêilho e **fanêlho**—Caruma ou grabalha. R. em Sabadim e Sá. (C. B.).

fanfar — Responder ou falar com modos insolentes, repontadores; blasonar, arrotar grandezas; dizer verdades duras.

fangulho — Fasco ou caruma. Tambem se ouve *frangulho*. (L. L.).

fanico — *Malhar ao fanico* é debulhar o centeio batendo com as pontas do molho numa tabua ou num banco colocado no meio da eira. R na Gavieira. (C. B.).

faragata — *Andar a mangar com a faragata* é fazer pouco de alguem. Se uma pessoa se ri de um sucesso qualquer, diz-lhe a outra: *Sim! ri-te da faragata*. No concelho de Caminha dizem *fragata*. (L. L.).

faramenga — Flamenga. Casta de ovelhas vulgares, por serem pequenas e reles.

faramengo—Franzino, raquitico, magro, ensengado. (C. B). E' verdadeiramente curiosa esta significação, porque corresponde a *flamengo* e foi de certo á vista de produtos desta origem, que o povo criou esta designação.

fardelage — Canalha, ralé, farandulagem. (C. B.).

farelar — Dizer coisas mentirosas, de gabarola. (M. P.).
Conheci mesmo um homem que tinha a alcunha de *Fareleiro*. Ligar-se-á ao vulgar *faladrar* lisboeta?

farfalhar — Falar atrapalhadamente, confusamente. (G. V.).

farfalho — Farrapos do leite que coalha ou se altera.

farinhota — Farinhenta. Nunca ouvi senão no femenino. *Batata farinhota*. «*Maçã farinhota*, casta de maçã. L. L.».

farinhôtos—O mesmo que *paloucos*.

farrapeiro — Trapeiro, que negoceia em farrapos.

farroupeiro — Andrajoso, com a roupa em farrapos.

fasco — As agulhas sêcas do pinheiro. Note-se a diversidade de termos com que se exprime este produto: *fandango*, *fanêlho*, *fangulho*, *caruma*, *murganho*, *resulho*, *garavalha* ou *gravalha* e talvez mais, *fascunho*, *faúla*, *fenelho*, *fendrelhos*, *garrilhos*.

fascunho — Caruma ou fasco. R. no Couto. (C. B.).

fasqueiro — Cada uma das hastesi-

sinhas da folha do pinheiro. *Dá-me daí um fasqueiro para scabichar os dentes.*

fastar—Recuar, desviar. *Faste lá um passo atrás!* dizem os caceteiros na primeira provocação ao seu adversario. *Fasta, galhardo!* Voz para o gado recuar.

fatão-ões — Os gômos da laranja. (L. L.).

fatina — Saca pequena que não leva mais de um quarto de milho. R. em Rio-Frio. (C. B.).

faúla — Caruma ou fagulha. (C. B.).

fazenda — O gado caprino e lanigero. Recolhido em Gondoriz. Na *Linguagem popular de Soajo* (*Rev. de Guimarães*, II, 18) do sr. dr. J. Leite de Vasconcellos, vem *fazendinha* com a mesma significação. Noutros pontos do concelho diz-se simplesmente a *rês*. Vid. *begia*. (C. B.).

fecheira — Peça da fechadura que recebe a lingueta, do lado oposto á chave.

fecho — Sobrescrito. Quasi só nas aldeias é que se usa, acossado pelo tal detestavel *envelope*...

fechuca e **fichuca** — Passagem estreita e funda. (C. B.).

fedúm — Mêdo.

feirão — Chama-se assim em Ponte do Lima o mercado quotidiano. O mercado quinzenal é a *feira*. (*Rev. Lusitana*, III, 65). (C. B.).

Esta particularidade dá-se em outros sitios.

feiticeira — Aracnideo negro, maior que a aranha comum. *Feiticeira de cem pernas* é a centopeia (*santopeia*). (L. L.).

feiturado — Com feitios, com desenhos, ornamentado. *Este caco é feiturado*, tenho ouvido nas escavações arqueologicas.

feixe — A trave do lagar, debaixo da qual se espreme o bagaço. (C. B.).

felgas — Bofes. «*Felgas de gato*, diz-se de uma pessoa de genio assanhado como de um gato. L. L.».

feloado — subst. Pano preparado ao fulão. *Uma jaqueta de feloado*, diz-se em Soajo. (C. B.).

fenagem — Conjunto de plantas, de hervas quaesquer, que semelhem feno.

fenar — Segar o feno. (L. L.).

fenelho—Agulha de pinheiro. (L. L.).

fendrelhos — Fasco ou caruma. Recolhido em Sabadim. (C. B.).

fenteira—Pé ou haste de féto (*fento*).

fentelha — Feto macho. Chamam-lhe os rapazes *herva dos relogios*, porque extraindo-lhe o casco, fazem do miolo, que é flexivel, roscas concentricas a que chamam relogios. (L. L.).

Nos dicionarios vem como especie de feto. No vocabulario prosodico registei *fento*, que é a pronuncia de *feto*.

fernandinhos — Bocados de pão que ficam das refeições em cima da mesa.

ferrão — Ferrã. Recolhido em Soajo. Vi o termo num foral antigo nos *Portug. Mon. Historica*, mas não tenho nota da pagina. (C. B.).

férreas — Pás de ferro de despregar a massa de farinha da masseira e de tirar a cinza do forno do pão. (*Rev. Lusit.*, V, 29). A definição enigmatica popular é: *vaca negra que bota as vermelhas fora;* as *vermelhas*, que parecem ser outras vacas, são as *brazas*. Vid. *amatadeira*.

«A primeira tem *rabo* de ferro; a segunda cabo grande de pau. L. L.».

ferreta — Botão de metal. (L. L.).

fétas — Especie de feto. Recolhido na Gavieira. (C. B.).

fiada — Reunião ou trabalho de mulheres a fiar. (C. B.).

fiadeiro — Fiada ou serão em que se fia. Recolhido em Soajo. (C. B.).

fiado—Novêlos de fio de linho fiado, mas não torcido.

fieira — Trancelim fino de ouro para trazer ao pescoço.

firma — Pequeno ramo de giesta para atar a vinha. (C. B.).

«Termo de alfaiate: Tira de ourela que se destina a não deixar torcer a frente do colete ou do casaco. L. L.».

flandeiro — Caneco ou lata de folha de Flandres, principalmente o que serviu para petroleo. Recolhido na Gavieira. Com esta palavra explica-se o adjectivo *fandoleiro*, delgado como a folha de Flandres. *Flandeiro* está, por dissimilação, em vez de *frandeiro*, de *Frandes*, que é a forma portuguesa antiga. (C. B.).

«*Flandeiro* o mesmo que *fandoleiro*. M. P.».

fliz (*Feliz?*) — Taboinha estreita ou fasquia que se coloca um pouco abaixo dos tectos para madureiro de fruta nos quartos, salas, etc. (L. L.).

flondro — adj. Diz-se do gado que está em descanço, folgado, sem trabalhar e por isso, em se apanhando livre, corre, salta, brinca, etc. (C. B.).

florino — Ouvi este adjectivo no seguinte ensalmo:

Quem se tiver de confessar | Muito deve de cuidar. | Cuide bem ou cuide mal | faça bem ou faça mal | Que os Judeus | prenderam nosso Deus, | Levaram-no a casa de Herodes, | Herodes não estava ali; | estavam trese ladrões | que sentença lhe mandaram dar—com seis espinhos d'espinhal. | O Senhor lhe respondeu | que o sangue que delle corresse | nem se vertesse, | nem se derramasse, | mas que as portas do ceu | eram brancas e *florinas* | e as do inferno negras e denegridas. | Que lá estavam quatro almas lascarinas. | O Senhor tamanhas penas viu arder | que chamou seu filho Marques pela mão. | Vem cá meu filho Marques | Alumia estas almas | que em tamanhas penas ardem. | O sol para de dia, o luar para de noite. | O sol tambores e guedelheiras despenteadas. | Quem disser isto na caresma | Tirará quatro almas de culpa e pena. | A primeira será a sua | A segunda aquella que mais desejar | Amen Jesus.

flustrias — Basofias. (*Rev. Lusitana*, v., 89).

fôcha — Jogo infantil do botão; tambem se chama *ròdinha*. (L. L.).

fôfa — *Malhar á fôfa*, malhar ao mólho, smolhar ou malhar ao *fanico*. Recolhido em Sabadim. (C. B.).

fôgo-lôbo — Erupção de pele acompanhada de prurido e inflamação, fogagem. Cortar o *fogo-lobo* é uma das sortes das mèsinheiras: A' que d'el-Rei quem acode | Ao fogo-lobo que começa | com funcho do monte | agua da fonte. | Por meu poder e da Virgem Maria | Padre Nosso e Ave Maria.

«Vid. *Rev. de Guimarães*, III, 64. C. B.».

fogueado — *Penedo fogueado*, rachado, fendido. Será *folgueado?*

fól — Fanfarrão, atrevido. Recolhido em Vila do Conde.

fóle — Ir ao fóle, ao frete, ao pelico, ao lombo, aos untos, aos fungões, á cara, ás orelhas, á carunfa, ao corpo, á figura . . . é tudo a mesma coisa. (L. L.).

foleiro — O homem que dá aos foles do orgão.

folerpa—Folheca. Recolhido em Soajo. Cfr. *Rev. Lusitana*, VII, 222. (C. B.).

folerpar—Cair folerpa. Idem. (C. B.).

folhas — *Ha que folhas!* Ha quanto tempo! Esta expressão pode ligar-se com o afolhamento ou rotação cultural que no Minho não existe

como sistema vigente, ou ligar-se-ha com a rotação anual da vegetação?

folhato — O folhelho do milho.

folheira — Uma folha de qualquer vegetal, tomada em separado.

folipão — Especie de carrasca, *folipeiros*. Recolhido na Gavieira. (C. B.).

folipeiro — adj. Diz-se do gado ou da rêz que tem a barriga grande. (C. B.).

folipeiros — O mesmo que *folipão*. Vid. o vocabulo *carrasca*. (C. B.).

fôma — Pequena faisca que se levanta da coluna de fogo. *Esta lenha ao arder, levanta muitas fômas*. (L. L.).

fòmento — adj. Faminto, esfomeado. (C. B.).

fôna — *Ver uma fôna com alguem*, ver-se atrapalhado, enredado ou muito ocupado: *andar metido numa fôna*, andar muito ocupado, numa roda viva. Como adj.: somitego, miseravel, avarento.

fonte—Prato de bordos altos e de boca mais estreita que o fundo, donde come ao mesmo tempo a familia inteira. (L. L.).

forcada — Utensilio de lavoura, constante de três longos dentes de ferro, sendo um em oposição aos dois; longo cabo de madeira. Serve para mato e estrume.

forcôa — Forquilha ou estaca de madeira com duas pontas.

fôrma — Botão perfurado. *Jogar a fôrma*.

formal — Faixa de terra lavradia ou inculta, mas do mesmo aspecto e disposição daquelas com que avizinha e das quaes se distingue pelos marcos ou outros sinais de separação.

formigos — O mesmo que *cronhos*. Recolhido na Portela. E' tambem o nome de uma especie de sopa de vinho com pão trigo, mel e outros ingredientes, usada na noite de Natal em algumas freguesias. (C. B.).

fornalheira — Cada um dos monticulos de terrões secos, nos *labôres*, aos quaes se lança fogo para depois espalhar a cinza no terreno. Pratica-se esta operação nos campos de feno ou de giesta, quando se quer de novo cultivá-los. Usado em Padroso, Rio de Moinhos, etc. Vid. *infornar*. (C. B.).

forquelha — Peça no carro de bois.

forreira — *Tábua forreira*; tábua de pouca espessura, mas de espessura determinada. As tábuas serradas classificam-se em 3 variedades: bitola, fôrro e meio e fôrro ou forreira. As primeiras teem 0,03 de espessura; as segundas 3/4 das de bitola e as terceiras 1/2 ou seja 0,02 e 0,015.

«O mesmo que *labaças*. (C. B.).

«Em Monção o *forro e meio* parece que tem o nome de *pelote*. Alem destes ha o *meio-fôrro*. (L. L.).

fossão — Especie de arado. (C. B.).

fraca — subst. Galinha da India; voz onomatopaica que substitue a má tradução de *pintada*, que se usa em Lisboa, etc.

frachados — *Frachados* dos lissos do tear são os fios de vêla.

frade — Certo cogumelo pequeno.

fraguear — Defecarem os animais.

fraguedo — Conjunto de fragas ou de frago de animais. (M. P.).

frangainha — Mulher franzina; pequena franga e tambem o mesmo que o seguinte:

franganita — Especie de galinha ribeirinha ou aquatica.

franguinho de bintem — Mancebo com fumaças de homem. (L. L.).

franzelha—Feto real (*osmunda regalis?*)

«Já ouvi *fenzelha*. C. B.».

fraqueira — subst. Fome, larica, apetite.

frècheiro — Femeeiro. Recolhido em Melgaço. (G. V.).

freicheiro e **freichleiro** — O freixo.

frescura — As roupas brancas de uma casa, o bragal, a *limpesa*. Asseio, limpeza. (C. B.). Daí o dizer-se *fresco* no sentido de *limpo*.

fresquejar — Lavar com agua limpa.

frétas — Fricções.

frieira — Sitio nos rios aonde as trutas acodem por ser mais fria a agua, em consequencia de nascente sub-aquatica.

fritir — Fritar.

«Tambem se ouve *fretir*. C. B.».

friura — Frialdade. *Agua quebrada da friura.*

fronho — subst. Portal largo provido de tejadilho. Tambem se diz *porta fronha*. Recolhi-o em Vila do Conde, mas ouvi-o tambem em Paços de Ferreira.

fudéca — *Malhar á fudeca*, o mesmo que malhar ao fanico. Recolhido em Padroso. (C. B.).

fueiretas ou **fumeiretas** — Os dois fueiros de diante do carro de bois; em Rio de Moinhos são uns fueiros mais pequenos entre os outros maiores. (C. B.).

fugideira — Egua de passo travado, mas muito rapido. O *passo travado* é o andamento favorito dos *picadores* do Minho, onde se cria a raça de garranos (Paredes de Coura, Miranda dos Arcos). Consiste no passo mas executado em tempos muito curtos e portanto rapidos.

fumeiro — Fueiro. Recolhido em Prozêlo. (C. B.).

fumadeira — Boquilha.

fuméga e **fumégas** — Homem mal ageitado (L. L.).

Será apenas calão local?

fundage (fundagem) — Os fundos, os tampos das vasilhas.

fundão — Vale profundo; pègo nos rios.

fundar — Colocar os fundos em uma vasilha.

fundos — As peças de madeira que constituem os tampos das vasilhas e ficam seguras no javre.

funducho — Nome generico das aves ribeirinhas que ora aparecem ao lume d'agua, ora desaparecem como os mergulhões. (L. L.).

funéu — Bainha por onde se introduz e corre um cordão, num saco por exemplo.

fungadeira — Constipação. Caixa de rapé, ponteaguda ou de tal feitio que permita introduzir-se nas ventas para aspirar o simonte.

«E' mais proprio para tabaco. B. G.».

fungalhar — Chover miudinho. (L. L.).

fura — Orificio feito com uma verruma, trado ou broca, sobretudo quando traspassa.

furco — Medida de extensão constituida pela maxima abertura de index e do polegar.

fustalha — Conjunto de fustes que ha em uma adega, taberna ou armazem. (L. L.).

fuste — subst. masc. e fem. Diz-se indistintamente o e a. Qualquer *louça* de madeira, seja barril, pipa, tinalha, em que se guarda o vinho. (L. L.).

fustiga — Vergasta.

futrage — Canalha, gente vil (de *futre*). (C. B.).

G

gábedo — Qualquer vaso ou recipiente para liquidos.

gabéla (gavéla) — Porção de *fasco*, reunida pelo *ingaço*.

gabêjo — O mesmo que *gábedo*; talvez menor, segundo M. P.

«Tambem usado em Monção. L. L.».

gabião (gavião) — Nas tesouras de podas, a peça curva que não tem gume. A outra peça chama-se *navalha*.

gabilha — Grande numero, malta, jol-

da, cafila. *Gabilha de rapazes, de ladrões*. Cfr. *gavela* no «Novo Dicionario», onde este termo é relacionado com o hesp. *gavila*. (C. B.).

gadanha d'agua — Grande enxurrada ou levada de agua. (L. L.).

gafol, gafoleiro — Gabarola. Recolhido em Vila do Conde. Vid. *fol*.

gaifonas — Momices.

gaipêlo — Pequena *galha* de uma arvore, principalmente de uma uveira. (C. B.).

gaipo — Qualquer ramusculo de arvore.

«Parte do cacho de uvas. G. V.».

gaita — Chifre. *As gaitas do boi*.

gaiteiro — Não é o que toca a conhecida gaita de foles, mas qualquer dos executantes da orquestra popular das romarias constituida pelo *zabumba* e *caixa*; a gaita é hoje menos empregada.

gala — Inchaço ou ferida na cara proveniente de pancada. Se uma gala é apanhada antes da Pascoa, diz-se: *Arranjaste uma gala para a Pascoa*. Em Caminha (Venade) usam *galo* e *néco*. (L. L.).

galamacha — Lesma. (C. B.),

galdir — Comer, mas parece que referindo-se á ideia de engulir, tragar, e não propriamente á de alimentar-se. Por analogia, ouvi a um podador: *a tesoura galdiu a vara da videira*, cortou-a sem dificuldade e de um só golpe. Vid. *gaudir*.

galear — Sacudir v. g. uma planta, até arrancar ou quebrar; levantar. Andar um carro com demasiada folga nos eixos, jogar por não ter os *apoladoiros* apertados.

galeira — Rego semeado ou para semear de feijão, de ervilha, etc.

galga — Alem da mó da azeitona, qualquer pedra que róla por um plano inclinado. (G. V.).

galgação — Acto de galgar ou fazer paralélo; estado de paralelismo; plano.

galgar — Traçar, cortar ou serrar paralélo.

gualgueira — subst. Vala aberta e mais ou menos extensa.

Adj. «*Peneira galgueira*, diz-se da criva ou peneira de malhas pouco apertadas. *A farinha mais grossa é a da peneira galgueira*. Vid. *algareira*. C. B.».

galha — Braço ou pernada da arvore. E' mais usado que o masculino *galho*.

galhada — Pancada com os galhos ou paus do boi.

galhardo — Apelido de boi; o mesmo boi. Nenhum lavrador diz *anda, boi*: mas *anda galhardo! anda cabano!*

galheiro — Ramo sêco de carvalho utilizado para pendurar *panêlos*, da cosinha ou qualquer *asado*; especie de cabide ou tábua horizontal munida de tornos, que se prega na parede para pendurar os mesmos objectos.

Cuido ser a isto que o sr. M. P. se refere na significação seguinte: Utensilio fixo das cozinhas, onde se penduram as panélas com a boca para baixo a escorrer».

galho — *Pedra de galho*, granito grosseiro, em que os cristaes de fedspato formam saliencias ou *galhos*.

«*Maçã de galho tenro*. L. L.».

galinha-do-Senhor — Insecto lepidoptero; tem 4 asas multicolores, que largam uma poeira brilhante. (L. L.).

galo-do-diabo — Insecto nevroptero que frequenta as margens dos regatos. Tambem chamam *pombinha;* em francês *libellule* e *demoiselle*. (L. L.).

gamêlo — Alguidar ou caneca grande de pau, dentro da qual se lava louça, se empàdeja o pão, etc. Recolhido em Soajo. Vid. *cunca*. (C. B.).

gamões — Hastes, caules de uma planta bolbosa, que cresce nas montanhas e que serve para alumiar na cozinha.

«Tambem se ouve, mas raras vezes *câmões*; a planta é a abrótea. C. B.».

gancha — Engaço ou ancinho de ferro. Tem tres dentes paralelos e iguaes.

«Em Monção é um forcado de ferro com 3 dentes curvos de ferro. L. L.».

gancho — O mesmo que *gancha* ou engaço de ferro de tres dentes. Usado em Padroso. (C. B.). Idem em Monção. (L. L.).

ganchola — O mesmo que *gancho*. (L. L.).

gancheta — Pau aprumado no coice do feixo da lagareta, prendendo esta á mesa. A mesa é a trave inferior que tem por cima a *certão*. (L. L.).

gandeiro — Criador de gado. Recolhido em Mâzedo, Monção. Vid. *gando*. (C. B.).

gando — Gado. Registado já no *Novo Dicion.* Vid. tambem *Rev. Lusitana*, VIII, 58 e IX, 25. No concelho dos Arcos, apenas sei que se usa em alguns sitios de Cabreiro e Sistelo. O que é interessante, é conservar-se ainda vestigio da nasal primitiva tanto nesta palavra, como em *caule*. (C. B.).

garampo — (*grampo?*) Utensilio de ferro, com que os carpinteiros apertam por meio de roscas qualquer peça ao banco. (L. L.).

gardacha — Termo de jogo do *pimpim*. (L. L.).

garda-mão — Sinonimo de *guarda-mato* aplicada á espingarda. (L. L.).

gariopim ou **comegente** — Ferramenta do genero da garlopa, mas mais pequena que esta e maior do que a plaina. Tira o pêlo das tabuas que vem da serração. (L. L.).

garnelas — Guelras do peixe. (L. L.).

garotaje — Conjunto de garotos; os garotos em geral.

garrido — Herva dos campos que serve para sustento dos porcos. Raiz fusiforme, caule reptante ramificado, avermelhado, folhas opostas, cujo peciolo sustenta peciolos secundarios, aderentes; flor vermelha, cinco sépalas no calice e 5 petalas na coróla. (L. L.).

garridos — Flor da urze. *Já ha garridos*, isto é, já entrou a primavera. Recolhido na Gavieira. (C. B.).

garrilhos — Fasco, garavalha, pluma.

garrotaje — O conjunto de *garrotes* ou pregos com que se prendem os *rastos* ás rodas do carro de bois. (C. B.).

garrote — Prego grande de cabeça chata e larga, que serve para fixar as *lamas* ou rastos das rodas do carro de bois. Recolhido em Sistelo.

«Rebento de uma uveira que se esponta, sem o destacar do tronco, e se torce a certa altura, e com que se prende uma videira ou braço de videira, servindo de verga. (C. B.).

gás — O petroleo.

gatenho ou **gatêinho** — Mato ou tojo meudo (molar) que se roça para camas de gado e para adubo. Ouvi o termo na Serra d'Arga (C. de Viana). *Tôjo* ali só chamam ao *arnal*, que deixam crescer e depois cortam para o lume. O *Novo Dicionario* trás no mesmo sentido, como termo da bairrada, a palavra *gatanho*. Na *Rev. de Guimarães*, III, 147, fala-se de uma especie de tojo chamado tojo *gadanho*. (C. B.).

O autor deste glossario ouviu no Alentejo *milho gatenho*.

gaudido — *F. esteve quasi gaudida com o parto*, isto é, quasi morta. (L. L.).

Será uma forma de *galdir* ou *gauldir?*

gazúla — Gazúa.

gêbo — Gougo, seixo rolado. Recolhido em Ponte de Lima.

geira — O mesmo que *abeleira* ou *bezeira*, na lavoura. Recolhido em S. Cosme. (C. B.).

geirar — O mesmo que *abezeirar*. Idem. (C. B.).

genioso — Pessoa que tem genio forte, assomadiço.

gergolina — Aguardente. (C. B.).

godalho — Carneiro. Recolhido em Soajo.

gôgo — Seixo rolado. Em Braga dizem *gódo* e *gode*. Tambem doença das galinhas.

gola — Esgalho ou rebento de um pé de cravos para plantar. Colhido em Ponte de Lima. Cfr. *goldra goldrar*. (C. B.).

goldra — Rebento ou gomo na couve de 2 anos.

goldrar — Apodrecer, lavrar o mal ou podridão nas plantas. *Goldrar uma ferida*, criar pús ou materia.

gôma (da terra) — A parte humosa e fertil da terra, que está ao de cima.

gomada — O conjunto dos gomos novos da vinha ou de qualquer outra planta; a rebentação das arvores na primavera. *As arvores já estão com a gomada*.

gomar — Lançar gomos a arvore ou planta.

gonsalo — Insecto, geralmente chamado *joaninha*. Na conhecida perlenga infantil: *Joaninha, vôa, vôa*, etc. dizem: *Gonsalo, vôa, vôa*, etc. Recolhido em Ermêlo. (C. B.).

gorga — Certa herva dos campos, bem conhecida por crescer entre o linho galêgo e ser preciso limpar depois a linhaça da semente da tal herva. (C. B. e L. L.).

gorgão — Outra herva dos campos, que está para o linho mourisco como a gorga para o linho galêgo. (C. B.).

gorgolejar e **gorgorejar** — Ruido que um gás produz atravessando um liquido e saindo ás bôlhas.

gornifas — Chorincas ou aves frias. (C. B.).

gougar — Rolar como um *gôgo* ou *gougo*. Se algumas vezes posso ter ouvido *gôgo*, nunca ouvi senão *gougar*. Lançar um objecto roliço, rolando.

grabalha — O mesmo que *fasco* ou a caruma do pinheiro.

«Ouve-se tambem *garbalha* e *garabalha*. C. B.».

«Em Coura dizem *grabulha*; em Caminha, *grabanha*. L. L.».

grabalheira — O mesmo que fasqueiro. Recolhido em Venade. (L. L.).

grabano — Vasilha ou *gábedo* feito da casca de certas cabaças (cabaças do vinho). Usado em Sabadim, Coura, etc. (C. B.).

grabêlho — Fechador das portas.

gradil — Grade de ferro.

gradão — Grade de ferro em redor de jardim; portão.

graia — O tecido lenhoso de uma essencia florestal, considerado pelo aspecto que o caracteriza e distingue.

«O aspecto ou qualidade de granito quanto á dimensão dos elementos que o compõe; *a graia da pedra*. G. V.».

gramada — Espadelada. Usado no N. do concelho e especialmente em Paredes de Coura. (C. B.).

gramalheira — Corrente de ferro; cadeia.

gramão — Raizes de certa graminea que se desinvolve nas terras pouco sachadas.

gramar-se — Diz-se da roupa de vestir, muito coçada e que começa a desfazer-se. (C. B.).

gramasso — Coisa como argamassa.

gramilo — Gancho que segura a aldrava ou fecho da porta e o não deixa levantar.

graminhar — Fazer uso do graminho. E' termo de carpinteiro.

gramoento — adj. Diz-se das terras sujeitas ao aparecimento do gra-

mão ou em que ele se desenvolveu.

grandear — Alardear grandezas.

grandeiro — adj. Bastante grande. Ouvi este termo aplicado a frutos.

greiro — Qualquer grão ou semente, considerada em si: *greiro de milho*, *greiro de ervilha*, *greiro de trigo*.

grêlho — subst. Ouvi aplicar este termo a uma rocha da natureza do grés e creio que se aplica a toda a qualidade de pedra broeira ou sem tenacidade e incapaz de ser afeiçoada.

«Julgo ser uma outra forma de termo *brêlho*, substituindo *b* por *g*. Diz-se de uma pedra dura: *é dura como brêlho*. C. B.».

grenho — (*Tôjo grenho*) Qualidade ordinaria de tojo, de aparencia entre o molar e o arnal. Vi-o em Ponte de Lima. E' raro, muito duro ou lenhoso e dificil de decompôr-se na terra. (C. B.).

grilo — Peça do arado.

grimanesa — Louva-a-Deus (insecto). (C. B.).

grisa ou **griso** — Pequena fogueira no lar, *grisol*. Recolhido em Santa Cristina. (C. B.).

grisol — Pequena fogueira no lar. Em Santa Cristina, tição a arder para se alumiar pelo caminho de noite. (C. B.).

gronhos — O grão de milho reduzido a pequenos fragmentos no moinho para se cosinhar como arroz ou sustento dos pintainhos. (L. L.).

grota — Qualquer vala funda.

guarda-montes — Quatro pregos grandes nas *meias-luas* das rodas dos carros de bois.

guerindé e **grindé** — Agua furtada alta e livre por diferentes lados, mirante. Tenho ouvido em sentido depreciativo.

guiceiro — O mesmo que *guiço* ou *guisso*.

guicho — adj. Esperto, vivo. *Olho guicho*.

guiço ou **guisso** — Pauzinho.

guieira — Vento esfusiado, cortante; vento frio; nortada. *Está hoje uma guieira! Por essa frincha vem uma gueira!*

gurbaninha — Ouvi este termo varias vezes a um homem da serra, no sentido de baixa ou chã entre montes mais elevados. Recolhido em Vilela.

gurgo — Gorgulho. Recolhido em Cabreiro e usado tambem em Monção. (C. B. e L. L.).

gurida — Pequena nascente de agua pequena corrente de agua. Vid. *guarida* no *N. D.* (Supl.) e *goarida* na *Rev. Lusit.* VIII, 58. (C. B.).

gurricho — Pequeno golo de liquido no fundo do copo, garrafa, etc. Daqui deriva *esgurrichar*. Talvez se possa considerar como alteração de *golicho*, diminuitivo de *golo*. (C. B.).

H

herdança — Herança.

herdo — Uma herança ou legado; uma deixa.

I

i(n)-arcar — Pôr os arcos a uma vasilha. Não poderia escrever *inarcar*, porque daria uma pronuncia errada; mais proximo da verdadeira pronuncia, seria *in-harcar;* mas ainda não seria exacta. O mesmo direi de muitas das palavras seguintes, em que o *i* é nasal.

i(n)-eirar — v. n. Ter eira ou com que a sustentar; isto é, colher cereais bastantes para dar trabalho a uma eira.

i(n)-eixar — Colocar nos eixos um carro.

igrejóla — Igreja pequena e pobre. (*Ecclesiola?*)

iguaço — Neste adagio: Março, iguaço, | tanto durmo como faço.

ilhargueiro — *Ilhargueiro da cama*, tábuas laterais, onde apoiam as travessas.

im por mim — Nestas frases: *Eu... im por mim, nunca lá fui! Eu... im por mim, não acredito.* Quanto a mim.

imanetado — Ligado, envolvido em faixas, em panos.

«E' variante de *impanetado* que tambem se diz. C. B.».

imantado — *Cavalo imantado;* coberto com manta.

imatar — Pôr mato em uma parede, em um portêlo, para impedir a passagem; ensilvár.

imbançar — Pôr os lanços a uma escada de mão.

imbarrar — Empenhar. Tocar em alguma coisa ao de leve. *Não me imbarres! (Noli me tangere)*

imbatumar — Fôr massa de vidraceiro ou substancia equivalente. No *Manuel d'Archéologie française* de C. Enlart, 1, 6, vejo que este verbo existe em provençal tambem.

imbiadouros — Termo familiar. Garganta ou canal por onde a comida vai para o estomago. (C. B.).

imbiar — (enviar) (v. n.) Diz-se do gado que arremete contra as pessoas, que escorna.

«Tambem significa olhar para baixo, como o porco. C. B.».

imbocar — (embocar) Meter á boca. *E' capaz de imbocar um cáunt'ro de binho!*

imbolber—(envolver) Turvar-se o vinho ou outro liquido que fique com substancias em suspensão, v. g. lias ou outros depositos.

imbornecer — (emmornecer) Aquecer um liquido ou torná-lo morno (bórno).

imborralhar — Turvar ou turvar-se liquido, v. g. o vinho.

«Ensopar ou mergulhar as meadas de linho em agua com borralha para depois irem a cozer ao lume e em seguida córarem mais depressa e melhor. G. V.».

imbòstada — Barrela preparada com agua a ferver, bosta de boi e cinza, na qual se mete o pano de linho depois que sai do tear. (C. B.).

imbòstar — (embostar) Meter o pano de linho ou estopa na *embostada*. Mais usado que *embostelar*. (C. B.).

imbostelar — O mesmo que *embostar*. (C. B.).

imbriolar-se — Tomar-se da pinga ou do briol. *Imbríolado*. (C. B.).

imbroscado — Escondido no meio da mata ou do *brosque*, emboscado Vid. *brosque*. (C. B.).

imbrulhar — O mesmo que *envolver* ou envolver-se.

imideirar — Juntar a palha do milho em *mideiros* ou *medeiros*. Pronuncia-se geralmente nasal o primeiro *i*, mas tambem tenho ouvido sem o til.

impabear — Comer o gado a herva sofregamente, como que uma paveia de cada vez. (C. B.).

impàdejar — O mesmo que *pàdejar* ou empèlar. Recolhido em Soajo. (C. B.).

impalheirar — Estender por entre o milho, nas terras declivosas, o cisco que ficou de alimpar o trigo, o centeio, ou de esfolhar o milho (*côsco, coscaria*) a fim de que a agua, ao regar, não arraste consigo a terra. Recolhido em Padroso. (C. B.).

impanadar — Dispor o tôjo ou mato em *panadas*. Um certo numero de panadas carrega um carro de bois (60 panadas).

«Na Miranda 40 *panadas* de arroba cada uma, constituem um carro, por assim dizer, oficial. M. P.».

impária — (empara) Termo tecnologico de carpinteiro; significa qualquer construção (ou disposição)

para amparar, para evitar que alguma coisa caia. Assim se diz: *As imparias da ponte*, por as guardas.

impedo (impeto) — Acesso violento de ira ou furor. (C. B.).

impeirar (*uma teia*)—urdi-la e metê-la no tear. Recolhido em Ponte da Barca. (C. B.).

impelar — O mesmo que *empèlar* mas com o *e* surdo ou breve. Recolhido em Rio de Moinhos. (C. B.).

impèlar — Agitar uma porção de massa de pão (de milho) dentro de um alguidar ou cunca, segurando esta com ambas as mãos, de forma que se consiga que a massa fique reduzida a uma *brôa* com a superficie lisa, para o que se atira ao ar, com um impulso giratorio e se torna a aparar no mesmo recipiente, até que fica em estado de enfornar. Tambem se diz *pàdejar*. (C. B.).

E' de supor que venha de *péla*, porque a massa é jogada como péla, embora a menor altura.

imperrear — Emperrar, v. g. o eixo do carro de bois.

imperriçar-se — Zangar-se, ter uma perrice. Diz-se principalmente das crianças.

impesar — Meter na prensa ou *impêso*, isto é, debaixo da trave do lagar. *Impesar o brôlho*.

impêso (*do lagar*)—O pêso de pedra que existe nos lagares.

impinar — O mesmo que *impèlar*. Recolhido na Gavieira. (C. B.).

impinja — Suponho que o mesmo que *empigem*. Ouve-se no ensalmo de *escrever as empigens*.

«Impinja, rabinja, | sai-te d'ahi! | Tanto tu medres ahi, | como eu hoje comi e bebi, | pela graça de Deus e da Virgem Maria, | um Padre Nosso e uma Ave Maria.

Esta operação é feita em jejum pelo proprio paciente, se sabe, dando traços (o que se diz escrever) com pedaços de herva chamada *cerulha, cerúlia* e *cerôlea*, que esvurma um leite amarelado e esse leite é a tinta com que se escreve». (L. L.).

impipar — Empontar, dar cabo de alguma coisa ou despedir alguem.

implamado — Inflamado. *Esipla implamada*. Eis como se corta:

«Pedro Paulo foi a Roma, | Jesus encontrou | e elle lhe perguntou: | Pedro Paulo a que vais lá? | Senhor, morre muita gente | com esipla implamada! | Pedro Paulo torna lá, | unta-lhe com oleo de oliva | e corda de esparto, | que esse mal logo passará, | pelo poder de Deus, da Virgem Maria, | e do apostolo Santiago. Ave Maria. L. L.». Vid. *carregueira*.

implasmado — Pessoa coberta de apositorios; pessoa muito doente, cheia de achaques.

impôr — *Impôr o tempo*, ocupá-lo inutilmente com segundos fins ou simplesmente sem fim algum; ocupar-se em qualquer frivolidade.

imporem — Porém.

imposta — Junta de bois com sua solada para *assolear*. Sendo para puxar para trás o carro numa descida, chama-se *rapa*. Recolhido no Extrêmo. (C. B.).

imprastar-se — Deitar um emplasto, ordinariamente no peito. E' uma das operações mais acreditadas da medicina popular. *F. já se imprastou!* E' caso serio!

«Quando uma pessoa, sobretudo mulher, se sente falta de forças, fraca de peito ou das costas, ou julga ter a espinhela caida, aconselham-na a imprastar-se. Manda-se então vir da botica um emplasto confortativo, chamado de *bisma*, que é feito de pêz preto ou louro, resina amarela, cera amarela, terebentina, banha, azeite, incenso, canela e outros ingredientes, que, como os referidos, não fazem

bem nem mál. Para aplicar o emplasto, chama-se uma mulher, a *imprastadeira*, prática em tais serviços, ou, para os homens, um endireita qualquer. Depois de aplicadas algumas ventosas e posto o emplasto no peito e ás vezes tambem nas costas, a doente ou o enfermo tem de observar durante alguns dias um repouso, quanto possivel completo e uma dieta constante de comidas substanciais, a qual dieta e o qual descanso, juntamente com a fé viva nas virtudes curativas do emplasto, dão muitas vezes com o doente perfeitamente são.

Inquirindo o que seria isso de *bisma* ou porque se diz *emplasto de bisma*, disseram-me que deve ser por se pegar muito. Parece pois sinonimo de pêz. Este emplasto é tambem empregado nas fracturas. Quando o vão pedir á farmacia, pedem um emplasto de *bisma*, um *bisma* ou uma *bisma* ou um emplasto das espinhelas. Vid. *Revista Lusitana*, XIII, 227. C. B.».

imprensa — Prensa.

imprestadar, imprestadado — Emprestar, sabendo que se fica sem a coisa emprestada. Termo usado por ironia ou emfase. Lembra o *faladrar* de Lisboa.

impribir — Prohibir, impedir.

impribir-se — Cohibir-se de fazer alguma coisa.

imprir — (Emprir) Adquirir, aumentar os bens ou haveres. (C. B.).

impular (impolar?) — O mesmo que empèlar ou pàdejar. Recolhido na Gavieira. Não ouvi senão no infinitivo. (C. B.).

incabrestar — Assentar *cabrestos* no segundo sentido desta palavra. (L. L.).

incabritado — Amuado. Vid. *cabrito*. (C. B.).

incabritar-se e **incabritar** — Amuar, ganhar cabrito. (C. B.).

incadinar — O mesmo que *cadinar*.

incaixar — Acondicionar em caixa, encaixotar.

incalar — O mesmo que *encalir*.

incalcar — Calcar.

incalir — Engrolar, atrapalhar, atamancar.

«Cozer incompletamente algumas substancias alimentares para que se conservem mais algum tempo sem se estragarem».

incama (encama) — (T. de pedreiro). Rachas ou lascas de pedra assentes em uma parede em construção para regularizar o assento ou leito das imediatas superiormente.

incamar (encamar) — Dispôr as *incamas*.

incanar — Endireitar-se, melhorar de saude; diz-se das pessoas fracas ou doentes quando se restabelecem. Diz-se tambem das plantas, v. g. dos trigos; o que é decerto a significação natural.

incanelado — adj. Pinheiro *encanelado* é o tronco do pinheiro perfurado interiormente a todo o comprimento para formar a canle nos moinhos. (L. L.).

incaniçada — Carro cheio só até os bordos das caniças. Tapada ou sebe feita a modo de caniços. (C. B.).

incaramunar-se — Diz-se do tempo. Enfarruscar-se a atmosfera.

inchedouro — Pessoa de mau humor, intratavel. *Stás um inchedoiro!* (C. B.).

inchume — Coisa ou substancia com que se enche.

incinho — Ancinho. Usado em Viana, Caminha, etc. Nos Arcos não tenho ouvido a palavra. Sempre ouvi *engaço*. (C. B.).

incoirado — adj. Duro como o coiro.

inconchado — subst. Trabalho de costura que consiste em apanhar ou encolher o *repôlgo*, de modo que se formem conchas. (C. B.).

Vid. *conchado*.

incopelar — Dispôr em copélas a palha, o linho, etc.

incòrar — Represar ou represar-se a agua. *A agua incóra e não chega lá!* diz-se quando um rego não tem declive, de forma que a agua não corre, *incòrando* ou empoçando.

incóstas (encostas) — Peças do engenho do linho.

incunca (encunca) — Certa casta de maçã do Alto-Minho. (L. L.).

incuncar (enconcar)—Arquear, abaúlar-se. Diz-se por exemplo das aduelas e fundos das vasilhas etc. Tomar a fórma de *cunca*, isto é mais ou menos concavo-convexa.

incunicar e **incurricar** — Fazer rugas, prégas. *Pelle incurricada.*

incurrica — Ruga, carquilha. (C. B.).

incurtecer — Encurtar, fazer-se curto, encolher. (C. B.),

incutinhar-se—Dobrar-se muito uma pessoa. Não tenho ouvido aplicar senão a coisas. Daí *incutinhado.*

indebida — Individua, epiteto em geral pouco lisongeiro.

indondecido — Coisa que se tornou *donda*. Vid. *dondo*. E' natural que que haja *indondecer*, mas apenas ouvi aquella forma em adjectivo.

infamar — Ter boa fama, ganha-la. Embora não seja significação generalizada, é certo que a ouví em bom sentido.

infeiturar - ado — (*enfeiturar-ado*). Enfeitar.

infia — Desejo, vontade, apetite forte. *Tenho uma infia de vinho! Tive uma infia de me botar a elle. Infia* é a pronuncia.

(Continua).

F. ALVES PEREIRA.



INVESTIGAÇÕES ETHNOGRAPHICAS

(Artigo postumo [1])

I. Hueste

Canonigos que parecen hueste: A lo mejor de mi miradura entró gran tropa de canonigos bestidos de blanco, las camisas sobre el sayo que yuan entrando al coro, por diferentes puertas, yo (como era la primera vez que vi cosa semejante) pensé que era la hueste: mas despues viendo que eran hombres como los otros les perdi el miedo».

(Licenciado Francisco de Vbeda. *Libro de entretenimiento de la Picara Iustina*, tomo I, libro II, parte II, fol. 31. Medina del Campo, 1605).

II. Não se cabia la por pés

O povo elvense, querendo significar que ha grande numero de pessoas em qualquer recinto, costuma dizer: *não se cabia lá por pés*. Semelhante locução existe na lingua hespanhola. Na obra *El Criticon*, de Lorenzo Gracian, parte primeira, fol. 135, lê-se: «Aqui se venele, gritaua uno, un remedio unico para quãtos males ay: acudia tanta gẽte, que no cabia de pies, aunq̃ si de cabeças».

III. Cocos

a) Hum Cupidinho perdestes
E por sinal que imagino
Que me haveis odio cobrado,
Pois haveis amor perdido.

Era de coco o rapaz,
Que junto a gesto tão lindo,
Ficou feito como hum coco,
Sendo bello como um brinco.
. . . .

(Romance de Jeronymo Bahia: — *A F. que perdeo hum Cupido de coco, que trazia, de que só lhe ficarão as azas. Fenis Renascida*, tomo I, pag. 334. Edição de 1746).

[1] [Foi-me ainda enviado pelo autor; porém só agora póde ser publicado na *Revista Lusitana*. — J.L. de V.].

[2] (Cfr. *De algumas tradições de Hespanha e Portugal a proposito de Estantigua*, por F. Adolpho Coelho. Paris, 1900).

b) «Sendo com tão boçal fisiognomia
Espantalho do Sol, coco do dia».

(*Fenis Renascida*, tomo V, pag. 276. Edição de 1746).

c) «Llegauan ellos muy secos, quando mas ahogados de reumas; apurados de la sed, á apurar los cangilones, que ellos les bailauan delante, bebian sin tassa, como gente sin cuenta, y era biẽ de reir, como fundavã credito en hazer la razon, quando mas la deshaziã: y si alguno, mas templado, se detenia, començauã á hazerle cocos, bautizando su atencion por melindre y figureria..»

(Lorenzo Gracian, *El Criticon*. Parte tercera, fol. 308).

d) Diz que tras Nise por gala
pendurados em seu peito
hum coração de azeviche,
outro de ouro de grão preço.

Hum de crystal transparente,
outro de estimado electro,
que na nossa lingoa he
não mais q̃ alambre amarello.

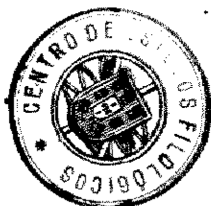
Hum tras de prata fina,
outro de coco sem medo,
emfim de todas as massas
traz mil corações diversos.
....

(Antonio Serrão de Crasto, *Romance*.—*Academia dos Singulares de Lisboa*, tomo I, fol. 259.—Lisboa 1665).

IV. Bruxedos

....
«Passatempos de amor são laços fortes,
Para saber se a ausencia os quebraria,
Lançou a atafoneyra algumas sortes.
Tinha uma amiga velha, que sabia
Por sua idade tratar estes assuntos,
E quanto o grande Tamorlão fazia.
Untava-se ella com diversos untos,
E suçurrando peregrinas vozes,
Appariçoens fingia de defuntos.
Azeyte tinha de estilladas nozes,
De homens coraçoens, que justiçarão,
Tirados pelas mãos de seus algozes.
Em sua casa nunca lhe faltárão
Hervas e pedras, que só ella escolhe,
Embigos de mininos, que engeytárão.
A semente do feto, que se colhe
A noyte do grão Santo, e aiada nesta
O bravo Satanás a veda, e tolhe.

Arruda, herva pinheyra, que só presta
Para se pôr em nome do amado,
O aypo, e o serpão, salva e giesta.
Berço de lobo, corda de enforcado,
De gallo branco o pé, mão de topeyra,
Do gato negro o olho mal mirrado.
Alguns cuydavão que era feyticeira
Por estas sirandajes, mas ella era
Mulher insigne, bruxa verdadeyra».
....



(*Fenis Renascida.—Jornada que Diogo Camacho fez ás Côrtes do Parnaso*—, tomo I, Lisboa, 1746, fol. 5).

V. Procissão das candêas

«Hũa procissão se faz em dia da purificação da Virgem nossa Senhora, a qual se chama das candêas, porque em esse dia se benzem, & leuão em a procissão.. Sancto Agostinho, o veneravel Beda, Innocencio terceiro, & outros, dizem, que a causa porque a Igreja ordenou a festa da purificação com candeas accezas, foy pera desterrar o antigo ritu dos Gentios, os quais festejauão com muitas luminarias ao Deos Februo a quem tinhão dedicado o mes de Feuereiro, & quis a Igreja que o que se fazia a hum Deos falso, se fizesse, com toda a rezão, ao Deos verdadeiro».

(Licenciado Gaspar Pirez de Rabello.—*Thesouro de pensamentos concionatiros.* Parte primeira, p. 83. Lisboa, 1635).

VI. Amuleto

Cupido de azeviche contra quebrantos

....
Esse Cupido não era
lá na Batalha criado?
filho de Marte, & de Venus,
pois como acabou tão fraco?
Não tinha virtude oculta
para tirar os quebrantos?
pois quando os quebrantos tira,
como fica esse quebrado?
....

(Antonio Serrão de Crasto.—*Romance a hũa dama, que tendo no peito hum Cupido de azeviche, lhe estalou aos rayos do Sol.*—Academia dos Singulares, tomo I, fol. 153).

VII. A crendice popular: "cabello de mulher transformado em cobra" [1]

Na secção de *Consultas* do semanario *Gazeta das Aldeias*, 17.º anno, n.º 842, lê-se o seguinte:

«*Pergunta* — Que animal é o que remeto vivo no frasco com água?

Resposta — É um *Phreoryctes*, curiosissimo verme de água doce, que aparece nos rios, regatos e nascentes de àguas puras, escondendo-se no inverno entre o lôdo, e no verão entre as pequeninas plantas aquáticas, ou aglomerados de seixos e pedra miuda. Nos dias de grande calor, ou ameaçando trovoada, os *Phreoryctes* agitam-se quási à superficie das águas, em sitios de corrente mansa, isoladamenie ou em grupos, torcendo-se e enrolando-se fortemente sobre si, ou com os colegas, parecendo dar nós de dificil destrinça, mas que desfazem tão rapidamente como os fazem, o que lhes valeu o nome vulgar de *Gordio*, em recordação do célebre nó sagrado que o rei Alexandre desfez, cortando-o com a espada de conquistador audaz. Vivem perfeitamente em pequenos aquários bem providos de plantas aquáticas com que parece se alimentam. Mas teem de viver sósinhos, pois se com êles se juntaram peixes, estes comem-os em pouco tempo.

Como, à primeira vista, o *Gordio* parece um cabelo de mulher, no comprimento e grossura, cabelo dotada de vida, a errónea crendice popular, diz que, penteando-se uma rapariga virgem junto a uma fonte ou regato, ao romper da manhã, e deitando na água os cabelos que arrancar da cabeça, êstes se transformam em sêres vivos.

Ora os *Gordios*, com os cabelos da mulher, só teem uma vaga semelhança de tamanho e espessura. Nada mais. São exclusivamente vermes interessantíssimos, dignos de estudo, parentes próximos dos vulgares e assaz conhecidos vermes da terra. — *Eduardo Sequeira*».

[1] Cfr. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, p. 144.

VIII. Cantigas populares

Na obra *Academia das Singulares de Lisboa.* (Lisboa, 1665-1668) encontram-se as seguintes cantigas populares, na sua maior parte glosadas por Antonio Serrão de Crasto [1]:

Rosa branca tomai cor,
não sejais tão descorada,
que dizem as outras rosas:
rosa branca não val nada.
(Tomo I, fol. 40)

Ó homem da caravella,
levas a morte comtigo,
que essa mulher que ahi levas
he casada, & tem marido.
(Idem, fol. 62)

Se saudades matarão,
muita gente morreria,
mas saudades não matão,
matais-me vós, minha vida.
(Idem, fol. 81)

Coração de aço puro,
entranhas de pederneira,
se dantes eras tão firme
quem te fez dessa maneira?
(Idem, fol. 169)

O Ceo, & mais as Estrellas,
& mais a Lua tambem,
sejão minhas testemunhas
como eu sempre lhe quiz bem.
(Tomo II, fol. 35)

De correr venho cançado,
de cançado me assentei;
já achei a quem buscava,
agora descançarei.
(Idem, fol. 197)

Tenho um papagayo verde
Na janella de meu bem:
Ay de mim que estou querendo
Não posso dizer a quem!
(Idem, fol. 421)

IX. Folklore de Antonio Serrão de Crasto

(A)

(Em varios «Romances» da obra: *Academia dos Singulares de Lisboa*)

....
E pois cebolinha sou
me pòdem metter em restea.

....
Já andei feito choramingas,
& à cabra cega jugando.

[1] «Parecendo-me que não tinha mais que ver, quiz saudoso deixar tão ameno sitio, quando pegando em mim as nove irmãs. fazendo grandes algazarras; em bandurras, rabíz, citharas, guitarras, me levárão preso diãte do Deos Apollo, dizendo: Este he um barbado, que se metteo a ser Poeta, & falar entre discretos, quando não sabe mais que trattar com os simples da botica, & não podemos extinguir deste jardim, de entre as flores do Parnaso, suas innuteis hortigas, & despresadas malvas; já vindo disfarçado em Francisco Relè, já em Manoel de Alfama, não ficando cantiga de moça de cantaro, que não deite a perder com suas glosas: culpa tão grande, digna he de exemplar castigo».

(Discurso de Antonio Serrão de Crasto, em 27 de janeiro de 1664. — *Academia dos Singulares*, tomo I, fol. 240).

. . . .
Deite as barbas de remolho.

. . . .
Com um cajado senhores,
dous coelhos mato agora.

. . . .
Não tem dente de coelho.

. . . .
Digo que de todas tres,
venha o diabo à escolha.

. . . .
Tão contente està com ella,
que na dança das espadas,
não tendo a espadinha volta,
faz mil voltas, & mudanças.

. . . .
pois lhe deu hũa no cravo,
& outra na ferradura.

. . . .
pàra mais não tenho bulla,
& o assumpto tenho ditto,
tudo P, A, pa Santa Justa.

. . . .
Com a candea na mão
fazer quero este Romance,
que por ser feito à candea,
pode ser que a Nise agrade.

. . . .
A molher, & mais a tea
à candea hão de buscarse.
. . . .

Vaite chuva, vemte Sol,
não quer que os rapazes cantẽ,
nem caracol, caracol,
os corninhos ao Sol lance.

Sendo que pela Quaresma
sempre acompanha os rapazes,
porque nas suas charolas
sempre candeinhas trazem.

Em todas as Confrarias
quer por confrade assentarse,
porque dão nas suas festas
candeinhas aos confrades.

Por ver muitas candeinhas
dizẽ que ha de embebedarse,
por encerar com candea,
que ha de aprender a alfayate.

Se lhe derão a escolher,
qual queria de dous males,
se ter o Sol na cabeça,
ou sentir carnosidades.

Este com ser o peyor,
cuido que escolhera antes,
porque he mal, que com candea
sempre costuma curarse.

. . . .
Fez das tripas coração.

. . . .
Este gato nunca foi
em sua vida escaldado,
que se o fora, da agoa fria
tivera medo, & espanto.

. . . .
Sette folegos que tinha
perdeo num esfolagato.

. . . .
Nunca máo para subir
lhe derão, foi desgraçado,
sendo que com sua mão
muitas sardinhas tirarão.

. . . .
A Lua tambem não serve
pois que taes pepinos faz,
que são da colica origem,
da maleita original.

Estrella ninguem lhe chama,
que hà dellas contos sem pàr;
& vellas no meyo dia
és muy vellaca señal.

....
es abobora, ou pepino,
que ao luar queres crescer.

....
Sendo que eu juguei de fora
não me quiz meter no corro,
que sempre achei mais seguro
o ver de palanque os touros.

....
Nise está ferindo lume,
Fubio vem ferindo fogo,
Ma pera fazer migas,
Me chorandoas, que he tonto.

....
E no livro dos secretos,
diz um Autor curioso,
que orelhas de mercador,
são ouvidss deste modo.

....
pois que corres Seca, & Meca
& olivais de Santarem.

Jugando com as amigas
agaratuza, ou a polha
nunca ganhava por mão,
mas por pé ganhava a todas.

....
& às tres o diabo a fez.

....

Quem tem sangue faz chouriços.

....
não só tem sangue no olho,
nos olhos o sangue lhe anda.

....
com quantos dentes tem mête

....
que sempre do mal o menos,
deve escolher quem he sabio.

....
porque o mesmo he lá buscala,
que no palheiro hũa agulha.

....
Oh não contas as estrellas,
porque será cousa dura,
que quantas estrellas contas
tantas te nasção verrugas.

....
Se quem se queima alhos come,
diz o nosso adagio antigo,
Nise, pois te queimas tanto,
algum alho tens comido.

....
Porque neste toque emboque
trocais de tal modo as bolas,
que dando um cabe de amor,
á ré chegaes rigurosa.

(B)

No Poema *Os Ratos da Inquisição*

....
.... porque tantas vezes
fazeis roupa de francezes
a de um triste portugues?
....
que o homem honrado ha de andar
roto, mas não remendado
....
porque, remendado o panno,
chega e passa além do anno.
....

porque vós sois como patos,
que, na casa onde entrais,
comeis, grunhis e sujais.
....
que de cominhos um real
já não pode estar-se n'ella.
....
quando tão aproveitados
da Beira são os Ratinhos
dizem que o gato e o ladrão
leva o mal arrecadado;

. . . .
nem tanto gato-sapato.
. . . .
e, se gato ou rato apanha.
num sapato mette o rato
. . . .
Mas, se cada um na feira
diz conforme lhe vai nella.
. . . .
que até vindo buscar lã,
vós a levais limpa e sã,
sem nunca ser tosqueados.
. . . .
outros ratos na barriga
me róem a toda a hora.
. . . .
como me deixais em vão
neste jogo da almoninha,
tornai lá que não é minha.
. . . .
Quando em rapaz me nascia
em minha boca um dentinho,
que me nascia um ratinho
então minha mãe dizia.
. . . .
então dos tolos dizeis
que o pão se come primeiro;
o adagio é verdadeiro.
. . . .
Meu pão com o olho vejo,
porém como-o com a testa.
. . . .
que nem sempre ha de durar
para vós o pão da bôda.
. . . .
tal dom vos hei de fazer
que baileis a sarabanda.
. . . .
D'elle um bocado só tenho,
vós um pão com um pedaço.
. . . .
D'esta agua não beberei,
é um dito mui commum;
. . . .
porque comer pão alheio
a ninguem enfasteou.
. . . .
mas eu de fome estalando,
e posto a pão de padeira.
. . . .

levais o melhor quinhão,
gram fatia e bons bocados,
sem serdes meus afilhados,
nem de meu compadre o pão.
. . . .
que quem trabalha manduca,
mil vezes ouvi dizer.
. . . .
olhai que algum dia a negra
me podeis vir a pagar:
porque nem sempre ha de estar
o diabo atraz da porta;
porque, se a fortuna torta
bigorna agora me fez,
posso ser malho outra vez,
e assim vingar-me importa.
. . . .
e quem com um olho se achar
mui bem se pode chamar,
na terra dos cegos, rei.
. . . .
para vós pão de violas,
para mim pão bolorento.
Con pan los duelos son buenos
para vós, e são regalos;
sin pan los duelos son malos,
para mim, e são venenos;
tambem que *del mal lo menos*
dizem adagios geraes.
. . . .
e do mal sempre me vem
com fome ao rosto os signaes.
. . . .
ficais a duas amarras,
mas eu fico por um fio.
. . . .
Uma galheta bem cheia
de azeite me derramastes;
como no chão m'o entornastes
ficou sem ella a candeia;
para mim foi má estreia.
. . . .

conheceis á meia noute
flamengos. . . . .
. . . .
e sendo cousa tão clara
que o queijo tira a memoria,
vós o tendes por historia.
. . . .

e sendo tão reprovado
o fazer do queijo barca.

....

Na arca aberta o justo pecca.

....

vindes lá de seca e meca.

....

Os meus fartes tão perfeitos
que pelo Natal me dão
logo d'elles lançais mão,
e sem terdes de mi dó
são para vós fartes só,
para mim famintos são.
E se acaso são de mel,
que são mui bons em tal tempo.

....

Comerdes-me muito sinto
esses fartes do Natal,
mas o certo é que mal
se doe o farto do faminto.

....

para vós, mui larga ceia,
e para mi, consoada.

....

porque entre ruim *ganado*
ha muy poco que escoger.

....

da maçan mais estremada
vós sois ouriço cacheiro.

....

sem jogar com vós as peras
vós ganhais as mais maduras,
eu as mais verdes e duras.

....

mas é minha admiração
que seja, para meu damno,
para vós de peras anno,
e tambem anno de pão.

....

Quando peras me levais
então para peras levo.

....

e me fazeis d'esta vez,
com estrondo e com arenga,
os narizes á flamenga.

....

então brincar me mandais
com a maçan do escaravelho.

....

Se achais maçan de craveiro,
que chamamos de capella,
deixais a roupa sem ella,
sendo que lhe dava cheiro.

....

e por dar-me mais fadigas,
meteis com pressa não pouca
a vós os figos na boca,
a mi nos olhos as figas.

....

Deixais de ser meus amigos
pelos meus figos comer,
porque é certo não haver
amigo em tempo de figos.

....

sem os figos me deixais,
e sem ramo de figueira.

....

para vós os figos são
do Algarve muito estremados,
todos bellos, e lavados,
todos figos de comadre.

....

Um jogo de passa passa
de minhas passas fazeis.

....

......no melhor cacho
inteiro um bago não acho
para uma espinha carnal.

....

Passa hoje por lebre o gato

....

porque com agua passada
no puede moler molino.

....

que nem para um espantalho
servir póde a uma figueira.

....

Vós a castanha moeis,
eu a castanha remoio,

....

a mi me estala na boca
e a vós por baixo estala.

....

esta grande traquinada
vós com a verde fazeis;
e se a pilada comeis
de maio sois trovoada.

....

....

Como a canastra estercada
tendes com a vossa maranha,
temporã é a castanha.
. . . .

. . . fazendo eu o custo
d'essa castanha tão bella,
eu não faço nada d'essa,
vós d'ella fazeis magusto.
. . . .

Mais são as vozes que as nozes.
. . . .
vós jogais ós arriozes
com ellas muito contentes.
. . . .

Tambem um salta-martinho
de suas casas fazeis
os miolos lhe comeis
e a mim dais o brinquinho:
para mim marramartinho
tal salta-martinho é;
e de sorte marra que,
em minha canastra entrando,
a tudo vai tope dando,
sem me deixar coisa em pé.
. . . .
Dizem que uma feiticeira
em uma noite passou
á India, e de lá tornou
numa canastra ligeira.
. . . .
Mas mais facil de pagar
de Maure-rato ha de ser
este tributo a meu ver,
que o de Maure-gato dar:
porque onde se hão de achar
neste tempo cem donzellas,
se feias, formosas, bellas,
depois que o ouro remou,
a todas em flor cortou
sem ficar flor com flor nellas!
. . . .
que não sou nestes contractos
já diabo para os ratos.
. . . .
Assim que a guerra será
não guerra de cão com gato.
. . . .

pois a casa cae uma hora,
que não cae em cada dia.
. . . .
me haveis de vir a pagar
de uma vez o novo e o velho.
. . . .
Porque aos sete de maneira
eu fiz mais males e damnos
do que aos sete Castelhanos
de Aljubarrota a forneira.
. . . .
em remolho as barbas pôr
vendo arder as dos visinhos.
. . . .
porque, se nas horas más
não ladram cães. . . . . . .
. . . .
se não tirar a sardinha
das brazas co'a mão de gato.
. . . .
E, se em garra tão cruel
algum de vós vivo colho,
se não lhe pozer trambolho,
lhe porei um cascavel:
este fará tal tropel
que aos mais faça fugir.
. . . .
porque gato meador
nunca é grande morador.
. . . .
mas a mi mesmo direi:
«larga a gata, larga a gata!»
. . . .
porque gata que tem fome
para a matar ratos mata.
. . . .
E minha fome por fina
é peor do que canina.
. . . .
serei Maria Leitôa
contra vós, porque era boa
Lé-lé para apanhar ratos.
. . . .
Mas vós podeis dizer,
vendo-me velho e doente,
um a outro mui contente:
«papa-ratos quer morrer».
. . . .
Mira Zaida! que te aviso,
quem te avisa bem te quer.

. . . .
porque um gato que é atroz
não vai por hi ás filhós.
. . . .
como gato sobre brazas.
. . . .
que rato que o gato leva
dizem que gualdido vai.
. . . .
que um rato um fôlego tem,
quando sete tem um gato.
. . . .
E, se o que usa cuida.
. . . .
que cuidando não ser nada
uma gata é que se espoja.
. . . .
porque ha gato mais azedo
do que é rabo de gato.
. . . .
porque sempre ouvi dizer
que farto se lambe o gato.
. . . .
que de noute pardos são
ladrões, gatos, e traidores.
. . . .
vigiar e acautelar
é mui boa medicina.
. . . .
porque gatos escaldados
de agua fria medo tem,
que de escarmentados vem
fazerem-se os avisados.
. . . .
que sempre dizer ouvi,
é muito bom parecer,
que se frade algum tiver
com o ladrão amisade,
que ou ladrão será o frade
ou o ladrão frade ha de ser.
. . . .

tambem ao gato porei
no pescoço um cascavel.
. . . .
e porque em nada bolais
farei de ladrão fiel.
. . . .
porque nos adagios anda
um que diz mui bem e certo
que é melhor ruim concerto
do que é boa demanda.

X. Folklore de Jeronymo Bahia

. . . .
As mininas dos meus olhos
Choravão como mininas
Pedaços d'alma que então
De cantaro parecia.

. . . .
Dava-me agua pela barba.

. . . .
Dente de coelho tinha.

. . . .
E porque rifões desminta,
De vir tão mal acompanhado
O vir tão só me não livra.

. . . .
Que da gorra se metia.

. . . .
Não estava todo o trigo.

. . . .
A taes beiços, taes alfaces.
. . . .
A's doze mil maravilhas.

. . . .
Deixarão qual peixe na agua.

. . . .
Morra de morte macaca.

. . . .
Quem disse barriga farta
Pé dormente, he um madraço.

. . . .
Se pois estima os adagios,
Depois do seu asno morto
Lance-lhe cevada ao rabo.

. . . .
Que te terei por bom servo
Se correres como um ganso.

. . . .
Oh terça feira, lhe disse,
Oh dia sempre aziago!

. . . .
E teve pão como terra
Porém com cara de Pascoa.

. . . .
Mas quando veyo por lã
Foi a moça tosquiada.

. . . .
De tal sorte, que lhe chega
Aos narizes a mostarda.

. . . .
Não tive pé de cantiga.

. . . .
Bôa vista tem Almada.

. . . .
A' gentileza as sereas
São com ellas comparadas,
Estas nem carne, nem peixe,
Aquella carne de vacca.

. . . .
. . . . não convém
Affogar-se em pouca agua.
. . . .

. . . .
Que como são tão meus annos,
Com elles peras não jogo.

. . . .
Regalei-me como um padre.

. . . .
Comer e callar me agrada,
Darey pois na boca um ponto,
Porque de mim se não diga
Que bem como, e que mal coso.

. . . .
Se na na minha quinta estou.

. . . .
E vindo huns ovos com mel,
Me cahio no mel a sopa.

. . . .
Aquella, que por tão mansa
Parecia mosca morta.

. . . .
E caminhey tão depressa
Como quem hia com mosca.

. . . .
Pois não se metia em restea.
. . . .

A huns Francezes pouca roupa
Achey na popa da barca,
Pois nem roupa de Francezes
Lhe vai por entre as casacas.

. . . .
Algumas dormem a sono solto,
Outros cantam a muliana.

. . . .
Qual jogo de toque emboque,
Eu só nos riscos cuidava.

. . . .
Sendo o dia de segunda
Muito Menezes estava:
Pois se aziago não era,
Era uma noite aziaga.

. . . .
Fui provando de outra pipa
Tão boa, e bem avinhada,
Que com ter arcos de velha
Nem sinal trazia de agua.

. . . .
Que ter pevide na lingua
He ter a lingua muy gaga.

. . . .
O promettido he devido,
Eyla vay á solta-rédea.

. . . .
Isto dizendo e fazendo
Por não dormirme a fazenda.

. . . .
. . . . . . porque quando
Lhe disser que a mula he preta
Olhelhe para o cabello.

. . . .
Se ajuntou. . . . .
Tanto rapaz, que cuidey
Que alli parira a gallega.
. . . .
Quando alfim pedio a paga
Esta vendeira tão destra,
Tremeo-me a passarinha
Sem comer ave de penna.

. . . .
Dormimos como humas pedras,
E por sermos pedra em poço
Hum poço alli se nos leva.

. . . .
Tornou-se a deitar na cama
E socegou hum pedaço,
Que assim não dera nelle
A que diz punhada ao gato.

. . . .
E sendo a cea muy murta,
Na paga houve contos largos.
. . . .

Pois sem comermos cozido,
Ja se hia o caldo entornando.

. . . .
Mas com ser bom dia, eu acho
Que o não metemos em casa,
Pois em jornada o levamos.

. . . .
Pregação de São Coelho.

. . . .
Isto são outros quinhentos.

. . . .
Me hia cantando a chacoina.

. . . .
Perguntarse-lhe podéra,
vendo seu bico comprido,
Qual se cerolico fora,
Quem te deu tamanho bico.

. . . .
Lançou barbas de remolho
Vendo arder as do visinho.
. . . .
E certo que era bem digno
De ser buscado á candêa
Hum cantor tão exquisito.

. . . .
Então vi que mais valia
Certo rifão desmentido,
Um passarinho voando
Que na mão dous passarinhos.

. . . .
Morreo como hum passarinho.

. . . .
Se fez sangrar em saude.
. . . .
Sem ter nascido Beyrão
Feneceo como um ratinho.

. . . .
Anda agora homizíado,
E dizem que anda aos grilos.

(*A Fenis Renascida*, tom. I, pag. 236 a 331. Edição de 1746).

XI. **Os portuguezes e a guitarra**

«Más le ofendiò un sansonete, como sin guitarra, instrumento vedado so graues penas de la Cordura, y assi refierẽ, que dixo el Juisio, en sintiendo las cuerdas: Que locura es esta? Estamos entre hombres, ò entre Barberos? Hizose averiguacion de quien la tañia, y hallaron era un Portuguès; y quando creyeron todos, le mandarian dar un trato de cuerda, oyeron, que le rogauan (que à los tales se les ruega) tañesse alguns on moderno, y lo acompañasse com alguna tonadilla: con harta dificultad lo recabaron, y con mayor despues, que cesasse: gustaron mucho, aun los mais serios Ministros de la reforma humana; y generalmente se les mandò à todos los que passan de moços à hombres, que dalli adelante, ninguno tânesse instrumento, ni cantasse; pero, que bien podiã sir tañer, y cantar, que mas gusto, y más decoro».

(Lorenzo Gracian. *El Criticon.*
Primera parte, fol. 150).

XII. **A lenda de Santa Eufemia**

«Presume-se que neste tempo (do rei D. Affonso Henriques) foi martyrisada neste Reyno outra Virgem Portugueza, chamada Eufemia, ignora-se como, onde, e quando: e só ha noticia certa da invenção do seu corpo. Em huma pequena planicie nas faldas da Serra do Gerez, raya de Galliza, apascentava os seus gados huma pastora de poucos annos; hum dia, em que estava assás descuidada, lançou os olhos para huma penha, e vio que por uma pequena abertura sahia, e se meneava huma mão formosa com hum annel de ouro com pedra resplandecente; correo á penha, segurou a mão, tirou-lhe o annel, e de repente ficou muda; entrou em casa de seus pays tristissima, por acenos lhes deo parte do caso, e os convidou para verem o prodigio, veyo com ella o pay, e vendo a mão lhe restituio o annel, e como se a lingoa da filha estivesse naquella mão santa de penhor, fallou a pastora no mesmo instante, em que se fez a restituição, disse com individuação o que por acenos mal se tinha percebido; e quando o pay estava mais attonito ouvio huma voz do Ceo, que lhe dizia tirasso daquellas penhas o corpo de Santa Eufemia, e o sepultasse em huma Igreja vizinha; o que fez logo com piedade Catholica. Daqui o furtarão os Gallegos muitas vezes, e outras tantas fugio de Galliza o santo corpo para o seu jazigo,

até que Pedro Segnino, Bispo de Orense, com orações, e votos conseguio que lá ficasse no anno de 1153 no governo do veneravel D. Affonso 1».

(*Academia dos humildes e ignorantes*, tomo II, fol. 326).

XIII. **As campainhas dos trovões**

«Antes desses remedios naturaes contra rayos, e tempestades, dizei-nos, que conceito devemos fazer dos sinos das Igrejas nesses perigos, e das campainhas, que vem de Roma feitas dos sinos da Santissima casa do Loureto. No que respeita ás campaiuhas creyo, que em todo o districto, em que ellas se ouvem, não cahe rayo, e esta he a tradição constante em Roma, e em toda a Europa, provada com milhões de experiencias; e para o crer todas erão escuzadas, sabendo, que as ditas campainhas são feitas de sinos, que tocão a lembrar-nos a hora, em que incarnou o Devino verbo na mesma caza onde elle incarnou, e não fallei nesse nesse remedio por ser difficultozo, e couza que só Principes, e poucas pessoas particulares o gozão verdadeiro; porque eu em Roma com dinheiros, e recomendações, apenas me foy possivel alcançar huma, de que teñho escrupulos, depois de inexplicaveis dilegencias, que fiz para o não ter, porque entre innumeraveis fingidas, he summante difficultozo, ainda aos grandes Ecclesiasticos da Curia, alcançar as verdadeiras sem o menor escrupulo de fingidas.»

(*Ibidem*, tomo IV, fol. 9).

XIV. **Offertas de pontas de boi a S. Cornelio**

«S. Cornelio he advogado contra o mal caduco, e outras enfermidades, pelo que os fieis em Portugal lhe offerecião pontas de boy, do que os Castelhanos tem feito mofa, e o que mais he o doutissimo Feijó nos seus escritos nos satyriza por esta offerta, no que mostra huma grave ignorancia, que nelle escandaliza, e prova que os Portuguezes ou costumão ler mais, e escrever menos, ou ler com mais vagar que os Castelhanos; porque se offerecemos pontas de boy a S. Cornelio, he porque achamos determinado pela Igreja (como se lê no Padre Alapide, Capitulo decimo, Verso primeiro dos Actos dos Apostolos) que se puzesse na mão do Santo esta insignia para memoria da sua constancia nos tormentos, e outros motivos, porque lhe offere-

cem isto os devotos, como são deixarem-lhe nas mãos as pontas os touros mais ferozes, prodigio que já referimos de varios Santos de Espanha».

(*Ibidem*. Tomo V, fol. 82).

XV. Preservativos supersticiosos

«Aquelle que julga, que trazendo comsigo o Evangelho de S. João escripto em pergaminho virgem será por isso invulneravel, e andará seguro contra todos os máos encontros, além de ser tolo, he supersticioso, e de nada lhe serve tal preservativo.

He igualmente supersticiozo uzar de palavras incognitas para produzir certos effeitos, como quando se pronuncia tres vezes *Onasages* para curar o mal dos dentes: ou quando se diz *Sista, Fista, Rista, Xista*, para não ter mal de gotta.

Ha muita gente que em 5.ª feira de Ascensão vai colher flores porque lhes julga mais virtude colhidas neste dia, como se o dia as santificasse, o que não consta.

Na madrugada do dia de S. João, antes de nascer o sol, ha gente que vai buscar agua á fonte, porque tem mais virtude (não se sabe para que).

Eu conheci gente que na noite de Natal levava huma melancia para a Igreja; e quando tocavão a Santos a partião: entre a elevação da Hostia, e do Calis lavavão os olhos com ella para se livrarem de sezões [1].

Ainda ha gente que pela manhãa lava as mãos com urina para affugentar os maleficios. Foi por este motivo que o Juiz Paschazio fez burrifar com urina Santa Luzia: porque imaginava que ella era feiticeira, e que por isso zombava dos tormentos. Assim se acha na sua vida escrita por Surio. João Sarisbery, Bispo de Chantres, se ri deste remedio, como se refere no capitulo 8.º do 1.º livro de Polycracio.

Eu tenho visto gente que antes de deitarem fora o cabello que cahe quando o penteão, ou quando lho cortão, lhe cospem tres vezes para lhe não fazerem mal pelo cabello. Mulheres tem havido tão supersticiosas, e não sei se ainda haverá desgraçadamente, que para se fazerem amar de seus maridos tomão porção de todos os seus cabellos, e offerecendo-os num Altar com certas ceremonias que occulto, os trazem depois na sua cabeça.

---

[1] Ainda hoje, em Hespanha, na consoada do Natal, apparece a melancia, que conservam não sei porque processo.

Outras para que seus maridos não sejam mortos por alguem, ou de morte subita, tomão certas palavras sagradas, e escrevendo-as cozem este papel nos vestidos d'elles. E para que não sejam affogados, escrevem certas letras por baixo do Evangelho de tal festa, e lhe põem este papel ao pescoço.

As raparigas para obrigarem os seus amantes á sua amizade, fazem-lhes comer bollos que ellas fazem, misturando-lhes certas porcarias, e coizas que eu não quero dizer.

São immensas, são infinitas as superstições de que muita gente uza para se livrar de fracassos: assim como para adquirirem muitos bens. Lembro-me agora daquella algazarra, que se faz na segunda oitava do Espirito Santo á porta da Igreja de S. Bento cá em Lisboa. Ha muita gente que é foreira a S. Bento, isto he, vai todos os annos dar hum vintem ao Sacristão dos Religiozos; e depois vai ao guarda-vento dar pontapés gritando a S. Bento que lhe dê pão. Ora haver entre Catholicos este barbarismo, este gentilismo, he bem lamentavel, bem irrisorio; e em Lisboa!..».

(*Superstições descubertas. Verdades declaradas, e desenganos a toda a gente*, fol. 113. (Lisboa, 1833, terceira edição).

XVI. **Adivinhações supersticiosas**

«Que significão aquellas tolices que se fazem em noite de S. João deitando ovos em copos d'agoa para saberem o destino de quem os deita?

. . . .

As fogueiras que se fazem nessa noite, não digo que são supersticiozas; mas seria melhor, visto que se festeja tão grande Santo de tal maneira, que as fogueiras fossem de alecrim, rosmaninho, e outros arbustos odoriferos; mas aquecer mais o ar com o fogo de barricas de manteiga, com pinheiros, carqueija, e outro mato, não ha razão.

O peor então he que na vespera de S. Marçal se fazem tambem as mesmas fogueiras para que o Santo os livre de fogos; como se o Santo se nutrisse de fogo, e se contentasse com aquella fogueira para não fazer mal...»

(*Ibidem*, fl. 116).

XVII. **O Evangelho de S. João**

«O Evangelho de S. João, diz Santo Agostinho, que muita gente põe na cabeça quando lhe doe, não foi feito para curar molestias.. *Mettei-o antes no coração*, diz elle»

(*Ibidem*, fol. 10)

XVIII. **Superstições**

«Acontece muitas vezes, diz S. João Chrysostomo ao povo d'Antioquia (Homil. 21), que quando hum homem ao sair de sua caza encontra hum coxo, um torto, ou hum corcunda, o julga logo de máo agouro, e tem aquelle encontro por máo presagio. He esta huma das pompas do Diabo, que no baptismo renunciamos..»

. . . .

«Santo Agostinho (Lib. 1.º de Doctr. christ, cap. 20), animado do mesmo zelo, reprehende igualmente muitas superstições: e referindo aquella, em que muita gente tem por máo agouro os ratos roerem os çapatos, lembra-se do que disse Catão a huma pessoa, que o consultou sobre este facto: Que os ratos rõam os çapatos, não me admira, disse elle; o que me poderia assombrar era se os çapatos roessem os ratos.

(*Ibidem*, fol. 129).

XIX. **Proverbios**

Quem deve, ou roga, ou paga.

Quando o mestre canta, bôa vae a obra.

Mais vale magro e contente, do que gordo com falta de ar.

Casar, com seu igual.

Quem não poupa agua e lenha, não poupa outra coisa que tenha.

Em Março chove cada dia seu pedaço.

XX. **Superstições**

«Ha tambem entre Catholicos vaã observancia horaria, diaria, e temporaria; quando se observão as horas como pouco convenientes, e ominosas de algum funesto presagio; quando se

observão dias como faustos, e infaustos para fazer algum negocio, como para fazer viagem, para começar qualquer cousa; como se os dias, horas, e mezes fossem bons, ou máos por sua natureza, ou tivessem algũa virtude para dirigir os actos humanos. Tal he a superstição daquelles, que não cortão unhas, nem se penteão á sexta feira, nem trabalhão á quinta, nem ao sabbado. &c. Tudo isto vem derivado dos Egypcios, inventores de similhantes patranhas, como o reputarem infaustos os casamentos feitos á terça feira e no mez de Mayo como toca Ovidio:

Nec viduae taedis eadem, nec virginis apta
Tempora; quae nupsit, non diuturna fuit.
Hac quoque de causa, si te proverbia tangunt,
Mense malas Mayo nubere vulgus ait.

Não he menor a demencia dos que observão os dias de algũas determinadas festevidades, não para honrar mais especialmente a Deos, e aos Santos, mas para os affrontar com as suas superstiçoens, e vaãs observancias. Taes são os que imaginão, que o pão cozido na Virgilia do Natal persevera incorrupto dez annos; os que usão destetar os meninos em sexta feira santa, para que não intisiquem; os que imaginão que a agoa benta na Dominga depois das quatro Temporas tem mayor virtude; os que para certos effeitos colhem hervas no dia de S. João Baptista, e no primeiro de Mayo, julgando ter nesses dias mayor efficacia; os que imaginão que ha de chover toda a semana, quando na Dominga se lê na Igreja o Evangelho de S. Marcos; os que guardão ovos, que põem as gallinhas na sexta feira mayor, crendo tem virtude para apagar incendios; os que não mandão lavar roupa de linho nas quatro Temporas, nem tres dias antes de sabbado santo, nem do Natal até a Epiphania, etc., etc.».

. . . .

«Ha tambem entre Catholicos muitas superstições, e vaã observancia em quanto aos ritos, como v. g. quando para alcançar algum effecto inconnexo, se usão reliquias, Evangelho de S. João, versos de psalmos, e outras palavras devotas; quando se usão medalhas, contas, com diversos caracteres, e figuras: não por motivo de devoção, e piedade; ajuntando a estas cousas religiosas muitas irreligiosas circunstancias».

(*Letras Symbolicas e Sibyllinas*,
pelo Padre Mestre Fr. Raphael da Purificaçam. — Lisboa, 1747; pag. 182 a 185).

XXI. **Banquetes funebres**

«Em Roma e Africa costumavão os antigos Christãos levar ao sepulchro dos Martyres cousas comestiveis, as quaes como santificadas com este contacto, comião, e repartião aos pobres, que nas Igrejas se ajuntavão: isto costumava fazer tambem Santa Monica, como diz Santo Agostinho (L. 6. *Conf.* c. 2.). O mesmo fazião nas sepulturas dos seus defuntos, dos quaes era duvidosa a salvação, para com essas esmolas, e com as oraçoens dos pobres, a quem as repartião, lhes aliviarem as penas, que no Purgatorio padecião. Porém como este rito, e ceremonia parecia imitar os costumes Gentilicos, pois os Gentios com banquetes fazião ás almas dos seus defuntos as honras, e obsequios como diz Virgilio, *Æneid*, e Plinio l. 8. c. 12., os quaes Festo chama Inferias, os Poetas chamão Cea de Hecate, Livio chama Visceraçoens, Planto chama Polincturas, Nonnio chama Selicernios, e tambem por causa dos abusos no comer, e beber, se foy tirando aquelle costume, como fez Santo Ambrosio em Milão; cujo exemplo por exhortaçoens de Santo Agostinho seguio a Igreja Africana; e as esmolas pelos defuntos se distribuião em casa; e se se apresentavão algumas nas sepulturas nas Igrejas, como ainda hoje se costuma, ficavão aos Sacerdotes, para orarem pelas almas dos defuntos».

(*Ibidem*, pag. 262).

XXII. **A Cruz**

«Sabe-se que a letra *Tau*, figura da Cruz, era symbolo da vida, como diz Marsilio Ficino: *Hæc autem opinio ab Ægyptiis, vel inducta fuit, vel maximè confirmata, inter quorum caracteres Crux una erat insignis, vitam eorum futuram significans, cujus figuram pectori Serapidis insculpebant.* E como Serapis, principal Divindade dos Egypcios, era Joseph; póde ser que lhe esculpissem no peito da estatua aquella letra, symbolo da vida, porque livrou ao Egypto da morte, que o ameaçava naquella esterilidade de sette annos. A noticia de ser a letra *Tau* symbolo da vida, por ser figura da Cruz, receberão os Romanos dos Gregos, os Gregos dos Egypcios, estes dos Hebreos, como diz Villarpando *in Esich.* c. 9. 4».

(*Ibidem*, pag. 287).

XXIII. **Veronicas**

Em huma das medalhas de S. Januario, Bispo de Benavento, se vê o mesmo Santo esculpido com estas tres letras no peito: *S I S*. A mesma palavra *SIS* tem outra medalha de Athanasio, Bispo de Napoles, que viveo em o anno 877. O Illustrissimo Sarnelli, no seu tomo decimo das *Epistolas Ecclesiasticas*, *littera* 20, diz que lhe parecera em algum tempo serem aquellas letras huma abbreviatura e nota do nome de S. Januario, desta sórte S. J S; porém que mudara de parecer, vendo que se achavão as mesmas letras na medalha de Athanasio. Não me parece bastante fundamento para retroceder da primeira interpretação; porque muitas vezes por falta da intelligencia das notas se applicão a hum sujeito as notas, que são proprias de outro, imaginando ser symbolo da dignidade, o que é symbolo da pessoa, e póde ser que desta sórte o que era proprio de S. Januario, Bispo de Benavento, se applicasse a Athanasio, Bispo de Napoles. Pois aquellas letras se podem explicar como symbolicas de S. Januario, por haver livrado a Cidade de Napoles dos incendios do Vesuvio, como succedeo em o anno 686, como consta da inscripção da mesma medalha: *Liberator Civitatis ab igne;* e nesta conformidade se póde dar este sentido áquellas letras: *Sistit Ignem Sanctus;* e usando da letra intermedia duas vezes, como se costuma em muitas notas, e inscripçoens, podem explicar-se assim: *Sanctus Januarius* Sistit Ignem.

(*Ibidem*, pag. 450).

XXIV. **Feiticeiras e feiticeiros**

«Entra hum destes Medicos Feiticeiros a curar hum copiozo fluxo de sangue; & pondo a mão na parte da ferida, ou em outro qualquer lugar por onde o sangue sahe, rompe muyto devoto nestas palavras, que tras Cardano:

Sanguis mane in te:
Sicut Christus fecit in se;
Sanguis mane in tua vena:
Sicut Christus in sua pœna;
Sanguis mane fixus:
Sicut Christus fuit crucifixus.

As mesmas palavras vertidas em Português ouvi eu na sentença, que se leo a huma destas Medicas feiticeiras no Auto da Fé em

Coimbra no anno de 1715; mas esta para fazer a cerimonia mais solemne, & devota, mandava levantar hum altar, em que accendia quatro vellas, pondo huma a cada canto do mesmo altar».

(*Portugal Medico*, por Bras Luiz
de Abreu. Coimbra, 1726; pag. 615).

XXV. **Quebranto**

«Para obviar, & vencer estas fascinaçoins, ou fossem naturais, ou diabolicas, uzavão os Antigos de certas imposturas & observaçoins, que julgavão efficazes; como bem dizer ao Menino á primeira vista se o olhavão com admiração, & gosto desta sorte: *Deos o guarde: Deos o benza: Deos o prefaça.* Ou tambem *cuspir logo fora;* porque tinhão para sy, que o cuspo tinha virtude para impedir toda a fascinação, ou natural, ou Magica, como trazem Plinio, & Eliano, a que allude aquillo de Persio:

Infami digito, lustralibus ante salivis
Expuet, urentes oculos inhibere perita.

E o lugar de Tibulo:

Despuit in molles, & sibi quisque sinus.

Ou tambem trazer appensa no vestido do menino alguma couza de forma torpe & vergonhoza, para que os olhos dos que o vião se apartasem de o olhar com efficacia; como conta Varrão. Donde se dirivou o uzo de se trazerem nos meninos huns certos dixes; como vg. huma mão com todos os dedos contrahidos; & só o do meio estendido; para de alguma sorte trazer à lembrança a forma do priapo, ou genital humano, por ser couza vergonhoza, & torpe; como nota D. Ramirez del Prado, explicando a Marcial (*Martial. lib. 2. Epigr. 28*):

Et tu digitum porrigito medium.

E por isso estas galantarias, que se applicão aos meninos se chamão *dixes, à digitis.* Mas mudando pello tempo a diante esta mão em forma mais honesta, vierão a dispolla de outra sorte que a quella, a que hoje vulgarmente chamamos *Figa;* cuja materia costuma ser de ouro, prata, de marfim, de quilho, ou de azeviche, como discorre o mesmo Ramirez, & tras para prova estes versos de Castelonio:

Ut pueri caveant lædentia lumina matrum
Collo apensa regunt signa Priape tua.
Nomine nostrates dixerunt HINGA pudico
Namque malis tantis ista medetur avis.

Ou tambem uzar da pedra Bezoar, como conta Elpidado, ou da Ruda Silvestre, como tras Aristoteles: ou da cauda do Lobo, como lembra Ronseo:

Pars caudæ prodesse viris, quos fascina vexant.

Mas todas essas observaçoins, & imposturas são vaãs, falsas, & supersticiosas; como tem o Abulense, João Escaligero, & Pedro Ciruelo. Excepto aquellas couzas, que são naturais alexipharmacos, e contravenenos; porque com a sua virtude poderão destruir o contagio da fascinação. Por isso para ella louva Quinto Sereno Sammonico, o trazer um alho ao pescoço do menino:

Præterea si forte premit strix atra puellos,
Virosa emulgens exertis ubera labris,
Allia præcipit Titini sentencia necti.

Quem quizer com largueza ver os remedios, que conduzem para este venefico mal, lea o nosso Fr. Manoel de Azevedo (*Correcção de Abusos*. Tratad. 1), aonde tambem achará resolutas algumas duvidas, que se podem offerecer na essencia, & communicação desta queixa. Ou se melhor quizer capacitarse na definição, causas, signais, prognosticos, & cura do quebranto, veja o Dr. Francisco da Fonseca Henriquez (*Soccorr. Delphico,* lib. 2. cap. 1.), que novissimamente tractou da fascinação formal, expedito, & claro, como ninguem; ellevado, noticiozo, & doutrinal, como elle só».

(*Ibidem, pag. 625*).

XXVI. **Deuses Lares**

«Lares, segun Planto, eran unos Duses domesticos: porque assi como el Genio se puso para la guarda del cuerpo: assi pusieron Lares para la guarda de la casa, como los Penates; por lo qual algunos tuvieron ser lo mismo Lares, que Penates. Acostũbrauam tener en las casas un lugar comun, que era en los fuegos, donde les hazian grãdes, y alegres sacrificios: en memoria de lo qual hasta oy dia, a los morillos, y à las cadenas en que cuelgan las caldoras al fuego, se dizen llares, de Lares...»

(*Filosofia secreta,* por Juan Perez de Moya. Madrid, 1673; pag. 216).

XXVII. **Pedra de corisco**

As superstições e crenças populares teem, em grande parte, origens cultas. Sabe-se que o povo attribue virtudes ao machado neolithico, a que chama *pedra de raio;* vejâmos o que a respeito desta pedra diz Fr. João Pacheco, a pp. 231 e 243 do tomo I da sua obra *Divertimento erudito* [1]:

«*Pedra de corisco:* He uma pedra comprida, e lisa de cor verde escuro, e com figura de cunha, cuja parte mais larga he aguda, e ferida com ferro, ou aço faz muito fogo. Acha-se na terra humas vezes na superficie, e outras mais funda. Segundo Alberto Magno, cahe das nuvens com trovoadas; e diz Vidal Zuccolo, que da exhalação accesa inflammada com certa humidade viscosa, e tenáz, com agitação da nuvem se condensa, e endurece, e acompanhada das reliquias da exhalação inflammada, rasgando a nuvem, cahe, como setta do Ceo. Diz Bonardo, que quem traz comsigo huma destas pedras não pode ser ferido de rayos, nem affogar-se».

«*Cerauuia:* He pedra de varias cores, e figuras; hora branca, hora negra, hora cor de fogo, ou verde; ás vezes redonda, outras vezes comprida, e outras pyramidal, ou de figura de cunha. Dizem que resiste ao fogo; e tem virtude contra os rayos. Nasce em muitos logares de Hespanha e Alemanha. Attribuem-lhe a virtude de sarar ou impedir as hernias nas crianças, applicando-a sobre ellas».

XXVIII. **Leitar, ou Pedra de N. Senhora**

«Ha um penedo com huma verruga a modo de peito de mulher, aonde vão mamar as mulheres, a que falta leite para criarem os filhos. Está no termo de Famalicão, no Minho, ao pé de huma Hermida de N. Senhora, a quem se attribue a communicação á terra da Capella..»

(Fr. João Pacheco. *Divertimento erudito.* Lisboa, 1724, tomo I, pag. 238).

[1] [Todavia não se ha-de crer que a nossa superstição provem d'aqui. Ela é muito antiga na Peninsula. Vid. *Religiões da Lusitania*, I, 403-404.—J. L. de V.].

XXIX. A pedra Celidonia

«He pedra que se chama assim, por se achar no ventre das Andorinhas novas. He de figura semicircular, delgada, e algum tanto concava; vermelha por dentro, e salpicada de preto. Raras vezes se acha maior que baganha de linho. Attribuem-lhe muitas virtudes. Dizem que metida em huma bòlasinha de ouro tira as dores dos olhos para sempre; e que esfregando os olhos com ella, sahe delles sem dor qualquer cousa, que nelles tenha entrado».

(*Ibidem*, pag. 231).

XXX. A herva Celidonia

A) «A Celidonia, ou Herva Andorinha, porque então florece, quando as Andorinhas vem chegando, como nota Plinio, e se murcha quando ellas voltão, tem virtude para restituir a vista; e ainda diz Mayolo, para fazer reviver os olhos, que se tiverem seccado ao animal; e por isso se val della a andorinha».

(*Ibidem*, pag. 307).

B) «Os filhos das andorinhas sendo pequenos não tẽ a vista perfeita, & se assi se sairem dos ninhos não se poderião gouernar, nem grangear o necessario pera a vida pella falta da vista que tem: o que sabendo as mães ensinadas pello author da natureza, que nunqua deixa sem remedio a algũa de suas creaturas, vão buscar hũa erua, à que chamam os latinos Chelidonia, & aproueitandosse della pera socorrer a necessidade de seus filhos, esfregan lhe com ella os olhos, com o qual remedio lhe ficão tão claros, & de tão boa vista, como os de suas proprias mães... »

(Fr. Aleixo de Santo Antonio, *Philosophia moral*, Coimbra, 1640, pag. 79).

XXXI. Coco

«He o fructo do Coqueiro. Na segunda casca, que he dura, se vê pelo pé, por onde recebe o nutrimento, huma maneira aguda, que quer assemelhar o nariz posto entre dous olhos redondos, por onde elle lança os grelos, quando quer nascer. Da-

qui vem chamar as mulheres *Coco* a qualquer cousa, quando querem pôr medo ás crianças».

(*Divertimento erudito*, tomo, pag. 311).

XXXII. **Superstições**

«De muitas supersticoens faz menção Plinio; mas não as referimos aqui, porque adiante havemos de tratar da Magia. Porêm diremos, que em nossos tempos se observão algumas superstiçoens semelhantes a ellas; e entre muitas são os encantos amatorios de Theocrito à cerca dos Gregos; de Catullo, e Virgilio, à cerca dos Latinos. Os versos que Cesar Dictador recitava tres vezes, antes de se pôr a caminho: a invocação de Nemesis contra a fascinação, ou olhado: crer, que com o retenir dos ouvidos se acerta, o que diz outrem contra elle, estando auzente: crer, que se apartão os máos pensamentos do animo, pondo saliva com os dedos dentro das orelhas: crer, que he máo sinal, cahir o comer da mão, ou encontrar huma mulher fiando: crer que as frechas tiradas do corpo ferido, não tendo tocado no chão, tem vigor para encender os amantes: crer que os numeros impares de Pythagoras tirão a cegueira dos olhos, se se accommodam justamente: crer que o cabello, que se tira ao menino, cura a gota, pondo-o na parte molesta: crer que o mal dos olhos se repara com o encontro de um coxo de ambas as pernas: crer que se facilitão as partes, cingindo-se a mulher com a mesma cinta, com que concebe: crer que o olho direito do Lobo, salgado, cura a quartã: finalmente outras muitas fantasias ridiculas, do que juntamente com Plinio trattou Fernelio vã, e copiosamente».

(*Ibidem*, tom. III, pag. 7).

XXXIII. **Jogos**

«Os nossos jogos destes tempos se dividem em pueriz, e de homens: os primeiros são os do pião, pitorra, castellos, botes, alfinetes, pares ou nones, guarda em vão, ponte, gallinha cega, pino, pilouros, e outros muitos. Os segundos são os da bola, laranginha, choca, òca, truque de taco, pèla, tábolas reaes; xafarráz, damas, ganaperde, xadrez; cartas, com que se joga à primeira, ao pacào, ás pintas, ao trinta, ao estanderete, às vasas, ao truque, ao rentão, aos centos, à espadilha, à manilha, à arrene-

gada, ao quinto, ao quarto em quinto, ao Simão dorme, ao giga joga, ao trunfo, ao vinte e hum, á carteta, ás carregadas, à pollinha de às, e dous, e outras mais, que inventou a ociosidade».

(*Ibidem*, tomo IV, pag. 154).

XXXIV. **Ponta de veado**

«Outros entendem com Orpheo, que trazendo consigo qualquer desposado huma ponta de Veado, terá perpetua pax com sua espoza, por mais que ella lhe não guarde aquella fé, que he obrigada; & daqui tal vez se derivou o dizer-se commummente, que tem cornos, ou que he cornudo aquelle, que de puro pacifico consente à sua molher as leviandades em que ella quer romper, sem que se lembre de a refrear».

(*Portugal Medico*, por Braz Luis d'Abreu; pag. 311).

XXXV. **Abada, Rhinocerote, e Unicornio**

a) **Abada**

«He uma fera, que ha na Africa, e terras de Benguela, e nas de Sofala. Alguns entendem ser o Rhenocerote; mas he differeete; porque se diz ser hum animal do tamanho de hum Potro de dous annos, com a cabeça mais pequena, e mais chata, que a do Cavallo; tem o pelo denso, e aspero, o rabo de Boy, porèm mais curto, pés fendidos, e muito mais grossos, que os do Veado, dous cornos, hum na testa de comprimento de tres, ou quatro palmos, negro, ou pardo, agudo na ponta, e algum tanto revolto para diante, e na base tão denso, e grosso, como a perna de um homem. Temse observado, que quando este animal vay beber, mete primeiro a ponta deste corno na agoa; como se quizesse expellir, ou retundir a venenosa qualidade, que a agoa poderia ter. Por esta observação se estima muito este corno, para contra-veneno; pondo-o sobre a parte offendida delle. Para se experimentar se he legitimo, se poem o corno no chão, e em cima huma espada, cujo punho fica suspenso por hum fio; se o corno he bom, fica duro, e não pode entrar a espada nelle, e só anda circulando ao redor de seu centro: não sendo bom, penetra nelle a espada. Os ossos da Abbada reduzidos em pó, e mis-

turados com agoa fazem huma cataplasma, que se applica à parte, aonde se sente alguma dor intrinseca; e atrahe a si o humor peccante; tem tambem virtude para encourar a abertura, que faz. O tal corno, que dizemos, tem a limadura branca, não obstante ser preto. O outro corno da Abada està na nuca deste animal, he mais curto, e chato, que o da testa. Hum destes animais mandou El-Rey D. Manuel de presente ao Papa Leão X».

(*Divertimento erudito*, tom. I, pag. 571).

b) **Rhinocerote, ou Rhinoceronte**

«He animal feroz com um só corno na testa solido, com o qual peleja contra o Elefante, aguçando-o primeiro nas pedras, e busca a barriga do Elefante, por ser branda, e por alli o mata. Não é facil o caçallo: mas dizem que levão ao matto huma Donzella, a qual offerecendo-lhe o regaço, elle deposta a fereza, se lhe deita nelle, como querendo dormir, e então o ferem, e matão. No corpo tem a grandeza de Elefante, mas as pernas são muito curtas. Ha varias especies: huns ha, cujo nome he *Monoceronte*, animal muito bravo, semelhante ao Cavallo no corpo, ao Veado na cabeça, ao Elefante nos pés, ao Javali no rabo; tem um sò corno negro na testa, do comprimento de dous covados. Não se pode caçar vivo, porque se alguma vez succede prender-se, morre de raiva. Ha outros, cujo nome he *Egoceronte*, semelhante ao Bode, ou Cabra, e do mesmo tamanho, muito ligeigeiro; tambem com hum só corno na testa. Ha tambem outros na India que são como Boys, mas os pés, ou unhas são como de Cavallo solidas; tem varias pintas, ou malhas brancas; o couro he pelado, e arrugado, e formado a modo de escamas, repartidas em pequenos quadrados, espessas, e tão duras, que nenhuma arma póde penetrar nellas; e lhe formão ao redor das pernas huma especie de botas. Tem hum corno no nariz, duro, negro, e grosso, de figura pyramidal; com o qual se defende, e mata Bufaros, Tigres, e Elefantes, abrindo-lhes a barriga. No meio das costas tem outro corno, tão comprido, como a mão, pontiagudo, solido, e voltado em figura espiral. O focinho he de Javali; a lingoa he tão aspera, que lambendo com ella os animaes, que venceo os esfola até os ossos. Tambem se acha nos desertos da Africa. Não he naturalmente malefico, mas provocado, e irritado he ferocissimo, derruba, quanto acha, e chega a

desarreigar arvores com o corno. No Cabo da Boa Esperança se achão Rhinocerotes com dous cornos, no nariz, e de cor cinzenta, tirando em huma especie de capello, que traz na nuca. Veja-se *Ganda*. Ha finalmente outros, como Asnos, que tem o corno entre as orelhas, segundo Plinio, Avicena, e Aristoteles».

(*Ibidem*, pag. 630).

c) **Unicorne, ou Unicornio**

«He animal, que tem um fermoso corno na testa, branco, do comprimento de dous palmos; no pescoço tem cabello negro, e curto, e da mesma sorte no rabo; e elle he da feição e cor de hum Cavallo baio. Rara vez sahe do matto, aonde vive embrenhado nos mais solitarios retiros. No Reyno de Goyão na India ha Unicornes do tamanho, e quase da mesma feição de Rocins pequenos, de cor parda, e fermosa. He o que affirmão João Gabriel, e Fr. João do Santos. Porém Marmol diz que o Unicorne se parece com hum Potro de dous annos, mas com barba de Cabra, e no meio da testa hum corno de quatro palmos, liso, branco e raiado de amarèllo; os pés são da feição dos do Elefante, e o rabo quasi se parece com o de Javali. He tão ligeiro, que ninguem o pode apanhar. Finalmente Luis Romano Patricio diz, como testemunha de vista, que tem o Unicorne a feição de Potro, da cor da Dòninha, com hum corno na cabeça, do comprimento de tres covados, pés de Cabra, e clina de Cavallo. Dizem que perseguido dos caçadores se lança ás vezes dos rochedos abaixo, e cahindo no corno, em que tem toda a sua força, nelle se sustenta, sem receber danno da sua queda. Dizem mais, que atravessando com impetuoso furor os mattos, se acaso topa com moça donzella, pàra, e descança no collo della tão brando, como hum Cordeiro. Quando quer beber, mete o corno na agoa para a purificar; e tem cobrado este instrumento tão grande fama de contra-veneno, que hum arratel delle se tem vendido por 1536 patacas. Conserva-se em muitos thesouros, e palacios».

(*Ibidem*, pag. 643).

XXXVI. O numero sete

«Sobre o capitulo onze do Ecclesiastes descobrem os expositores muitas grandesas do namero septimo, onde o Espirito

Santo manda que se dem sete, & oito. Preceito & Conselho que muitos declaram pertencer á esmola desta vida, & ao premio da eterna nos oito significada. Apollo para si tomou este numero como mais sagrado, segundo conta Plutarcho, & Philo Judeu sobre a criação do mundo, encostandose ás delicadesas de Pythagoras, que foy muy delgado em abrir as minas, & thesouros de algũs numeros. Onde diz Philo que o norte por ter o lugar mais alto do Ceo, & officio de guiar o mundo lhe deram sete estrellas que estiuessem como faroes postos em atalaya dando claridade & regimento á terra. O Anjo dos peregrinos Sam Rafael, quando se deu a conhecer a Tobias, foy reuelandolhe que era hũ dos sete Espiritos, que assistiam á diuina magestade, & seguindo a Lyra, era hũ dos sete, que presidem aos planetas, que por serem deste numero tem á sua conta o gouerno principal da terra, figurados tambem nos sete lumes, que o Senhor mandou acender a Moysés no seu alampadario. E quando neste numero se achasse algũa nodoa por tratar em muitos negocios cõ a gentilidade, facilmẽte o poderiamos mandar ao Jordam, em companhia de Namão, pera que lauando-se com elle sete vezes ficasse de todo purificado. Deixo outras prouas, que por serem muitas, ficarâm do fastio reprouadas».

(Padre Antonio Leite, — *Historia da appariçam, e milagres da Virgem da Lapa.* Coimbra, 1639; pag. 171).

XXXVII. **Medidas gravadas nos muros**

«Pelo que respeita á grande pyramide do Egypto, e ser a sua base o padrão principal, de que os Gregos tirárão as medidas, segundo diz Mr. Paucton, repete Romé, e Delaistre, não lhe acho nenhuma difficuldade, quer ella seja exactamente igual ao estadio egypcio, quer não seja; porque os antigos costumavão guardar as medidas nos templos, e marca-las nos edificios publicos, a fim de se não perderem. Prova-se a primeira asserção com estes versos de G. Remio Fanio:

Et de ponderibus superest pars altera nobis.
Humida metiri, seu frugum semina mavis,
Cujus principio nobis pandetur origo.
Pes longo spatio latoque notetur in anglo,
Anglus ut par sit, quem claudit linea triplex:
Quatuor quadris medium cingatur inane,
Amphora sit Cubus, quem ne violare liceret
Sacravere Jovi Tarpejo in monte Quirites.

A segunda asserção prova-se igualmente com a pratica seguida nestes Reinos de gravar as medidas nas portas muralhas das villas e cidades, como ainda se pode ver nas dos antigos muros da Villa-Velha, em Villa-Real de Tras-os-Montes, aonde estão gravadas debaixo da arcada da porta principal, que deita para a rua do Cano-Velho».

(*Memorias sobre os pesos e medidas de Portugal*, por Teixeira Gyrão; Lisboa, 1833; pag. 13).

XXXVIII. **Arratel folforinho** [1]

«He chegada a occasião de eu provar com evidencia em como o nosso arratel nos veio do Egypto; pois que 1.º este nome, he egypcio, como se vê da sua terminação em *el*, que já mostrei não ser arabica, e tambem se prova com a auctoridade de Kelly no seu *Cambista Universal*, e com a Dearborn nas suas *Memorias*; — 2.º elle tinha em Alexandria o nome de *ratel forforo*, e daqui lhe vem o nome de *forforinho*, que ainda se conserva nos assentos de nossas Côrtes. Esta palavra *forforo* quer dizer huma certa divizão do *Cantaro* [2] actual, assim como *zaidino*, e *zauro* significão outras devizoens, ou, o que valle o mesmo, indicão *rottolos* de diversas grandezas. He claro que os nossos antigos fizerão do vocabulo *forforo* a palavra *forforinho*, dando-lhe huma terminação propria da nossa lingoa, e semelhantemente á de *daninho*, derivada de *damnosus*, *maninho* de *malignus* etc.; pois a nossa lingoa, em razão de ser uma corrupção da latina, tem a propriedade da italiana, e por isso os oriundos daquella nação, residentes em Alexandria, designão o *rottolo forforo* pelo nome de *rotolo forforini*, como se vê escripto no *Cambista Universal*, e como seguramente lhe veio de lá escripto pelo Consul Inglez, quando remetteu os padroens das medidas e pesos. Dearborn porém, que he muito exacto, e que avalia como deve ser a etymologia das palavras, conserva-lhe o proprio sobrenome de *forforo*; eis-aqui as suas proprias expressoens, quando trata dos pesos usados actualmente em Alexandria. «Weights. — The Cantaro is composed of 100 rotulos; and there are several sorts of rotolos, known by the denomination of

[1] Vide *Revista Lusitana* vol. XI, pag. 65.
[2] Cantaro he peso racional, ou numerico de Alexandria.

forforo, zauro, zaydino, and mina». (Vêde as *Memorias* citadas, vol. II, pag. 409.

. . . .

Observarei ainda mais, que não ha em nenhuma cidade, ou praça de commercio do mundo conhecido o nome de *ratel*, e de *arratel* senão em Portugal, e seus dominios, e na cidade de Moka; porque esta cidade tem grande commercio com o Egypto, e foi sua antiga conquista, donde provavelmente se lhe introduzirão os pesos e medidas; e conservou o nome de *ratel* sem corrupção, assim como nós o conservâmos, apesar de sermos invadidos por tantos povos diversos.

. . . .

A circunstancia de escreverem os nossos antigos o nome de *forforinho* com *l* dizendo *folforinho*, em nada altera a sua etymologia; pois tãobem elles escrevião *prioles* em logar de priores: era hum vicio de pronuncia, ou erro de orthografia, e nada mais.

Vejâmos agora o que diz o Sr. Trigozo [1] ácerca desta mesma palavra *forforinho*. — «Se estes arrateis erão com effeito arabes, como tudo nos leva a crer, parece que a significação daquelle adjectivo se devia deduzir ou dos povos, de quem tinhão sido adoptados, ou da materia, de que erão construidos: no primeiro caso he-nos desconhecida a significação; no segundo lembra que sendo as pedras, de que se costumavão fazer os pesos de natureza *siliciosa*, e da mesma, que se fazem as mós, que hoje chamão *urzeiras* (porque as outras qualidades de pedra, humas são muito vulgares, outras de mui facil alteração) pedião com fundamento chamar a estas mós *fulfurinhas* (de *furfur* o farello) e assim os pesos construidos da mesma pedra conservarião o mesmo apelido, que depois se estenderia a todos os outros construidos da mesma materia.» Esta conjectura parece ser destituida de fundamento, e, se não fosse de tão respeitavel Academico, seria desnecessario dizer aos Leitores «que no *Lexicon Etymologico* das Palavras Portuguezas, que tem Origem Arabica, não vem esta, e não temos nem tivemos nunca povoação que tivesse algum nome semelhante» [2].

Ora, este peso *forforinho* alterou-se logo no principio da Monarquia; porque no Testamento do sr. D. Sancho I (*Monar-*

---

[1] Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, na sua *Memoria* sobre os *Pesos e Medidas de Portugal*.

[2] A pedra de que fazião os pêsos antigos, chamava-se *zebral*: veja-se o foral latino da Villa da Sêa, que já citei.

quia Lusitana, Parte IIII, pag. 260) já se emprega a palavra *marchas* para o compvto do ouro e prata. *Marchas* he o mesmo que *marcos* mal pronunciado e mal escripto; porque naquelle tempo se principiou a usar de algumas palavras francezas em razão de ser o tronco da Dinastia então Reinante da Nação Franceza e ficar na Côrte este costume: daqui vem muitos galicismos da nossa lingoagem, que já estão naturalizados. Daqui data a introducção do *marco*, e bem se vê que era de lei; pois que huma *marcha* ou *marca* de ouro naquelle tempo valia 6480 rs., e já no tempo de D. Pedro I. tinha subido ao valor de 7380 rs., e o de prata tinha baixado desde 960 rs. a 700 rs. Este Soberano fez uniformar o peso em todo o Reino; mas condescendendo com as representaçoens dos povos, tornou a permittir o uso do arratel *forforinho*....»

. . . .

Artigo 80 das Côrtes de Evora do anno de 1361:

«Stem ao que diziam no 80 artigo, que os Poboos dos nossos Regnos hu hauia *arratees folforinhos* nos pediam per merce, que mandassemos que tornassem a pesar per elles as carnes, ca entendiam que per estes nouos as hauiam mais caras, e nom faziam a sas companhas mais auondamento, que per os primeiros. A este artigo respondemos que nos plas de lhes fazer esto per mercee, pois que o elles ham per sa prol, e mandamos que esto se guarde em todo nosso Senhorio, em aquelles lugares hu custumam de uender as carnes a peso, e sejam os *folforinhos* d'aquelles per que pesauão em Santarem ante que nos deffendessemos que non pesassem per elles».

(*Ibidem*, pag. 32).

XXXIX. **Teiga**

«Esta especie de açafate ou cestinho usa-se muito na minha Provincia e na Beira Alta: he hum traste comodo, e barato que faz qualquer camponez, de palha senteia, e silvas maçadas, para ficarem mui dobradiças, he leve de tecido, mui tapado, e serve para guardar nelle as toalhas de meza e o pão de gasto, que a franqueza hospitaleira de meus Patricios lavradores offerece com facilidade a qualquer passageiro, ainda que seja um Anjo de Abrahão: vós, se alli passardes, e vos anóutecer á porta de qualquer casal, achareis uma Sara, ás vezes da idade da Hebrea, não poucas semelhantes a Leucrecia, fiando em grosseira roca aspe-

ra lã; mas que vos traz generosa a sua teiga de pão, e hum grande vaso de vinho.... Como a *teiga* não custa mais do que huma ou duas horas de trabalho, e huma rasa de madeira custa 1200 réis, por isso fazem algumas de capacidade igual ao seu alqueire do Concelho, e assim se remedeão».

(*Ibidem*, pag. 29).

XL. **Comparações populares**

Ardeo como canella de Ceilão.
Atira-lhe como a boy ladrão.
Cahio como hum patinho.
Caro como fogo.
Calado como toucinho em saco.
Como D. Luis Cavaco.
Como um pindaro.
Contente como gato com trambolho.
Como Deus com os Anjos.
Como a velha dos trinta reis.
Come como quem se despede.
Chorou cada lagrima como hum punho.
Dormiu como pedra em poço.
Escuro como hum corno.
Frio como hum cão.
Frio como hum corno.
Foi como hum passarinho.
Fiz-me como hum padre.
Ficou como o carrapato na lã.
Ficou como o pay de Santo Antonio.
Gente como milho.
Gastou-se como canella.
He grão de milho em boca d'asno.
He um moço como as dobras de hum ceirão.
He linda como sete mil ouros.
He christão velho como hum burro.
He como os patos, que quanto mais os dão ao diabo, mais crescem.
Hade-lhe pagar mais duro que ossos.
Mocetão como um tigre.
Melhor é ser bispo, do que andar nisto.
Mais passou Nosso Senhor no Algarve.

Nu e cru como o galhano.
Orelha como telha.
Pésa como hum judeo morto.
Rir como hum perdido.
Rico como hum porco.
Tem mais dinheiro que sarna.
Tem mais dinheiro que bagasso.
Tem a barriga como hum tambor.
Tem dinheiro que é hum mar immenso.
Unha na palma da mão como trinta.

(Da obra *Infermidades da Lingua*, por Manoel Joseph de Paiva. Lisboa, 1759).

XLI. **Proverbios e anexins**

Abana gallego, que não é para ti.
A cada canto Espirito-Santo.
Amigo que não presta, faca que não córta, que os leve o diabo pouco importa.
Barriga lisa, escura camiza.
Boca que queres, coração que desejas.
Barriga cheia, pé dormente.
Bem sei quantos fazem tres.
Bem te intendo, mas não tenho copas.
Contas com Jorge, Jorge fora.
Custa mais a mecha que o cebo.
Onde cada hum ha de ir não ha de mentir.
Lá se avenha Deos com o seu mundo.
Não ha que fiar em Deos em tempo de inverno.
Não estarão todos os judeos na rua nova.
O dar doe, o chorar faz ranho.
Onde vai o pião vai o ferrão.
Paga o justo pelo peccador.
Pão de rala tambem tufa.
Para aqui, para alli, vai Pedro; para aqui, para alli, burro negro.
Tempo tem a bolla, mais quem a joga.
Tal sois vós marido, tal carne trazeis.

(*Infermidades da Lingua*, por Manoel Joseph de Paiva).

XLII. **Outros proverbios e anexins**

Quem não tem pão, não tem cão.
Anno secco, anno de fome.
Quem pouco sabe rezar, depressa o reza.
Não tem os judeus todos nas suas casinhas.
Dura pouco a alegria em casa de homem pobre.
Quem te mette, João Topete, com a carapuça de gurumete?
Quanto mais te dão, mais amigos são.
Quem não tem arte nem officio, tem todos os vicios.
Cada um sente o seu mal.
Gloria van cresce, mas não gradece.
Os pés lá vão onde quer o coração.
Quem come fiado, descome novellos.
Quem com farellos se mistura, porcos o comem.
Se queres parecer o que és, fala; senão queres parecer o que és, cala.
Se vires comer, comerás, metter-te na cadeia não vás.
Carne, carne cria, e não peixe d'agua fria.
Quem faz umas calças, remenda uns calções.
O céo é de quem mais faz, e o mundo de quem mais apanha.
O moço que não é castigado, nem será cortesão, nem letrado.
De graça nem os cães entram na igreja.
Quem não especula em reaes, não ajunta cabedaes.
Se queres brilhar, cuida em trabalhar.
A agua tudo lava, menos a má palavra.
Ajuste faz lei.
A mulher e o ar andam sempre a virar.
Quem se gaba, sempre se suja e nunca se lava.
Quem tem, tem, quem não tem, não tem, dizem os sinos do Trem.
Ou queira, ou não, ature a mécha até ao S. João.
Quem quizer comer, depenne.
Por dentro miolos de burro, por fora casquete de velludo.
Dormir, comer e trabalhar, mas em mulheres não fiar.
O que mãos não levam, paredes o dão.
Quem muito se apura, pouco dura.
Criado que gosta de figurar, não pode dinheiro ajuntar.
Com o olho vêl-o e com a testa comêl-o.
Guarda-te do tolo, se tens algum miolo.

Quem liso joga, liso fica.
Deus os fez, o diabo os ajuntou.
Mais ha quem suje a casa, do que quem a varra.
Quem não tem que fazer, compre uma pata e torne-a a vender.
Todos os gostos da vida são aguados.
Ha lembranças que parecem esquecimentos.
Quem mal cospe, em si cospe.
Quem não pode repousar, não pode durar.
Quem está bem não se mexa.
Nunca o castigo tarda a quem o tempo avisa e se não guarda.
Quem não quer trabalho, não quer ganho.
Separa-te do mau vizinho, e do excesso de vinho.
Quem só come o seu gallo, sò sella o seu cavallo.
O vinho e o medo descobrem o segredo.
E' viuvo: tem o «Deus te perdôe» atrás da porta.

XLIII. **Superstições e crenças alentejanas**

O enxoval da noiva não deve ser começado pelas toalhas, porque, começando-se por ellas, desmancha-se o casamento.

Para volver a si qualquer pessoa a quem deu um deliquio dão-lhe um sapato velho a cheirar.

Para a cura da ronqueira no boi, põem a caveira de um cão sobre a cabeça do animal.

Quando a tesoira cae no chão e fica com os bicos espetados, é signal de visita.

Quando os gatos se lavam por diante das orelhas é signal de visita sem cerimonia; quando se lavam por detrás das orelhas é signal de visita de cerimonia.

Elvas.

A. THOMAZ PIRES.



AS CANTIGAS EM HONRA DO CONDESTAVEL [1]

Na *Chronica dos Carmelitas* de Fr. Joseph Pereira de Sant'Anna, Lisboa 1745, t. I, mencionam-se algumas cantigas que, no dizer do cronista, eram cantadas pelo povo em honra do Condestavel, no sec. XV, á porta do mosteiro em que estamos hoje reunidos em sessão. Em tal crença foram elas reproduzidas na *Rev. Univ. Lisbonense*, IV, 568 e 576, no *Cancioneiro Pop.* de Th. Braga, Coimbra 1867, p. 9 ss. (em parte), na *Vida de Nun'Alvares* de Oliv. Martins (tambem em parte), p. 428 ss. Ultimamente o Sr. Th. Braga tornou a publicar no *Cancioneiro Popular*, II (1913), 377-378, o texto que publicára em 1867.

A respeito da sua autenticidade diz a Sr.ª D. Carolina Michaëlis no *Grundiss der rom. Philologie*, II, 234, nota 4:

«O silencio das Cronicas contemporaneas, tão circunstanciadas, de D. João I e do Condestavel; o ser tardia a tradição monacal, e as impurezas da linguagem das poesias: não permitem que acreditemos na autenticidade d'estas».

Discutamos um pouco miudamente o texto.

A mais antiga noticia que temos d'ele provém de um ms. de Fr. Manuel de Goes († 1595), citado por Jorge Cardoso no *Agiologio*, III, 217, o qual se exprime assim:

«...Entoando [o povo] com muita graça (segundo as *Memorias* do P. F. Manoel de Goes) esta lettra:

El gran Condestabre
Nuno Alves Perera
Defendió Portugale
Con sua Bandera
E con su Pendone.
No me lo digades none,
Que Santo es el Conde.

Estas seguidilhas erão muitas, de que só achamos o seguinte pé com que todas rematavão:

No me lo digades none,
Que Santo es el Conde.

[1] Leitura feita na Associação dos Arqueologos, no Museu do Carmo (Lisboa), aos 24 de Junho de 1917, em sessão comemorativa do 557.º aniversario do nascimento de Nun'Alvares. Cfr. *Lusa*, I, 62, e 78.

Certamente em Goes não havia mais nada alem do que Cardoso cita. Em seguida a estas poesias aparecem *traduzidas em portuguez* na *Chronica dos Carmelitas*, cujo A., já citado mais acima, Pereira de Sant'Anna, afirma que as transcreveu de um ms. de Fr. Jeronimo da Encarnação († 1631). De outra poesia, publicada na *Chronica*, p. 439,

O gram Condestabre
Em o seu mosteiro,

Sant'Anna não nos indica a fonte. A poesia publicada a p. 469,

Santo Condestabre,
Bone Portugués,

foi transcrita, diz a *Chronica*, de «huma antiga memoria». A de p. 470,

Do Restello a Sacavem
Nem ningola, nem ninguem,

foi extrahida de «firmissimos monumentos». Estas expressões *antiga memoria, firmissimos monumentos* são as que usam os romancistas e os fabuladores quando querem inculcar a autenticidade de narrações fingidas.

A primeira cantiga, a unica que poderia passar por verdadeira, tem contra si o estar escrita em castelhano (ou o querer estar!) e não nos ser conhecida senão pelas *Memorias* do carmelita Goes, que tinha a peito glorificar a sua Ordem. Em *none, pendone, Portugale* he um *e* paragogico, como na poesia hespanhola da idade-media: cf. Menéndez Pidal, *La leyenda de los Infantes de Lara*, Madrid 1896, p. 418-419.

Esperar-se-hia que a linguagem das cantigas representasse a da Estremadura, poisque as poem na boca do povo dos arredores de Lisboa, e o carmelita, que as transcreve, pretende mostrar exactidão na transcrição fonetica; mas, em vez d'isso, temos nelas uma linguagem mixta, como na literatura de cordel e noutras peças dos seculos XVII e XVIII, quando aí se imita inscientemente o falar plebeu: vê-se bem claro que se quis dar á linguagem tom popular e arcaico. Quando se comparam estes textos aos das *Cartas* publicadas pelo mesmo Sant'Anna na *Chronica*, I, 484 (e não se necessita de grande experiencia para conhecer que todas as cartas são grosseiramente apocrifas), nota-se que existe grande semelhança entre uns e outros: em todos se encontra *b* por *v*, o que é estranho ao dialecto da Estremadura; encontra-se tambem grande número de substantivos em

-*ança*, o verbo *sondes*, o verbo *fager* etc. Alem d'isso ha completo acôrdo entre os *milagres* citados nas poesias de pg. 470, e os que a *Chronica* menciona a p. 486 ss. Ora tal semelhança é bem suspeita! Observam-se unicamente leves diferenças na linguagem: nos textos em prosa lê-se, por ex. *João'Esteves*, ao passo que nas poesias se lê *Joanne*, *Estés*, o que mostra que as poesias foram feitas d'acordo com a prosa, e que se disfarçou a linguagem d'estas, dando-se-lhe colorido popular. A *Chronica do Condestabre*, que dois eruditos sustentaram recentemente ter sido escrita por F. Lopes [1], diz, na sua ed. de 1526, fl. 66, apenas o seguinte, a respeito dos milagres do Condestavel: «e fez muytas (sic) millagres naquell lugar honde seu corpo jaz: que som assaz denotados e manifestos». Não especifica nenhuns. A especificação, o comentario desenvolvido, veio depois. No *Condestabre* de Rodrigues Lobo, poema publicado a primeira vez em 1610, tambem nada se diz dos cantos populares, apesar de haver nesse episodio, se fosse verdadeiro, boa fonte de inspiração poetica. Narra-se sucintamente a morte do heroi, e faz-se rapida alusão ao milagre. Vid. canto XX, pg. 477, da ed. de 1785:

Ficou o corpo puro á patria terra,
Testemunhando a gloria da alma santa,
Que no sacro lugar aonde se encerra
Com milagres estranhos se alevanta,
Com grande devaçaõ a elle se afferra
A gente a quem da cruz o imigo espanta, [2]
Tendo por arma, contra o mal, segura
A terra desta propria sepultura.

Temos aqui menção de milagres vulgares, como com freqüencia se contam dos locais onde estão sepultadas pessoas de virtude. Nada ha especial.

Assim, da análise externa e interna das poesias póde concluir-se que elas são realmente apocrifas. Os carmelitas esforçavam-se o mais possivel para exalçar a memoria do Condestavel, seu confrade, que eles consideravam santo: o processo da canonização começou já a ser tratado em 1674 [3]. As seguintes palavras de Pereira de Sant'Anna na *Chronica*, I, 469, a proposito dos cantos em que se apregoam os milagres do Condestavel, tem bastante significação: «sem desestimarmos semelhantes vulgari-

[1] Esteves Pereira, e Braamcamp Freire no *Boletim* da 2.ª cl. da Academia das Sciencias de Lisboa, t. IX, pp. 255-256, 262 ss., e 378 ss.

[2] I. é: a gente a quem o Diabo põe medo, a gente que teme o Diabo.

[3] Oliv. Martins, *Vida de Nun'Alvares*, p. 465.

dades, porque com ellas se prova ser tão constante a noticia dos referidos prodigios, que estes serviam de particular assunto ao applauso commum de *sua acreditada santidade*».

Estas poesias constituem pois obra de monges carmelitanos, que não nos deram nelas grande prova de sciencia, nem de virtude.

A gloria do *forte Nuno*,

> Açoute de soberbos Castelhanos,
> . . o grande Pereira, em quem se encerra
> Todo o valor . . [1]

é grande e propria, fulge por si mesma, sem necessitar que se lhe juntem falsos atavios. Por isso, nesta festa simpatica, que fala aos nossos corações de Portugueses, sempre ciosos da independencia, da qual Nun'Alvares foi um dos propugnadores e sustentaculo, julguei a proposito renovar ideias que já em 1901 emiti num livro que publiquei em Paris [2], ideias que convém repisar, vistoque combatem uma lenda que desvirtua a pureza da Historia patria.

J. L. DE V.



[1] *Lusiad.*, IV, 14, 24, 30.
[2] *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, p. 41 ss.

RETALHOS DE UM ADAGIÁRIO

(Continuado do vol. XIX, pag. 62)

XIII

Bem te conheço, pau de laranjeira

Bem te conheço a origem, as manhas, os costumes; bem sei como tu, tendo saído do nada, chegaste a alcançar uma situação próspera.

Êste anexim alude à bem conhecida anecdota popular do hortelão, que vendeu um tronco de laranjeira para se fazer a imagem de um santo, a qual foi depois colocada no frontispício da igreja da sua freguesia. Todos que passavam se descobriam ante a imagem, excepto o hortelão, que, de chapéu bem enterrado na cabeça, ia dando aos ombros e resmungando: *Eu que te conheço, meu pau de laranjeira... e que tanta vez te lancei água ao pé...*

A anecdota tem similar em França, mas referida á pereira, como se vê do dicionário de Bescherelle, que insere a locução: *Je l'ai vu poirier*, e acrescenta: *par allusion à ce que disait certain paysan des saints de bois de sa paroisse.*

Cfr. a expressão: *Conhecer alguêm de ginjeira* [1].

XIV

Caldeira [ou *Caldeirão*] de Pero Botelho [ou *de Pedro Botelho.*]

O inferno: «Tão certo como haver pardais, tem já o corpo metido no *Caldeirão de Pedro Botelho*». (Augusto Sarmento, *Contos ao Soalheiro*).

---

[1] [A idea fundamental contida na anecdota já ascende à antiguidade romana; e com ela se relaciona uma cantiga galega e uma portuguesa. Vid. *Rev. Lusit.*, VII, 227.— J. L. de V.].

«E por seres tensoeira
E nom tomas meu conselho,
Lá verás de que maneira
Te chanta *Pero Botelho*
Na sua infernal *caldeira*».

(Simão Machado, *Comédias Portuguesas*, 181. Apud A. T. Pires, in *O Elvense* de 12. IX. 86).

Segundo a crença popular, há no inferno uma enorme caldeira, onde as almas são deitadas em azeite a ferver e que é chamada *caldeira de Pero Botelho* ou de *Pedro Botelho* [1]. Esta locução vem em Bluteau, nas *Enfermidades da Língua*, etc. Insere-a também o dicionário de Vieira, que considera desconhecida a sua origem.

No preâmbulo do 3.º volume de uma colecção de manuscritos inéditos, publicados pela Biblioteca Pública Municipal do Pôrto [2], o director da mesma Biblioteca, José Pereira de Sampaio, depois de fazer referência áquele passo do dicionário de Vieira, diz que, consoante os Portugueses, assim os Hespanhóis ignoravam a razão de ser desta locução — tanto assim que o licenciado Sebastian de Cobarruvias Orozco, na sua obra *Tesoro de la lengua castellana ó española*, (Madrid, 1611), diz que a locução *Caldeira de Pero Botelho*, tomada pelo *inferno*, se funda *«en alguno particular que yo no alcanço»*, acrescentando: *«Sospecho devia ser algun tintorero caudaloso, que hizo qualque caldera capacissima»*.

No ano de 1867 publicou Arnaldo Gama, n-*O Jornal do Pôrto*, em folhetins, uma novela histórica intitulada *A Caldeira de Pero Botelho*, que depois se imprimiu em volume. O romance — cuja acção decorre nos meados do século XVI — é a história dos amores infaustos de D. Beatriz de Moura e D. Diogo Botelho, filho daquele Pero Botelho que, por querer entregar a ilha da Madeira aos Franceses, foi pelo povo lançado, vivo, dentro de uma caldeira em ebulição.

Diz o romance, que apenas o corpo de Pero Botelho caiu na caldeira, se produziu uma explosão enorme, e a multidão fugiu espavorida, sem curar dos mortos e feridos que o sinistro

---

[1] Adolfo Coelho, *Rev. de Etnologia*, § 180.
[2] *Colecção de Manuscritos Inéditos agora dados á estampa* — III — *Fastigímia* — por Tomé Pinheiro da Veiga (Turpin). Pôrto, 1911.

havia sacrificado. Horas depois foi encontrada, reduzida a cinzas, a fornalha onde estava a caldeira. Tirada esta, conheceu-se que o fundo, por vélho, ou por desgastado pelo fogo, havia cedido ao pêso do liquido que nele fervia, de repente centuplicado pelo embate das camadas subitamente condensadas pelo baque do corpo de Pero Botelho, caindo em cheio e com fôrça sôbre elas.

Isto diziam os que pretendiam explicar naturalmente o fenómeno, sem lhes importar se em tal empenho diziam ou não uma tolice scientífica. «O povo, porêm — prossegue Arnaldo Gama — é que não estava pelos autos. Impressionado como estava pelo horroroso espectaculo, a que tinha assistido, e vendo que o cadáver de Pero Botelho não aparecia entre as cinzas, que restavam daquele enorme brasido, declarou que Pero Botelho era um diabo encarnado, como evidentemente o provavam a sua soberba e a sua arrogância; e que a caldeira era, sem tirar nem pôr, a caldeira do inferno, a mesmíssima em que Belzebu faz cozer as almas daqueles que são condenados por blasfemarem de Deus. E daqui ficou em provérbio o ameaçar com a *caldeira de Pero Botelho* todos aqueles que, por suas obras, desejamos ou estamos convencidos que devem ir para o inferno».

Convêm observar que as notas dos romances de Arnaldo Gama formam um magnífico repositório de bons estudos históricos, como disse Pinheiro Chagas, na sua *História de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, III, 86, nota 1, e em outras notas da mesma obra, na qual, por vezes, faz transcrições de trechos históricos daquele romancista.

XV

Chupado das bruxas

Variantes:

a) **Chupado das carochas.**

b) **Vomitado das carochas.**

Diz-se das pessoas magras e macilentas: «Divirta-se e comalhe bem, que anda aí magro que parece *chupado pelas bruxas*». (Camilo, *Coisas Espantosas.*) — «Veyo dar comigo, aquelle desestrado desque casou, parece que *chupado das carouchas*». (António Ferreira, *Ciosa*, act. II, sc. 2.)

Estas locuções fundam-se na crença popular de que as bruxas (tambêm pelo povo chamadas *carochas*), chupam o san-

gue ás crianças de peito, salvo ás que trazem certos amuletos, ou são submetidas a benzeduras e outros exorcismos.

As bruxas entram pelo buraco da fechadura ou pelos buracos do telhado, e chupam o sangue ás crianças, de noite, matando-as pouco a pouco de inanição, ou de súbito se chupam desarrazoadamente, sem que as mães dêem por semelhantes malefícios.

Quando a criança se apresenta magra e com equimoses no corpo, especialmente nos membros inferiores, crê o povo que ela está *embruxada* e que as equimoses são o vestígio de mordeduras feitas pelas bruxas, para lhe sugarem o sangue.

Num conto intitulado *O fradinho da mão-furada*, publicado no *Arquivo Pitoresco*, V, 3, o diabo censura fortemente uma bruxa por ter sugado o sangue de uma criança já baptizada, deixando-a sem vida. O diabo increpa a bruxa, chamando-lhe «monstro indigno do seu favor e do título de bruxa», e ameaça-a de a sepultar nas profundezas do inferno, por ela não ter deixado que a criança vivesse até à idade de pecar. A bruxa desculpa-se, alegando que fizera grandes diligências para executar a sua maldade antes do baptismo, mas que os pais da criança lh'o haviam impedido, espalhando mostarda pela casa, levantando os ferrolhos das portas e pondo espadas nuas nas entradas delas — se não é, diz a bruxa, que procedeu semelhante efeito da virtude de alguma relíquia ou saimão que se tivesse pôsto ao infante.

O conto revela — e é, efectivamente, a crença do povo — que as bruxas atacam, de preferência, as crianças que estão por baptizar. E fazem-no quando nos aposentos não haja luz, visto que só no meio das trevas podem exercer a sua acção. Por isso, em S. Mamede do Monte, no Caramulo, quando nasce uma criança se tomam as seguintes precauções, como narra A. F. Castilho no preâmbulo ao *Presbitério da Montanha:* «Por todos os oito dias e oito noites que precedem o baptismo, é escrupulosamente velada, (a criança) para que não venham bruxas malfazejas a chuchá-la. Para êsse fim se mantêm de sol a sol candeia bem esperta; e ao clarão dela, com os olhos fitos no inocente, e quási sempre em pé para que os não tome o sono, se revezam a uma e uma, fiando na roca, as amigas da casa. Algumas sabem versos muito bons contra malefícios, que vão entoando com a sua cantilena própria, enquanto com a ponta do pé embalam brandamente o bercinho. Algumas fôlhas de oliveira ou palma,

que figuraram no altar em Domingo de Ramos, queimadas nesta ocasião, diz-se que também provam muito bem, assim como seus borrifos de água benta pelas portas e janelas».

Em Famalicão (Minho), quando uma criança morre e se supõe que foi chupada pelas bruxas, não se diz que morreu, mas põe-se a ferver, numa panela barrada, a roupa da criança, e a mãe varre a casa ás-avessas (da porta para dentro) e diz:

Assim como eu na minha casa ando a varrer,
Assim quem matou a minha menina (ou *o meu menino*) *aqui venha ter.*

Depois a bruxa aparece, e dão-lhe muita pancada.

Esta versão vem narrada por Leite de Vasconcelos, nas suas *Tradições populares de Portugal,* § 380, onde se lê o seguinte conto:

Era uma vez uma mulher que tinha um menino, e era vizinha de uma bruxa. Um dia disse-lhe a bruxa: ¿«Queres que as bruxas não façam mal ao teu menino? Diz muitas vezes isto todos os dias:

Reconcol, reconquista,
ao redol desta casa
anda S. João Baptista.»

A mãe ficou muito contente; e no outro dia, logo pela manhã, quando foi vestir o menino, disse a fórmula, mas em vez de dizer «ao redol [ao redor] desta *casa*», disse «ao redol desta *comarca*»; por isso a bruxa foi ter com ela e pediu-lhe que não dissesse *comarca,* mas dissesse *casa,* porque, senão, elas não podiam fazer mal a ninguêm. A mulher assim o fez, e o seu menino era o mais gordo de todos, porque as bruxas iam chupar o sangue aos outros.

A superstição de que as bruxas chupam o sangue ás crianças é comum á Galiza, como se vê de uns versos de Murguia (*Cantares Galegos*).

XVI

Comer a dois carrilhos

Tirar dois proveitos ao mesmo tempo. || *Receber benefícios de dois partidos contrários.* || *Exercer dois empregos ou duas indústrias.*

A fórma popular é *carrinhos*, que se encontra em Abel Botelho, *Próspero Fortuna*, cap. II: «... e agora vereis!... já hoje *come a sete carrinhos*».

Os Hespanhóis dizem *comer a dos carrillos*. Como *carrillo* significa «bochecha», lembrou A. T. Pires (*Rev. Lus.*, IX, 390) que a nossa locução pode ter vindo do castelhano; e no vol. XII da mesma *Rev.*, pag. 181, apresenta, em refôrço da sua opinião, os seguintes versos de um romance de Jerónimo Baia, a pag. 96, tômo IV, da *Fénix Renascida*:

Depois que vos fes a idade
tão ermitães os carrilhos,
que não mais dente com dente
posto que tremais de frio...

Efectivamente, na colecção de Rolland vem *comer a duas faces*, ou *a dous carrilhos*.

Francês: *Manger à deux râteliers.*
Inglês: *To take double fees.*

XVII

Correr Seca e Meca

Variantes:

a) **Correr Seca e Meca e olivais de Santarêm.**
b) **Correr Seca e Meca e vales de Santarêm.**

Andar por diferentes terras, por aqui e por acolá. ‖ *Vaguear, fazer digressões ao acaso.* ‖ *Espalhar-se, generalizar-se, propagar-se:* «Estas passaram palavra ás outras, e assim foi a nova *correndo Seca e Meca e olivais de Santarêm*». (Augusto Sarmento, *Contos ao Soalheiro*).

¿Quais são a Seca e a Meca a que se referem a locução e suas variantes?

Suponho que é ponto ainda não esclarecido.

Os dicionários de Faria, Lacerda e Morais, inserindo a locução *correr Seca e Meca*, [1] disseram tratar-se de Ceca, em Hespanha, e da Meca asiática, mas essa suposição foi condenada por

[1] O primeiro escreveu *Ceca*.

absurda, pela impossibilidade de uma origem popular, no dicionário de Fr. Domingos Vieira [1], segundo o qual melhor seria pensar em *Asseca*, que, por aférese, daria *Seca*, pronunciada primeiramente *Sêca*, e depois *Seca*, por influência de Meca. Informa o mesmo dicionário que Asseca e Meca são povoações nas proximidades de Santarêm.

Adolfo Coelho [2], é tambêm de opinião que se deve explicar *Seca* por *Asseca* e cita, a propósito, a Ponte de Asseca, perto daquela cidade, o rio Asseca, no Algarve, e sítios assim chamados; refere ainda que Seca aparece, como nome de logar, nos distritos de Viana do Castelo e Beja, e fala de Meca (Santa Quitéria de Meca) no concelho de Alenquer, que é, afinal, a Meca acima referida e que o dicionário de Vieira erradamente coloca nas proximidades de Santarêm.

Já Garrett tentára esclarecer a locução, nas *Viagens na minha terra*, I, cap IX, escrevendo, a propósito da Ponte de Asseca, próximo de Santarêm: «Ora de onde veio êste nome de Asseca? Algures aqui perto deve de haver sítio, logar ou coisa que o valha, com o nome de Meca; e daí talvez o admirável rifão português que ainda não foi bem examinado como devia ser, e que de certo encerra algum grande ditame de moral primitiva: «andou por Seca (Asseca?) e Meca e olivais de Santarêm. «— Os tais Olivais, ficam logo adiante. E' uma etimologia como qualquer outra.»

Citando a forma hespanhola *Correr Seca y Meca*, opina Adolfo Coelho [3], que a locução pode ter passado de nós para Hespanha.

E' uma hipótese.

Se a locução se originou em Portugal, é evidente que não pode referir-se à Ceca de Hespanha, nem à Meca da Ásia. Em tal caso, parece tambêm inadmissivel qualquer relação com a Asseca de Santarêm ou com a Meca de Alenquer, visto que, significando a locução *correr muitas terras*, não pode restringir-se a sua referência a uma área relativamente tão pequena. Por mera hipótese ocorre lembrar Meca, do concelho de Viana do Castelo, e Asseca, na freguesia de S. Tiago de Tavira, localidades em pontos opostos do nosso país e entre as quais há tal distância,

---

[1] Ed. de 1871-74.
[2] *Pedagogia do Povo Português*, in *Portugália*, I, 490.
[3] Idem, *Ibid.*

que quem quisesse ir de uma para outra seria, efectivamente, obrigado a *correr muitas terras*.

Olivais de Santarêm e *vales de Santarêm* apareceriam então, nas variantes *a*) e *b*), como referências a um ponto intermédio daquelas localidades.

E' certo que esta versão carece de fundamento sério, atenta a insignificância de qualquer daquelas terras, que são pouco conhecidas; mas a Ponte de Asseca, de Santarêm, e a Meca, de Alenquer, são também localidades de pouca nomeada, havendo em favor desta última apenas a notoriedade, por assim dizer regional — que desde tempos longinquos lhe trouxe a crença popular — de Santa Quitéria (seu orago) ser advogada contra a mordedura do cão danado.

Creio também que a locução nos viesse de Hespanha, onde se diz *andar de zeca en Meca* [1], *de Ceca en Meca*, e *de la Ceca á la Meca*.

Zeca foi o nome que os mussulmanos deram à grande mesquita de Córdova, primeira do mundo depois de Meca, e ambos êstes dois grandes templos eram concorridos por enorme número de peregrinos, que, para os visitarem a ambos, isto é, para *correrem Zeca e Meca*, tinham de sujeitar-se a longas viagens, que as dificuldades de transportes e o atrazo da viação doutros tempos, tornavam mais penosas e mais demoradas.

Se a locução veio de Castela até nós, parece-me então aceitável que, por identidade de denominações locais, se tivesse substituido a *Zeca* hespanhola pela *Asseca* de Santarêm, e a *Meca* asiática pela *Meca* de Alenquer, associando-se-lhes os *vales*, ou os *olivais*, de Santarêm como modificação vulgar nestas locuções.

XVIII

Dizem os sinos de Santo Antão: ‖ "por dar dão„

Ou:

«Por dar, dão» — dizem os sinos de Santo Antão.

Ambas as formas veem em Rolland.

O *Vocab.* de Bluteau insere: *Os sinos de Santo Antão, por dar dão* — e explica que se diz assim para mostrar que há pouca

[1] Salvá, *Gramatica de la lengua castellana*, Paris, 1867, p. 250. Salvá cita ainda a locução hespanhola, equivalente, *andar de zocos en colodros*.

generosidade verdadeira, que não dê para que lhe correspondam.

NOTA

O povo costuma traduzir em linguagem o toque dos sinos. Assim, quando dobra a finados, os sinos dizem:

No Pôrto:

—Morreu uma vélha,
morreu uma vélha.
—¿Que nos deixou ela?
—Uma manta vélha.
—¿Como a partiremos?
—De lombo a lombo [1].

Em Trás-os-Montes:

—Morreu a vélha...
—¿Que te deixou?
—Uma manta vélha [2].

Em Oliveira de Azeméis:

—Cá morreu um pó... ó... bre...
—¿Que te deixõu... õ... õu?
—Z-uma manta vé... é... lha...
—Partimo-la, partimo-la! [3]

Quando o sino grande dos Bernardos, do Pôrto, tocava ao côro, ou quando a garrida das freiras beneditinas chamava a vésperas, o povo percebia nesses sons graves e estridentes um singular diálogo. Dizia o sino grande: *Nós temos boa sopa! Nós temos boa sopa!*» Respondia a garrida: «*Porque tendes orelheira! Porque tendes orelheira!*» [4]

O costume de traduzir em linguagem o toque dos sinos existe noutros paises.

Segundo G. Pitrè, «una campana di Palermo, che sonava verso l'ora della scuola, secondo il popolo, diceva: *Don Pepé, Scola c'è* (bis). Un'altra d'un monastero di Clarisse: *Semu bati (malate)* (bis).» Cf. também *Rev. Celtique*, III, 215 [5].

---

[1] Teófilo Braga, *Povo Português*, I, 286.
[2] Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, § 342.
[3] Idem, *ibidem*.
[4] Teófilo Braga, *Povo Portugês*, I, 286.
[5] Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, nota 221.

Na Sicilia:
Dissi la campana a lu battagghiu:
Dammi tu prima, ca ti dugnu poi [1].

No século XVII dizia-se, também na Sicília: *La campana di Manfridonia dici: dammi e dànti; e si vôi praciri, fanni* [2].

Dizem os Ingleses: *As the bell clinketh, so the fool thinketh.*

Os Franceses teem a locução: *Il est comme une cloche, on lui fait dire tout ce qu'on veut.*

XIX

Em papos de aranha

Atrapalhado, sem saber o que fazer. || *Azafamado, atarefado.*

Primitivamente significou — *andar com muito cuidado por uma coisa.* Assim, dizia-se também: *trazer uma pessoa* (ou *uma coisa*) em *papos de aranha; andar com alguêm em papos de aranha.*

Houve quem preconizasse a forma *em palpos de aranha*, que foi rejeitada pelo dr. Gonçalves Guimarães e, depois, por Gonçalves Viana, ambos eles notáveis eruditos. Êste último sustentou no 2.º vol. das suas *Apostilas*, que a substituição da forma popular *papos de aranha* por *palpos de aranha*, foi uma lembrança desastrada, em que mais preponderou o raciocínio do que a observação dos factos, e que a emenda é inadmissível, visto que, sendo o anexim popular, nele não podiam entrar palavras que o não fossem. Ora *palpo*, diz Gonçalves Viana, é termo muito moderno e de introdução artificial, que Bluteau não registou, porque até o seu tempo não havia sido admitido na língua, pois foi colhido ao depois no vocabulário latino: *palpum*, afim de *palpare*, cujo correspondente popular é *poupar;* devendo, conseqüintemente, o *palpum* ter produzido *poupo*, evolutivamente, e não *palpo*.

Cândido de Figueiredo, que também perfilhára *palpos de*

[1] G. Pitrè, *Proverbi Siciliani.*
[2] Idem, *ibid.*

aranha [1], veio depois a concordar com a opinião daqueles filólogos [2].

Silvestre Algarvio — pseudónimo de alguêm muito esclarecido que deu a lume, no antigo jornal lisbonense *Novidades*, uma série de artigos sob o título *Miscelânea de filologia portuguesa* — rejeitou igualmente a fórma *palpos* e, ainda, a de *papos* [3], optando pela forma primitiva, que não seria *papos* nem *palpos*, mas sim *pappo*, do latim *pappu-s* ou do grego *páppo-s*, que designava uma espécie de tufo ou penacho filamentoso que coroa o fruto de certas plantas da família das *compostas*, como a *leituga*, o *cardo* e outras, e depois, por extensão, qualquer corpo lanoso ou penugento, como o algodão em rama, a lã aberta, etc. Segundo Silvestre Algarvio, é neste sentido que empregamos *pappos*, na denominação dos cobertores de lã felpudos e macios, os cobertores de *pappo de lã* ou simplesmente *cobertores de pappo*. (Cf. *andar envolvido em pappos*, expressão que também se emprega — diz o articulista).

Prossegue Silvestre Algarvio: «Assim *pappo de aranha* (cf. *pappo de lã*, *pappo de algodão*, etc.) é uma expressão metafórica, com a qual o povo alude á *teia de aranha*, dando a entender que ela é tão macia e delicada, como a penugem, o cotão, o algodão em rama e outras substâncias semelhantes, de que muitas vezes nos servimos para envolver os objectos delicados e estimados, cuja superficie é necessário proteger da pressão ou contacto dos objectos contiguos. Por isso se diz: *trazer uma coisa* ou *andar com uma coisa em pappos de aranha*, isto é, andar com muito cuidado, com muito empenho por uma coisa, e *por extensão*, andar com diligência, andar azáfamado por ela».

Cândido de Figueiredo, nas suas *Lições Práticas*, 2.ª ed., p., 105, repele em absoluto a teoria de Silvestre Algarvio, apodando de «arrojada» a metáfora que êste descobre em *pappos de aranha*.

A despeito dos defensores de *palpos* e de *pappos* — *papos de aranha* é que continua a ser a forma geralmente usada e genuinamente popular.

---

[1] *Lições práticas da língua portuguesa*, 2.ª ed. p. 105.
[2] *Diário de Notícias* de 3-x-907, secção *Falar e escrever*.
[3] *Novidades*, de 31-VIII-91.

XX

Fia-te na Virgem e não corras...

Ou:

a) **Fia-te na Virgem e não corras, verás o tombo que levas.**

b) **Fia-te na Virgem e não corras, saberás os pontapés que levas.**

Cândido de Figueiredo recolheu, no suplemento ao seu *Dicionário*, a forma trasmontana: «*Finta-te na Virgem e não corras...*», em que *fintar-se* equivale a fiar-se.

Diz A. T. Pires, n-*O Elvense*, n.º 587, que o anexim *fia-te na Virgem e não corras* tem origem na vélha anecdota de uns rapazes que roubaram umas melancias, um dos quais, deitando a fugir, gritava para o outro: *Fia-te na Virgem e não corras, saberás os pontapés que levas.*

Eu creio que, efectivamente, o anexim deve ter origem anecdotica, e por isso apresento estoutra versão, que colhi da tradição oral, em Lisboa:

O prior de uma freguesia rural, e muito povo, retiravam de uma romaria, quando a curta distância apareceu um toiro que andava tresmalhado da manada.

O padre subiu para uma árvore, e os romeiros trataram de fugir para onde poderam, excepto uma mulher, que, ajoelhando-se próximo da árvore onde o padre estava alcandorado, exclamava, de mãos-postas e com os olhos no céu:

— Virgem Santíssima, valei-me!

Foi então que o padre lhe disse, de entre a ramagem:

— Fia-te na Virgem e não corras, verás o tombo que levas!

XXI

Falar francês como uma vaca espanhola

Falar muito mal o francês, e, por extensão, falar muito mal qualquer outra língua estrangeira.

Esta locução veio-nos de França, onde é corrente dizer-se

parler français comme une vache espagnole, corruptela de *parler français comme un basque espagnol*.

Aos Biscainhos (habitantes das duas vertentes dos Pirinéus ocidentais, tanto do lado da França como do da Hespanha) dava-se antigamente, em França o nome de *vace*, quer aos Franceses, quer aos Hespanhóis.

Assim, *parler français comme une vache espagnole* é propriamente, *parler français comme un vace* (ou *basque*) *espagnol*.

O vasconço, ou biscainho, foi durante muito tempo considerado como não tendo nenhuma relação com as línguas conhecidas. Os Biscainhos deviam ter grande dificuldade em falar as línguas das regiões vizinhas; e, quanto ao francês, devia ser muito mais estropiado pelos Biscainhos hespanhóis do que pelos Franceses, os quais, pelo menos, ouviam falar o francês nas regiões confinantes [1].

XXII

Guarda-te de mula que faz "him„ ‖ e de mulher que fala latim

Variantes:

a) **Cabra que faz «mé», ‖ mula que faz «him», ‖ mulher que sabe latim, ‖ libera nos, Domine!**

b) **De mula que diz «him!» «him!» ‖ e de mulher que sabe latim, ‖ tem barbas [2] e grande pé, ‖ libera nos, Domine!**

c) **De mula que faz «him», ‖ e de mulher que fala latim, ‖ libera nos, Domine!**

d) **Mula que faz «him» ‖ e mulher que fala latim, ‖ raramente tem bom fim [3].**

e) **Mulher que sabe latim ‖ e burro que diz «him», ‖ nunca êles terão bom fim.**

---

[1] Veja L. Martel, *Petit recueil des proverbes français*, § 159 e dicionários de Bescherelle, Littré e Larousse.

[2] Cf. os prov. a) *A homem ruivo e a mulher barbuda, de longe os saúda;* b) *A mulher barbada, não dês pousada.*

[3] Em Rolland e em Bento Pereira: *Mula que faz him, e mulher que fala latim, raramente ha bom fim.*

f) **Da mulher que sabe latim, || da mula que faz «him», || e do borrego que faz «mé», || libera nos, Domine!**

Cf. *Guarde-vos Deus de moça adivinha e de mulher latina.*

Hespanhol: *Dos cosas tienen mal fin: El niño que bebe vino, e mujer que habla latin.*

Franceses: a) *Femme qui parle latin, soleil qui luit tard au matin, et enfant nourri de vin, ne viennent à bonne fin;* b) (Armagnac) *Hillo que landro, taulé que brando, e hemno que parlo latin, toustem haran ou triste fin* [1]; c) (Rouergue) *D'uno miolo qui fo hi, d'uno fenno qui parlo loti, mesfiso ti* [2].

Italiano: (ant.) *Dio mi guardi da mula che faccia hin hin; da Bora, e da Garbin; da donna che sappia latin* [3].

Cf. o prov. latino: *Odi faeminas litteratas.*

Os antigos Portugueses não tinham em boa conta a mulher que *sabia latim*, acêrca da qual tambêm se não formava bom conceito em França, na Itália e em Hespanha, como os provérbios aqui agrupados demonstram.

Conta D. Francisco Manuel de Melo, na *Carta de guia de casados* (ed. do Pôrto, 1873, pag. 119): «Ouvi um dia caminhando, e não era elle menos que a um chapado recoveiro (veja v. m. que enjeitei os philosophos, para citar estes auctores) emfim ouvi-lhe, que Deus o guardasse de mula que faz *him*, e de mulher que sabe latim».

Comenta o mesmo autor: «O riso, e gosto com que lhe escutei esta engraçada sentença me faz agora lembrar d'ella; não se julgue por indecente, se é proveitosa. O ponto está em que o latim não é o que damna; mas o que comsigo traz de outros saberetes envolto aquele saber».

A seguinte anecdota, ainda referida por aquele escritor (obr. e ed. cit., pag. 120), mostra o modo de pensar de antigos Portugueses a respeito do latim e das mulheres: «Confessava-se uma

1 Bladé, *Contes et proverbes populaires recueillis en Armagnac.*

2 Duval, *Proverbes patois en dialecte du Rouergue.* Rodez, 1845 (Apud Eugène Rolland, *Faune Populaire de la France*, IV, 272).

3 Pescetti, *Proverbi italiani*, Venetia, 1611. (Apud Eugène Rolland, obra e local citados na nota anterior).

mulher honrada a um frade velho, e rabujento; e como começasse a dizer em latim a confissão, perguntou-lhe o confessor: Sabeis latim? Disse-lhe: Padre, criei-me em mosteiro. Tornou-lhe a perguntar: Que estado tendes? Respondeu-lhe: Casada. A que tornou: Onde está vosso marido? Na India, meu Padre (disse ella). Então com agudeza repetiu o velho: Tende mão, filha: sabeis latim, criaste-vos em mosteiro, tendes marido na India? Ora ide-vos embora, e vinde cá outro dia, que vós é força que tragais muito que dizer, e eu estou hoje muito depressa».

Teófilo Braga, na sua *História de Camões*, parte I, cap. IV, diz que no tempo do Poeta havia na côrte portuguesa a monomania do latim, que as damas da côrte estudavam por moda, e cita os nomes de várias cortesãs que mais se notabilizaram como latinistas, entre as quais Luísa Sigêa e Joana Vaz, que se encontravam com assentamento nas moradias da casa da rainha D. Catarina, com o título de *latinas* e o ordenado de seis mil réis.

No seu livro *Vida de la Señora Infanta Dona Maria*, escrito em hespanhol e publicado em 1675, dá Frei Miguel Pacheco uma longa lista das damas e fidalgos que pertenciam à casa da última filha de D. Manuel I, lista que é consagrada, em parte, às *damas latinas* que formavam a côrte literária da Infanta.

Eu creio que a má vontade dos antigos contra as mulheres que sabiam latim — isto é, contra as mulheres eruditas — provinha, principalmente, da presumível circunstância de elas descurarem mais ou menos as coisas da vida caseira e familiar, para se entregarem ao estudo do latim, a que a moda da côrte as obrigava.

Entre o povo rude das nossas aldeias, existe ainda a crença de ser prejudicial para as mulheres o saberem ler e escrever. Provavelmente êste raciocínio obedece, em parte, à idea de que a mulher que lê e escreve se alheia um tanto dos trabalhos domésticos; e já tenho ouvido a gente do povo, que o saber ler e escrever facilita às raparigas o conhecimento de muitas coisas imorais e lhes proporciona o ensejo de manterem com os namorados certos entendimentos e confidências que as podem levar à desgraça. Lá disse D. Francisco Manuel num dos trechos transcritos: «..o latim não é o que damna; mas o que comsigo traz de outros saberetes envolto aquelle saber».

XXIII

Dar ás de Vila Diogo

Ou:

Tomar as de Vila Diogo.

Dar aos calcanhares, fugir; retirar-se apressadamente: «... de sorte que a bruxa... via-se obrigada ... a *dar ás de Vila Diogo*, para não travar relações com as armas de Santo Estevão». (Augusto Sarmento, *Contos ao Soalheiro*).

No *Nouveau dictionnaire des langues françoise, et portugaise*, de Joseph Marques (Lisboa, 1758) vb. «pié»: *colher as de Villadiogo*.

A forma *atar as de Vila Diogo* é censurada pelo autor das *Infermidades da língua* (1754).

Em hespanhol: a) *Tomar las de Villadiego*; b) *còger las de Villadiego* [1]; c) *Tomar las calças de Villadiego* (século XVII) [2].

No mesmo sentido dizem os Franceses: a) *Prendre le chemin de Saint Jacques* [3]; b) *Faire Jacques des loges* [4]; c) *Prendre la clef des champs*.

Na opinião de Gonçalves Viana, (*Apostilas*, II, 540) a frase *dar ás de Vila Diogo* deve ser castelhana e ter vindo para Portugal juntamente com outras, nos tempos em que essa língua era familiar entre nós.

Da circunstância de a locução existir em Hespanha com significado igual ao da nossa, de haver naquele país, com o nome de Villadiego, uma vila na provincia de Leão e um logar na de

[1] Uma velha locução hespanhola dizia *tomar las calzas del martillado* ou, sòmente, *tomar las del martillado*, que se encontra na obra de Vicente Espinel (1551-1634) *El escudero Marcos de Obrégon* e que significa «por-se a caminho, fugir». Transcrêvo de um artigo de Júlio Monreal, publicado em *La Ilusración Española y Americana*, ano XXIV, n.º XXV, onde se explica que *martillado* quere dizer «o caminho», porque os viajantes peões e os animais *le martillan ó golpean continuamente con los piés*.

[2] Vem nas *Cartas de Blasco de Garay, hechas en refranes*, publicadas com os *Refranes*, de Hernan Nuñez (Madrid, 1619).

[3] J. I. Roquete, Dic. português-francês (1905) vb. *tomar*.

[4] Dic. de Bescherelle, vb. *Jacques*.

Burgos, e de não existir em Portugal nenhuma vila ou outra povoação ou localidade que tenha por nome Vila Diogo, conclue Gonçalves Viana que a frase é simplesmente traduzida para português, a êle acomodada e alterados os termos mas não o significado.

Nota aquele escritor que em ambas as línguas a frase é elíptica, pois não declara aquilo «a que se dá» ou «aquilo que se toma». De mais, observa Gonçalves Viana, surge na frase portuguesa, a mais que na castelhana, o embaraço do verbo, que naquela não apresenta sentido claro, visto que *dar a* pode ser entendido no seu significado primário de *outorgar*, ou como verbo intransitivo acompanhado de complemento circunstancial de instrumento, como em *dar à bomba*, *dar à manivela*, *dar à língua*.

Voltando à locução hespanhola: ¿Que substantivo plural feminino está subentendido em *dar às de Vila Diogo?*

Sigamos Gonçalves Viana:

No *auto dozeno* de uma celebrada peça anónima intitulada *Comedia de Calisto y Melibea*, melhor conhecida pelo nome de *Celestina* [1], há uma scena em que Semprónio e Parmeno, ambos guarda-costas de Calisto, travam um diálogo entre si, no qual cada um se manifesta extremamente pusilânime, e os dois planeiam fugir. Diz Semprónio para o companheiro: «Anda, no te penen a ti esas sospechas, aunque salgan verdaderas. Apercibete a la primera boz que oyeres, tomar calças de Villadiego».

Responde Parmeno: «Leydo has donde yo; en un coraçon estamos. Calças traigo, y aun borzeguies desos ligeros que tu dizes, para mejor huyr que otro».

«Por êste diálogo — observa Gonçalves Viana — ficamos sabendo já qual é o substantivo feminino plural, que no prolóquio castelhano está elidido; acrescentado a êle, resulta a seguinte expressão: *tomar las calzas de Villadiego*, isto é, *ningunas;* e como comentário do outro interlocutor, nem calças nem borzeguins, portanto *pernas* e pés descalços, para correr mais à vontade. A frase castelhana deve pois interpretar-se: — *tomar las piernas*, e a portuguesa — *dar às pernas*, correspondendo ambas a *fugir a sete pés*, modo de dizer êste último que tambem carece de explicacão satisfatória».

Francisco Pedro Brou, no seu *Lexicon Latino-Português*,

[1] Cf. a expressão *Artes da madre Celestina*.

(Pôrto, 1900) vb. «mando», registou a forma *dar às de vi lá Diogo*, certamente por lapso de revisão.

No seu livro *Origens de Anexins* (Lisboa, 1909), pag. 67, Castro Lopes atribui ao ditado uma origem anecdotica, que não convêm deixar passar em julgado.

Diz que em 1808, estando os Hespanhóis entrincheirados em Gamonal, caiu sôbre êles o grosso do exército Napoleónico, fugindo a tropa e o povo para Lerma (província de Burgos). No meio da confusão, apareceu uma «señorita» de *Villadiego*, perguntando pelo seu Gil Garcia, capitão do exército hespanhol. Alguêm lhe disse que êle fugira, tomando para as bandas de Lerma, ao que ela retorquiu: «No: al contrario; el *tomó las de Villadiego;* y fue solo por me salvar; si, yo me vuelvo bien cierta de encontrarlo en mi casa; el *tomò las* (bandas) *de Villadiego*».

Para se ver o êrro em que caiu Castro Lopes, basta notar-se que êle dá como origem da locução um incidente que diz ocorrido nos princípios do século XIX, quando a expressão era já conhecida em Hespanha pelo menos desde o primeiro quartel do século XVII, como se vê da nota 2 e da forma a ela referida.

Loures, 10-II-918.

JOSÉ MARIA ADRIÃO.



MISCELANEA

Etymologische Einfälle

Lembranças apenas. Ideias. Criações de um momento. Etimologias sem documentação alguma. Eis o que são as Nótulas que hoje ofereço aos leitores desta Revista. Exemplos caracteristicos da invencionice caprichosa e bem-humorada que distingue a mocidade academica. Foi em contacto com os meus ouvintes que, em qualquer das minhas *Lições de Filologia portuguesa*, no constante empenho de lhes apresentar e explicar formações lingùisticas privativamente portuguesas, — amostras daquele vegetabilismo exuberante, de ingenua espontaneidade que distingue as artes e letras nacionais—oportunamente lancei (ou *trovei*) as origens de *piegas; caturra; cábula;* e *caloiro.*

Se as minhas ideias (ou *trovas*) tiverem o aplauso dos poucos que tem consciencia do duplo aspecto psico-fisico da fala humana, como da multidão e da valia dos momentos artisticos, (construtivos e musicais) que actuam nas palavras como exteriorizações de conceitos, com individualismo e arbitrariedade, estas *Lembranças* passarão ,documentadas até onde me fôr possível, do limbo das *Miscelâneas* para o recinto das *Contribuições para o futuro Diccionario Etimologico das linguas peninsulares.*

Lá figurarão junto às explicações que pouco a pouco fui dando de *meigo* e de *saudade*, de *mouco* e *paio*, de *condão* e *consoada*, de *lazarento* e *chispêtêó* e outros termos familiares, em que não se verificam apenas evoluções fonéticas, materiais, mecanicas, mas a par delas influxos analogicos, espirituais, psicologicos, de sorte que são criações novas.

1. *Piegas.*

Esse nome, substantivo e adjectivo uniforme, que qualifica uma pessoa de *amimada*, *niquenta*, *de sentimentalidade excessiva*, e deitou duas ramas *pieguice*, e *piegueiro* (usado no Brasil para definir gente meiga e acariciadora, de afectuosidade infantil), tem o sabôr da fecunda terra patria e, se não me engano, arraiga fundo na historia. Por isso mesmo é exclusivamente português. Relativamente moderno. Só figura em obras posteriores a Bluteau e Moraes. Não me lembro, pelo menos, de o haver en-

contrado em Quinhentistas ou Seiscentistas. *Popular* e *de origem incerta*, dizem os poucos que o plantaram nos Campos santos dos Diccionarios modernos.

A construção parece-me absolutamente isolada. Se lhe procuro rimas, encontro apenas pluraes de nomes, e segundas pessoas de verbos, (*adégas — entrégas* etc.). Se a decomponho num tema *pieg-* e na desinencia *-as*, pensando em *Maricas* e *Mariquinhas*, não dá nada, visto que *pieg-* não existe. Pelo contrário, dá muito, elucida o acto da geração, como um relampagos se separarmos *pi* = *pio* e *-egas* = *Egas*.

O *pio Egas*. Egas Moniz, o aio de Afonso Henriques, cuja piedosa lealdade fez que os poetas epicos o comparassem ao *Pio Eneas* de Vergilio, que nas costas levara de Troia o velho pai Anquises, conduzindo á direita o pequeno Ascánio e á esquerda Creusa, sua mulher.

Teremos de procurar o Pio Egas na *Afonseida* de Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos.

E se lá não descobrirmos o ponto de partida, teremos de supô-lo nas Aulas universitarias, ou nas dos Seminarios.

O inventor é nesse caso desconhecido. Os elementos, são todavia, clarissimos: lat. *pius* e o nome proprio luso-iberico *Egas*.

2. *Caturra*.

Tambem esse substantivo (por ora só masculino, apesar de terminar em *a*) é, a meu ver, um nome-próprio transformado em apelativo.

Sofreu todavia modificação de forma, mais incisiva do que o *Pio Egas*.

Na passagem desse a *piegas* foi suprimida apenas a vogal final do primeiro elemento que, estando em proclise ou intimo nexo com o segundo elemento, perdeu a sua independencia, a sua alma: o acento.

Em *Caturra* — que, desde já seja dito, não é senão um *Catão* de segunda ou terceira categoria, e muita vez mero Pseudo-Catão — houve substituição do sufixo originario *-ão* (*-om* até 1500), augmentativo na aparencia, por *-urra*, elemento de uso mais popular, de sentido mais grosseiro, e musicalmente tambem mais rude.

Quanto ao significado, *Cato Maior* fôra o arqui-rigorista da república romana, o Censor destemido e previdente que, lançando contra a assustadora prosperidade de Cartago o seu *ceterum censeo*, provocara as guerras púnicas. Mas em Portugal *Ca-*

tão passou a ser, quanta vez, um mero afectador de austeridades. Em linguagem estudantina, *Caturra* designa a pessoa, em regra idosa, que, aferrada a ideias antiquadas, gosta de censurar todas as modernices; é amiga de discutir e criticar, teimosa, pedantesca, e difícil de satisfazer.

Ignoro a data do nascimento do primeiro *Caturra* português. Mas não acho improvável que ela se encontre na breve época áurea dos Humanistas e da Universidade de Coimbra, de 1537 a 1540—pouco depois do aparecimento portanto em Veneza (1534) do *Livro da Velhice*, chamado *Catão Maior* [1].

O sufixo *-urro -urra*, despectivo como todos aqueles cuja tónica é o soturno *-u-*, faz parte de um grupo diatónico de origem ibérica *-arro*, *-erro*, *-orro*.

Mas da lingua latina viera-nos, inalterada, uma formação modelar, isolada embora, o vulgarismo *saburra*.

E se *saburra* era areia ou saibro *sab-ulum*, de grão tão grosso e pesado que servia de lastro aos navios,

Cat-urra bem pode ser um *Cat-ão*... de marca g [2].

3. *Cábula*.

É contra-nome de *rábula*. Réplica humoristica, certamente num improviso, de qualquer incipiente advogado. Reconheço nele reminiscências da formula vulgar *de rabo a cabo e de cabo a rabo*.

Todos sabem o que era o *rabula* (ou *ravula*) latino, do tempo de Cicero e Quintiliano. Um causidico declamador e ladrador; um linguarudo que conhecia e empregava todos os artificios da chicana, mas sobretudo, sem nada dizer, e concluir, falava muito; tanto mesmo, que sua voz enrouquecia: *ein schreiender Sachwalter; ein Zungendrescher*.

Da sua voz estrídula — da raiz *rav-* de *ravcus* (onomatopaica) é que lhe veio o nome (segundo Havet e Alois Walde).

Não tenho prova de que *cabula* designasse a principio aquele que nada dizia porque nada sabia e estudava, e o advogado liviano que não ligava grande importancia às questões de que tratava.

Hoje o nome masculino (subst.ᵉ e adj.), designa: o que não

[1] O original é de Cicero, que os estudantes tratavam de *Ciçarrão*; a tradução portuguesa, de Damião de Goes, é dedicada ao Conde de Vimioso, o *Sentencioso*.

[2] Como imitações, posso lembrar apenas *panturra*, *bandurra*, *casmurra* (a par do mais usado *casmurro*); *fanfurria* (=*fanfarrão*), *calcurriar*; e como parcelas do Diccionario Castelhano: *baturro*, *ceburro*, *chapurrar*, *despachurrar*, *despanzurrar*.

estuda nem freqùenta assiduamente as aulas; e por extensão: o que ardilosamente se esquiva a quaisquer obrigações. Como fem., *cabula* é a falta de assiduidade ás aulas e de aplicação nos estudos.

A *rabular rabulice* correspondem *cabular, cabulice*. E de *caturra* tambem se tirou *caturrar, caturrice* e *caturreira*.

4. *Caloiro*.

Creio que *caloiro* está por *calvoiro*. A semi-vogal *v* evaporou-se como em *fulo* de *fulvo; janela* de *januella; maneira* de *manuaria; manada* de *manŭata*, etc., etc.

Teriamos portanto o tema *calv-* e o sufixo *-oiro*, pronuncia popular de *-orio*, com a usadissima atracção de *i* postónico pela tonica. *Calvo* (que subsiste modificado em *caveira, caaveira* de *calaveira* com *a* epentetico entre *l* e *v*) serve bem para caracterizar os estudantes do primeiro ano (antigamente os de disciplinas preparatórias), visto que era e é costume dos quintanistas cortar-lhes madeixas de cabelo tão desageitadamente que só uma tosquia completa os salva de terem aspecto ridiculo.

E *-orio* como sufixo de adjectivos existe por ex. em *finorio, simplorio*.

*

Quem souber pôr em lugar do meu *Pio-Egas;* do *Catão-caturra;* do *Rábula-Cábula;* e do *Calv-orio* étimos melhores, que os apresente e terá os aplausos sinceros de

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

Coimbra, Dezembro de 1917.

Carta á Ex.ma Sr.a Doutora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a proposito das quatro etimologias precedentes (1)

Ex.ma Senhora, de todo o meu respeito:

As etimologias que V. Ex.a propõe reflectem sem dúvida aquela *vis summa ingenii* de que V. Ex.a tantissimas vezes tem dado testemunho: todavia, como no caso presente, V. Ex.a propria declara não estar plenamente convencida da certeza das

---

1 Esta carta foi enviada, ainda manuscrita, á Sr.a D. Carolina Michaëlis, que autorizou a publiçação d'ella.

mesmas, não estranhará que a outros aconteça isso tambem. Pela minha parte, tomo a liberdade de lhe apresentar algumas objecções, e lamento não poder substituir todas as etimologias por outras mais tentadoras: apenas procuro substituir uma.

1. Para que *piegas* se explicasse satisfatoriamente por *pio Egas*, necessitava-se que *Egas Moniz* tivesse tido muita popularidade, e grande semelhança com *Eneas*, o que não acontece. Dado o conhecimento escolar de *pius Aeneas*, mais facilmente se tiraria d'esta expressão latina uma portuguesa que tivesse o sentido que aqui se discute.

Quando se diz *F. é um piegas*, emprega-se, quanto a mim, uma expressão aparentemente comparavel a *F. é um traquinas*, que é paralela a *F. é um traquina*: e assim reduziriamos *piegas* a **piega*, e teriamos em **piega* um *nomen agentis* de **piegar*, verbo formado de *pio* (voz), como *fumegar* de *fumo*, *verdegar* de *verde*, *estortegar* de *torto*, etc. *Ser piegas* correspondêria pois originariamente a «pipiare», «piauler», o que convem á significação.

2. Substituir em *Catão* a terminação *-ão* por outra, seria fenomeno paralelo a muitos das linguas romanicas; mas no nosso caso esperar-se-hia que a terminação substitutiva fosse *-urro*, e não *-urra*. Além d'isso o sentido primitivo de *caturra* não é de «teimoso», é de «bobo», como eu já disse no meu opusculo *As «lições de linguagem»*, 2.ª ed., pag. 69, e isto não condiz com o papel que Catão desempenhou na Historia.

3. A palavra *calôiro* supõe-na V. Ex.ª formada de *calvo* + *-ôiro* (por *-ório*). Mas a quéda, a que V. Ex.ª alude, da semi-vogal *v*, em *manada*, *maneira*, *janela*, etc., deu-se, como V. Ex.ª muito bem sabe, em epoca mais remota do que aquela a que V. Ex.ª refere *calôiro*. A esta objecção juntarei outra. O sufixo *-ório* na lingua moderna é muito fixo, como se vê em *finório* (que V. Ex.ª cita), em *escadório*, *casório*, etc., e a ter-se dado a metatese que V. Ex.ª supõe, não resultaria *-ôiro*, mas *-óiro*, como se deduz da fórma vulgar *Gregóiro*: cfr. *históira*, *glóira*, *Vitóira*, *mimóira*. O sufixo *-ôiro* é das epocas primitivas da lingoa, e não de épocas modernas. Se em Braga ha *S. Vitôiro*, e a par temos a já mencionada fórma *Vitóira*, é que esta é moderna, e aquela é antiga. Finalmente, um *calôiro* não é propriamente um *calvo*, é um «tosquiado».

4. Quanto a *cábula*, a unica objecção que faço é que seria mister reunir mais casos, e mais convincentes.

*

Espero que V. Ex.ª não veja no que digo senão uma prova da muita consideração que tudo quanto vem do saber de V. Ex.ª merece a quem se subscreve

De V. Ex.ª criado, amigo e admirador sincero,

J. Leite de Vasconcellos.

Sufixo -iscar nos falares do Algarve

Na linguagem popular Algarvia é muito usado o freqùentativo *-iscar*, de modo que, a par de formas conhecidas, aparecem, ás vezes, formas estranhas á lingua culta e que os vocabularios não registam.

Assim ao lado de derivações conhecidas, como:

choviscar > *chover*
lembiscar > *lember* (= *lamber*)
mordiscar > *morder*
namoriscar < *namorar*
torriscar > *torrar*, etc.

encontram-se formas muito interessantes, tais como:

chariscar (= *cheiriscar*) > *cheirar*
comiscar > *comer*
faliscar > *falar*
miriscar-se > *mirar-se*,

vulgaríssimas na linguagem popular do Algarve.

Formação análoga temos no vocábulo *encarniscado*, muito usado tambem nos falares alentejanos.

Com *-iscar* alternam os sufixos:

-icar
-inhar
-ucar

v. g.:

corricar > correr
chovinhar > chover
cominhar > comer
falucar > falar.

Destas formas, as duas últimas não foram também ainda, que eu saiba, registadas nos dicionários ou vocabulários da lingua.

Pelo que fica dito, será talvez preferível supor a derivação:

chover > choviscar > chovisco

a

chuva > chuvisco > chuviscar [1]

A confirmar esta hipótese estão *lembisco* e *lembiscadela*, de *lembiscar*, tambem de uso corrente nos falares do sul.

Santo Amaro de Oeiras — Junho de 1917.

BERNARDINO BARBOSA.

Notas filologicas

1. *Contaminação sintatica.*

A' extensa lista de cruzamentos sintaticos em português, apresentada por Julio Moreira [2], podem juntar-se mais os seguintes:

1. «Por causa que...», expressão resultante do cruzamento da locução «por causa de...» com a conjunção «porque...», que substitue. Diz-se: «Não fui lá por causa que estive doente».

2. «Namorar com...», expressão formada por analogia com «falar com...», «conversar com...», de sentido identico a «namorar» na linguagem do povo. Diz-se: «Namora com ela ha muito tempo», em vez de «namora-a ha muito tempo».

3. «Ocasionar com que...», expressão devida á influencia de «fazer com que...», de valor ideologico igual ao do simples

---

¹ V. Gonçalves Viana — «Vocabulário ortográfico e ortoèpico da lingua portuguesa». Lisboa, 1910, *sub voc.* «*chuva*».

² V. *Estudos da lingua portuguesa*, Lisboa, 1913, 2.º vol., pág. 67 e seguintes.

verbo «ocasionar». Diz-se: «Foi isso que ocasionou com que eu viesse» por «foi isso que ocasionou a minha vinda», ou «foi isso que ocasionou que eu viesse».

2. *Emprêgo de «que» por «cujo».*

Na linguagem popular o pronome relativo «cujo» é substituido pelo pronome «que». Diz-se: «Aquêle rapaz que o pai tem um estabelecimento».

Camilo Castelo Branco aprenta no *Eusebio Macario* exemplos do facto reciproco, isto é, do emprego de «cujo» em vez de «que», «o qual», freqùente na boca de certos pseudo-alfabetos com a mania nacional da retorica. Lê-se no citado romance: «Não posso deixar de responder á saúde do senhor doutor de Abadim, *cuja* foi feita a minha filha Custodia, neste banquete em que vejo tudo quanto ha de mais respeitavel no partido da ordem, isto é, da Rainha e Carta, que felizmente nos rege pelo sabio governo do senhor conde de Tomar, *cujo* é o segundo marquês de Pombal como muito bem disse o dono desta casa e meu honrado amigo o senhor abade» [1].

3. *Um caso de influencia fonetica progressiva.*

Epifanio Dias [2] estudou os dois casos de repetição de sons, a prolepse fonetica e a influencia progressiva. De prolepse apresentou exemplos tambem Julio Moreira [3]. De influencia fonetica progressiva ha mais um caso na expressão «noz noscada» que o povo de Lisboa emprega em vez de «noz moscada».

JOÃO DA SILVA CORREIA.

Cartas de amor populares

Consegui haver às mãos as três cartas de amor que a seguir transcrevo com fidelidade e que são respectivamente de um rapaz e duas raparigas de uma das aldeias do concelho de Viana-do-Castelo. E' êle de alguma ilustração, como se verá, mas na sua carta não deixa de haver o jeito popular, — e as duas raparigas escrevem-lhe suas queixas e receios, pois que o rapaz a ambas namora.

---

[1] Edição do Porto, 1897, págs. 83 e 84.
[2] V. *Obras de Cristóvão Falcão*, ed. critica, Porto, 1893, pág. 105.
[3] V. *Estudos da lingua portuguesa*, Lisboa, 1907, vol. 1.º, pág. 8.

Eis as cartas:

*

I

Helena pode ler toda a gente | Viva eu e a
Helena toda a gente pode ver | Helena.

Adorada Helena!!!

Escrevo esta simplesmente para lhe contar quanto soffri hontem; ou para melhor dizer, quanto me fez soffrer com a sua escravidade.

Era coisa que se fizesse! Eu ir dar a (pa) [1] caminhada em vão! Ficava mais obrigada a Helena se me dissese que não apacesse lá. Eu confesso do fundo do meu coração. Nunca esperei aquilo da Helena. Como eu sou infeliz.

Como é triste meu soffrer. No momento em que a Maria nica [2] me disse que me podia vir embora que [*a Helena*] não pregava a desfeita ao topinha [3] mas sim a mim (que a sorte assim o premite) se tenho um revolver na mão matava a mim e a mais alguem. Se a Helena tivesse coração de mulher sincera não fazia o que fiz. E depois para se desculpar disse que eu que não era para você. Quem sabe o meu pensamento.

Eu um pobre a quem voce chama rico, gostei sempre mais das raparigas pobres mas sim alegres como você e sinseras como julguei que voce que e ramas enganei-me. Emfim um engano quemquer ma leva. Termino por não estar mais disposto.

De quem a ama receba o sincero coração.

Antonio... [4]

N. B. Desejava que a Helena me escrevesse só duas palavras porque queria saber um bocadinho do seu pensar.

Quem a ama

Antonio... [5]

---

[1] E' costume, quando se enganam na escrita, pôr entre parênteses o que deveriam riscar. E' nas escolas que lhes ensinam isto.

[2] *Nica* é alcunha, sem dúvida.

[3] Nome, ou alcunha, de um rapaz.

[4] Todo o nome por extenso.

[5] O primeiro nome e o último apelido.

!!!! HELENA !!!![1]

Helena meu encanto
Eu muito hei-de estimar
Que esteja de saude
Quando esta ahi chegar

Que mal foi que lhe fiz
Para me abandonar
Nesta triste solidão
Sem de mim se importar

Jurei um amor sem fim
Sempre a amei com ternura
Não julguei que tão depressa
Perdece a minha ventura

Passo noites sem dormir
E' terrivel meu tormento
Nem de noite nem de dia
Você me sae do pensamento

Ao ver o seu lindo rosto
Eu não sei o que senti
Só sei que fiquei cativo
Não posso viver sem si
adiante [2]
Não a quero enfadar mais
Com esta lamentação
Se em alguma coisa a offendi
De todo peço perdão [3].

Antonio...[4]

Viva a Republica Portugueza

II

querido Antonio

bai carta fellis vuando nas azas dum paŝarinho quadu ella la chigar dalhe um a braso i um beiginho [5] querido Antonio pesso-lhe por ffavor pesolhe que me man de dizer antes de dumingo, si eu ei de agas tar [6] o tupinho [7] se u eu ei dio agastar ou nao se bose bem para falar con migo ou nao que tem descolpar o que lhi eu tenho feito quen tive a colpa foro [8] as nicas [9] por nam o deser a 12 de maio que bosses que vinho [10] ca que eu mandava o topinha in bora

qui eu nao savia ceboses [11] que vinho ca senou eu lhe falava con todo gosto bose in [12] nao save a misade que lheu tenho querido amor.

cieu lhe dava omeu retrato com muito gosto sebosse bier fallar com migo nonse mete muitos domimgos cellu [13] eu non deia.

[1] Os versos enchem a 4.ª página em duas colunas.
[2] Este «adiante» é por causa de dois versos que estão a seguir, riscados.
[3] Os versos estão escritos a vermelho e roxo. Devia ser intenção do A. escrevê-los a vermelho e verde, as côres nacionais.
[4] O primeiro nome e o último apelido.
[5] Uma das quadras do costume.
[6] *agastar* = fazer zangar.
[7] Nome, ou alcunha, a que já aludi.
[8] = *foram*.
[9] Mulheres chamadas *Nicas*, naturalmente por alcunha, como já disse.
[10] = *vinham*.
[11] = *se vocês*.
[12] Deveria ser *inda*.
[13] = *que lo* (lho).

pois se bose vier falar com migo mas eu sou prove i bosse e rico i sebosse be [1] que eu ei de andar a fazer farinha por ai tras [2] mam de mo dizer

A carta que me madou

Avria [3] cõm pouco geito saime [4] do coração introu para dentro do peito.

o papel em quelhe is crevo çaime da palma da mão a tinta dos olhos a pena du coracão

A flor dogonco [5]
gunto o berde loureira
se eu non casar com bosse
perffiro ficar soreira [6]

A seita a mor esta lenbarnsa [7] que eu vou mandar fara de conta um a parto de mão que lhe eu bou dar [8].

jllena...

Anno 1913

III

A... 13 — Maio de 1913

Antonio pesolhe por favor que aqui lhe bai esta carta se lha não mandasse sesmava de noute e de dia com as falas primeiras que tivemos me ficaro escrevidas dentro do meu coração a onde me fartei de sismar de noite e de dia quando suobe [*sic*] que a Elena lhe tinha mandado faser uma carta par lhe mandar quando eu soube era dia fes-se me noute [9]

Antonio do coração peco-lhe por favor que se no Domingo ca bier lhe torno a pedir que se a Elena ca estiver lhe pesso que benha por a ponte de agra e se estiver eu com ella lhe pedia do fundo do coração que não lhe desse falas a ella por causa que ella ca esta muito gusada [10] por lhe bosse mandar a carta a onde ella ja lhe fes uma carta para lhe mandar reposta com a legria

---

[1] =vê. Lê-se *bé*.

[2] *Andar a fazer farinha* é *andar a «empalhar» o tempo*, a perder tempo, sem tirar resultado. — *Por ai atrás* é *pelo tempo fora*.

[3] *Abri-a.*

[4] Deverá ser *saiu-me*.

[5] = *do junco*.

[6] E' *sorteira* (=solteira). — Os versos estão todos na 3.ª pagina.

[7] = *lembrança*. — Esta última frase está no meio da 4.ª pagina.

[8] *Fará de conta* [que é] *um apêrto de mão que lhe eu vou dar.*

[9] Note-se esta poética expressão.

[10] Satisfeita, desvanecida, cheia de gôzo.

que tive [1] de lhe chegar a carta ainda mais alegria tinha eu se no Domingo ca biesse e não estivesse com ella que ella lhe bai mandar na carta que bai a gastar o topinha e agora lhe pesso por favor que se ella agastar o topinha e bosse tiver sentido de falar com ella peco-lhe por favor que me mande desenganar

Antonio por as primeiras falas que eu tive comsigo a porta da Maria .. a primeira bes quando eu binha quando esperar a Maria...[2] a porta da fartota ja ela hi podia seguir as nossas combersas [3] mas como bosse era mais do que eu não lhe quiz falar fez lhe essa desfeita e tem que me descurpar e a gora cheguei a falas com sigo não queria que me desfeitasse tornar a falar com a Elena bem sei que a Elena que lhe agrada mais do que eu peçolhe reposta com isto não o estou a enfadar mais com isto lhe peço por favor que me mande reposta diante [4] da Elena para eu saber com o que ei de contar.

Vai carta feliz boando que lindos olhos bas ber botaraste de juelhos quando te forem aler [5]

Antonio do coração receba um abraço muito muito arruxado recomemdações minhas ao M... do Anrique e outras tantas ao J... sou em [6] esta carta a aseitará por mão propria sou quem bosse sabe

Verjina..

esta carta querendo mandar reposta a esta carta por mão propria ponha a na mão da Emilia a Deus a Deus ente [7] a reposta a Deus ente a primeira [8]

*

Estas cartas dão bem ideia do género epistolar amoroso dêste povo. Porisso achei interessante e conveniente registá-las na *Revista Lusitana*.

Viana-do-Castelo, 1916.

CLÁUDIO BASTO.

---

[1] *Teve.*

[2] A mesma Maria.

[3] O sentido é: ... *peço-lhe por favor que me mande desenganar. Antonio, pelas primeiras falas que eu tive consigo à porta da Maria ... a primeira vez; quando eu vinha esperar a Maria ... à porta da Fartota* [alcunha], *já aí podiam seguir as nossas conversas, mas* ...— A carta tem palavras a mais, descabidas.

[4] = *antes.* «que me mande resposta primeiro que à Elena».

[5] A quadra, com o que se segue, está escrita nas margens do papel.

[6] Estas duas palavras *sou em* estão a mais; foi engano de escrita.

[7] = *inté* (até).

[8] = *inté à primeira.*

BIBLIOGRAFIA

I

Livros (e opusculos)

Historia de Nala e Damaianti — *Episodio do Maabárata*, tradução do D. Sebastião Rodolfo Dalgado, Coimbra, 1916.

O canto de Nala, que o ilustre professor de sâoscrito da Universidade de Lisboa, verteu agora em português, é um dos muitos episodios da vasta enciclopedia do *Maabárata*. Data de cerca de oito seculos antes de Cristo, e historia os amores de Nala, — o tipo indú da esposa dedicada e fiel, «incomparavelmente superior ao da grega Penelope» [1]. Este episodio, que foi o primeiro conhecido na Europa, onde é hoje o preferido para o estudo de sâoscrito nas Universidades, considera-o o tradutor recomendavel por varios titulos: «pela sua remontada antiguidade, pela sua relativa integridade, pela sua fascinante beleza, pela sua imensa popularidade, pela sua afectividade, ora suave, ora patetica, pela simplicidade de costumes que fielmente retrata, pelo intenso tom de moralidade de que está impregnado» [2].

A tradução, a pesar do Sr. Dr. Sebastião Dalgado se ter cingido rigorosamente ao texto, por entender que assim se deve proceder na interpretação das antigas obras orientais, nem por isso perdeu a vernaculidade caracteristica de todos os trabalhos do erudito sâoscritologo.

João da Silva Correia.

O anel de Policrates, estudo de critica literaria por Francisco Maria Esteves Pereira, Coimbra, 1915, um folheto de 22 paginas.

O autor tira estas conclusões do seu estudo, que esmalta com a primorosa tradução de alguns capitulos de Herodoto: «Julgo que na historia de Policrates, tirano de Samor, conforme é referida por Herodoto, ha um fundo verdadeiro que pode resumir-se assim: Policrates era natural da ilha de Samos, e viveu

---

[1] Pag. 6.
[2] Pag. 8.

na segunda metade do seculo VI, antes da era vulgar; pela força apossou-se do governo da mesma ilha, e promoveu a sua prosperidade; aformoseou a cidade de Samos com diversos edificios publicos; fez construir uma numerosa frota de galés, com a qual submeteu ao seu dominio não só outras ilhas circunvizinhas, mas tambem algumas cidades do continente, proximas da sua ilha, sendo venturoso em todas as cousas que empreendeu. Levado pela cubiça de grandes riquezas, que Oroites, satrapa do rei da Persia, lhe prometera, passou a Magnesia, e ali foi aleivosamente assassinado, e o seu cadaver exposto por ignominia sobre um poste. Mas a este fundo verdadeiro foram ajuntadas diversas tradições maravilhosas, estranhas ao mesmo personagem, e algumas de origem indiana, com fim tendencial, pretendendo-se demonstrar a precária codição da vida humana, conforme foi concebida pelos budistas» [1].

O folheto termina pela tradução em prosa, «e tão verbal quanto possivel», da bailada de Schiller *Der Ring des Policrates*.

João da Silva Correia.

A Evolução do Sebastianismo, por J. Lucio d'Azevedo, 1916, edição do *Arquivo Historico Português.*

O circunspecto investigador Sr. Lucio d'Azevedo fez neste seu livro — *A Evolução do Sebastianismo*, notavel por primores de estilo e riqueza de documentos e factos—, a historia completa da quimera sebastianistica, que é a fórma mais curiosa da credulidade portuguesa.

Obra que se lê de um hausto, onde não ha uma clareira, ela não indica apenas que o Sr. Lucio d'Azevedo é literato de fino gosto; prova tambem que o ilustre investigador é de extrema probridade literaria e possue seguro criterio historico: — nada diz efectivamente que não documente e parece ter encontrado os documentos necessarios para nada deixar por dizer.

O Sr. Lucio d'Azevedo considera no sebastianismo dois factos: a esperança na vinda de um monarca fadado para grandes coisas; e os anelos do que o rei predestinado havia de realizar.

Dêstes anelos que precedem o aparecimento do rei fadado para miraculosos destinos, foi interprete o sapateiro Bandarra, natural de Trancoso. A materia das *Trovas* do sapateiro profeta,

[1] Pag. 19.

encontra-se em primeiro logar nas tradições biblicas e em segundo nas lendas do ciclo do rei Artur e nas profecias, agoiros e prognosticos que circularam em Hespanha no tempo de Carlos V e em que se pronunciava já o aparecimento de um rei encoberto. No espirito visionario do Bandarra, se algum rei havia que se lhe afigurava capaz de trazer ao mundo a grandeza e a justiça, esse rei era D. João III.

A verdade, porém, é que as profecias do Bandarra, mal vieram a lume, lograram voga extraordinaria. Judeus e Cristãos Novos referiam-nas ao Messias, cuja proxima chegada era então anunciada pela interpretação cabalistica. E os Cristãos Velhos, mergulhados no maravilhoso medieval, que dava à magia, à astrologia e à alquimia foros de sciencias exactas, esperavam tambem, cheios a um tempo de esperança e de terror, um grande milagre, uma radical mudança no mundo.

Entretanto dava-se o revés de Alcacerquibir. As *Trovas* do Bandarra vinham incutir confiança em melhores dias, satisfazer o patriotismo esmagado pelo tremendo desastre. D. Sebastião, que desde a nascença, encarnava os anseios da alma nacional, que nêle pressentia o rei que havia de conquistar Marrocos, desbaratar os Turcos, rehaver a Terra Santa, e fundar o imperio universal, — D. Sebastião, essa «maravilha fatal da nossa idade», como dizia Camões [1] (que tambem não escapou ao contagio do ambiente social), não podia ter morrido em Africa quando os vaticinios lhe predistinavam destinos tão altos.

D. João de Castro, o apostolo da religião sebastianistica, comenta então as *Trovas* do Bandarra, que são o alcorão da religião nova, encabeça-as no rei desejado e proclama que este, são e salvo, peregrina por terras longinquas. Varios reis de contrabando aparecem no entanto, e o povo crê aparecer-lhe de cada vez o monarca autentico que perdeu a corôa em Africa. Um dêstes impostores, o de Veneza, chegou a lograr o proprio D. João de Castro.

Estes varios reis de contrabando não desacreditaram, porém, a ideia sebastianica, que, por morte do visionario D. João de Castro, passou a ter em Manoel Bocarro Francês, famoso matematico e astrologo. E' em Teodosio de Bragança que Bocarro descobre o novo Encoberto. A porsonificação vinha a proposito para poder enraizar-se no espirito nacional. O governo de Castela encontrava-se em conflicto com todo o clero português: tri-

---

[1] *Lusiadas*, I, 6.

butara as ordens monasticas, pedira ao Santo Oficio contas dos bens confiscados aos réos, bens que os inquisidores tinham administrado sempre como proprios; e vinha irritando cada vez mais os padres da Companhia de Jesus, que eram declaradamente adversos ao dominio estranjeiro.

Foi com a importuna arma do sebastianismo que o clero em geral, e os jesuitas em particular, combateram o governo de Castela. Serviram-se do grande prestigio de que gozavam entre o povo para semear novas de maravilhas e milagres e fazer vaticinios a respeito do rei Encoberto. Foi o clero que acendeu a rebelião de Evora de 1637 e preparou os espiritos para executarem, com a serenidade de quem cumpre um mandado do destino, o lance arriscado de 1640.

Realizada a Revolução, o clero espalhou logo a fama de milagres novos que eram indicio claro de que o céo apoiava a libertação. O Bandarra, cujas *Trovas* a Inquisição havia condenado depois de obrigar o autor a abjurar os erros que pronunciara, é consagrado como o profeta nacional do alto dos pulpitos. D. João IV torna-se o rei predestinado. O Padre Antonio Vieira, comentador do Bandarra durante a Restauração, assim o proclama na tribuna eclesiastica. O seu espirito inclinado ao maravilhoso chega a afirmar que o rei alevantado, se morrer, ressuscitará para cumprir o que está escrito nas profecias.

Com a morte de D. João IV o messianismo sebastianistico abala-se, mas não se dissipa. Os espiritos que tinham visto em D. João IV o novo Messias, voltam-se outra vez para D. Sebastião, que nunca perdeu totalmente os adeptos. Antonio Vieira e a Companhia de Jesus continuavam, porém, a proclamar acomodaticiamente que a corôa de Encoberto pertencia aos reis da Restauração. Chegaram a apontar como predestinado o infeliz Afonso VI que depois de demente, no Castelo de Angra, bradava noite e dia por D. Sebastião para que deixasse as suas Ilhas Encantadas e o vièsse libertar a êle e à nação.

Nos ultimos anos do governo de D. Pedro II, e depois no reinado de D. João V, o sebastianismo entra numa fase de decadencia, sem todavia prometer desaparecer, porque o descontentamento que lavra no país em virtude do correr dos negocios publicos favorecer a conservação da ceita. Sempre entre nós o abatimento despertou grandiosas esperanças e desmedidas ambições.

Com D. José, sob a mão ferrea de Pombal, a nação agitada pelo terramoto e pela guerra com a Hespanha, o sebastianismo

visto com maus olhos pelo Marquês reformador, começa a reduzir-se a uma especie de mania mansa de que ressurge, cobrando alentos novos, ao estalarem as invasões francesas. Um frade bernardo prediz ainda para um neto de D. José o quinto imperio do mundo, e a nação, em face da realidade pujante, em vez de recorrer ás armas, espera o socorro divino que, como anunciavam as profecias, o rei Encoberto lhes havia de trazer. As *Trovas* de Bandarra são de novo interpretadas: e como já se descobrira em 1640 que nelas estava previsto o cativeiro e a restauração, agora concluia-se que elas prediziam tambem as invasões napoleonicas. O profeta de momento, o Preto do Japão, assegurava que D. Sebastião havia de desembarcar em Lisboa, e depois de desbaratar os Francêses, fundar o imperio universal.

Com a expulsão dos invasores o ideal sebastianico entra na agonia. Os profetas do rei desejado passam a ser vergastados pela zombaria popular. Todavia, a despeito do escarneo geral, alguns maniacos ficaram sempre aferrados á velha crença, sobretudo pelas terras da Beira, onde outrora predominou a população hebraica e foram muito lidas as profecias da Bandarra. Ainda em 1911 as *Trovas* do sapateiro de Trancoso, que nunca deixaram de fazer parte da literatura de cordel, apesar das proibições inquisitoriais, tiveram nova edição. E pelas nossas terras de provincia, ainda de longe em longe aparece um pobre de espirito que espera o D. Sebastião—«que ha-de vir das suas Ilhas Encantadas numa manhã de nevoeiro».

Tal é, em palido resumo, o que o Sr. Lucio d'Azevedo nos diz a respeito do sebastianismo, que «é na historia o que é na poesia a saudade—uma feição inseparavel da alma portuguesa» [1].

Do que expusemos ressalta sem duvida isto, que queremos que fique bem patente: o ser o trabalho do Sr. Lucio d'Azevedo o primeiro verdadeiramente solido que ainda se escreveu sobre o sebastianismo.

Garrett, a cuja rara intuição artistica nunca escapava o que era sinceramente português, foi quem primeiro notou que «no publico nunca se acreditou bem na morte de el-rei» [2] e que «os varios impostores que em diversas partes apareceram tomando o nome de D. Sebastião, em vez de destruirem confirmaram as suspeitas nacionais» [3]. O restaurador do teatro nacional que no

---

[1] *Evolução do Sebastianismo*, pag. 5.
[2] *Frei Luiz de Sousa*, ed. da Emprêza da Historia de Portugal, pag. 93.
[3] No livro e pagina citada.

Frei Luís de Sousa nos apresenta na figura de Telmo Pais, que cria nas profecias e na vinda de el-rei D. Sebastião em um dia de nevoa muito cerrada [1], um tipo de sebastianista, chegou mesmo a abrir aos dramaturgos, como filão estetico que devia ser explorado, o sebastianismo, que estava no caracter popular e que em habeis mãos devia dar «riquissimos quadros de costumes nacionais» [2].

Oliveira Martins, apresenta-nos depois um quadro historico do sebastianismo na *Historia de Portugal*, em que ha um capitulo, o quarto do quinto livro, que lhe é inteiramente consagrado. O criador da historia dramatizada já enumera as mais agudas crises sebastianisticas, e vai até o ponto de pretender descortinar as remotas causas da ideia pressianica: «quando vemos — diz — que D. Sebastião se transforma num rei Artur, escondido na ilha viçosa dos bardos, somos, com efeito lovados a supôr que o elemento etnicamente dominante nas populações é em Portugal celta, pois que os seus frutos ingenuos e espontaneos tem a côr e a forma dos produtos dessa raça» [3].

Porem, muito superior e muito mais desenvolvida que o estudo, sem duvida já notavel, de Oliveira Martins, é o do Sr. Lucio d'Azevedo. *A Evolução do Sebastianismo* é uma obra que ha-de evidentemente ficar, e que terá de ser compulsada e meditada por todos aqueles que entre nós queiram continuar a estudar tão curioso assunto, que bem digno é de que chame para ele a atenção de um psicologo, que esteja á altura do historiador que dele foi o Sr. Lucio d'Azevedo. Ainda falta efectivamente avaliar o que ha de sebastianico no espirito do povo português, que diariamente se deixa ludibriar pelo conto do vigario, que crê constantemente em messias e salvadores da politica, que jámais duvida dos talentos sob palavra de honra que se fazem nas esquinas e nos cafés, e que basta aparecer um burro carregado de livros, para logo cuidar que é nm doutor.

A obra do Sr. Lucio d'Azevedo facilitará, porém, a tarefa aos futuros escritores — e nisso está exactamente o seu mais alto elogio.

João da Silva Correia.

---

1 *Frei Luís de Sousa*, ed. citada, pag. 30 e 45.
2 Na mesma obra, pag. 93.
3 *Historia de Portugal*, ed. de Lisboa, 1882, vol. II, pag. 79.

Alguns temas filologicos, por Francisco Pinto d'Almeida, Coimbra, 1914, folheto de 48 paginas.

O autor ocupa-se da analise filologica de alguns textos arcaicos, nomeadamente uma poesia de trovador João Soares Somesso. O folheto contem ainda algumas considerações rapidas sobre arcaismos, neologismos, e caso etimologico em português, e termina por uma serie de notas lexicograficas. O trabalho do Sr. Pinto d'Almeida, aliás feito com cuidado, tem para nós, que nunca fomos infelizmente alunos da grande romanista Sr.ª D. Carolina Michaëlis, o merito de nos revelar a ilustre senhora no seu trato com os discipulos.

Abre o folheto por uma carta preambular da insigne professora, cheia de «incitamento benevolo» e em que ela propria declara que nas suas aulas de Coimbra procura «despertar o interesse de todos os ouvintes pela sua bela lingoa patria».

Estas palavras da sábia filologa, como de modo geral toda a carta, e até o proprio folheto do Sr. Pinto d'Almeida, dão bem medida da obra fecunda e altamente patriotica que a Sr.ª D. Carolina Michaëlis está realizando na velha Universidade do Mondego.

João da Silva Correia

A Viagem de Antero de Quental á America do Norte, por Antonio Arroyo, um volume de 31 paginas, edição da Renascença Portuguesa, Porto, 1916.

Este livrinho do sr. Antonio Arroyo encerra curiosos episodios da viagem de Antero de Quental á America, num patacho de Joaquim Negrão, e em substituição de João de Deus, que á ultima hora, em virtude do seu estado nervoso, se recusára a embarcar.

A Viagem de Antero de Quental á America do Norte é um trabalho que merece ser compulsado, não apenas para se saber qual a influencia que no espirito do nosso grande poeta-filosofo exerceu o Novo Mundo, mas ainda para se poder fazer um juizo seguro do seu caracter, que era inacessivel ao temor da morte, como se verificou na ocasião de um temporal em que o patacho esteve prestes a desfazer-se de encontro a uns cachopos.

João da Silva Correia.

A Marqueza d'Alorna, pelo Marquez de Avila e Bolama, um volume de 244 paginas, Lisboa, 1916.

A importancia deste livro reside essencialmente nos documentos e cartas que contém, e que lançam jorros de luz sobre a vida da Marqueza de Alorna e, até certo ponto, sobre o caracter moral do ministro de D. José I. D. Leonor d'Almeida foi tão culta quanto infeliz. Conhecedora de umas poucas de linguas, vertendo facilmente do latim e do alemão para português, as viagens por varios países da Europa completaram-lhe a educação e aperfeiçoaram-lhe o talento, por modo tal que ela foi entre nós o que foi em França essa grande figura de mulher com quem Alcipe provou em Paris e Londres — M.me de Itael. Da mesma maneira que esta escritora mostrou á França o germanismo, a Marqueza d'Alorna foi para Portugal «uma especie de iniciadora, de reveladora do pensamento e da poesia do norte, que nos eram desconhecidos.» [1]

Com a familia toda perseguida pelo Marquez de Pombal, victima ela propria da crueza do ministro de D. José tendo passado horas de penuria, e sofrido inumeras amarguras, nem por isso a bondade do seu coração diminuira, como prova uma carta que escreve ao pai, preso nos carceres da Junqueira. Ao velho Marquez, que queria Voltaire o grande demolidor, sumariamente liquidado num auto de fé, ela apresenta estas ideias a um tempo judiciosas e cristianissimas:

«De que servem homens queimados meu querido pai? Por ventura reconhecem eles a verdade na fogueira? Não é só Deus que deve pôr termo aos nossos dias». [2] Outra prova de bondade d'alma e finura intelectual de D. Leonor d'Almeida está na protecção que dispensou a espiritos eleitos, nomeadamente Herculano, que acerca dela escreve:

A'quela mulher extraordinaria, a quem só faltou outra patria, que não fosse esta pobre e esquecida terra de Portugal, para ser uma das mais brilhantes provas contra as vãs pretensões de superioridade excessiva do nosso sexo, é que eu devi incitamento e protecção literaria, quando ainda no verdor dos anos dava os primeiros passos na estrada das letras.» [3]

Não é, pois, sem consideravel vantagem que se compulsa

[1] Pag. 24.
[2] Pag. 104.
[3] Pag. 53.

o trabalho do sr. Marquez d'Avila e Bolama, que merece ficar como tipo de investigação biografica de um autor literario.

JOÃO DA SILVA CORREIA.



II

Periodicos

Modern Language Notes, vol. XXIX, n.º 6 (Junho de 1914): tem um artigo de W. Crawford intitulado «Analogues to the Story of Selvagia in Montemayor's *Diana*», onde tambem alude a Gil Vicente.

The Journal of American Folklore. No n.º 104 (vol. XXVII, 1914) iniciou o Sr. Aurelio M. Espinosa um importante estudo intitulado *Comparative Notes on New-Mexican and Mexican Spanish folk-tales*, onde figuram tambem por vezes contos populares de Portugal e Brasil.

No mesmo *Journal*, n.º 106 (vol. XXX, 1917), vem: *Ten folk-tales from the Cape Verde Islands* colhidos por Elsie Clews Parsons (em crioulo, com tradução inglesa).

J. L. DE V.

III

Varia quaedam

A) Glotologia:

Linguagem medica popular, por Alberto Saavedra, separata do n.º 1 do *Portugal medico*, Porto, 1915: compreende o estudo de cêrca de oitenta vocabulos e expressões populares respeitantes á medicina, que tem andado desgarrados dos dicionarios.

A lingoagem medica popular de Fialho, por Alberto Saavedra, reimpressão revista e melhorada de uma separata do *Portugal Medico*, Porto, 1916.

O autor tem como unico intento «ancorar a obra de Fialho na faceta restrita da lingoagem medica popular, patenteando

assim, embora num limitadissimo campo, a riqueza surpreendente da obra desse complexo temperamento d'artista» [1].

Apresenta cêrca de duzentos vocabulos, alguns dos quais pouco vulgares e inda não inscritos nos dicionarios, e nota que Fialho é, depois de Camilo, «cujo espolio literario é dez vezes maior» [2], o escritor moderno mais fecundo a este respeito.

Da ortografia do pronome-artigo "lo„ em função objectiva, por José A. Rizzo, 3.ª edição, S. Paulo, 1916, um folheto de 47 paginas.

O autor prova que é *dizê-lo, dizemo-lo*, e *di-lo* que se deve grafar em português, e não erroneamente *dizêl-o, dizemol-o*, e *dil-o*. São tres os argumentos de que se serve para fazer a demonstração: o primeiro de natureza arcaica e classica, o segundo fonetico, e o terceiro historico-etimologico. O Sr. José A. Rizzo, que está no campo da verdade e defende a boa doutrina, esmalta o seu folheto com as opiniões que a respeito do pronome-artigo «lo» emitiram os nossos mais eminentes filologos — Adolfo Coelho, D. Carolina Michaëlis, Gonçalves Viana, Júlio Moreira e Leite de Vasconcellos.

Glosas *ao relatorio da comissão nomeada por portaria do governo provisorio da Republica Portuguesa, de 15 de Fevereiro de 1911, para simplificar e unificar a ortografia*, um folheto de de 54 paginas, Manáos, 1913. E' a critica a algumas das ideias apresentadas pela comissão encarregada da reforma da ortografia portuguesa.

Ortografia portuguesa, por Americo de Moura, Campinas, 1913; um folheto de 64 paginas. E', em certos limites, a defensão da reforma ortografica portuguesa, que o autor entende dever ser aceite no Brasil nos seus lineamentos gerais, e lhe parece ter sido sem razão combatida pela Academia Brasileira.

Revista dos liceus, Porto 1916. Aí tem publicado (no n.º 1 a 10) o ilustre colaborador da *Revista Lusitana* Dr. A. C. Pires de Lima uma serie de artigos com o titulo de «Anotações ao *Novo Dicionario* de C. de Figueiredo».

JOÃO DA SILVA CORREIA.

---

[1] Pag. 11.
[2] Pag. 72.

B) Tradições populares portuguesas (1915-1917)

(Vid. REVISTA LUSITANA, XIX, 343)

Historia do Museu Etnologico Português, por J. Leite de Vasconcellos, Lisboa 1915, VII-445 pag., com 43 estampas.

Etnografia artistica, pelo mesmo, Lisboa 1916: fasciculo 1.º, de 12 pag.; fasc. 2.º, de 15. Com gravuras.

Cantigas quadradas, pelo mesmo, Elvas 1916, 9 paginas.

Arte popular do Alentejo — *Os ganchos de meia de barro de Extremoz*, por Luís Chaves, separata dos n.os 67 e 68 da *Aguia*, 1917.

Mealheiros, pelo mesmo, separata do n.º 22 da *Atlantida,* 1917.

Sobrevivencias neoliticas de Portugal — vestigios liticos, em concordancia ou paralelismo e na toponomia — pelo mesmo, separata do IV vol. do *Arquivo da Universidade de Lisboa*. Dos tres capitulos de que a separata consta — Litolatria, Litocultura, Litonomastico, o menos curioso não é certamente o ultimo, que vem chamar a atenção para um dos ramos menos cultivados da filologia nacional — a toponimia.

*

Lusa, folha quinzenal de letras e sciencias, que em 15 de março de 1917 começou a publicar-se em Viana do Castelo, e na qual tem vindo a lume importantes estudos de etnografia, e arte popular. E' habilmente dirigida pelo Dr. Claudio Basto, bem conhecido dos leitores da *Revista Lusitana*.

Figueira, revista mensal de literatura, sciencia e arte, onde tem aparecido alguns estudos curiosos de etnografia local.

Portugal Medico, revista mensal de medicina portuguesa, que vem a lume, desde janeiro de 1915, no Porto: sucedeu á *Gazeta dos Hospitais*, e nele se publicam por vezes artigos sobre crendices e medicina popular, que muito importam ao etnografo.

Terra Nossa, mensario de inquerito á vida alentejana, cujo primeiro numero saiu á luz em maio de 1916 em Lisboa, e que tem publicado já bons estudos de etnografia regional.

*

Por informações que nos deu o Sr. Leite de Vasconcellos, sabemos que ele está trabalhando activamente numa obra intitulada:

1) **Etnografia Portuguesa** (elementos para o seu estudo). Tanto com relação ao presente, como ao passado. Constará de muitos volumes, e conterá muitas ilustrações.

O mesmo autor conta publicar proximamente:

2) **No adro e no lar,** que constituirá o 2.º e último volume da *Biblioteca etnografica portuguesa*, e representará os assuntos que deviam figurar nessa *Biblioteca*, alem do já tratado no 1.º volume (*Tradições populares de Portugal*, Porto 1882). O Sr. Leite de Vasconcellos não deseja deixar totalmente incompleta a *Biblioteca*, e é por isso que publicará o referido volume.

3) **Pedaços de Portugal** (relatos de excursões). Com este titulo se coligirão em um volume os opusculos e artigos já publicados pelo autor, nos quais ele narra várias excursões que tem feito pelo país, do Norte ao Sul, e do Nascente ao Poente; juntar-se-ha um ou mais artigos ineditos. Os assuntos são não só de Etnografia, mas tambem de Arqueologia e Filologia.

João da Silva Correia.



NECROLOGIA

ATAIDE OLIVEIRA

Francisco Xavier de Ataíde Oliveira nasceu no Algoz, concelho de Silves. Frequentou o seminário de Faro, tomou ordens e bacherelou-se depois em teologia e direito na Universidade de Coimbra; desempenhou o lugar de conservador do Registo Predial em Loulé.

Investigador muito activo, deixa trabalhos de folklore de relativa importancia. Nos ultimos anos da sua vida, publicou várias monografias de localidades algarvias. Era sócio correspondente do Instituto de Coimbra e da Academia de Sciencias de Portugal. Morreu aos 73 anos.

Obras:

1 — «Contos infantis». Tavira 1897. 2 vol. (sexo femenino e sexo masculino). Obra literária; apenas o VII e XIV contos do vol. 2.º mostram elementos populares.

2 — «As mouras encantadas e os encantamentos no Algarve». Tavira 1898, com anotações e fotogravuras. É o primeiro estudo dêste autor, sôbre tradições populares: lendas e superstições.

Escrito com forma literária, é no entanto valioso como investigaçãof olkloristica, bem como pela linguagem bastante rica em provincianismos algarvios. A «Revista Lusitana» deu notícia desta obra em seu vol. VII, pág. 79.

3 — «Contos tradicionaes do Algarve». Tavira 1900-1905 — 2 vol. Parece que o primitivo título do livro ao entrar no prelo seria: «Contos antigos e lendas piedosas e profanas do Algarve»; foi depois impresso com aquele título. O 1.º vol. contém, classificados pelo autor, 219 contos, lendas, patranhas, facécias, exemplos, casos, anedotas e uma cantiga: uma verdadeira miscelánea com feição literaria mas curiosa. O 2.º vol. contém 220 artigos; vem muito melhorado na linguagem, traz já variantes e as localidades onde foram colhidos. A «Revista Lusitana» deu tambem noticia desta obra em seu vol. VII, pág. 160.

4 — «Biografia de D. Francisco Gomes do Avelar». Pôrto, 1902, com fotogravuras e notas.

5 — «Cancioneiro e Romanceiro do Algarve» (Lição de Loulé). Pôrto, 1905. Àparte a preocupação do autor em querer

considerar só certas variantes como autenticas esta obra é realmente valiosa e traz muitas canções e romances compilados com cuidado.

6—«A monografia do Algôs». Lisboa, 1905—com nótas. No cap. XIII trata das superstições.

7—«Monografia do Concelho de Loulé». 1905.

8—«Monografia do Concelho de Olhão da Restauração».

9—«Monografia de Alvôr».

10—«Monografia do Concelho de Villa Real de Santo António».

11—«Memorias para a Historia Eclesiastica do Bispado do Algarve».

12—Monografia de S. Bartholomeu de Messines», 1909.

13—«Monografia de Paderne ou Paderna», 1910.

14—«Monografia de Estombar».

15—«Monografia de Porches«.

16—«Monografia da Luz de Tavira», 1913.

17—«Apontamentos para a Historia da Ordem Terceira de S. Francisco de Loulé desde a sua origem até nossos dias» (em publicação?)

A «Revista Lusitana», publicando esta breve nota, presta uma justa homenagem ao falecido sacerdote, verdadeira glória da provincia do Algarve.

Lisboa, Julho de 1917.

BERNARDINO BARBOSA.

GIUSEPPE PITRÈ

Em 10 de Abril de 1915 finou-se em Palermo o ilustre etnografo G. Pitré, que aí havia nascido em 23 de Dezembro de 1842: vid. *L'Illustrazione Italiana* (Milão) de 23 de Abril de 1915. Pitrè fundou e dirigiu o *Archivio per le tradizioni popolare*, que durou mais de vinte anos, e, entre outras obras, publicou a *Biblioteca delle tradizioni popolari Siciliane*, que consta de muitos volumes. Alem d'isso deve-se-lhe o Museo de Etnografia italiana, criado na cidade patria. Ultimamente Pitrè fôra nomeado professor de *folk-lore* na Universidade panormitana: vid. *Revue des langues romanas*, LV, 497, onde se imprimiu a lição inaugu-

ral, traduzida em francês. Pitrè desenvolveu pois grande actividade no campo do *folk-lore*, e prestou á sciencia serviços relevantissimos.

O falecido estava em relações com varios investigadores portugueses, e aos trabalhos d'estes se havia referido por vezes: vid. *Archivio*, I, 150, 153, 163, 165, 487, 609, 611; II, 147, 626; XII, 278-279 etc. Quem escreve estas linhas possue d'ele muitas cartas [1].

J. L. DE V.



[1] De uma, de 14 de Março de 1882, transcrevo uns trechos, como homenagem á memoria do preclaro etnografo:

«..Io intendo que l'*Archivio* sia organo di tutti i mitografi delle varie nazioni: »e il Portogallo ha per me una simpatia speciale.

«..Conosce motti o canzoni popolari che si attribuiscono al suono imitativo »delle campane delle chiese? P. esempio: Una campana di Palermo, che sonava verso »l'ora della scuola, secondo il popolo, diceva:

«Don Pepè
«Scola c'è (*bis*).

»Un'altra d'un monastero di clarisse:

«Semu malati (malate) (*bis*).

»Se ne conosce, mi favorisca di trascrivermene qualcuno ..»

Eu enviei-lhe pouco depois alguns d'estes *motti* ou rimas, que me agradeceu em carta de 9 de Abril de 1882. No mesmo ano apareceu no *Archivio*, t. I, p. 333 ss., um artigo de Pitrè, onde ele aproveitou, como declara, o que lhe enviei: p. 340-341; e eu publiquei sobre o assunto duas notas no t. II, p. 584, que foram reproduzidas nos *Ensaios Ethnogr.*, IV, 186.

Nas minhas pastas possuo numerosas rimas que traduzem, ás vezes de modo muito gracioso, várias vozes de sinos, da Extremadura, do Minho, da Beira etc. Não raro os sinos estabelecem dialogos entre si, por exemplo:

Em tres conventos lisbonenses, de Franciscanos, Paulistas, e Carmelitas, diziam os sinos do 1.º, com humildade: — *Os pobrezinhos, os pobrezinhos*... Respondiam os sinos do 2.º, com pompa: — *Os fidalgos, os fidalgos*... E replicavam os do 3.º, em voz de falsete: — *Marotos todos, marotos todos*...

O povo, sempre que póde, aproveita a ocasião de chasquear das cousas eclesiasticas, ao mesmo tempo que recorre com fé á Virgem Maria, nas desventuras. São contradições, de que abundam exemplos na Historia de muitos povos (literatura francesa medieval, literatura hespanhola, Gil Vicente, etc.).

CRÓNICA

Exposição etnografica em Lisboa

Em duas salas da sua escola de «arte domestica», a Snr.ª D. Albertina Paraiso organizou em 1916 uma exposição de productos da arte regional portuguesa.

Duas vantagens tem estas iniciativas, dignas sempre de bom apreço. A primeira, e de ordem material, é o auxilio que prestam directa e indirectamente á industria popular; facultam-lhe compradores, adquirem-lhe encomendas, e abrem-lhe mercado pelo conhecimento das manufacturas. A segunda, esta de ordem espiritual, que vae porém reflectir-se na primeira, consiste em proporcionar aos estudiosos elementos de observação, e aos regionalistas o consolo das provas de vida do seu país.

Sentia-se a falta de um mostruario permanente de industria popular, para facil acquisição e mercado corrente.

No *Panorama* de 1838, p. 58, elogiam-se os beneficios que «tem feito á patria» a Sociedade Promotora da Industria Nacional, que, installada no Convento dos Paulistas, abria exposições dos productos de industria nacional. Ha quanto extincta, e que falta faz uma sociedade similhante, para a vitalidade e incremento das artes populares!

Uma exposição permanente «devait rappeler á un public «moins préparé aux beautés des sciences archéologiques de vieux «et agréables souvenirs, faire revivre nos anciennes corporations «dans leur intimité et dans leurs moeurs, *ainsi que la vie de nos «pères dans les intérieurs de leur ménage et de leurs négoces*». Assim se lê no «Enseignement de l'Exposition de Malines en 1911», que pode ver-se nas *Annales de la Royale Académie d'Archéologie de Belgique*, LXIV, 6.ª serie, tomo IV, pag. 370.

Evidentemente a exposição da Sr.ª D. Albertina Paraiso, sendo a primeira que esta senhora organizou, foi uma tentativa. Teve lacunas, que, em uma exposição d'este genero, são de notar. Por exemplo, na cerâmica faltou o que de mais caracteristico e mais bello ha no país: um *asado* de Coimbra, um pucaro de Loulé, de Extremoz, Barcelos e Nantes (Chaves), uma infusa alentejana ou algarvia, uma cantarinha minhota do Prado. Em vez das imitações actuaes da louça do seculo XVIII, mais felizes na intenção do que na verdade, muito embora attaentes por

vezes, poderia ter sido mais selecto e mais representado o vasilhame português.

Da louça negra faltou, além da do Prado e Molelos, a mais linda; feita por oleiros rusticos, perdidos no monte, dão-lhe algumas das formas mais gentis do meu conhecimento. Tem um tom negro bronzeado essa louça dos fornos de Vilar de Nantes, ás portas de Chaves.

De bordados e tecidos, panos e rendas, era grande o mostruario. Havia os bordados floridos e entrançados, os *crivos* de Guimarães, os bordados de rosetas de Vila do Conde, os bordados finos, azulados ou rosados, da Madeira, rendas de Vila do Conde e de Peniche, lenços de Alcobaça, com enormes flores estampadas de cores vivas, que as mulheres cruzam no peito, como as sacerdotizas de Isis amanhavam o manto.

Não faltavam as mantas listradas do Alentejo, nem as mantas, tapetes e reposteiros de Castro d'Aire. Não veio porém a algarviada de côr das mantas de farrapos, dos aventaes, das sirguilhas do Minho, a lembrarem indumentaria faraónica das mulheres da Murtosa, da Maia, de Viana, que tem no Sul continuação nos trajes dos boieiros ribatejanos e das mantas sultejanas.

A cestaria de Portugal, tão variada desde a alcofa arabica do Algarve aos gigos e cestos de Tras-os-Montes e Minho, precisa de maior apresentação. Havia-a da Beira Alta e Algarve.

As candeias, lampeões, lamparinas, todo o sistema de iluminação caseira e agricola merece logar. Viam-se porem lanternas de Viseu.

O mobiliario foi representado por alguns exemplares pregueados de Pombal, pintados de Evora, de assento de buinho, e tamboretes, bancos de tabua da Extremadura (Santarem).

A tapeçaria de palha, esparto e tabua, congénere da cestaria, teve ali das mais lindas esteiras do Algarve, coloridas, rectangulares e elipticas, e algumas monocrómicas da Beira Alta.

As rocas são prendas de namorados. Cantam os poetas do seculo XVII para cá este costume de madrigal. Vale bem a pena mostrar como se fazem rocas e principalmente se decoram. Foram estudadas as de Alcobaça pelo Sr. Natividade Vieira na *Portugalia* II vol., pag. 639-646 (com 42 illustrações).

LUIS CHAVES.

Investigação vocabular

A Academia de Sciencias de Portugal empreendeu uma investigação vocabular pelo país. Nesse sentido o nosso prestimoso colaborador Snr. Oscar de Pratt dirigiu uma circular ao professorado e ao clero: vid. *Trabalhos* da dita Academia, v, 89-91, onde indica o plano.—Claro está que os vocabulos que assim se colherem devem ser depois passados pela fieira filologica.

J. L. DE V.

Congresso transmontano

Diz-se no *Diario de Noticias* de 31 de Janeiro de 1916, que havia de realizar-se em Vila-Real, por ocasião das feiras de Santo Antonio do referido ano, uma exposição regional. O projecto era bom, porém não sei se foi levado a efeito.

J. L. DE V.

Cadeira de português numa universidade da America

Lê-se no mesmo jornal, de 26 de Março de 1916:

«*Oakland* (California), 26 de fevereiro.—Chegou a esta cidade o sr. dr. Eugene E. Vann, professor de português na Universidade de Stamford, para fazer aquisição de alguns livros portugueses para o ensino da nossa lingua a alguns estudantes naquele estabelecimento de educação. O sr. dr. Vann esteve cerca de sete anos no Brasil, onde estudou a lingua portuguesa, falando-a e escrevendo-a com correcção. E' natural do Estado da Alabama, e ha tempos que se encontra na California».

J. L. DE V.



Erratas do artigo "TRADIÇÕES POPULARES DE BARROSO,,

(Vol. XVIII, pag. 223 e XIX, pag. 76)

VOL. XVIII

Paginas	Linha	Nota	Onde se lê	Leia-se
223	4		Terras	Terra
224	19		aspecto	e aspecto
224	27		é comum	são comuns
224		1	o *Carpinteiras*	as *Carpinteiras*
224		1	o *Lucijeiro*	o *Luciféres*
232	5		(Pedrôso)	(Padrôso)
234	21		esta escrita	está escrita
257	30		Tringuêda	Truiguêda
262	15		Comtigo a comparei	Contigo a comparei [1]
262	33		Da casaca	De casaca
262		1	142 a 230	142 a 226
262	ultima		A d'onde quer que chegais [1]	A d'onde quer que chegais
264	17		Indo en	Indo eu
267	ultima		sem tua mãe	com tua mãe
272		1	As quadras n.os 231 a 357 foram colhidas em Gralhas	As quadras n.os 342 a 357 foram colhidas em Gralhas, e as n.os 228 a 341 em Cortiços,
278		1	379 a 442	382 a 442
279	14		notar centigas	notar cantigas
279		1	Nome do	Nome de
283	1		A' quinta	O quinto
287	2		retomadas	retornadas
288	3		são os onze	são as onze
299	5		Forguêda	Torguêda
299	5		borga	Corga
299	12		que dava	que dizem dava
299	18		Na Loja	Na Laja
302	17		Dum mez	... dum mez
78	6		fogó	fogo
78	9		dêles	dêle
79	6		irem	ir
79	16		Santinha	Saudinha
80	20		de	dos
81	37		*croças*	*croças)*
81	39		bom	bô
83	27		todos	todas
86	19		Pedrôso	Padrôso
86	22		teos	tens
87	33		menina	avòzinha
94	38		*xupo*	*scupo*
96	21		*frонça*	*frança*
104	4		Verguinhos	Verguinhas
104	6		Covelões	Covelães
104	33		Ruivaes	Ruivães
110	21		tonças	touças
111	8		(diz a velha)	(diz a ovelha)
115	10		fatexa	fateixa
115	15		Digo-lhe	Digo-lho
119	13		não sabemos	só sabemos
128	5 e 6		Que nem a bica probemos Graças a Deus	Graças a Deus Que nem a bica probemos
129	6		verças	berças

F. B. B.

INDICE DO VOL. XX

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

MISCELANEA:

BIBLIOGRAFIA:

I. **Livros (e opusculos):**

CRONICA:

ERRATAS:

Erratas do artigo RETALHOS DE UM ADAGIARIO
(pag. 298 ss.)

A pag. 309, linha 10.ª, onde se lê fiar-se, deve ler-se «fiar-se»,
Leia-se *uo* em vez de *ou*, a pag. 311, linha 9.ª.
A pag. 313, nota 1, linha 4, saiu *Ilusración* em logar de *Ilustración*.



Outras obras de J. Leite de Vasconcellos

Tradições populares de Portugal, Porto, 1891	$50
Poesia amorosa do povo português, Lisboa, 1890.	$40
Religiões da Lusitania, 3 volumes 1897-1913	7$50
Ensaios ethnograficos, 4 volumes 1891 (1911)-1910.	3$10
Esquisse d'une Dialectologie Portugaise, Paris 1901	$60
Estudos de Philologia Mirandesa, 2 volumes, Lisboa 1900-1901 . .	3$00
Textos archaicos, 2.ª ed. (esgotada).	
O Dr. Storck e a Litteratura Portuguesa, Lisboa 1910 (esgotado) .	1$00
Lições de Philologia Portuguesa, 1 volume cartonado, Lisboa 1911	2$00
De Campolide a Melrose, relação de uma viagem de estudo (Filologia, Etnografia, Arqueologia), 1 volume, com muitas estampas, Lisboa 1915	$70
Historia do Museu Etnologico Português (1893-1914), 1 volume, com muitas estampas, Lisboa 1915	1$20

A Revista Lusitana publica-se aos fasciculos, e saem quatro por ano (21 a 22 folhas).

Preço da assinatura anual: Portugal e Hespanha. . . . . 2$50

Toda a correspondencia literaria deve ser enviada ao director, **J. LEITE DE VASCONCELLOS,** R. de D. Carlos Mascarenhas, 4, Lisboa.

Toda a correspondencia relativa a assuntos economicos (compra e assinatura) deve ser enviada ao editor, **A. M. TEIXEIRA,** P. dos Restaurados, 17, Lisboa.